PRIMICIAS EVANGELICAS, OU SERMOENS, E PANEGYRICOS DO P.D. RAFAEL...

Rafael Bluteau



Questa edizione ... è ...

PRIMICIAS EVANGELICAS,

OU

SERMOENS, E PANEGYRICOS

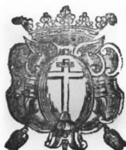
Do P. D. RAFAEL BLUTEAU, Clerigo Regular da Divina Providencia, Doutor na ſagrada Theologia, Prègador da Mageſtade da Rainha Mãy d'Inglaterra, & Calificador do Santo Officio no Reyno de Portugal.

PARTE SEGUNDA.

OFFERECIDA

A HUMA

DOUTISSIMA, PODEROSISSIMA, E VIRTUOSISSIMA PRINCEZA.

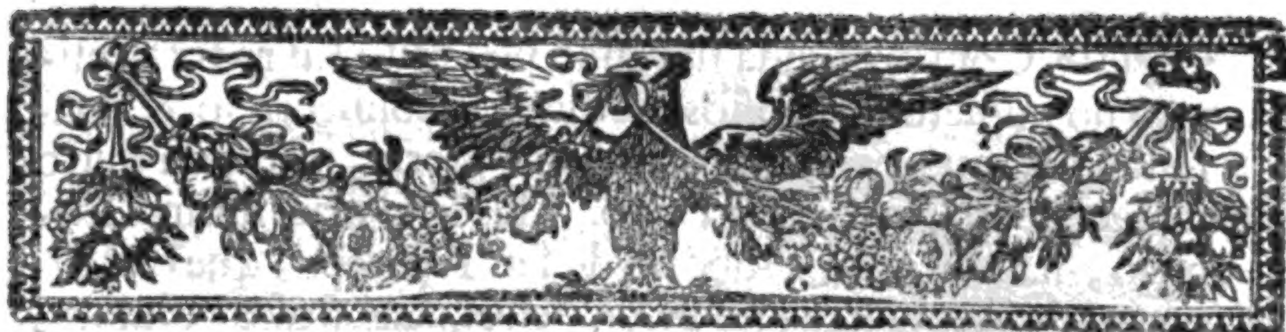


LISBOA.

Na Officina de MIGUEL DESLANDES.

Na Rua da Figueira. M. DC. LXXXV.

Com todas as licenças neceſſarias, & Privilegio Real.



A LIVRARIA
DO
ILLUSTRISSIMO, E REVERENDISSIMO
SENHOR

LUIS DE SOUSA.

ARCEBISPO DE LISBOA,
Capellaõ Môr de S. Mag. do ſeu Conſelho
de Eſtado, &c.

ORAÇAÕ DEDICATORIA.

DOUTISSIMA, PODEROSISSIMA,
E VIRTUOSISSIMA PRINCEZA.

E he licito aos Coſmografos, repreſentar nos ſeus Mapas a Europa, a Aſia, & as mais partes do Mundo, com figura de molheres, & com Mageſtade de Rainhas, naõ me pòde a Arte Oratoria negar, que debaxo de outra ſemelhante metafora, manifeſte a ſoberania das voſſas prerogativas, & juntamente os motivos, que me obrigaõ, a que buſque a ſombra do voſſo illuſtriſſimo pa- A.

trocinio. Com profunda ſumiſſaõ pede eſte Livro ſer admitido no numero dos voſſos ſubditos, reconhecendo, & confeſſando, que para conſeguir eſta gloria, naõ tem outro merecimento, que o ſer Livro. Mas ſe o mais infimo Plebeyo, naõ he menos ſubdito de ſeu Princepe, que os Magnates da Republica; no meyo deſſes mageſtoſos volumes, que ſaõ como as columnas de voſſa diſcreta Monarquia, naõ perde eſte humilde vaſſallo, o merecimento de ſua obediencia. No vaſtiſſimo entendimento de Salamaõ, que foi huma viva livraria de tudo oque ſe pòde ſaber, teve a humildade do Hyſopo, o ſeu lugar entre os Cedros do Libano, & dos ſeus livros, em que ſe repreſentaõ as Aguias, naõ ficáraõ excluidas as formigas. Naõ eſtranhará o titulo de Princeza, com que meu reſpeyto vos venera, quem ſouber, que illuſtre, & antiga he a origem dos livros. O ſaber, he a luz do Entendimento, & eſta fecunda luz, he a máy, de que todos os livros ſaõ filhos. Nacem os livros como os homens: Primeiramente com idéas confuſas, ſe começa a delinear nos borradores, o Embriaõ, que com o calor da imaginaçaõ ſe anima, & com ſolidas eſpeculaçoens ſe alimenta, & vai crecendo; diſtingue o juizo as partes, & com erudita proporçaõ as organiza. Formado pois, & acabado o livro, ſahe à luz, tendo por cabeça, o frontiſpicio; por corpo, a materia de que trata; & por alma, a verdade. As regras, ſaõ as veas, a tinta, he o ſangue, a Imprenſa, he o berço, & as folhas ſaõ as mantilhas. As noticias, que encerra, ſaõ os ſeus olhos; a doutrina, he o ſeu leite; & o Doutor, que o approvou, he o ſeu padrinho; falla, ſabe, & enſina deſde a infancia, & aindaque velho, naõ caduca. Naõ eſpera, que lhe façaõ perguntas; reſponde primeiro, que o conſultem. Sempre diz o meſmo em todo o tempo, & por muito que o importunem, naõ ſe moleſta; a todos abre igualmente o peito, & he taõ ſincero, que nelle ſe fazem viſiveis os penſamentos. Eſtas ventajens levaõ as producçoens d'alma ás do corpo, & por iſſo diſſe Plataõ, que os livros ſaõ partos

Plato lib. 7. Epiſt.

tanto

tanto mais nobres, quanto superior he ao corpo, o entendimento. Naõ há logo origem mais illustre, que a dos livros, porque o saber lhe dá o ser, & o saber he a luz d'alma, sem a qual nada se vé, porque nada se sabe.

Em quanto pois à antiguidade, he certo, que houve livros, desde que houve entendimentos. Naõ fallo de Deus, que he hum livro eterno, em que se encerra tudo o que se póde saber; nem fallo dos Anjos, em que Deus, no instante em que os criou, imprimio todas as ciencias. Mas digo, que Adaõ, que neste Mundo elemental foi o primeiro inventor das ciencias, & das letras, foi o primeiro author dos livros, porque deixou escritas muitas leys, & documentos para a instrucçaõ da sua posteridade; & escreve Joseph no primeiro livro de suas antiguidades, que os filhos de Seth (que foi filho de Adaõ) escrevéraõ em duas columnas os principios, & regras fundamentaes da Astronomia. Escrevéraõ depois os Antigos a sua doutrina nas cascas das arvores, & nas pelles dos animaes, & estas cascas, & pelles tinhaõ lugar de livros, que se naõ eraõ taõ commodos para o uso, como os nossos, naõ eraõ menos cientificos para o ensino. Muitos annos antes que fosse inventado o papel, se fizeraõ muitas livrarias, de que ainda hoje faz mençaõ a Historia. O primeiro Rey, que teve esta utilissima curiosidade, foi Osymanduas Rey do Egypto. Na Persia, foi celebre a Livraria Sysiana; naõ foi menos memoravel a Livraria Attalica na Asia menor, a Alexandrina no Egypto, & a de Pisistrato na cidade de Athenas. No principio de seu Imperio, prevaleceo nos Romanos a profissaõ das armas, à liçaõ dos livros; naõ attendéraõ a ensinar, mas a sojugar o Mundo, preferindo sua bellicosa ambiçaõ, a estrondosa conquista dos Reynos, à pacifica milicia dos entendimentos; mas conhecendo no progresso dos

B.

Adam, ut homo Dei manu effectus, & hujus sunt Artes, & litteræ, hujus scientiæ rationales. Et Suidas, *verbo, Adam.*

Primus homo, & Patriarcha totius generis humani, litteras, divinâ inductione reperit. Theodorus Bibliandus *Commentar. de litteris cap. de Grammat. & litteris*

In Bibliotheca Vaticana, è regione primæ columnæ Parastaticæ à tergo introitus Bibliothecæ, pictus est Adam, & ad ejus pedes inscriptio Latina in hanc legitur verborum formam. Adam divinitus edoctus, primus scientiarum, & litterarum inventor. Angelus Roccha, à Camerino, *commentar. in Biblioth. Vatican. Reperimus ante diluvium Noe, apud eos omnino fuisse usum litterarum, Joseph enim in 1. Antiquitatum cap. 4. tradit filios Seth, qui fuit filius Adæ, in duabus columnis disciplinam rerum cælestium conscripsisse.* Polydorus Virgilius lib. 1. cap. 6.

Diodor. Lib. 1.

Metasthenes in Histor.

Patebant enim omnibus Bibliothecæ, & in porticus adjectas, atque exedres, Græci præsertim recipiebantur, qui velut ad musarũ ædem eò ventitabant, tempusque inter se jucunde traducebãt ab alijs curis liberi. Plutarchus & Lucianus *ad indoctum.*

dos annos, a utilidade das letras, convertèraõ as praças de Roma em publicas livrarias, em que todas as naçoens, & principalmente os Gregos vinhaõ a refazerse dos tributos, que pagavaõ, com as noticias, que acquiriaõ, & com engenhosas competencias enganavaõ a dôr da perdida liberdade. Estas antigas Livrarias foraõ como os Chefes da geraçaõ, & os troncos da descendencia de todas as Livrarias, que hoje vemos na Europa, taõ crecidas no numero, & taõ pomposas na magnificencia, que nellas naõ tem os olhos menos que ver, que os engenhos. Entre todas as deste Reyno, as vossas préminencias vos daõ a coroa, & a minha admiraçaõ vos tributa os encomios, com que tenho celebrado o lustre, & a antiguidade da vossa nobreza, & agora começo a formar o Panegirico, da doutrina, poder, & virtude, que em vós reconheço, paraque conste, que a verdade, & naõ a lisonja, vos deu nas minhas primeiras palavras, o titulo, de Doutissima, Poderosissima, & Virtuosissima Princeza.

C. Primeiramente, taõ douta sois, que nem Pythagoras, nem Plataõ, nem Aristoteles, souberaõ o que sabeis, porque com a doutrina dos Padres da Igreja, dos Escriturarios, & dos Theologos, alcançais os mais profundos misterios da Fé, ignorados de todos os Filosofos da Gentilidade; & he taõ grande o vosso saber, que naõ sô estais capaz para soltar os Enigmas de outra Rainha Sabâ, mas podeis satisfazer à curiosidade de todos os sabios, & o mesmo Salamaõ, se vivera, podéra envejar a vossa doutrina. Salamaõ, naõ naceo douto, só depois de adulto, teve ciencia infusa, & antes de morrer, ficou eclipsada a luz do seu saber, em castigo das suas culpas; naõ assim a vossa doutrina, porque nacestes com ella, & taõ fóra está de se diminuir, que sempre vai crecendo com a multidaõ dos livros, que continuamente vos communicaõ novas, & peregrinas noticias. Naõ seguistes jâ a errada opiniaõ, dos que imaginaõ, que poucos livros bastaõ para hum sabio, & que huma grande Livraria, he hum Caos, em que só

Salamon enim sapientiam, nec principio sui habuit, nec in fine possedit, &c. Postea aversus à Deo nõ quasi sapiens, sed quasi insipiens, lapsus est, ut offende-

reyna

reyna a desordem, & a confusaõ. Foi o Caos, hum borrador dos debuxos da natureza, huma junta de entidades imperfeitas, hum embaraço de formas errantes, & huma muda tempestade de calidades oppostas; este (dizem elles) he o retrato de huma grande Livraria, em que a diversida de dos Authores, & das opinioens torna a pôr toda a natureza em confusaõ: Huns enganaõ a razaõ com sofismas, & saõ os Logicos; outros suspendem o juizo com controversias, & saõ os Theologos; definem os Fisicos em muitas maneyras a mesma essencia; os Medicos mais sagazes, naõ conhecem bem os simples; os Metafisicos fazem das realidades, quimeras, & os Astrologos fazem mentir as estrellas. Contaõ os Chronistas o tempo, por Lustros, por Olimpiadas, por Cyclos solares, & lunares, por indicçoens, por seculos, & com os seus computos, & Ephemerides opprimem a memoria, & saõ tantos, & taõ variamente interpretados, os Textos, os Codices, os Canones, Estatutos, Ordenaçoens, Pragmaticas, pontos Legaes, Digestos, & Pandectas dos Jurisconsultos, que no meyo de todas as suas Leys, se naõ sabe, que Ley se há de seguir. Quanto melhor lhe estivera ao sabio, o estar fóra destes curiosos embaraços, & naõ entrar em hum laberinto, de que nem com o fio de huma vida dilatada, poderá finalmente achar a sahida.

ret, offendit in tantum, ut quod meruerat, amitteret. Ambrosius Apolog. 2. pro David.

Estes, & outros semelhantes argumentos, solidos na apparencia, mas na realidade vaõs, & aereos, saõ nevoas, que a ignorancia levanta, & a enveja espalha, para offuscar a vossa gloria; mas como taõ entendida, naõ podeis ignorar, ***Doutissima Princeza***, que o entendimento do homem he taõ vasto como o seu coraçaõ, & que assim como todas as riquezas da terra, naõ podem satisfazer à ambiçaõ do coraçaõ humano, assim todas as noticias do Mundo, naõ podem encher a capacidade do humano entendimento. He a multidaõ dos livros taõ necessaria, que o Author da natureza fez neste Mundo, huma livraria taõ grande como o mesmo Mundo, porque todas as criaturas,

D.

ſaõ livros em que ſe lem, & ſe diviſaõ os attributos da Divindade, & as mais pequenas, ſaõ como Epitomes, & compendios (admiraveis, aindaque imperfeitos) de alguma das infinitas perfeiçoens divinas. Muitas couſas no Mundo ſaõ neceſſarias, que a noſſa ignorancia podéra julgar ſuperfluas; para alumiar a noite parece que baſtava a luz da Lua, mas para eſte effeito ſabía Deus, que tambem as eſtrellas eraõ preciſas, porque alumiando enſinaõ aos navegantes as diſtancias, & as alturas, aos Medicos a tempeſtiva applicaçaõ dos remedios, & com douto ſilencio manifeſtaõ aos Agricultores o tempo, em que devem exercitar a arte de repartir, quando ſemeaõ; de acquirir, quando colhem; de fundar, quando plantaõ; de confederar, quando enxertaõ, & de caſtigar; quando podaõ; & aindaque muitas eſtrellas naõ ſerviſſem para outra couſa, que para fazer numero, eſte numero innumeravel de celeſtes luminarias, he huma luſtroſa demoſtraçaõ das infinitas excellencias divinas: Atè as Eſtrellas de malignas influencias, aindaque nocivas, naõ ſaõ ſuperfluas, mas antes ſaõ neceſſarias, como inſtrumentos da divina juſtiça, & executoras dos caſtigos, que merecem as noſſas culpas. Tambem naõ há livro totalmente ſuperfluo, porque (como advirtio Plinio) naõ há livro taõ mao, de que naõ poſſa o leitor tirar alguma utilidade, aborrecendo o mal, que nelle deſcobre, ou deſcobrindo nelle alguma noticia, que ignorava.

Luminare minus, ut præeſſet nocti, & ſtellas. Geneſ. 1.

Plin. de Avunculo ſuo lib. 3. Epiſt. 4.

E. A eſtas razoens ſe acrecenta, que ſendo tantas as Ciencias, & Artes liberaes, & mecanicas, ſobre que ſe póde eſcrever, quantas ſaõ as em que ſe póde fallar, qualquer palavra, qualquer ſyllaba, & letra póde dar materia para muitos volumes. Naõ pôdem os homens imitar a Deus, que diz tudo em huma palavra. Na palavra eterna, que he o Verbo, diz o eterno Pay tudo o que ſe póde dizer, mas nem todos os livros dos homens, nem dos Anjós (ſe quizeſſem eſcrever) pôdem explicar o que neſta unica Palavra Divina ſe encerra. Demaneira que entre os livros

livros de Deus, & os dos homens, hâ esta differença, que huma sò palavra de Deus, he hum livro, que diz tudo, & hâ palavras, que os homens naõ pôdem explicar com muitos livros. Qualquer assumpto, por vaõ, & frivolo que pareça, pôde ocupar toda a Arte, & esgotar toda a facundia dos mais insignes Escritores. Que cousa mais esteril, que o nada? Em o nada achou Scockio ampla materia para hum livro; que cousa mais pequena, que hum ponto? Sobre os louvores do Ponto, estendeo Martinho del Rio, a circumferencia de seu vastissimo engenho. Illustrou Jano Dousa o seu nome, com o Panegyrico, que fez à sombra. Nos encomios do lodo, apurou Antonio Majoragio a sua eloquencia, & entre as obras, que hoje celebra a fama, se lem os Elogios, que o engenho de Celio Calcagnino fez à Pulga; a erudiçaõ de Ericio Puteano, ao Ovo; & a sutileza de Felipe Melancton, à Formiga.

Martinus Delrius in Panegyr. 3. de Matre Dei in Cœlum assumpta.

F.

Com estes, & outros despreziveis objectos, acreditáraõ muitos a gloria do seu saber, & em materias de muita utilidade, & importancia, ostentáraõ outros a sua engenhosa fecundidade, com taõ prodigioso excesso, que se a Historia naõ engana a nossa credulidade, apenas basta a vida de hum homem para ler as obras, que compuzeraõ. Affirma Laercio, que Teophrasto escreveo trezentos volumes. Escreve Suidas, que Chrisyppo compoz mais de setecentos; testemunha Seneca, que Didimo Grammatico fizera quatro mil, & Trismegisto compoz trinta & seis mil & quinhentos & vinte, & cinco livros (se queremos dar credito ao que diz Jamblico no primeiro livro dos Misterios do Egipto.) Na minha opiniaõ, cada livro destes de Trismegisto, naõ era mayor que hum capitulo dos nossos livros; mas como entaõ se naõ uzava de papel, escreviaõ os Antigos as suas obras nas membranas das Arvores, ou em pelles delgadas, & enrolandoas, cada huma

Laertius de Theophrasto. Suidas. Seneca Epist. 88.

Quoniam verò libri, hoc est, tenuiores arborum cortices, chartarum olim usum præbebant, codices ex istis corticibus compacti, libri dicti sunt.

Veteres loco librorum, membranis utebantur, quas in Cylindrum convolvebant, ad caput, vel initium libri, id est, membranæ, easque cum legere vellent, revolvebant, & instar tabularum Geographicarum explicabant.

por

pôr si fazia livro, que de outra sorte, seria naturalmente impossivel, que no breve espaço da vida humana, se podesse compor huma taõ grande quantidade de livros, iguaes aos que hoje vemos. A estes livros dos Antigos, que a sua mesma antiguidade acabou, perdeo o Mundo as saudades, quando se vio successivamente illustrado com as obras de muitos outros Authores, que escrevéraõ taõ bem, & tanto, que parece que a sua penna foi mais veloz que o tempo, & que cada instante da sua vida, foi hum relampago da sua doutrina. Naõ he preciso, que eu vos faça aqui o catalogo delles, *Doutissima Princeza*, porque consta, que os conheceis todos; & todos juntos formaõ dentro de vós hum espelho, em que os olhos, & os entendimentos vem, tudo o que humanamente se pôde ver.

Laurent. Beyerlinch. tom. 4. verbo liber, pag. 71. & 72.

Libri enim antiquitùs apud Hebræos unico folio cõstabant, eruntque unica membranæ oblonga circa axem ligneum circumplicata.

Thomas Gianninius parte 2. cap. 17. de Cœli natura.

Vemos a figura, & grandeza da terra, nos Geografos; os graos do Zodiaco, & o movimento dos Ceos, nos
G. Astronomos; as varias impressoens do Ar, nos Meteorologicos; o nacimento das Fontes, o curso dos Rios, & a communicaçaõ dos Mares, nos Idrografos, & o Mundo todo nos Cosmografos. Vemos nos Herbolarios as virtudes dos simples, as essencias dos mixtos nos Quimicos, & Spagiricos, & a organizaçaõ dos corpos, nos Anatomicos. Vemos a origem, & a descendencia das familias, nos Genealogicos; as leys dos Reynos, nos Jurisconsultos, os successos das idades passadas, nos Cronistas, & os governos das Monarquias nos Politicos, & nos Poemas epicos, as illustres acçoens dos Heroes. Vê a Rhetorica as suas figuras nos Oradores; a Logica seus argumentos; & a Metafisica suas abstracçoens, nos Filosofos; a Fabula suas moralidades, nos Mythologicos; a erudiçaõ suas flores, nas Poliantheas; & a dirivaçaõ das palavras nos Etimologicos, & acha a innocencia as suas desculpas, nos Apologeticos; contempla a Architectura seus planos, nos Ichnografos; a Optica, Dioptrica, & Catoptrica, suas proporçoens, & distancias, & suas linhas diagonaes, & radicaes, nos que trataõ dos artificios da Perspectiva.

Apren-

Aprendeſe o uzo, & applicaçaõ de todos os medicamentos, dos Electuarios, Antidotos, & Alexifarmacos, nos livros da Farmacia, da Terapeutica, & nos da Medicina, Empirica, Methodica, & Dogmatica. Nos livros Theologicos eſtá patente toda a Theologia Natural, Poſitiva, Scolaſtica, & Moral, a Theologia Ortodoxa, a Canonica, a Exegetica, a Polemica, a Symbolica, a Myſtica, & a Demonſtrativa. Vemſe finalmente as determinaçoens da Igreja, nos Concilios; os Decretos dos Pontifices, nos Bullarios; as virtudes dos Santos, nos Agiologios; os documentos da vida eſpiritual, nos Aſceticos; a emenda dos coſtumes, nos Predicativos; as duvidas da conſciencia, nos Caſuiſtas; as provas da Fé, nos Controverſiſtas; os varios ſentidos da palavra de Deus, nos Interpretes; & o meſmo Deus, nas Biblias.

Todas eſtas couzas taõ diverſas na eſſencia, nas pro- H.
priedades, nos accidentes, & nas circunſtancias dos tempos, dos lugares, das cauſas, dos meyos, inſtrumentos, & peſſoas, naõ cabem em todos os livros, que atè agora ſahiraõ a luz, & aindaque muitos delles tratem a meſma materia, em todos ſe acha alguma variedade, de que ſe póde tirar algum proveito. Cada ciencia he hum mar, que os Authores navegaõ por differentes rumos, & alturas; huns largaõ as velas, & em profundas eſpeculaçoens engolfados, ſe fazem ao alto; outros menos confiados vaõ coſteando, & da terra firme de huma ſolida doutrina, naõ ſe apartaõ; huns abaxando as antenas, correm à arvore ſeca, ſem ornato de palavras, & outros com galhardetes, & com vellas Latinas, oſtentaõ a elegancia do Eſtilo. Eſtes dobraõ os cabos, acabando com todas as difficuldades, que ſe lhe oppoem, & aquelles vaõ dando voltas, & fugindo as contendas, continuaõ a viagem com bonança. Eſtes levaõ as drogas mais finas, para ſatisfazer à curioſidade dos Genios, & aquelles com mercadorias mais baratas, ſe acommodaõ à capacidade dos engenhos. Logo eſta taõ grande diverſidade de Authores ſobre a meſma materia, naõ

ſô

sò naõ he superflua, mas necessaria, & quizera eu, que os que neciamente a condenaõ, convertessem o rigor da sua censura, contra criminosas superfluidades, que o Mundo cegamente acredita. Quantos excessos introduzio o luxo, & quantas demasias excogitou a gula? Pouca laã fiada, & tecida, basta para vestir hum homem, & hoje para este effeito, naõ bastaõ, nem sedas mais finas, que as obras de Arachne, nem telas mais ricas, que o vello de Jason, nem bordados em que os primores da arte, saõ mais preciosos que o ouro. O vestir, que foi dado ao homem para huma luctuosa lembrança da perdida innocencia, he agora o estandarte da soberba, & o abrigo de muitas culpas, & he espectaculo digno de lastima ver criaturas racionaes, prezas com manilhas, com gargantilhas, & cadeas, fazer gala da escravidaõ, em que vivem debaxo da tirania de sua vaidade.

I. Para o sustento pois do corpo, pouco basta, & pouco mais que nada, em comparaçaõ do que consome a insaciavel voracidade da intemperança. Naõ há Elemento, de que a gula naõ tire victimas para as sacrificar ao gosto; ao Ar tira as Aves, à terra os frutos, ao mar os peixes, & o fogo he o ministro, & o verdugo, que com proporcionados tormentos sazona as delicias da boca. Regalase finalmente, & fartase o corpo, & fica a alma em jejum, sem alimentos, porque sem noticias, & sem noticias porque sem livros; naõ se repara em gastar patrimonios em banquetes, sò saõ curtos os bens da fortuna, quando se trata do sustento d'alma. Que gloriosamente condenáraõ os sabios a necedad desta avareza! Comprou Plataõ os livros de Filolao Crotoniata, com o dinheiro de que necessitava para o seu proprio sustento, & naõ reparou Aristoteles em comprar caro, os poucos livros de Speusippo Filosofo; celebra Plutarco a liberalidade, com que Lucullo gastava em livros, os seus tesouros. Affirma Cicero, que mais estimava huma copiosa livraria, que todas as riquezas de Crasso, & estranhando o Emperador Antonino, a bruta curio-

Plato in magna rei numerariæ difficultate, Philolai Crotoniatæ libros, centum nummis mercatus est. Gellius lib. 3. cap. 17.

M. Crassus P. Crassi Censoris fi-

curiosidade dos que se recreaõ com caens, passaros, & cavallos, dizia, que sô os Livros tem cabedaes para solidos, & engenhosos alivios. Estes saõ, *Doutissima Princeza*, todo o vosso entretenimento, & juntamente todo o vosso ser, & em vós está o ser, taõ identificado com o saber, que o vosso saber, he o constitutivo do vosso ser. E na verdade, que outra cousa sois, senaõ hum thesouro, huma mina, hum theatro, huma scena, huma representaçaõ, & hum hospicio de todas as ciencias? Nas casas, que occupais, vemos todas as faculdades repartidas em classes; todas as disciplinas vos pagaõ tributo, & todas achaõ em vós, o seu Azilo. Illustrais as idéas dos Antigos, com as experiencias dos modernos; naõ ignorais, senaõ o que naõ he digno de ser sabido, & naõ sabiaõ os sete Sabios da Grecia, o que sabeis, nem o Areopago de Athenas, nem Minerva, nem Apollo, nem as Sybillas, nem todas as Musas do Parnaso, podem fazer paralélo com a immensidade do vosso saber; naõ necessitais de mestre para aprender, & sem memoria, & sem lingua, estais sempre repetindo, o que no seu tempo differaõ os mayores homens do Mundo. Com seres taõ grande, & taõ vasta, parece que sois hum puro espirito sem corpo, porque até os Livros, que chamais corpos, saõ partos do entendimento, & muytos Livros do mesmo Author, no vosso estilo, saõ hum jogo, como se o ensinar a todos, fora para vós hum passatempo. Mas já he tempo, que dos encomios da vossa doutrina passemos à admiraçaõ do vosso poder.

lius, Romanorum omnium ditissimus. *Plutarch. in ejus vita.*

Corpus Juris Civilis.

Corpus Juris Canonici, &c.

I. Em duas cousas consiste o poder dos Principes, nas riquezas, & nas armas, & sendo esta verdade taõ evidente, que naõ necessita de prova, para julgarmos da grandeza de vosso poder, basta, que vejamos as riquezas, que possuis, & as armas com que estais fortalecida para a defensa da Republica. Em quanto ás riquezas, he certo o que advirtio Aristoteles no primeiro Livro de suas politicas, que a prata & o ouro, só na estimaçaõ dos que usaõ destes metaes, saõ riquezas, & naõ por sua natureza,

Aristoteles 1. Politicorum cap. 9.

porque

porque com muita prata, & ouro, póde o homem necessitar de tudo o que he preciso para o sustento da vida, como succedéo a Midas, que convertendo em ouro, tudo o que elle chegava a tocar com as maõs, no meyo de hum mar de ouro, carecia de huma gota de agoa para apagar a sede; as riquezas naturaes, & verdadeiras saõ, como af-
Aristoteles 1. Rhetoricorum cap. 5. firma o mesmo Aristoteles, todas aquellas cousas, que servem para alimento, conservaçaõ, & regalo da vida humana, como campos, vinhas, gados, casas, & alfayas, & a estas acrecento os Livros, porque para a lavoura dos campos, & adubíos das vinhas, servem os Livros da Agricultura; para a criaçaõ dos gados, os Livros que trataõ da natureza, & propriedades dos Animaes; para a fabrica das casas, os Livros da Arquitectura; & para a curiosidade dos moveis, & Alfayas, todos aquelles Livros, em que a industria dos mecanicos apurou, & ensinou a perfeiçaõ de suas Artes. De ordinario naõ procuraõ os ricos estas noticias, porque na mayor abundancia dos bens da fortuna, saõ taõ pobres de espirito, que ignoraõ o de que
Laertius lib. 2. pag. 139. A. necessitaõ. Perguntando Dionysio Tirano, porque razaõ os Filosofos frequentavaõ as casas dos ricos, & pelo contrario naõ buscavaõ os ricos aos Filosofos, discretamente respondeo Aristippo: os Filosofos conhecem o que lhe falta, mas naõ sabem os ricos o de que necessitaõ; aquelles conhecem, que lhe falta o comer, & nas casas dos ricos buscaõ o seu remedio, & estes naõ sabem, que lhe falta o saber, & por isso desprezaõ a companhia dos Filosofos. Esta he a razaõ, porque os grandes, em cujas casas tudo abunda, & sobeja, tem taõ grande falta de Livros; naõ trataõ de curar o seu achaque, porque naõ o conhecem, & sabem taõ pouco, que ignoraõ a sua propria ignorancia. Os Doutos os consideraõ como o cavallo de Caligula cuberto com a purpura real, & declarado Collega do Imperio; que tambem a fortuna tem seus cavallos, em que os jaeses das riquezas, & das honras, saõ o disfarce de huma soberba irracionalidade; esta pomposa superficie,
cobre,

cobre, mas naõ remedea as faltas do juizo; huma moldura dourada, naõ acredita as grossarias de hum rustico pincel, & o ouro, aindaque potavel, naõ affina a rudeza do entendimento.

No meyo de suas riquezas, vive o rico ignorante em huma summa pobreza, naõ se podendo servir do que he seu, porque naõ sabe; a sua casa, he hum navio cheo, & abarrotado, sem leme, & huma fortaleza com a artilharia encravada; a sua pessoa naõ he menos inutil, que desprezivel; naõ he capaz para exercitar officio algum militar, ou politico; he huma planta infructuosa no jardim deste Mundo, & huma citara destemperada, que perturba a harmonia da Republica; he hum sino quebrado, que atroa, & naõ tange, & hum Relogio desconcertado, que dá horas fóra de tempo; he o discredito da sua familia, o escandalo dos amigos, a fabula do povo, o escarneo da Corte, & só póde servir para mover a riso, os que tem paciencia para o ouvir. O seu discurso, he hum perpetuo delirio, com mais absurdos, que palavras, & he taõ neciamente credulo, que facilmente se lhe dará a entender, que Penelope foi hum famoso Capitaõ, que Catilina era huma mulher, & Trismegisto, hum monstro; naõ fará escrupulo de crer, que os Cyclopes saõ hereges, & os Penates, almas do Purgatorio; que as Amazonas, saõ feiticeiras, & os Antipodas, Demonios. Em ouvindo nomear os Emperadores, & Authores antigos, imaginará, que Trajano, foi algum guapo; que Valente, & Valentiniano, foraõ dous espadachins; que Papiniano, era hum comilaõ, Farinacio, hum moleyro; Gordiano, hum balofo; & Marco Bruto, hum animal; acontecendo que se falle em Cidades, persuadirseha que Pera, he hum fruto; Damasco, hum pano; & Praga, huma maldiçaõ; assim como houve, quem imaginou, que Donquerque, era hum Fidalgo Framengo. Chegandose a fallar em Rios, crerá que o Pactôlo, he algum mentecauto, que o Rhin, he huma parte do corpo humano; & o Tigris, huma fera. Naõ seraõ menores os desacertos do seu juizo nas practicas, em

que

que se tratar das Historias, & das Fabulas; cuidará, que a batalha de Canas, foi hum jugar as canas; que o Cavallo de Troya, era hum galhardo Ginete; que as Furias saõ arremeços; & as Graças motejos; que a Ambrosia de Jupiter era huma Christaã bautizada; & que os sete Milagres do Mundo, foraõ prodigios obrados por algum Santo da primitiva Igreja.

N. Estas, & outras necedades, que parecem encarecimentos, saõ verdades, que a mesma experiencia manifesta. Escreve Fulvio Frugoni, que conheceo pessoalmente hum destes, que nomeando a Dionysio Cartusiano, dizia Dionysio Cartaginez, & nomeando a Hannibal, dizia, Hannibal Cartusiano, & demais tinha para si, que o Dionysio, a que elle chamava Cartaginez, fóra o inventor do papel, a que os Italianos chamaõ, *Carta*. A mim me succedeo, que hum tal presumido de Geografo, me disse, que Hollanda era huma linda Cidade, & Amsterdaõ, huma bella Provincia. Outro me perguntou, se Roma era muy distante d'Italia. Nestes dias, em que se falla da guerra do Turco contra o Emperador, foi perguntado a hum amigo meu, em que parte de Roma, está a Hungria: & sei, que outro deu credito, aos que zombando affirmavaõ, que em Veneza, há hum palacio fabricado com taõ engenhosa arquitectura, que accomphando o curso do Sol, se vira todos os dias, do Oriente para o Occaso, como Heliotropio. Que lindo papel fizera hum destes bromas em hum congresso academico? Que discretamente arrezoára, sobre as Idéas de Plataõ, sobre a Metempsicosis de Pytagoras, os Atomos de Democrito, os Elementos de Euclides, a Theogonia de Hesiodo, a Ciropedia de Xenofonte, a Odyssea de Homero, a Taumatografia de Plempio, & a Arquipatologia de Montalto? Que doutamente interpretára os Emblemas de Alciato, os Jeroglificos de Pierio, a Stenografia de Trithemio, a Chrisopea de Augurello, o Systema de Copernico, o Almagesto de Ptolomeo, a Esfera de Sacrobosço, a Antologia de Billio, a Empireologia de

de Henao, a Tropologia de Bercorio, a Doxoſcopia de Jungio, a Antropoſcopia de Odon, a Algebra de Clavio, & de Nicolao Tartalea, & a Enciclopedia de Alſtedio, de Liceto & de Morreſtello?

As inſtrucçoens, que neſtes, & em outros infinitos Livros ſe encerraõ, ſaõ frutos, que o rico ignorante naõ nacem nas terras da ſua lavoura; ſô ſabe viver dos alimentos, que lhe vem dos campos, vinhas, & pomares, que cultiva; & vive com taõ inſulſa, & eſtupida deſcurioſidade; que naõ quer, nem ſabe colher, do Campo da Eloquencia de Balzarano, hum fruto; do Jardim dos Paſtores de Marcancio, huma flor; da Vinha de Chriſto de Aquino, hum bago; do Florigelio Biblico, huma bonina; nem huma roſa, do Roſal Eſpiritual de Mauburno; nem hum ramo verde, da Sylva das Allegorias de Laureto; nem do Viridario Mariano de Hensbergio, huma folha: Em baxela de prata, & ouro, em eſpelhos de Veneza, panos de Flandes, Relogios d'Inglaterra, Contadores da India, & outros precioſos embaraços, deſperdiça inutilmente o cabedal, quando com menos gaſto, & mais proveito, podéra tomar das guardaroupas da ſabedoria, o Eſpelho dos Princepes de Belluga, & o Eſpelho de todos os eſtados do Mundo de Goldaſto, o Relogio dos Princepes de Guevarra, o Caſtiçal de ouro de Vivaldo, as Lucernas dos Antigos de Lyceto, as Medalhas dos Emperadores de Antonio Aguſtinho, as Cadeas Theologicas de Orengio, a Chave da Filoſofia de Tatingo, & as Tapezzarias de Hegecio, no ſeu *Peripetaſma argumentorum*. O.

Que comparaçaõ tem as delicias da gula (agradavel veneno do corpo, & d'alma) com o goſto, que podera tomar no Banquete de Plataõ, no Mellificio Hiſtorico de Pſello, na Medulla da Republica de Bodino, na Subſtancia da Mundo de Vitigioſo, na Meza Eſpiritual de Lopes, no *Alvearium Iuris* de Borreo, no *Panarion* de Buſeo, & em outros ſaboroſos manjares, que com grata P.

** ta

tà variedade tiraõ o faſtio, & perpetuaõ o goſto? E ſe elle ſe deleita da Muſica, que melodía mais ſuave, que a Harmonía do Mundo de Jorge Veneto, a Harmonía Theologica de Victorino Manſo, a Harmonía do Velho, & Novo Teſtamento de Rafael Caſtrucio, as conſonancias, & differenças do Direito, de Joaõ Caſparo Wagnero, o Orfeo Chriſtaõ de Bilſtein, & a conſonancia dos Evangeliſtas de Verrato? De nenhuma deſtas delicias he capaz o rico ignorante, & como em tudo he ridiculo, toda a ſua inclinaçaõ propende para o jocoſo das Comedias, & em todo o *Theatrum Vitæ Humanæ*, naõ há huma Scena de ſeu genio. As ruas, & praças da Cidade, ſaõ a Esfera de ſeus paſſeos, & naõ ſabe dar hum paſſo em Roma ſotterranea, na *Italia Sacra*, na *Gallia Chriſtiana*, na China Illuſtrada de Kirker, & nas Topografias, & Coſmografias, em que ſem canſar o corpo, ſe faz em breve tempo, o circuito do Mundo. Finalmente a ſua converſaçaõ he taõ pobre, & taõ eſteril, que nella ſe naõ faz mençaõ de hum ſô Problema de Ariſtoteles; de hum Dialogo de Luciano, ou de huma Fabula de Eſopo, & naõ contém o ſeu diſcurſo, da Pantologia de Jonino huma palavra, nem das Rapſodias hiſtoriaes de Cocco, nem dos *Centones* de Auſonio, hum ſô fragmento: Nas caſas do jogo paſſa os dias, & as noites, perdendo o cabedal, & o tempo, & naõ ſe ſabe aproveitar de huma hora dos Dias Caniculares de Mayolo, nem de hum ſô inſtante das Noites Atticas de Gellio, ou das Noites Geniaes de Nardio.

Q. Pello contrario, que rica he a converſaçaõ de hum homem ciente, aindaque pobre, & mal afortunado! Melhores ſaõ as ſuas lettras, que as de cambio, porque todos ſe pôdem ſervir dellas; em todas as materias he mais corrente, que a prata de boa ley, & tudo o que diz, ſaõ bocados de ouro, porque tem convertido em ſubſtancia todos os theſouros,

ſouros, o Theſouro Gramatico de Buxtorfio, o Theſouro das varias Licoens de Pancirolo, o Theſouro Filoſofico de Fabricio, o Theſouro Geografico de Ortelio, o Theſouro Practico de Beſoldo, o Theſouro Indico de Avendanho, o Theſouro Poetico de Luciembergio, o Theſouro Politico, o Theſouro Critico, o Theſouro dos tempos de Euſebio Pamphilio, & o Theſouro da Lingua Santa de Pagnino.

De quantos theſouros ſois Senhora, *ô Poderoſiſſima Princeza*, que ſuppoſto naõ fazem todos os Livros pompa deſte titulo, cada Livro ſe pòde chamar theſouro, porque nelle ſe ajuntaõ, & ſe conſervaõ as noticias, que o tempo leva, & o eſquecimento apaga. Que ſeria da gloria dos Heroes, ſe os Livros naõ foraõ os pregoeiros de ſuas façanhas? Que ſequito teria a doutrina dos Sabios, ſe os Livros naõ explicáraõ os ſeus Oraculos? Que fruto fariaõ hoje as virtudes dos Santos, ſe os Livros naõ perſuadiſſem a imitaçaõ de ſeus exemplos? E ſe a gloria he mais precioſa que a vida, que couſa pòde haver mais precioſa que os Livros, em que a memoria das accçens illuſtres, he o antidoto da morte, & o balſamo da immortalidade, com que a fama ſe eterniza? Naõ ſerá poſſivel, o perſuadir a hum Idiota eſtas admiraveis prerogativas dos Livros, porque ninguem faz caſo do que lhe naõ ſerve, & a hum Idiota, tanto lhe ſerve hum Livro, como hum eſpelho a hum cego, hum pentem a hum calvo, huma trombeta a hum ſurdo, hum navio a quem eſtá longe do mar; & a hum mareante hum arado. De hum deſtes ouvi dizer, que tendo alguns Livros de differente grandeza, mandára cortar os mayores, à medida dos mais pequenos, & com barbara ſymetria os reduzíra todos a huma meſma eſtatura. Que de Authores deſcabeçára hum verdugo deſtes na Biblioteca Vaticana? Eſcrevem de outro, que tinha aos Livros huma taõ grande antipathia, que naõ podia ler huma pagina, ſem que lhe vieſſe hum deſmayo: Deſta antipathia nace o

R.

Vſus litterarum repertus eſt propter memoriam, nam ne oblivione fugiant, litteris alligantur. Iſidor. Origin. lib. 1. cap. 3.

aborrecimento, que os ignorantes tem aos doutos; naõ se adjectivaõ as Corujas com Aguias, naõ se germanaõ as Toupeiras com os Linces, & os ignorantes saõ como as gralhas, que fogem do Loureiro, symbolo da Ciencia, porque foi consagrado a Apollo.

S. Nas Letras vê o ignorante, como El Rey Balthazar, a sentença da sua condenaçaõ, & por isso as naõ pôde ver, sem se perturbar; hum que naõ sabia ler, rasgava todos os Livros, que lhe vinhaõ ás maõs; outros perseguíraõ aos Letrados, como os Tiranos aos Martyres, & pondo fogo ás Livrarias, sacrificáraõ a innocencia de Minerva ao furor de Vulcano; mas naõ he muito, que se executem tiranias, quando faltaõ as humanidades. Que infelice he o destino das Letras! Todos os dias as vemos, comidas do tempo nas pedras, roidas da traça nos pergaminhos, cerceadas nas moedas, & pisadas nos Epitafios; neste perpetuo estrago das Letras, se representa a triste sorte dos Letrados, perseguidos da ignorancia, como a luz da sombra. Com as azas nos pés pintáraõ os Antigos a Mercurio, porque naõ tem hum douto, aonde firmar os pés no Mundo. Desde os principios da Gramatica, se significa aos que estudaõ, que naõ poderáõ subir, porque começaõ, declinando, & por activo que seja o seu saber, sempre estaõ no passivo. As noticias em hum discreto, saõ como flores em hum lambique, que exhalando fragrancias, se derretem em lagrimas, nem estas lagrimas tem virtude para mover a piedade, porque nesta vida, que he huma comedia, as facecias dos chocarreiros naõ deixaõ ouvir as queixas dos Filosofos, & he muito para sentir, que no Christianismo, como em alguns Templos da Gentilidade, se degolem os homens, & se adorem os bugios. Finalmente as ciencias saõ as victimas da ignorancia, & quando naõ houvera disto, muitas provas, & exemplos, bastava considerar, que a ignorancia humana, foi a que crucificou a Sabedoria Divina encarnada. Se sempre as riquezas se uniraõ com o saber, como

Pater, dimitte illis: non enim sciunt quid

como o ouro se mete no Azougue, & com generosa sympathia o penetra, acendéra a ciencia o amor de si mesma nos coraçoens mais esquivos, mas porque parece, que a ciencia, & a pobreza naceraõ debaxo do mesmo Ascendente, com aspectos infaustos, & com a fortuna quasi sempre retrograda, he muy rara no Mundo a ambiçaõ de saber, & a mayor parte dos homens saõ como os Egipcios, que antes tributaráõ adoraçoens ao bezerro de ouro, que ás taboas da Ley, em que nos preceitos do Decalogo, estavaõ escritos os documentos da mais profunda, & mais sublime doutrina. Se he verdade (o que affirmaõ os Professores da Alquimia) que o vello de ouro era hum Livro, que ensinava a Arte de fazer a Pedra Filosofal, naõ he maravilha, que Jason, & Theseo, se expuzessem a tantos trabalhos para a preciosa conquista deste Livro, porque para a cobiça humana naõ podia haver mayor thesouro. Mas he muito para admirar, que havendo hoje no Mundo tantos Livros de muito mayor utilidade, sejaõ taõ poucos os Jasoens, & os Theseos, que se lhe affeiçoem. O Santissimo Pontifice Pio Quinto, aos que lhe encareciaõ a fineza de humas pedras preciosas, disse, pondo as maõs sobre huns Livros: Aqui se achaõ perolas, & diamantes mais finos, & mais baratos. Naõ he sem mysterio, que as ciencias se chamaõ Lettras, porque as Lettras saõ 24, & o ouro de 24 quilates he o mais subido, & naõ há thesouro de mayor estimaçaõ, que o das Lettras. Christo Senhor Nosso, em que estaõ todos os thesouros da Sabedoria Divina, deu tres vezes a definiçaõ de si mesmo com duas Lettras, como se pellas Lettras se houvessem de definir os thesouros. Dizia Socrates, que de todos os bens desta vida, sò hum he verdadeiro bem, que he o saber; & que de todos os males, sò hum he verdadeiro mal, que he o ignorar; & nós os Christaõs podemos dizer, que fóra do peccado, a ignorancia he a mayor

faciunt. *Lucæ cap. 23. v. 34.*

Argentum vivum cum sit fluxum, amicum est auro, & cum cætera metalla ei innatent, aurum in eo mergitur. *Munster Cosmograph. lib. 1. cap. 10.*

Beyerl. in Apopht. Christian.

Christi Jesu, in quo sunt omnes thesauri sapientiæ, & scientiæ. Epist. ad Coloss. cap. 2. vers. 3.

Ego sum Alpha, & Omega. Apocal. cap. 1. n. 8. & cap. 21. n. 6. & cap. 22. n. 13.

Socrates dicebat unicum esse bonum scientiam; malum contra unicum, inscientiam. *Diog. Laert. lib. 2. pag. 108. D.*

pobreza, & que abaxo da graça de Deus, a ciencia he a mayor riqueza. Affonſo Decimo Rey de Aragaõ era taõ perſuadido deſta verdade, que coſtumava dizer, que antes queria perder o ſenhorio dos ſeus Eſtados, que o fruto dos ſeus eſtudos. No Reynado daquelle Princepe, os que mais ſabiaõ, eraõ os mais valídos, & com muita razaõ, porque cada hum tanto val, quanto ſabe, & como o ſaber ſe acha nos Livros, mais val huma boa Livraria, que muitos theſouros; com notavel elegancia exprimio eſta verdade o Poeta, que ornou o frontiſpicio da Livraria do Duque de Urbino com eſta inſcripçaõ.

Sint tibi divitiæ, ſint aurea vaſa, talenta
Plurima, ſervorum turbæ, gemmæque nitentes,
Id totum, hæc longè ſuperat præclara ſuppellex;
Sint aurati etiam niveo de marmore poſtes,
Et varijs placeant penetralia picta figuris,
Sint quoque Troianis circumdata mænia pannis,
Et miro fragrent viridaria picta decore,
Extra, intraque domus regali fulgida luxu;
Res equidem mutæ, ſed Bibliotheca parata
Iuſſa loqui facunda nimis, vel juſſa tacére,
Eſt prodeſſe potens, & delectare legentem,
Tempora & ipſa docet, venturaque plurima pandit,
Explicat & cunctos cæli, terræque labores.

Eſtas meſmas riquezas (Poderoſiſſima Princeza) ſaõ
T. armas, com que ſempre eſtais aparelhada para a defenſa, & conſervaçaõ da Republica. Nas officinas de Marte ſe formaõ os inſtrumentos neceſſarios para a guerra, mas Minerva dá os conſelhos para o uzo deſtes bellicos inſtrumentos, & para os bons ſucceſſos da Arte militar, naõ ſaõ menos preciſas as ciencias, que as armas. Da cabeça de Jupiter ſahio Pallas, taõ guerreira, como diſcreta, porque ſahio armada, & por iſſo diſpoſta para preſidir ás academias juntamente, & aos conflictos. Pouco importa o valor do animo ſem o acerto do juizo. Na guerra de Troya, mais

fiava

fiava Agamennon da induſtria, & eloquencia de Neſtor, que da robuſteza, & esforço de todos os ſeus ſoldados; & no cerco, que Marcello poz à Cidade de Syracuſa, o engenho de Arquimedes triunfou de todo o poder dos Romanos. No fabuloſo Banquete dos Deoſes, diz Luciano, que vira a Eſculapio inventor da Medicina, aſſentado em hum lugar ſuperior ao de Hercules domador dos monſtros, porque primeiro he inventar, que executar; & eſta deve ſer a cauſa; porque as coroas ſe daõ ſó à cabeça, em que preſide a razaõ. Naõ vence, quem peleja, mas quem peleja bem, & na Arte de bem pelejar, naõ há quaſi ciencia, que naõ influa. A Theologia, & a Juriſprudencia declara a juſtiça da guerra, que ſe move para a defenſa da Fé, ou da Patria, & os Generaes, & Capitaens ſahem a campo, taõ fiados na força da razaõ, como na das armas. A Geografia reconhece a calidade das terras, & dos ſitios mais aventajados; a Geometria, a Planimetria, & a Trigonometria medem o comprimento, a ſuperficie, & as diſtancias dos lugares inacceſſiveis. A Arquitectura levanta baluartes, caſtellos, fortalezas; a Eloquencia anima a deſconfiança, reprehende a temeridade, & reprime a inſolencia dos ſoldados; a Hiſtoria offerece os conſelhos, os exemplos, & os eſtratagemas, que facilitáraõ as victorias, & até a Aſtronomia he neceſſaria, por naõ ſe achar em perigo de perder (como ſuccedéo no tempo de Sulpicio Gallo) huma batalha, & hum exercito, pello pavor, que cauſou aos ſoldados Romanos, hum eclipſe da Lua.

Lucianus in Dialogo Deorum, Æſculapij, & Herculis.

Coronæ imponuntur capiti, in quo viget ratio. *Athen. lib. 15. cap. 5.*

Valerius lib. 8. cap. 11.

Plin. lib. 2. cap. 12. *Et Plutarchus in Æmilio.*

V.

Verdade he, que deſtas noticias neceſſitaõ ſó os Cabos, & naõ a plebe dos ſoldados, porque no corpo de hum exercito, como no corpo humano, à cabeça, que he a que governa, lhe toca o ſaber, & aos membros, que lhe eſtaõ ſogeitos, baſta, que tenhaõ força, & deſtreza para executar, o que ſe lhe manda. A hum ſoldado razo, naõ lhe eſtá melhor o ſaber, o Direito Civil, & Canonico, a Filoſofia, & a Theologia, do que a hum Bacharel, o jogar da eſpada; a hum Catedratico, o picar hum cavallo; & a hum Padre

Meſtre, o aceſtar a artelharia, & diſparar bombardas. Aſſaz ſabe o ſoldado, que ſabe ſofrer com paciencia as inclemencias dos Ares, as aſperezas dos caminhos, a fome, a ſede, & os trabalhos das jornadas; andar de dia, & de noite com as armas ás coſtas, ſaltar foſſos, eſcalár muros, arroſtar os perigos, romper pellos batalhoens, enveſtir com o inimigo, pelejar a pé quedo, cortar, ferir, degolar, & matar ſem piedade, piſar montes de cadaveres, paſſar rios de ſangue, & ſem medo da morte, entregar a mil mortes, a vida. Eſta deve ſer toda a ciencia de hum ſoldado; mas os Cabos da Milicia, que ſaõ as almas, & as cabeças dos Exercitos, que com o conſelho, & a prudencia regulaõ os impulſos do esforço, neceſſitaõ de muita ciencia para proſperar os ſucceſſos das armas: quantas couſas ſe haõ de prever antes que ſe intime a guerra, & a quantas ſe ha de dar fórma, & diſpoſiçaõ, primeiro que ſe dé huma batalha. Tem o campo como o mar, ſuas tormentas, & ſeus naufragios, tormentas de fogo, & naufragios de ſangue, & a hum General de exercito, he taõ neceſſaria a ciencia para combater, como a hum piloto a carta para navegar. Por iſſo Alexandre Magno, Julio Ceſar, os Scipioens, os Lucullos, & os mais celebrados Capitaens, naõ ſe applicáraõ menos ás Lettras, que ás Armas; & ſe outros ſem doutrina alguma ſe aſſinaláraõ com victorias, como os Manlios, os Decios, & os Marios, a experiencia, & o talento natural ſupríraõ as faltas da ciencia, & muitas vezes permitio Deus, que a fortuna foſſe a cega diſpenſadora das palmas, que colhéraõ nos campos de Marte. Das ciencias proprias de hum Capitaõ faz Polibio mençaõ no Livro nono, &Irataõ no Livro ſettimo da ſua Republica, Flavio Vegecio, Pedro Creſpecio, Celſo Mancino, Joaõ Bautiſta Campofulgoſio, Jorge Valla na ſua Politica, & Franciſco Patricio nos ſeus Parallélos militares. Eſtes, & outros Livros, ſaõ os oraculos da milicia, de que os ſoldados apprendem como ſe haõ de haver nos aſſedios, nos aproches, nos choques, nas correrias, batalhas, facçoens, emboſcadas,

das, escaramuças, nos assaltos, & nas retiradas, & em todas as emprezas, & entreprezas, em que o valor, & o zelo se empenhaõ para a defensa da razaõ, & da justiça. Por isso Claudiano exhortava a Honorio a que lesse as vidas daquelles Romanos, cujas acçoens foraõ os melhores exemplares da heroicidade.

Antiquos evolve duces, assuesce futuræ
Militiæ, Latium retro te confer in ævum;
Libertas quæsita placet, mirabere Brutum;
Perfidiam damnas, Metijs satiabere pœnis;
Triste, rigor nimius, Torquati despice mores,
Mors impensa, bonum, Decios mirare ruentes,
Vel solus quid fortis agat, te ponte soluto
Oppositus Cocles, Mutij te flamma docebit;
Quid mora perfringat, Fabius, quid rebus in arctis
Dux gerat, ostendet Gallorum strage Camillus.

Claud. 4. Hon.

X.

Se o homem perseverára no estado da innocencia, naõ necessitára da ciencia da guerra; porque sem ambiçaõ, & sem perigo, lográra as tranquillas delicias de huma paz universal; mas o peccado, que introduzio no Mundo a morte natural, deu entrada à morte violenta, por tantas portas, quantas saõ as bocas de fogo, & armas offensivas, inventadas pella cruelissima Arte de matar. He hoje o matar, huma ciencia taõ necessaria, que naõ reparou Maximo Tyrio em affirmar, que a guerra he mais precisa para a conservaçaõ do genero humano, do que a Agricultura, porque naõ servira lavrar, & semear as terras, se se naõ soubera resistir ao inimigo, destruidor das searas, & assolador dos campos; & o mesmo Author affirma, que por esta razaõ, chamou Homero aos soldados, pastores dos povos, porque defendem as casas, os gados, & terras contra as invasoens dos adversarios. Dos seus Estados desterrou a Republica dos Lacedemonios todas as ciencias, & sô permitio a Arte militar, entendendo, que sô ella conserva a liberdade, sustenta o credito, & acrecenta o Imperio; porèm já tem mostrado a experiencia ás mais bellicosas naçoens, a gran-

Maximus Tyrius dissertat. 13.

Idem dissertat. 13 pag. 128.

Quis dubitat Artem bellicam rebus omnibus esse potiorem, per quam libertas rebus

netur, & dignitas propagatur, provinciæ conservantur, & Imperium. Hanc quondam velictis omnibus Lacedemonij, & post coluere Romani. Veget. lib. 3. cap. 10.

a grande utilidade, que se tira das lettras, & quando a penna naõ servíra para outra cousa, que para celebrar as proezas da espada, & para fazer presentes à posteridade as façanhas dos Antigos, ficára a espada dos guerreiros obrigada à penna dos sabios: De mais do que, quantas noticias nos deixáraõ os Escritores, com que se ganhaõ as batalhas, & se asseguraõ as victorias? Da milicia antiga escreveo Rafael Valaterrano, Joaõ Antonio Valtrino, Joaõ Rosino, & Justo Lipsio. Deu Henrique Breuleo os documentos da Politica Militar; Sexto Julio Frontino ensinou o modo de pôr os Batalhoens em ordenança; descobre Buridano as ciladas, que se armaõ na guerra; trata Daniel Santbech da Artilharia; Miguel Peres de Xea, da Infanria, Hermaõ Hugo, & o Cavalleiro Melso, da Cavallaria, & da Cavallaria Ligeira, Jorge Basta; Hero Mecanico, & Gaspar Facio, das Maquinas Bellicas; Cosmo Bartolo, dos cercos das Cidades; Dogen, da Architectura Militar; Jeronimo Villa, da defensaõ das Praças; dos Officiaes da guerra, Henrique Bocero; & da Fortificaçaõ, Luis Serraõ Pimentel, Cosmografo, & Engenheiro Môr deste Reyno. Naõ fallo em muitos outros Authores, que aindaque escrevéraõ da milicia em geral, naõ deixaraõ de fazer particulares advertencias mui proveitosas, & necessarias aos Professores desta Arte, como se póde ver nas obras de Belisario Aquivivo, de Claudio Cottereo, de Anselmo Stekelio, de Constancio Porphyrogenito, de Dionysio Longino, Domingos Cyllenio, Jo ge Acacio Enenckelio, Julio Ferreto, Jacome Lanterio, Honorio Fraumano, Jeronimo Spartano, Leonardo Forcio, Zacharias Lechnero, Joaõ Genesio Sepulveda, Joaõ Bautista Goyneo, Godescalco Sterrechio, Augusto Ramello, & Jeronimo Cataneo, & ultimamente na Arte Militar de Luis Mendes de Vasconcellos.

Y. Sendo pois a Historia, o secretario do tempo, & o Mestre da experiencia; nas Historias, que narraõ as causas, os progressos, & os fins das guerras passadas, podem os olhos

olhos ver no eſpaço de poucos meſes, mais ſucceſſos, do que muytos homens podem ſucceſſivamente experimentar na guerra, em muytos annos de vida. Tarde medra a prudencia, & o juizo, que depende da propria experiencia; & os que ſó ſe governaõ pellos caſos, que lhe acontecéraõ, naõ podem ſer prevenidos para os mais caſos, que lhe podem acontecer; mas ſempre com a liçaõ, ſe anticipa a prudencia, & os livros ſaõ os Adaís, & as guias, que vaõ diante com a luz, que nos daõ; vemos à cuſta alhea, os perigos, achamos os preſervativos para as futuras deſgraças, & com as cauſas da declinaçaõ, & ruina das Reſpublicas, & dos Imperios, ſe acautéla, & ſe inſtrue a politica para a conſervaçaõ, & augmento dos proprios Eſtados. Perguntando Ptolomeo a hum dos ſetenta Interpretes, em que couſa ſe havia mais de exercitar a curioſidade de hum Princepe, na liçaõ, reſpondeo elle, dos ſucceſſos alheos, na proſpera, & adverſa fortuna das armas. De Alexandre Magno eſcrevem, que naõ largava das maõs a hiſtoria das victorias de Achilles eſcrita por Homero, & a noticia das guerras de ſeus Anteceſſores, fez a Lucullo taõ grande Capitaõ, que com poucas tropas desbararou os numeroſiſſimos exercitos de Mithridates, & Tigranes com admiraçaõ, & terror de toda a Aſia. Para a inſtrucçaõ dos vindouros, & para continuamente formar novos Heroes foi a fama conſervando a memoria das façanhas dos Antigos, & as Livrarias ſaõ Eſcolas, em que ſe póde aprender a fazer guerra em todas as partes do Mundo, porque ſe achaõ eſcritos os eſtilos, os genios, o poder nas armas, & as guerras de todas as naçoens. Nas obras de Coriolano Cippico vemos os ſucceſſos da guerra da Aſia, & nas de Marcos Fauniano as guerras de Africa. Eſcreveo Joſeph Hebreo as guerras dos Judeos, Appiano Alexandrino as dos Romanos, & Guido de Ravenna as dos Godos. Temos as guerras de Valachia eſcritas por Leonardo Gorrerio, as de Livonia por Tilemanno Brendabach, as de Moſcovia por Rheinoldo Heindenſtein, as de Germania por Luis de Avila,

Demetrius Phalereus Regi Ptolomæo ſuadebat, ut libros de Regno, & Principatu pararet, ac legeret. *Plutarch. Apophtegm. pag. 189. D.*

Adeò enim homericâ lectione delectabatur Alexander, ut rarò depoſuerit è manu ejus Poeſim. *Plutarch. in vita Alexandri.*

Plutarch. in Lucullo.

Avila, às de Transilvania por Ascanio Ventorio, as de Suecia por Nicolao Asclepio, as dos Turcos por Levino Torrencio, as de Rhodes por Jacome Frontano, as de Chypre por Pedro Bizaro, as de Espanha por Jacome Bracello, as de Italia por Miguel Coccinio, as de Polonia no Floro Polonico, as de Inglaterra no Floro Anglico, & as de França no Jano Gallico. Passo em silencio outros infinitos Authores mais modernos; & naõ fora preciso nomear os que escrevéraõ as guerras de Portugal, porque as quatro Partes do Mundo, saõ as quatro Partes do grande Volume, em que com praças, & fortalezas rendidas, com Provincias conquistadas, & Reynos sojugados, desde o berço até o sepulcro do Sol, estaõ registradas, & patentes ao Universo, as victorias dos Portuguezes. Naõ satisfeita destas evidencias, publicou a fama as glorias desta bellicosa naçaõ, nas Decadas de Joaõ de Barros, & de Diogo de Couto; na Historia da India do Padre Maffeo; na vida d'El Rey D. Manoel escrita por Osorio; na Monarquia Lusitana do Padre Frey Bernardo de Britto; na Europa, Asia, & Africa Portugueza de Manoel de Faria; na vida do grande Vice Rey da India D. Joaõ de Castro, escrita por Jacinto Freyre de Andrade; & D. Luis de Menezes Conde da Ericeyra, para narrar com generosa liberdade as contemporaneas verdades do seu Portugal restaurado, emprestou à sua penna, o valor da sua espada.

Z. Sendo pois a guerra, taõ incerta nos successos, taõ perigosa nas consequencias, & taõ importante para a conservaçaõ dos Reynos, quem poderá negar, que estes, & outros semelhantes livros, saõ summamente necessarios para as instrucçoens, cautelas, violentas irrupçoens, dissimuladas violencias, & ardilosos empenhos; com que he preciso prevenir os conselhos, frustrar os intentos, & rebater as forças do inimigo? Até no tempo da paz, he agradavel, & proveitosa a liçaõ das historias das guerras. Nellas se vé, como leves dissabores, foraõ preambulos de sanguinolentas discordias; como naçoens pequenas, mas inquietas,

&

&bellicoſas, ſe apoderáraõ de grandes Imperios; & como grandes, & poderoſas Monarquias, ficáraõ avaſſalladas, & extinctas; ponderaõſe as razoens, porque ſe deraõ, & ſe recuſáraõ as batalhas; eſtranhaſe a pouca conſtancia dos que levantáraõ o campo, & fugindo de huma glorioſa morte, ſe entregáraõ a huma eterna ignominia; condenaſe a vileza dos que com indignas condiçoens compráraõ as pazes; deſprezaõſe as conquiſtas, & naõ ſe eſtimaõ as victorias, em que a fortuna teve mais parte, que o valor; conſideraõſe as deſordens da guerra, a ſuſpenſaõ das leys, o interdicto das lettras, os campos, & os engenhos ſem cultura, os paſſos fechados à communicaçaõ, & ao commercio, ſacos de Cidades, demoliçoens de fortalezas, profanaçoens de lugares Sagrados, correrias, roubos, hoſtilidades, rebellioens, & conjuraçoens de povos amotinados, diluvios de fogo, inundaçoens de ſangue, & no meyo de taõ crueis, & horrendos eſpectaculos, naõ ſe aſuſta a curioſidade do Leytor; vé os conflictos ſem medo, as enveſtidas ſem perigo, os eſtragos ſem detrimento, & com generoſa emulaçaõ, ſe vai animando a ſacrificar a vida ao ſerviço da Patria.

Naõ ſaõ menos preciſas as armas da razaõ, que as da milicia, porque ſe há guerras contra os inimigos do bem commum, tambem há batalhas contra os erros, que ſaõ os inimigos da verdade, & contra os vicios, que ſaõ os inimigos da virtude. Contra huns, & outros eſtais taõ bem armada, *Poderoſiſſima Princeza*, que aos que ſe valerem de voſſas razoens,& argumentos, eſtá certa a victoria. Com os livros da Filoſofia natural, deſterrais os erros da ignorancia, & com os da Filoſofia moral, atropellais os vicios da natureza, & em tres caſas como em tres campos tendes dividido o arrayal, & aſſentado bataria contra todos os inimigos da razaõ. Todos eſſes Livros ſaõ como ſoldados, trincheirados, aquartelados, & alojados nas eſtantes, os primeiros na Vanguarda, os do meyo no Corpo do Exercito, & os ultimos na Retaguarda; de dia & de noite eſtaõ

A 2

em

em pé, com inimitavel constancia; nunca mudaõ de rosto, & aindaque virem as costas, naõ fogem, mas antes mostraõ o seu valor intrinseco na superficie dos titulos, & com intrepida confiança, a todos igualmente inculcaõ a efficacia de suas razoens. Destes soldados, & destas armas, fazia El Rey Affonso (de que já fallámos) taõ grande estimaçaõ, que ficando vencedor, deixava à soldadesca os mais ricos despojos, & tomava para si os Livros, em que na sua opiniaõ, consistia o mayor poder de seus inimigos. Naõ há armas mais poderosas, que as da ciencia, & da razaõ; por isso o Emperador Juliano depois de apostatar, fazia queimar todos os Livros dos Christaõs, affirmando que estas eraõ as armas, que lhe faziaõ mayor guerra. O mesmo fez o Emperador Licinio, procurando extinguir as lettras, & os livros, para abater as forças da Christandade; & o Emperador Leaõ Isaurico, vendo que a doutrina dos Catholicos, prevalecia à seita dos Iconoclastas, de que elle era acerrimo protector, mandou pôr fogo áquella taõ celebrada Livraria de Constantinopla junto do Templo de Santa Sophia, & em breves horas reduzio a cinzas trezentos mil volumes, que este barbaro considerava como trofeos da Sabedoria Christaã, & açoutes da sua perfida ignorancia.

Anton. Panormit. lib. 2. de dictis, & factis Alfonsi cap. 15.

Sozom. hist. Tripart. lib. 6. cap. 17.

B b. As Livrarias saõ os armazens das ciencias, em que há razoens para tudo o que se quer provar, & razoens contra tudo o que se quer negar. Atè com os titulos dos seus Livros, ostentaõ muitos Authores as suas armas, & as suas victorias; & senaõ, vejase a Panoplia Evangelica de Lindano, o *Armamentarium Evangelico Thomisticum* de Zeuvero, o *Propugnaculum Fidei Catholicæ* de Marra, o *Palmetum Cæleste* de Nakateno, os tratados da Milicia Espiritual de Cesario Arelatense, & de Trithemio, a Milicia Sagrada de Jeronimo Perbon, a Milicia Christaã de Affonso de Soria, a Felicidade da Victoria Christaã de Bartholdo, o Triunfo da Cruz de Bosio, & o Triunfo da Morte de Anjo Venario. Assim se combate, assim se vence, & se triunfa

triunfa com as armas da razaõ, & sem effusaõ de sangue, se desfazem opinioens erroneas, se rendem, & se sugeitaõ perniciosas contumacias, & finalmente se destroe a tyrania da ignorancia, & conquistando rebeldes entendimentos, se dilata o imperio da verdade. Por isso o Emperador Julio Cesar, naõ satisfeito das victorias, que alcançára com a espada, procurou illustrar o Imperio Romano com os triunfos da razaõ, dando a Marco Varro o cuidado de mandar vir de todas as partes do Mundo, todos os Livros Gregos, & Latinos, que se achassem, para construir huma publica Livraria, que servisse a Roma de fortaleza inexpugnavel, & de praça d'armas para todos os que quizessem militar debaxo do estandarte das ciencias. Porèm a morte, que como envejosa da gloria dos homens, afoga no seu nascimento as mayores emprezas, cortou com o fio da vida daquelle Emperador, as linhas, que se hiaõ lançando para a execuçaõ deste glorioso intento, & morreo Cesar com o sentimento de naõ deixar a sua patria, taõ invencivel com o poder das lettras, como insuperavel com a força das armas.

Destinabat Bibliothecas Græcas, & Latinas, quam maximas posset publicare, datâ Marco Varroni curâ comparandarum, atque dirigendarum, &c. sed destinavit Cæsar, non perfecit. *Sueton. de Iul. Cæs.*

Mas porque a virtude he a coroa da ciencia, & do poder, ás vossas lettras, & ás vossas armas, faltára o diadema da sua perfeiçaõ (*Serenissima Princeza*) se deixára de as rematar com o precioso esplendor das vossas virtudes. A que como mais facil, & trattavel se offerece a primeira, he a humildade, com que sem embargo de que estais capaz para ensinar os mayores Mestres do Mundo, sempre estais aprendendo como discipula, & naõ cabendo em vós a vossa doutrina, com humilde complacencia, & cortezania vós vos apertais, & desaccommodais, para dares lugar a novos livros, & para hospedares peregrinos Authores, que continuamente vos vem communicar tudo o que sabem, & tudo o que vós vos naõ envergonhais de naõ saber. Naõ há pessoa, por douta que seja, que naõ ignore alguma

Scientiæ finis ne contingit quidem hominibus, nemo enim absolutus est in ulla scientia, sed re verâ perfectiones, & fastigia unius solius sunt, itaque nos versamur in spatio medio, finem inter, & principium, discendo, docendo. *Philo Hebræus de herede rerum divinarum, mihi paginâ 389. A.*

Cc.

alguma cousa na mesma ciencia, que sabe. Só Deus, que tudo possue com summa perfeiçaõ, sabe perfeitamente tudo o que se póde saber. Nunca chegaõ os homens ao ultimo fim de huma ciencia, mas sempre estaõ no principio, ou no meyo, aprendendo, ou ensinando, & muytas cousas se podem ensinar áquelles mesmos, que ensinaõ. * Demaneira que he preciso aprender em quanto se vive, porque como advertio Celio Rhodigino, naõ se póde assaz fazer, o que nunca se faz com demasia, & naõ póde haver excessos no aprender, porque sempre resta que saber. Por isso nos que mais souberaõ, sempre foi crecendo o dezejo de saber mais. Na idade de outenta & hum anno, lia Plataõ as obras de Sophron Syracusano com taõ curiosa constancia, que dellas só tirou os olhos, quando a morte lhos fechou, & como instrumentos do seu ultimo descanço, foraõ achadas debaxo da cabeceira da cama, em que acabou a vida: Morreo Carneades de noventa annos, taõ cançado de viver, como incançavel no aprender: Poucas horas antes de morrer, levantou Solon a cabeça, para ouvir a decisaõ de huma questaõ ventilada pellos amigos, que lhe assistiaõ, dizendo que queria sahir deste Mundo com alguma noticia mais das que levava; & parece que houve quem quiz estudar ainda depois de morto, como Celio Calcagnino, que fazendose enterrar na sua Livraria, recolheo a sua posthuma curiosidade em huma douta sepultura, & a pesar da morte, perpetuou nos seus ossos, as saudades dos seus Livros.

* Tamdiu discendum est, quamdiu vivimus, neque enim fic i potest nimis, quod satis nequit fieri. *Cel. Rhodigin. lib.29. cap. 13. f. p. 1355.*

Valer. Maxim. lib. 8 cap. 8. n. 3.

Id. ibid. n. 5.

Id. cap. 7. n. 14. & Lipsius in monitis, & exemplis politicis lib. 1. cap. 8. n. 1.

D d. No frontispicio das suas Livrarias, costumavaõ os Antigos pôr a Estatua de Mercurio, Deus do saber, & a de Cupido, Deus do amor, porque, sabendo, se faz o homem amigo do saber. Quanto mais se conhece o que se sabe, mais se descobre o que se ignora, & com o conhecimento desta ignorancia, os discretos se vaõ humilhando, ao mesmo passo, que vaõ aprendendo. Até as Serpentes, que saõ o symbolo da prudencia dos Sabios, andaõ de peitos pello chaõ, & quando se adiantaõ, se arrastaõ. Que ridi-

Pausanias in Atticis.

ridicula he a presumpçaõ dos que chegando a saber alguma cousa, imaginaõ que sabem tudo. A estes taes se representaõ os Atomos da sua ciencia, taõ grandes como o monte Parnasso, effeito do amor proprio, semelhante ao dos oculos, a que chamaõ Microscopios, que engrandecem os objectos, & representaõ as moscas, & as formigas com extraordinaria corpulencia. Pretendeo Alessarco, que o adorassem como Deus das ciencias, & este Alessarco era hum Grammatico, que quando muito sabia as regras da Syntaxe; mas declinando os nomes, & conjugando os verbos, lhe parecia, que dava movimento ás Esferas, & susto aos Elementos, & era taõ loucamente desvanecido, que naõ queria que os seus discipulos se atrevessem a olhar para elle, senaõ pestanejando, como quem olha para o Sol. Da soberba inchaçaõ da ignorancia, nacem estas monstruosas vaidades, & há muitos, que com a superficial noticia dos termos das Escolas, propoem, & resolvem questoens mais confiada, & magistralmente, que Aristoteles no Lycéo, & Cicero no Senado. Persuademse, que a sua cabeça, he o lambique por onde se distillaõ as agoas da fonte Hippocrene; canonizaõ os abortos do seu juizo por oraculos irrefragaveis, & cuidaõ que saõ capazes para dar liçoens a Plataõ, quináos a Pythagoras, & mate a todos os Filosofos.

Cl. Al. in Protr.

A mais crassa ignorancia, he a de presumir, que naõ há cousa que se ignore. Todas as ciencias se daõ a maõ humas ás outras, formando huma cadea, que naõ tem fim, porque as ciencias practicas estaõ avinculádas com as especulativas, humas naturaes, & outras sobrenaturaes; as naturaes nos encaminhaõ ao conhecimento de Deus, em quanto author da natureza, & as sobrenaturaes nos levaõ ao conhecimento de Deus, em quanto author da graça, & Deus assim na natureza, como na graça he hum objecto infinito. Esta he a razaõ porque o engenho humano anda sempre em busca das verdades, sem as poder alcançar todas. Começamos, por onde os nossos antepassados

E e.

*** aca-

acabáraõ, o que neſtas ultimas idades foi deſcuberto, ſervirá ás futuras de principio para novos deſcobrimentos, & ſucceſſivamente iraõ ſahindo Livros ſempre mais noticioſos, porque a Arvore da Ciencia, tem como as mais Arvores, o ſeu Inverno, em que cahem como folhas, os erros antigos, & a ſua Primavera, em que brotaõ como flores, verdades nunca dantes conhecidas. A Geografia ficaõ terras que deſcobrir no Pólo Antartico, & a Hydrographia ainda naõ paſſou além do mar congelado nas eſtremidades do Septemtriaõ; anda a Mathematica inveſtigando demoſtraçoens do movimento perpetuo, & da quadratura do circulo; poderá a Aſtronomia deſcobrir novas eſtrellas, a Phyſica novos ſegredos, a Medicina novos remedios, & a Anatomia novos ligamentos, panniculos, & commiſſuras na fabrica do corpo humano; & o ſentido Myſtico, Anagogico, Allegorico, & Tropologico, da Sagrada Eſcritura; ſaõ minas inexhauſtas, em que os engenhos dos vindouros trabalharáõ atè o fim do Mundo. Eſtas ſaõ, *Virtuoſiſſima Princeza*, as razoens da docilidade, & ſummiſſaõ, com que vos ſogeitais a aprender de novos Authores, novas doutrinas, Meſtre juntamente, & diſcipula; chea, mas naõ inchada; magnifica, mas naõ altiva; diſcreta ſem preſumpçaõ; douta ſem jactancia, & naturalmente taõ modeſta, que ſobre todas as queſtoens, que nas Eſcolas os doutos agitaõ com eſtrondoſas altercaçoens, eſtais arrezoando com ſilencio. Taõ longe eſtais de vos dares por ſatisfeita de vós, que o muito, que poſſuis, vos parece pouco, em comparaçaõ do que vos falta; mas ſe continuarem os voſſos augmentos, naõ terá a voſſa grandeza limites, & algum dia, mayor admiraçaõ dareis à poſteridade, do que deu aos Antigos a Livraria dos Reys do Egypto, composta de ſetecentos mil volumes, que diſpoſtos com ſumma perfeiçaõ, & ordem, formáraõ o mais amplo, & auguſto theatro, em

Inter Templa eminet Serapeum, in quo Bibliothecæ fuerunt inæſtimabiles, & loquitur monumentorum veterum concinens fides, ſeptingenta voluminum millia, Ptolomæis Regibus vigiliis incentis compoſita. *Ammian. lib.* 22.

em que atè agora se representáraõ os actos do entendimento, & as idéas da fecunda imaginaçaõ dos homens.

Considerando, que a Caridade, he a virtude, por meyo da qual as cousas separadas se unem, as confusas se poem em ordem, & as contrarias se germanaõ, naõ posso deixar de admirar, *Serenissima Princeza*, a perfeiçaõ com que exercitais esta virtude, tendo em summa paz, ordem, & uniaõ, Authores taõ differentes nas opinioens, na doutrina, & no estilo. Que mayor proximidade, que a com que todos estaõ chegados huns aos outros sem contenda, & sem competencia alguma? Todos estes Livros, aindaque filhos de differentes pays, parecem irmaõs, & com a igualdade da encadernaçaõ, se vaõ fazendo taõ semelhantes no traje, que à primeira vista, naõ os poderáõ os olhos distinguir, senaõ pella differença dos titulos (que tambem os irmaõs tem differentes nomes) & se o ouro, & o fogo, saõ os symbolos da caridade; na superficie do seu vestido, arde o fogo, & o ouro brilha, o fogo na còr, & no lavôr o ouro. Na Sagrada Escritura, o Ceo he chamado Reyno, & Cidade; Reyno pella magnificencia, & Cidade pella uniaõ de seus habitadores, porque com os differentes graos de gloria, que possuem, estaõ vivendo com huma imperturbavel concordia. Que outra cousa he esta paz, amizade, & perpetuo socego de tantos hospedes de diversas naçoens, pareceres, talentos, & prerogativas, senaõ hum Paraizo aberto, & hum Ceo na terra, com muitos coros, & gerarquias, em que os mais pequenos, naõ envejaõ a grandeza dos mayores, porque todos estaõ cheos, & satisfeitos? Fallaõse por conceitos como os Anjos, porque naõ pronunciaõ as palavras, com que se explicaõ, & aindaque altamente discorraõ, ninguem os ouve. Fallaõ todos juntos, sem hum interromper a outro; affeiçoaõ a si os que os entendem, & entendellos he huma bemaventurança, a que sò os que naõ tem juizo, naõ aspiraõ.

F f. Charitas, divisa unit, confusa ordinat, inæqualia sociat. *Ioannes Papa* 2. *Epist.* 94.

 Tam-

§ 9. Tambem se a caridade se transforma em todas as figuras, para se conformar com todos, que outra cousa he esta copiosa variedade de Livros, *Virtuosissima Princeza*, senaõ huma caritativa transformaçaõ da vossa sabedoria para o gosto, & utilidade de todos? Do mesmo modo que o Elemento da agoa se faz orvalho para as flores, chuva para as plantas, fonte para os jardins, rio para os campos, & mar para o commercio de todas as naçoens; nessa perenne affluencia de vossa doutrina, há agoa taõ sutil como o orvalho, para os discretos; taõ fecunda como a chuva, para os Oradores; taõ pura como a das fontes, para os cultos; taõ peregrina como a dos rios, para os curiosos; & para os Theologos, taõ profunda como o mar. O mesmo alimento, que o homem toma para o seu sustento, no estamago se faz Chilo; no figado, sangue; miolo no cerebro, & medulla nos ossos, tomando a côr, & as calidades das partes por onde passa; & para a ciencia ser alimento d'alma, he preciso outra semelhante transformaçaõ proporcionada à diversidade dos engenhos. Os engenhos naõ saõ menos differentes entre si, que os corpos. Tres generos de corpos vemos no Mundo, huns resplandecentes, outros opacos, & outros diafanos: Corpos resplandecentes, saõ o Sol, & o Fogo. Corpos opacos, saõ a Lua, & a Terra; & corpos diafanos saõ o Ar, & a Agoa. A estes tres generos de corpos, correspondem tres generos de engenhos, conforme a diversidade dos temperamentos, o engenho dos colericos, dos melanconicos, & dos sanguinhos; (do engenho dos pituitosos, & flegmaticos, naõ fallo, porque de ordinario tem pouco, ou nenhum engenho, ficando a faculdade intellectiva offuscada, & quasi extinta, pella grande copia do humor pingue, & crasso, que nelles abunda.) O engenho dos colericos, he como o Sol, & o Fogo, todo luz, & todo ardor, & estes levados do brilhante da eloquencia, & do furor da Poesia, buscaõ os Livros dos Oradores, & dos Poetas. O engenho dos melanconicos, he como o globo da Lua, & da

In prato Apis colligit mel, ovis herbam in alimentum, porcus radicem, aves grana. *Sic* in Authorum lectione, quisque quod sibi conveniens est, excerpit, Eloquentiam, Moralem, Physicam, &c. *Plutarch. libro quomodo legendi sint Poetæ.*

Terra,

Terra, ſuſpenſo, & peſado, porque ſaõ triſtes, ponderativos, & por conſequencia aptos para as ciencias mais graves, & tem paciencia para inveſtigar os ſegredos da natureza nos Livros Philoſoficos, & os miſterios da Fé nos Theologicos. O engenho dos ſanguinhos he como o Ar, & a Agoa, claro, & flexivel, em que facilmente ſe recebem todas as impreſſoens, & figuras, & eſtes ſe affeiçoaõ ás ciencias, que dependem da memoria, como a Arithmetica, a Hiſtoria, & a noticia das lingoas.

As differenças pois dos eſtilos, de que uſaõ os Authores, ſaõ neceſſarias para ſatisfazer eſta diverſidade de engenhos, porque ſó cada hum ama, o a que naturalmente ſe inclina, & ſempre há razoens em favor deſta natural inclinaçaõ. Por differentes modos faráõ os homens huma meſma couſa; & todos daráõ razaõ da differença, com que obraõ. Até na acçaõ de eſcrever uſaõ algumas naçoens de modos bem differentes, & todos tem ſua razaõ. Os Hebréos, que eſcrevem começando da parte direita para a eſquerda, diraõ que imitaõ o curſo natural dos Planetas, que andaõ do Occaſo para o Oriente; nós os Chriſtaõs, que eſcrevemos começando da parte eſquerda para a direita, podemos dizer, que ſeguimos o movimento do primeiro movel, que corre do Oriente para o Occaſo; & os Chins, que eſcrevem formando regras direitas de ſima para baxo; diraõ que ſe conformaõ com a eſtatura natural do homem, da cabeça para os pés; & aſſim como há razoens, que abonaõ as differenças, na acçaõ de eſcrever, tambem há razoens, que authorizaõ as differenças dos eſtilos no compor. Huns compoem com eſtilo Laconico, porque he breve, & ſubſtancioſo, outros com eſtilo Aſiatico, porque he diffuſo, & fecundo, & outros com eſtilo medio para ſe apartarem dos dous extremos, da eſteril ſecura do primeiro, & da viçoſa louçania do ſegundo, & com tudo há occaſioens, em que eſte viço naõ he vicio, & eſta eſterilidade póde ſer miſterio. A huns agrada o eſtilo infimo, porque he lhano, & Hh.

a outros o estilo supremo, porque sobrepuja. O estilo Epistolar, he differente do exornativo, o exornativo do historico, & os tres generos da Rhetorica, a que chamaõ deliberativo, judicial, & demonstrativo tem seus differentes estilos. De donde se segue, que a mesma verdade, & a mesma doutrina, escrita com differentes estilos, he como hum paynel a muitas luzes, com que se recrea a curiosidade de differentes genios, & por isso saõ precisos sobre huma sò materia muitos livros. Dous Pintores tiveraõ as idades passadas, em que a Arte na sua singularidade, foi defeituosa, porque hum, sò pintava cabanas, & ovelhas, & o outro, sò representava Esferas, & Planetas; nos payneis do primeiro, sò os Pastores tinhaõ que ver, & nas obras do segundo, sò os Astrologos tinhaõ que contemplar. Mas vós, *Serenissima Princeza*, aindaque singularissima, sois taõ universal para o bem de todos, que em vós se vé huma pintura de todas as ciencias humanas, & divinas, practicas, & especulativas, ou mixtas da Theoria, & da experiencia. Naõ há entendimento taõ pobre, que naõ tenhais com que o enriquecer, nem taõ illustrado, que o naõ possais alumiar, nem taõ difficultoso de contentar, que o naõ possais satisfazer. Alhanais todas as difficuldades, soltais todas as duvidas, & a todos podeis aproveitar com os conselhos; fallais todas as lingoas para agradar a todas as naçoens; sò naõ vos facilitais com os necios; a elles vos fazeis aborrecivel sem escrupulo, & sem offenderes a caridade, sois inimiga da ignorancia.

Pierico, & Serapiaõ.

11. Na vossa liberalidade naõ fallo, basta dizer, que sempre estais offerecendo tudo o que possuis; sois taõ liberal, que de vós se podem aprender todas as artes liberaes, & o achar dentro de vós hum thesouro, he taõ facil, como o abrir hum livro. Quando naceo Minerva, deixou Jupiter cahir huma chuva de ouro; porque chovem os beneficios, quando as ciencias se communicaõ. Naõ há mayor beneficio, que o ensinar, porque naõ há mayor bem, que o saber; por isso venderaõ alguns Anti-

gos

ges taõ caro a sua doutrina! (a) Dos discipulos de Socrates, Aristippo foi o primeiro, que ensinou a Filosofia por dinheiro; (b) vivia Protagoras do que ganhava lendo publicamente os seus escritos; (c) tomava Iseo o salario, que lhe dava Demosthenes seu discipulo; (d) & o mesmo Demosthenes chegou a offerecer a Isocrates todo o seu cabedal, paraque lhe ensinasse a quinta parte do que sabia. Que isenta estais de toda a cubiça, & interesse, *Liberalissima Princeza*, communicais as riquezas do vosso saber, sem proveito; aos que ensinais, naõ pedis por remuneraçaõ, hum agradecimento, & com seres taõ liberal, sois taõ prudente, que naõ sois prodiga, dando sô o que a cada hum lhe cabe, porque do vosso saber todos se aproveitaõ conforme a sua capacidade; tomaõ sô o que lhe basta, & aindaque tomáraõ muito, nada lhe sobejará, porque nas materias, que se devem saber, ninguem he sobejo no que sabe.

Sendo taõ benefica para com os vivos, naõ sois menos piadosa para com os mortos. Restituis a falla aos Authores, que a morte fez emmudecer, & a pesar da tirania do tempo, perpetuais a duraçaõ das obras, dos que cessáraõ de obrar. Na Epistola, que o Papa Celestino Primeiro escreve ao povo de Constantinopla, diz que o seu grande Bispo S. Joaõ Chrysostomo, ainda vive, & que hoje està prégando em todas as partes do Mundo, em que se lem as suas Obras. Do mesmo modo posso dizer, que em cada hum desses volumes, vive o seu Author, & que sois o domicilio em que continuamente S. Gregorio moraliza, S. Jeronimo interpreta, Santo Agustinho se confessa, & se retracta, & Santo Ambrosio renova os favos de sua melliflua eloquencia. Depois de tantos annos, he hoje em vós Santo Thomás taõ Angelico, S. Boaventura taõ Serafico, Tertulliano taõ profundo, & Escoto taõ sutil, como quando suspendiaõ os sentidos dos que os ouviaõ, & com a mesma propriedade, & excellencia, que em vida, está S. Cyrillo Jerosolimitano catequizando, Anastasio Antio-

(a) Aristippus primus Socraticorum mercedem exegit, & quaestu philosofatus est. *Laertius pag.* 131. C.

(b) Idem ib. 9. p. 662. *A.*

(c) Isaeus Demosthenem docuit a schola deductam mercede drachmarum 10000. *Plutarch. in vitis decem Oratorum. pag.* 839. *E.*

(d) Plutarch. in decem Oratorum vitis. pag. 839. *E.*

Kk.

Chrysostomi sermo astruens Catholicam Fidem, toto orbe diffusus est; nusquam per doctrinam suam defuit, quia ubicumque lectus est, praedicavit. *Tom.* 5. *Concilior. Anno* 431.

 queno

queno dogmatizando, Nicolao de Lyra glozando, Santo Irenéo confutando os Hereges, & S. Dionysio Areopagíta remontandose aos tronos das mais sublimes Jerarquias. Sois o Jardim, em que as flores saõ perpetuas na duraçaõ, & maravilhas na facundia dos Oradores, & dos Poetas. Huns arrezoaõ, oraõ, & peroraõ como Isocrates, Cicero, Mureto, Gallandio, & Ubaldo; outros transformaõ as naturezas, como Ovidio; outros contemplaõ os Astros, como Manilio; & outros especulaõ a natureza dos Elementos, como Lucrecio. Quintiliano declama, Luciano conversa, Marcial graceja, & pica, Propercio galantea, Lucano guerrea, Anacreonte canta, Terencio arremeda, Juvenal satiriza, Boecio consola, Tasso conquista, Camoens descobre, & triunfa. E se para a memoria dos defuntos se conservaõ os seus retrattos, que outra cousa sois, que hum continuado treslado, & transumpto dos mais insignes Authores, que a morte desfigurou, & cobrio com suas cinzas para apagar a sua lembrança? Nos payneis, & estatuas, se representaõ as feiçoens do rosto, mas como advertio Cardano, os Livros, saõ os espelhos, em que se vem os lineamentos do engenho, & se nas sepulturas se desfaz a figura do corpo, nos livros persevera a imagem do espirito, com cores taõ vivas, & taõ proprias, que podem aliviar os mais saudosos affectos. Que satisfaçaõ, & que gosto naõ teriaõ os doutos, se hoje viraõ a Aristoteles, Arquimedes, Hippocrates, Herodoto, Tito Livio, Ulpiano, Virgilio, Horacio, Plutarco, Plinio, Seneca, Origenes, Lactancio, Theophilacto, Hugo Cardeal, Cesar Baronio, Alexandre de Ales, Alberto Magno, & outros infinitos varoens, oraculos dos seus tempos, & hoje assombro da posteridade? Mas que se veria na exterior figura de seus corpos, senaõ Simulacros de barro vivo, & estatuas de lodo organizado, ludibrios do tempo, & victimas da morte? E que comparaçaõ teria este espectaculo, com o que se nos offerece nesses theatros, em que sò se representa o immaterial da sua intel-

Scripta nostra cum legimus, nos ipsos intuemur, velut in speculo ipso. Effigies corporis, ipso absente, decedit, at imago animæ manet in libris etiamsi homo ipse non adsit, sunt ut picturæ, & statuæ, sed quæ in omnium conspectu sunt, & augent authoritatem, translata. *Cardanus de libris proprijs.*

Sidonius Apollinaris scribens amico suo Philagrio. lib. 8. Epist. 14. quia absentis opera por-

intelligencia, & o incorruptivel da doutrina, com que nos Leitores sempre fructifica a Arvore da Vida Moral, que a estampa lhe deu, com folhas, que nem se murchaõ nos ardores do Estio, nem cahem com os ventos do Outonno?

legebat: Ego, inquit, illum Philagrium video, cujus si tacentis viderem faciem, Philagrium non viderem.

De maneira que, vivem esses mortos, & vivem para o ensino dos vivos, & se alguns delles se achaõ despidos, & nûs, experimentaõ logo os effeitos da vossa misericordia, *Virtuosissima Princeza*, porque naõ permittis, que os a que o tempo, & o uzo consumiraõ o vestido, fiquem expostos ás indecencias de huma vergonhosa pobreza. Affonso Rey de Aragaõ, & de Sicilia vendo as obras de Vitruvio mal cosidas, & sem ornato, as mandou ricamente encadernar, dizendo, que naõ era razaõ, que hum taõ insigne Arquitecto, que nos ensinava a cobrirnos contra as injurias dos Ares, estivesse mal cuberto, & mal agasalhado. Com esta mesma piedade, & aggradecimento estais continuamente cobrindo a desnudez dos a que os Annos tiráraõ a sua primeira vestidura, & com galas taõ luzidas os enfeitais, que muytos delles se vem mais luzidamente trajados nas suas obras, do que antigamente o foraõ as suas proprias pessoas. Verdade he, que este beneficio naõ califica a substancia dos livros, mas com elle se honra a ciencia dos Authores, & a pompa exterior de huma obra, he hum lustroso accidente para a gloria do engenho de seu artifice. Das maõs de Deus sahio o Mundo, como hum livro dividido em quatro partes, que saõ os quatro Elementos, & distincto em muitos generos, & especies de viventes, vegativos, sensitivos, & racionaes, como em differentes capitulos, & paragrafos, & cheo de tantos caracteres, quantas saõ as criaturas, que nelle se encerraõ. Neste misterioso Livro, as horas dos dias saõ os numeros das folhas, as correntes dos Rios, & os regos dos campos, saõ como regras; as prayas do mar, saõ as margens; as charnecas, & os desertos, saõ os vaõs, & os espaços em que nada está escrito;

LI.

Non decet librum hunc, qui nos quomodo contegamur, instruit, detectum esse. *Panormitan. lib. 1. de Gestis Alfonsi.*

Universa hæc mundi moles, perinde est ac liber litteris exaratus palam contestans ac deprædicans gloriam Dei. D. Basil. Homil. undecima in Hexameron.

os

os montes, as Baléas, & os Elefantes, saõ as lettras cabidelas; nas areas, nos mosquitos, & nas formigas, se figuraõ os pontos, & as virgulas. Nos Arcos celestes, que de tempo em tempo apparecem, se representaõ parenthesis, ou clausulas da paz, que Deus antigamente fez com os homens. Os monstros saõ as erratas (da natureza, mas naõ do Author della) & as producçoens mais perfeitas, saõ as emendas. O tempo, que tudo descobre, he o index das materias, o homem he o Leitor, & a morte he o fim. Este grande Livro aberto à curiosidade dos nossos engenhos, está envolto em si mesmo, & forrado com as Esferas, & os Ceos, que (como advertio o Profeta Rey) saõ como pelles os pergaminhos, que se estendem para o cobrir. O Sol, & a Lua, saõ como duas chapas, ou brochas, que tem maõ nelle com o vigor das suas influencias; fôrma a via Lactea huma filágrana de prata para o adorno, & as Estrellas parecem preguinhos de ouro em pasta azul, com imperceptivel artificio, & com estes esplendidos attavíos, sò o Ceo podia dignamente vestir o Livro, de que Deus he o Author. Tambem aos Livros, com que o engenho humano, que tem sombras de divino, sahe à luz do Mundo, he devido algum genero de ornato, que naõ he justo, que se receba em hum vil aposento, hum taõ nobre hospede, como o engenho. De Sergio Galba, que tinha em hum corpo deforme hum bellissimo engenho, disse hum discreto, *Ingenium Galbæ malè habitat*, mal agasalhado está o engenho de Galba: naõ poderá outro dizer o mesmo dos soberanos engenhos, que nesse pomposo hospicio se recolhéraõ, porque todos vaõ sahindo com adornos demostradores de suas prendas, & como os filhos dos antigos Emperadores, que recem nascidos eraõ enfaxados em Purpura, tornaõ em certo modo a nacer vestidos de graã, & misteriosamente vermelhos, porque os ignorantes perdéraõ toda a vergonha, & sò nos discretos se acha huma modesta erubescencia.

Arcum meum ponam in nubibus, & erit signum fœderis inter me, & inter terram. Genes. 9. vers. 13.

Mundum tradidit disputationi eorum. Eccles. cap. 3. vers. 11.

Extendens Cœlum sicut pellem. Psalm. 103. vers. 2.

In Galbam eloquentiâ clarum, sed quem habitus corporis destruebat, M. Lollij vox circumferebatur: Ingenium Galbæ malè habitat. *Macrobius lib. 2. Saturnalium cap. 6.*

Etiam in purpurâ nasci Imperatorum filios volebant. *Annal. lib. 7.*

No meyo de tantas virtudes, que se uníraõ para formar

 a vos-

a vossa coroa, naõ achava (*Virtuosissima Princeza*) a virtude da Religiaõ, que consiste no culto divino, porque no ambito interior da vossa jurisdiçaõ, naõ há altares, naõ se frequentaõ os Sacramentos, & naõ se préga a palavra, nem se ouvem cantar os louvores de Deus; mas vejo finalmente, que nem esta virtude vos falta, porque toda a vossa occupaçaõ he ensinar, & ensinar aos homens, que saõ as imagens da Divindade, he huma especie de culto, que se faz a Deus. No Templo, que he lugar de oraçaõ, se assentou o Senhor no meyo dos Doutores, & naõ reparou em se ausentar de seus pays para ensinar, porque ensinar o que Deus quer de nós, he dar gloria a Deus. Em muitos Lugares da Escritura se mostra Deus assentado sobre os Cherubins, que saõ como os Doutores das Jerarquias inferiores, porque em certo modo descança Deus nos que ensinaõ aos outros a sua vontade. Se o ensinar aos homens naõ fora servir a Deus, quem exercitára este officio com os trabalhos, que comsigo traz o estudo, & sem merecimentos para a vida eterna? Verdade he, que no caminho do Ceo, primeiro he o obrar, que o ensinar; porèm naõ se pôde obrar, se naõ se sabe; naõ se sabe, se naõ se aprende; & naõ se aprende, se naõ se ensina. Logo o que importa, he, obrar juntamente, & ensinar, & os que ensinaõ como convem, obraõ no mesmo tempo que ensinaõ. Por isso diz Gerson, que a vida de hum Escritor, que compoem Livros uteis, & necessarios, he huma continua serie de obras meritorias, comprehendidas nestes tres versos. Gerson lib. de Laude Scriptorum.

Prædicat, atque studet Scriptor, largitur, & orat,
Affligitur, sal dat, fontem, lucemque futuris,
Ecclesiam ditat, armat, custodit, honorat.

O Escritor sem subir ao pulpito, préga, naõ com a lingoa, mas com a penna, que faz as suas palavras mais duraveis, & naõ as faz soar na breve esfera de hum auditorio, mas successivamente as communica a todo o Mundo; o Escritor aindaque aperte a maõ, quando escreve, dá com largueza esmolas a todos, & os mais ricos mendigaõ delle, o que naõ sabem. O Escritor faz oraçaõ, pedindo a Deus, que

Prædicat.
Largitur.
Et orat.

que

que o alumée, para poder alumiar aos outros, busca o retiro para a contemplaçaõ, apartado dos homens, & unido com Deus, & na variedade dos Authores, procura conhecer melhor o unico Author de tudo; & esta, como adverte o mesmo Gerson, he a razaõ, porque os que dignamente se occupaõ em compor Livros, estaõ justamente izentos da frequentaçaõ dos Officios Ecclesiasticos: *Scribens est quasi orans, & hoc munus salvat, & absolvit ab officiorum Ecclesiasticorum frequentatione.* E no Concilio de Basiléa celebrado no Anno de mil & quatrocentos & trinta & outo, foi determinado, que os Theologos das Cathedraes, naõ fossem obrigados à assistencia dos Divinos Officios, & que a auzencia naõ prejudicasse ao emolumento temporal dos que trabalhavaõ para os espirituaes augmentos da Igreja. Tambem o Escritor, privandose de muitos gostos, & satisfaçoens da vida, mortifica o corpo para alentar o espirito, poupa para o estudo as horas, que tira ao sono, dá tratos ao engenho, inquirindo a verdade, & com agonias mais trabalhosas, que as da morte, porque menos lastimadas, dá finalmente alma ás suas obras. Em conclusaõ distribue o Escritor o sal da discriçaõ, abre as fontes da mais pura doutrina, communica a luz da verdade, & com a abundancia, firmeza, perspicacia, & authoridade da sua doutrina, enriquece, arma, guarda, & honra a Igreja.

Gerson ibidem.

Theologus in Cathedrali, ut liberiùs studijs vacare possit, nihil perdit cum absens fuerit à divinis. *Concil. Basileens. Sess. 31. Anno 1438.*

Affligitur.

Sal dat, fontem, lucemque futuris.

Ecclesiam ditat, armat, custodit, honorat.

Supposto isto, quem melhor que vós executa todos estes actos, *Virtuosissima Princeza*, que com a copiosa doutrina de Escritores em todas as materias concernentes à Religiaõ, & ao culto de Deus, ensinais aos Prelados, como haõ de governar as suas Igrejas; aos Parocos, como haõ de ministrar os Sacramentos; aos Ministros da Igreja, as ceremonias ecclesiasticas; & aos Directores das Almas, as regras da vida espiritual. Aos Prégadores dais assumptos, & conceitos para os Sermoens; aos Anacoretas, alivios para a soledade; aos Misticos, materias para a meditaçaõ; & aos Zeladores da Fé, argumentos para convencer a impiedade dos Atheos, a infidelidade dos Here-

Nn.

Hereges, & a perfidia dos Judéos. No Levitico prohibio Deus aos Israelitas, que nos seus Sacrificios lhe offerecessem animaes cegos, por ventura, porque nelles se significaõ os ignorantes, & a cegueira da ignorancia, escurece a gloria do Sacrificio. Quantas victimas podeis offerecer, *Virtuosissima Princeza*, gratas a Deus, porque com vista. Todos os Argos da Theologia, & os Linces da Filosofia vos escolhéraõ para Firmamento das suas luzes, & em vós está Deus vendo os panegyricos da sua gloria com caracteres mais significativos, que as estrellas. Nos seus Templos guardavaõ os Antigos os seus Livros, como cousas sagradas; Sesostris Rey do Egypto teve a sua Livraria no Templo de Serapis. Faz Galeno mençaõ de huma Livraria, que estava no Templo da Paz. Nas memorias da Cidade de Antioquia, acho outra Livraria no Templo, que foi dedicado ao Emperador Trajano. Mas que continhaõ estas Livrarias, senaõ profanas doutrinas, incentivos de huma vaã curiosidade, & alimentos da superstiçaõ do Paganismo? Vós pello contrario sois como o Sanctuario de todas as ciencias celestes, & divinas, & até os Livros das ciencias naturaes, & humanas, saõ dignos de veneraçaõ, porque saõ as reliquias, & os depositos de felices, & milagrosos engenhos. Naõ he logo maravilha, que com tantas virtudes chegueis a obrar milagres; com os collyrios da vossa doutrina, offereceis a vista aos cegos, & a falla aos mudos, com essa grande copia de palavras. Qualquer parte de vós está juntamente em muitas outras partes do Mundo. Sois tratavel, aindaque sem vida, & com muito espirito, aindaque sem sangue; naõ se diminue o maná, que de vós se colhe, & parece milagre, que sem prejuizo da vossa modestia, estejais exposta à curiosidade, dos que logrão a dita da vossa conversaçaõ: Mas huma açucena, aindaque cercada de Abelhas, naõ deixa de ser flor; assim perseverais inteira, aindaque communicada, & as assistencias, que permittis, naõ offendem os decoros do vosso recolhimento.

Margin notes:

Si cæcum fuerit, si fractum, & non offeretis ea Domino. Levitic. cap. 22 n. 22.

Cœli enarrant gloriam Dei. Psalm. 25. v. 27.

Ammian. Marcel. lib. 22.

Galen. lib. 1. de Compositione Medicamentorum.

Suidas.

O bem,

Oo. O bem, que por ſua natureza he communicativo, naõ pára no principio, de que recebéo o ſer, mas com favoravel efficacia ſe eſtende, & ſe deixa lograr dos que ſe achaõ na Esfera da ſua actividade. Huma tocha naõ alumea ſô ao que a acende; o fogo naõ aquenta ſô ao que o atea; a fonte naõ lava ſò o valle em que naſce, nem a palavra ſe faz ouvir ſô da peſſoa que a pronuncia, & com eſſes Livros, que ſaõ tochas da verdade, lavaredas do engenho, ſontes do ſaber, & ſubſtitutos da palavra, naõ ſô aproveitais ao Illuſtriſſimo, & Reverendiſſimo Prelado, que vos deu o ſer, mas com univerſal beneficencia eſtais tacitamente ſolicitando a utilidade da Republica. Eſcreve Eliano, que os Principes de Mitilene introduziaõ nos ſeus eſtados a ignorancia, para caſtigo dos povos, que ſe lhe rebellavaõ, & para eſte effeito deſterráraõ os doutos, & extermináraõ as Academias, & affirma Plutarco, que Cyro deu o meſmo caſtigo aos povos da Lydia, & Xerxes aos de Babilonia. Se a proſcripçaõ das lettras he hum dos mayores caſtigos, que ſe pôde dar a hum Reyno, claro eſtá que o eſtabelicimento das ciencias com a abundancia dos Livros, he hum dos mayores beneficios, com que ſe pôde procurar a felicidade de huma Monarquia. Eſte zelo do bem commum he hoje o cuidado deſſe grande Prelado, que naõ ſatisfeito da gloria de huma taõ auguſta, como antiga aſcendencia, nem da fama de tantos Heroes, de quem herdou com o ſangue, & acrecentou com ſuas prerogativas, a gloria, fez do ſeu Palacio, o domicilio de todas as ciencias, para fazer da ſua Patria, o theatro de todas as virtudes.

Pp. E vós, *Sereniſſima Princeza*, juſtamente vos podeis gloriar, de ter debaxo da voſſa juriſdiçaõ mayor numero de vaſſallos, que os mayores Monarcas do Mundo, porque em cada lettra, tendes hum ſubdito, & todos juntamente formaõ a idéa de hum feliciſſimo Imperio; porque ſaõ taõ leaes, que daõ cumprimento a todas as pala-

vras;

vras; taõ compostos, & bem disciplinados, que com elles se fazem todas as regras; juntos naõ fazem confusaõ, & apartados, naõ saõ desavindos; todos estaõ contentes com o posto, que a sorte lhe deu, todos tem officio, & aindaque naõ se movaõ, naõ estaõ ociosos, & taõ fóra estaõ de ambiciosas presumpçoens, que hum delles, com que se significa o Mundo, naõ repugna em ser no Algarismo, a figura do nada. Naõ fallo nos regalos da vossa Corte, *Sereniſſima Princeza*; todos saõ taõ puros, que sô o entendimento os gosta. Com estas innocentes delicias cativastes os affectos do Author da vossa grandeza. Lá disse Ovidio, que o Sol olhava só para a Nimpha, a que amava, sem attentar pello restante do Mundo.

Leucothoen spectas, & virgine figis in una, Ovid. 4. Metamorphos.
Quos Mundo debes oculos.

O mesmo podemos dizer do Sol, de que as vossas prendas merecéraõ os aggrados. Naõ tem o Mundo objectos dignos da sua attençaõ; sô vós sois o emprego de seus doutos desvelos, & he todo vosso com taõ primorosa singularidade, que as suas maõs saõ o berço, em que nascestes, & muitas vezes saõ o trono, que vos sustenta; a sua memoria, he o vosso retrato, a sua comprehensaõ, o vosso Arquivo, & essas obras, em que se cançáraõ laboriosos engenhos, saõ todo o seu alivio. Que exemplar, & que digna de imitaçaõ he a vida de hum Princepe Ecclesiastico, divertida com taõ louvaveis entretenimentos? Aos Sacerdotes, & aos Bispos prohibem os Concilios, todos os profanos passatempos do Mundo, & sô lhe concedem huma honesta, & santa recreaçaõ, na liçaõ dos Livros; naõ podia este exemplarissimo Prelado guardar este preceito mais ao pé da lettra, porque sempre está contemplando as vossas lettras, *Sereniſſima Princeza*, & creyo, que muytas vezes vos falla com o mesmo affecto, & fineza, com que hum grande Ministro de Estado deixou patente ao Mundo, o amor que teve aos seus Livros.

Concilium Romano-Brittanicum anno 680. prohibet Episcopis, & omnibus Ecclesiastici ordinis, cytharædos, jocos, ludos, ut toti divinorum eloquiorum lectioni impendantur. tom. 16. Concilior.

Salvete

Henricus Ranzovius Regi Daniæ ab intimis Consilijs. Refert hos versus hendecasyllabos. *Natan Cythræus in delic. sui Itinerar.*

Salvete aureoli mei libelli,
Meæ deliciæ, mei lepôres,
Quàm vos sæpe oculis juvat videre,
Et tritos manibus tenere nostris!
Tot vos eximij, tot eruditi
Prisci lumina sæculi, & recentis
Confecere viri, suasque vobis
Ausi credere lucubrationes,
Et sperare decus perenne scriptis.
Neque hæc irrita spes fefellit illos,
Vestro præsidio per universum
Ævo perpetuo leguntur orbem.
Doctorumque volant per ora clari.
Vos estis requies honesta mentis,
Iucunda ingenijs bonis voluptas,
Rebus perfugium minùs secundis,
In lætis decor, & nitor refulgens.
Vos ætate puer virente, magno
Sum complexus amore; nunc vir autem
Multo prosequor impotentiore;
Et quam Fata diu sinent amare,
Vobis immoriar mei libelli:
Ac cum Rege lubens fatebor illo
Alfonso egregio, esse chariores
Vestras delicias mihi, benigna
Quam sors, quas mihi contulit caducas.
Salvete aureoli mei libelli,
Salvete, ex quibus hæc mihi voluptas
Ævum percipitur per omne grata,
Quàm vos intueor libenter, & quàm
Lubens colloquor! ecquid æstimandum est
Curis esse beatius solutis.

D. RAFAEL BLUTEAU,
Clerigo Regular Theatino
da Divina Providencia.

LICENÇAS,

HOc opus inſcriptum *(Primicias Evangelicas)* à R. P. D. Raphaele Bluteau noſtræ Religionis Theologo compoſitum, & juxta aſſertionem PP. quibus id commiſimus, approbatum; ut Typis mandetur, quoad nos ſpectat, facultatem concedimus. In quorum fidem præſentes litteras manu propria ſubſcripſimus, & ſolito noſtro ſigillo firmavimus. Datum Romæ 6. Maij 1684.

D. Caietanus Paganus Præpoſitus Generalis Cler. Reg.
D. Jo. Baptiſta Peſcara Secretarius Cler. Reg.

IUſſu admodum Reverendi Patris D. Caietani Pagani noſtræ Congregationis Præpoſiti Generalis opus inſcriptum *(Segunda Parte das Primicias Evangelicas)* à P. D. Raphaele Bluteau Clerico Regulari, & Luſitano idiomate elucubratum, perlegimus; & nihil in eo reperimus, quod Fidem Orthodoxam offendat, aut bonis moribus contradicat; imò ſolidiſſimam Doctrinam, eamque tum validiſſimis rationibus, tum graviſſimis SS. Patrum teſtimonijs, atque Scripturarum authoritatibus roboratam, ſumma animi jucunditate deprehendimus. Idcircò luce digniſſimum opus cenſemus, quòd profuturum omnibus ſit, Authoriſque felicem ingenij ubertatem, atque eruditionem abundè perhibeat. Datum Ulyſſipone in Ædibus noſtris Sanctæ Mariæ de Divina Providentia, Septimo Kal. Decembris 1684.

D. Andreas Ciuffardus Cl. R. Sacræ Theol. Profeſſor.
D. Nicolaus Barby Cl. Reg. Sac. Theolog. Profeſſor.

VIſtas as informaçoens, pódeſe imprimir o Livro das Primicias Evangelicas do Padre D. Raphael Bluteau, de que eſta petiçaõ faz mençaõ, & depois de impreſſo tornarà para ſe confe-

fir, & dar licença que corra, & ſem ella naõ correrà. Lisboa 7. de Janeiro de 1684.

Manoel Pimentel de Souſa. Manoel de Moura Manoel. Jeronimo Soares. Joaõ da Coſta Pimenta. Bento de Beja da Noronha.

POdeſe imprimir eſte Livro do Padre Dom Raphael, & depois tornarà para ſe conferir, & ſe dar licença para correr, & ſem ella naõ correrà. Lisboa 11. de Janeiro 1684.

Serraõ.

SENHOR.

LI o Tomo Segundo das Primicias Evangelicas, que compoz o Padre Doutor Dom Raphael Bluteau, & quando as experiencias do ſeu grande engenho, lhe naõ tiveraõ já, em o ſeu primeiro Tomo adquirido, ſe eſculpiſſe o ſeu nome em as duraçoẽs da Fama, o ſegundo lhe grangeára as maiores eſtimaçoẽs à ſua peſſoa; naõ ſò pela gravidade do eſtilo com que perſuade, & ſingular eloquencia com que enſina as perfeitas leys da Oratoria, mas pela vaſtidaõ de noticias, em que faz preſentes ao noſſo conhecimento todos os ſeculos paſſados, deſcubrindo entre as ruinas da antiguidade o melhor theſouro, na erudiçaõ dos maiores homẽs daquelles tempos. E ſe o Emperador Gordiano teve a jactancia de juntar ſettenta & dous mil volumes, & ElRey Eumenes filho d'ElRey Atalo fez huã Livraria em Pergamo, compoſta de duzentos mil livros, & Ptolomeu Philadelfo outra de ſeis centos mil corpos de livros; & o Tacito, que com diſcreta ambiçaõ deixou a Athenas exhauſta, de quantos livros lhe chegáraõ à noticia; todos eſtes naõ tiveraõ a fortuna, de colher eſtas Primicias, para luſtre de taõ grandes Livrarias: pois qual outro Anaximandro, que com deſtro pincel foi o primeiro que à brevidade de hum mapa reduzio toda a extençaõ do mundo; neſte Volume ſe acha huã Univerſidade de todas as Artes, & Sciencias, pois de todas às divinas, & humanas ſe colhem nelle muitas doutrinas: de maneira que ſendo Philoſtrato o primeiro que chegou a fazer Livraria, ſe alcançára eſte ſeculo, ſò deſtas Primicias a formára. Mas ſeu Author com inimitavel modeſtia, a priva da gloria de ſingular; porque

eli-

religiosamente o dedica, a assistir em a companhia dos mais livros, achando, ficaria estranho a toda a estimaçaõ, se se naõ offerecesse a taõ illustre congresso, em que se vem juntos os mais selectos, que na nossa Europa tem sahido a luz. Pelo que me parece mui digno de V. Magestade lhe dar a licença que pede para se imprimir. S.Bento de Xabregas em 16. de Fevereiro de 1684.

O Doutor Luis da Annunciaçaõ

QUe se possa imprimir vistas as licenças do S. Officio, & Ordinario, & depois de impresso tornarà a esta mesa para se conferir, & taxar, & sem isso naõ correrà. Lisboa 19. de Fevereiro de 1684.

Roxas. Noronha. Marchaõ. Azevedo.

VIsto constar conforme com seu Original, póde correr este Livro. Lisboa 23. de Outubro de 1685.

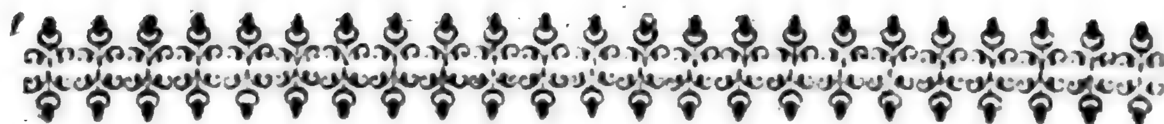
Manoel Pimentel de Sousa. Manoel de Moura Manoel. Jeronimo Soares. Joaõ da Costa Pimenta. Bento de Beja da Noronha.

POde correr. Lisboa 25. de Outubro de 1685.

Serraõ.

TAixaõ este Livro em sinco tostoẽs. Lisboa 26. de Outubro de 1685.

Roxas. Lamprea. Marchaõ. Azevedo.



INDEX

DOS SERMOENS QUE SE contém em esta Segunda Parte.

AS TARDES DOS TARDES.

SER-



SERMAM DO NASCIMENTO DO SENHOR.

Prégado na Capella Real no Anno de 1679.

Gloria in altissimis Deo, & in terra pax. Luc. 2.

I.



NO nascimento do Sol, os montes mais altos, saõ os primeiros, que recebem a sua luz (Muito altos, & poderosos Princepes, & Senhores nossos) no nascimento do Sol, os montes mais altos saõ os primeiros, que recebem a sua luz; felice presagio para os Princepes, que estaõ nos altos da soberania, & do Imperio: que aindaque o Sol encarnado, Christo Senhor Nosso, nasça para todos, parece que os seus primeiros resplan-

dores se communicaõ aos montes, quero dizer aos Princepes da terra: *Suscipiant montes pacem populo, & colles justitiam.* Logre V. A. estas primeiras influencias do sol da graça, com tanto mayor ventajem, quanto mais alto he o trono, em que V. A. sobrepuja aos Astros das mais illustres Monarquias.

Psalm. 71.

2. Para ajustar o Sermaõ com o tempo, digo que o portal de Belem, he huma Corte, em que tambem há Cortes. Nestas misteriosas Cortes, os Anjos, saõ os procuradores do Ceo, os Pastores, saõ os procuradores da terra, & no meyo destes cortezaõs angelicos, & humanos, está o Princepe da gloria presidindo aos Actos, em que se trata de hũa materia naõ menos importante, que a redempçaõ do mundo. Verdade he, q̃ este divino Princepe, naõ necessita de Conselheiros, porque sendo a mesma sabedoria, só elle pode ser Conselheiro de si mesmo, & por isso lhe chama Isayas, Princepe juntamente, & Conselheiro: *Vocabitur nomen ejus, Consiliarius, Princeps pacis:* & esta he a razaõ, porque sem dependencia alguma dos votos, & pareceres dos que lhe assistem, resolve com silencio huma questaõ, que se hoje se ventilára nas Cortes, entendo que causára taõ grandes duvidas, que por muitos dias ficára indecisa. Esta questaõ taõ difficultosa depende de huma supposiçaõ. Supposto que houvera hum Princepe, cercado de tres differentes inimigos, pergunto, que conselho lhe dariaõ os cortezaõs neste perigoso embaraço? O persuadirlhe, que offereça a paz a esses tres inimigos, he obrigalo a manifestar a insufficiencia das suas armas, & pelo contrario, se o aconselhaõ, que a todos tres mova guerra, expoem os seus Estados a huma inevitavel ruina. Logo que determinaçaõ tomariaõ os Estadistas neste caso? Em quanto estais interiormente consultando este ponto militar, & politico, quero declarar o motivo, que me obriga a propor

Neste tempo se celebravaõ as Cortes.

Isai. 9. 6.

esta questaõ, que parece totalmente alheya do intento da Igreja, na solemnidade deste dia.

3. Neste mundo, tem Deus tres inimigos, hum antigo, outro novo, & outro muito antigo, & sempre novo. Primeiramente o antigo inimigo de Deus, he o homem, porq desde o principio do mundo, fez o homẽ liga com o Demonio, & persuadido das suas sacrilegas promessas pretendéo igualarse com Deus. Em segundo lugar o novo inimigo de Deus, he a morte; bem sei, que a morte naõ he inimiga de Deus, em quanto Deus, mas antes he o mais poderoso ministro da divina justiça; só a morte he inimiga de Deus, em quanto homem, porque Deus, em quanto homem está sugeito ás tiranias da morte, & por isso, chamo a morte, inimigo novo, porque Deus, que antes de se fazer homem, era immortal, depois de humanado, se fez passivel, & mortal em quanto homem, & no mesmo berço, em que hoje o adoramos, já começa a morte a formar dos instantes da sua vida, os seus trofeos; finalmente o inimigo de Deus muito antigo, & sempre novo, he o peccado, porque o peccado he taõ antigo como o mundo, & he taõ novo, que todos os dias se renova, & se multiplica; de maneira que, tem Deus humanado tres inimigos, o homem, a morte, & o peccado, & supposto o seu poder he taõ soberano, que a todos tres pudera mover guerra com certeza da victoria, obra ao modo humano, & conformandose com as leys da nossa prudencia, ensina com o seu exemplo, o que se houvera de aconselhar a hum Princepe, no caso que tenho proposto. O melhor conselho, que so póde dar a hum Princepe combatido de tres inimigos, he que faça pazes com hum, tregoas com outro, & guerra ao terceiro. Esta he a soluçaõ da duvida, & nella temos toda a materia do Sermaõ, em que veremos como Christo Senhor Nosso, no dia de seu Nascimento, fez pazes

com o homem, tregoas com a morte, & guerra ao peccado.

4. Estes tres assumptos parecem misteriosamente encerrados na ultima palavra do meu Thema: *Gloria in altissimis Deo, & in terra PAX*; porque esta ultima palavra PAX, he composta de tres letras, cada huma das quaes nos dará materia para hum discurso. O. P. significa paz; o A. composta de duas partes, nem totalmente unidas, nem totalmente separadas, he o symbolo da tregoa, em que as partes, nem totalmente se unem, nem totalmente se apartaõ, & o. X. que se forma de hum talho, & de hum revez, he o jeroglyphico da guerra, em que huns, & outros se ferem, & se mataõ, com o talho, & o revez da espada. Já estou vendo, que alguns se anticipaõ em condenar a accomodaçaõ destas letras, como invençaõ pueril, & alheya da gravidade de hum Orador Evangelico, mas advirtaõ estes criticos, que na Sagrada Escritura, naõ sô as palavras, senaõ tambem os caracteres, com que he escrita, tem muita efficacia, & que as mais pequenas letras, servem tal vez para descobrir grandes misterios; de mais do que, razaõ he, que os mais sabios naõ tenhaõ pejo de soletrar as palavras como meninos, quando a Sabedoria divina entra na escola deste mundo em forma de menino. Comecemos pela primeira letra, em que se significaõ as pazes, que Deus humanado faz com os homens para exaltaçaõ da sua gloria: *Gloria in altissimis Deo, & in terra PAX.*

Iota unum, aut unus apex non praeteribit. Matth. cap. 5. vers. 18.

Nihil enim temerè vel fortuito loquitur divina scriptura, sed & syllaba, & apiculus unicus reconditum habet thesaurum, nam in hunc modum se habent spiritualia omnia. Chrysostom. Homil. 18. in Genes.

I. PARTE.

5. Na paz, que hoje faz Deus com os homens, naõ sô os homens saõ os enteressados, mas tem o mesmo Deus nesta paz singulares conveniencias. Notavel proposiçaõ! Convem a Deus que faça pazes com os homens? Sim: & que razaõ pôde haver na politica do Ceo para fundamento desta conveniencia? Apontou

Isaias a razaõ muitos annos antes da encarnaçaõ do Verbo. Chama Isaias ao Verbo encarnado, Princepe da paz: *Vocabitur nomen ejus Princeps pacis:* & logo acrescenta o mesmo Propheta, que se multiplicará o Imperio deste Princepe da paz: *Multiplicabitur ejus Imperium.* Mas como póde ser, que hum Princepe acrescente por meio da paz o seu Imperio? Os Imperios acrescentaõse com as conquistas, as conquistas fazemse com as victorias, & as victorias alcançaõse nas batalhas. Logo, se neste dia cessaõ as guerras do Ceo, & se o Princepe da paz, deixa as armas, como póde acrescentar o seu Imperio? Daõ os Theologos outra razaõ desta impossibilidade. Na divina essencia, que he infinita, se comprehendem todos os bens criados, futuros, & possiveis, & ainda que Deus criára mais mundos, que areas, naõ fora mais poderoso do que he, porque já tem poder para os criar, & por consequencia, he taõ Senhor delles antes da sua criaçaõ, como fora depois, se os criára. Mas sem embargo de todas as razoẽs naturaes, & theologicas, digo que Deus acrescenta com a paz o seu Imperio: *Multiplicabitur ejus Imperium.* Provo o que digo. Primeiro que fizesse Deus pazes com os homens, naõ há duvida, que os homens eraõ vassalos de Deus; mas que vassalos? Vassalos rebellados, vassalos desleaes, & Reos de lesa magestade divina; vassalos por natureza, & por necessidade; mas naõ vassalos por amor; & com esta supposiçaõ, podia Deus dizer, que naõ era Rey de semelhantes vassalos; porque o Rey a que falta o amor de seus vassalos, naõ se deve ter em conta de Rey.

Isai. 9.

Id. ibid.

6. A este divino Rey humanado, perguntou o presidente Pilatos, se era Rey dos Judéos: *Tu es Rex Judæorum?* Respondeo o Senhor: *Tu dicis.* Tu o dizes. Como se dissera o Senhor, tu Pilatos dizes, que sou Rey dos Judéos, eu

Matth. cap. 27. vers. 11.

naõ o nego, porque assim he; mas naõ o affirmo, porque he o mesmo, que se naõ o fora; que se os Judéos me negaõ a obediencia, se os Judéos blasphemaõ meu nome, & se os Judéos estaõ actualmente maquinando a minha morte, como queres tu, que eu diga, que sou Rey dos Judéos? *Tu dicis.* Hugo Cardeal neste lugar: *Tu dicis; quasi dicat, ego non dico, sed tu.* O amor dos subditos, he a coroa dos Reys, & os subditos naõ se contaõ pelo numero, mas pelo affecto. No inferno tem Deus debaxo do seu poder mayor numero de criaturas, do que em nenhuma parte do mundo; porque conforme a commua opiniaõ, mais saõ os condenados no Inferno, que os Anjos no Ceo, & os homens na terra; mas naõ achareis em toda a Sagrada Escritura, que Deus se chame Rey do Inferno? Pelo contrario, muitas vezes se chama Deus, Rey do Ceo, & Rey da Terra: & porque naõ Rey do Inferno? Porque no Ceo, todos os Anjos amaõ a Deus, & muitos homens amaõ a Deus na terra; mas no Inferno, nenhum dos condenados ama, nem póde amar a Deus, & aonde hum Rey, naõ he amado, naõ he Rey.

7. Antes do Nascimento de Christo, que era a terra, senaõ huma imagem do Inferno? Os seus habitadores eraõ todos, senaõ condenados, dignos da eterna condenaçaõ; porque exceituando a gloriosa Virgem Mãy de Deus, todos os homens estavaõ comprendidos na culpa de seu primeiro pay, & além da culpa original, que geralmente se estendia a todos, as culpas de cada hum em particular faziaõ guerra a Deus; a cegueira dos Gentios escurecia a sua gloria; a ingratidaõ dos Judéos atropellava os seus beneficios, & estavaõ os homens taõ tiranamente Senhores dos estados de Deus na terra, que pouco tempo antes de nascer, naõ achou Deus lugar, nos lugares de seu Senhorio: *Non erat eis locus:* & foi força que andasse

Luc. cap. 2. vers. 7.

dasse por portas, porque as dos coraçoens estavaõ cerradas. Verdade he, q̃ Deus como criador do mundo, he Rey de todos os seus habitadores, mas ainda era preciso, que este divino Rey fizesse novas conquistas para gloria, & acrescentamento do seu Reyno. As conquistas de Deus, saõ os coraçoens dos homens, & cada coraçaõ he hum Imperio, em que acha Deus tantas coroas, quantas finezas, & tantos tributos, quantos affectos. Mas porque meio fará Deus a conquista dos nossos coraçoens para augmento da sua monarquia? Por meio da paz, porque a paz he causa da uniaõ, a uniaõ he effeito do amor, & para com os homens, mais póde Deus com as ternuras de seu amor, que com as asperezas de sua justiça.

8. No Apocalipse appareceo o Senhor em duas differentes figuras, em figura de Leaõ, & em figura de Cordeiro, mas vejo que em quanto Leaõ, ninguem segue ao Senhor, & pelo contrario, todos seguem ao Senhor em quanto Cordeiro: *Hi sequuntur agnum*: Deus Apoc. 14. vers. 4. com a formidavel magestade de Leaõ, fica sô, & por isso sô, porque temido; mas na benigna apparencia de Cordeiro, Deus he seguido, & por isso seguido, porque amado: *Hi sequuntur agnum.* Suspirando o Propheta Isaias pelo Nascimento do Senhor, pedia a Deus, que mandasse o Cordeiro dominador da terra: *Emitte agnum Domine dominatorem terræ*: mas se he Cordeiro, como há de dominar? Se he Cordeiro, como há de vencer? E comque armas poderá hũ Cordeiro sojugar o mundo? Com a sua propria mansidaõ: que como advertiò S. Joaõ Chrysostomo, nenhuma cousa tem para com os homens mayor força, que a brandura: *Nihil mansuetudine potentius*. Que mal Chrysost. in Psalm. 120. conhecem o temperamento do coraçaõ humano, os que pretendem rendello com violencias; o homem foi composto do lodo da terra: *Formavit hominem de limo* Genes. 2. 7.

terræ: por isso tem o coraçaõ do homem o mesmo temperamento, que o lodo, de que foi composto; ás ardentes setas dos rayos do Sol, se endurece o lodo, & aos brandos borrifos do orvalho, se dissolve; assim o nosso coraçaõ, o rigor o endurece, & a clemencia o abranda. Ao Propheta Elias, quiz Deus mostrar as armas, com que costuma abrandar a dureza dos coraçoens humanos, & ouvio Elias espantosos tremores da terra; vio torrentes de fogo, que abrazavaõ os campos, & tormentas desfeitas, que arrebatavaõ os penhascos; naõ duvido, que Elias applaudisse estes estrondosos horrores, porque eraõ conformes à aspereza do seu genio, mas para o desenganar, disselhe o Anjo, q̃ nos terremotos, & nas tormentas, que ouvíra, naõ andava o espiritu do
3 Reg. cap. 19. vers. 11. Senhor: *Non in commotione Dominus, non in igne Dominus:* socegou finalmente esta temerosa tempestade, & sentio Elias huma branda viraçaõ, & hum suave Zephiro: *Sibilus auræ tenuis:* para que entendesse, que esta brandura, & esta suavidade saõ as armas, com que Deus triumfa das nossas obstinaçoens: *Sibilus auræ tenuis; in quo Dominus*, acrescenta Hugo Cardeal. Hug. Card. in 3. Reg. 19.

9. Esta pois he a razaõ, porque Deus offerece pazes aos homens, na mesma hora, em que nasce para os conquistar: *Pax hominibus.* Toda a razaõ de estado, que Deus tem nas pazes, que hoje faz com os homens, he que os homens se sogeitem ao imperio do seu amor, & sabendo Deus, quanto póde para com os homens a humanidade de hum soberano, para todos se humana, & he taõ humano, que parece mais humano, que divino. Ja naõ parece Deus, aquelle formidavel Rey dos Exercitos, porque trocou as suas bandeiras em mantilhas; converteraõse as suas setas em palhas; aquellas maõs, que antigamente fulminavaõ rayos, estaõ atadas, & enfaixadas no berço, & para ser mais amado, fez Deus de

de ſi meſmo o retrato do amor, porque tomou a figura de hum menino. Na opiniaõ de S. Aguſtinho, todos os homens naſcem meninos, porque naſcem em peccado, que ſupoſto todos os partos da natureza, ſaõ pequenos no ſeu naſcimento, & ſó com os progreſſos do tempo, ſe augmentaõ, ſenaõ eſtiveramos comprendidos no peccado de noſſo primeiro Pay: diz S. Aguſtinho, que acelerando a divina omnipotencia os augmentos da natureza, naõ eſtariamos ſogeitos ás imbecilidades da menenice, mas logo depois de naſcidos, lograramos os dotes de huma robuſta mocidade. Neſte felice eſtado, naſceo Adaõ, porque naſceo em graça, chegou Adaõ a ſer grande, ſem creſcer, & com prerogativas de Sol, teve o corpo de Adaõ a meſma grandeza, na aurora da ſua idade, que no meio dia da ſua varonia.

Ejus filios poterat omnipotentia creatoris, mox editos, grandes protinus efficere. *Aug. tom.* 7. 271. *col.* 1. *c.* D.

Huic propoſitioni reſpondemus, Adam propterea non talem creatum, quia nullius parentis præcedente peccato, nos ideò tales, quia illius præcedente peccato, nati ſumus in carne peccati. *Aug. tom.* 7. 291. *col.* 1. *c.* D.

10. Mas ſe as miſerias da infancia, ſaõ caſtigos da culpa, Chriſto Senhor Noſſo que naſceo ſem peccado, porque razaõ naſceo menino? *Cur Chriſtus longe excellentior, & certè ſine ullo peccato natus ex virgine, in hac tamen infirmitate, atque ætate natus apparuit.* A eſta pergunta de S. Aguſtinho, já tenho dado a repoſta. Para ſe fazer mais amavel, naſceo Deus na figura do amor. Lá dizem os Poetas, que o amor, he Deus, & os Pintores repreſentaõ o amor em fórma de menino. Eſtas ſaõ as duas excellencias do amor, a divindade, & a infancia, a divindade para o poder, & a infancia para o agrado; com eſtas duas prerogativas naſce o noſſo divino Infante, porque he Deus, & he menino, logo eſte menino Deus, he o Amor, naõ o Amor dos Poetas, que he hum Deus fingido, nem o Amor que os quadros nos repreſentaõ, que he hum menino pintado, mas he o verdadeiro amor, porque he verdadeiramente Deus, & verdadeiramente menino. Agora entendo a razaõ porque o Propheta Iſaias começa o encomio de Deus huma-

Auguſtin ibid. 291.

humanado por estas palavras: *Parvulus natus est nobis*. Antepoem o Propheta o nome de menino aos titulos, que propriamente competem a Deus, chamalhe Princepe, & chamalhe Rey, mas em primeiro lugar lhe chama menino: *Parvulus*: porque Deus em forma de menino, representa o Amor, & o Amor tudo vence. Apenas apareceo no mundo este divino Amor, que se viraõ a seus pés tres magestades rendidas, & este mesmo Deus, que apparecendo aos Hebréos no meio dos relampagos, dos trovoens, & dos rayos, apenas pode reduzir esta unica naçaõ; fazendo pazes com os homens, & transformandose na figura do amor, sojugou tantas naçoens, quantas saõ as que hoje o amaõ, & o adoraõ em todos os Imperios da Christandade: *Parvulus natus est nobis, vocabitur nomen ejus, Princeps pacis, multiplicabitur ejus imperium*. Neste primeiro discurso temos visto, porque razaõ o Redemptor do mundo faz pazes com os homens, vejamos agora, porq̃ capitula tregoas com a morte, segundo inimigo de Deus, em quanto homem.

Isaiæ 9. vers. 6.

Isai. ibid.

II. PARTE.

11. Saõ as Tregoas, hum Interdito militar, com que se fechaõ os Templos de Marte, socegaõ os combates, & se suspendem as batalhas. Digo pois, que Deus humanado faz tregoas com a morte, porque dilata o mortal conflicto para a ultima hora da vida, em que inclinando no madeiro da Cruz a cabeça, dará com este aceno o sinal da batalha, & no mar de seu sangue afogará a morte: *Ero mors tua, ô mors*. *Ose. 13. vers. 14.*
Duas cousas podia o Senhor fazer para bem do mundo. Para acelerar a nossa Redempçaõ, podia o Senhor morrer, logo depois de nascido, & para visivelmente perpetuar no mundo a sua presença, podia eternizar a vida. Mas neste mundo naõ quiz o Senhor huma morte acelerada,

rada, nem huma vida eterna, & com esta determinaçaõ da sua infinita sabedoria, condenou o Senhor os dezejos de dous generos de homens. Huns quizeraõ, q̃ a morte os levára no primeiro instante do seu Nascimento, isto dezejou Job, quando disse: *Quare egressus ex utero, non statim perij*: & outros dezejaõ perpetuar neste mundo a vida; este he o dezejo dos que vivem affeiçoados aos bens da terra. E por isso os cortezaõs de Nabuco procuravaõ a sua benevolencia, com lizonjas de immortalidade: *Rex in æternum vive*. Mas huns, & outros se enganaõ, porque ao homem naõ convem, morrer logo, nem viver sempre. Primeiramente, naõ convem ao homem, que a morte se siga ao primeiro instante de seu nascimento, porque o homem nasce para merecer, mas naõ pôde merecer sem obrar, nem obrar sem viver.

Job. cap. 3. vers. 11.

Daniel. 3. 9.

12. Chama S. Basilio a vida do homem, Escola da virtude, & no mesmo tempo diz, que quem nesta Escola naõ se exercita, naõ vive. *Hominum vita, virtutis palæstra est, ut vivere non videatur, qui se in virtutum palæstra non exercet*. Quantos há, que no mundo, saõ vivos na apparencia, & na realidade mortos, vivos para as operaçoẽs da natureza, & mortos para as obras da virtude. A vida humana está sogeita a dous generos de morte, à morte natural, & à morte moral; a morte natural tira ao homem o uso dos sentidos, a morte moral tira ao homem os exercicios da virtude, & esta morte moral se origina do ocio, & das delicias da vida.

Basilius Seleuciæ Episc. Oration. 1.

13. Neste mundo nasce o homem para o trabalho: *Homo nascitur ad laborem*: & por consequencia, deve o homem viver para trabalhar, & juntamente, deve trabalhar para viver, & senaõ trabalha, naõ vive, porque naõ vive com as condiçoẽs, com que nasce. Ninguem nasce com maiores obrigaçoẽs de trabalhar, que

Job. cap. 5. vers. 4.

que os Princepes, que suposto nascem para reinar, naõ podem reinar bem, sem trabalhar; por isso o Rey dos Reys naõ aceitou o titulo de Rey, senaõ na Cruz, que foi o theatro dos seus trabalhos. Os Delfins, que saõ os Reys dos peixes, vivem nas amargosas ondas do Oceano, & na agoa doce, morrem; naõ de outra sorte os Princepes, dados aos gostos, & passatempos da vida; naõ tem o seu sceptro actividade, quando o ocio impera, & o mel das delicias, he o contagio das coroas. Inclinou o Princepe Ionathas a vara, que trazia na maõ, para hum favo de mel, & depois de haver provado a doçura deste licor, disse que se sentia morrer: *Gustavi paululum mellis in summitate virgæ, quæ erat in manu mea, & ecce morior.* Naõ acho na Escritura, que Ionathas morresse nesta occasiaõ; & naõ sô, naõ morreo, mas nem adoeceo taõ pouco: logo com que razaõ diz, que está morrendo? *Ecce morior.* Oh! naõ morreo Ionathas como homem, mas morreo como Princepe, porque a vara, que elle meteo no mel, era o seu sceptro. *Virga, sceptrum est,* diz Sanctio neste lugar: & quando o sceptro dos Princepes se inclina para os gostos, quando se embebe no mel das delicias, & nos prazeres da vida, morrem os Princepes, porque faltaõ ás obrigaçoẽs com que que nascéraõ, & o mel de que gostaõ, he o veneno de que morrem: *Gustavi paululum mellis, & ecce morior.* Desde o primeiro instante do seu Nascimento, vive o divino Jesus como Princepe, porque morre ás delicias da vida, o seu Palacio he hum Presepio, a sua purpura saõ os pobres panos, que o cobrem, as suas perolas saõ as suas lagrimas, & porque nasce com obrigaçoens de Princepe, cumpre com as suas obrigaçoens desde o principio da sua vida.

1 Reg. 14. vers. 43.

14. Tenho para mim que os Princepes se chamaõ Princepes, porque o officio dos Princepes, he princi-

principiar; a vontade dos Princepes, he o principio das leys, o valor dos Princepes, he o principio das victorias, & a justiça dos Princepes, he o principio do bom governo das monarquias. Mas no principio da sua vida, os mesmos Princepes, naõ saõ Princepes, porque nesta tenra idade, ainda naõ principiaõ a reinar. A aurora da sua infancia, he o eclipse da sua authoridade; & nos seus primeiros annos, saõ taõ incapazes para governar, que necessitaõ de quem os governe. Só Christo Senhor Nosso exercitou desde menino o officio de Princepe, porque principiou a reinar, no mesmo instante em que principiou a viver, & este parece o misterio, porque S. Ioaõ lhe chama Princepe, & naõ Rey: *Princeps Regum terræ.* (Apoc. 1. 5.) Nos termos do Paço, o titulo de Princepe, naõ he taõ magestoso, como o de Rey, mas na pessoa de Deus humanado, o nome de Princepe he o esmalte da sua gloria, porq̃ taõ anticipadamente exercitou o officio de Princepe, que naõ ouve differença de tempo, entre o principio da sua vida, & o principio do seu Reynado, & por isso lhe compete o nome de Princepe por antonomasia: *Princeps Regum terræ.*

15. Obrou o nosso divino Princepe maiores acçoẽs em poucos dias de idade, que os maiores Princepes do mundo em muitos annos de vida. As mais gloriosas acçoẽs de hum Princepe se reduzem a quatro. Conquistar Reynos, conservar as conquistas, premiar os benemeritos, & castigar os crimonosos. Tudo isto fez o Senhor estando ainda no berço. Conquistou Reynos, conservou as conquistas, premiou os benemeritos, & castigou os criminosos; conquistou Reynos nos tributos do Oriente, que os Reys lhe offerecéraõ, & conservou as conquistas; porque a estes monarcas tributarios, ordenou, que naõ tornassem para Jerusalem, aonde Herodes os esperava para lhe tirar a vida; os benemeritos

tos premiados, foraõ os Pastores, porque deixáraõ as ovelhas no campo, & acháraõ o Cordeiro do Ceo, & subíraõ a hum taõ alto ponto de graça, que chegáraõ a ouvir os eccos da gloria; finalmente castigou este divino Senhor os criminosos, permitindo, que no dia do seu Nascimento cahissem, & se despedaçassem todos os Idolos da Gentilidade. Qual monarca houve no mundo, que chegasse a fazer em taõ breves dias, taõ grandes emprezas? E como podéra o Senhor obrar tantas, & taõ maravilhosas façanhas nesta vida mortal, senaõ fizera tregoas com a morte? Duráraõ estas tregoas pelo espaço de trinta & tres annos, mas finalmente acabáraõ as tregoas, porque naõ convinha, que fossem eternas. A vida he para os merecimentos, & a morte para os premios, porque no combate da morte, se alcançaõ os coroas da immortalidade; por isso, o Author da vida, que nasceo para viver, tambem nasceo para morrer, & bastoulhe ser do numero dos nascidos, para entrar no numero dos mortaes.

16. Toda a razaõ do morrer, he o nascer, lá o disse Tertulliano: *Forma moriendi, causa nascendi est:* esta póde ser huma das razoēs, porque das tres pessoas divinas, sô o Verbo morreo: na Santissima Trindade, o eterno Pay naõ nasce, mas antes (para usar dos termos da Theologia) o Eterno Pay he innascivel, porque naõ tem principio productivo do seu ser; tambem o Espirito Santo naõ nasce, mas procede, sô o Verbo, he o que nasce, & o morrer está taõ naturalmente avinculado ao nascer, que esta divina Pessoa, que unicamente nasce, he a unica que morre; verdade he que no seio do Eterno Pay póde o Verbo nascer sem poder morrer, mas neste mundo torna o Verbo a nascer, para que possa morrer, torna a nascer como homem Deus, para que possa morrer como homem; no seu Nasci-

Tertullian. de Carne Christi cap. 16.

Naſcimento eterno tem o Filho de Deus pazes com a morte, porque a morte naõ tem poder na Eternidade, mas no ſeu Naſcimento temporal, eſte meſmo Filho de Deus, emquanto homem, eſtá debaixo da juriſdiçaõ da morte, & os dias da ſua vida, ſaõ tregoas, com que dilata o combate, para preparar a victoria: *Ero mors tua, ô mors.* O terceiro inimigo de Deus, he o peccado, & a eſte capital inimigo da Divindade, move Deus guerra para o deſtruir, porque na deſtruiçaõ do peccado, eſtá a gloria de Deus: *Gloria in altiſſimis Deo.*

III. PARTE.

17. Neſta taõ juſta guerra, que hoje Deus intima ao peccado, he muito para advertir, que das tres Peſſoas divinas, ſô a ſegunda Peſſoa ſahe ao campo; peccou Adaõ contra Deus, & no meſmo tempo offendeo Adaõ as tres Peſſoas divinas, porque todas tres ſaõ hum ſô Deus, indiviſivel na eſſencia, & por conſequencia, inſeparavel na offenſa; mas ſe as Peſſoas offendidas ſaõ tres, porque razaõ ſô a ſegunda Peſſoa ſe arma contra o offenſor? Porque ao noſſo modo de entender, a ſegunda Peſſoa foi particularmente offendida. O peccado de Adaõ, foi hum dezejo de ſaber: *Eritis ſicut Dij, ſcientes:* & o ſaber, he o attributo da ſegunda Peſſoa divina. Naõ pretendeo Adaõ de ſe attribuir o poder, que he proprio do Eterno Pay, nem teve dezejo de ſe attribuir a bondade, que he propria do Eſpirito Santo, mas com temeraria ignorancia appeteceo Adaõ o ſaber, que ſe appropria à Peſſoa do Filho. S. Bernardo: *Scientiam, quæ Filij eſt, ſubripere homo voluit.* Logo ſe o primeiro peccado foi hum aggravo, que ſe fez à Peſſoa do Filho, razaõ era, que o Filho tomaſſe as armas contra o author deſte aggravo. Mas pergunto, que armas tomou eſte Deus aggravado, para inſtrumentos das

Geneſ. 3. verſ. 5.

Bern. Serm. 1. de Adventu.

das ſuas victorias? Lá o diſſe Ricardo de S. Lourenço: *Armaturam humanæ carnis ſibi adaptavit.* Tomou o Verbo hum corpo humano por armas, & veſtio de carne a ſua Divindade. Notavel modo de ſe armar! Nas milicias da terra, os ſoldados, que veſtem ſayas de malha, & peitos de aço, para pelejar, poem eſtas armas ſobre o corpo, & naõ poem o corpo ſobre as armas; pelo contrario poz o Verbo divino a fragil ſubſtancia da carne, ſobre o impenetravel eſcudo da Divindade, & cobrindo as armas, que o fazem impaſſivel, fez do ſeu corpo paſſivel, hum corpo de armas. Altamente S. Pedro Damiaõ: *Non ſicut milites Deus, ſed ipſe loricâ Deitatis accinctus, carnem ſuperpoſuit Deitati.* Mas porque razaõ, na guerra que Deus faz ao peccado, toma Deus hum corpo por armas? A razaõ he eſta. Para ſer a victoria mais glorioſa, era preciſo que Deus venceſſe ao peccado com as meſmas armas com que o peccado faz guerra a Deus, & para eſte effeito tomou Deus hum corpo para deſtruir o corpo do peccado. Pois o peccado tem corpo? Sim. Neſtes termos falla S. Paulo lembrandonos a victoria, que Chriſto alcançou na Cruz: *Crucifixus eſt, ut deſtruatur corpus peccati.*

Ricard. S. Laurent in umbra Virgin. Novarin. lib. 4. n. 642. p. 186. col. 2.

Damian. in gliel. p. 2. p. 1. p. 101. col. 2.

Rom. 6. v. 6.

18. O peccado tem hum corpo fantaſtico, moſtruoſamente organizado; a ſoberba do ambicioſo Lucifer, lhe inchou a cabeça, & a levantou taõ alto, que eſvaeceo; a deſobediencia de Adaõ, lhe eſtendeo os braços para colher o pomo vedado; a maldade de Cain lhe armou as maõs para matar a Abel; o Amor profano lhe raſgou os olhos, & juntamente os cegou; a curioſidade lhe eſpertou os ouvidos, a gula lhe abrio a boca, a detracçaõ lhe ſoltou a lingua, a enveja lhe deſtemperou o fel, a ira lhe acendeo o ſangue, o odio lhe endureceo o coraçaõ, a Idolatria lhe dobrou os juelhos aos falſos Deoſes da Gentilidade, & a impiedade

dade lhe deu os pés, com que calca todas as leys humanas, & divinas, em conclusaõ, o peccado naõ só tem corpo, mas he todo corpo, sem alma, sem espiritu, sem discurso, & sem razaõ: *Corpus peccati.* Mas se o peccado se formou hum corpo para offender a Deus, tambem o Filho de Deus, tomou neste mundo hum corpo, para destruir o corpo do peccado, & como seguro da victoria, festejou o Senhor no dia do seu Nascimento, a organisaçaõ do corpo, com que sahíra armado. Prova desta verdade saõ as proprias palavras do Senhor. Diz S. Paulo, q̃ Christo fallára na mesma hora, em que appareceo no mundo: *Ingrediens mundum dicit.* Nasceo o Senhor, & fallou; porèm naõ fallou de modo, que os que lhe assistiaõ o podessem ouvir, mas sem proferir palavra alguma, fallou interiormente com seu Eterno Pay: *Ingrediens mundum dicit: dicit Filius Deo Patri:* interpreta Hugo Cardeal. E que disse o Senhor nesta sua primeira entrada no mundo? Disse com demonstraçoens de agradecido, que o Eterno Pay lhe armára hum corpo: *Corpus autem aptasti mihi.* Pois festeja o Senhor a materialidade do corpo com que nasce? Sim, porque com este divino corpo, destruirá o Senhor o corpo da Republica do peccado. A Republica, ou para melhor dizer, a familia, & descendencia do peccado, he esta. O pay do peccado, foi o Demonio; a filha do peccado, he a morte; & a posteridade do peccado, saõ todas aquellas acçoens peccaminosas, que com impia fecundidade continuamente se multiplicaõ; mas contra o corpo desta infernal Republica, se poz Deus em campo, armado de hum corpo, & este divino corpo crucificado vencerá o pay do peccado, que he o Demonio; este divino corpo resuscitado triumphará da filha do peccado, q̃ he a morte, & estemesmo corpo sacramentado será o escudo da Igreja Militante con-

Hebr. 10. vers. 5.

Hug. Card. in Hebr. 10.

tra todos os insultos do peccado: *Corpus autem aptasti mihi, ut destruatur corpus peccati.*

Hebr. 10. Roman. 6.

19. Acabo o Sermaõ com as primeiras palavras do meu Thema: *Gloria in altissimis Deo:* Gloria a Deus no Ceo, & gloria a Deus na Terra, em que o berço da sua infancia, he o carro do seu triumpho. Os inimigos, de que Deus triumpha, saõ o homem, a morte, & o peccado, porque supposto faz Deus pazes com o homem, tregoas com a morte, & guerra ao peccado, estas pazes, estas tregoas, & esta guerra, saõ tres victorias, que Deus humanado alcança no seu nascimento. Vence Deus aos homens no mesmo tempo, que lhe offerece a paz, porque a sua clemencia rende a dureza dos nossos coraçoens: vence o Senhor a morte, fazendo tregoas com ella, porque suspende as armas, para lhe causar mayores estragos: finalmente vence o Senhor ao peccado desde o principio da guerra, que lhe declara, porque em Deus, o combater, he o mesmo, que vencer. Unamos logo as nossas vozes com as dos Anjos, & com santa emulaçaõ celebremos a gloria das victorias do Altissimo: *Gloria in altissimis Deo:* & celebrando na terra a gloria de Deus, nos dará Deus Graça, para chegarmos a lograr esta mesma Gloria no Ceo: *Ad quam nos perducat omnipotens Pater, & Filius, & Spiritus Sanctus. Amen.*



SER-



SERMAM NO DOMINGO DA SEPTVAGESIMA.

Prégado na Capella Real no Anno de 1680.

Quid hic statis tota die otiosi? Matth. 20. n. 6.

Muito altos, & poderosos Principes, & Senhores nossos.

20. Omens ociosos, Estatuas da humanidade, embaraços da Republica, Antipodas da vigilancia, plantas estereis, troncos animados, fantasticos frontispicios, simulacros do sono, & da preguiça, despertai desse taõ profundo letargo, & dai attençaõ ás sonoras vozes do Evangelho: *Quid hic statis tota die otiosi?* Notavel ambiçaõ he esta do ocio! Fez Deus o dia para o trabalho, & a noite para o descanço, & naõ satisfeito o ocio de reinar no silencio

cio da noite, chegou a usurpar o Imperio do dia: *Totâ die otiosi.* No primeiro dia do mundo criou Deus a luz, & no mesmo tempo chamou Deus à luz, dia: *Appellavitque lucem diem.* E porque razaõ se chama a luz, dia? Paraque entendamos, que sempre o dia há de ser como a luz; nunca está a luz ociosa, porque a luz he toda olhos, & sempre os tem abertos, para assistir a todas as obras, que se fazem no mundo: he a luz taõ inclinada a obrar, que do mais alto trono da sua esfera, se inclina, & se abate à terra, para acudir a todas as operaçoens da natureza; sendo pois huma mesma cousa, a luz, & o dia, naõ he verdadeiramente dia aquelle, em que o ocio domina. Verdade he, que no Evangelho de hoje, o tempo que os ociosos gastaõ inutilmente, he chamado dia: *Totâ die otiosi.* Mas (se bem advertirdes) há huma grande differença entre dias, & dias. Aos dias deraõ os antigos nomes muito diversos, & misteriosos. Huns se chamaõ dias Intercalares, ou Bissextos, & saõ os que sobejaõ dos doze mezes do anno; outros se chamaõ dias Solsticiaes, quando o Sol está nos Tropicos; outros saõ Equinocciaes, quando o Sol anda no equinoccio; & quando entra na Canicula, os dias se chamaõ, Caniculares. Tambem há dias Intercisos, em que as horas da manhaã se consagraõ a Deus, & da tarde se gastaõ em outros exercicios. Nas memorias da antiguidade, acho que havia dias, a que chamavaõ, Preliares, porque em taes dias se davaõ as batalhas, & outros se chamavaõ dias Comiciaes, em que havia juntas para a eleiçaõ dos ministros. Destes taõ differentes dias, formáraõ os antigos differentes Kalendarios, ou Diarios, & com este exemplo formarei neste Sermaõ, o Kalendario, ou para melhor dizer, o Diario da ociosidade.

Genes. 1.

21. Neste imaginado Diario, naõ há dias de fazer, porque todos saõ dias

feriados: *Totâ die otiosi*; & aindaque foraõ dias de trabalho, nem por isso foraõ propriamente dias, porque propriamente fallando, naõ he dia, o em que se obra, sô o dia em que se obra bem, he propriamente dia. Obrou o Patriarca Noe taõ bem, que acabou de fazer tudo o que Deus lhe mandára: *Fecitque Noe omnia, quæ mandaverat ei Deus*: & conforme a versaõ Hebraica, acrescenta a Escritura estas palavras: *In proprietate diei illius, ingressus est Noe.* Entrou Noe na Arca na propriedade daquelle dia, porque sô he propriamente dia, o em que o homem faz a vontade de Deus, que he o Author de todos os dias. Todos os mais dias, que contra a Ley de Deus, o appetite sacrifica aos gostos, a cobiça aos augmentos, a ambiçaõ ás preeminencias, a vaidadade aos adornos, a intemperança aos regalos, a sagacidade ao engano, a tafularia ao jogo, a comedia ao theatro, & o Amor profano ás lascivias, saõ dias improprios, dias sem luz, dias sem dia, dias excluidos do Kalendario da virtude, & sômente apontados no Diario do ocio: *Totâ die otiosi.* Em tres differentes officinas, imprime o ocio o seu Diario. Na officina da pobreza, na officina da ignorancia, & na officina da culpa; porque como veremos nas tres partes do Sermaõ, de ordinario os ociosos se fazem pobres, ignorantes, & viciosos. Suposto isto, digo, que no Diario do ocio, há dias mingoados, dias escuros, & nenhum dia Santo. Primeiramente, há dias mingoados, porque o ocioso deixa perder os seus negocios à mingoa, & fica reduzido a huma extrema pobreza. Em segundo lugar há dias escuros, porque o ocioso naõ illustra o entendimento com as lettras, & fica sepultado nas trevas da ignorancia; finalmente, no Diario do ocio, naõ há dias Santos, porque o ocioso se entrega a todo o genero de peccados, & fica sua alma precipitada nos abys-

Genes. cap. 6. n. 22.

In articulo diei illius, juxta Hebræũ habetur, in proprietate diei illius. Caietan. ib.

giorni manzani

abyſmos da culpa. Vamos à primeira officina, em que a pobreza imprime a folha dos dias mingoados, & eſta he a primeira parte do Diario do ocio: *Totâ die otioſi.*

I. PARTE.

22. A hum eſpiritu Apoſtolico a pobreza voluntaria, he a ſua gala, mas a huma nobre familia, a pobreza forçoſa, he hum cruel martirio, & os verdugos dos filhos ſaõ os pays, que deſcuidados do governo de ſua caſa, poem todo o cuidado nos infructuoſos entretenimentos de huma vida ocioſa. Os primeiros, & mais ricos pays de familias, foraõ Adaõ, & Eva, & ambos foraõ taõ ocioſos, que gaſtáraõ as primicias dos ſeus diſcurſos na perniciosa converſaçaõ de huma ſerpente, & como meninos parvoamente appetitoſos, foraõ apoz de huma maçaã. Neſta pueril ocioſidade, perdéraõ noſſos primeiros Pays todo o mundo, de que eraõ Senhores, & o meſmo mundo ſe perdéo todo na ſua deſgraça da poſteridade; mas naõ ſò faz o ocio perder os bens, que ſe poſſuem, tambem he cauſa, de que ſe percaõ os bens, que ſe houveraõ de acquirir, & aſſim duas vezes perdéo Adaõ o Paraizo, porque foi lançado do Paraizo em que eſtava, & juntamente ſe fez indigno do Paraizo, para que Deus o criara; perdéo Adaõ o Paraizo terreal, como deſterrado, & perdeo o Paraizo Celeſtial, como criminoſo. Oh quantas perdas occaſiona hum inſtante de ocio! Pelo contrario a mais deſemparada pobreza ſe pôde enriquecer com o trabalho, & tem os pobres eſta ventajem, que o ſerem ricos, & abaſtados, eſtá na ſua maõ, porque naõ há grandeza, a que naõ poſſa ſubir o trabalho de huma maõ induſtrioſa.

23. Entre os mais engenhoſos inſectos da terra, poem Salamaõ o Eſtellio, que he huma eſpecie de lagarto, que trepando com

as maõs sobe insensivelmente pelas paredes, & se levanta taõ alto, que chega aos tectos dos palacios dos Reys: *Stellio manibus nititur, & moratur in ædibus Regis.* Este he o jeroglyphico de huma artificiosa pobreza, que naõ tendo azas para se levantar, se ajuda com as maõs: *Manibus nititur*: & até nos palacios dos Reys, introduz as obras do seu industrioso trabalho: *Moratur in ædibus Regis.* Nas artificiosas maõs dos homens, está o seu cabedal, & o seu alimento, & foi providencia do Author da natureza, que a maõ do homem levásse à boca o comer, porque a maõ he o instrumento, de que o homem se serve para trabalhar. Neste sentido se podem entender as palavras do Propheta: *Labores manuum tuarum, quia manducabis, beatus es.* He o homem taõ venturoso, que a mesma maõ, que lhe foi dada para o exercício do trabalho, lhe serve para a satisfaçaõ do gosto; todos comem com as maõs, porque todos com as maõs trabalhaõ, & assim vemos as maõs de todos diversamente occupadas; a maõ do Agricultor com o arado, a maõ do Soldado com a espada, a maõ do Letrado com a pena, a maõ do Juiz com a vara, a maõ do Ministro com os despachos, a maõ do General com o bâstaõ, a maõ do Prelado com o Bago, & até as maõs dos Reys com o sceptro, & he taõ proprio das maõs do homem o trabalho, que huma maõ ociosa, he maõ perdida.

Proverb. 30. 28.

Psalm. 127. vers. 2

24. Na Sinagoga achou o Senhor hum homem com a maõ tolhida, & seca: *Erat ibi homo habens manum aridam.* Applicou o Senhor o seu soberano poder ao remedio do achaque, & he para reparar, que naõ diz o Evangelista, que o Senhor sarou esta maõ enferma, mas, que a restituio: *Restituta est manus illi.* Propriamente fallando, a restituiçaõ he só do que se perdeo, & a maõ daquelle enfermo estava pegada ao braço, & naõ

Marc. 3. 4.

decepada, nem cortada, mas inteira; inteira sim, mas tolhida, & neste estado era inutil, sem movimento, & sem exercicio: & huma maõ, que naõ obra, he maõ perdida. Argumentando pois da parte ao todo, & da maõ do homem ao mesmo homem, o ocioso he hum perdido, que naõ tem outra ocupaçaõ que perderse a si, & perder tudo, perde o tempo, perde o credito, perde as occasioens de se recuperar, & finalmente se perde a si mesmo, porque perde o sustento da vida. Naõ assim os pobres industriosos, que na mina da sua habilidade, achaõ tudo o que lhe falta, & a mesma pobreza, que os persegue, he a que lhe ensina as Artes, de que vivem.

25. Lá o disse Apuleio: *Paupertas omnium Artium temperatrix*. Todas as artes se forjáraõ nas officinas de huma industriosa pobreza, porque acharse hum homem engenhoso em necessidade, he o mesmo, que despertar o engenho para o seu remedio. Quantos vendo a sua má Estrella, procuráraõ de a descubrir boa nos Ceos? Quantos digo se fizeraõ Astrologos, por ser ordinario nelles ver as estrellas ao meio dia? Quantos aprendéraõ a nautica, sô para se saberem livrar dos baxos, & navegar huma vez vento em popa; quando menos aprendéraõ a terse ás tempestades, que naõ he outra cousa a pobreza, senaõ huã tormenta desfeita, q̃ desfaz o baxel do corpo humano nos baxos da miseria. Muitos houve, que se deraõ à Rhetorica, para que, ja que naõ podiaõ ornar as pessoas, ornassem os discursos, & alcançassem com figuras, o que na realidade lhe faltava. Alguns se fizeraõ Soldados, mais para vencerem a sua fortuna, que para defenderem a Patria, buscando a vida na milicia, em que Marte sempre faz liga com a morte. A Poesia sempre andou avinculada à pobreza, & naõ acharem muitos o numero ás suas necessidades,

lhe

lhe fez achar o numero aos versos, servindolhe tal vez a boa cadencia do metro, para se levantarem na estimaçaõ do mundo. Alguns se applicáraõ à Arithmetica, começando a contar o alheo, para depois somar o proprio; outros finalmente se apuráraõ na musica, & enfadados do canto chaõ, procuráraõ lançar o contraponto, preparando a harmonia das vozes, para a consonancia das venturas, & se chegáraõ a ter bem que comer, entaõ fizeraõ bons passos de garganta.

26. Eis ahi como a industria, a todos remedea, pelo contrario, a todos empobrece o ocio, & porque o ocioso he indigno de viver, Deus aindaque author da vida, naõ quer sustentar a vida de hum ocioso. Para sustento dos Israelitas, cahia o maná no deserto, mas ao romper do Sol se derretia, & se desfazia o maná, para que os que naõ madrugavaõ, naõ tivessem que comer; sahia o Sol, & desaparecia o alimento, porque Deus he hum Pay de familias, que naõ dá alimentos senaõ aos que com sua vigilancia os buscaõ, & com seu trabalho os merecem. Deus, que he a mesma actividade, naõ póde sofrer o ocio, & esta (a meu ver) he huma das razoens, porque no Levitico, quiz Deus, que se puzesse o camaleaõ no numero dos animaes, que os homens haviaõ de aborrecer. Naõ há Animal mais ocioso, mais lento, & vagaroso, que o Camaleaõ; apenas se move, quando anda; naõ levanta os pés, arroja-os, & o seu caminhar, mais parece desmayo, que passeo; mas castigou a natureza esta descançada inercia do Camaleaõ com hum perpetuo jejum, porque naõ lhe deu outro alimento, mais que Ar; bocejando vive o Camaleaõ, & com arrugados alentos, naõ menos que os folles, alterna o Ar, com que miseravelmente se sustenta; este he o alimento, que se houvera de dar aos ociosos, Ar, & mais nada: quanto mais que todo o exercicio de hum

Levit. 11. 29.

hum ocioſo, he formar caſtellos de vento, & couſas no Ar; & obras aereas, ſaõ indignas do nome de obras.

27. No Geneſis, em que o ſagrado Coroniſta faz mençaõ particular das obras de Deus na criaçaõ do mundo, acho que naõ falla no Elemento do Ar. Neſta divina coſmologia, os mais Elementos tem ſeu lugar: *Terra autem erat inanis.* Eis ahi o Elemento da Terra. *Spiritus Dei ferebatur ſuper Aquas.* Eis ahi o Elemento da Agoa. *Dixit Deus, fiat lux.* Eis ahi o Elemento do Fogo. Porque he opiniaõ de S. Gregorio Nyſſeno, de S. Athanaſio, & S. Joaõ Damaſceno, que a luz, que Deus criou no primeiro dia, he o fogo, que reſplandecendo arde, & ardendo reſplandece: *Ignis unum ex quatuor Elementis, & urendi ſimul, & illuminandi vim habens, die primo, à ſummo illo rerum omnium Artifice conditur, ait enim Scriptura, dixit Deus, fiat lux.* Mas que he do Ar? E porque razaõ ſe paſſa em ſilencio, a producçaõ deſte Elemento? Naõ há duvida, que o Ar, he huma das mais uteis obras de Deus, porque ſerve para a reſpiraçaõ dos viventes, para a formaçaõ des meteoros, & para a communicaçaõ das celeſtes influencias; mas finalmente he Ar, & para documento dos homens, parece naõ quiz Deus, que ſe contaſſe no numero das ſuas obras, hum Elemento, que ſupoſto tem ſubſtancia, he ſubſtancia de Ar. E que ſubſtancia tem as acçoens de hum ocioſo? Nenhuma, todas ſaõ formadas de Ar, fumos de preſumpçaõ, vapores da vaã gloria, palavras de vento, donaires, galanteios, facecias, vaidades, & naõ recolhendo fruto algum deſtas aereas operaçoens, cahe finalmente em huma extrema neceſſidade, & deſemparado de todos, morre à mingoa. Eſte pois he a folha dos dias mingoados, impreſſa na officina da pobreza, vamos agora à officina da ignorancia, em que ſe imprime a folha dos dias eſcuros, ſegunda parte do Diario

Geneſ. 1.

Gregor. Nyſſen. in Hexamer. tom. 1. pag. 10. litterâ. B.
D. Athanaſ. Apud Chriſtophor. Scheiner. in Roſa Vrſin. lib. 4. part. 2 cap. 19. pag. 633.
Ioan. Damaſcen. lib. 2. orthodox. Fid. cap. 7. p. 183. litterâ, B.

Diario do ocio: *Tota die otiosi.*

II. PARTE.

28. Hum homem, sem saber, he hum pequeno mundo sem luz, em que naõ apparecem as estrellas, porque se ignoraõ as verdades, naõ se vem os precipicios, porque naõ se conhecem os enganos, o vicio se equivoca com a virtude, a realidade com a apparencia, & toda a vida de hum ignorante, he huma continua noite, porque todas suas acçoens saõ cegueiras. Esta espiritual cegueira, he o maior achaque do corpo de huma Republica, & naõ tem a divina justiça castigo mais funesto a hum Reyno, que as trevas de huma profunda ignorancia. Com dez pragas castigou Deus ao Reyno do Egipto, & na minha opiniaõ, a mayor de de todas, foi a ultima, a saber, as trevas, porque ficando todos os Egypcios ás escuras, podiaõ os filhos matar aos pays, & os pays degolar aos filhos, sem huns conhecerem aos outros, senaõ pelas vozes dos feridos, ou pelos gemidos dos moribundos; suspendeose o trato humano, naõ assistiaõ os Ministros nos Tribunaes, & naõ se temia o castigo dos delitos, porque as sombras eraõ o Asylo dos delinquentes; em conclusaõ,todo o Egypto era hum caos, em que tudo era confusaõ, porque tudo era cegueira. Esta mesma desordem se vé em hum Reyno, quando as sombas da ignorancia escurecem os entendimentos, arma o engenho ciladas à verdade, erra o zelo o caminho da razaõ, naõ se conhece o mal, & naõ se aplica o remedio, as determinaçoens, saõ delirios, & as execuçoens, desatinos.

29. Esta taõ perniciosa ignorancia nasce da ociosidade dos que tem officios na Republica, porque de ordinario os melhores officios dependem da noticia de alguma sciencia, & as sciencias naõ se aprendem nas ferias do ocio. Na Republica, há officios, que saõ

mari-

maritimos, & eſtes dependem da ſciencia da Nautica, mas como ſaberá a Carta de marear, quem naõ tem entre maõs outras cartas que as com que fazem naufragio as familias na caſa do jogo. Há officios, que reſpeitaõ as leys, & eſtes dependem da ciencia do Direito Civil, & Canonico, mas como ſaberá os pontos do Direito, hum Letrado, que torce todas as linhas do circulo da ſua vida ao centro do deſcanço; outros officios ſaõ precisos para curar as enfermidades do corpo humano, eſtes neceſſitaõ da ciencia da medicina, mas que há de ſaber hum Medico, que naõ tem outros livros, que quatro Bacamartes, que com o nome, & o pó, que os cobre, annunciaõ a morte do enfermo. Oh, quantas desordens cauſa a ignorancia, inſeparavel companheira da ocioſidade!

30. Ao meſmo paſſo, que o ocio ſe introduzio no mundo, entrou no mundo a noite, ſymbolo da ignorancia. No principio do mundo, o mundo todo eſtava ſepultado em hum abyſmo de trevas: *Tenebræ erant ſuper faciem abyſſi*; daõ os Expoſitores muitas razoens deſta univerſal eſcuridade do mundo na ſua infancia; buſquemos huma ao noſſo intento. Eſtava o mundo todo eſcuro, porque todo o mundo eſtava ocioſo; a terra ocioſa, & ocioſas as agoas; a terra ocioſa, porque ainda naõ produzia flores, nem plantas, nem arvores; & as agoas taõ ocioſas como a terra, porque ainda naõ manavaõ as fontes, naõ corriaõ os Rios, & naõ ſe eſprayavaõ os mares; por eſte modo ficou o mundo ſem ver, em quanto eſteve ſem trabalhar; mas ao quarto dia teve o mundo olhos na formaçaõ do Sol, & da Lua, porque já naquelle tempo a terra havia rebentado em flores, & a Agoa eſtava repartida em correntes; & aſſim recebéo o mundo a viſta, como fruto, & premio do ſeu trabalho. As ignorancias ſaõ as trevas dos entendimentos, & a ciencia he a ſua luz, mas

Geneſ. 1.

mas para desterrar estas trevas, he preciso despedir o ocio, & para dar entrada a esta luz, he necessario engolfarse no estudo.

31. Esta he a primeira cousa, que ha de saber o homem, que dezeja saber, por isso o Demonio, que queria enganar ao primeiro homem, cubrio com a dissimulaçaõ desta verdade, o seu engano. Encarece a Escritura a astucia do Demonio com estas palavras: *Serpens erat callidior cunctis animantibus.* Mas pergunto, em que consistio a astucia desta Infernal Serpente? Em representar a Eva, & juntamente a Adaõ, que taõ facilmente se alcança o saber, que para elles chegarem a saber tudo, o que Deus sabe, bastava que comessem hum bocado: *In quocumque die comederitis ex eo, eritis sicut Dij, scientes.* Se o Demonio dissera a Adaõ, & sua mulher, que até para huma superficial illustraçaõ de taõ profundo saber, era preciso, que estudassem muitos annos na universidade das Celestes

Genesis 3. vers. 1.

Intelligencias, que tomassem postilla na escola dos Querubins, que cançassem o juizo, & a memoria, & que passassem a maior parte da vida, velando, contemplando, & especulando, por ventura que a consideraçaõ destas taõ arduas difficuldades os desviasse de seu ambicioso intento; mas convidados da facilidade, que o Demonio lhe representou, colhéraõ o pomo, & com temeraria ignorancia imagináraõ, que toda a substancia do infinito saber de Deus era para elles hum almorço. Com outro semelhante engano pretendem os filhos de Adaõ estudar pouco, & saber muito, naõ reparando que as sciencias saõ como as minas, que daõ o lucro à medida do trabalho. He Ley indespensavel da natureza que o que dá mais proveito, seja mais custoso: que lhe custa de trabalhos o seu mel ás Abelhas? Quantas vezes sahem ao campo, por quantos prados peregrinaõ, por entre quantos espinhos vaõ chupar as flores, hum

sô favo de mel, he o desvelo da melliflua Republica, a quinta essencia de hum jardim, & o destilado de huma primavera? Quantas madrugadas lhe custa à concha a formaçaõ de huma perola? Todos os dias amanhece a concha na superficie do mar, & recolhendo o orvalho, trabalha com taõ penoso artificio, que naõ esmalta as suas obras, senaõ com as lagrimas da Aurora.

32. Finalmente, nos campos da terra, naõ colhe, quem naõ semea, & no campo das sciencias, naõ se colhem os frutos, senaõ depois de muitos trabalhos. Mas se tanto custa o saber, muito mais custa o ignorar. Entre os muitos achaques da ignorancia, acho que o ignorante de ordinario he mudo, ou mendigo. Primeiramente, o mudo naõ falla, porque naõ pôde, & o ignorante naõ falla, porque naõ sabe. A Sciencia, he a luz, com que o homem vé o que diz; por isso Deus, que tudo sabe, falla com tanta luz de sciencia, que até as suas palavras, saõ luzes. A primeira vez, que Deus fallou no mundo, foi quando criou a luz: *Dixit Deus, fiat lux:* Aquella luz visivel, foi como huma reverberaçaõ da invisivel luz da sciencia de Deus, & para que entendessemos, que naõ pôde Deus errar, quando falla, as primeiras palavras de Deus sahíraõ com luz: *Dixit Deus, fiat lux.* Em quanto durou no mundo o reinado das trevas, naõ se acha, que Deus fallasse, naõ porque necessitasse da luz para ver o assumpto das suas palavras, mas parece, que desde aquelle tempo, quiz Deus mostrar, que nas trevas da ignorancia, emmudecem as lingoas: brava miseria, he a do ignorante; se acerta de fallar, naõ acerta com o que diz, & se naõ falla, por naõ errar, o seu mesmo silencio, he o pregoeiro da sua ignorancia.

33. Mas o ignorante, naõ sô he mudo, tambem he mendigo, & sô se sustenta com a caridade dos que sabem.

ſabem. Quantos há, que na mayor abundancia, neceſſitaõ, naõ dos bens da fortuna, que lhe ſobejaõ, mas dos bens da ſciencia, que lhe faltaõ, ricos juntamente, & mendigos; & eſta mendicidade he o deſluſtre das ſuas riquezas. Eſte mundo, he hum Livro, que Deus tem compoſto para repreſentar os caracteres das ſuas divinas excellencias; & alguns Philoſofos da antiguidade tiveraõ taõ pouco conceito da infinita ſciencia de Deus, que temerariamente imagináraõ, que deſde a eternidade houve huma materia prima, increada, da qual Deus ſucceſſivamente tirára os Aſtros, & os Elementos: com a parte mais pura deſta materia formou Deus (diziaõ elles) os planetas, & as eſtrellas; com a parte mais opaca, formou a terra; com a mais diaphana, os Ares; com a mais fluida, as agoas, & aſſim das mais criaturas: mas ſe iſto aſſim fora, Deus (diz o grande Tertulliano) fora neceſſitado, & mendigo: *De alieno ergo uſus, precariò uſus eſt, quâ egens ejus:* & parece quiz o Eſpirito Santo condenar eſte erro da antiga philoſofia, com as primeiras palavras da Eſcritura: *In principio creavit Deus cœlum, & terram.* Criar, he tirar do nada; ſem neceſſitar de materia alguma: logo Deus naõ neceſſitou, porque criou: *Creavit Deus.* E ſuppoſto Deus he taõ rico, que he Senhor de tudo, naõ fora cabalmente rico, ſe compondo o grande Livro do Univerſo, tomára do cabedal alheio a materia das ſuas obras. Só eſta mendicidade he propria de alguns homens, taõ mal provídos de doutrina, como aventajados na opulencia, & taõ vilmente neceſſitados, que mendigaõ até as palavras, com que ſe explicaõ; ſaõ eſtes taes como os Oraculos dos Gentios, que naõ fallavaõ, ſenaõ por bocas alheias: & porque toda a ſua ſciencia, he repetir o que outros diſſeraõ, vivem com a meſma deſconfiança, que os Eccos dos montes, que retirados nas cavernas, nunca

Tertullianus apud Hermogenem cap. 9.

Geneſ. 1.

ca

ca fallaõ em publico, & ſempre eſtaõ ás eſcuras. Eſta he a folha dos dias eſcuros, impreſſa na officina da ignorancia; reſta que corramos a terceira folha do Diario do ocio, em que naõ há dias Santos, porque o ocio he o pay de todos os peccados: *Quid hic ſtatis totâ die otioſi?*

III. PARTE.

34. He o peccado taõ inſeparavel do ocio, que o meſmo he, ſer peccador, que andar ocioſo. Que faz o ocioſo? Nada. E o peccador que faz? Nada: porque theologicamente fallando, o peccado he hum nada. Lá o diſſe S. Aguſtinho: *Peccatum nihil eſt, & nihil faciunt homines cum peccant.* O peccado, he huma privaçaõ de bondade, & huma negaçaõ de conformidade da vontade do homem, com a vontade de Deus, mas a privaçaõ naõ tem ſer, & a negaçaõ naõ tem entidade. Logo o peccado, que ſô conſiſte neſta privaçaõ, & negaçaõ, he nada. Deſta reciproca ſympathia do ocio com o peccado, ſe pòde inferir a grande oppoſiçaõ, que ha entre o ocio, & a virtude. He o ocio taõ incompativel com a ſantidade, que ha miſter huma particular graça de Deus, para ſantamente paſſar hum ſô dia de deſcanço. Acabadas as obras dos ſeis dias da criaçaõ, deſtinou Deus o ſetimo dia para o deſcanço; naõ para o deſcanço proprio, porque ſupoſto as obras da criaçaõ, eſtavaõ paradas, as obras da conſervaçaõ, continuavaõ, & haõ de continuar até o fim do mundo: mas foi eſte dia deſtinado para o deſcanço dos homens, & ſô a eſte dia de deſcanço, lançou Deus a ſua bençaõ, & o ſantificou: *Benedixit diei ſeptimo, & ſanctificavit illum.* Genеſ. cap. 2. verſ. 3. Naõ abençoou Deus, & naõ ſantificou aos ſeis primeiros dias, porque como advirtio. S. Joaõ Chryſoſtomo, aquelles foraõ dias conſagrados ao trabalho, & o dia em que ſe trabalha, por ſi meſmo ſe ſantifica:

Suffi-

Joan. Chrysostom. in Genes. 2. *Sufficiebat illis pro omni benedictione, quod in singulis diebus creaturæ productæ fuerunt.* Pelo contrario santificou Deus ao dia, em que os homens deviaõ descançar, porque he taõ contrario o descanço à santidade, que he preciso huma particular assistencia de Deus, para hospedar a santidade com o descanço.

35. Taõ fóra está a santidade de poder habitar com o ocio, que a alma do ocioso, he o aposento do Demonio. Temos a prova no Evangelho de S. Mattheus. Diz Christo Senhor Nosso, que o Demonio depois de huma trabalhosa peregrinaçaõ, determinou de se recolher para a sua casa: *Matth. cap. 12. vers. 44.* *Revertar in domum meam.* Pois o Demonio, que está prezo nos carceres do Inferno, tem casa neste mundo? Si: & que casa he esta, em que este infernal peregrino se agasalha? Porventura, he algũm palacio encantado? Ou algum profundo labirintho formado nas concavidades de hum penhasco? Oh! a casa, de que o Demonio, he hospede juntamente, & proprietario, he huma casa despejada, sem paineis, sem espelhos, sem estrados, sem armas, & sem alfayas. Que he a alma de hum ocioso? He huma deserta, & descomposta habitaçaõ, sem os paineis das virtudes, sem o espelho da fé, sem o estrado da humildade, sem as armas da oraçaõ, & sem alfayas de merecimentos; & no meio deste ocio, & deste silencio, faz o Demonio a sua morada. Hugo Cardeal neste lugar: *Nolite stare otiosi, quia ad domum vacantem, unde exivit Diabolus, revertitur, & habitat.* *Hug. Card. in Hierem. cap. 51.*

36. De maneira que, o ocioso he hum vivo hospicio do Demonio, & neste animado edificio, naõ só habita o Demonio, mas nelle descança, como no seu centro: *Quærens requiem, & non invenit: tunc dicit, revertar in domum meam.* Busca o Demonio nos ociosos, o seu descanço: *Quærens requiem*; porque cada ocioso, he huma casa de recreaçaõ, em que o Demo-

nio ſe alivia das ſuas penas, naõ das penas do Inferno, que naõ admitem alivios, mas da pena, & do trabalho, que continuamente toma em fazer cahir os homens no laço das ſuas tentaçoens; tem o Demonio por officio, ſer tentador; & neſte indigno exercicio emprega todos os ſeus artificios, aſtucias, & enganos, mas na alma do ocioſo, fica o Demonio aliviado deſte trabalho. Porque? Porque o meſmo ocio he o tentador; ſerve o ocio o officio do Demonio, deſpertando as eſpecies, propondo os meios, & miniſtrando os motivos da culpa, & com fatal contradiçaõ, o ocio trabalha, & o Demonio deſcança.

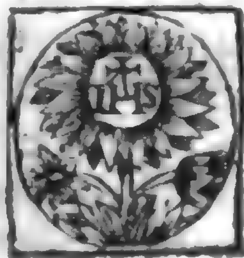
37. Confirma S. Baſilio eſta verdade, chamando ao ocio meſtre de todos os vicios: *Omnium eſt præceptor vitiorum*: o ocio, he o Arquitecto das quimeras da ambiçaõ, o Engenheiro dos caprichos da vaidade, o orador da detracçaõ, o Alquimiſta da cobiça, o tecedor das mentiras, o ordidor dos embuſtes, & o Pintor de todas as torpes idéas da imaginaçaõ. Quantos maleficios enſinou a David, o ocio de huma viſta laſciva? E quantas impiedades aprendeo Salamaõ na ocioſa converſaçaõ das Idolatras Moabitas? Oh que diſcretamente diſſe Cataõ, que nenhuma couſa mais facilmente ſe aprende que o mal, porque para aprender a fazer mal, baſta eſtar ſem fazer nada: *Nihil agendo, homines malè agere perdiſcunt*. Brasſ. lib. 4. Sendo pois o ocio o artifice de todos os delitos, como póde haver dias Santos no Diario do ocio? E com que razaõ, podemos contar nos dias da noſſa vida, os dias em que o peccado, nos tira a vida da graça? Do numero de ſeus dias excluio Job o dia de ſeu naſcimento, naõ por outra razaõ (a meu ver) ſenaõ porque o homem naſce em peccado, & o dia que as ſombras do peccado eſcurecem, naõ he dia: *Pereat dies, in qua natus ſum, & non computetur in diebus anni, nec numeretur in menſibus*. Iob. 3.

38. A vida do ocioso, he como a morte, esteril, & infecundo, & sô os frutos das boas obras, saõ os sinaes de huma verdadeira vida. Na Ley antiga, mandou o Senhor, que na estremidade das vestiduras Pontificias, se puzessem campainhas de ouro entresachadas com Romaãs, para que o Summo Sacerdote, que as havia de trazer sobre si, naõ morresse: *Vestietur ea Aaron, ut audiatur, & non moriatur.* E q̃ saudavel influencia communicava este misterioso ornato para a conservaçaõ da vida do Summo Sacerdote, que as havia de trazer sobre si? Direi. Escreve Clemente Alexandrino, que as campainhas, que eraõ trezentas & sessenta & seis, significavaõ os trezentos & sessenta & seis dias do anno: *Trecenta sexaginta sex tintinabula significabant tempus anni.* E cada campainha estava entresachada com huma Romaã, para significar que cada dia da vida do Summo Sacerdote, havia de produzir algum fruto, & este fruto, he o sinal da vida da graça, & o preservativo da morte do peccado: *Vestietur ea Aaron, ut non moriatur.*

Exod. 28. 35.

39. Que erradas saõ as contas, que os homens fazem no computo dos dias, que viveraõ. Contaõ os dias, & naõ achaõ frutos, que contar; & o dia que naõ produzio algum fruto, naõ merece entrar no numero dos dias da vida: *Non te fallat, quicumque ille es, numerus dierum. Illum diem applica ad vitam tuam, cujus usus pervenit ad animam tuam.* Neste Auditorio, haverá alguns, que tem quarenta, outros sincoenta, & outros sessenta, & mais annos de vida; mas em todos estes annos, quantos dias produziraõ frutos de penitencia, & quantos dias se empregáraõ nas obras da caridade, da justiça, & da piedade na salvaçaõ da alma, & no Amor de Deus? Por ventura, que haverá quem naõ possa contar hum sô dia fructifero em todos os dias de sua vida? Levou a ignorancia os dias da mini-

mininice, levou a incontinencia os dias da mocidade, levou a ambiçaõ os dias da varonia, & a perseverança no peccado vai levando os dias da velhice. Valhame o Ceo! Que conta daremos dos dias de nossa vida no dia do Juizo? Naquelle dia, se fará a rezenha de todos os dias passados, & naõ se contaráõ por dias, os que se gastáraõ no jogo, no theatro, na intemperança, nas vaidades, nas delicias, & passatempos do mundo. Que he isto Christaõs? *Quid hic statis totâ die otiosi?* Porque razaõ sacrificais ao ocio os dias em que haveis de trabalhar para a vossa salvaçaõ, & como gastais em offensas contra Deus, os dias, que o mesmo Deus vos deu para o servir, & amar neste mundo? E se a morte vos tomar neste estado, como haveis de apparecer diante do tribunal da Divina justiça? Lá na outra vida, naõ haverá hum sô dia, huma sô hora, nem hum sô instante para a penitencia: logo se he preciso, que vos arrependais algum dia, seja hoje o dia do vosso arrependimento, da vossa contriçaõ, & da vossa emenda, para que algum dia chegueis a lograr dias sem mingoa, dias sem escuridade, & dias Santos; dias sem mingoa nas affluencias da Bemaventurança; dias sem escuridade, nos resplandores da Gloria; & dias Santos, no Santuario da Eternidade: *Ad quam nos perducat omnipotens Pater, & Filius, & Spiritus Sanctus. Amen.*



SER-



SERMAM DA QVINQVAGESIMA.

Prégado na Capella Real, 12. de Fevereiro de 1679.

Domine, ut videam. Luc. 18.

Muito altos, & poderosos Princepes, & Senhores nossos.

40. NO Evangelho de hoje, se representa hum Cego, que pede a vista, & no Sermaõ de hoje se representará huma Cega, que faz o mesmo requerimento: com esta differença, que o cego do Evangelho, he hum pobre mendigo, sem calidade, & sem poder, & a cega, que hoje pede a vista, he huma Princeza, illustre no nascimento, & soberana no Imperio. Esta Princeza cega, he taõ illustre no ser, que traz a sua origem do Ceo,

& he taõ ſoberana no mandar, que ſem ella, nada ſe faz no mundo: & para naõ cançar a voſſa attençaõ com hyperbolicos enigmas, eſta illuſtre cega, he a vontade humana, filha de Deus, ſem auxilios da geraçaõ humana, & nas ſuas determinaçoens taõ abſoluta, que naõ podendo huma das Divinas Peſſoas obrar contra a vontade de outra peſſoa divina, pôde a vontade humana oporſe à vontade das tres Divinas Peſſoas. Na Santiſſima Trindade, naõ pôde o Filho querer, o que o Eterno Pay naõ quer, nem pôde o Eſpirito Santo opor a ſua vontade à vontade do Pay, & do Filho, porque eſtas tres Divinas Peſſoas tem huma ſó vontade, & eſta vontade he a ſua meſma eſſencia, acto ſimpliſſimo no ſer, & acto ſimpliſſimo no querer; mas pôde o homem querer o que Deus naõ quer, & juntamente pôde naõ querer, o que Deus quer: por onde chegou Santo Efrem a dizer, que o poder da vontade humana, faz duvidoſo, & ambiguo o poder Divino, porque querendo o homem o que Deus naõ quer, move a ſua vontade guerra ao meſmo Deus, & com ſacrilegas victorias atropella a authoridade de ſeu criador: *Solus homo, voluntate liberâ dominium Dei facit ambiguum.* *S. Efrem de Margar. Pretioſa.*

41. Mas que pernicioſa he à vontade, a ſua propria ſoberania, & que pouco lhe importa o ſer ſenhora no querer, ſe de ordinario he cega na eleiçaõ do que quer! Na Monarquia do mundo pequeno, que he o homem, logra a vontade todas as preeminencias, & Regalias de huma Princeza, mageſtoſamente abſoluta: o entendimento he o ſeu conſelheiro, a memoria he o ſeu theſouro, a imaginaçaõ, he o ſeu palacio, & a razaõ, he o trono em que toma aſſento: a lingoa he o ſeu interprete, os ſinco ſentidos ſaõ os ſeus miniſtros, & as paixoens ſaõ as armas, com que faz as ſuas conquiſtas: mas ſendo a vontade taõ ſoberana, he cega, & mais peri-

perigosamente cega, que o cego do Evangelho; porque a cegueira dos olhos da alma, he muito mais prejudicial, que a cegueira dos olhos do corpo: a cegueira corporal impede a vista, mas a cegueira espiritual eclipsa a razaõ; aquella faz que se naõ divisem as cores, & esta he causa de que se naõ conheçaõ as verdades; a cegueira do corpo tira ao homem a vista do Sol, & a cegueira da alma priva ao homem do conhecimento de Deus: a cegueira dos olhos leva o homem ao precipicio, a cegueira da vontade leva o homem ao Inferno. Ao cego do Evangelho deu o Senhor a vista: *Domine, ut videam, & confestim vidit.* Mas naõ pôde a vontade lograr este milagroso beneficio, porque a natureza da vontade, naõ he capaz de vista, & a razaõ philosofica desta natural incapacidade, he que a vontade he huma potencia naturalmente cega, que necessariamente se regula pelas luzes, que o entendimento lhe communica. O acto proprio do Entendimento, he ver, & o acto proprio da vontade, he querer, de maneira que a vontade, nem por milagre pôde ver, porque se a vontade vira, fora Entendimento, & naõ vontade, mas podem as guias suprir a falta dos olhos, & naõ tendo a vontade olhos para se guiar a si mesma, pôde ser guiada por olhos alheios.

42. Supposto isto, nas tres partes do Sermaõ, daremos à vontade tres guias, que lhe ensinaráõ o caminho para sahir do labirinto dos seus appetites, & sendo a vontade soberana Emperatriz das potencias d'Alma, & dos sentidos do corpo, para continuar a metafora com termos da Corte, mostrarei como esta Emperatriz cega, ha de ser guiada por tres Damas, a saber, a sciencia, a prudencia, & a consciencia; a sciencia desviara a vontade do precipicio do engano, a prudencia desviará a vontade do precipicio da temeridade, & a consciencia desvia-

desviará a vontade do precipicio da condenaçaõ. E por este modo seguindo a vontade os dictames destas tres guias, logrará com triplicada ventajem o beneficio, que o cego do Evangelho pede ao Senhor: *Domine, ut videam.*

I. PARTE.

43. A primeira guia da vontade, he a sciencia. Da falta desta guia, se originaõ todos os desconcertos do mundo, porque naõ tendo os homens huma perfeita sciencia, & conhecimento, do que querem, com estolida inadvertencia, querem a sua propria ruina; o querer, he como o andar, naõ anda seguro, quem naõ abre os olhos, primeiro que encaminhe os os passos, & para querer com acerto, he preciso abrir os olhos do Entendimento, primeiro que as azas do dezejo. Neste anticipado conhecimento se funda o bom successo dos discretos; & a falta desta anticipaçaõ, he causa do desacerto dos necios: por isso, he taõ diversa a sorte de huns, & outros, nas varias inclinaçoẽs da sua vontade: a vontade dos necios, se inclina para o que elles naõ vem, & a vontade dos discretos propende para o que elles vem, & conhecem: & porque as propençoens da vontade, saõ as suas quedas, a propençaõ da vontade para o bem, he huma queda gloriosa, & a propençaõ da vontade para o mal, he huma queda indecorosa, & funesta. Nesta diversidade de quedas, consiste a nossa predestinaçaõ, ou reprovaçaõ; ver para onde se cahe, he final da predestinaçaõ, cahir aonde naõ se vé, he indicio da reprovaçaõ. No horto de Getsemani, cahio o Senhor, & os soldados, que o vinhaõ prender, cahíraõ; com esta differença, que o Senhor cahio debruços: *Procidit in faciem suam:* & os soldados cahíraõ de costas: *Abierunt retrorsum, & ceciderunt.* Esta he a differença, que vai entre o justo, & o peccador,

Matth. cap. 26. v. 39.
Ioan. cap. 18. vers. 6.

cador, o justo cahe debruços como o Senhor, & o peccador cahe de costas como aquelles sacrilegos soldados; o justo cahe debruços, porque vê o a que a sua vontade se inclina, & o peccador cahe de costas, porque naõ considera para onde propende a sua vontade; as quedas do justo, saõ acertos, porque saõ inclinaçoens para o bem conhecido, & as quedas do peccador, saõ precipicios, porque saõ propençoens para o mal ignorado. S. Gregorio Papa: *Quid autem hoc est, quod electi in faciem, & reprobi retrorsum cadunt, nisi quod omnis, qui post se cadit, ibi cadit, ubi non videt, qui verò ante se ceciderit, ibi cadit, ubi videt.*

Gregor. hom. 9. in Ezechiel.

44. Esta sciencia pois, que manifesta os objectos, que a vontade appetece, naõ sò he precisa para o acerto da eterna salvaçaõ, senaõ tambem para o descanço, & felicidade desta vida mortal. De donde imaginais, que se originaõ tantas pretençoens mal fundadas, tantas esperanças vaãs, tantas emprezas frustradas, & tantos bens suspirados com ancia, & logrados sem socego? Todas estas desgraças nascem de naõ conhecermos a essencia, & substancia do que dezejamos; os dezejos, saõ cargas invisiveis, que assentaõ o pezo na cabeça de quem os tem, mas do mesmo modo, que o que anda com a cabeça carregada, naõ póde ver toda a carga, que leva, assim de ordinario, quem dezeja, naõ vê todas as pençoens, que acompanhaõ, & seguem o logro do seu dezejo. E que outra cousa he esta ignorancia, que a prophecia de huma inevitavel ruina.

45. Prophetizou Joseph a ventura, & a desgraça daquelles dous Ministros da Corte de Faraô: ao primeiro, que sonhara, que via diante de si huma planta, annunciou Joseph a suspirada liberdade, & ao segundo que sonhára, que trazia hum grande pezo na cabeça, pronosticou Joseph a morte. Appliquemos a interpretaçaõ destes sonhos

ao

ao nosso intento; os dezejos da maior parte dos homens, saõ sonhos, pinturas da ambiçaõ, fantasmas da cobiça, & delirios da concupiscencia. E que significaõ estes sonhos do dezejo? Aos que conhecem os seus effeitos, annunciaõ venturas, & aos que os ignoraõ, ruinas; & assim prometeo Joseph venturas, ao que via diante de si, o em que sonhava, porque quem claramente vé o que dezeja, conhece as obrigaçoens, & os perigos, em que o seu dezejo o poem, & naõ há enganos no dezejo, quando há desenganos no entendimento: pelo contrario, ao que sonhou, que andava com a cabeça carregada, pronosticou Joseph ruinas; porque quem traz hum pezo na cabeça, naõ vé o pezo que leva, & nesta perigosa incerteza, naõ sabe se na carga, com que anda, se encerraõ os trofeos da sua fortuna, ou as ignominias do seu abatimento. Que de ambiciosos andaõ com grandes dezejos na cabeça, fantasticos Atlantes das suas quimeras; mas porque naõ vem o pezo, que levaõ, & naõ consideraõ o perigo, em que se metem, com passos infelicemente alentados da vehemencia do seu dezejo correm para o precipicio. Hugo Cardeal: *Quod supra caput est, non videtur à portante, sic mali gravantur ab oneribus suis.* *Hug. Card. in Genes. cap. 40. vers. 16. & 18.*

46. Sempre o saber, se há de anticipar ás determinaçoens da vontade, saiba o Entendimento, primeiro que a vontade determine, & naõ se engolfe o dezejo no mar das suas pretençoẽs, por naõ se arrepender da sua precipitaçaõ, quando se achar no meio dos naufragios. Todos os Rios, diz Salamaõ, correm para o mar, & do mar tornaõ a sahir: podéra hum discreto imaginar, que os Rios, que naõ paraõ no mar em que entráraõ, tornaõ a sahir, como arrependidos da sua temeridade, & saudosos da doçura, que perdéraõ nas amargosas ondas do Oceano. Representesevos hum Rio na sua vigorosa infancia, taõ inclinado para o mar, *Ad locum, unde exeunt flumina, revertuntur, ut iterũ fluant. Eccles. 1. 7.*

o mar, que com violenta impaciencia rompe das entranhas de hum monte, & apenas nascido, se precipita. Vede como se arrastra, & geme, embaraçado nos Rochedos, que lhe impedem o caminho, como se anima com successivos impulsos, como se segue, & se persegue a si mesmo, & acrescentando a corrente para abreviar a peregrinaçaõ, chega com mais ancias, que agoas ao mar, suspirado centro do seu descanço. Assim acaba o Rio o seu curso, levado do seu dezejo natural, mas porque he dezejo sem conhecimento, a experiencia descobre o engano deste dezejo; experimenta o Rio os amargores, & as tempestades do mar, & como dezejoso de se restituir à sua primeira doçura, & tranquilidade, torna a se roubar ao mar, exalandose em vapores pelo calor do Sol, ou penetrando as veas da terra, para com cristalina metamorfosi se transformar em fonte. Este he o jeroglifico da cegueira dos nossos appetites, & a imagem do arrependimento, que comsigo traz a ignorancia do que se dezeja: *Ad locum, unde exeunt flumina, revertuntur, ut iterum fluant.* Saõ os homens como os Rios, correm para o naufragio, no mesmo tempo que anhelaõ ao socego, & porque naõ conhecem o que dezejam, o logro de hum dezejo, he estimulo para outro dezejo differente, & a satisfaçaõ da sua propria vontade, he o castigo da sua ignorancia.

47. O saber (como já tenho dito) sempre se há de anticipar ao querer; por isso diz S. Paulo, que Deus faz tudo conforme o conselho da sua vontade: *Operatur omnia secundum consilium voluntatis suæ.* Ephes. 1. vers. 11. Notai esta palavra, conselho; naõ diz S. Paulo que Deus faz tudo conforme a sua vontade, mas conforme o conselho da sua vontade: *Secundum consilium voluntatis suæ.* Os homens naõ se podem aconselhar com a sua vontade, porque he cega, sô Deus se aconselha com a sua

a ſua vontade, porque em Deus he huma meſma couſa, a vontade, & a ſabedoria. Eſta he a razaõ, porque com particular advertencia, affirma a Eſcritura, que quando Deus quiz criar o mundo, aſſiſtio a eſta criaçaõ a Divina Sabedoria, inſeparavel companheira da Divina vontade: *Cum eo eram cuncta componens.* Aconſelhou a ſabedoria, o que a vontade executou, & o querer divino, foi conſequencia do ſeu ſaber. Naõ aſſim, nos homens, em que com temeraria precedencia, o querer ſe adianta ao ſaber, querem os homens, o que naõ ſabem, naõ ſabem o que querem; & por iſſo, com perpetuas contradiçoens, querem, & naõ querem; quiz Raquel filhos para aſſegurar a deſcendencia, & a meſma Raquel naõ quiz filhos para aſſegurar a vida. Quiz o povo de Iſrael alimentos no deſerto, & o meſmo povo de Iſrael naõ quiz no deſerto prodigioſos alimentos; quizeraõ os Hebréos hum Rey, que com ſuprema authoridade os governaſſe, & os meſmos Hebréos naõ quizeraõ nos ſeus Reys huma taõ ſuprema authoridade. Oh extravagantes implicaçoẽs da vontade, originadas das illuſoens do Entendimento; o Entendimento he o Pintor, que debuxa as figuras, que ſe repreſentaõ à vontade, mas de ordinario fôrma o Entendimento eſtas imagens, com o pincel da affeiçaõ, & a affeiçaõ engaña a vontade, com a ſofiſtica luz da ſua pintura.

Prov. cap. 8. verſ. 30.

48. Dos peccadores, que ſô querem o que a paxaõ, & a affeiçaõ lhes repreſenta, diz David eſtas miſterioſas palavras: *Tranſierunt in affectum cordis.* Lê outra verſaõ: *Tranſierunt in picturas cordis.* Pinta a affeiçaõ, mas naõ pinta o que he, pinta o que quer; & como quer, & contra todas as Leys da pintura, naõ há ſombras nos payneis, que a affeiçaõ faz, porque ſô ſabe pintar luzes, & delinear enganos; tirai de hum paynel as ſombras, & logo lhe faltaráõ as luzes, porque ſô o eſcuro das

Pſalm. 72. verſ. 7.

das sombras, faz realçar as luzes de hum paynel; as pinturas pois da affeiçaõ, saõ payneis sem sombras, porque representaõ o que os objectos tem de aggradavel para lizonjear o gosto, & dissimulaõ o que tem de aborrecivel para naõ escandalizar o appetite. Do pernicioso artificio desta pintura, se valéo o Demonio naquelle paynel, em que representou ao Senhor o mundo: *Ostendit illi omnia Regna mundi, & gloriam eorum*: reparai nas ultimas palavras, em que consiste o engano desta pintura: *Regna mundi, & gloriam eorum.* Representou o Demonio a magestade dos palacios, mas naõ mostrou o horror dos carceres, & dos sepulcros; retratou a pompa dos triunfos, & escondéo o sanguinolento das batalhas; pintou os prazeres, as delicias, as purpuras, os diademas, & as coroas, mas ocultou as enfermidades, os achaques, os contagios, os cativeiros, & os homicidios; em conclusaõ, nesta cosmographica descripçaõ, havia luzes para o agrado, mas naõ havia sombras para o desengano: *Ostendit illi omnia Regna mundi, & gloriam eorum.* Com semelhantes illusoens, engana a nossa affeiçaõ a vontade, ostenta os gostos, & disfarça os trabalhos, & manifestando o que os bens do mundo tem de resplandecente para o applauso, naõ mostra o que tem de opaco, para o desprezo. Em conclusaõ. A affeiçaõ, & a vontade saõ duas cegas, & porque se hum cego guiar a outro cego, ambos se precipitaráõ, se a affeiçaõ guiar a vontade, a affeiçaõ, & a vontade cahiráõ no precipicio, a affeiçaõ como enganadora, & a vontade, como enganada. Logo seja a sciencia, a primeira guia da nossa vontade. A segunda guia da vontade será a prudencia, como veremos nesta segunda parte, em que a vontade pede a Deus o segundo remedio da sua cegueira: *Domine, ut videam.*

Lucæ cap. 4. vers. 5.

II. PARTE.

49. Em todos os Estados,

dos, & em todos os tempos, saõ precisos os dictames da prudencia, para regular os movimentos da vontade; mas há Estados, & há tempos, em que a calidade do empenho pede maior attençaõ, & a evidencia do perigo, maior cuidado. De todos os Estados da vida humana, o estado dos que mandaõ, está sogeito aos maiores desacertos da vontade, & por isso necessita das maiores attençoens da prudencia, para prever os perigos, & evitar os precipicios, a que está arriscada a liberdade de hum soberano; na cabeça, que he a parte mais alta do corpo humano, poz a natureza os olhos, & ao firmamento, q̃ he o mais alto dos Ceos, deu a natureza tantos olhos, quantas saõ as estrellas, que o alumeaõ, porque quanto mais eminente he, o lugar do que manda, mais desvelada ha de ser a sua vigilancia. Sahe a Aurora, primeiro que o Sol domine no Oriente, porque a vigilancia, sempre se há de anticipar ás acçoens de hũ Monarca; felices os Imperios, em que os Princepes à imitaçaõ do Sol illustraõ o seu governo com anticipados resplandores, assegurando com esta prevençaõ os acertos da sua vontade. Naõ me dilato nesta materia, porque he assumpto mais para Estadistas, que para Prégadores; sô o meu intento he mostrar, como na Christandade ha tempos mais perigosos huns, que outros, em que a nossa vontade summamente necessita das luzes da Prudencia.

50. De todo tempo do anno, o mais arriscado para a salvaçaõ, he este, em que a cegueira dos homens sacrilegamente canoniza os desatinos da sua liberdade. Tem para si o mundo, que nestes dias, naõ he discreto quem naõ he dissoluto. Lastimoso tempo, em que o vicio he avaliado por discriçaõ; & a virtude por necedade. Mas o officio da prudencia, he conhecer o engano desta errada opiniaõ, & o maior empenho de hum discreto, he inclinar a vontade aos virtuosos exer-

exercicios, no tempo em que os mais se retiraõ do exercicio da virtude. Celebra a Escritura a discriçaõ, & prudencia de Tobias com estas palavras: *Cum esset junior omnibus, nihil tamen puerile gessit.* Era Tobias o mais moço de seus companheiros, mas era o mais discreto, menino nos annos, mas na prudencia varaõ. Porque? Porque no mesmo tempo, em que os companheiros de Tobias, hiaõ adorar os Idolos no Paço de Jeroboaõ, hia Tobias adorar ao Senhor no Templo de Jerusalem: *Cum irent omnes ad vitulos aureos, hic solus fugiebat consortia omnium, & pergebat in Ierusalem ad templum Domini.* Naquelle tempo concorriaõ todos para a veneraçaõ de ficticias Deidades, simulacros do Demonio, & abortos do Inferno; pelo contrario caminhava Tobias para o Templo, onde offerecia ao verdadeiro Deus, o sacrificio dos seus affectos, quanto mais solitario, mais discreto, unico no exercicio da virtude, & por isso, singular nos acertos da prudencia: *Cum esset junior omnibus, nihil tamen puerile gessit.* Nestes dias impiamente criticos, em que dominaõ influencias contrarias à salvaçaõ das Almas, offerece o mundo sacrificios aos Idolos da sua cegueira, & o poder do costume acrescenta os delirios da Christandade, mas a prudencia he o preservativo destes delirios, & os que saõ christaãmente discretos, naõ sô se sabem prevenir contra os abusos do tempo, mas destes mesmos abusos tomaõ occasiaõ para no tribunal da divina munificencia alcançarem o despacho das suas santas pretençoens.

Tob. 1. 4.

51. A discriçaõ de hum pretendente, consiste em solicitar a merce, que dezeja, no tempo em que naõ ha competidores, que a procurem. Desta traça se valéo o Bom Ladraõ, no Calvario; pedio ao Senhor, que o admitisse no seu Reyno: em que tempo? Em hum tempo, em que parece, que ninguem cuidava em fazer seme-

ſemelhante requerimento. Notavel ſucceſſo! No tempo, em que eſtava o Senhor na Cruz para a Redempçaõ do mundo, naõ conſta, que alguem pediſſe ao Senhor, que lhe concedeſſe lograr o bem deſta redempçaõ. Naõ o pedíraõ os Gentios, porque naõ conheciaõ ao Redemptor: naõ o pedíraõ os Judéos, porque o crucificavaõ: naõ o pedíraõ os Apoſtolos, porque o deſempararáraõ: naõ o pedio o Máo Ladraõ, porque o blaſphemava, nem a meſma Senhora, nem a Magdalena, nem o Evangeliſta, que eſtavaõ ao pé da Cruz, fallavaõ: porque o exceſſivo ſentimento da morte de ſeu amantiſſimo Senhor, lhe ſuſpendéra a voz, & embargára o diſcurſo; vendo pois o Bom Ladraõ, q̃ naõ havia competidores da gloria, que dezejava, com diſcreta confiança preſentou o memorial: *Mementò mei cũ veneris in Regnum tuum:* & no meſmo inſtante alcançou o deſpacho: *Hodie mecum eris in Paradiſo.* Bem ſei, que naõ he o tribunal da divina miſericordia, como os tribunaes dos Princepes da terra, em que, como ſaõ mais os pretendentes, que as merces, eſgotaſe a fonte dos beneficios pela ſequioſa multidaõ dos competidores, mas antes no theſouro da divina liberalidade, ſaõ as mercés em taõ grande numero, que podem dar ſatisfaçaõ a todas as pretençoens. Porèm muito ſe agrada Deus de huma Alma, que ſabe pedir, quando ninguem pede, anhelando a ſua graça, quando os outros provocaõ a ſua juſtiça.

Lucæ cap. 23. verſ. 42.

Ibid.

52. Eſte pois he o tempo, em que naõ há emulaçaõ para os bens eternos, porque todas as ancias ſaõ para caducas temporalidades, & fallando ao modo humano, hoje o deſcuido dos diſtrahidos no mundo, facilita o deſpacho dos pretendentes da gloria. Em Deus todo tempo he tempo de fazer mercés a quem lhas pede, porque he taõ natural em Deus o bem fazer, como no Sol o luzir: porèm abre Deus o theſouro das ſuas graças com maior largue-

largueza, aos que acendem a tocha dos seus affectos; em tempo, em que os outros a trazem apagada. Huma rosa na Primavera, naõ he estimada, mas offerecida no Inverno, he o empenho da admiraçaõ: & que outra cousa he este tempo consagrado a profanos divertimentos, senaõ o Inverno da Igreja, em que desmayaõ as flores das virtudes, mas o coraçaõ, que no desabrido deste Inverno se abre a Deus, & se apura em finezas, he huma rosa fôra de tempo, & quanto mais intempestiva, mais preciosa. Demaneira que, naõ há tempo, em que mais mereça o nosso amor para com Deus; que este, em que Deus he mais offendido; tambem naõ há tempo, em que o mundo menos mereça o nosso amor, que este, em que toda a alegria do mundo vai a parar em hum dia de Cinza.

53. Entre as Leys, com que a prudencia há de guiar a vontade, diz o Filosofo, que a prudencia deve inclinar os affectos da vontade para os bens, que se conhecem capazes de maior duraçaõ: *Eligibilius primò est, quod est diuturnius.* Sempre foraõ breves os gostos do mundo, mas neste tempo taõ fugitivos saõ os seus prazeres, que naõ tem mais, que tres dias de alento. Está hoje o mundo nas antivesporas da sua agonia, & daqui a tres dias se celebraráõ as suas exequias com os funebres apparatos da morte. Logo que estimaçaõ pôde a vontade fazer destes taõ ephimeros passatempos; passa o tempo, & foge o mundo, & fugindo desempara aos que à sua fidelidade neciamente se arrimaõ. Rotos os esquadroens, & desbaratado o exercito, fugia Absalaõ, fiado no cavallo, que o levava; mas ficou Absalaõ pendurado em huma arvore, & prezo pelos cabellos, & o cavallo continuou o seu curso; se o cavallo parara, tivera Absalaõ tempo para desfazer com as maõs, ou para cortar com a espada o laço, que o prendéra; mas naõ lhe foi concedida esta taõ precisa

cisa detença: acabou o cavallo a carreira, & Absalaõ ficou no patibulo, em que poz fim à carreira da vida. He hoje o mundo semelhante a hum cavallo desenfreado, que com arrebatada violencia nos leva pelas estradas de huma licenciosa liberdade, & daqui a poucos dias, ficaremos todos prezos pelos cabellos na arvore da vida, porque sobre os nossos cabellos se escreverá com caracteres de cinza a sentença da morte: *Memento homo, quia pulvis es.*

54. Vede agora, que temeraria he a imprudencia dos que se asseguraõ da fidelidade do mundo, que quando houvera de parar, foge, & em lugar de reprimir o seu curso, o accelera. Hoje andais como Absalaõ firmados no estribo de huma enganosa confiança, & daqui a poucas horas, apparecereis prezos pelos cabellos, com as tristes insignias da morte: *Memento homo, quia pulvis es.* Nestes dias, o mundo he huma roda, que se volta para a Esfera dos seus aereos divertimentos, mas no quarto dia se virará a roda, & descerá para o lodo da mortalidade, q̃ aos nossos olhos se representará: *Memento homo, quia pulvis es.* Nestes dias, o mundo he huma nuvem, que com malignos vapores se condensa, mas no quarto dia rebentará a nuvem, & sahirá o rayo da morte: *Memento homo, &c.* Nestes dias, o mundo he huma fogosa exalaçaõ, que se acende, & arde, & acabado, no quarto dia, o incendio, tudo se verá reduzido a cinzas: *Memento homo, quia pulvis es, & in pulverem reverteris.* Abramos os olhos a estes anticipados desenganos, porque saõ as luzes, que a prudencia nos offerece, para guiar a nossa vontade no meio das ciladas, que nestes dias o vicio arma contra a virtude. A terceira guia da vontade, he a consciencia, & esta ultima guia, he mais precisa, que as duas primeiras, porque sem a direcçaõ de huma saã consciencia, he vaã a sciencia, & a prudencia

Pendet Absalon per comam capitis sui, & mulus, cui insederat, transit, quia mundus, & omnis fælicitas humana pertransit.

Diogo Hostiens. Serm. de Dominica Passionis Sacr.

dencia inutil. Vamos seguindo os passos desta ultima guia, que acompanha a vontade, dezejosa dos remedios da sua cegueira: *Domine, ut videam.*

III. PARTE.

55. Na doutrina de Santo Thomás, tem a consciencia dous actos, ou officios, o primeiro he examinar, & o segundo aconselhar; a consciencia examina, se o que a vontade quer, he licito, ou illicito; se he licito, o aconselha, & se he illicito, o condena. Este previo exame, & conselho da consciencia, saõ as duas tochas, que sempre a razaõ leva diante de todos os actos da vontade: por onde, quando o peccador se desvia do caminho da salvaçaõ, este lamentavel desacerto se deve attribuir à sua propria vontade, & naõ à vontade de Deus (como alguns hereges affirmáraõ) porque Deus dá a todos a graça sufficiente; nem tampouco se deve attribuir à vontade do Demonio (como outros imagináraõ) porque o Demonio naõ tem poder na vontade dos homens. Ao Demonio costumaõ muitos dar a culpa dos peccados, em que cahíraõ, mas muitas vezes, naõ tem o Demonio culpa das nossas culpas; porque (se bem reparardes) houve culpas na vontade, primeiro que houvesse Demonios no mundo. Pecou Lucifer, & com elle hum grande numero de Anjos de todas as Celestes Jerarquias. Agora pergunto: Quem acõselhou a Lucifer, & quem induzio os Anjos a que peccassem? O Demonio? Naõ, que ainda naõ havia Demonios no mundo. Logo quem foi o inventor, & o author deste primeiro peccado? A vontade, & a vontade dos Anjos; porque naquelle tempo, em que ainda naõ havia homẽs na terra, nem Demonios no Inferno, naõ havia mais q̃ duas vontades no mundo, a vontade de Deus, & a vontade dos Anjos; a vontade de Deus, q̃ por sua natureza he impeccavel, naõ podia consentir no peccado; mas a vontade dos Anjos, que

ainda naõ estava confirmada em graça; era capaz de offender a Deus. Logo o primeiro peccado do mundo, foi filho de huma sacrilega vontade, & a vontade foi a primeira delinquente, em que se ensayáraõ as lavaredas do Inferno.

56. Quem imaginais, que castiga Deus no Inferno? Por ventura com o fogo do Inferno castiga Deus as blasfemias, os furtos, os homicidios, as lascivias, as impiedades, & os sacrilegios? Naõ: sô a vontade, he a que Deus castiga no Inferno, porque sô a vontade he a authora, & a executora destes Infernaes desatinos. *In quem Inferni ignis desævit*, diz S. Bernardo, *nisi in propriam voluntatem?* Naõ há Inferno sem peccado, nem peccado sem vontade: cesse a vontade de peccar, & o Inferno cessará de arder: desista a vontade de se oppor aos dictames da consciencia, & o Inferno desistirá de executar os castigos da Divina justiça. *Quid odit, aut punit Deus præter propriam voluntatem* (continua o mesmo Bernardo) *cesset voluntas propria, & infernus non erit.* Daqui se infere, que a vontade, que faz ao peccador atrevido nas offensas, que comete contra Deus, faz ao mesmo peccador incapaz de se queixar dos castigos, que Deus lhe dá; porque sabendo o peccador, que sempre o castigo se segue ao peccado, quer implicitamente o castigo, no mesmo tempo, que illicitamente quer o peccado, & naõ se póde ninguem justamente queixar do castigo, a que voluntariamente se sogeitou.

Bernard. Serm. 3. de Resurrectione.

Idem ibidem.

57. Fallando o Propheta Rey nos condenados, diz que elles estaõ no Inferno, como ovelhas: *Sicut oves in Inferno positi sunt.* Mas se Christo Senhor Nosso chama aos predestinados, ovelhas: *Statuet oves a dextris:* Com que razaõ compara David os condenados com as ovelhas? *Sicut oves in Inferno positi sunt.* Respondo. As ovelhas, quando se levaõ a morrer, naõ fazem resistencia, & naõ daõ hum sô balido, como se naõ sô lhe

Psalm. 48. vers. 15.

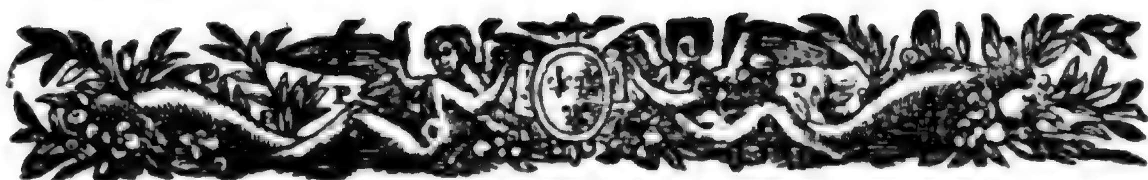
faltára a razaõ para o discurso, senaõ tambem o sentimento para a pena. Este silencio pois, que nas ovelhas, he mansidaõ natural, nos condenados, será effeito da sua confusaõ: *Sicut oves in Inferno positi sunt.* No dia do Juizo, os condenados se veraõ vergonhosamente emmudecidos, porque se acharáõ justamente condenados; naõ teráõ desculpas para os delitos, porque tiveraõ conhecimento dos castigos, & attribuindo à sua propria vontade, a sua perdiçaõ, mostraráõ a sua confusaõ, no seu silencio: *In puncto ad Inferna descendunt.* Le outra versaõ: *Cum quiete in Infernum descendunt.* De maneira, que a vontade, que neste mundo, teve armas para offender a Deus; no outro mundo, naõ terá razoẽs para se defender; & a consciencia, que nesta vida foi o conselheiro da vontade, será o juiz da vontade na outra vida. Oh! aprendamos daqui a conformar a nossa vontade com os dictames da consciencia, & consideremos, que para este effeito, naõ basta querer o que Deus quer, mas he preciso querer o bem, pelo mesmo fim, porque Deus o quer, porque tendo a nossa vontade o mesmo fim que a vontade divina, naõ póde peccar, & pelo contrario naõ tendo este mesmo fim, póde a vontade peccar, ainda querendo o que Deus quer.

58. Deus, & os Judéos quizeraõ a morte de Christo, & com tudo, os Judéos offendéraõ a Deus, querendo o que Deus queria. Porque? Porque o Eterno Pay queria a morte de Christo por hum fim, & os Judéos por outro fim queriaõ a mesma morte. O Eterno Pay queria que Christo morresse para Redempçaõ do genero humano, & os Judéos queriaõ a morte de Christo para a extinçaõ do Christianismo; na vontade do Eterno Pay, a morte de Christo, era o objecto da sua gloria, porque era a cabal satisfaçaõ da sua justiça; mas na vontade dos Judéos, a morte de Christo, era o empenho

do ſeu odio, & o barbaro aſſumpto da ſua crueldade: & aſſim os Judéos offenderaõ a Deus, querendo o que o meſmo Deus queria, porque a vontade dos Judéos reſpeitava hum fim contrario aos intentos da divina vontade. Logo, he preciſo, que a conſciencia apure a conformidade, perſuadindo a vontade que naõ ſô queira, o que Deus quer, mas que queira as deſgraças, & as proſperidades, a ſaude, & as doenças, a vida, & a morte, pelo meſmo fim: porque Deus as permite & iſto he propriamente querer com ſciencia, com prudencia, & com conſciencia: que como temos viſto nas tres partes do Sermaõ, ſaõ as tres guias, que regulando os paſſos da vontade, remedeaõ a ſua cegueira. Cadahum de nós naturalmente quer, o que lhe parece mais conveniente à profiſſaõ do ſeu Eſtado: quer o mercador a ganancia, para acreſcentar a ſua fazenda: quer o ſoldado a guerra, para acreditar a ſua valentia: quer o miniſtro a graça do ſeu Princepe, para adiantar a ſua fortuna: & os Princepes querem o amor, & obediencia dos ſubditos, para o bom governo dos ſeus Eſtados. Eſta diverſidade de vontades ſe acha nos homens em quanto homens, mas em quanto Chriſtaõs, todos tem obrigaçaõ, de querer huma ſô couſa, a ſaber, a Graça de Deus, que he o maior bem, a que pôde aſpirar a noſſa vontade, & para conſeguir eſte bem, baſta que a vontade o queira; queira a vontade, o que o Evangelho manda: queira a vontade, o que Deus quer, & eſtá certa a Graça de Deus neſta vida, & na outra, a Gloria: *Ad quam: &c.*



SER



SERMAM DA QVARTA QVARTA FEIRA.

Prégado na Capella Real, 8. de Março de 1679.

Hypocritæ, bene de vobis prophetavit Isaias, dicens, populus hic labijs me honorat.
Matth. cap. 15. verſ. 7.

Muito altos, & poderoſos Princepes, & Senhores noſſos.

59. A minha opiniaõ, naõ há no mundo, vicio mais univerſal, que o da hypocreſia. Todas as idades, & todos os Eſtados da vida humana, tem algum vicio particular, a que naturalmente eſtá o homem taõ ſogeito, como a Lua aos Mingoantes, & o Sol aos Eclipſes. Na mininice, cegamente domina a ignorancia, & a confiança, atre-

atrevidamente impera na varonia. A prodigalidade, he propria dos moços, & aos velhos está avinculada a avareza. A soberba, he o achaque dos nobres, a lizonja, he o dezar dos cortezaõs, a inconstancia, he o crime dos amantes, a presumpçaõ, he o peccado dos doutos, & a altivez, he o delito dos soberanos. Mas a hypocresia, he o commum achaque de todas as idades, & de todos os Estados, porque o hypocrita, he aquelle, que affecta de parecer o que naõ he, & naõ ha idade, nem estado, em que os homens naõ procurem de parecer o que naõ saõ. Tem a velhice seus hypocritas, tem seus hypocritas a mocidade; hypocritas da velhice, saõ os que querem parecer velhos antes de tempo, ostentando no verdor dos annos, huma anticipada madureza; & saõ hypocritas da mocidade, os que com ficticios adornos, dissimulaõ os inevitaveis estragos do tempo. Nas escolas da milicia, he hypocrita o pusilanime, que treslada em si os brios de huma mentida valentia, & no Theatro das sciencias, he hypocrita o ignorante, que se ostenta valido das Musas, Secretario de Apollo, & harmonioso cisne do Parnaso. O odio equivocado em amor, he a hypocresia dos aleivosos, a mentira enxertada na verdade, he a hypocresia dos aduladores, & o proprio enterece disfarçado com zelo do bem commum, he a hypocresia dos Tiranos.

Quisquis appetit videri, quod non est, hypocrita est. Augustin. de Sermone Domini in Monte. cap. 3.

60. Mas sendo o vicio da hypocresia taõ universal em todos os Estados, parece tem particular dominio nas Cortes, & nos Palacios, em que as apparencias tem mais credito, que as realidades. De donde imaginais, que vieraõ os hypocritas, de que hoje falla o Evangelho? Vieraõ da Corte. Estava o Senhor nas prayas de Genesareth, & da Cidade de Jerusalem, Corte do Reyno de Palestina, vieraõ os Escribas fingidamente zelosos da observancia das Leys antigas,

gas,

gas, & formando com ſuperſticioſa Religiaõ huma falſa calumnia, notáraõ nos Diſcipulos do Senhor, humas vaãs omiſſoens, & as encarecéraõ por grave culpa: *Quare Diſcipuli tui tranſgrediuntur traditionem ſeniorum?* Naõ ſei, que tem os Palacios, & as Cortes, que havendo de ſer Aſylos, & theatros da verdade, de ordinario ſaõ enganoſos frontiſpicios, em que as realidades ſe deſconhecem, & as ſombras ſe adoraõ. Saõ a maior parte dos Palacianos, como o fabuloſo Narciſo, que deſprezou os affectos, & as prendas de huma formoſa Nimpha, & vendoſe no liquido criſtal de huma fonte, fez de ſua ſombra, o ſeu Idolo, & huma tranſitoria repreſentaçaõ, foi o empenho do ſeu cuidado. E para naõ buſcar provas fóra do Evangelho, que outra couſa ſaõ eſtes Phariſaicos Palacianos, que ſuperſticioſos Narciſos, que contemplaõ na agoa, em que lavaõ as maõs, a imagem de huma antiga tradiçaõ, & afeiçoados a eſte vaõ ſimulacro, quebrantaõ os mais eſſenciaes preceitos da Ley Divina. *Quare Diſcipuli tui tranſgrediuntur traditionem ſeniorum?* Eis ahi a ſombra adorada. *Quare & vos tranſgredimini mandatum Dei.* Eis ahi a verdade opprimida.

Salmeron, Maldonat. Barrad. Et tunc temporis hoc factum eſſe dicunt. Matth. cap. 15. verſ. 2.

Matth. cap. 15. verſ. 2.

61. Nas Cidades populoſas, que ſaõ Cortes das Monarquias, tenho reparado, que ſe achaõ tres generos de hypocritas: huns, que ſendo pobres, parecem affazendados, com a pomposa ſuperficie das ſuas galas: outros, que ſendo malevolos, parecem zeloſos, com a melliflua ſuperficie das ſuas palavras: & outros, que ſendo criminoſos, parecem ſantos, com a religioſa ſuperficie das ſuas obras. Eſtes tres generos de hypocritas pretendem ter entrada em Palacio; ou para melhor dizer, procuraõ de ſe introduzir em tres differentes Palacios, no Palacio da riqueza, no Palacio da verdade, & no Palacio da virtude. Mas como veremos,

mos, nas tres partes do Sermaõ, nem a riqueza, nem a verdade, nem a virtude, querem dar entrada a estes fantasticos Palacianos, em que tudo saõ apparencias sem substancia, apparencias de riqueza, no trajar, este he o primeiro assumpto: apparencias de verdade, no fallar, este he o segundo: apparencias de virtude, no obrar, este he o terceiro: *Hypocritæ, bene de vobis prophetavit Isaias, dicens, populus hic labijs me honorat.*

Matth. cap. 15. vers. 7.

I. PARTE.

62. Primeiramente, no Palacio da Riqueza, pretendem de se introduzir huns hypocritas loucamente ambiciosos, que procuraõ de grangear opiniaõ de homens de cabedal, & para este effeito disfarçaõ as miserias da sua necessidade, com o superficial luzimento do traje, com que se adornaõ. Semelhantes saõ à canela, planta hypocrita, que poem toda a sua substancia na cortiça. E cada hum destes póde dizer, como aquelle Philosopho da Grecia: *Omnia mea mecum porto.* Porque trazem comsigo todos os seus cabedaes; fôra de casa luzem como a estrella da manhaã, & em casa vem as estrellas no meio dia: & saõ em certo modo como a grande maquina do mundo, que tem o resplandor do firmamento por circumferencia, & o pô da terra por centro; porque na circumferencia do vestido, mostraõ hum firmamento de luzes, & a casa, em que vivem, he centro da pobreza. Mas quem dezeja de luzir, mais do que pede a limitaçaõ das suas posses, desdoura o seu proprio luzimento, com os artificios, com que o sollicíta. Neste mundo, em que a perspicacia dos curiosos, descobre manchas no mesmo Sol, que he a fonte das luzes, difficultosamente se póde dissimular a penuria de hum Planeta mendigo, & muito melhor lhe fora, esconderse com modestia nas sombras

bras

bras da ſua pobreza, do que fazer huma pompa vaã de riquezas, que naõ poſſue.

63. Criou Deus o Sol, & a Lua: o Sol: *Luminare maius, ut præeſſet diei:* & a Lua: *Luminare minus, ut præeſſet nocti.* Para as horas do dia, deſtinou Deus o curſo do Sol, & reſervou o curſo da Lua, para as horas da noite. Porque? Porque as riquezas do Sol, ſaõ para o applauſo, & a pobreza da Lua para o ſegredo; o Sol, que tem grandes cabedaes de luzes, pòde ter confiança para ſe oſtentar aos olhos do mundo, mas a Lua, que ſò ſe adorna com reſplandores poſtiços, & empreſtados, naõ deve de apparecer ſenaõ no ſilencio da noite, por naõ haver teſtemunhas da ſua mentida claridade. Eſte he o maior acerto de huma pobreza diſcreta, evitar a publicidade do luzimento, por naõ publicar os deſdouros da neceſſidade; renunciar o fauſto para conſervar o credito, & naõ fazer gala de luſtroſos accidentes, quando falta a ſubſtancia deſte luminoſo apparato.

Geneſ. cap. 1. verſ. 16.

64. No monte Tabòr, ſahio o Senhor com huma gala taõ precioſa, & bizarra, que parecia neve tecida pelas maõs dos Anjos, ou perolas do Ceo desfeitas em neve: *Et veſtimenta ejus facta ſunt alba, ſicut nix.* Repáro, que toda a pompa dos adornos ſe guardou para as veſtiduras do Senhor, porque naõ ſe ſabe, que Moyſes, & Elias, que aſſiſtiaõ aos lados do Senhor, tiveſſem algum genero de adorno nas ſuas veſtiduras; mas ſe as galas dos cortezaõs, ſaõ os reſplandores da mageſtade dos Princepes, porque razaõ naõ concedèo o Senhor pompoſas veſtiduras a eſtes dous Prophetas, que o cortejavaõ no triumfo da ſua Transfiguraçaõ? Dou a razaõ ao meu intento. Nas veſtiduras de Chriſto transfigurado, as galas eraõ accidentes com ſubſtancia, porque eraõ demonſtraçoẽs exteriores, da gloria inviſivel, que Chriſto interiormente

Matth. cap. 17. verſ. 2.

mente possuia, mas nas vestiduras dos Prophetas, que ainda naõ estavaõ de posse dos bens da gloria, as galas, & os luzimentos haveriaõ sido accidentes sem substancia, & no Tabôr, que naquelle tempo, era o Palacio da Divina Magestade humanada, naõ convinha, que se désse lugar à ostentaçaõ de huma superficial grandeza. O pomposo adorno de hum pobre ambicioso, he huma enganosa transfiguraçaõ, porque he huma luz sem substancia. Notavel ambiçaõ de luzir, he esta dos homens! Huns se transfiguraõ, & outros se desfiguraõ; huns se transfiguraõ com falsos luzimentos, & outros com demazidos luzimentos se desfiguraõ, ou para melhor dizer, se destroem, porque consomem o seu cabedal, & a sua substancia.

65. Entre o luzir do Sol, & o luzir do fogo, há esta differença, que o Sol sabe luzir sem consumir a materia, de que he composto, mas naõ pôde o fogo luzir, sem consumir o seu proprio alimento. Este he o infelice destino dos homens de mediana fortuna, quando se atrevem a competir com os Soes das Monarquias, luzem como o fogo, porque o resplandor da sua familia, he o incendio da sua fazenda. Emquanto a polvora, naõ passa do negro, & modesto traje, que a Arte lhe deu, conserva o seu ser; mas logo, que a polvora se acende para luzir, a sua substancia se dissipa pelo Ar, & o seu luzimento se resolve em fumo. Semelhantes ruinas a estas, causa a ambiçaõ inclinada a superfluas ostentaçoens, luzem as familias, & os patrimonios se abrazaõ, resplandecem as casas, & as heranças se reduzem a cinzas.

66. Mas que diremos da faminta riqueza, dos que trazem galas, dos que jejuaõ, tirando à boca, o que daõ ao luxo; & attenuando as forças do corpo, para alentar os brios da sua vaidade. Tem o Bicho da seda

ſeda eſta propriedade; em quanto fôrma o precioſo cazulo, em que ſe envolve, naõ come; do meſmo modo, paſſaõ eſtes com abſtinencia, quando veſtem com luzimento, & com a meſma fome, que padecem, alimentaõ a oſtentaçaõ, com que vivem. Lembrame a eſte propoſito huma curioſa duvida de S. Joaõ Chryſoſtomo, ſobre eſtas palavras do Senhor no Evangelho: *Conſiderate lilia agri, &c. quoniam nec Salomon in omni gloria ſua coopertus eſt, ſicut unum ex iſtis.* Conſiderai as flores do Campo (diz o Senhor) & ſabei, que nem Salamaõ chegou algum dia a veſtir huma taõ luſtroſa gala, como a com que eſtas flores ſe adornaõ. Pergunta S. Joaõ Chryſoſtomo, porque razaõ querendo o Senhor repreſentarnos a perfeiçaõ de hum pompoſo veſtido, nos poem diante dos olhos, as flores do Campo, antes que as pennas do Pavaõ: *Cur non ex avibus Pavum nobis propoſuit?* Há mais veſtir, que o do Pavaõ, em que parece afinou ſeus reſplandores, o ouro, apurou o ſeu cintilar, o diamante, & avivou a eſmeralda, as ſuas eſperanças. Eſtende o Pavaõ a ſua plumagem, em fôrma de huma roda chea de olhos, como ſe o Pavaõ levára apoz ſi os olhos de todos, admirados da ſua belleza; & com enveja das flores, que apenas naſcidas deſmayaõ. He o Pavaõ hum Jardim animado, em que ſe repreſenta huma permanente Primavera. Mas ouçamos ao grande Tertulliano, que com o mais florido da ſua eloquencia, pinta os atavios deſta bizarra veſtidura: *Eſt Pavo pluma veſtis, omni conchilio pretioſior, qua colla florent, omni Patagio inauratior, qua terga fulgent, & omni ſyrmate ſolutior, qua caudæ jacent.* Suppoſto iſto, que motivo teria o Senhor para dar por ſymbolo de hum pompoſo ornato, as flores dos prados, antes que as galas do Pavaõ? *Cur non ex avibus Pavum nobis*

Matth. cap. 6. verſ. 28. & 29.

Chryſoſtom. hom. 23. ad cap. 6 Matth.

Tertullian. lib. de Pallio cap. 3.

nobis proposuit? Respondo. O vestir do Pavaõ, he huma parte da sua substancia, porque converte o alimento em galas, & na composiçaõ da soberba plumagem, gasta o que houvera de empregar no augmento do corpo. Naõ assim as flores, cuja pompa se origina dos humores superfluos, que a raiz communica ás folhas; tem as flores bens de raiz, & trazem galas, do que lhe sobeja; mas quem transforma o comer em vestir, imita ao Pavaõ: & por isso cá chamais a estas vaãs ostentaçoens, pavonadas. Nesta primeira Parte temos lançado do Palacio da Riqueza aos hypocritas, que disfarçaõ a sua pobreza, com a pomposa superficie das suas galas; nesta segunda Parte veremos, como se há de excluir do Palacio da verdade, outro genero de hypocritas, que encobrem o veneno da detracçaõ com a melliflua superficie das suas palavras: *Populus hic labijs me honorat.*

II. PARTE.

67. O que antigamente foi proposto a Sansaõ, como escuro enigma, he no dia de hoje, manifesta verdade. Vio Sansaõ hum favo de mel, na boca de hum Leaõ, este he o retrato dos hypocritas maldizentes, que com cruel brandura, desafogaõ o seu odio, com apparente zelo da verdade; introduzem o discurso com louvores da pessoa, de que fallaõ, eis ahi o favo de mel; & no mesmo tempo mordem, & desfazem na reputaçaõ da mesma pessoa, a que louváraõ: & eis ahi a boca de Leaõ. Fazem encomios, & daõ culpas, começaõ com Panegiricos, & acabaõ com Satiras, mellifluos no principio, & no cabo homicidas. A Escritura os compara ao atirador: *Extendunt linguam, quasi arcum.* Despede o atirador a seta com maior força, quanto mais puxa para si a corda do arco, & aplicando a seta ao peito, melhor acerta

acerta o golpe: do meſmo modo, eſtes fingidos zeladores da verdade, deſpedem a ſeta do peito, para que ſeja mais profunda a ferida, parece que da fragoa do amor, ſaem as ſuas palavras, & ſaõ forjados na officina do odio, os ſeus louvores. Quanto mais vos louvaõ, mais vos enfamaõ. He a ſua lingoa, como a penna de Demoſthenes, que pelo aparo deſpedia tinta, & pelo cabo lançava peçonha, tinta para os louvores, & peçonha para as detracçoens. Oh quantas vezes huma voz, mais branda que a de Jacob, diſſimula humas maõs, mais aſperas que as de Eſaû: & quantos Judas ha no mundo, que tem a maõ no prato, & a aleivoſia no peito!

68. Tenho reparado, que quaſi todas as calumnias, tem por fundamento humas vaãs tradiçoens; fallo por eſte eſtilo, porque he o meſmo, com que os hypocritas do noſſo Evangelho, cenſuraõ as acçoens dos Diſcipulos do Senhor: *Quare Diſcipuli tui tranſgrediuntur traditionem ſeniorum?* Digo, que as tradiçoens, ſaõ o alicerſe das detracçoens, porque as tradiçoens ſaõ couſas, que ſe ouvíraõ dizer, & naõ há quaſi ninguem, que murmure do que vio, mas do que ouvio; porque muy raras ſaõ as evidencias, & ſaõ infinitas as tradiçoens: & quanto mais antiga he a tradiçaõ, mais juſtificada parece a cenſura: *Traditionem ſeniorum.* Deſta perniucioſa recordaçaõ dos Antigos, naõ ſe póde livrar a mayor fortuna, nem a mayor nobreza; porque na primeira origem de huma, & outra, ſempre deſcobre a tradiçaõ algum labêo, com que ſe deſdoura o luſtre das preſentes grandezas; nos que na Republica tem officio de inveſtigar eſtes principios, por zelo da Fé, ou por enterece do bem commum, naõ eſtranho a eſpeculaçaõ das antigas tradiçoens, mas acho, que he grande ſemrazaõ, que havendo algum ſogeito aventajado, ſe deſvele a malevolen-

volencia em lhe buſcar os principios, para o moſtrar abatido.

69. Em huma das ſuas Epiſtolas, diz o Apoſtolo San Tiago, que há lingoas, que poem fogo na roda do noſſo naſcimento: *Inflammant rotam nativitatis noſtræ.* Le a verſaõ Syriaca: *Accendit ſeriem Genealogiarum.* Queimar a ſerie da Genealogia, he o meſmo, que abrazar a Arvore da deſcendencia, para deſcobrir os humildes principios da mais eſclarecida proſapia. Repreſenteſevos huma arvore, robuſta no tronco, dilatada nos ramos, pomposa nas folhas, & abundante nos frutos; cahe o rayo, abraza a arvore, & reduzindoa a poucas cinzas, deſcobre huma vil, & toſca raiz, de que ſe originou toda a louçania daquella mageſtoſa planta. Rayo he, a lingoa do malevolo inculcador das antigas tradiçoens, abraza a arvore da deſcendencia, deſcobre as raizes da Genealogia, manifeſta os achaques do naſcimento, & repreſenta a baxeza dos principios, para deſluſtrar a grandeza dos progreſſos: *Lingua accendit ſeriem Genealogiarum.*

Iacobi Epiſt. 3. verſ. 6.

70. Que irracionavel, & que indigna he de hum diſcreto a injurioſa lembrança de ſemelhantes verdades! Naõ há grandeza no mundo, em cujos principios naõ ſe tope com faltas, & abatimentos. A mais bella flor de hum jardim parecerá disforme, & deſprezivel, ſe ſe deſcobrir o berço da ſua origem. Nos theatros da Primavera realça a Açucena, como cabeça da florida Monarquia: mas toda a pompa, & belleza deſta flor, naſce de hum vil principio, porque primeiro que a Açucena dominaſſe na Republica das flores, jazia pobre, & humilde na plebe das cebolas. Com eſtas afrontoſas memorias, procura a detracçaõ de eſcurecer a gloria das grandezas, que ſe logra. Pareceme de ouvir praticar hum deſtes eſpeculadores da antiguidade. Naõ ſabeis (diz

(diz elle) que os Avós deſte, a quem hoje vedes taõ adinheirado, & luzido, eraõ homens de nada: a induſtria, a onzena, & o engano, foraõ as minas dos theſouros, que amontoou; & ſe vireis a baxeza do ſeu naſcimento, naõ vos admiráraõ as ventajens da ſua fortuna. Demaneira que nas noticias dos Antepaſſados, ſe eſtribaõ as calumnias dos modernos; deſenterra a detracçaõ os defuntos, para ſepultar a memoria dos vivos, & para anniquilar a grandeza de huma familia, deſcobre a maledicencia os principios da ſua ventura. Quem ſe quizer enformar deſtas opprobrioſas verdades, nunca chegará a dizer bem de couſa algũma do mundo; porque ſe julgarmos da nobreza das criaturas pela calidade dos ſeus principios, nenhuma couſa chegará a ſer grande na noſſa eſtimaçaõ, porque todas as couſas foraõ pequenas na ſua Infancia.

71. Até os Gigantes, no berço ſaõ pequenos, & o Sol, que na opiniaõ dos Mathematicos, he cento & ſeſſenta & ſeis vezes mayor que a terra, teve por fonte dos ſeus reſplandores, aquelle raſgo de luz, que Deus criou no primeiro dia (como advertio Dionyſio Areopagita, & Santo Thomás.) A terra, que hoje ſe oſtenta eſmaltada com flores, enriquecida com metaes, & fertilizada com as influencias dos Aſtros, era no principio do mundo, o domicilio da pobreza, & o hoſpicio da eſterilidade: *Terra autem erat inanis, & vacua.* E há cinco mil & ſeis centos, & ſettenta, & oito annos, que o mundo todo, naõ era nada. Com eſta meſma conſideraçaõ, fundada na verdade, mas inſpirada da malevolencia, pôde a detracçaõ deſcobrir abatimentos na mais levantada fortuna, & pôde achar ſombras na mais luzida nobreza; mas renovar a memoria de males, que paſſáraõ, para eſcurecer a gloria dos bens, que ſe poſſuem, naõ he zelo da

Dionyſ. Ario-pag. lib. 5. de Divin. Nomin. D.Thom quæſt. diſp. 4. art. 2. ad. 6.

Geneſ. 1.

inuidia

da verdade, he effeito de huma diabolica enveja. E. senaõ, vede a prova.

72. Morre o Rico Avarento, & vendose condenado ás penas eternas, trata da salvaçaõ de seus irmaõs, como se mais o apertára o fervor do zelo, que o ardor do fogo, & como se menos sentira, o incendio, que o abraza, que o cuidado, que o inquieta. *Rogo ergo te Pater, ut mittas eum in domum patris mei.* Pay Abrahaõ, já que naõ mereço vossa piedade, compadeceivos de meus irmaõs, naõ vos peço que me alivieis das penas, que me atormentaõ, solicito para meus irmaõs o remedio da sua cegueira, & da sua obstinaçaõ. Que he isto, Fieis? Hum Demonio, zeloso, & hum condenado, caritativo? Oh! que esta caridade, he odio, & este zelo, he engano: pede o Rico Avarento, que mande a Lazaro: *Rogo ergo te, ut mittas eum.* E aonde quer que o mande? *In domum patris mei.* Quer o Rico Avarento, que Abrahaõ mande a Lazaro à casa de seu pay. Porque? Porque a casa do pay do Rico Avarento, he aquella mesma, aonde pedio Lazaro a esmola. Estas saõ as casas, cuja porta lavou Lazaro com a agoa das suas lagrimas: estas as casas, cujas paredas tingio Lazaro com o sangue das suas chagas; & agora que Lazaro se vé no estado da Gloria, & da Bemaventurança, dezeja o Rico Avarento de o tornar a pôr naquelle mesmo lugar, em que padecia as miserias de huma estrema necessidade, & já que lhe naõ póde tirar os bens, que possue, procura de lhe renovar a memoria das penas, que padecéo. Admiravelmente S. Pedro Chrysologo: *Sub specie pietatis, ad pristina vulnera, ad pristinos gemitus Lazarum vult redire.* Os que neste mundo chegáraõ a melhorar a sua fortuna, saõ como Lazaro na Bemaventurança, que sempre há algum malevolo, que com lembranças do passado, procura de escu-

Luc. cap. 16. vers. 27.

Chrysolog. Serm. 123.

eſcurecer a gloria, que lograõ, & que traz à memoria o que foraõ, desfazendo no que ſaõ, com apparente zelo da verdade.

73. Que importa, que ſe manifeſtem as verdades, ſe ſaõ verdades, que offendem? A verdade he a luz, com que todas as couſas ſe deſcobrem; mas muitas vezes no meio deſta luz, faz a calumnia o tiro mais cruel; entre luzes do Ceo, raſga o rayo a nuvem; entre eſtrondoſas luzes, deſpede o moſquete a bala; & entre as luzes de huma injurioſa verdade, lança a hypocreſia de hum maldizente, o ſeu veneno. E eſta he a razaõ, porque a eſte genero de hypocritas, ſe naõ deve dar lugar no palacio da verdade. Reſta que vejamos neſta terceira Parte, como ſe deve excluir do Palacio da virtude, outro genero de hypocritas, que ſendo criminoſos, parecem ſantos, com a religioſa ſuperficie das ſuas obras: *Populus hic labijs me honorat.*

III. PARTE.

74. He a virtude taõ digna da eſtimaçaõ dos homens, que os ſeus meſmos inimigos a veneraõ. Até no Imperio da Gentilidade, em que os vicios eraõ adorados, tiveraõ algumas virtudes ſeus Templos, & ſeus Altares. E naõ há homem taõ facinoroſo, que tal vez com a capa da virtude, naõ dezeje cobrir a ignominia das ſuas culpas. Eſte fingido amor, que os hypocritas tem à virtude, naſce do dezejo da gloria. Conhecem o credito, que a virtude tem no mundo, & ſobre os alicerces de huma fingida piedade, fundaõ o edificio da ſua reputaçaõ. Mas que frageis ſaõ os edificios do engano, & que enganada he a pretençaõ de quem aſpira a huma verdadeira gloria, por meio de huma falſa apparencia. O meſmo Deus, cujas obras ſaõ prodigios, na realidade, & na apparencia, naõ admitte no Panegirico da ſua omnipotencia,

tencia, os louvores, de huma das mais prodigiosas das suas obras, porque esta obra, ainda que prodigiosa, tem mais apparencia, que realidade.

75. O Arco Celeste, he hum dos maiores prodigios da natureza: mas advertio Santo Ambrosio, que sô o Arco Celeste, naõ louva a Deus, quando todas as mais obras de Deus, o louvaõ: *Benedicite omnia opera Domini, Domino.* Convidaõ os tres Martyres de Babilonia, todas as criaturas, para louvarem a sabedoria, & omnipotencia de seu criador. *Benedicite stellæ cœli Domino.* Astros cintillantes, agradaveis inimigos da noite, & suaves Tiranos das sombras, flores do firmamento, Atalayas dos Orbes, tochas acesas nas exequias do Sol, Piropos ardentes, diamantes encendidos, offerecei a Deus o tributo dos vossos louvores, em agradecimento dos seus beneficios. *Benedicite fulgura, & nubes Domino.* Nuvens vagabundas, vapores ambiciosos, soberbas exhalaçoens, Ilhas fluctuantes no Ar, mares suspendidos, pensiles Oceanos, artifices dos rayos, officinas dos trovoens, & almazens das tempestades, fazei luzir entre os relampagos, que lançais, o nome de Deus, que vos levantou a taõ soberana altura. *Benedicite Maria, & flumina Domino.* E vós Rios, espelhos dos Astros, que com enveja do Ceo, multiplicais o Sol nos vossos liquidos cristaes, apraziveis correntes, que com tortuosos meandros ondeando, formais humidos labirintos, incançaveis peregrinos, que correis climas estranhos para beneficio da natureza, suspendei os passos, & com reciprocas consonancias celebrai as grandezas da Divindade. Mas para naõ dilatar os discurso com superfluas amplificaçoens, torno a reparar, que neste universal applauso, que todas as criaturas fazem a Deus, naõ se faz mençaõ alguma do Arco Celeste. Porque? Porque todo a pom-

Daniel. cap. 3. vers. 57.

Ibid. vers. 63.

Ibid. vers. 73.

Ibid. vers. 78.

anco più

pompa, & mageſtade deſte Arco ſe compoem de apparencias: que couſa he o Arco Celeſte? He a ſombra do Sol confuſamente delineado na ſuperficie de huma nuvem; he o Arco Celeſte, huma viſtoſa circumferencia, huma luminoſa reverberaçaõ, huma imagem paſſageira, & huma momentanea belleza, & naõ quer Deus: que ſe tome para aſſumpto da ſua gloria, huma obra, que ſupoſto que prodigioſa, he ſuperficial, & apparente. Santo Ambroſio: *Laudare Deum non meruit Arcus ille pulcherrimus, quia fictos habet colores.*

Ambros. in Epiſt.

76. Semelhante ao Arco Celeſte, he a ſuperficial virtude de hum hypocrita. Em deixando o Sol de olhar para as nuvens, que lhe ficaõ fronteiras, ſe desfaz o Arco, deſmayaõ as cores, & deſapparecem todos aquelles brilhantes reflexos, deſpertadores da noſſa admiraçaõ. Do meſmo modo, naõ apparecem as virtudes do hypocrita, & naõ perſiſtem, ſenaõ em quanto há olhos, que as conſideraõ. Faz o hypocrita a eſmola, porque he viſto: faz o hypocrita oraçaõ, porque he viſto: & a ſua eſmola, & a ſua oraçaõ, naõ he effeito do amor de Deus, nem do amor do Proximo, mas he huma vaã apparencia, cuja duraçaõ depende da viſta de quem a contempla. Mas muito mais perniciosa he a hypocreſia dos que cobrem a deformidade das ſuas culpas, com a capa da virtude, ſemelhantes áquellas cobras, que com huma pelle luzida, cobrem o veneno que tem no corpo, & disfarçaõ a ſua peçonha com capa de eſtrellas. Com eſtas agradaveis illuſoens, ſe enganaõ os olhos dos homens, mas aos olhos de Deus, he patente o engano deſtes infernaes artificios.

77. E eſta a meu ver, he huma das principaes razoens, porque no fim do mundo, há de haver hum juizo univerſal, em que clara-

claramente se descobrirá o engano destas falsas apparencias. Fallando David com espirito prophetico nos effeitos do juizo universal, diz que na presença do soberano Juiz, todos os homens se derreteráõ: *Liquefacta est terra, & omnes, qui habitant in ea, ego justitias judicabo.*

Psalm. 74 vers. 4

Que a cera se desfaça aos ardores do fogo, & que aos rayos do Sol, se derreta a neve, hē cousa natural; mas que os homens se derretaõ à vista do seu Juiz, he hum milagre, que se reserva para o fatal dia do juizo. E isto em que maneira? Notai. Faz a hypocresia o mesmo effeito nos homens, que a neve faz com as plantas. Logo que a neve cobre os campos, as flores se confundem com os espinhos; naõ se distinguem as plantas fructiferas, das estereis, nem as velhas, das novas; porque a todas igualou nas brancas, a neve: mas ao apparecer do Sol, se derrete a neve, & se desfaz toda aquella candida superficie, que encobria aos olhos a verdade: com o que tornando as plantas a cobrar sua cor, & figura natural, cada huma parece a que he. Disfarçados andaõ neste mundo os peccados dos homens, com as semelhanças da virtude, & com os trajes da innocencia; mas ao apparecer do Sol de justiça, no juizo universal, se derreteráõ, & se desfaráõ todas as virtuosas apparencias, com que os homens occultáraõ neste mundo as suas culpas.

78. Naquelle dia, verá o mundo, que o que hoje parece galanteo cortezaõ, he effeito de hum desordenado appetite: conhecerá o mundo, que o que hoje se chama zelo da justiça, he desafogo de huma cruel vingança: & o que hoje se intitula, honestã frugalidade, se publicará entaõ, insaciavel avareza. Em conclusaõ, toda a humana hypocresia, se verá qual neve derretida a rayos do Sol da verdade:

Lique-

Liquefacta est terra, & omnes qui habitant in ea. O Lorino ao meu intento: *Sub nive latere res sordidæ possunt; hæ res apparent, cum illa liquescit, egregium futuri judicij symbolum, quando justitiæ Sol Christus, radijs præsentiæ cuncta opera hominum in apertum producet.* Todas as nossas acçoens, saõ virtuosas, ou peccaminosas, conforme a tençaõ com que se obraõ. Huma acçaõ peccaminosa, obrada com boa tençaõ, póde ser virtude; & huma acçaõ virtuosa, obrada com má tençaõ, sempre he peccado: de maneira, que se as virtudes, saõ as estrellas do Ceo da Igreja, a boa tençaõ, he a Esfera do seu luzimento.

Lorin. in Psalm. 74.

79. No Apocalypse vio S. Joaõ hum Anjo com sete estrellas na maõ, & repara S. Bernardino Senense, que trazia o Anjo estas Estrellas na maõ direita, & naõ na maõ esquerda: *Habebat in dextera sua stellas septem*; porque nas estrellas se significaõ as virtudes, & na maõ direita, a recta tençaõ com que se obraõ. Daqui se conhece a differença, que há entre as virtudes do justo, & as do hypocrita; tem o justo as estrellas das virtudes na maõ direita, porque he recta a tençao, com que obra: pelo contrario tem o hypocrita as estrellas das virtudes na maõ esquerda, porque o hypocrita affecta virtudes com sinistra tençaõ. Sendo pois a maõ esquerda, o lugar dos prescitos, & sendo a maõ direita o lugar dos predestinados, as estrellas, que o hypocrita tem na maõ esquerda, saõ cometas, que pronosticaõ a sua eterna condenaçaõ, & as estrellas das virtudes, que o justo tem na maõ direita, saõ os Astros, que lhe annunciaõ a eterna Bemaventurança. Supposta esta infalivel verdade, procuremos ordenar nossa vida de maneira, que todas as nossas acçoens, sejaõ accompanhadas de huma singeleza Christaã, dirigida à Gloria de Deus, ao bem do

Apocalyps. cap. 1. vers. 16.

Proximo, & à ſalvaçaõ das noſſas Almas: ceſſem os fingimentos, com que a hypocreſia nos deſvia do Ceo, que he a Patria da verdade: acabem as apparencias de huma fingida devoçaõ, & triumphem as realidades de huma verdadeira piedade, para que Deus, que conhece o interior dos coraçoens, nos dé algum dia lugar no Palacio da ſua Gloria. *Ad quam nos perducat Omnipatens, &c.*



SER-



SERMAM DA QVINTA QVARTA FEIRA DA QVARESMA.

Prégado na Capella Real, 11. de Março de 1680.

Quis peccavit, hic, aut parentes ejus, ut cæcus nasceretur? Joan. 9.

Muito altos, & poderosos Princepes, & Senhores nossos.

80. 

NO Cego do Evãgelho se representa a cegueira dos homẽs, com esta differença, que o cego, era cego, porque naõ via, & os homens saõ cegos, porque vem muito, & muito mais do que convem. Da perspicacia dos homens nasce a sua cegueira, investigaõ segredos, que excedem a sua capacidade, & com presumpçaõ de Lynces,

ces, perdem a viſta. Deſte ambicioſo dezejo de ver, ſe originaõ muitos males no mundo, hereſias na Igreja, delirios na Philoſophia, & deſconcertos na Republica: & os que neſtas materias quizeraõ ver mais do que lhe tocava, ficáraõ taõ cegos, que naõ conhecéraõ a ſua propria cegueira. Com ſoberbas eſpeculaçoens quiz o Hereſiarca Arrio ver no gremio da Santiſſima Trindade a eterna geraçaõ do Verbo, & affirmando que o Verbo naõ he conſubſtancial ao Eterno Pay, foi Arrio taõ cego, que naõ vio huma infinita ſubſtancia Divina identificada com o Verbo. Contemplou Heraclito ao Sol para medir a ſua grandeza, & perſuadio-ſe, que o Sol naõ he mayor em ſi, do que parece aos noſſos olhos; mas teve muy curta viſta, quem fez ao Sol taõ pequeno. Até nos fabuloſos incendios de Phaetonte, ſe vem claramente as ruinas, que cauſaõ nas Reſpublicas, & nos Imperios, os q̃ querem ver mais do que lhe convem. Guiando Phaetonte o carro das luzes, fazia com o Sol o giro do mundo, & obſervando de paſſagem tudo o que ſe obrava em hum, & outro Emisferio, andou taõ temerariamente curioſo, q̃ quaſi abrazou o mundo. Tanto he. As ardentes ancias de hum ſó curioſo, baſtaõ para pôr fogo ao mundo todo. Lá no principio do mundo, tomou o Demonio a figura de huma ſerpente (ſimbolo dos curioſos) porque (ſe he verdade, o que eſcrevem os naturaes) tem as ſerpentes deſde que naſcem, huma taõ efficaz propenſaõ para ver, que ſe aos filhos recem naſcidos ſe lhe vazarem os olhos, lhe tornaõ a naſcer outros olhos, vivos inſtrumentos de ſua venenoſa curioſidade. Em figura pois de ſerpente apparecéo o Demonio a Eva, & começou a pratica por hum, Porque, (palavra muy frequente na boca dos curioſos.) *Cur?* Porque? *Cur præcepit vobis Deus?* Porque razaõ vos poz Deus eſte pre-

Serpentum catulis ſiquis eruat oculos, renaſci credunt. *Plin. lib. 11. cap. 39.*

Geneſ. cap. 3. verſ. 1.

preceito? E com eſte fatal porque, metéo o Demonio hum taõ grande fogo no mundo, que todo o genero humano ſe vio em perigo de arder eternamente no Inferno.

81. Deſde aquelle tempo foi a curioſidade fazendo muitos eſtragos no mundo, & deſterrada dos montes, & dos campos, em que reyna a lhaneza, & a ſinceridade, buſcou o ſeu Aſylo nas Cortes, que ſaõ as Atalayas, em que de mais alto, & mais diſtintamente ſe vem, ſe exploraõ, & ſe examinaõ os procedimentos alheios. Eſta palavra curioſidade, parece derivada da palavra Latina, *Curia*, que ſignifica Corte; porque de ordinario, a Corte he o theatro da curioſidade. Até no firmamento, que he a Corte dos Aſtros Celeſtes, todas as eſtrellas ſaõ olhos, que com incançavel attençaõ eſtaõ vigiando ſobre a terra. E ſe as eſtrellas, & os planetas, foraõ corpos animados (como alguns Philoſophos loucamente imaginaraõ) diſſera eu, que todos levaõ o caſtigo da ſua deſvelada curioſidade; porque as eſtrellas, que eſtaõ cintillando com huma luz tremula, & palpitante, ſaõ como olhos que peſtanejaõ por fraqueza da viſta. As manchas pois do Sol ſaõ como nevoas, ou cataratas nos olhos; & a Lua, que ſendo o mais baixo dos planetas, ſe chega muito à terra para ver, eſtá ſogeita aos mingoantes, & aos eclipſes. De donde podemos inferir para o aſſumpto do Sermaõ, que os ſogeitos mais perſpicazes, ſaõ os mais cegos, & que apurar a viſta, para obſervar as acçoens dos outros, he cahir em huma manifeſta cegueira. Vejamos como eſte aſſumpto ſe funda nas circunſtancias do Evangelho.

82. Todas as couſas, que na vida humana ſe podem obſervar, ſe reduzem a duas, a ſaber, as deſgraças, & as venturas, & os que pretendem conhecer a cauſa das deſgraças, & venturas dos homens, ſaõ

cegos.

cegos, Foi o noſſo cego, deſgraçado, & venturoſo; foi deſgraçado, porque naſceo cego; & foi taõ venturoſo, que milagroſamente recebéo viſta. Quizeraõ os Apoſtolos penetrar a cauſa da deſgraça do cego, & os Phariſeos inveſtigáraõ a cauſa de ſua ventura; mas huns, & outros foraõ mais cegos que o meſmo cego. Primeiramente os Apoſtolos ſe enganáraõ, julgando, que a cegueira deſte miſeravel, era caſtigo de peccados peſſoaes, ou hereditarios: & o Senhor para os deſenganar lhe diſſe: *Neque hic peccavit, neque parentes ejus.* Os Phariſéos pois impiamente affirmáraõ, que naõ podia o Senhor ſer author deſta milagroſa ventura: *Quomodo poteſt homo peccator hæc ſigna facere?* Sô o cego foi taõ diſcreto, que ſem examinar as cauſas da ſua deſgraça, & da ſua ventura, ſe lançou aos pés do Senhor, & o adorou. *Unum ſcio, quia cùm cæcus eſſem, modo video: & procidens adoravit eum.* Suppoſto

Ioannis cap. 9. verſ. 3.

Ioannis cap. 9. verſ. 16.

Ioan. cap. 9. v. 25. & 38.

iſto, veremos nas tres partes do Sermaõ tres generos de cegos; os Apoſtolos, os Phariſeos, & o Cego. Muitos cegos há no mundo, que imaginaõ, que todas as deſgraças ſaõ caſtigos das culpas. Eſta he a cegueira dos Apoſtolos. Outros cegos há, que guiados da malevolencia, & da enveja, buſcaõ calumnias para deſdourar venturas. Eſta he a cegueira dos Phariſéos. Finalmente há cegos, que fechando os olhos a todas as razoens humanas, attribuem à ſoberana vontade de Deus todas as deſgraças, & venturas. E eſta he a cegueira, ou para melhor dizer, a diſcriçaõ do Cego, que nos há de ſervir de guia em todas as adverſidades, & proſperidades deſta vida. Vamos conſiderando os enganos da primeira cegueira, que buſcando as cauſas de huma deſgraça, attribue culpas à innocencia.

I. PARTE.

83. *Quis peccavit, hic,*

aut

parentes ejus, ut cæcus nasceretur? Tantas testemunhas tem contra si a virtude, quantas desgraças a cercaõ, & a hum homem ainda que innocente, bastalhe ser infelice, para parecer criminoso. O Santo Job, a que o mesmo Deus havia canonizado, foi julgado por homem de má vida, tanto que o alcançáraõ os golpes da adversa fortuna. *Quis unquam innocens perijt?* Quem nunca vio perecer o innocente? disseraõ os amigos de Job. Perdéo Job a fazenda, perdéo os filhos, perdéo a saude, & está taõ pobre, que nem a propria pelle lhe ficou, com que se cobrir: logo naõ he Job aquelle Santo Varaõ, que até agora imaginámos. Este he o Sophistico argumento dos curiosos interpretes das tribulaçoens alheias. Hum revez da fortuna, hum achaque da natureza, huma enfermidade, hum perigo, hum desastre, he para os amigos, & muito mais para os inimigos, prova sufficiente para calumniarem a mais justificada innocencia. Mas, que cegos saõ os juizos dos homens! Sô Deus vê a verdadeira causa de nossas desgraças: & querer ver o que sô Deus vê, he huma cegueira injuriosa à Divina Sabedoria. Isto parece quiz dizer o mesmo Job, aos que presumiaõ conhecer a causa de seus trabalhos: *Quare persequimini me sicut Deus?* Tertulliano neste lugar: *Æmulantur divinitatem, dum furantur divinationem.* Notai esta palavra, *divinationem.* Naõ quer Tertulliano dizer, que Deus adevinha; porque Deus vê tudo o que sabe, & por isso sabe com certeza, porque vê com evidencia; os homens pelo contrario, como naõ podem ver, querem adevinhar, & com esta sacrilega curiosidade intentaõ roubar a Deus o seu saber: *Furantur divinationem.*

Iob. cap. 4. vers. 7.

Iob. cap. 19. vers. 22.

84. Mas que inutilmente se cança a nossa especulaçaõ no conhecimento da causa das calamidades humanas! Quem até agora soube

ſoube a verdadeira razaõ da intempeſtiva, & violenta morte de Abel? E quem me poderá dizer, porque razaõ permitio o Senhor, que Joſeph foſſe vendido, Tobias cego, Daniel offerecido à voracidade dos Leoens, & Suſanna expoſta aos infames teſtemunhos de huma laſciva velhice? Por ventura, naõ era Abel innocente, Joſeph virtuoſo, Tobias caritativo, Daniel Sancto, & Suſanna caſta, & caſtiſſima? Sim. Pois como acháraõ os infortunios lugar no meio de taõ ſingulares virtudes? Daõ os contemplativos muitas razoens deſtes tragicos ſucceſſos. Mas a verdadeira razaõ ſabea Deus: & iſto baſta. E ſe naõ baſtaõ eſtes exemplos: Quantas couſas vemos na natureza, que parecem caſtigos da culpa, & ſaõ miſterios da providencia? Que delitos cometéo a Roſa para ſempre eſtar cercada de eſpinhos, & que prendas tem os eſpinhos para ſempre aſſiſtirem ao lado da Rainha das flores? Quantas vezes cahem rayos nos Templos da Chriſtandade, & parece naõ tem rayos o Ceo para fulminar os Pagodes dos Gentios? E porque razaõ, tantos Reynos, em que he idolatrado o Demonio, ſaõ mais abundantes, & opulentos, que os em que Deus he adorado? O meſmo Deus, que o permite, ſabe o porque: & iſto baſta. Saliano no terceiro Livro do governo de Deus: *Quare inter nos ſors bonorum durior, quam malorum, neſcio; ſufficit, quod Deus a ſe omnia dicit aſpici, omnia regi, omnia judicari.* *Salianus lib. 3. de Gubernio Dei.*

85. Se eſta nimia curioſidade de ſaber a cauſa dos males alheios, offende a Divina Sabedoria, tambem offende a Divina Juſtiça; porque uſurpa a juriſdiçaõ de acreſcentar, & multiplicar os trabalhos, que Deus permitte. Parece, que teve David occaſiaõ de ſe queixar deſta cruel, & temeraria injuſtiça: *Quem tu, Domine, percuſſiſti, perſecuti ſunt, & ſuper dolorem vulne-* *Pſalm. 68. v. 27.*

vulnerum meorum addiderunt. Investigar a causa de huma desgraça, he o mesmo, que tentear huma ferida, escandalizar huma chaga, & juntamente despertar, & augmentar a dôr: *Super dolorem vulnerum meorum addiderunt.* A desgraça, de que se naõ penetrou a causa, he huma sô desgraça; mas logo que a esta desgraça, se lhe busca huma causa em desabono da pessoa, que a padece, he dobrada desgraça: sobre ser hum homem infelice, tem o pezar de que se julgue, que deu causa à sua propria infelicidade: & por isso vendo os malevolos hum homem desgraçado, attribuem à sua desgraça huma causa injuriosa, para que sobre desgraçado, seja aborrecido. Foi Christo Senhor Nosso crucificado no meio de dous malfeitores, & repáro, que sô sobre a cabeça do Senhor, se vio escrita

Matth. 27. v. 37. a causa de sua morte: *Imposuerunt super caput ejus causam ipsius scriptam.* E porque razaõ naõ puzeraõ os Judéos outra semelhante inscripçaõ sobre a cabeça dos dous malfeitores? Direi: hum malfeitor no patibulo pôde ser objecto de compaixaõ aos olhos, que naõ vem os delitos, que saõ a causa de seu supplicio: mas hum innocente pregado em huma Cruz com a declaraçaõ dos delitos, que o puzeraõ naquelle miseravel estado, aindaque innocente, suspende a commiseraçaõ, & provoca a aborrecimento. E para esse effeito, naõ sô os Judéos expuzeraõ aos olhos dos circunstantes o crime, de que falsamente accusavaõ ao Senhor; mas parecendolhe, que ainda naõ estava bem declarado este imaginado delito, quizeraõ obrigar a Pilatos a que com termos mais significativos representasse a o Senhor, author da sua morte, como ambicioso usurpador do Reyno: *Noli scribere* Ioan. 19. n. 21. *Rex Judæorum, sed quia ipse dixit, sum Rex Judæorum.* Finalmente, naõ sô escreveraõ os Judéos a causa da morte do Senhor na lingua Hebrai-

Hebraica, que os naturaes entendiaõ, mas com caracteres estrangeiros declaráraõ a Christo criminoso, para que nenhum delles se enternecesse à vista de Christo moribundo: *Erat autem & superscriptio super eum litteris, Græcis, Latinis, & Hebraicis.* Eis ahi como vos trata o mundo na Cruz dos vossos trabalhos. Fechaõ os emulos as portas à compaixaõ, & sô as abrem à maliciosa curiosidade, com que buscaõ a causa das desgraças, que vos succedem, & se a naõ acharem, a inventaráõ, & com ella vos faráõ hum epitaphio de opprobrios, & hum padraõ de ignominias: *Non invenio in eo causam, imposuerunt super caput ejus causam ipsius scriptam.* Naõ sei se reparais no duplicado sentido desta palavra *imposuerunt. Imponere*, significa, pôr; & impôr, pôr huma cousa, & impôr huma calumnia. Oh que sogeitas estaõ as desgraças da vida ás imposturas da maledicencia: *Imposuerunt.*

Lucæ cap. 23. v. 38.

Matth. cap. 27. v. 37.

86. No mar deste mundo saõ as desgraças como as ondas, que vem humas sobre as outras, & com successivos impulsos se multiplicaõ. A hum vento impetuoso, se segue a tormenta; á tormenta, o naufragio; ao naufragio, a morte: & basta a sombra de huma sô desventura para alvo de muitos infortunios. A o Capitaõ Joab bastou ver a Absalaõ prezo pelos cabellos, para arremeter a elle, & atravessarlhe o coraçaõ com tres lançadas: *Tulit ergo tres lanceas in manu sua, & infixit eas in corde Absalon.* Isto he o que de ordinario acontece a hum desventurado, qualquer tem confiança para investir com elle, & a curiosidade ministra lanças, para lhe ferir o coraçaõ, descobrindo a origem da sua desgraça. Ponhamos o caso, que no meio deste auditorio se introduza hum Cego, & ouçamos as razoens, que dariaõ os curiosos da causa desta cegueira, que se bem advirtirmos, cada razaõ será

2 Reg. cap. 18. vers. 14.

ſerá huma lançada, com que ſe fará mais ſenſivel ao Cego, a ſua deſgraça.

87. Sahe em primeiro lugar, hum Mathematico, & pronunciando com altiva gravidade apohthemas aſtrologicos, repara, que na figura de ſeu Horoſcopo tem eſte homem, a Lua oppoſta ao Sol, & junta cõ humas eſtrellas, a que chamaõ nebuloſas, & que Marte, & Saturno lançando a Lua da ſetima caſa occaſionáraõ eſta cegueira. Sahe em ſegundo lugar hum Anotomiſta, & depois de explicar como os olhos ſaõ compoſtos de dous nervos opticos, ſinco muſculos, ſete tunicas, & tres humores tranſparentes, a ſaber, o criſtalino, o vitreo, & o albugineo, conclue, que a defeituoſa organização deſtas partes impede a paſſagem ás imagens repreſentativas dos objectos. Chegaſe finalmente hum Medico, & allegando aphoriſmos de Galeno, & de Hippocrates, prova que eſta cegueira procede de huma materia catarral, formada de humores craſſos, & viſcoſos, que deſcem da cabeça, & entupindo as pupillas dos olhos, impoſſibilitaõ a impreſſaõ das eſpecies viſiveis. Vede como ſe multiplicaõ as deſgraças, ao meſmo paſſo, que ſe vai deſcobrindo a cauſa dellas. Em quanto ſe naõ buſcou a origem deſta cegueira, ſabiaſe, que eſte miſeravel, era cego, & nada mais. Mas agora que a curioſidade inveſtigou a cauſa de ſua deſgraça, conſta que eſte homem naſcéo em má hora, conſta que he mal formado, mal organizado, & todos o conſideraõ como hum funebre depoſito de malignas influencias. Infelice cego, & muitas vezes infelice! Huma das mayores calamidades da vida humana he a cegueira.

88. Naõ póde hum cego contar os dias de ſua vida por dias, porque ſempre para elle he noite. Naõ reſplandece para elle o Sol, naõ ſe ſerenaõ os Orizentes, nem para elle ſe enfeita

feita a Primavera. E naõ logra o que tem, porque naõ vê o que logra. Vive o cego em perpetuo desterro, porque nunca chega a ver a sua patria, & taõ poucas noticias tem do mundo, que naõ se conhece a si mesmo. O seu corpo, he huma prizaõ sem janellas, & hum Navio sem Piloto, tumulo vivente, & sepulchro animado. Naõ lhe podem os olhos servir mais que para chorar os seus infortunios. E como se fora hum precito da natureza, começa a experimentar as penas do Inferno, porque não pôde ver o Ceo. Pôde haver maior desgraça que a cegueira? Sim. Porque pôde haver quem queira buscar a causa, donde a cegueira procede: & naõ faltará quem diga, que esta desgraça he castigo da Divina Justiça: & assim naõ só o cego naõ verâ, mas nem haverá quem o queira ver, senaõ para o arguir, para o condenar, para o confundir, & para fazer patentes ao mundo as suas culpas: *Quis peccavit, hic, aut parentes ejus, ut cæcus nasceretur?* Ioan. cap. 9. Appliquemos a outros sogeitos esta moralidade. Que hum pretendente saia mal despachado; que hum pleiteante perca a demanda; que hum lavrador naõ logre os trabalhos da sua lavoura; que huma familia rica, & opulenta, empobreça; que hum homem saõ, & robusto adoeça, & morra. Paciencia. Mas que sempre se haja de presumir, que a nullidade desta pretençaõ, que a perda desta demanda, que este trabalho mallogrado, que esta pobreza, que esta doença, & esta morte intempestiva, saõ castigos do Ceo, & rigurosas demonstraçoens da ira de Deus. Oh! Isto he huma intoleravel cegueira, porque muitas vezes estes, & maiores trabalhos saõ preludios da Gloria de Deus, & preparaçoens para os Triumphos da sua omnipotencia: *Neque hic peccavit, neque parentes ejus, sed ut manifestentur opera Dei in illo.* Ioan. cap. 9. v. 3.

illo. Temos visto a cegueira dos Apostolos na investigação da causa da desgraça do Cego, vejamos agora a cegueira dos Phariseos na especulação da causa da ventura do mesmo Cego. Que se há cegos, que não vem os triumphos da innocencia nas desgraças, tambem há cegos, que não podem sofrer o resplandor da Gloria nas venturas: *Quomodo potest homo peccator hæc signa facere?*

Joan. cap. 9. v. 16.

II. PARTE.

89. Na mesma hora em que amanhecêo nos olhos do Cego, anoitecêo na Synagoga, & ficárão os Phariseos como as agoas daquelle lago, que se turvão, & se embravecem, quando se serenão os Ares. Quantas desordens, & quantas confusoens causou a inopinada serenidade de dous olhos! Contra os rayos desta nova luz, sahírão os Phariseos como rayos, argumentando, ameaçando, & blasphemando. E nesta occasião se experimentou quanto offende os olhos dos homens huma nova, & inesperada luz. Quiçá, se prevendo Deus esta semrazão, quiz que a luz nascesse no mundo, primeiro que o homem. Logo no primeiro dia das obras da criação, fez Deus a luz, & reservou para o ultimo dia a criação do homem. Deixadas as razoens, que Santo Ambrosio, & Santo Agustinho dão desta primazia do nascimento da luz, daime licença para dizer, que Deus criou a luz alguns dias primeiro, que formasse ao homem, para prevenir a luz contra as envejas dos olhos humanos. Se nascéra a luz depois do homem, ficára o homem admirado da novidade deste luminoso nascimento, & à admiração se seguiria a enveja: porque naturalmente envejamos o que admiramos. Lá o disse o Filosofo moral: *Quam magnus mirantium, tam magnus invidentium populus est.*

In Scotia est lacus, qui tunc maxime procellis agitatur, cum cœlum est magis serenum. Davity. ex Dig. Sap. tom. 4. p. 481. c. 2.

Senec. lib. de Vita Beata cap. 2.

90. Mas hoje nem admira-

miramos, nem envejamos a luz, porque todos os dias a vemos, & naõ lhe temos enveja, porque necessitamos della: que se pelo costume naõ cessára a admiraçaõ, & se a necessidade naõ apagára a enveja, huma de duas, ou a luz se havia de esconder dos homens, ou os homens haviaõ de fugir da luz. Sahindo Moyses de fallar com Deus, appareceo de improviso ao povo de Israel com o rosto resplandecente, mas foi necessario, que cobrisse Moyses o rosto com hum vêo para esconder a luz: *Posuit velamen super faciem suam.* E quando tirava Moyses o vêo, os Israelitas lhe viravaõ as costas, & fugiaõ da luz. Esta he a infelice sorte de huma luz recem nascida, ou há de estar encuberta, ou há de ficar solitaria.

Exod. 34. vers. 33.

91. Saõ os Princepes, os Astros da Republica, & as mercés que fazem, saõ as luzes, que lançaõ; mas por naõ despertarem a enveja, & a curiosidade, muitas vezes he preciso, que estes Astros coroados occultem as luzes das honras, & beneficios, com que remuneraõ o zelo, & a fidelidade dos benemeritos. No theatro do Thabôr reverberou o Senhor na pessoa de Moyses, & Elias as luzes de seu Divino Corpo transfigurado: & supposto os tres Apostolos, que assistiraõ a este prodigioso espectaculo, eraõ, como advertio Theophilacto, muy calados, & capazes de recatar hum segredo *Assumit hos velut taciturnos, & silere valentes*: a todos tres encommendou o Senhor, que se guardassem de manifestar a pessoa alguma, o que haviaõ visto na representaçaõ daquella lustrosa scena: *Nemini dixeritis visionem.* Que se acaso se publicára esta sobrenatural communicaçaõ de luzes, que de perguntas se haviaõ de fazer? Porque razaõ fez o Senhor esta mercé a Moyses, antes que a Abrahaõ, a Isaac, ou a Jacob, diriaõ alguns: & outros diriaõ, porque razaõ logrou Elias esta

Theophilact. in Luc. 9. v. 28.

Matth. cap. 17. vers. 9.

esta ventura, & naõ Daniel, ou Isaias, & outros Prophetas do Antigo Testamento? Quem havia pois de satisfazer a estas, & outras semelhantes perguntas? Os Apostolos? Naõ. Porque elles só eraõ testemunhas de vista, & naõ sabiaõ a causa deste maravilhoso successo. Ao Senhor tocava dar a reposta. Mas naõ convem, que quem he Senhor, se faça escravo da curiosidade dos vassallos: & hum Princepe persuadido dos merecimentos de seu subdito, pôde em alguma occasiaõ communicar as luzes de sua graça, debaixo da sombra de hum inviolavel segredo: *Nemini dixeritis visionem.* Mas quando se naõ podem, ou quando se naõ devem occultar as mercés, como se haõ de haver os Princepes? Com a mesma independencia, & resolução, com que ElRey Assuero se prevenio contra as perguntas, & os porqués da emulaçaõ, & da enveja.

92. Tendo Assuero noticias da heroica fidelidade de Mardochéo, mandou que o levassem por toda a Cidade montado em hum soberbo ginete, com as vestiduras Reaes, & com a Coroa na cabeça, & ordenou, que diante deste novo valido fosse hum pregoeiro bradando, manda ElRey Nosso Senhor, que se façaõ estas honras a Mardochéo: *Sic honorabitur quemcumque voluerit Rex honorare.* E qual foi o effeito do pregaõ? Com esta publica declaraçaõ de sua soberana vontade se prevenio Assuero contra a impertinencia dos porqués; que se naõ usára desta prevençaõ, que de porqués se haviaõ de ouvir no Palacio de Assuero. Oulá! Mardochéo com a purpura real nos hombros! E porque razaõ? Mardochéo com a coroa na cabeça! E porque tanta honra a Mardochéo? Mas todos emmudecéraõ, & ninguem se atreveo a fazer perguntas, porque quando manda ElRey, naõ há que perguntar: *Sic honorabitur quemcumque voluerit Rex honorare.*

Esther cap. 6. vers. 9.

93. Neſtas materias, os que perguntaõ, naõ perguntaõ para ſaber, perguntaõ para cenſurar, & a enveja lhe abre os olhos para verem manchas, & dezares na mais conſpicua proſperidade. Deu Santo Iſidóro a etimologia da enveja com eſtas palavras: *Invidia dicta eſt à nimis videndo, ſeu intuendo in proſperitatem alterius.* Treslademos eſta etimologia da enveja no noſſo idioma Portuguez. No coraçaõ do envejoſo falla a enveja formando hum ecco, porque ao envejoſo continuamente lhe eſtá dizendo a enveja, veja. Veja, diz a enveja, ſe na exaltaçaõ daquelle ſogeito a ignorancia ficou entronizada, & a dignidade abatida. Veja, ſe a uſura ajuntou aquellas riquezas. Veja, ſe a vaidade ſollicitou aquelles aplauſos. Veja os merecimentos para os apagar. E veja as mais illuſtres emprezas para as eſcurecer. Veja, ſe póde deſcobrir fraquezas no valor, temeridades na prudencia, intereſſes na liberalidade, deſcuidos na vigilancia, perfidias na amizade, vilezas na magnificencia, & ignominias na gloria. Em concluſaõ, veja tudo o que há de bom, de grande, de auguſto, de heroico, de ſanto, & de admiravel no mundo, para diminuir, para limitar, para deſcompòr, para deſtruir, & para anniquilar, grandezas, excellencias, virtudes, prerogativas, façanhas, tropheos da ſantidade, & milagres da omnipotencia. E para rematar em breves palavras eſte diſcurſo, a enveja he o verdadeiro Baſiliſco, que mata com a viſta: nos melhores objectos ſe emprega o ſeu veneno: & tanto ſe anticipa em ver, que buſca as venturas na ſua origem, para as acabar no berço. A luz, que hoje recebe o Cego para a viſta, he como a luz da Aurora nos ſeus primeiros albóres, & já eſtá a Synagoga armada para apagar eſta luz na ſua infancia. *Quomodo aperti ſunt tibi oculi?* Ioan. 9.

oculi? Poem os Pharifeos efte milagre em queftaõ, & por naõ confeffarem a ventura do Cego alumiado, negaõ a defgraça da fua cegueira: *Non crediderunt ergo Iudæi de illo, quod cæcus fuiffet, & vidiffet.* Neftas, & outras femelhantes cegueiras cahem os curiofos inveftigadores da caufa das defgraças, & venturas alheias, como temos vifto na primeira, & fegunda parte. Refta, que vejamos a que caufa havemos de attribuir as adverfidades, & profperidades defta vida. Vamos feguindo ao Cego, que como já recebéo a vifta do corpo, & da alma, nos dará a maõ, para nos tirar defte intricado laberinto.

Joan. 9.

III. PARTE.

94. Chamado o Cego a perguntas deu huma repofta, em que fe encerraõ todas, as que os homens podem dar nas adverfidades, & profperidades, affim proprias, como alheias: *Hoc unum fcio, quia cum cæcus effem, modo video.* Fui cego, & agora vejo, fó ifto he o que fei: *Hoc unum fcio.* Para carta de marear nas tormentas, & bonanças, da adverfa, & profpera fortuna, bafta hum naõ fei; naõ fei porque a fortuna me favorece; naõ fei porque me perfegue a fortuna: & he precifa a confiffaõ defta ignorancia; porque a caufa das defgraças, & felicidades defta vida, he hum fegredo, que Deus efconde nos thefouros de fua juftiça.

Joan. cap. 9. verf. 25.

95. Confiderando o Propheta Rey a origem dos ventos, diz que eftes invifiveis portentos da natureza, fahem dos thefouros de Deus: *Educit ventos de thefauris fuis.* Saõ os ventos o fymbolo das defgraças, & felicidades da vida humana. Que he huma defgraça, fenaõ vento pela proa: & que he huma felicidade, fenaõ vento em popa. Tambem as mayores felicidades defte mun-

Pfalm. 134.

mundo, saõ vento: & naõ sei, se por isso, as felicidades se chamaõ, venturas. Que cousa pois mais difficultosa de conhecer, que a causa donde procede o vento. Faz o vento virar a cabeça a todos os Filosofos, que investigaõ a sua origem. Quem diz, que o vento nasce das exalaçoens da terra, quem dos vapores do mar, quem da agitaçaõ dos Ares: & todos concluem, que he taõ imperceptivel, como extravagante a natureza do vento, que corre sem pés, & voa sem azas; que acende o fogo, & o apaga; que aquenta ao homem, & o refresca; que passea sobre as flores, & naõ as piza; que açouta as ondas, & naõ as amansa; que levanta o pô, & derruba as torres; que congela as fontes, & derrete as nuvens; que vive, quando exhala o espirito; & morre, quando descança. A prosperidade (como já tenho dito) he hum vento favoravel; & a adversidade he hum vento contrario: vemos os effeitos destes ventos, mas naõ conhecemos as causas, porque Deus as tem debaixo das chaves dos seus thesouros: & os thesouros sô em quanto estaõ escondidos, saõ thesouros: *Educit ventos de thesauris suis.* *August. 3. de Genes. ad litter. 10.* Santo Agustinho a este proposito: *Venti fiunt occultis imperijs, & opere Dei.*

96. A razaõ deste inexcrutavel segredo, he esta. Todas as adversidades, & prosperidades, saõ juizos de Deus, & naõ convem, que os juizos de Deus fiquem expostos à censura do juizo dos homens. No Apocalypse vio S. Joaõ hum livro cerrado com sete sellos, & naõ sô ninguem o podia abrir, mas naõ havia quem pudesse olhar para esse Livro: *Nemo poterat aperire librum, neque respicere illum.* *Apocalyps. cap. 5. vers. 3.* Sabeis que livro era este taõ cerrado, & taõ impenetravel aos olhos? Convem a mayor parte dos Interpretes, que este era o livro dos juizos de Deus. Este era o livro, em

em que com eternos, & divinos caracteres estavaõ registradas as causas de tudo, o que succede de prospero, & adverso aos homens. Continha este livro as causas da predestinaçaõ dos Justos, & a da reprovaçaõ dos precitos; da violencia dos Tiranos, & da oppressaõ dos innocentes; das bonanças dos grandes, & das lagrimas dos pequenos; da fertilidade, & esterilidade das terras; da duraçaõ, & brevidade das vidas: mas nenhum dos Anjos, nem dos homens, podia abrir este livro dos juizos de Deus, quanto mais occultos, mais soberanos. André Cesariense ao meu intento: *Per hæc manifestè ostenditur, neque Angelos, neque homines, neque Sanctos jam corpore exutos, accuratam Dei judiciorum noticiam tenere, sed ipsum solum Agnum.* E se ainda naõ estais persuadidos desta taõ importante verdade, ouvi hum grande reparo sobre dous differentes successos, & acabai de entender, que temeraria he a presumpçaõ dos que querem conhecer ás causas das desgraças, & venturas, com que Deus executa os decretos de sua justiça.

97. A Abrahaõ, prometeo o Senhor, que se na Cidade de Sodôma se achassem dez Justos, perdoaria os abominaveis excessos daquella nefanda Cidade: *Non delebo propter decem.* E pelo contrario naõ perdoou o Senhor à Cidade de Samaria, em que se acháraõ sete mil Justos, que a superstiçaõ sogeitou ao profano culto dos Idolos: *Septem millia virorum, quorum genua non sunt incurvata ante Baal.* Oh estupenda desigualdade de fortunas! Sodôma, taõ bem afortunada, que bastaõ dez Justos para a livrar do incendio! E taõ mal afortunada, Samaria, que nem sete mil Justos impedíraõ a sua destruiçaõ! E haverá quem possa dar a razaõ desta ventura, & deste infortunio? Naõ: que a hum taõ alto,

Genes. cap. 18. vers. 32.

3 Reg. cap. 19. v. 18.

alto, & taõ profundo juizo de Deus pasmaõ os juizos, & emmudecem as lingoas de todos os Sabios do mundo: *Obmutescit hic omnis humana Sapientia.* Andai agora, curiosos indagadores da causa das desgraças, & venturas alheias, Argos da Corte, Aguias do Paço, & Lynces da Republica, andai a reconhecer a causa do acrescentamento, & declinaçaõ dos Imperios, das victorias, & destroços dos exercitos, da exaltaçaõ, & abatimento das familias, da doença, & da saude, da vida, & da morte, dos grandes, dos medianos, & dos infimos: todas as vossas observaçoens, saõ cegueiras, & sò recebereis vista, confessando com o Cego a vossa ignorancia, & adorando com profunda summissaõ os imperceptiveis misterios da Divina Justiça: *Hoc unum scio, quia cum cæcus essem, modo video. Et procidens adoravit eum.*

Vega in Judices tom. 2. p. 8. col. 2.

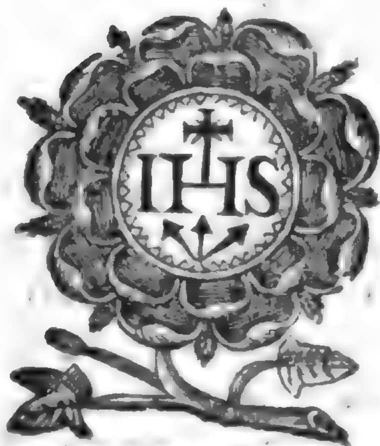
Joan. cap. 9. v. 25. & 38.

98. Pois como há de ser? Dirá alguem. Naõ havemos de ver? Sim. Mas sò haveis de ver, o que vos importa a vós: & esta he huma das mayores felicidades da vida, porque he huma anticipada participaçaõ da Eterna Bemaventurança. Provo brevemente esta proposiçaõ, & acabo. Na Visaõ Beatifica consiste a felicidade dos Bemaventurados, mas os mesmos Bemaventurados, que vem a Deus, naõ vem tudo o que se pôde ver neste infinito objecto: & he opiniaõ dos Theologos, que das cousas, que succedem neste mundo inferior, os Bemaventurados naõ vem, senaõ o que lhe importa a cada hum delles em particular. Lá desse trono da gloria, estaõ os Princepes vendo as victorias de seus subditos, & o bom governo de seus Estados. Vem os Patriarcas os felices progressos das Religioens, que elles fundáraõ. Vem os Prelados o zelo dos seus successores. Vem os Pays de fami-

familias as virtudes dos seus descendentes: mas ainda que estas Almas Bemaventuradas possaõ ver tudo em Deus, muitas cousas há, que elles naõ vem, porque saõ cousas, que lhe naõ importaõ. De maneira que, até no Ceo, he para os Santos huma singularidade da sua Bemaventurança, verem sò, o que lhe importa, & naõ verem o que lhe naõ toca. Quereis lograr desde agora huma especie de Bemaventurança, naõ queirais ver, o que naõ vos toca a vós, & sò veja cada hum, o que lhe importa. Aos Princepes importalhes ver, se preferem a razaõ de estado à Ley de Deus, a lizonja à verdade, a violencia à razaõ, & a politica à consciencia. Vejaõ-no, & remedeem-no, porque nisso naõ lhes vay menos que a salvaçaõ eterna, que he o que sobre tudo importa. Aos Prelados Ecclesiasticos importalhes ver, se lhes falta o zelo do Culto Divino, & da conversaõ das Almas, & se faltaõ ao recolhimento, & modestia que pede a santidade do estado, que professaõ. Vejaõ-no, & remedeem-no, porque nisso naõ lhe vay menos que a salvaçaõ eterna, que he o que sobre tudo importa. Aos Ministros, & Juizes da Republica importalhes ver, se se deixaõ peitar do dinheiro, ou da dependencia, se favorecem os indignos, se desconsolaõ os benemeritos, & se mais attendem ás conveniencias particulares, que ao bem commum. Vejaõ-no, & remedeem-no, porque nisso naõ lhes vay menos, que a salvaçaõ eterna, que he o que sobre tudo importa. E a cada hum de nôs em geral, & em particular, importanos ver, se quebrantamos os Mandamentos da Ley de Deus, & da Igreja, se retardamos as restituiçoens, que devemos da fama, & fazenda alhea, & se estamos actualmente em peccado mortal. Vejamos, &

reme-

remedeemos estas mortaes feridas da alma, porque nisso naõ nos vai menos, que a salvaçaõ eterna, que he o que sobre tudo importa. Christaõs, abramos os olhos a estas taõ importantes advertencias, & logo acabaráõ as nossas cegueiras, & alumiados com a luz da Graça, veremos eternamente a Deus na Gloria. *Ad quam nos perducat Omnipotens, &c.*



SER-

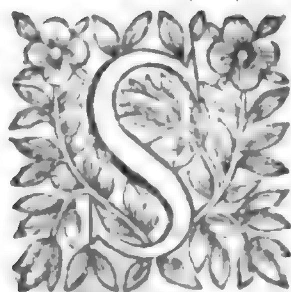


SERMAM DA SEXTA QVARTA FEIRA DA QVARESMA.

Prégado na Capella Real, aos 7. de Abril de 1683.

Oves meæ vocem meam audiunt, & ego cognosco eas, & sequuntur me, & ego vitam æternam do eis. Joan. 10. n. 27.

Muito altos, & poderosos Principes, & Senhores nossos.

99. Aõ os homens naturalmente taõ dezejosos de saber, que naõ sò investigaõ as cousas passadas, & presentes; mas com excessiva, & quasi sempre infructuosa curiosidade, anhelaõ as noticias do futuro. Em todas as naçoens se acendèo este dezejo, & com taõ obstinada cegueira procuràraõ de o satisfazer, que naõ repararaõ em se entregar

gar a todo o genero de superſticioſos enganos. Vendo os Hebréos, que lhe faltavaõ os Profetas, conſultáraõ os adevinhos, & os feiticeiros. Applicaraõſe os Egypcios, & os Caldéos ao eſtudo da Aſtrologia. Tomáraõ os Idolatras da boca do Demonio os ſeus oraculos, & até nas entranhas dos animaes, buſcáraõ cruelmente os Romanos a inexcrutavel verdade dos futuros ſucceſſos. Eſpeculando Pico Mirandulano, a cauſa deſte taõ ardente, & taõ univerſal dezejo, reparou, que os homens como racionaes, aſpiraõ a huma perfeita felicidade, & que conhecendo, que lhe póde o futuro trazer muitas venturas, com anciosos deſvelos procuraõ ſaber o futuro. Eſta anticipada ſciencia, ſeria ſem duvida, huma das mayores felicidades da vida. Que alentado ſahiria o Capitaõ a campo, ſe antes de dar a batalha, eſtivera ſeguro da victoria! Que pouco cuidado lhe daria ao navegante as tempeſtades, ſe ſoubera, que havia de eſcapar do naufragio! E que deſaſſombrados andariaõ o Politicos, ſe conhecéraõ os meyos, com que ſe póde conſeguir o fim de ſuas intricadas negociaçoens! Eſtas, & outras incertezas ſaõ o perpetuo motivo de todas as noſſas ancias. E he muito para eſtranhar, que ſendo taõ curioſos de ſaber os ſucceſſos deſta vida temporal, naõ procuremos de ſaber o que há de ſer de nós na vida eterna.

Indagatio veritatis tendit ad perfectam cognitionem, in qua quies eſt, at non quieſcit niſi in futuri cognitione, quia etiam ex futuro multa pendent ad ſuam utilitatem pertinentia. *Picus Mirandulanus lib. 1. de Rerum Prænot. cap. 8.*

100. De todos os ſegredos do tempo futuro, eſte he o mais importante, ſaber hum homem, ſe há de viver eternamente no Ceo, ou ſe há de morrer eternamente no Inferno. E ſerá poſſivel, que ſe ache no mundo, quem poſſa adevinhar hum taõ grande, & taõ impenetravel ſegredo? Sim: & eu me atrevo a dizer, que póde cada hum ſer o Profeta de ſua predeſtinaçaõ, ou reprovaçaõ eterna. Para eſta noticia, não ſaõ neceſſarias as luzes da Theologia, & por iſſo naõ

naõ quero hoje ventilar queſtoens, ſobre os decretos divinos, ſobre a liberdade do Alvedrio humano, ſobre a ſufficiencia, ou efficacia da Graça; nem trato de averigoar, ſe Deus nos predeſtina, antes, ou depois, ou juntamente com a previſaõ de noſſos merecimentos. Porque com todas eſtas eſpeculativas diſtinçoeas, ſempre duvída o juizo, naõ havendo neſta materia, opiniaõ taõ provavel, & taõ authorizada, que naõ tenha contra ſi, muitos, & fortiſſimos argumentos. Poſtas logo de parte todas as controverſias da Theologia, vejamos, ſe nos póde alguma outra ſciencia dar os finaes, por onde poſſamos conhecer, ſe ſomos do numero dos Predeſtinados, ou dos Precitos.

101. Para alcançar hum taõ occulto ſegredo, parece locura o recorrer à Aſtrologia Judiciaria, que com temeraria ouſadia pinta com as luzes do Ceo os ſeus enganos, & com as eſtrellas, coroa as ſuas mentiras. Mas já que a Aſtrologia acreditou tantas falſidades no mundo, quero, que nos ſirva hoje para deſcobrir huma verdade. E porque ſe trata de ſaber, ſe havemos de ir ao Ceo, conſultarei os Aſtros, & com elles levantarei figura, & deſde agora, ſem temor, nem eſcrupulo algum, digo, que os que tivermos o Planeta Marte por Aſcendente, no ſigno de Aquario, favorecido com o ſigno de Leaõ, he certo, que nos havemos de ſalvar, & em faltando qualquer deſtas circunſtancias, he certo, que nos havemos de condenar. Suſpendei o rigor da cenſura, que eu bem ſei, que eſta propoſiçaõ ao pé da lettra, he temeraria, & heretica, mas no ſentido moral, he verdadeira. Eis aqui a moralidade, & a declaraçaõ deſta enigmatica figura. Chamaõ os Mathematicos ao Planeta Marte, Planeta nocturno, & ao ſigno de Aquario, ſigno obediente, & ao ſigno de Leaõ, ſigno fixo. Planeta nocturno, he a Fé, que eſcura-

escuramente nos ensina as verdades Evangelicas; signo obediente, he a obediencia, com que nos sogeitamos à observancia dos preceitos Divinos; & o signo fixo, he a perseverança, com que persistimos na Fé, & na obediencia, até à morte.

102. Estes saõ os tres infalliveis sinaes de nossa predestinaçaõ, Fé, Obediencia, & Perseverança. E o Senhor que he a mesma verdade, o affirma nas palavras do meu thema: *Oves meæ vocem meam audiunt, & ego cognosco eas, & sequuntur me, & vitam æternam do eis.* (Ioan. 10. n. 27.) *Vocem meam audiunt.* Eis ahi a Fé. *Fides ex auditu.* *Et sequuntur me.* Eis ahi a Obediencia. E permanecendo nesta Fé, & nesta obediencia, nos conhece o Senhor por seus: *Oves meæ.* (Romar. 10. 16.) E nos promete a vida eterna: *Vitam æternam do eis.* De maneira que podemos conhecer dentro em nós mesmos, se havemos de ser do numero dos escolhidos, ou dos condenados. Porque se crermos, se obedecermos, & se perseverarmos, a nossa salvaçaõ he certa, & qualquer destas virtudes, que nos falte, a nossa condenaçaõ, he infallivel. Estes tres sinaes nos daráõ materia para tres discursos. No primeiro, mostrarei, que havemos de crer. No segundo, que havemos de obrar. E no terceiro, que havemos de perseverar. Crer com santa simplicidade, obrar com perfeita obediencia, & perseverar com invariavel firmeza. Comecemos pelo primeiro discurso.

I. PARTE.

103. Primeiramente, para a salvaçaõ eterna, he precisa a santa simplicidade da Fé, & por isso chama o Senhor aos predestinados, ovelhas: *Oves meæ vocem meam audiunt.* Para crer, naõ he necessario entender, basta ouvir: & he preciso, que naõ entendamos o que cremos, por duas razoens. A primeira respeita a Deus, & a segunda respeita aos homens: em quanto a Deus

a Deus o crer, & o naõ entender, he justiça juntamente, & misericordia; & em quanto aos homens, o crer, & o naõ entender, he castigo juntamente, & premio. Quer Deus, que creamos, & naõ entendamos, & he justo, porque (como advertio Saõ Joaõ Chrysostomo) se os homens entendéraõ, tudo o que há em Deus, que teria Deus mais que os homens? *Si de cunctis, quæ sunt Dei, curiosè inquirimus, quid habet Deus amplius quàm homines?* Se chegára hum homem a comprehender o que Deus he, naõ fora Deus o que he, porque naõ fora incomprehensivel: & o que sô se pôde saber de Deus, he que Deus excede todo o saber. *Ascendit Deus super Cherubim, & volavit.* Diz David, que Deus subíra mais alto que os Cherubins, & que no mesmo tempo avoára. Nos Cherubins se significa o saber; & avoar, he o mesmo que desaparecer: esta hũa das mayores grandezas de Deus, sobrepujar a comprehençaõ da mayor sciencia; & voar taõ alto, que se perde de vista. *Ascendit super Cherubim, & volavit.* Logo he justiça, que Deus se faz a si mesmo, o naõ querer, que o nosso entendimento o alcance, mas sô permitir; que a nossa Fé o adore: *Divina non sunt discutienda, sed credenda; non enim se Deus discutere jubet, sed credere.* Saõ palavras do Concilio Toletano. E esta foi a razaõ, porque Saõ Bernardo naõ quiz responder aos argumentos do Herege Abaylardo, affirmando o Santo, que naõ he justo, que os homens procurem penetrar com a sutileza da razaõ, o que sô com a credulidade da Fé, se entende.

Chrysostom. homil. 17. in 1. ad Corinth.

Psalm. 17. 11.

Concil. Toletan. 14. Canon. 10.

D. Bernardus Epist. 187.

104. Mas esta mesma justiça, com q̃ Deus se naõ deixa encerrar na pequena Esfera do nosso entendimento, he huma summa misericordia; porque pagandose Deus com a simplicidade de nossa Fé, faz a nossa salvaçaõ taõ facil, que para a conseguir, basta

crer ſem entender. Ao Cego a que o Senhor deu viſta, diſſe o Senhor: *Fides tua te ſalvum fecit.* A tua Fé, fez certa a tua ſalvaçaõ. Naõ diſſe o Senhor, a tua ſciencia, a tua doutrina, a perſpicacia do teu juizo, a noticia que tens das Eſcrituras; mas a tua Fé: *Fides tua:* ſegurou a tua ſalvaçaõ: *Te ſalvum fecit.* O entender, he ſatiſfaçaõ da curioſidade, & o crer he merecimento para a Bemaventurança: ceda logo, diz Tertulliano, ceda a curioſidade à Fé. E com muita razaõ; porque a curioſidade ignora, o que imagina ſaber, & a Fé ſabe no meſmo tempo, que ignora: *Cedat curioſitas fidei, ſub qua neſcire omnia, ſcire eſt.* Digna expreſſaõ de hum taõ profundo juizo. Com a ſimplicidade da Fé, nada ſabemos, & ſabemos tudo: nada ſabemos de ſuperfluo, & ſabemos tudo o que he neceſſario; ignoramos o que naõ importa para a ſalvaçaõ, & ſabemos o q̃ para a ſalvaçaõ importa.

Tertullian. lib. de Præſcriptione adverſ. Hæretic.

105. Que cuidais, que he hum Chriſtaõ? Hum Chriſtaõ, he hum ſabio ignorante, porque ignorando ſabe, & ſabendo ignora. E he poſſivel ignorarſe, & saberſe a meſma couſa, & no meſmo tempo? Sim, diz S. Ioaõ Chryſoſtomo: *Poteſt eſſe ignoratio in cognitione, & in ignoratione cognitio.* No ſaber, pôde haver ignorancia, & no ignorar, pôde haver ſciencia. Declaremos eſtes paradoxos com huma comparaçaõ. Paſſeando pelas prayas do mar, & perguntando a hum homem: quantas gotas de agoa contém o Oceano? Se elle me reſpondéra, eu o ſei, eu o direi: naõ tivera eu razaõ para me rir delle, & para lhe dizer, que eſte ſeu ſaber, he ignorancia? E ſe outro mais aviſado reſpondéra, que ſó ſabe, que as gotas de agoa no mar ſaõ tantas, que ſe naõ pôdem contar: naõ pudera eu dizer com razaõ, que a confiſſaõ deſta ignorancia, he ſciencia? Sim. Porque declara, que ſó ſabe, o que ſe pôde ſaber.

Chryſoſtom. in Pſalm. 143.

Naõ

Naõ de outra ſorte, a ſanta ignorancia dos Chriſtaõs, ſabemos o que ſe pôde ſaber, & naõ ſabemos o que naõ convem que ſaibamos, naõ ſabemos o ſuperfluo, mas ſabemos o neceſſario.

106. Para a ſalvaçaõ he neceſſario ſaber, que Deus he hum na eſſencia, & trino nas peſſoas, & naõ he preciſo ſaber como o Eterno Pay gera o Verbo; nem porque razaõ, o Verbo naõ gera outra peſſoa; nem porque o Eſpirito Santo naõ gera como o Pay; nem eſpira como o Pay, & o Filho. Para a Salvaçaõ, he neceſſario ſaber, que o Verbo Divino tomou carne humana, & naõ he preciſo ſaber, como eſte homem Deus, tem duas naturezas em huma ſô Peſſoa, & tres ſubſtancias em hum ſô ſupoſto; como ſendo verdadeiro homem naõ he Peſſoa humana; como ſendo verdadeiro Deus, tem diverſas naturezas; nem como ſe fez homem, ſem que o Pay, & o Eſpirito Santo, com quem he hũa meſma couſa, ſe fizeſſem homens com elle. Para a ſalvaçaõ he neceſſario ſaber, que debaxo das eſpecies Euchariſticas, eſtá o Corpo, a Alma, & a Divindade de Chriſto, taõ real, & verdadeiramente como eſtá no Ceo: & naõ he preciſo ſaber, como a quantidade naõ tem extençaõ; nem os accidentes, ſuſtento; nem como o Corpo de Chriſto pôde eſtar no Ceo juntamente, & na terra, dividido na hoſtia, & ſempre inteiro, & taõ todo na parte, como no todo.

107. Finalmente em todos os mais myſterios, ſabemos por meyo da Fé, o que he preciſo para a ſalvaçaõ, & com a meſma Fé ignoramos, o que para a ſalvaçaõ naõ he neceſſario; ſabemos a ſubſtancia, & ignoramos o modo: & para Deus, o noſſo ignorar, he taõ glorioſo como o noſſo ſaber, porque ſe o noſſo ſaber he huma participaçaõ de ſua intelligencia, a noſſa ignorancia, he o credito da ſua miſericordia. Naſcéo Deus temporalmente no mundo,

& logo chamou a ſy os Magos, & os Paſtores. Sabeis porque? Porque nos Magos ſe repreſentavaõ os ſabios, & nos Paſtores os ignorantes; & neſta miſterioſa uniaõ da ſciencia com a ignorancia humana, parece quiz Deus moſtrar, que he taõ miſericordioſo, que conhecendo a fraqueza de noſſo entendimento, ſe contenta, que para a noſſa ſalvaçaõ, ſaibamos huma couſa, & ignoremos outra. Compara Santo Agoſtinho a Fé com a parte ſuperior, & inferior da Cruz; na parte ſuperior, que ſe vé, ſe repreſenta o que a Fé nos declara, & na parte inferior, que eſtá metida na terra, & naõ apparece, ſe ſignifica o que a meſma Fé nos occulta, & aſſim como eſta parte inferior, & eſcondida, que he o pê da Cruz; ſuſtenta a meſma Cruz, aſſim o que na Fé ignoramos, he a baſe, & fundamento de noſſa ſalvaçaõ, & he taõ grande a miſericordia Divina, que até nos abyſmos de noſſa ignorancia, fundou o edificio de noſſa bemaventurança. Santo Agoſtinho: *In profundo Crucis occultum eſt quod non vides, ſed inde exurgit hoc totum quod vides, dum latet,* (notai bem) *dum latet, fundamentum eſt ſalutis.*

Auguſt.in.tract.at. 1. de diverſ. cap.10.

108. Vejamos agora como o crer, & o naõ entender, que reſpeitando a Deus he juſtiça juntamente, & miſericordia; reſpeitando aos homens, he caſtigo juntamente, & premio. No peccado de noſſos primeiros Pays, advertio o Cardeal Cuſano, huma criminoſa anticipaçaõ, & foy, que elles quizeraõ entender antes de crer: *Hic fuit error priorum hominum, qui voluerunt ſcire, antequam credere, & ſe converterunt ad arborem ſcientiæ, non ad verbum.* Da Arvore da Sciencia quiz Adaõ colher o fruto ante tempo, porque quiz ſaber antes de crer; a flor he a Fé, & o ſaber, he o fruto deſta flor. Naõ eſperou Adaõ, que deſta flor, ſahiſſe eſte fruto, & com eſte intempeſtivo dezejo de ſaber,

Cardinal. Cuſan. lib. 1. de Concordantia Catholica cap. 3.

ber, atrahio Adaõ sobre toda a sua posteridade o justo castigo de huma cega ignorancia, & quiz Deus, que a Fé precedesse à sciencia, porque a sciencia, pretendéra de adiantarse à Fé! S. Lourenço Justiniano: *Concupierat Adam esse tanquam Deus, sciens bonum, & malum, ideò ipsius posteritas debuit per fidei nescientiam, ad intelligentiam promoveri.*

Laurent. Iustinian. de Triumphali Agone cap. 1.

109. Mas este mesmo castigo (se bem advertirmos) he premio, porque sogeitando o entendimento ao obsequio da Fé, chegamos a saber o que nenhuma sciencia nos pôde ensinar. Qual sciencia no mundo nos podia descobrir os eternos arcanos da Santissima Trindade, os prodigios da Encarnaçaõ do Verbo, as luzes da Transfiguraçaõ, os eclipses da Paixaõ, os sagrados disfarces da Eucharistia, & os gloriosos Triumfos da Resurreiçaõ, & Ascençaõ do Senhor? Todas estas soberanas noticias, saõ premios da credulidade da Fé. *Intellectus, est merces fidei*: diz Santo Agustinho. E todas as sciencias, que antigamente ensináraõ os mayores Filosofos do mundo, comparadas com o que sabemos por meyo da Fé, saõ eruditas necedades, curiosos delirios, & meras ignorancias. Entrou S. Paulo no Areopago de Athenas, & com a doutrina da Fé, provou, que todo aquelle venerando Senado, naõ era outra cousa, que huma junta de ignorantes: *Quod ergo ignorantes creditis, hoc ego annuntio vobis.* Ouvi, diz S. Paulo, & confessai a vossa ignorancia, vós que presumís ser os oraculos da Grecia, & os Mestres do Mundo. Estoicos, Academicos, Peripateticos, Platonicos, discipulos de Pytagoras, & sequazes de Epicuro, todos andais errados, & taõ pouco lettrados sois, que ainda naõ conheceis as lettras do Abecedario da verdadeira Sabedoría, porque naõ conheceis a Jesu Christo, que he o Alfa, & o Omega, o princi-

August. tract. 19.

Act. Apost. 17. n. 23.

principio, & o fim de todas as creaturas. Este he o Deus que aveis de adorar, porque he o Criador do Ceo, & da terra, & o Redemptor do genero humano, que por nós foy crucificado, & gloriosamente resuscitado sobio ao Ceo, & no fim do mundo, julgará os vivos, & os mortos.

110. Com esta doutrina, confundio S. Paulo a soberba ignorancia dos Areopagitas, & em poucas palavras, disse mais, que todos os Mestres da Antiguidade. Mas se algum daquelles Filosofos, pedira a S. Paulo a razaõ, com que se haviaõ de provar estas taõ inauditas verdades, que responderia S. Paulo? Diria o Apostolo, que os Christaõs naõ crem estas verdades, persuadidos da razaõ humana, mas illustrados da revelaçaõ divina. Pois a revelaçaõ há de ter mais credito, que a razaõ? Sim: a revelaçaõ Divina, nos há de persuadir mais, que a razaõ humana; porque a revelaçaõ Divina, he infallivel: & pelo contrario tem a razaõ humana tanta fallibilidade, que quasi sempre nos engana. Que cousa mais enganosa, que a nossa propria razaõ? Sobre a mesma materia, muitas vezes nos persuade a razaõ opinioens differentes.

111. Ao grande Origenes, persuadio a razaõ, que os Astros tem alma racional, porque com ordem & proporçaõ invariavel compassaõ os seus movimentos: & a mesma razaõ, ensinou a Lactancio, que os Astros naõ saõ racionaes, porque se tiveraõ discurso, & liberdade, naõ seguiriaõ como escravos, a perpetua volubilidade de seus orbes. A Empedocles, persuadio a razaõ, que a luz tem corpo, porque he visivel: & a mesma razaõ, obrigou a Aristoteles a crer, que a luz naõ tem corpo, porque penetra o cristal, & a penetraçaõ dos corpos he naturalmente impossivel. A Plataõ, induzio a razaõ a crer, que a nossa alma,

he

he huma ſubſtancia eſpiritual: & a meſma razaõ falſamente perſuadio a Zenon, que a alma, he huma quinta eſſencia dos quatro Elementos. Finalmente he a razaõ taõ oppoſta,& contraria a ſi meſma, que he cauſa de todas as contradiçoens, que há entre Copernico, & Ptolomeo, na Mathematica;entre Galeno, & Paracelſo, na Medicina; entre Cicero, & Demoſthenes, na Rhetorica; entre Bartolo, & Baldo, na Juriſprudencia; entre Pytagoras, & Ariſtoteles, na Filoſofia; & ultimamente, entre Scoto, & S. Thomás, na Theologia. Sô a Fé, he ſempre a meſma, ſempre concorde, ſempre igual, & uniforme em todos os entendimentos, que alumea, porque naõ ſe regula a Fé pelos diſcurſos da razaõ humana, que pôde errar, mas eſtá fundada na revelaçaõ Divina, que he infallivel. E para entender o que Deus revelou, baſta crer. *Crede, ut intelligas:* diz Santo Agoſtinho. E para crer baſta ouvir: *Oves meæ vocem meam audiunt.* Eſte he o primeiro ſinal de noſſa predeſtinaçaõ, o ſegundo he a obediencia aos Mandamentos de Deus, & da Igreja: *Et ſequuntur me.* E eſte he o aſſumpto deſta ſegunda parte.

II. PARTE.

112. O Chriſtaõ, ſe há de deſtinguir do Gentio, naõ ſô pela Fé, mas pela vida, & a differença dos eſtados, ſe há de conhecer pela differença das obras. Todas as obras da vida do Chriſtaõ, ſe encerraõ nos Mandamentos de Deus, & da Igreja, & ſô da execuçaõ deſtas obras ſe conhece a exiſtencia da Fé, & a Fé junta com as obras, faz o Chriſtaõ perfeito. Creyo em Chriſto, logo ſou Chriſtaõ. Naõ he certa a conſequencia, porque podem faltar as obras: & o que ſô cré em Chriſto, & naõ faz o que Chriſto manda, naõ he Chriſtaõ inteiro; quando muito, he meyo Chriſtaõ. Por eſtes

termos falla Saó Gregorio Nazianzeno daquelle Doutor da Ley Nicodemos : *Ille dimidiâ tantum ex parte Christum amans, Nicodemus.* Era Nicodemos meio Christaõ, porque seguia a Christo com a Fé, & fogia de Christo com as obras ; de noite buscava ao Senhor, & de dia conversava com os Fariséos. Quantos Nicodemos há hoje na Christandade! De noite, quero dizer, na escuridade da Fé, estaõ com Christo; mas de dia, quando sahem suas obras á luz, estaõ com o mundo. Tem estes taes hum pê no Ceo, & outro no Inferno, imitaõ aos Anjos, & abraçaõse com os Demonios ; bons por huma parte, & maos por outra : & juntamente taõ deformes, que se naõ fora este objecto taõ lastimoso, podéra o mundo rirse de huma taõ monstruosa extravagancia.

Gregor. Nazianz. Orat. 16.

113. Naõ seria cousa digna de riso ver andar hum homem, com ametade da barba cortada, & a outra crescida? Sei que isto antigamente succedéo a Ministros muyto authorizados. Aos Embaxadores de David, mandou o Rey dos Ammonitas cortar a metade da barba, & neste ridiculo estado, os despedio: *Rasit dimidiam partem barbæ eorum, & dimisit eos.* Ficáraõ estes miseraveis taõ confusos, & corridos das zombarias, mofas, & apupos da gente, que naõ tinhaõ cara para apparecer : & sentindo David a ignominia, que padeciaõ, lhes mandou dizer, que naõ viessem á Corte : *Manete in Iericho, donec crescat barba vestra.* Se hum Gentio, depois de haver estado alguns annos entre nós, se voltára para os seus, & se lhe perguntáraõ que Religiaõ, & que vida he a dos Christaõs, naõ movera elle a riso aquelles barbaros, se lhe dissera? Eu na minha opiniaõ, entendo, que os Christaõs saõ homens meio racionaes, porque crem huma cousa, & fazem outra. Elles crem, que há Deus no mundo, & que este Deus, he hum; mas cada

2 Reg. cap. 10.

Ibid.

cada hum delles em particular, he para si, o seu Deus; porque sò se amaõ, se estimaõ, & se adoraõ a si mesmos. Elles crem, que seu Deus morréo em huma Cruz, & elles se benzem de todas as Cruzes, porque fogem os trabalhos, & vivem nas delicias. Elles tem por certo que à brevidade desta vida temporal, se segue huma vida eterna, & sobre os nonnadas deste mundo, armaõ demandas, que duraõ mais que as vidas. Elles confessaõ, que há hum Paraiso para os que morrem em graça, & hum Inferno para os que morrem em peccado: & com esta certeza, vivem como se o Paraiso fora hum paradoxo, & o Inferno, huma fabula. Elles estaõ persuadidos, que Deus está realmente nas Hostias, que os seus Sacerdotes consagraõ, & nas suas Igrejas, que elles chamaõ Sanctuarios da Divindade, fallaõ, & conversaõ, com mayor irreverencia, que nos theatros de suas comedias. Em conclusaõ, naõ saberei distinguir as povoaçoens dos Christaõs das nossas, senaõ pelos campanarios, & pelos sinos, de que naõ usamos, porque emquanto aos costumes, ou saõ os mesmos, ou peores que os nossos.

Vita, & peccatis sumus deteriores; Lege enim Catholicâ, sine comparatione meliores. Sed illud considerandum est, quia quod lex bona est, vestrum non est; quod autem male vivimus, nostrum est Salvianus Episcopus Massiliens.

114. Agora pergunto eu: Naõ se riria toda a Gentilidade, se tal ouvira? Mas que os Gentios se rissem de nós, pouco importára; o que he para sentir, & para chorar, he que na hora da nossa morte, o mesmo Deus se há de rir, dos que sendo Christaõs na Fé, naõ foraõ Christaõs nas obras: *Ego quoque in interitu vestro ridebo.* Oh funesto, oh formidavel, & horrendo riso de Deus! Diz S. Gregorio Papa, que o rirse Deus dos homens, he o mesmo, q̃ desemparalos, & negarlhe a sua misericordia: *Ridere Dei, est afflictioni Deum nolle misereri.* E será possivel, que a Divina misericordia chegue a desemparar os que créraõ em Christo Filho de Deus? Sim: se naõ animáraõ a sua Fé com as obras, porque a Fé sem obras, naõ he Fé, & obrar o con-

Prov. 1. 26.

Gregor. in Iob. cap. 9.

o contrario do que se cré, naõ he crer. Na sentença, que no juizo final, Christo pronunciará contra os condenados, naõ dirá Christo, ide malditos ao Inferno, porque naõ crestes, mas dirá Christo, ide malditos ao Inferno, porque naõ obrastes: *Discedite à me maledicti in ignem æternum. Esurivi enim, & non dedistis mihi manducare?* Que importa o crer, que a esmola, que se faz a hum pobre, se faz ao mesmo Christo, se se naõ faz a esmola? *Sitivi, & non dedistis mihi potum?* Que importa o crer, que com as obras de misericordia se assegura a nossa Salvaçaõ, se se naõ fazem estas obras de misericordia? *Hospes eram, & non collegistis me; nudus, & non cooperuistis me?* De maneira, que na sentença da morte eterna, naõ se queixará o Senhor da falta da Fé, mas da falta das obras. *Non increpat deficientes in fide, sed in bonis operibus.* Porque a Fé sem obras, he huma Fé morta, & os Christaõs, em que naõ he viva a Fé, saõ cadaveres da Christandade, que o Senhor lança de si, como incapazes, & indignos da vida eterna: *Fides sine operibus mortua est. Ite maledicti in ignem æternum.*

Matth. 25. 42.

Ibid.

Ibid.

115. E naõ se póde o Christaõ justamente queixar deste rigor, porque razaõ he, que manifestemos a verdade de nossa Fé com a mesma evidencia, com que Christo autenticou a verdade da sua Doutrina. Se contra Christo argumentara hum Christaõ, dizendo: Senhor, porque razaõ quereis, que eu dé credito à vossa Doutrina? Responderia o Senhor, porque eu sou a mesma verdade: *Ego sum veritas.* E se o Christaõ instára: E por onde posso eu conhecer, que fallais verdade? Pelas obras que fiz, replicára o Senhor: *Opera quæ ego facio in nomine Patris mei, hæc testimonium perhibent de me.* As obras de Christo, saõ as provas da verdade da Doutrina de Christo; porque se Christo obrára o contrario do que tem ensinado, tiveraõ

Ioan. 14. 6.

Ioan. 10. 25.

raõ os Christaõs razaõ, para duvidarem da verdade da sua Doutrina. Quem havia de crer, que a humildade he o fundamento da Gloria: *Qui se humiliat, exaltabitur*: Se Christo, que o disse, com altiva soberania, se apoderára dos Ceptros dos Reys, & dos Imperios dos Monarcas? Quem havia de crer, que se amarmos nossos inimigos, seremos filhos de Deus: *Diligite inimicos vestros, ut sitis Filij Patris vestri, qui in Cælis est*: Se o mesmo Christo, que o disse, se valéra de seu poder para se vingar das affrontas, & crueldades de seus inimigos? Se Christo cobicára as riquezas, & thesouros da terra: quem havia de crer a Doutrina de Christo, que ensina, que a pobreza voluntaria nos mete de posse do Reyno do Ceo? *Beati pauperes spiritu, quoniam ipsorum est Regnum Cælorum.* Se Christo se entregára aos gostos, passatempos, & delicias desta vida: quem havia de crer a Doutrina de Christo, que ensina, que as lagrimas da penitencia, saõ a fonte da verdadeira alegria? *Beati, qui nunc fletis, quia ridebitis.*

Matth. 23. vers. 12.

Matth. 5. vers. 44.

Matth. 5. 3.

Luc. 6. 21.

116. Finalmente, para abreviar huma taõ dilatada materia, he certo, que se Christo tivera feito acçoens alheias de sua Pessoa, & de sua Doutrina, naõ tiveraõ os homens obrigaçaõ de crer, que Christo he Filho de Deus. E naõ o digo eu, o mesmo Christo o diz no Evangelho de hoje: *Si non facio opera Patris mei, nolite credere mihi.* Se as minhas obras, naõ dizem com a pessoa de meu Eterno Pay, quero que me naõ deis credito. Logo se a Doutrina de Christo, sem a santidade das obras, naõ merece a nossa Fé, que merecimento tem a Fé de hum Christaõ, que desmentindo com a indignidade de suas obras, a santidade de seu nome, de tal modo se desfigura, que parece, que o mesmo Deus naõ o conhece. Nos termos da Escritura, quando

Ioan. 10.

do diz Deus, que nos conhece, quer dizer, que somos predestinados: *Cognosco oves meas, & vitam æternam do eis*: & pelo contrario, quando diz, que nos naõ conhece, quer dizer, que somos precitos: *Amen dico vobis, nescio vos.* Pois naõ conhece Deus igualmente a todos? Sim: mas fallando ao modo humano, diz Deus, que nos naõ conhece, quando tendo sò a Fé, que he o sinal interior do Christaõ, naõ se vem em nós os sinaes exteriores das obras, que saõ o distinctivo da Christandade, que professamos.

Joan. 10.

Matth. cap. 25. vers. 12.

117. E na verdade, por onde há Deus de conhecer, que somos Christaõs? Porque somos bautizados, porque sabemos os mandamentos de Deus, porque conhecemos o Summo Pontifice por Vigario de Christo? Naõ bastaõ estes sinaes; obras, & mais obras saõ necessarias, para que Deus nos conheça por seus. Porque crer em Christo, & naõ obrar como Christaõ, he adorar a Christo com a Fé, & renegar a Christo com as obras. Olhe logo cada hum para a sua vida, & para as suas obras, & veja, se saõ obras de piedade, de verdade, justiça, de charidade para com o proximo, de paciencia nas adversidades, de humildade na prospera fortuna, de penitencia dos peccados, de frequencia dos Sacramentos, & de perfeita obediencia aos mandamentos de Deus, & da Igreja; & peça cada hum a Deus, que lhe dé graça para perseverar nesta Fé, & nesta obediencia, porque sô quem persevera, se salva, & sô os que se salvaõ, saõ ovelhas do Senhor: *Oves meæ.* E este he o terceiro assumpto, & o terceiro sinal de nossa predestinaçaõ: *Cognosco oves meas, & vitam æternam do eis.*

III. PARTE.

118. A razaõ porque a perseverança he necessaria

para

para a salvaçaõ, he que a salvaçaõ, he hum premio, que naõ há de ter fim, & para o merecimento ter proporçaõ com o premio, he preciso, que naõ tenha fim, a virtude, que há de conseguir huma Gloria sem fim. Em muitos lugares da Escritura, a Gloria dos Bemaventurados se chama, Coroa. *Reposita est mihi corona justitiæ*: diz S. Paulo. *Accipiet coronam vitæ*: diz SanTiago. *Immarcessibilem gloriæ coronam*: diz S. Pedro. E Christo Senhor Nosso no Apocalypse: *Dabo tibi coronam vitæ*. Mas que semelhança tem huma Coroa com a Bemaventurança? Discretamente Alberto Magno. As Coroas tem figura circular, & a figura circular naõ tem fim, & por isso he o Symbolo da Gloria dos Bemaventurados, que he eterna: *Dabo tibi coronam vitæ, id est vitam immarcessibilem, quæ est circularis, & circulus non habet finem*. He taõ necessaria para a salvaçaõ a perseverança, que melhor fora, começar mal, & acabar bem, do que começar bem, & acabar mal. S. Paulo começou taõ mal, que foi hum dos mayores perseguidores da Igreja: & o mesmo S. Paulo acabou taõ bem, que he hoje hum dos mayores Santos do Ceo. Pelo contrario, começou Judas taõ bem, que foi Apostolo: & o mesmo Judas acabou taõ mal, que foi Apostata, & hoje está no Inferno. Que importa hum bom principio de vida, se o fim da vida naõ corresponde ao principio.

2 Timoth. 4. 8. Epist. Iacob. 1. 12. 1 Petri. 5. 4. Apocalyps. 2. 10. Albert. Magn. in Apocal. 2.

119. Esta vida, he huma navegaçaõ, de que a Bemaventurança he o porto; esta vida, he huma carreira, de que a eternidade, he o termo; esta vida, he huma batalha, de que a salvaçaõ, he a victoria; esta vida, he hũa escada, de que o ultimo degrao he a Gloria; esta vida, he hum edificio, de que o tecto he o Ceo; mas o naõ perseverar nesta navegaçaõ, nesta carreyra, nesta batalha, nesta escada, & neste edificio: nesta navegaçaõ, resi-

resistindo ás tormentas das paixoens; nesta carreira, atropellando os vicios; nesta batalha, vencendo as tentaçoens; nesta escada, adiantandose nas virtudes; & neste edificio rematando os merecimentos; o naõ perseverar; he navegar, & arribar; he correr diante, & retroceder; he entrar na peleja, & retirarse; he sobir, & tornar a descer; he fabricar, & naõ acabar; & finalmente, he o mesmo, que remontarse ao Ceo, & precipitarse no Inferno.

120. Para provar a necessidade da perseverança para a salvaçaõ, há tantas, & taõ grandes razoens, que com ellas, se podem compor muytos volumes, & porque me naõ dá o tempo lugar para me estender nesta materia, acabo o Sermaõ, repetindo as tres proposiçoens, com que no exordio levantei a figura, em que todos podem conhecer a certeza da sua predestinaçaõ, ou reprovaçaõ eterna. Todos os Christaõs, grandes, & pequenos, letrados, ignorantes, vassallos, & Principes, podem desde agora conhecer, se seraõ predestinados, ou precitos, & o podem conhecer taõ certamente, que cada proposiçaõ, de que depende esta noticia, he infallivel, porque he de Fé. Primeiramente, he de Fé, que quem for bautizado, & crer em Jesu Christo, se há de salvar, porque Christo o disse: *Qui crediderit, & baptizatus fuerit, salvus erit.* Marci 16. n.16 Em segundo lugar, he de Fé, que quem guardar os mandamentos de Deus, & da Igreja, se há de salvar, porque o mesmo Christo, o disse: *Si vis ad vitam ingredi, serva mandata.* Matth. 19 vers. 17. Em terceiro lugar, he de Fé, que quem perseverar até o fim da vida, se há de salvar, porque Christo tambem o disse: *Qui autem perseveraverit usque in finem, hic salvus erit.* Matth. 10. 22. Nestas tres proposiçoens, se encerraõ as tres virtudes necessarias para a salvaçaõ, a Fe, a Obediencia, & a Perseverança, & todas tres se haõ de achar juntamente no mesmo sogeito; porque nem

nem a Fé sem a Obediencia, nem a Obediencia sem a Fé, nem a Fé, & a Obediencia, sem a Perseverança, nos podem salvar, mas todas tres juntas, fazem a nossa salvaçaõ infallivel.

121. A esta certeza pois, se segue huma indubitavel verdade, & he, que por parte de Deus, nunca nos faltaõ os auxilios da graça, para crer, para obedecer, & para perseverar: & se faltamos à alguma destas tres condiçoens, toda a culpa he nossa, porque na nossa maõ está o corresponder à graça, que para este effeito Deus nos communica: & para a graça entrar na alma, basta abrir huma porta, de que todos temos a chave. Para a graça entrar no coraçaõ do homem, saõ precisas duas chaves, & parece quiz o Author da natureza fazer huma demostraçaõ desta verdade na organizaçaõ do corpo humano. Todos temos no peito dous ossos, que tem a figura das chaves, de que uzavaõ os antigos, & por isso chamaõ os Anatomistas, estes dous ossos, *Clavicula*; que vem a ser o mesmo, que chaves.

Claviculæ dictæ sunt, quod Thoracè claudant, & instar clavis firment scapulam cū sterno, vel quod claves ædium antiquas referant, figura

122. Estas duas chaves, que temos no peito, significaõ as duas chaves, com que se abrem as duas portas da vontade humana, a porta de fóra, & a porta de dentro; da primeira porta, tem Deus a chave, & o homem tem a chave da segunda porta; abre Deus a porta de fóra, com a efficacia da graca; & o homem abre a porta de dentro, com o consentimento dé sua liberdade; bate Deus à porta do coraçaõ humano, & pede que lhe abraõ: *Aperi mihi.* Pois naõ tem Deus as chaves de tudo? Sim: *Habeo claves mortis, & Inferni.* E se Deus tem a chave, porque naõ abre? Porque para Deus entrar no coraçaõ do homem, he preciso, que se abraõ juntamente duas portas, a porta exterior, & a porta interior; da porta exterior tem Deus a chave, nos auxilios de sua graça, mas deu ao homem a chave da porta interior, no alvedrio da liber-

est S. Latini, hoc est ex duobus semicirculis adverso modo conjunctis, ad jugulum foris convexa, extrinsecus leviter cava. Bartolinus de Anatomia libello. 4. de ossibus cap. 14. mihi pagina 518.

Cantic. 5. 2.

Apocal. 18.

liberdade, que lhe deu para admitir, ou recusar estes auxilios. *Aperi mihi. Per consensum boni*: commenta o Lyrano. Com as inspiraçoens divinas, abre Deus a porta de fóra; mas naõ abrimos nos a porta de dentro, porque resistimos ás divinas inspiraçoens. Esta he a verdadeira causa de nossa reprovaçaõ, & he a nossa malicia taõ cruelmente obstinada, que para nos salvarmos, naõ queremos abrir huma porta, de que temos a chave na maõ.

Glossa Lyrani in cap. 5. Cantic. vers. 2.

123. Veja logo, & conheça cada hum, dentro em si mesmo, se he predestinado, ou precito. A todos nós dá Deus os auxilios precisos, para crer o que a Fé nos ensina, para obedecer ao que o Evangelho nos manda, & para perseverar até o fim da vida; mas se a nossa desconfiança vacilla na Fe; se a nossa liberdade se oppoem à obediencia; & se a nossa instabilidade he incapaz de perseverança, he certo que nenhum de nós se há de salvar. Porèm quero suppor, que nos naõ falta a Fé, & espero em Deus, que nella havemos de perseverar: mas que he das obras, com que a Fé se manifesta? Qual de nós se exercita nos actos de humildade, & de penitencia; na mortificaçaõ dos sentidos, na emenda dos costumes, na extirpaçaõ dos máos habitos, na caridade para com os pobres, no perdaõ dos inimigos, & em todas as mais virtudes necessarias para a salvaçaõ? E se pelo contrario em todas as nossas obras se representa, & se satisfaz a vaidade, a ambiçaõ, o amor proprio, o interesse, a soberba, a lizonja, a enveja, o odio, & a vingança, naõ vemos que tomamos o caminho da perdiçaõ, & que as nossas proprias obras nos levaõ ao Inferno? O remedio pois, com que podemos evitar hum taõ grande mal, como a condenaçaõ eterna, & juntamente assegurar hum taõ grande bem, como a salvaçaõ das nossas Almas, eu o darei em poucas

cas palavras. Todos os dias havemos de pedir a Deus duas cousas, a primeira, que nos livre de peccado mortal; & a segunda, que se por desgraça succeder, que offendamos a Deus mortalmente, que naõ permitta, que morramos nesse miseravel estado; mas que nos dé graça, para nos confessarmos deste peccado com verdadeira contriçaõ, no mesmo dia, & na mesma hora, se for possivel. Aos que se naõ quizerem valer deste remedio, que posso eu dizer, senaõ que está muy arriscada a sua salvaçaõ. E aos que se quizerem aproveitar deste conselho, pronostico a eterna Bemaventurança em companhia de seu Divino Pastor: *Oves meæ vocem meam audiunt, & ego cognosco eas, & sequuntur me, & ego vitam æternam do eis.* Ad quam nos perducat Omnipotens Pater, & Filius, & Spiritus Sanctus. Amen.





SERMAM DO MANDATO.

Prégado na Santa Casa da Misericordia, 30. de Março de 1679.

Scitis, quid fecerim vobis? Luc. 13. vers. 12.

124. Odos sabẽ, q̃ há Amor no mundo, mas poucos entendem, que cousa he o Amor. Tem o Amor o Arco nas maõs, & o veo nos olhos, mostra as armas, & cobre o rosto, acçaõ propria de hum homicida disfarçado, estender a maõ ao golpe, & retirar o rosto ao conhecimento. Vivem os homens debaxo do agradavel Imperio deste Tirano encuberto, obedecem ás leys de hum Rey, que naõ conhecem, sentem os effeitos de huma causa, que ignoraõ, & a mesma Filosofia, que alcança os mayores segredos da natureza, naõ sabe definir a natureza do Amor. Escreve Plataõ, que o Amor he hum

hum dezejo? mas repáro, q̃ o dezejo ſe apaga com a poſſe, & que o Amor com a poſſe ſe augmenta; naõ dezejamos mais o que poſſuimos, pelo contrario, continuamos em amar o que logramos. Logo o Amor, naõ he dezejo. Diz Ariſtoteles, que o Amor, he huma inclinaçaõ da vontade para o bem verdadeiro, ou imaginado: porèm eſta inclinaçaõ, naõ he propriamente Amor, mas he huma diſpoſiçaõ para amar, porque o Amor he effeito da inclinaçaõ: lógo neſta inclinaçaõ da vontade, naõ conſiſte a eſſencia do Amor. Naõ me detenho em ponderar as varias definiçoens, que Santo Aguſtinho, & Santo Thomas daõ ao Amor; porque eſta diverſidade de opinioens, difficulta o conhecimento da ſua eſſencia. Mas conſiderando, que occulta, & impenetravel he a natureza do Amor, digo que o Amor he hum myſterio; o Amor humano, he hum myſterio da natureza, & o Amor Divino he hum myſterio da graça. Que myſterioſos ſaõ os effeitos do Amor humano! O Amor humano, he hum martyrio ſem pena, huma pena ſem ſentimento, hum ſentimento ſem dòr, huma dôr ſem razaõ, & huma razaõ com muitas ſemrazoẽs: o Amor humano he fogo ſem chama, chama ſem incendio, incendio ſem cinza, cinza ſem morte, & morte com vida.

125. No eſtado pois da graça, o Amor Divino he hum myſterio, em que todos os myſterios ſe encerraõ. O Amor de Deus humanado, he o myſterio da Encarnaçaõ: o Amor de Deus Sacramentado, he o myſterio da Euchariſtia, & o Amor de Deus crucificado, he o myſterio da noſſa redempçaõ. Em concluſaõ, taõ myſterioſo he o Amor Divino, que todas as ſuas obras, ſaõ myſterios, quanto mais occultos, mais venerandos. Neſta myſterioſa diſſimulaçaõ imita o Amor a natureza; faz a natureza reſpeitar as ſuas obras, occultando os meios, com que as produz. Gera o

Sol o ouro nas mais profundas veas da terra, naõ se vem as perolas quando se formaõ, & ninguem vio nascer os diamantes: do mesmo modo, nas emprezas do Amor, o mysterio he o seu credito, & nó segredo está o seu luzimento; descubra o Amor o que basta para attrahir os affectos, & occulte o que serve para suspender os entendimentos, que he proprio dos homens, admirar o que naõ entendem. Neste glorioso triumpho do Amor de Deus todas as acçoens do Senhor saõ patentes à vista, & occultas à intelligencia. Despe o Senhor as vestiduras, cinge huma toalha, lançase aos pés dos Apostolos, ministra com suas proprias maõs o Lavatorio, assentase à mesa, em que há de apurar os extremos do seu Amor na instituiçaõ do Divino Sacramento: & virandose para os Discipulos, perguntalhes se alcançavaõ, o que acabava de fazer: *Scitis quid fecerim vobis?* (Ioan. 13.) Mas pergunto eu, era o entendimento dos Apostolos taõ rudo, que naõ percebessem o que acabavaõ de experimentar, ou era taõ fragil a sua memoria, que lhes naõ lembrasse o que acabavaõ de ver? Responde Hugo Cardeal, percebiaõ os Apostolos o material destas acçoens, mas naõ entendiaõ o mysterioso dellas; porque cada acçaõ era huma fineza, & cada fineza hum mysterio, por isso divino, porque ignorado: *Scitis, quid fecerim vobis? Id est mysterium, & hoc quærit invitando eos ad sciendum, quod priùs nesciebant.* (Hugo Cardinalis in cap. 13. Ioannis.)

126. Com esta enfatica pergunta, sollicíta hoje o Senhor a nossa curiosidade, pondo os excessos do seu amor à vista da nossa ignorancia, para os acreditar na nossa estimaçaõ: *Scitis, quid fecerim?* Perde a rosa a sua fragrancia, quando toda se abre, & se exhala; & para o Amor Divino conservar o seu decoro, naõ manifesta tudo o que obra, mas propoem as suas finezas como mysterios: *Scitis quid fecerim vobis? id est mysterium.* Sendo pois o mysterio taõ

deco-

decoroso ao amor, razaõ he, que a hum Evangelho todo de amores, corresponda hum Sermaõ todo de mysterios. Tres mysterios se offerecem à nossa consideraçaõ, hum mysterio de finezas, hum mysterio de aggravos, & hum mysterio de aggravos juntamente, & de finezas. Christo, lançado aos pés de Pedro, he mysterioso nas finezas, porque as equivoca em aggravos. Christo derrubado aos pés de Judas, he mysterioso nos aggravos, porque os esmalta com finezas. E disfarçado no Sacramento, he mysterioso nas finezas juntamente, & nos aggravos; porque o Sacramento he o sepulcro de todos os aggravos, & o Eclipse de todas as finezas. Vamos declarando estes mysterios do Amor com os auxilios da Graça. *Ave Maria.*

I. PARTE.

127. *Scitis, quid fecerim vobis? id est mysterium.* Finezas equivocadas em aggravos, saõ o primeiro mysterio, com que neste dia se disfarçaõ as heroicas emprezas do Amor. Lançado o Senhor aos pés de Pedro para os lavar, toma Pedro as finezas por armas, & a humildade por escudo, resistindo com affectuosa resoluçaõ a este prodigioso abatimento do seu Deus: *Non lavabis mihi pedes.* Mas fica o Senhor taõ aggravado desta obstinada fineza de Pedro, que com inesperado rigor chega ao ameaçar com a privaçaõ da sua Graça: *Si non lavero te, non habebis partem mecum.* Que escuro me parece o mysterio desta amorosa competencia? Sempre recebéo Deus em sua graça, os que com reverentes obsequios se lhe humilhaõ, & agora, que Pedro com obsequiosa reverencia, se humilha ao Senhor, determina o Senhor de o lançar da sua Graça: *Non habebis partem mecum.* Que implicaçoens saõ estas, meu Deus? E com que justiça pretendeis castigar o exercicio de huma virtude, que o vosso exemplo canoniza? E tu Pedro, que

Ioan. cap. 13. vers. 6

Ibid. vers. 8.

Deus superbis resistit, humilibus autem dat gratiam. 1 Petri cap. 5. vers. 5.

partido tomarás nesta taõ perigosa contenda? Que se te naõ humilhas, offendes o respeito, que deves ao Senhor. E se te queres humilhar, provocas a sua justiça: *Non habebis partem mecum.* Para a declaraçaõ deste Mysterio, digo que o Amor mais fino, naõ he sempre o mais acertado, porque as finezas, tal vez saõ aggravos, & os primores, affrontas; a opportunidade do tempo, he a chave de todos os acertos.

128. Por isso tributáraõ as adoraçoens à Occasiaõ, reconhecendoa como Deosa, a quem deviaõ todas as suas venturas. He a occasiaõ como a luz, com ella tudo avulta, & sem ella, nada parece. Na arte da Medicina, o remedio, que dado a seu tempo, he antidoto, que sara; dado fóra de tempo, he veneno, que mata. E na Arte de amar, huma mesma acçaõ póde ser fineza, & afronta; fineza quando a pede o tempo, & quando naõ, affronta. Aquellas lagrimas sentidas, que a Madalena derramou ás portas da Sepultura do Senhor, eraõ partos da fineza, com que esta saudosa amante chorava as auzencias da prenda mais querida da sua affeiçaõ; porèm estas mesmas lagrimas, que na Madalena eraõ finezas, eraõ affrontas para o Senhor; porque representavaõ ao Senhor morto, quando já estava resuscitado. Eraõ as lagrimas da Madalena, como as agoas, que inundaõ os baxos de hum valle; porque corriaõ para a concavidade de hum sepulchro, quando convinha que fossem lagrimas de alegria, que se remontassem ao Empireo, imitando as agoas das fontes, que artificiosamente sobem para o Çeo: & por isso reprovou o Senhor este pranto intempestivo, como desdouro da sua Gloria, deslustre do seu triumpho, & affronta da sua resurreiçaõ: *Mulier, quid ploras?* Naõ de outra sorte, as humiliaçoens de Pedro, saõ finezas de hum coraçaõ obsequioso, mas saõ finezas fòra de tempo, que

Ioan. cap. 20. vers. 13.

que suspendem os progressos da gloria de Christo, & martirizaõ o seu amor. Ponderemos estes dous aggravos, com que Pedro innocentemente criminoso, resiste à execuçaõ dos divinos intentos.

129. Em primeiro lugar, esta repugnancia, com que Pedro se oppoem à humildade de Christo, he contraria à gloria da Divindade humanada; porque as insignias de Deus homem, saõ os abatimentos. E se na Ley antiga, o brazaõ da Divindade, era a soberania, & a magnificencia; na Ley Evangelica, tomou Deus por timbre da sua grandeza, a summissaõ de huma profunda humildade. E he isto tanto assim, que duvidando o Demonio, se Christo era Deus, buscou nos abatimentos a prova da sua Divindade. Levou o Demonio ao Senhor sobre o pinnaculo do Templo, & no mesmo tempo lhe pedio, que em demonstraçaõ de q̃ era Deus, se lançasse por terra: *Si Filius Dei es, mitte te deorsum.* Matth. 4. vers. 6.

Que pouco sagaz se mostrou o Demonio na investigaçaõ desta verdade: Se es Filho de Deus, lançate por terra. Naõ era melhor dizer: Se es Filho de Deus, sobe à mais sublime Regiaõ do Ar, levantate sobre o convexo do Firmamento, humilhemse os orbes à magestosa impressaõ das tuas pisadas, & debaxo dos teus imperiosos vestigios, tremaõ reverentes as Esferas. *Convenientiùs dixerit* (repára S. Pedro Chrysologo) *Si Filius Dei es, ascende in Cælum.* S. Pet. Chrysolog. serm. 13. Oh! que bem fundado está o argumento, com que o Demonio se quer assegurar, de que Christo, he Filho de Deus! Procura de lhe persuadir, que se lance por terra, & em certo modo o aconselha, a que despreze a eminencia do lugar, em que está; porque a verdadeira prova da Divindade humanada, he a humiliaçaõ, & o abatimento: *Ab humili descensu, Divinitatis indicia explorare ambit.* Deus no Zenith da sua gloria, he como o Sol no auge do meio dia: chegado

o Sol a o ponto do meio dia, naõ pôde sobir mais daquelle ponto; mas he preciso que desça para sobir, buscando nos abatimentos do seu occaso, os principios de huma nova exaltaçaõ. Tambem na esfera da sua grandeza naõ pôde Deus sobir de hum sô ponto, porque he infinita a altura das suas soberanas excellencias: sô Deus humilhado, sô Deus abatido, he capaz para sobir. E se na Escritura Christo se compara com a agoa: *Sicut aqua effusus sum*: he porque a agoa tanto sobe, quanto desce: & neste dia quanto se abate o Senhor ministrando as agoas do lavatorio, tanto se exalta a sua gloria nos Theatros do Empyreo. Supposta pois a gloria, que deste abatimento resulta ao Senhor, que outra cousa saõ as finezas de Pedro, que motivos de aggravo? Que intempestivos que saõ os teus primores, & que criminosas as tuas cortezanias, ô inconsiderado Apostolo. Embargas a gloria do Senhor, quando te opoens à sua humiliaçaõ, & com esta mesma fineza, com que estorvas os augmentos da gloria de Deus, martirizas o seu amor.

Psalm. 21 vers. 15.

130. Hum dos mais rigorosos tormentos, a que está sogeito o amor, he a dilaçaõ de hum bem esperado, cada instante he hum verdugo, que augmentando a impaciencia, acrescenta o martirio, & na imaginaçaõ de quem ama, he menos para se sentir a ruina de hum mundo, que a tirania de hum dezejo. Suspiravaõ os antigos Patriarcas pela vinda do Messias, & vendo que tantos, & taõ ardentes suspiros naõ o moviaõ a apressar sua vinda, impacientes já de saudosos, romperaõ neste terrivel encarecimento: *Utinam dirumperes Cælos, & descenderes*. Oh Senhor acabai já de dar satisfaçaõ ás nossas esperanças, & naõ reserveis para tempos mais dilatados a execuçaõ das vossas promessas. Descei à terra. E se para isso for necessario, romper os Ceos, & despedaçar as Esferas, rompei esses

Isaiæ cap. 64. vers. 1.

esses Ceos, crueis obstaculos da nossa gloria, & despedaçai essas Esferas, fataes estorvos da nossa felicidade: *Utinam dirumperes Cælos, & descenderes.* Mas se os Ceos se romperem, & se se despedaçarem as Esferas, em que estado ficará o mundo? Claro está, que tudo no mundo seráõ estragos, tudo mortes, & tudo mortalhas. Pois naõ receaõ os Patriarcas estes formidaveis desconcertos da natureza? Naõ, diz Hugo Cardeal: porque estaõ padecendo os martirios do dezejo, com que anhelaõ a Encarnaçaõ do Verbo. E a hum coraçaõ impaciente pelo bem a que aspira, maiores penas causa a ancia de hum dezejo, que à ruina de hum mundo; pereça o mundo, & satisfaçase o dezejo: que em naõ ficando o dezejo satisfeito, naõ pôde haver satisfaçaõ no mundo: *Ardebant enim Sancti Patres in amore venturi, ita ut dicerent: Utinam dirumperes Cælos, & descenderes.* Com sagradas impaciencias anhelava o Senhor o sacrificio da Cruz, & como já se chegava a hora, em que havia de morrer: *Venit hora ejus:* esperava por instantes esta ultima hora, glorioso remate de todas as horas de sua vida; mas foi Pedro taõ deshumano nos seus obsequios, & taõ cruel nas suas finezas, que sem attender à pressa, com que Christo se hia encaminhando para o Calvario, começou de o deter no Cenaculo, perpetuando sumissoens, & eternizando rendimentos: *Non lavabis mihi pedes in æternum.*

Hug. Card. 13. Isaia.

Ioan. cap. 13.

Ioan. cap. 13. vers. 6.

131. Naõ há duvida, que nesta amorosa contenda, dezejou Pedro de eternizar a sua fineza, mas no mesmo tempo procurou com involuntaria impiedade, de eternizar a pena de seu Divino Mestre. E que mayor martirio podia Pedro causar ao Senhor, que suspender com huma eternidade de resistencias, o dezejo, que o Senhor tinha de morrer, quando o mesmo Senhor julgou excessiva dilaçaõ para o logro deste dezejo a breve duraçaõ

de hum instante. Aos falsos testemunhos dos Judéos, naõ quiz Christo responder huma sò palavra: *Non respondit ei ad ullum verbum.* Sabeis porque? Porque hia Christo a morrer, & naõ respondéo huma sò palavra, para se naõ deter por hum sò instante, naõ se compadecendo a vehemencia do seu dezejo, com esta breve, mas insofrivel dilaçaõ. *Non respondit ei ad ullum verbum* (diz o Lyrano) *Ne utilitas crucis differretur.* No Cenaculo estava Christo morrendo com o dezejo de morrer, & assaz o manifesta a instituiçaõ do Sacramento, em que o Amor anticipadamente faz o officio da morte. Logo desista Pedro dos seus injuriosos acatamentos, acabe já de entregar os pés ao Senhor, para que o Senhor se vá entregar nas maõs dos Judéos. Aparelhese para o lavatorio da agoa, para que se dé principio ao lavatorio do Sangue: que se Pedro pretende eternizar esta affrontosa fineza, eternizará o Amor a sua innocente vingança: *Non lavabis mihi pedes in æternum. Si non lavero te, non habebis partem mecum.* Esta he a declaraçaõ do primeiro mysterio, com que o Amor equivocou as finezas de Pedro, em aggravos. Vejamos agora, como na pessoa de Judas, o Amor esmalta os aggravos com finezas. Esta he a segunda Parte, & o segundo mysterio: *Scitis, quid fecerim vobis? id est mysterium.*

Matth. 27. vers. 14.

Glos. Lyran. in hunc locum.

II. PARTE.

132 Na opiniaõ dos Padres, foi Judas o Discipulo, por quem Christo fez no Cenaculo mayores finezas. Primeiramente tem para si Teophilacto, & S. Joaõ Chrysostomo, que foi Judas o primeiro, a quem Christo lavou os pés. Com estas instaveis columnas, se abraçou o Senhor, qual segundo Samsaõ, para derrubar o Templo da impiedade. E se em duas columnas poz Hercules o *non plus ultra* aos voos da fama, por estas duas columnas, deu o Amor

o Amor principio aos extremos da mayor fineza. Aos mais Apostolos lavou o Senhor os pés com agoa, a Judas lavou o Senhor os pés com mais lagrimas, que agoas, estando Judas no meyo dos precipicios, se derretèraõ nos pés de Judas os olhos de Christo, para lhe mostrar os perigos. Se naõ quizermos dizer, que sendo as lagrimas de Christo perolas de infinito valor, aos pés de Judas, que se deixavaõ levar da cobiça, lançou o Senhor com estas lagrimas, os thesouros dos seus olhos, para que lhe embargassem os passos. Em conclusaõ, com Judas meteo o Senhor a maõ no prato, sabendo que havia de vir a dar nas maõs de Judas. E se o Evangelista reclinou a cabeça sobre o peito de Christo, a este mesmo peito chegou o Senhor os pés de Judas para os enxugar. Estupendo acontecimento! Naquelle mesmo intervallo de tempo, estava Judas com os pés no Ceo, & com o coraçaõ no Inferno. Estavaõ os pés de Judas no Ceo, porque descançavaõ no peito de Christo; & estava o seu coraçaõ no Inferno, porque já estava entregue ao Demonio: *Cum Diabolus jam misisset in cor.* *Ioan. cap. 18. vers. 2*

133. Mas todas estas finezas do Senhor para com Judas, saõ mysterios do amor. E para a intelligencia desta verdade, digo que há dous modos de amar, amar com razaõ, & amar com mysterio; quem ama com razaõ, conhece o merecimento da pessoa amada; pelo contrario: quem ama com mysterio, naõ repara no merecimento, mas antes considera o merecimento, como affronta do Amor. Porque amar a quem o merece, he mais obrigaçaõ, que amor. E fallando ao modo humano, para o Amor divino luzir com toda a sua gloria, he precisо, que naõ appareça o menor vestigio do nosso merecimento. Chorava a Santa Madalena, & no mesmo tempo, que vertia as lagrimas, as enxugava: *Lachrymis cœpit rigare pedes* *Luc. cap. 7. vers. 38.*
ejus,

ejus, & capillis capitis tergebat. Mas que motivo tendes, ó discreta amante, para enxugares as lagrimas, que derramais, & porque naõ deixais aos pés de Christo essas lagrimas, suaves tributos da vossa dor, doces frutos da vossa penitencia, & gloriosos trofeos da vossa conversaõ? Oh que sollicita se mostra a Madalena, dos luzimentos do Amor Divino. Estas lagrimas da Madalena, eraõ indicios do seu merecimento, merecia, porque chorava, merecia que Christo a enchesse do seu Amor, porque chorava os empregos da sua affeiçaõ no mundo: sendo pois cada huma destas lagrimas, huma eloquente oradora dos merecimentos da Madalena, enxuga a Madalena as lagrimas, no mesmo tempo que as derrama, para que naõ fiquem diante dos olhos de Christo, os sinaes do seu merecimento. Que os merecimentos da pessoa amada, saõ apparentes desluzimentos da gloria, de quem ama: *Meritum est quodam modo tacitum beneficij dehonestamentum.*

134. Vio S. Joaõ as Almas dos Martyres escondidas debaxo de hum altar: *Vidi sub altari animas interfectorum.* Notavel visaõ! Os Martyres, Astros da Igreja, Columnas da Fé, Espelhos da Constancia, Rayos da Gentilidade, Atlantes do Evangelho, & Luminarias do Mundo, debaxo de hum Altar! Rompei Soes da Christandade o duro embaraço destas sotterraneas sombras, & postos sobre o Altar, ostentai os trofeos do vosso merecimento, mostrai as cadeas, que vos prendéraõ, & as setas, que vôs trespassáraõ o peito, descobrí as vossas feridas, purpureos esmaltes da vossa innocencia, mostrai os Idolos, que despedaçastes pela inteireza da verdade, os Templos que abrazastes com o ardor do vosso zelo, mais que com os incendios do fogo, & naõ escondais debaxo do Altar, as palmas, & as coroas, que alcançastes para ornato dos Altares. Oh! naõ

Apocalyps. cap. 9. vers. 9.

naõ consentem os ciumes do Amor Divino nestas publicas demonstraçoens de merecimento. Debaxo do Altar ficaõ as Almas dos Martyres, diz Santo Agustinho, porque sobre o Altar se consagra o Corpo de Christo; o maior beneficio do Amor Divino, he o Corpo de Christo no Sacramento, & como o Altar he o theatro, em que se representaõ as grandezas deste beneficio, debaxo deste Theatro se escondem as Almas dos Martyres, embargando neste escuro hospicio, a representaçaõ das façanhas, que obráraõ: que para mayor gloria do Amor Divino, he preciso fiquem todos os merecimentos encubertos, quando este Divino Amor faz pompa dos seus beneficios. Santo Agustinho: *Rectè sub altari, animæ justorum delitescunt, quia super altare Corpus Domini consecratur.*

August. Serm. 11. de Sanctis.

135. Supposta esta verdade, posso dizer, que a detestavel perfidia de Judas, deu, a pesar do Inferno, maior lustre aos trofeos do Amor Divino, que os maiores merecimentos de todos os Apostolos: no nada dos merecimentos se estriba toda a gloria do Amor, assim como no nada das criaturas se funda toda a gloria da omnipotencia: & assim amou Christo a Judas com todo o luzimento da sua fineza, porque naõ houve em Judas sombra do menor merecimento; mas antes vivia o infame apostata debaxo da infernal sombra dos mais execrandos delitos: demaneira que o Amor de Christo para com Judas, he hum misterio do mesmo Amor, que naõ achando razoens para motivos da benevolencia, faz da mesma semrazaõ, a razaõ dos seus desvelos. Oh admiravel misterio! Buscaõ as ternuras do Amor, o seu centro nas durezas de hum penhasco, constitue o Amor a esfera das suas lavaredas, nos impenetraveis rigores de hũ coraçaõ congelado, apura o Amor as suas luzes na escuridade de huma nuvem, que reverbera eclipses, toma o amor

por

por alvo dos seus tiros, o mesmo metal, que rebate as suas setas, & os excessos dos maiores aggravos, saõ os incentivos das maiores finezas.

136. Hum dos maiores excessos de Judas, foi o vender o Senhor aos Judéos; porque com esta ignominiosa venda, foi Judas causa, que os homens comprassem o Sangue, que Christo lhes queria dar de graça: & o comprar huma graça, que o Amor quer voluntariamente conceder, he huma das maiores injurias, que se podem fazer ao Amor; porque he tirar ao Amor a gloria de chamar sua, aquella mesma graça, que faz. Eis aqui a prova. O Sangue, que Christo nos deu no Sacramento, he o mesmo que o Sangue que nos deu na Cruz, porque hum, & outro, he Sangue de Christo; porèm acho na Escritura, que Christo naõ chama seu ao Sangue da Cruz, & pelo contrario chama seu ao Sangue do Sacramento. Por boca do Profeta Isaias, diz Christo, que sobre as suas vestiduras se derramára o Sangue dos homens: *Aspersus est sanguis eorum super vestimenta mea.* *Isaiæ cap. 63. vers. 3.* Mas se o Sangue, que banhou estas sagradas vestiduras, naõ he outro mais que o Sangue de Christo, porque razaõ lhe chama Christo, Sangue dos homens? *Sanguis eorum.* E que motivo tem para se naõ apropriar o Sangue da Cruz, assim como se apropriou o Sangue do Sacramento: *Bibite ex hoc omnes, hic est enim Sanguis meus?* *Matth. cap. 26. vers. 28.* Direi, o Sangue da Cruz, & o Sangue do Sacramento, todo he Sangue de Christo; com esta differença, que o Sangue do Sacramento, foi dado primeiro q̃ os homens o comprassem, & por isso chama o Senhor seu o Sangue do Sacramento: *Sanguis meus:* & naõ chama seu ao Sangue da Cruz, mas Sangue alheio: *Sanguis eorum.* Porque quando os Judeos o compráraõ, acquiriraõ huã especie de jurisdicaõ neste Divino Sangue. Este pois he hum dos maiores aggravos,

vos; que Iudas podia fazer ao Senhor: porque como agudamente reparou S. Pedro Chrysologo, procurou Judas de desluzir a liberalidade do Amor Divino, vendendo aos Judeos o thesouro, que Christo lhes queria dar de graça: *Ipsum sanguinem taxavit pretio, quem sponte Dominus erat nostrum largiturus in pretium.*

Chrysolog. serm. 25.

137. Mas que sollicito foi o Amor Divino dos creditos da sua gloria. Previo o amor os futuros opprobrios deste ignominioso contrato, & no Sacramento deu a Judas o Sangue de Christo, primeiro que Judas chegasse ao vender: *Bibite ex hoc omnes, hic est enim sanguis meus.* Por onde mysteriosamente fallando, teve no peito de Judas o Sangue de Christo, huma especie de gloria, que naõ teve no sacrificio da Cruz; porque o Sangue, que Christo derramou na Cruz, era Sangue comprado: *Constituerunt ei triginta argenteos.* Mas ainda naõ padecéra este Divino Sangue os opprobrios da compra, quando entrou no peito de Judas. Na Cruz deu Christo hum Sangue, que naõ parecia com toda a propriedade seu; porque em certo modo pertencia (aindaque injustamente) aos Judéos, que o compráraõ: *Sanguis eorum*; mas no Sacramento deu Christo a Judas hum Sangue, que era seu com toda a propriedade: *Sanguis meus.* E esta he a declaraçaõ do segundo Mysterio; em que temos visto na pessoa de Judas, os aggravos esmaltados com finezas. Resta que vejamos, como o Sacramento, que Christo institue, he o sepulcro de todos os aggravos, & o eclipse de todas as finezas. E esta he a terceira, & o terceiro Mysterio, que o amor nos propoem nesta gloriosa recordaçaõ dos seus triunfos. *Scitis quid fecerim vobis? Id est mysterium.*

Matth. cap. 26. vers. 15.

III. PARTE.

138. Chamo ao Sacramento do Altar, Eclipse

das

das finezas, & ſepulcro dos aggravos, porque debaxo da ſagrada ſombra dos accidentes Euchariſticos, myſteriosamente ſe occultaõ as finezas do amor, & os aggravos da Paixaõ. He axioma politico, que naõ ſabe reynar, quem naõ ſabe diſſimular. Na obſervancia deſte preceito conſiſte toda a politica do Imperio do Amor; porque quem naõ ſabe diſſimular, naõ ſabe amar; diſſimule o Amor as finezas, que obra, & juntamente diſſimule os aggravos, que recebe. Em primeiro lugar, deve o Amor encobrir as finezas, que obra; porque a fineza, que ſe encobre, illuſtra a meſma fineza, que fogindo ás publicidades, moſtra que naõ eſpera por correſpondencias, & roubandoſe à viſta, ſe acredita na eſtimaçaõ. Nos Actos dos Apoſtolos, eſcreve S. Lucas, que S. Pedro curava os enfermos com a ſombra: & he opiniaõ dos Padres, que neſtes milagres de S. Pedro ſe cumprio a palavra do Senhor, quando prophetizou a ſeus Diſcipulos, que obrariaõ maiores prodigios que os ſeus: *Qui credit in me, & maiora horum faciet.* Porque os milagres do Senhor eſtavaõ patentes a todo o mundo, mas Pedro occultava com a ſombra os prodigios, que obrava. No meſmo tempo, que S. Pedro dava a hum cego a viſta, cobrialhe os olhos com a ſombra, para que naõ viſſe a fonte de donde lhe vinha a luz; & quando dava a hum enfermo a ſaude, o amortalhava com a propria ſombra, para que naõ chegaſſe a ver o author do beneficio que recebera. *Petrus umbrâ corporis inviſibiliter curabat infirmos:* diz ao meu intento o veneravel Beda. Aſſim aſſombrou S. Pedro ao mundo com a prodigioſa eſcuridade da ſua ſombra, quanto mais eſcondido aos olhos dos enfermos, mais eſclarecido na communicaçaõ dos beneficios: & neſte particular levàraõ os milagres de Pedro ventagem aos milagres de Chriſto, porque os milagres de Chriſto manifeſtavaõ

Ioan. cap. 14. verſ. 12.

ſtavaõ o ſeu author com a claridade com que ſe obravaõ: & os milagres de S. Pedro eſcondiaõ o bemfeitor com a ſombra do corpo, paraque mais realçaſſe o beneficio. Dionyſio Cartuſiano: *Qui credit in me maiora horum faciet. Chriſtus enim non evidenter legitur umbrâ ſuâ curaſſe infirmos.*

139. Neſte dia conſagrado aos luzimentos do amor, illuſtra o Senhor as ſuas finezas com ſombras, porque na inſtituiçaõ do Sacramento, disfarça com a ſombra do paõ, o ſeu Corpo, occulta com a ſombra do vinho, o ſeu Sangue, & com o ſagrado vêo deſtas ſombras, acreſcenta a luz aos beneficios, que communíca: que ſó realçaõ as luzes do amor, quando ſe occultaõ. Diz o Santo Job, que Deus eſconde
Iob. cap. 36. verſ. 32. nas ſuas maõs a luz: *In manibus abſcondit lucem.* Mas ſe a luz ſahio das maõs de Deus no primeiro dia da criaçaõ, com que razaõ diz Job, que Deus eſconde nas ſuas maõs, a luz: *In manibus abſcondit lucem.* Duas vezes (ſe bem advertirdes) eſteve a luz nas maõs de Deus; huma no principio do mundo, quando Deus a criou: *Dixit Deus, fiat lux:* *Geneſ cap. 1 verſ. 3.* & outra na inſtituiçaõ do Sacramento: porque no Paõ Sacramentado, que hoje Chriſto toma nas maõs, eſtá o meſmo Chriſto, que he a luz do mundo: *Ego ſum lux mundi.* *Ioan. 8. verſ. 12.* Hora vede a differença de huma luz à outra. Na criaçaõ do mundo ſahio a luz das maõs de Deus com toda a pompa dos ſeus reſplandores; porque na criaçaõ, Deus obrou com oſtentaçoens de poderoſo: & naõ realçaõ os esforços do poder, ſe naõ ſe manifeſtaõ; mas na inſtituiçaõ do Sacramento, ſe eſconde a luz debaxo da ſombra dos Accidentes, porque no Sacramento obra o Senhor com demonſtraçoens de amante, & ſó ſe publicaõ as finezas do amor, quando ſe diſſimulaõ: *Accepit panem in manus ſuas. In manibus abſcondit lucem.*

140. Mas ſe he proprio do amor diſſimular as fine-

zas, que obra; tambem he obrigaçaõ do amor, dissimular os aggravos, que recebe. Morreo o Senhor no madeiro da Cruz, & com as trevas de huma profunda noite, se cobrio a terra: *Tenebræ factæ sunt super universam terram.* Muitas razoens daõ os Expositores deste funebre acontecimento. Tambem quero dar a minha. Na Cruz estava o Senhor com os pés, & as maõs encravadas, & com o Corpo todo disfigurado com chagas, & por naõ parecer que deitava aos verdugos estes sanguinolentos aggravos no rosto, occultou-os com a sombra de huma improvisa escuridade. Para a execuçaõ do delito assistíraõ as luzes, mas para encobrir a inormidade do delito cometido, acudíraõ as sombras: que como Christo amava os homens, aindaque authores da sua morte, quiz que o dia se trocasse em noite, para que se naõ pudessem ver os desatinos da humana barbaridade nos estragos do seu Corpo crucificado: *Tenebræ factæ sunt super universam terram.*

Matth. cap. 27. vers. 45.

141. O Sacramento da Eucharistia, he huma representaçaõ da morte, & Paixaõ de Christo: *Recolitur memoria passionis ejus.* Mas nesta mysteriosa representaçaõ, naõ se vem os horrores da morte, nem os instrumentos da Paixaõ, & sò apparecem as sombras das especies Sacramentaes, sagrados disfarces da morte, & Paixaõ do Senhor. Diz Santo Thomás, que no Calix do Altar, se representa o Sepulcro de Christo, & na Patena do Calix, a pedra, que se poz sobre o Sepulcro: *Calix significat Sepulchrum Domini; Patena vero, lapidem Sepulchro superpositum.* Supposto isto, digo, que o Sacramento, he hum Sepulcro; mas que Sepulcro? O Sacramento he o Sepulcro da vingança, & juntamente o berço do amor; porque lá nasce o amor, aonde a vingança se sepulta. No Cenaculo, baxou o Espirito Santo, com lingoas de fogo, & cada lingoa parecia hum rayo, com

com que a Divina Justiça vinha a fulminar os peccados dos homens: *Cum venerit ille Spiritus veritatis, arguet mundum de peccato.* Ioan. cap. 16. vers. 18. Naquelle tempo, foi o Cenaculo, huma especie de sepulcro, em que se enterráraõ os rayos do Ceo, representados naquellas lingoas de fogo; mas este mesmo sepulcro, foi o berço do Amor Divino na terra: & aonde a Divina Justiça enterrou as suas armas, lá fez o Amor Divino nascer as suas lavaredas. Escrevem os naturaes, que há rayos taõ beneficos, que produzem perolas nos lugares, em que daõ. No candido da perola, se significa a candidez do amor, & no fulminante do rayo, o furor da vingança: & se nascem as perolas no lugar, em que os rayos se sepultaõ, he porque lá nasce a perola do amor, aonde se sepulta o rayo da vingança. Nas maõs de Christo, tinha o Eterno Pay depositado as armas da sua justiça, & os rayos da sua vingança: porèm nessas mesmas maõs, nasce hoje a perola do amor, na Pessoa de Christo sacramentado: *Accepit panem in manus suas.* E essas divinas maõs se fizeraõ no mesmo tempo, sepultura da vingança, & berço do amor; sepultura da vingança no disfarce da Paixaõ, & berço do amor na instituiçaõ do Sacramento.

142. Nas tres partes do Sermaõ, temos admirado os tres mysterios do Amor Divino: *Scitis quid fecerim vobis? Id est mysterium.* O primeiro foi hum mysterio de finezas, equivocadas em aggravos. O segundo, foi hum mysterio de aggravos, esmaltados com finezas. E o terceiro foi hum mysterio de finezas, & de aggravos; de finezas dissimuladas, & de aggravos esquecidos. Resta, Fieis, que nos aproveitemos da consideraçaõ destes mysterios, convertendo as finezas em aggravos, esmaltando os aggravos com finezas, & dissimulando as finezas, & os aggravos. Converteremos as finezas em aggravos, julgando os prazeres da vida

por tormentos, as glorias do mundo por ignominias, & as lizonjas da vaidade por affrontas. Esmaltaremos os aggravos com finezas, sofrendo as injurias com paciencia, vencendo os odios com amor, & triumfando da ingratidaõ com huma caritativa beneficencia. Finalmente dissimularemos as finezas, cobrindo com o vêo da humildade os nossos merecimentos, & sepultaremos os aggravos, que continuamente fazemos a Deus, pondo nos braços de huma rigorosa penitencia os nossos peccados, & amando ao amantissimo Jesus com todas as potencias da alma, com todos affectos do coraçaõ, & com todos os alentos do espiritu, lograremos neste mundo, os bens da Graça, & no outro, os premios da Gloria: *Ad quam nos perducat, &c.*



SER-



SERMAM
DO
MANDATO.

Prégado no Convento da Divina Providencia, no Anno de 1676. 2. de Abril.

Cum dilexisset suos, qui erant in mundo, in finem dilexit eos. Joan. 13.

143. 
Uma das principaes causas da criaçaõ do mundo, foi o Amor; desde a eternidade estava Deus dentro em si mesmo logrando as delicias de huma inalteravel bemaventurança, & neste glorioso estado, naõ necessitava Deus da existencia das criaturas para complemento da sua felicidade: mas do mesmo modo, que o Mar, & os Rios tresbordaõ pela excessiva affluencia das suas agoas, assim na criaçaõ do Mundo, esprayou em certo modo o mar das divinas grandezas, communicando Deus ao homem as enchentes do seu amor pelo meio das criaturas, espelhos da sua perfeiçaõ, & retratos da

da sua belleza : *Quæris*, escreve Plataõ, *quæ Deo faciendi mundi causa fuit? Bonitas, & Amor.* Esta, a meu ver, he a razaõ, porque na historia da criaçaõ do Mundo, naõ celebra o sagrado Choronista os prodigios do poder de Deus, & naõ publica as excellencias do seu saber, mas sô manifesta os triumphos do seu Amor, representando na Pessoa do Espiritu Santo ao Amor Divino no meio daquellas agoas, que foraõ como a primeira materia, com que depois foi formado, & organizado o
Genes. 1. v. 2. Mundo: *Spiritus Dei ferebatur super aquas.* Das tres Pessoas Divinas, que sendo iguaes na identidade da essencia, com igual authoridade presidíraõ à criaçaõ do Mundo, sô se nomea distinctamente a Pessoa do Espiritu Santo, a que se appropría o attributo do Amor; porque supposto que o Mundo, he o Theatro da omnipotencia do Pay, & o espelho da sabedoria do Filho, com especial privilegio, he o Mundo a producçaõ, & o parto do Amor: & por isso no primeiro dia da criaçaõ, se representa com singulares desvelos a Pessoa do Espiritu Santo influindo na formaçaõ do Mundo, & communicando com a sua presença, huma prodigiosa fecundidade ás agoas, para que dellas nascessem, os Ares, os peixes, as plantas, & os mesmos Ceos, como advirtio Santo Agustinho: *Aquis incubabat Spiritus Sanctus, eisque vim prolificam indebat, ut reptilia, volatilia, pisces, & germina, imò Cæli omnes, ex aquis producerentur.* Augustin. lib. de Genes. ad litteram cap. 7.

144. Mas se o Mundo foi o parto do Amor Divino, quantas vezes foi este mesmo Mundo o alvo dos rigores da Divina Justiça? Quantas vezes se armou a justiça, para derrubar os trofeos, que no mundo levantára o Amor? Esmaltou o Amor a terra com flores, & a justiça afogou as flores nas agoas do Diluvio. Repartio o Amor os rios em saudaveis correntes para a fertilidade da terra,

ra, & a justiça convertéo os rios em sangue para a esterilidade dos campos: serenou o Amor os Ares para a respiraçaõ dos que viviaõ, & a justiça ordenou, que contagiosas influencias inficionassem o Ar, para destruiçaõ dos viventes. Em conclusaõ, neste Mundo material domináraõ com alternado Imperio, o Amor, & a Justiça, quando finalmente, o Amantissimo Jesus nas vesporas da sua Paixaõ determinou de formar no Cenaculo hum novo Mundo, em que sem competencias, & sem opposiçoens da justiça, sô reynasse, & triumphasse o Amor: *Cum dilexisset suos, qui erant in mundo, in finem dilexit eos.* Aqui parece faz o Evangelista mençaõ de dous differentes Amores; do Amor de Christo em quanto Deus na criaçaõ do Mundo material, & do Amor de Christo em quanto homem na formaçaõ de outro mundo mysterioso: com esta circunstancia porèm, que este ultimo Amor se aventaja ao primeiro, porque o Amor, que Deus mostrou aos homens na criaçaõ, & na conservaçaõ do Mundo material, sempre deu lugar à justiça, para que exercitasse os seus rigores, mas na formaçaõ deste novo Mundo, naõ admitte o Amor as asperezas da justiça, mas todo se emprega em afinar desvelos, & apurar finezas: *In finem dilexit eos. Finis enim est Christus* (diz Santo Agustinho) *finis perficiens, non interficiens.* Supposto isto, consideremos a harmoniosa symetria deste novo Mundo, que hoje Christo edifica sobre os alicerses do Amor.

Ioan. 13.

Augustin. in Ioan.

145. Quatro saõ os Elementos do Mundo material, a Terra, a Agoa, o Ar, & o Fogo. Com estes quatro Elementos fabrica hoje o Senhor hum novo mundo no Cenaculo. Nas maõs do Senhor enlodadas em os pés dos Apostolos, se significa o Elemento da Terra: nas agoas do Lavatorio, se vê o Elemento da Agoa: nas palavras, com que Christo consagra o Paõ Eucharistico, se representa o Ele-

o Elemento do Ar; porque com o Ar ſe formaõ as palavras: & nas chamas, que ardem no peito deſte amantiſſimo Senhor, ſe ſimboliza o Elemento do Fogo. Com ſoberana excellencia poſſuem os quatro Elementos deſte novo Mundo, as perfeiçoens dos Elementos do mundo material; porque ſe a Terra tudo em ſi encerra, ſe a Agoa tudo lava, & tudo comſigo leva, ſe o Ar tudo penetra, & ſe o Fogo tudo abraza; tudo em ſi encerra, tudo comſigo leva, tudo penetra, & tudo abraza o Amor de Chriſto no Cenaculo. Com os pés dos Apoſtolos, que haõ de correr o Mundo todo, tudo encerra em ſi o Amor: & eſta he a perfeiçaõ do primeiro Elemento, que he a Terra. Com as agoas do Lavatorio, tira o Senhor as manchas, & apaga a memoria dos aggravos: & eſta he a prerogativa do ſegundo Elemento, que he a Agoa. Com as palavras da conſagraçaõ, penetra o Amor no Paõ Euchariſtico, & com a preſença do Corpo de Chriſto enche o vacuo de huma ſubſtancia terrena: & eſta he a propriedade do terceiro Elemento, que he o Ar. Finalmente com as lavaredas, que ardem no coraçaõ do Senhor, abraza o Amor todos os coraçoens: & niſto ſe vê a actividade do quarto Elemento, que he o fogo. Vamos ponderando nas quatro partes do Sermaõ, as calidades deſtes quatro myſterioſos Elementos, de que ſe compoem o novo mundo, que hoje fabríca o Amor, victorioſo dos rigores, que a juſtiça exercitou no Imperio do mundo material. *Cum dilexiſſet ſuos, qui erant in mundo, in finem dilexit eos.* Ave Maria.

I. PARTE.

146. O primeiro Elemento deſte novo mundo, he a terra, repreſentada nos pés dos Apoſtolos, com que hoje ſe abraça o Senhor, para com elles encerrar todo o Mundo na esfera do ſeu Amor. A terra (ſe bem advertirdes) tudo em ſi encerra;

cerra; nos ſeus montes encerra os metaes; nas ſuas concavidades, os rios; nos ſeus prados, as flores; nos ſeus campos, as plantas; nas ſuas cavernas, os ventos; nos ſeus deſertos, as feras; nas ſuas cabanas, os Paſtores, & nos ſeus Palacios, os Monarcas. Naõ de outra ſorte o Amor de Deus tudo em ſi encerra. *Amor divinus omnia continet*: eſcreve o Areopagíta. No dilatado giro da esfera do Amor Divino, ſe encerraõ todas as criaturas, as inſenſiveis, as vegetativas, as ſenſitivas, as irracionaes, as humanas, & as Angelicas: *Diligis omnia quæ ſunt, & nihil odiſti eorum, quæ feciſti.* Daqui ſe conhece a grande differença, que há entre o Amor Divino, & o humano. O realce do Amor Divino eſtá em amar igualmente a todos (fallo do Amor affectivo, & naõ do effectivo) & iſto baſta para os Theologos. E a fineza do Amor humano conſiſte em naõ amar mais que a huma ſô peſſoa. Na Arithmetica do Amor humano, naõ ſe conta mais que hum ſô numero; na ſua Filoſofia, hum ſô individuo; na ſua imaginaçaõ, hum ſô retrato; na ſua memoria, hum ſô cuidado; nas ſuas batalhas, huma ſô victoria; nas ſuas victorias, huma ſô conquiſta; nas ſuas conquiſtas, hum ſô trofeo; & nos ſeus trofeos, huma ſô coroa. Em concluſaõ, amar a hum ſô com excluſaõ de todos, he o que o mundo neſciamente chama amor: & pelo contrario, amar a todos ſem excluir a nenhum, he o verdadeiro amar, porque he amar como Deus ama, & quem naõ ama como Deus nos ama a nós, naõ ama como diſcreto, ama como neſcio. Na Eſcritura, acho que em dous lugares fallou S. Pedro como neſcio, no Tabôr, & no Cenaculo. No Tabôr: *Neſciens quid diceret.* E no Cenaculo diſſe o Senhor a Pedro: *Quod ego facio, tu neſcis modo.* Neſtes dous lugares, fallou S. Pedro como neſcio, porque como neſcio amava. Primeiramente, no Tabôr ſolici-

Dionyſ. Areopag. cap. 4.

Sapient. 11. verſ. 25.

Intenſio, & remiſſio eſt propriè naturæ mutabilis, quæ non poteſt Deo competere: & ideò Deus omnia uno ſimplici actu, &

affectu diligit, ex parte effectus poteſt eſſe in Deo maior amor reſpectu boni, quod quis vult alteri. Ex Pan Theolog. tom. 1. pag. 143.

Lucæ cap. 9. verſ. 33.

tou

tou o amor de Pedro a gloria de huns, sem fazer mençaõ dos outros. Lembrouse dos Profetas, & naõ teve lembrança dos Apostolos. Dezejou S. Pedro de levantar a Moyses, & a Elias hum trono, para que lograssem de assento a gloria do Senhor naquelle monte: *Faciamus hic tria tabernacula, tibi unum, Moysi unum, & Eliæ unum.* E para os dous Apostolos, Diogo, & Joaõ, que gloria procurou S. Pedro? Nenhuma. Tudo queria para os Prophetas, & nada para os Apostolos. Este amor pois de Pedro, que solicitava a gloria de huns com exclusaõ dos outros, foi julgado por nescio: *Nesciens quid diceret.* O Abulense: *Erravit Petrus qui ab hac societate fælicitatis, cæteros Discipulos excludebat.*

Matth. cap. 17. vers. 4.

Abulens. in Matth. 17. qu. 72.

147. Semelhante desacerto a este do Tabôr, cometeo S. Pedro no Cenaculo; porque querendo o Senhor lavar os pés a todos os Apostolos, pretendéo Pedro de se excluir do numero, naõ reparando, que com esta criminosa exceiçaõ, offendia o amor do Senhor, limitando a esfera das suas finezas, & procurando que naõ chegasse a todos a circumferencia daquelles desvelos, que para todos se dilatava: *Non lavabis mihi pedes.* Mas que gloriosamente triumphou o Amor de Christo das injustas pretençoens de Pedro, no Tabôr, & no Cenaculo. No Tabôr apparecéo huma nuvem, que cobrindo os Apostolos juntamente, & os Profetas, poz huns, & outros debaxo de hum luminoso docel, & ajuntou na companhia dos Bemaventurados, aquelles mesmos, que S. Pedro excluira da participaçaõ da bemaventurança: *Ecce nubes lucida obumbravit eos: id est, circumdedit, & complexu suo cinxit eos, scilicet, Christum, Moysem, & Eliam, & Apostolos.* Tambem no Cenaculo huma nuvem branca, a saber a toalha, com que o Senhor estava cingido, recolhéo todos os Apostolos debaxo da luminosa sombra do Amor Divino, que hum

Ioan. cap. 13.

Abulens. in Matth. 17.

hum limitado amor como o dos homens, ſe offerece a huns, & aos outros ſe nega; mas hum amor infinito como o de Deus abrange a todos ſem excluir a nenhum. He a Esfera do Amor humano como as esferas inferiores, em que naõ aſſiſte mais que hum ſô Planeta. Na primeira Esfera, ſô reſplandece a Lua. Na ſegunda Esfera, ſô aſſiſte Mercurio: & aſſim ide diſcorrendo pelos Ceos dos ſete Planetas: mas na esfera do firmamento todas as eſtrellas ſe encerraõ. Naõ há eſtrella no mundo, que naõ tenha ſeu lugar no firmamento. Do meſmo modo naõ há criatura no univerſo, que naõ logre no firmamento do Amor de Deus, o ſeu Aſylo. Neſte dia parecéo S. Pedro huma eſtrella errante, & deſviada Esfera dos divinos beneficios: *Non lavabis mihi pedes.* Mas prendéo o Senhor com a toalha, com que ſe cingio, eſta fugitiva eſtrella, para que naõ faltaſſe eſte Aſtro no firmamento da ſua fineza. E ſe no Zodiaco reſplandecem os doze ſignos Celeſtes, com eſta toalha, q̃ era o Zodiaco do Corpo do Senhor, ſe alimpáraõ os pés dos doze Apoſtolos: *Cæpit lavare pedes Diſcipulorum, & extergere linteo, quo erat præcinctus.* Ioan. 13. verſ. 5. Mas vejamos mais particularmente a razaõ, que teve o Senhor para permittir, que neſte dia S. Pedro ſe excluiſſe da participaçaõ das finezas, que com todos queria obrar o ſeu infinito Amor. O Amor, na minha opiniaõ, he hum Rey; o ſeu trono, he o coraçaõ; o ſeu ſceptro, ſaõ as ſettas; os ſeus cortezaõs, os affectos; & a ſua coroa as finezas. Eſte pois era o dia da coroaçaõ do Amor Divino, ſoberano Monarca dos coraçoens. E para o Monarca ſe moſtrar digno do Diadema, com que ſe coroa, naõ há de conſentir que algum dos ſubditos fique excluido da participaçaõ dos ſeus beneficios; mas antes há de procurar, que a todos igualmente ſe eſtenda a ſua real munificencia.

148. A dous Reys deu

o Propheta Samuel a coroa, a Saúl, & a David; com esta differença, que Saúl foi coroado na parte mais remota da Cidade: *In extrema parte Civitatis.* E pelo contrario, foi David ungido Rey no meio dos seus vassalos: *Tulit ergo Samuel cornu olei, & unxit eum in medio fratrum ejus.* Foi a diversidade destes coraçoens, o presagio da differença destes dous Monarcas; tomou Saúl posse do Reyno em hum lugar despovoado; porque poucas haviaõ de ser as graças, que havia de conceder no seo Reynado. Foi coroado de parte: *In extrema parte Civitatis:* porque ha via de ser parcial nos seus favores; a limitada pompa da sua coroaçaõ, foi o prognostico da esterilidade da sua beneficencia: & porque havia de reynar sò para si, & naõ para todos os vassalos, lhe poz Samuel a coroa em hum lugar apartado, & solitario. S. Gregorio Papa: *Quid est quod solus a solo inungitur, nisi quia de culminis potestate per amorem privatum debebat intumescere?* Pelo contrario, foi David ungido Rey, no meio dos seus subditos; porque com todos havia de repartir os seus beneficios; que o Rey há de ser como o centro, na circumferencia dos seus estados, & como o coraçaõ, no corpo da sua monarquia, a todos se haõ de estender as linhas deste centro, & a todos se haõ de communicar os espiritus vitaes deste coraçaõ: *David in medio fratrum ungitur, ut tantæ unctionis fieri participes omnes possint.* Supposto pois que neste dia o Amor Divino subio ao trono da fineza, para se coroar Rey de todos os amores, era preciso, que se puzesse no meio dos Apostolos, para que a todos igualmente chegassem os impulsos da sua imperiosa actividade, o que conseguio o Senhor com taõ singular ventajem, que nenhum dos Apostolos se pode eximir das suas doces violencias, nem Pedro, por muito q̃ se afastasse por humilde, nem Judas, por muito q̃ estivesse distante, por criminoso.

1 Reg. 9. & 10. 1.

1 Reg. 16.

Gregor. in cap. 16. lib. 1. Reg.

Idem ibid.

149. No-

149. Notavel acontecimento! Estava Judas taõ distante do Senhor, como vai do Inferno ao Ceo. Porque o coraçaõ de Christo, he hum Ceo, em que assiste a Divindade: *In quo inhabitat omnis plenitudo divinitatis corporaliter.* E o coraçaõ de Judas, era hum Inferno, em que habitava o Demonio: *Cum Diabolus misisset in cor.* Porèm ajuntou o Amor estes dous extremos com taõ estreita uniaõ, que o Inferno se veio, em certo modo, a incorporar com o Ceo; porque o Senhor poz no peito os pés de Judas para os enxugar: & por este modo unindose o Ceo com o Inferno, mostrou o Senhor, que estremado era o Amor, que chegava a unir extremos taõ distantes. Este foi o empenho do Amor de Deus, em quanto Rey, & este he o desempenho do mesmo Amor, emquanto Sacerdote. He o Amor de Deus hum Sacerdote; que tem por Altares, as Almas, por ministros, os desvelos, & os donativos, por sacrificios. A todos alcança o zelo deste Sacerdote Divino, porque he officio do Sacerdote fazer bem a todos. He opiniaõ dos Interpretes, que naquellas Romaãs, que o Summo Sacerdote trazia na extremidade das vestiduras Pontificaes, se significavaõ todos os Imperios do Mundo, & o confirma Salamaõ com estas palavras: *In veste poderis, & totus erat orbis terrarum.* Nesta mysteriosa representaçaõ de todo o Mundo nas vestiduras do Summo Sacerdote, se conhece o empenho, em que o Summo Sacerdote estava de offerecer rogativas a Deus por todo o Mundo: *Totum Mundum præ se ferebat, quasi pro omnibus rogaturus.* Nesta ultima Cea, Christo he o Summo Sacerdote, que institue o Sacramento do Altar: *Tu es Sacerdos in æternum.* E se na opiniaõ de Justino, eraõ doze as Romaãs, que Araõ trazia na extremidade das suas Pontificaes vestiduras, tambem na extremidade das sagradas vestiduras do Senhor, vejo

2 Coloss. 9.

Sap. 18. n. 24.

Iustin. in Triphon. apud Saa ad Exod. 28.

vejo neste dia doze Romaãs, em que todo o Mundo se significa, & saõ os doze Apostolos; em que todas as partes do Mundo se representaõ. Porque huns estaõ destinados para converterem a Asia, outros para alumiarem a Europa, & outros para prégarem na Africa: *In omnem terram exivit sonus eorum.* Por onde abraçandose o Senhor com os pés dos Apostolos, em que todo o Mundo se representa, mostra que a Esfera do seu Amor, tudo abraça, do mesmo modo que o Elemento da terra (como disse no principio deste primeiro discurso) tudo em si encerra. E esta he a propriedade do primeiro Elemento. Vejamos nesta segunda parte as perfeiçoẽs do segundo Elemento, que he a agoa, de que hoje se val o Amor para a fabrica deste novo Mundo: *Cum dilexisset suos, qui erant in Mundo, in finem dilexit eos.*

Psalm. 18. vers. 5.

II. PARTE.

150. Tudo lava a agoa, & tudo comsigo leva, mysterioso Jerogliphico do Amor, que leva todas as offensas para o Rio do esquecimento. No marmore esculpe o odio as injurias, para que permaneçaõ na lembrança, & o Amor escreve os aggravos na agoa, para que naõ fiquem na memoria. No lodo, se figuraõ os peccados, porque contaminaõ a alma. E para o Senhor mostrar, que o o Amor Divino faz gala de se esquecer dos peccados dos homens, com as agoas do lavatorio, tira o lodo, em que se figuraõ os peccados dos Apostolos: *Cæpit lavare pedes Apostolorum.* O Alapide: *Christus hac lotione pedum, expurgavit Petri, & Apostolorum peccata.* Com tres generos de agoa, mostrou o Senhor o como está empenhado o seu Amor em apagar a mememoria das offensas, que recebe; com as agoas do Diluvio, com as agoas do Jordaõ, & com as agoas do Cenaculo. Desalagada a terra do Diluvio universal, disse Deus a Noé, que sempre

Alap. in Ioan. 13. p. 449.

pre se lembraria da reconciliaçaõ, & da paz, que entaõ fizera com os homens: Genes. 9. 16. *Recordabor fœderis sempiterni.* E pois, diz Deus, que se há de lembrar da promessa, que faz de naõ castigar mais ao Mundo com o Diluvio: & naõ diz, que se lembrára das causas, que os homens lhe déraõ para dar ao Mundo este formidavel castigo? Naõ, que esta he huma das maiores excellencias do Amor Divino: lembrarse Deus dos beneficios, que promete, & dar mostras de que se naõ lembra dos aggravos, que recebéo. Aquellas mesmas agoas que inundára a terra, apagáraõ a memoria dos peccados do mundo, & empenháraõ em certo modo ao mesmo Deus, a que entregasse ao esquecimento os motivos de huma eterna vingança, para pôr todo o cuidado nas demonstraçoens de huma perpetua clemencia: *Recordabor fœderis sempiterni.*

151. Por onde me atrevo a dizer, que o Amor mais esquecido, he o mais divino, o Amor mais esquecido das injurias, he o mais divino nas finezas: que sempre foi estilo do Amor Divino, naõ se querer lembrar dos maiores aggravos. Morreo o Senhor na Cruz, coroado com espinhos, com os pés, & as maõs encravadas, & depois de resuscitado apparecéo aos Discipulos, que caminhavaõ para Emaús, & praticando estes peregrinos sobre os tormentos, que Christo injustamente padecéra na Cidade de Jerusalem, fezse o Senhor de novas, como se igorára o successo: *Non cognovisti, quæ facta sunt his diebus de Iesu Nazareno? Quibus ille dixit: Quæ?* Luca cap. 24. vers. 18. Naõ sabeis, disse hum dos Discipulos, o que estes dias acontecéo a Jesus de Nazareth? E que lhe acontecéo? respondéo o Senhor: *Quibus ille dixit: Quæ?* Que he isto meu Jesu? Taõ depressa vos esquecestes, do que vos succedéo no Calvario? Naõ vos lembra, que os Judêos vos pregáraõ no madeiro da Cruz, em que opprimido com crueis tormentos,

mentos, & com sacrilegas blasfemias afrontado acabastes a vida? Ah! Fieis, esquecese o Senhor das offensas, porque ama os que o offendem; affecta de parecer esquecido, para se naõ mostrar aggravado: que o Amor (como já disse) escreve os aggravos na agoa, para que naõ fiquem na lembrança de quem ama. E esta parece ser a razaõ, porque do coraçaõ de Christo trespassado com o ferro da lança, sahio juntamente sangue, & agoa. He o coraçaõ o centro do Amor, & considerando o Amor, que haviaõ de ficar na terra, os sinaes do sangue, que o coraçaõ vertia, acudio com hum rio de agoa, para apagar lavando as purpuras deste sangue; corria a agoa ao mesmo passo, que o sangue do coraçaõ, se hia derramando; porque nos coraçoens, que amaõ, desapparecem os aggravos no mesmo tempo, que se recebem; tira a agoa as nodoas do sangue, & o Amor tira a lembrança das offensas.

152. No Rio Jordaõ, apparecéo o Amor Divino na Pessoa do Espiritu Santo: & supposto que este Divino Amor descéo sobre a cabeça do Senhor para o dar a conhecer ao Mundo, repáro na circunstancia do tempo, em que este Divino Amor apparecéo: *Cum baptizaretur omnis populus, descendit Spiritus Sanctus.* Lucæ cap. 3. n. 21. No tempo, em que nas agoas do Jordaõ, se somergiaõ os peccados dos que nelle se bautizavaõ, assistio o Amor Divino, presidindo ás fugitivas correntes deste Rio, que comsigo levava as memorias do peccado: taõ proprio he do Amor influir o esquecimento dos aggravos. Que evidente me parece a prova desta verdade nas agoas do Cenaculo, com que hoje lava o Senhor os pés de Judas. No lodo dos pés se significaõ os peccados, que saõ o lodo da alma: *Sordes ejus in pedibus ejus.* Thren. cap. 1. vers. 9. Estava Judas metido no lodo dos seus peccados, & com as agoas do lavatorio parece quiz o Senhor lavar as immundicias deste lodo. Sabia

bia o Senhor, que nesta mesma noite Judas o havia de vender, & entregar aos Judéos, & para que naõ lhe ficasse diante dos olhos a imagem desta futura treiçaõ, com anticipados desvelos procurou de desfazer a representaçaõ das affrontas, que havia de padecer. Que o Amor naõ sò se há de esquecer dos aggravos passados, mas tambem se há de oppòr à representaçaõ dos futuros. No Horto de Gethsemani se representáraõ à imaginaçaõ do Senhor todas as injurias, as ignominias, & as penas, que havia de padecer nas casas dos Princepes da Sinagoga, nas ruas de Jerusalem, & no Calvario: & no mais vivo desta funesta representaçaõ, rompeo o Senhor nestas misteriosas palavras, a que, deixando as varias exposiçoens dos Escripturarios, dou esta nova interpretaçaõ: *Transeat à me Calix iste.* Parece quer dizer o Senhor: Tiraivos da minha imaginaçaõ, funebres idéas da Judaica perfidia, desaparecei, tristes fantasmas das minhas dores, & naõ permaneçais na minha memoria, sanguinolentas especies dos tormentos, que me aparelha a cruel ingratidaõ dos homens. Afastaivos, cuidados importunos, retraivos, desagradaveis pensamentos, estimulos da vingança, & escandalos do Amor: *Transeat à me Calix iste.* Bem sei o que hey de padecer, mas quero dissimular o muito que sei, para que se saiba o muito que amo. Naõ se me offereçaõ à imaginaçaõ estes anticipados retratos das minhas penas, & naõ se detenha o entendimento na consideraçaõ dos aggravos; para que se empregue o Amor na continuaçaõ dos desvelos: *Transeat à me Calix iste.* Passe o Calix da Paixaõ, & corra este rio de amarguras com taõ precipitada velocidade, que me fuja dos olhos, & se me tire dos sentidos: *Transeat à me Calix iste.*

Matth. cap. 26. vers. 39.

153. Pouco antes da Paixaõ, diz o Evangelista, que Christo passára a torrente de Cedron: *Egressus est trans torrentem Cedron.* *Ioan. 18. 1.*

E o Propheta Rey comparou a Paixaõ do Senhor com huma torrente : *De torrente in via bibet.* De todas as agoas , que correm , as mais impetuosas saõ as das torrentes. Despenhaõse as torrentes para os valles ; arrancando plantas , arrastrando troncos , desencovando cadaveres , arrebatando penedos , descortinando muros , arrazando edificios , & apagando todas as memorias das terras por onde passaõ. Naõ de outra sorte passou o Senhor a torrente de Cedron , primeiro que se engolfasse na torrente da sua Paixaõ , procurando em certo modo , que esta torrente de tormentos lhe fogisse da imaginaçaõ , levando comsigo, os Espinhos, os Açoutes, a Columna, os Cravos, a Cruz, & a Lança, com todas aquellas funebres imagens , com que o medo, & o sentimento andavaõ delineando o paynel das suas dores : *Transeat à me Calix iste. Egressus est trans torrentem Cedron.* Assim se preveniо o Senhor contra a representaçaõ dos futuros desatinos da Judaica crueldade , que naõ só , he propriedade do Amor Divino, esquecerse dos aggravos, que padecéo , mas parece q̃ poera todo o seu cuidado em naõ cuidar nos aggravos, que há de padecer. E este he hum dos maiores empenhos do Amor Divino neste dia , em que prevendo a detestavel aleivosia de Judas , o admitte no numero dos Apostolos , & vertendo sobre os seus pés as agoas da bacia , & as dos olhos , acrescenta as agoas do Lavatorio , para que nellas se apaguem as memorias do peccado. O que parece confirma o Senhor, dizendo a Judas , que acabe ja de executar os seus danados intentos : *Quod facis , fac citiùs.* Naõ ordena , mas permitte o Senhor, que Judas acelere a execuçaõ da sua diabolica perfidia , como se dezejára de se ver já vendido , & comprado, para naõ cuidar mais na injustiça desta venda , & desta compra : & pondo os pés do traidor na bacia , mostrou de querer afogar a trei-

Psalm. 109. vers. 7.

Ioan. 13. vers. 27.

treiçaõ, para que naõ appareceſſem os veſtigios da offenſa: *Cœpit lavare pedes Diſcipulorum.* Mas ſe o Amor Divino ſe parece com o Elemento da Terra, que tudo encerra, como temos viſto na primeira parte, & ſe he ſemelhante ao Elemento da Agoa, que tudo lava, & tudo leva, como acabamos de ver neſta ſegunda parte, tambem ſe pôde comparar com o Elemento do Ar, que tudo penetra. E eſte o terceiro Elemento, com que hoje o Amor continúa a fabrica deſte novo mundo: *Cum dilexiſſet ſuos, qui erant in mundo, in finem dilexit eos.*

Joan. 13.

III. PARTE.

154. Tudo penetra o Ar, & tudo enche, perpetuo reſtaurador dos vacuos da natureza. Para o Amor encher hum grande vacuo, que havia no mundo, ſe ſerve neſte dia do Elemento do Ar, porque com o Ar ſe formaõ as palavras, & com as palavras da conſagraçaõ: *Hoc eſt Corpus meum:* poem Chriſto o ſeu Divino Corpo debaxo dos accidentes Euchariſticos, para encher os coraçoens humanos, que antes da participaçaõ deſte Divino Sacramento, eſtavaõ vazios, & faltos daquella Divina ſubſtancia, que ſô he ſufficiente para encher a ſua immenſa capacidade. Naquella celebre controverſia, em que na preſença de Filippe Rey de Macedonia, ſe ventilou huma queſtaõ, ſobre o definir, qual depois de Deus era a maior couſa do mundo, varias foraõ as opinioens dos Filoſofos. Huns diſſeraõ, que a agoa parecia a maior couſa do mundo, pela immenſidade dos mares, pela multidaõ das fontes, & pela inceſſavel affluencia dos rios. Outros foraõ de parecer, que naõ havia couſa maior que a luz do Sol, porque eſpalhandoſe pelos ares, & reverberando nas Eſtrellas, deſde o concavo do firmamento, atè à ſuperficie da terra, eſtende a vaſtidaõ do ſeu luminoſo Imperio. Porèm ſô foi aprovada a opiniaõ dos que diſ-

Luca cap. 22. verſ. 9.

disseraõ, que o coraçaõ humano era a maior cousa do mundo: porque nenhuma cousa do mundo, he capaz para encher a interminavel medida dos seus dezejos. No coraçaõ humano, fazem os dezejos hum vacuo taõ espaçoso, & dilatado, que aindaque Deus criára hum milhaõ de mundos, maiores que este, em que vivemos, naõ ficaríaõ os dezejos humanos satisfeitos com a posse destes mundos. Dá Santo Thomás a razaõ. Todos os mundos, que Deus póde criar, naõ chegaríaõ a possuir mais que huma perfeiçaõ finita: mas o coraçaõ humano naturalmente appetece o logro de hum bem infinito: logo nenhuma criatura, por perfeita que seja, mas sò Deus, que he infinitamente perfeito, he sufficiente para satisfazer os dezejos, & encher os vacuos do coraçaõ humano. Manifestou Deus esta verdade logo na criaçaõ do primeiro homem. Criou Deus o homem à sua imagem: *Creavit Deus hominem ad imaginem suam.* Sendo pois o homem a imagem de Deus, toda a perfeiçaõ desta imagem consiste em estar unida, & em certo modo identificada com o seu original. Faço huma comparaçaõ: Se o Sello em que está figurada a imagem de hum Rey, se imprimir na cera, nenhum outro Sello poderá perfeitamente encher aquelles vaõs, ou concavidades, que na cera ficáraõ. Deus he o Sello: *Pone me ut signaculum:* & o coraçaõ humano he a cera: *Factum est cor meum, tanquam cera liquescens.* Imprimio Deus a sua imagem nesta cera animada: logo sò este Divino Sello, he capaz para encher os vacuos do nosso coraçaõ, que saõ os seus dezejos: *Replet in bonis desiderium tuum.*

Nihil potest quietare voluntatem hominis, nisi bonum universale, quod non invenitur in aliquo creato, sed solùm in Deo: quia omnis creatura habet bonitatem participatam. Vnde solus Deus voluntatem hominis implere potest, secundùm illud: Qui replet in bonis desiderium tuum. D. Thom. 1. 2. quæst. 2. art. 8.

Genes. 1. vers. 27. — *Cantic. cap. 8. vers. 6.* — *Psalm. 21. 15.* — *Psalm. 102. vers. 5.*

155. Este he o artificio, de que hoje se val o Amor Divino na instituiçaõ do Sacramento. Toma nas maõs o Sello da Divindade, representado no Paõ Eucharistico: *Accepit Iesus panem:* & o imprime no coraçaõ humano para encher o vacuo dos

Lucæ cap. 14. vers. 22.

dos seus dezejos,que sô com o logro deste bem, podem ficar descançados, & satisfeitos. Nem por outra razaõ (a meu ver) descançou neste dia o Evangelista no peito do Senhor: *Recubuit in cæna super pectus ejus.* Com este misterioso descanço, parece quer o Evangelista emendar o desacerto da petiçaõ, que sua Mãy fizera ao Senhor, quando lhe disse: *Dic ut sedeant hi duo filij mei in Regno tuo.* Imaginando a Mãy do Evangelista, que o Reyno do Senhor, era deste mundo, procurou para o Evangelista hum assento, em que vivesse descançado neste Reyno: *Dic ut sedeant.* Mas sendo a posse de todos os Reynos incapaz de dar ao coraçaõ o descanço, a que com perpetuas ancias anhela, busca o Evangelista o seu verdadeiro descanço no peito do Senhor, com que nos dá a entender, que sô Deus he o centro, em que todos os nossos dezejos descançaõ. Guerrico Abade ao meu intento: *Cum fastidijs nostris non satisfaciant opes mundi, dormiamus in sinu Christi cum Ioanne.* Reparo, que este Author chama ao descanço do Evangelista, sono. Pois dorme o Evangelista no tempo, em que houvera de velar com todos os sentidos? Direi. O Sacramento he hum thesouro, em que se encerra tudo o que se pôde dezejar no mundo: & como o Evangelista se vio de posse deste thesouro, ficou com todos os sentidos adormecidos, para mostrar que estavaõ satisfeitos os seus dezejos. A sua fabulosa Deosa Ceres, attribuiraõ os antigos, a fertilidade dos campos, & a abundancia dos bens da terra, & para estes Gentios significarem, que so nas casas, aonde o paõ abunda, se pôde dormir com descanço, pintáraõ a imagem daquella ficticia Deidade toda cercada de Dormideiras: nesta ultima Cea, em que o Senhor deu ao mundo o Paõ do Ceo com taõ grande abundancia, que com todos se reparte, sem que se

Ioan. cap. 21. vers. 20.

Matth. 20. 21.

Guerricus Abbas Serm. 4. de Baptista.

se diminua, se encosta o Evangelista com demonstraçoens de quem dorme: que sô aonde se achaõ todos os bens sem reservaçaõ, se pòde tomar sono sem cuidado: *Recubuit in cæna super pectus ejus.*

156. He taõ excessiva a abundancia das riquezas, que se lograõ neste Divino Sacramento, que naõ se communicaõ sô a alguns em particular, senaõ a todos em geral, sem que a felicidade de huns diminua a bemaventurança dos outros: & por isso convida hoje o Senhor a todos, porque para todos he sufficiente o convite: *Accipite, & manducate ex hoc omnes.* (Canon Missæ.) Desta prodigiosa abundancia dos bens de Deus, se conhece a limitaçaõ dos bens do Mundo, porque naõ satisfazem o dezejo dos que os possuem, & occasionaõ envejas nos que os dezejaõ. Abel, & Cain, como filhos, & herdeiros de Adaõ, haviaõ de ser hum dia Senhores de toda a redondeza da terra. Supposto isto, pertencia a Cain a ametade do mundo, & com tudo dezejou de usurpar a ametade, que pertencia a Abel: porque na opiniaõ de S. Pedro Chrysologo considerando Cain, que a Abel tocava huma parte deste grande Imperio, estimulado da enveja, & da cobiça, tirou a Abel a vida, para se fazer Senhor de tudo. Vede agora, diz este Santo Padre, que pequeno he o Mundo, em que dous irmaõs naõ cabem: *Duos non capit domus ampla germanos.* (Chrysolog. Serm. 4. de duob. filijs, & Zen. Veron. Serm. de Patient.) E S. Zeno Veronense: *Miratur orbis vacuus se duobus angustum.* He o mundo taõ incapaz de satisfazer os dezejos de quem o possue, que nelle naõ podem dous irmaõs reynar sem enveja. E como poderá bastar para muitos, o que para dous naõ basta. Era logo razaõ que alem deste mundo material fundado sobre o nada, fizesse o Amor Divino outro mundo, em que tudo se encerrasse: *Cum dilexisset suos, qui erant in mundo, in finem dilexit eos.* (Ioan. 13.) Para dous, naõ basta este mundo

mundo visivel, em que estamos, & para todos sobeja este invisivel Mundo, que adoramos no Sacramento: *Accipite, & manducate ex hoc omnes.* Teve o primeiro mundo ao nada por fundamento: *Ex nihilo fecit illa Deus:* & o Senhor fez este segundo mundo, considerando que estava Senhor de tudo: *Sciens, quia omnia dedit ei Pater in manus.* De maneira, que para nos persuadirmos, que nada deste mundo nos pôde satisfazer, basta considerar, que Deus tirou este mundo do nada: *Ex nihilo fecit illa Deus.* E para conhecermos, que no Sacramento tudo se logra, he preciso advertir, que tudo está nas maõs do instituidor deste Divino Sacramento: *Sciens, quia omnia dedit ei Pater in manus.* Affirma Isaias, q̃ com tres dedos sustenta o Senhor o pezo da terra: *Appendit tribus digitis molem terræ.* E escreve o Evangelista, que com ambas as maõs tomára o Senhor o Paõ Eucharistico: *Accepit panem in manus suas.* Mas se no Sacramento assiste o Corpo de Christo a modo de Espiritu, que naõ tem pezo, & se a terra he o mais pezado dos Elementos, parece que a nosso modo de fallar, houvera Isaias de dizer, que com ambas as maõs sustenta o Senhor o pezo da terra; & pelo contrario sô com tres dedos houvera o Senhor de sustentar o Paõ Sacramentado. Bem sei que nada peza nas maõs de Deos; mas para Isaias mostrar, que leve, que aereo, & que vaõ he o mundo, diz, fallando ao modo humano, que sô com tres dedos, sustenta Deus o que no mundo he mais pezado, que he a terra: *Appendit tribus digitis molem terræ.* E para o Evangelista certificar como os bens, que no Sacramento se encerraõ, saõ solidos, permanentes, infinitos, & por consequencia sufficientes para encher a medida dos nossos dezejos, affirma que Christo sustentou com ambas as maõs ao Divino Sacramento: *Accepit panem in manus suas.* E assim tenho provado, que

2 Machab. cap. 7. vers. 28.

Isaiæ cap. 40. vers. 12.

em virtude das palavras da consagraçaõ: *Hoc est Corpus meum:* que como palavras saõ formadas de Ar, enche o Amor Divino o vacuo dos coraçoẽs humanos, do mesmo modo que o Ar enche os vacuos da natureza. Resta, que vejamos para remate do Sermaõ, como o Amor, que arde no peito de Christo, he hum fogo, que tudo abraza: & este he o quarto Elemento, com que hoje o Amor acaba a fabrica deste mysterioso mundo: *Cum dilexisset suos, qui erant in mundo, in finem dilexit eos.*

IV. PARTE.

157. Neste dia se executou no Cenaculo, o que o Senhor já prometéra no Evangelho. No Evangelho de S. Lucas, disse o Senhor, que viera pôr o fogo na terra: *Ignem veni mittere in terram.* Deus he Fogo, que assim a Escritura o chama: *Deus tuus ignis consumens est*: & o Corpo humano he terra: *Terra es, & in terram ibis.* Entrando pois neste dia Deus Sacramentado nos corpos humanos, pegase o fogo na terra, & neste amoroso incendio se consomem os peccados, & se abrazaõ os affectos: *Ignem veni mittere in terram, & quid volo, nisi ut ardeat?* Até agora foi Christo Senhor Nosso destruindo hum a hum os peccados: com as palhas do Presepio condenou o Senhor as ostentaçoens da vaidade, & da ambiçaõ: com os açoutes, que deu no Templo, desterrou das Igrejas a avareza, & a impiedade: com o pò, em que escreveo os peccados dos Fariséos, reprimio a malevolencia, & a detracçaõ; mas finalmente chegou o dia, em que com a instituiçaõ do Divino Sacramento se haõ de destruir todos os peccados de huma vez, porque levantou o Amor hum taõ grande incendio, que com a Sagrada actividade das suas celestes lavaredas, pôde o Christaõ consumir dentro de si mesmo, & reduzir a cinza todos os trofeos do peccado. Com horrendos castigos in-

Luc. 12 vers. 49

Deuteron. 4. v. 24.

intentou Moyses de anniquilar todos os Egipcios. Convertéo as agoas em sangue, & as luzes em trevas palpaveis, valeose da furia dos ventos, do penetrante dos rayos, & da violencia dos coriscos, & por maõ de hum Anjo matou em huma sô noite todos os Primogenitos daquelle Reyno; mas sempre havia Egipcios, que perseguiaõ o povo de Israel; quando finalmente no Mar Vermelho todos os authores desta injusta perseguiçaõ ficáraõ somergidos, sem que nenhũ delles escapasse do naufragio: *Nec unus quidem superfuit ex eis.* Mas de donde se originou este taõ universal estrago dos inimigos daquelle Povo? *Respiciens Dominus per castra Ægyptiorum per columnam ignis, & nubis, interfecit exercitum eorum, nec unus quidem superfuit ex eis.* Apparecendo Deus em huma nuvem, & huma columna de fogo, poz em todo o exercito de Faraô, hum taõ grande horror, & confusaõ, que desordenadamente fugindo, se encontrou com as ondas do mar, em que todos miseravelmente naufragáraõ, sem que ficasse hum sô, que désse ao Egipto a nova de taõ espantoso successo: *Nec unus quidem superfuit ex eis.* Que se significa nesta nuvem, & nesta columna de fogo, se naõ o Corpo de Christo Sacramentado? *Quæ est nubes*, diz Drogo Hostiense, *nisi Sanctissimum Corpus tuum, quod in Altari sumimus?* No vêo das especies Eucharisticas se representa a nuvem, & nas chamas do Amor a columna de fogo, com que Christo gloriosamente victorioso, desbarata em hum sô conflicto todo o infernal exercito dos peccados, & das depravadas inclinaçoens da natureza: porque sendo o Sacramento hum misterio de Fé, hum espelho da paciencia, hum Theatro de obediencia, hum retratto de humildade, hum trofeo de Amor, & hum compendio de todas as virtudes, com este Divino Sacramento ficaõ todos os vicios, &

Exod. 14. vers. 24.

& os peccados de hum sô golpe degollados, a infidelidade convencida, a soberba confusa, a ambiçaõ sojugada, a enveja destruida, & a ingratidaõ atropellada: *Respiciens Dominus per columnam ignis, & nubis, interfecit exercitum eorum, nec unus quidem superfuit ex eis.* Eis ahi como no Sacramento, o fogo do Amor Divino consome os peccados. Vejamos agora como abraza os affectos.

158. Escreve o Lyrano, que he opiniaõ de alguns, que Judas naõ chegára á boca o Paõ Sacramentado, mas que o guardára nas maõs, & que no mesmo instante sahira do Cenaculo, & o lançára de si. Mas que razaõ teve Judas para com taõ grande pressa lançar de si ao Sacramento. S. Cyrillo Alexandrino: *Ne scintilla in animo accenderetur.* Do mesmo modo, que o que lança de si huma braza, que lhe queima as maõs, com grande pressa lançou Judas esta Divina braza por impulso do Demonio, que parece receava, que o contacto deste fogo do Ceo, naõ accendesse em Judas huma faisca de amor, que depois chegasse a causar hum incendio. Que se a actividade deste Divino fogo Sacramentado se communicára das maõs de Judas ao coraçaõ, sem duvida se abrázara todo no amor de Deus, transformado de treidor em amante, & de Apostata em Apostolo: *Ne scintilla in animo accenderetur, ac deinde illum illuminaret, magna præcipitem egit Diabolus celeritate.* Ah! Christaõs, se este Divino fogo do Altar, he sufficiente para abrazar o congelado, & empedernido coraçaõ de hum Judas, que ardores, que chamas, & que lavaredas naõ accenderá nos coraçoens dos que com a penitencia dos peccados, & a pureza dos affectos, se aparelharem para experimentar a suave violencia dos seus divinos incendios.

Lyran. in Ioan. 13.

Cyrill. Alexand. lib. quæstion. in Ioan. cap. 19.

159. Tenho lido, que antigamente os Persianos costumavaõ a apagar em certo dia do anno todos os fogos,

fogos, que nas ſuas caſas ardiaõ, naõ ficando em todo o Reyno outro fogo aceſo mais que aquelle, que ſe conſervava no Palacio dos ſeus Reys. Eſte fieis he o dia, em que ſe haõ de apagar todas as tochas do amor profano, para que ſô fique aceſo nos noſſos coraçoens, que ſaõ os palacios da Divindade, o fogo do Amor de Deus, que entre tantos objectos, a que injuſtamente conſagramos os ardores do noſſo affecto, ſô Deus he digno de amor. E quando ſe affirma que ſe ama alguma couſa neſte mundo, naõ ſe pôde julgar com razaõ, que ſe ame outra couſa mais que a Deus. Affirmou o Profeta Rey, que amava, mas naõ determinou qual era o objecto do ſeu amor: *Dilexi, quoniam exaudiet Dominus*. Amei, diz David: *Dilexi*. E pois, que couſa amaſtes, ambiguo, & taciturno amante? Oh! naõ he preciſo declarar David o que ama, que naõ havendo nada neſte mundo, que mereça o noſſo amor, ſempre ſe há de ſuppôr, que ſe ama a Deus, quando ſe ama: *Quem diligit, nuncupatim non exprimit, quaſi ſolus Deus ſit dignus humano amore*. Logo que nos detem? Que nos embaraça, para deixarmos de ſacrificar todos os noſſos affectos áquelle Deus, que naõ ſô he digno de todo o noſſo amor, pelo que he em ſi, ſenaõ tambem pelo que nos amou a nós? No preſente Evangelho, repetidas vezes nos lembra o Senhor, que nos amou, para que nós tambem o amemos a elle: *Cum dilexiſſet, dilexit*. E eſta lembrança do amor, que Deus teve ao mundo, há de ſer para os que naõ correſpondem a eſte Amor, o motivo do ſeu maior ſentimento. Tres vezes perguntou o Senhor a S. Pedro ſe o amava: & à terceira pergunta, diz o Evangeliſta, que S. Pedro ſe entriſtecéra: *Contriſtatus eſt Petrus, quia dixit ei tertiò, amas me?* Pois naõ ſe entriſtece S. Pedro à primeira, nem á ſegunda pergunta? Sô ſe entriſtece à terceira? Sim. E com grande razaõ.

Celad. in Suſan. p. 474. c. 2.

Ioan. 21. 7.

razaõ. Porque esta terceira pergunta lhe deu motivo para cuidar na terceira Pessoa da Santissima Trindade, a que se attribue o Amor: & naõ pode S. Pedro dissimular a sua tristeza, imaginando que com esta terceira pergunta, o Amor Divino accusava a sua ingratidaõ. De maneira que ficou S. Pedro muy triste, & sentido de naõ amar a Deus com maior fervor, representandoselhe o muito que Deus o amára: *Contristatus est Petrus, quia dixit ei tertio amas me? Crediderim ego Petrum contristatum ex tertia interrogatione, quia tunc ei venit in mentem tertia Trinitatis persona, scilicet, Spiritus Sanctus, qui cum sit amor Dei ipsi coæternus, videbatur ejus ingratitudinem arguere, quod tot annis vixisset, debitum Deo amorem non rependens.*

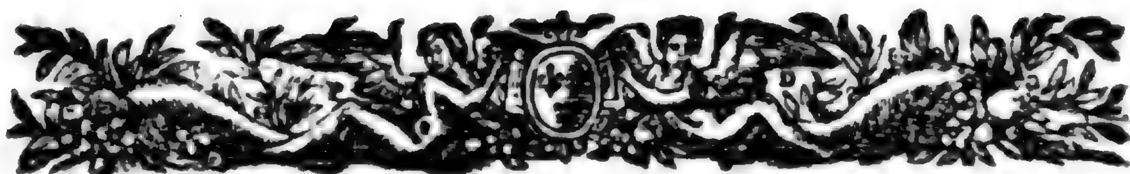
Ghalv. tom. 2. p. 292. col. 1.

160. Christaõs, tudo no Evangelho saõ lembranças da fineza, com que Deus nos amou: *Cum dilexisset, dilexit.* Mas que outra cousa saõ estas lembranças do Amor de Deus, senaõ justas condenaçoens da ingratidaõ dos homens. Logo se taõ grande foi a tristeza de S. Pedro, quando comparou a tibieza do seu amor, com a fineza com que Deus o amára: será possivel, que naõ se iguale o nosso sentimento com a nossa ingratidaõ, considerando o pouco que até agora amámos a este amantissimo Senhor. Ah! meu amoroso Jesu, pezame de naõ vos ter amado, & sinto infinito de naõ vos amar, & de naõ vos poder amar com o desvelo, que merece o vosso Amor infinito. Dezejára, que neste coraçaõ se unissem todos os ardores dos Serafins, & que nesta Alma ardessem todas as lavaredas, com que todos os Anjos se abrazaõ na fragoa do Amor. Finalmente quizera amarvos com o mesmo Amor, com que vos amais a vós mesmo, porque sò assim posso corresponder ao amor, com que me amais. Christaõs, o amor pagase com o amor: & amor há, que naõ se pôde pagar com todos os amo-

amores. Eſte he o Amor Divino, que alem do mundo material compoſto de quatro Elementos, fez neſte dia hum novo Mundo, em que as excellencias deſtes quatro Elementos miſteriosamente ſe repreſentaõ Porque ſe a Terra tudo em ſi encerra, ſe a Agoa tudo lava, & tudo comſigo leva, ſe o Ar tudo penetra, & ſe o Fogo tudo abraza: o Amor Divino encerra em ſi todas as criaturas, lava, & apaga a memoria de todas as offenſas, penetra os coraçoens, & abraza as almas: *Cum dilexiſſet ſuos, qui erant in mundo, in finem dilexit eos.* Ioan. 13. Eſtas ſaõ as excellencias deſte mundo miſterioſo, de que hoje foi Architecto o Amor, para que amando a Deus neſte mundo, o amemos eternamente no Ceo: *Ad quod nos perducat omnipotens Pater, & Filius, & Spiritus Sanctus. Amen.*



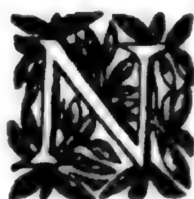
SER-



SERMAM
NO
NASCIMENTO
DE
S. IOAÕ BAUTISTA.

No Mosteiro da Anunciada, em 24. de Junho de 1676.

Quis putas puer iste erit? Luc. 1. 66.

161. Asceo o grande Bautista. Apartai-vos Santos da Ley da natureza. Nasceo o grande Bautista. Retirai-vos Santos da Ley escrita. Nasceo o grande Bautista. Desapparecei Santos da Ley da Graça: que ao nascer do Planeta maior, se escondem, & se eclipsaõ os menores Planetas, & o q̃ he entre os Astros Celestes, o Sol; entre os Metaes, o Ouro; entre as Plantas, o Cedro; entre as Flores, a Rosa; & entre as Aves, a Feniz; he entre todos os Santos da Igreja, o Bautista. Mas antes he o Bautista mais luminoso, q̃ o Sol, porque nascendo com toda a luz da razaõ, naõ experimentou na Aurora da Idade, as fraquezas da Infan-

Infancia: mais precioso, que o ouro, porque a sua cabeça foi preferida ao valor da ametade de hum Reyno: mais alto, que os Cedros do Libano, porque quando bautizou ao Senhor, chegou a pôr a maõ sobre a cabeça do Altissimo: mais fermoso que a Rosa, porque santificado, primeiro que nascido, nasceo sem os espinhos do peccado Original: & mais prodigioso que a Feniz, porque o Bautista he a Feniz dos prodigios: *Inter natos mulierum, non surrexit maior Ioanne Baptista.* Com este soberano encomio, preferio o Senhor o Bautista a todos os homens do munpo. E supposto que o Senhor soubesse, quaõ inclinados saõ os homens a envejar as preferencias, & as maiorías, naõ reparou em manifestar, que o Bautista era maior que todos, como entendendo que nenhum Santo poderia competir com a santidade do Bautista. Naquella taõ celebre contenda, em que os Apostolos altercáraõ sobre as pretençoens da maioría, nenhuma mençaõ se fez do Bautista, porque com especial advertencia diz o Evangelho, que esta contenda dos Apostolos se armou entre elles em particular: *Facta est autem contentio inter eos, quis eorum videretur esse maior.* E bem, naõ formaõ os Apostolos duvidas sobre a maioría, que o Bautista, aindaque morto, está logrando nas memorias da fama? Naõ: que huma grandeza como a do Bautista, que excede toda a comparaçaõ, está fòra de toda a competencia. Contendem entre si os Apostolos sobre a propria maioría de cada hum em particular; porque na semelhança das suas prerogativas, achaõ razoens para a contenda: *Facta est contentio inter eos:* mas naõ movem questaõ sobre a maioría do Bautista, porque conhecem, que as suas inimitaveis excellencias tiraõ todos os motivos à emulaçaõ: que as grandezas, que excedem as esperanças dos homens, acovardaõ a enveja, & desanimaõ

Matth. cap. 11. vers. 11.

Luc. cap. 22. vers. 24.

Plutarchus lib. de odio, & invidia. maõ a ambiçaõ. Tem para si Plutarcho, que ninguem teve enveja a Alexandre, porque ninguem teve esperança de se ver taõ favorecido da fortuna, assistido da gloria, & celebrado da fama, como Alexandre. Com as venturas, que saõ ordinarias, anda de ordinario acompanhada a sombra da enveja: mas quando a prosperidade está no auge do seu luzimento, desaparecem todas as sombras da emulaçaõ. Quando o Sol fere obliquamente por hum lado, qualquer dos corpos que alumea, vemos que logo delles resultaõ sombras: mas quando no meio dia, em que está o Sol no auge do seu curso, cahem seus rayos perpendicularmente sobre hũa Pyramide, vereis naõ se divisarem vestigios de sombras, & ficar tudo coroado de luzes. Do mesmo modo o Divino Sol da Graça cahio sobre o Bautista (que como Pyramide, se levantou, & cresceo, diminuindose) & desde as entranhas maternas o encheo de sagrados resplandores: *Adhuc in utero matris suæ Spiritu Sancto replebitur.* Luc. cap. 1. vers. 15. Em hũa pois taõ excessiva enchente de luzes, naõ fica lugar para as sombras da competencia; mas antes ao victorioso luzir de tantos resplandores, se acha em certo modo escurecida, & eclipsada a gloria de todos os Santos. E este he o prodigio, que hoje determino annunciar neste Templo consagrado ao misterio da Annunciaçaõ: que os prodigios, que se annunciaõ, saõ os que com maior aplauso se publicaõ.

167. Nasceo o Senhor em Belem, & no mesmo instante, annunciou o Anjo este prodigioso Nascimento: *Evangelizo vobis gaudium magnum, quia natus est vobis hodie Salvator mundi.* Luc. cap. 2. vers. 10. E pois naõ se desvela a eloquencia dos Anjos em fazer encomios, & formar Panegiricos ao Divino Infante recem-nascido? Naõ, que assaz se celebra hum prodigio, quando se annuncía. Supposto isto, todo o Panegirco do Bautista,

tiſta, neſte Templo, & neſte dia, ſerá o Annuncio das ſuas grandezas. E niſto me conformo com as palavras do meu thema, com que moſtrandoſe o mundo dezejoſo de ſaber, quem ſerá o menino, que naſceo: *Quis, putas, puer iſte erit?* Correme a obrigaçaõ de ſatisfazer a eſte ſanto dezejo, annunciando as glorias, & prognoſticando os triumfos do Bautiſta: *Quis, putas, puer iſte erit?* Quem virá a ſer o Bautiſta, & que prodigios annuncia o ſeu naſcimento? Reſpondo. O naſcimento do Bautiſta, annuncia o eclipſe de todos os Santos, antigos, & modernos. Confirma S. Pedro Damiaõ, a verdade deſte preſagio: *Univerſum Regnum humanæ gloriationis obambula, ſolumque Ioanem, tam novis, quam veteribus, videbis eſſe præpoſitum.* A tres claſſes ſe podem reduzir todos os Santos da Igreja: a primeira he a claſſe dos Santos da Ley da natureza: a ſegunda he a claſſe dos Santos da Ley eſcrita: & a terceira he a claſſe dos Santos da Ley Evangelica. Sendo pois o Bautiſta, o Aſtro da maior grandeza: *Non ſurrexit maior*: ſe annuncia no ſeu naſcimento o eclipſe de todos os Aſtros deſtas tres esferas da Santidade. Em primeiro lugar, o naſcimento do Bautiſta, annuncia o eclipſe dos Santos da Ley da natureza. E eſte he o primeiro Annuncio, & o primeiro Aſſumpto do Sermaõ. Em ſegundo lugar, o naſcimento do Bautiſta, annuncia o eclipſe dos Santos da Ley eſcrita. Eſte he o ſegundo Annuncio, & o ſegũdo Aſſumpto. Finalmente o naſcimento do Bautiſta annuncia o eclipſe dos Santos da Ley Evangelica. E eſte he o terceiro annuncio, & o terceiro Aſſumpto. Mas para eu annunciar com acerto as glorias do Precurſor de Chriſto, neceſſito da interceſſaõ da Senhora, a que o Anjo annunciou o Naſcimento do meſmo Chriſto. *Ave Maria.*

I. PARTE.

163. *Quis, putas, puer iſte erit?* Primeiramente, o naſcimento

cimento do Bautista, annuncia o eclipse dos Santos da Ley da natureza; porque obrar o que pede a razaõ, & o que a natureza ensina, he obrigaçaõ de racionaes: mas tomar, como o Bautista, hum modo de vida superior a todas as leys da natureza; desenvolverse das mantilhas do berço, para se sepultar nas cavernas de hum deserto; condenar a innocencia da menenice aos rigores da penitencia; viver sem alimentos proporcionados à conservaçaõ da vida; & retirarse da conversaçaõ dos homens para a companhia das feras, que outra cousa he senaõ levantar o edificio de huma extraordinaria santidade sobre os estragos, & as ruinas da natureza? Origenes ao meu intento: *Erat in deserto Ioannes, & nutriebatur novo, & extra naturam modo.* Verdadeiramente, que quando considero ao Bautista no deserto, na idade de dous annos, sô, mas satisfeito; desemparado, mas contente; me parece este genero de vida, taõ alem das forças da natureza, que com razaõ se pode chamar divina, a vida do Bautista; porque sô he proprio de Deus, viver dentro de si mesmo independente de todas as criaturas, & para conhecer q̃ Deus, he Deus, basta considerar esta soberana independencia, com que vive, sem necessitar de cousa alguma criada, para complemento da propria felicidade. Senhor, diz David, conheço que sois meu Deus: *Deus meus es tu.* Mas em que fundais, ô Divino Profeta, o conhecimento, que tendes da Divindade? Porventura conheceis, que Deus he Deus, porque sendo incomprehensivel, naõ conheceis o que he, & sendo ineffavel naõ podeis explicar, o que chegais a conhecer? Por ventura conheceis a Deus pela omnipotencia, com que criou o Mundo, pela bondade, com que o conserva, pela providencia, com que o governa, pela justiça, com que o castiga, & pela misericordia, com que lhe perdoa? Naõ há duvida, que todos estes attributos,

Origen. homil. 11. in Lucam.

Psalm. 15. vers. 2.

butos, saõ espelhos da Divindade. Porèm deixadas estas consideraçoens, só funda David o conhecimento, que tem de Deus, na certeza que tem, de que Deus naõ necessita dos obsequios da sua pessoa, nem das riquezas dos seus thesouros: *Deus meus es tu, quoniam bonorum meorum non eges.* Como se dissera David: Deus he Deus, porque naõ depende de ninguem, & Deus he Deus, porque de nada necessita.

164. Pareceme, que ouço nos desertos da Palestina fallar a natureza com o Bautista, com estas, ou outras semelhantes palavras: Menino, sois homem, ou sois Deus? Que se os homens de tudo necessitaõ, parece que à imitaçaõ de Deus, naõ necessitais de cousa alguma: naõ necessitais da luz do dia, porque passais os dias nas sombras de huma gruta: naõ necessitais das influencias dos Astros, porque nos mesmos Astros, podeis influir as venturas: & naõ vos faz falta a companhia dos homens, porque fazeis companhia a vós mesmo nos retiros da vossa soledade. He superfluo, que o Ar se commova para a formaçaõ das vossas palavras, porque sois a voz de Deus, & a voz de Deus se fôrma sem Ar, & soa sem palavras. Naõ he necessario, que o fogo vos offereça a saudavel efficacia dos seus ardores, porque sois a tocha, que Deus acendéo para despertar as tibiezas do mundo. E naõ he preciso, que a terra se desentranhe em frutos para sustento da vossa vida; porque sô vos alimentais com os frutos da penitentia. Em conclusaõ viveis taõ independente de tudo o que he preciso para viver, que antes me pareceis Deus, que homem, porque sô Deus na soledade da sua infinita essencia, naõ necessita dos bens da natureza: *Deus meus es tu, quoniam bonorum meorum non eges.* Psalm. 15. vers. 2.

165. Mas vejamos mais particularmente, como a soledade levantou ao Bautista sobre as esferas de

humano, fazendoo com admiravel singularidade, semelhante a Deus. Deus, diz Tertulliano, se naõ fora hum, naõ fora Deus: *Deus, si non est unus, Deus non est.* Na soledade da Divina Essencia, se fundaõ os creditos da Divindade: & tanto que os homens se persuadem, que póde haver outro Deus, Deus naõ he Deus na opiniaõ, & na estimaçaõ dos homens. Que motivo imaginais, que tiveraõ os nossos primeiros Pays para com taõ grande desprezo da Divindade quebrantarẽ os preceitos, que o mesmo Deus lhe puzera no principio do mundo? A commua opiniaõ he, que Adaõ, & Eva comeraõ o pomo vedado, lizongeados da esperança de se fazerem semelhantes a Deus: *Eritis sicut Dij:* mas naõ me quadra esta opiniaõ, porque bem sabiaõ Adaõ, & Eva, que já estavaõ de posse desta divina semelhança: *Creavit Deus hominem ad imaginem suam:* & naõ há homem taõ nescio, que aspire ao que logra, & que dezeje o que possue. Dirá alguem, que Eva naõ só pretendéo ser Deus na semelhança, senaõ tambem na realidade: mas o pretender huma mulher, o ser Deus, he huma ambiçaõ taõ temeraria, que parece incrivel. Logo em que consiste o engano, com que o Demonio fez cahir a Adaõ, & Eva, em huma taõ cega desobediencia? Consiste este engano nas mesmas palavras do Demonio: *Eritis sicut Dij.* Naõ lhes disse o Demonio, que seriaõ como Deus: *Eritis sicut Deus:* mas disse que seriaõ como Deoses: *Eritis sicut Dij.* E com este artificioso modo de fallar, deu o Demonio a entender a Eva, que no mundo podia haver mais, que hum só Deus. Representou o Demonio, que hum Deus podia fazer companhia a outro Deus, & para fazer a Divindade despresivel, mostrou que estava acompanhada: *Eritis sicut Dij.* Em quanto Eva teve para si, que Deus era unico na soledade das suas infinitas perfeiçoens, teve respeito, &

Tertullian. lib. 8. adversus Marcionist. cap. 3.

Genes. 3. vers. 5.

Genes. cap. 1. vers. 27.

veneraçaõ a Deus: mas logo que imaginou, que a Divindade admittia companheiros no trono da ſua gloria, perdeo o reſpeito, que devia ao ſeu Criador, & com ſacrilego deſacato offendeo a ſua ſoberana mageſtade. Admiravelmente Procopio ao meu intento: *Eritis ſicut Dij. Volens Dæmon, ut inſueſcerent nihil magni ſentire de Deo, & ut exiſtimarent non eum ſolum Deum, ſed poſſe & alios eſſe tales.*

166. Suppoſto iſto, naõ me admiro, que os Judéos concebeſſem taõ altos penſamentos do Bautiſta, que chegaſſem a duvidar ſe o
Luc. 3. 15. Bautiſta, era Deus: *Cogitantibus omnibus in cordibus ſuis de Ioanne, ne forte ipſe eſſet Chriſtus.* Sahia o Bautiſta do deſerto, em que pelo eſpaço de trinta annos, havia vivido ſó, inviſivel, incommunicavel, retirado de todo o trato, apartado de toda a converſaçaõ, reconcentrado na esfera dos ſeus divinos penſamentos, & izento de todas aſſiſtencias das criaturas, de que os homens neceſſitaõ para a conſervaçaõ do ſeu ſer. E eſta prodigioſa ſoledade lhe gangeou huma taõ grande opiniaõ no Mundo, que os mais ſcientes da Synagoga preferíraõ o Bautiſta ao meſmo Chriſto: porque Chriſto, ainda que Deus, converſava com os homens; & o Bautiſta, ainda que homem, vivia ſó, como ſe fora Deus: que o retiro da ſoledade he taõ preciſo para os creditos da reputaçaõ, & para os applauſos da fama, que o meſmo Deus humanado, quando communica os reſplandores da ſua gloria, neceſſita em certo modo dos teſtemunhos do Ceo, para ſuſtentar o credito da ſua Divindade. No monte Thabôr interpoz o Eterno Pay a ſua authoridade para ſegurar aos Apoſtolos que Chriſto era ſeu Filho: *Hic eſt Filius meus.* E pois, neceſſitava o Senhor deſte irrefragavel, & au entico teſtemunho, para certificar que era Filho de Deus? Direi. No monte Thabôr deſembargou o Senhor na preMatth. cap. 17. verſ. 5.

sença dos Apostolos, os resplandores da sua Divindade: & huma magestade quando se faz patente, & communicavel, poem em taõ grande risco a opiniaõ da sua grandeza, que até os testemunhos do Ceo parecem precisos para a assegurar do perigo, que podéra correr na estimaçaõ dos que lograõ a sua presença. E he isto tanto assim, que sem embargo deste infalivel testemunho do Eterno Pay, fallou S. Pedro com termos taõ desproporcionados à gloria da Divindade de Christo, manifestada nas luzes do seu Corpo transfigurado, que em lugar de propor, que se lhe fabricasse hum palacio, sô se offereceo para lhe fazer hum tabernaculo, que significa o mesmo que huma tenda, rustico domicilio, casa de montanhezes, & habitaçaõ de Pastores: *Faciamus hîc tria tabernacula, tibi unum.* Taõ incapazes, como isso, saõ os homens, para tratarem com decoro as grandezas, que se lhe descobrem, & as magestades, que se lhes communicaõ. Pelo contrario, que facilmente se grangea adoraçoens hũa grandeza, que se esconde, & huma magestade, que se occulta! No Sacramento do Altar poz Christo o seu Corpo, & por concomitancia a sua Divindade; & para nos certificar que a Divindade assistia neste soberano Sacramento, naõ interpoz o Eterno Pay a authoridade do seu testemunho, como succedéo no Thabôr, porque no Thabôr transluziaõ os resplandores da Divina Magestade pelo animado cristal do Corpo de Christo: & nos olhos dos homens, que cessaõ de venerar, o que chegaõ a ver, perde a estimaçaõ o bem que se deixa lograr: mas no Sacramento escondeo o Senhor debaxo das especies Eucharisticas a Divindade juntamente, & a Humanidade. E neste estado se mostra o Senhor, quanto mais occulto, mais adoravel, & quanto mais escondido, mais divino.

Matth. cap. 17. vers. 4.

Generatio mea ablata est, & convoluta est à me, quasi tabernaculum pastorum. Isaiæ 38. vers. 12.

167. Chama o Profeta Isaias

Isaias ao Senhor, Deus escondido, como se o estar escondido fora propriedade divina: *Verè tu es Deus absconditus.* Palavras que os Padres appropriaõ ao Sacramento do Altar, porque com particular resguoardo, está Deus escondido neste Divino Sacramento. Deus na sua essencia, he invisivel, fezse pois ainda mais invisivel na Encarnaçaõ, cobrindose com o veo do Corpo, que tomou: mas no Sacramento da Eucharistia, com duplicados veos fica escondida a Divindade, com o veo do Corpo de Christo, & com o veo dos accidentes. Naõ necessita Deus destes veos para estar encuberto: mas o que no Sacramento he obstaculo, para a vista; he motivo, para a veneraçaõ: & naõ fora Deus taõ manifestamente adorado, se naõ fora taõ misteriosamente escondido: *Verè tu ò Christe in Eucharistia, es Deus absconditus.* Sagrados bosques da Palestina, verdes labirintos, carceres vegetativos, profundas cavernas, soterraneos domicilios, sepulturas do dia, & palacios da noite, duplicai as vossas sombras, & acrescentai as vossas escuridades, que se o estar escondido, he proprio de Deus, viverá o Bautista como Deus no centro da sua inviolavel soledade. Escreve Metaphrastes, que o Bautista se retiràra para o deserto com determinaçaõ de naõ ter conhecimento algum dos homens: *Cum nullo omninò homine versari statuerat.* E razaõ era, que naõ conhecesse as criaturas hum Santo, que estava destinado do Ceo, para dar a conhecer o Criador, & Redemptor do Mundo. Ponderemos esta consideraçaõ com a Theologia, & a Escritura. Pergunta a Theologia, se o Eterno Pay gera ao Verbo, sò com o conhecimento da sua essencia, & dos seus attributos, ou tambem com o conhecimento das criaturas. A opiniaõ de Santo Thomas, & a mais commua, he que o Eterno Pay gera o Verbo, conhecendo as criaturas

Isaia cap 45. vers. 15.

Cornel. Alapid. in Isaiam pag. 379. col. 1.

Metaphrast. in comendat Ioan. Baptist.

juntamente com a ſua eſſencia, & os ſeus attributos: porèm he opiniaõ de Scoto, que o Eterno Pay, na prioridade daquelle acto, conhece a ſua eſſencia, & os ſeus attributos, ſem reſpeito algum ás criaturas. E a razaõ que dá deſta ſua doutrina, he: que naõ parece conveniente, que a geraçaõ do Verbo Divino dependa do conhecimento das criaturas, mas ſó do conhecimento da Divindade: *Indecens erat, ut Verbi Eſſentia, & Divinitas à creaturarum tumultu, ac ſtrepitu dependeret, ſed ſolùm à Deo Patre Eſſentiam, Divinitatem, & attributa acciperet.* Agora tirai a conſequencia. Determinou o Bautiſta de naõ conhecer criatura alguma, porque delle havia de naſcer o conhecimento do Verbo encarnado: afaſtouſe do conhecimento dos homens, para gerar nos homens o conhecimento de Chriſto, homem Deus. E com eſta total independencia das criaturas, manifeſtou o Bautiſta o Verbo encarnado por hum acto quaſi ſemelhante áquelle, com que o Eterno Pay gera ao meſmo Verbo na ſagrada ſoledade da ſua eſſencia.

168. Confirmemos eſta Theologia com a Eſcritura. O Bautiſta era o Aſtro, que havia de deſcobrir nas prayas do Jordaõ, o Author da natureza: & era preciſo, que eſte Aſtro vieſſe do profundo de hum deſerto a exercitar hum taõ illuſtre officio. De donde imaginais, que veio a Eſtrella, que moſtrou aos Reys do Oriente, o Monarca do Mundo no Preſepio? Porventura eſte Aſtro ſe deſencaxou do firmamento, deixando a companhia das Eſtrellas, que deſde o principio do Mundo andaõ alumiando a terra? Naõ: mas veio eſta Eſtrella de hum deſerto. E que deſerto foi eſte? O nada. Porque na opiniaõ de Santo Aguſtinho, foi eſta Eſtrella milagroſamente criada ſó para eſte effeito: & aſſim o nada, foi o deſerto, de donde veio a coroar com reſplandores nunca dantes viſtos o berço do ſeu Criador:

Auguſtin. tom. 6. lib. 2. contra Fauſtum Manichæum pag. 91. col. 1. lit. C. dor: *Non ex illis erat hæc ſtellis, quæ ab initio creaturæ, itinerum ſuorum ordines, ſub creatoris lege cuſtodiunt.* Saõ as mais eſtrellas deſtinadas para as operaçoens da natureza, para a producçaõ das plantas, a geraçaõ dos metaes, a variedade das eſtaçoens, & a fertilidade dos campos, & naõ era conveniente, que hum deſtes Aſtros communs, populares, & mecanicos, foſſe o pregoeiro do Naſcimento de Chriſto: mas pedia a razaõ, que ſe tiraſſe huma nova eſtrella do deſerto do nada, para ſe lhe cometer eſte glorioſo miniſterio. Naõ de outra ſorte, o Bautiſta. Rompeo eſta ſolitaria Eſtrella do deſerto da Paleſtina, em que milagroſamente ſe conſervára, izenta de todas as dependencias, penſoẽs, & cuidados humanos: *Venit Ioannes, non manducans, neque bibens.* *Matth. cap. 11. verſ. 18.* E pondo no Jordaõ a maõ ſobre o Author da natureza, quando o bautizou, moſtrou, que as ſuas obras eraõ ſuperiores ás da natureza. Concluamos logo com S. Bernardo, que o Bautiſta, aindaque homem na realidade, parecéo mais que homem na virtude: *Maior homine.* E com iſto tenho provado, que o naſcimento do Bautiſta he o Annuncio do eclipſe dos Santos da Ley da natureza: vejamos agora como o naſcimento do Bautiſta he o Annuncio do eclipſe dos Santos da Ley eſcrita. E eſte he o ſegundo Annuncio, & o ſegundo Aſſumpto do Sermaõ.

II. PARTE.

169. Sufficiente prova deſte ſegundo Aſſumpto ſaõ as palavras de S. Lucas no capitulo dezaſeis: *Lex, & Prophetæ uſque ad Ioannem.* *Lucæ cap. 16. verſ. 16.* Até à vinda do Bautiſta, conſervou a Ley eſcrita o ſeu luzimento, & os Profetas ſuſtentáraõ a fatal energia dos ſeus Oraculos; mas ao naſcimento do meſmo Bautiſta, ſe ſeguio a extinçaõ da Ley eſcrita, o ſilencio dos Profetas, & o alivio dos ardentes dezejos, com que o Mundo ſuſpirava pela vinda do Meſſias. Poderamos

ramos comparar o Bautista com aquella pedra preciosa, de que affirmaõ os naturaes, se naõ gera como as outras nas entranhas da terra, mas nos mingoantes da Lua, cahe do Ceo em forma de lingua, & tem virtude para aplacar os ventos, & as tormentas. Foi o Bautista a voz de Deus, & a lingoa do Senhor, cahio do Ceo nos mingoantes da Lua, porque nasceo no Ocaso da Ley escrita, & aplacou as tormentas, & os tormentos do impaciente dezejo, com que o Mundo anhelava a presença do seu Redemptor. Que digna de ponderaçaõ he esta ultima excellencia, com que o Bautista alegrou ao Mundo com a inopinada demonstraçaõ do bem, que os Santos da Ley escrita prometéraõ nas suas antigas profecias! Ventilaõ os Sabios huma questaõ. A saber: Se as venturas naõ esperadas saõ mais dignas de estimaçaõ, do que as que se esperaõ? E he opiniaõ de muitos, que as venturas, que de improviso acontecem, saõ mais para estimadas, que as que se prometem. Porque o bem, que se promete, occasiona dous males, tira a primeira flor à alegria, & dilata o tormento da esperança. Em primeiro lugar o bem, que se promete, tira a primeira flor à alegria, que se houvera de experimentar, quando se alcança. Depois do Sacrificio de Isaac, teve Abrahaõ muitos filhos, com que vio assegurada a sua descendencia. Mas naõ se acha na Escritura, que Abrahaõ fizesse solennes demonstraçoens de alegria no nascimento destes filhos, com que se dava principio ao estabelecimento da sua numerosa posteridade. Pelo contrario, que festas, que applausos, & que caricias naõ fez o Pay ao filho Prodigo, quando lhe entrou em casa depois de huma dilatada, & criminosa peregrinaçaõ? *Citò proferte stolam primam, date annulum, adducite vitulum sagi-natum, &c.* Valhame o Ceo! Tanta festa no voltar do filho Prodigo, & taõ pou-

Glossopetra gemmæ species linguæ humanæ similis, magi eam credunt non nasci in terra, sed deficiente Lunâ de cœlo decidere. Plin. lib. 37. cap. 10.

Si felicia promittunt, ea quæ ventura sunt, tunc planè duo erunt incõmoda, & expectatione spei fatigabit, & futurum gaudij fructum spes tibi jam defloraverit. Favorin. apud Aulum Gellium lib. 14. cap. 1.

Lucæ cap. 15. vers. 22.

poucas demonstraçoens de jubilo faz Abrahaõ no nascimento de seus filhos? Sim. Porque Deos já muito antes prometéra a Abrahaõ os filhos, que lhe nascèraõ: & a esperança de hum bem prometido, tira aquella primeira flôr da alegria, que se houvera de sentir, quando este bem se consegue. E quando menos se esperava, batéo o filho Prodigo ás portas do Pay, chegou de improviso, entrou de repente. E esta inopinada ventura achou toda a alegria do Pay em flôr. Taõ preciso he para a demonstraçaõ de hum gosto inteiro, & perfeito, o aggradavel sobresalto de hum bem, que se naõ espera.

170. Em segundo lugar; as felicidades, que se prometem, occasionaõ tormentos, porque dilatam as ancias da esperança, & naõ há tormento mais rigoroso, que o de huma esperança dilatada. No Calvario, se arrependéo o Bom Ladraõ de seus delitos, & concebendo esperanças da salvaçaõ, pedio ao Senhor, que o admitisse no seu Reyno: *Memento mei, cum veneris in Regnum tuum.* Luc. 23. vers. 42. Que insensivel parece o Bom Ladraõ ao tormento da Cruz! Solicita a posse do Reyno, a que aspira, & naõ pede o alivio das penas, que padece: que supposto que as penas abrem o caminho para a Gloria, podia o Bom Ladraõ pedir ao Senhor, que o aliviasse do excessivo tormento da Cruz, sem impossibilitar a posse da Gloria, que dezejava. Dâ S. Maximo a razaõ deste requerimento. Maior pena causa ao Bom Ladraõ, o bem que espera, do que o mal que está padecendo, & naõ sente o tormento da Cruz em comparaçaõ da dôr, que lhe causa o martyrio da esperança: *Plus incipit dolere quod sperat, quam sentire quod patitur.* S. Maximus homil. 1. de Sancto Latrone. Destes dous inconvenientes, que occasionaõ os bens, que se prometem, se conhece a grande differença, que há entre os Prophetas da Ley escrita, & o Bautista. Porque que outra cousa foraõ

as

as Profecias, com que os Santos da Ley eſcrita anunciáraõ o Naſcimento de Chriſto, ſenaõ deſpertadores das ſaudades, incentivos dos dezejos, & eſtimulos das innocentes impaciencias, com que pelo eſpaço de muitos ſeculos, o mundo continuamente ſuſpirou pela execuçaõ deſta Divina promeſſa. Bem ſei que ao decoro, & à mageſtade de taõ ſoberano Miſterio, convinha que precedeſſem os oraculos, & os annuncios dos Profetas: porèm com eſtas prolongadas ſuſpenſoens, deſmayou a alegria do Mundo, & ſempre ſe foi augmentando o inviſſivel tormento da ſua eſperança. Mas o Bautiſta naõ ſuſpendêo ao Mundo com promeſſas, & naõ o atormentou com moleſtas dilaçoens; porque derepente, & de improviſo, deſcobrio o Redemptor do Mundo aos que o viaõ, & naõ o conheciaõ: *Ecce Agnus Dei.* E com eſta demonſtraçaõ deu o Bautiſta motivo para huma alegria tanto mais ſenſivel, quanto menos eſperada. Alegremos eſte penſamento com huma comparaçaõ. Repreſenteſevos hum baxel engolfado no mais alto do Oceano, em que os navegantes naõ vendo já depois de muitos mezes, outra couſa mais que Ceo, & agoa, tem debaixo dos pês, fluctuantes abiſmos, & diante dos olhos, a immenſa concavidade das esferas, em que ſò andaõ os Planetas, inſenſiveis teſtemunhas do ſeu deſemparo. Neſta dilatada, & inſofrivel detença no mar, deſfalecem os paſſageiros com ſaudades da terra, & deſconfiados da vida, por falta de alimentos, & de alentos, ſe aparelhaõ para a morte: mas eis que as vigias, que eſtaõ no tope da gavia, deſcobrindo os montes de alguma Provincia maritima, com altas vozes, & feſtivaes accentos, gritaõ, Terra, terra, terra. Ao annuncio de taõ ſuſpirada nova, todos cobraõ animo, & no meyo das perdas, que receavaõ, ſó perdem a memoria dos paſſados trabalhos.

Luc. cap. 1. verſ. 29.

171. Pri-

171. Primeiro que Chriſto, Senhor Noſſo, foſſe conhecido no Mundo, era o Mundo como hum baxel engolfado em mares incognitos, em que naõ ſe via outra couſa mais que Ceo, & agoa. Viaſe o Ceo nas eſtrellas, em que eſtava figurada a peſſoa do Meſſias: *Orietur ſtella ex Iacob*: & a agoa ſe repreſentava nas lagrimas, que a dôr vertia, impaciente da tardança do ſeu remedio: quando finalmente o Bautiſta, que a todos ſobrepuja na agigantada eſtatura dos ſeus merecimentos, chegou a deſcobrir terra: *Ecce Agnus Dei*: Terra, terra, terra. E que terra he eſta? He Deus encarnado, Deus feito homem, & com a viſta deſta terra Divina, ſuſpirado porto dos que navegaõ no mar deſte Mundo, toda a terra ſe alegra, com eſperança de ſe ver unida com o Ceo pelo perdaõ das ſuas culpas, & remiſſaõ dos ſeus peccados: *Ecce Agnus Dei, ecce qui tollit peccatum mundi.* Eis ahi huma das razoens, que a Igreja tem, para com taõ vivas demonſtraçoens de alegria feſtejar o naſcimento do Bautiſta, conforme a Profecia do Anjo: *Et in nativitate ejus, multi gaudebunt.* Porque do Bautiſta ſe origina toda alegria da Igreja, ao contrario dos Profetas da Ley eſcrita, que com intoleraveis tardanças ſuſpendéraõ os futuros triumfos da Igreja. Reparai, que os Padres comparaõ a Igreja a hum Corpo miſterioſo, ao Ceo, a hum Jardim, a hum Templo, a hum Baxel, a hum Theatro, a hum Paynel, & a hum Livro. Suppoſtas todas eſtas comparaçoens, que por falta de tempo naõ explico, vejamos para remate deſta ſegunda parte as grandes ventajens, que o Bautiſta leva aos Profetas da Ley eſcrita, neſte Corpo miſtico da Igreja, neſte Ceo; neſte Jardim, neſte Templo, neſte Baxel, neſte Theatro, neſte Paynel, & neſte Livro. No Corpo miſtico da Igreja, os Profetas da Ley eſcrita, ſaõ os olhos, que pela grande diſtancia do objecto, apenas

Numer. cap. 2. verſ. 17.

Luc. cap. 1. verſ. 29.

Luc. cap. 1. verſ. 14.

deſcobrem o naſcimento do Senhor : mas o Bautiſta he a maõ, que com palpavel evidencia aponta a meſma peſſoa do Senhor com o dedo : *Ecce Agnus Dei.* No Ceo da Igreja, os Profetas da Ley eſcrita, ſaõ as Eſtrellas, que ſô luzem na eſcura noite das ſuas figuras enigmaticas: mas o Bautiſta he o Luzeiro, que acompanha ao Sol da verdade nos luminoſos albores do ſeu Oriente: *Ecce Agnus Dei.* No Jardim da Igreja, os Profetas da Ley eſcrita, ſaõ as boninas, que com floridas anticipaçoens annunciaõ a entrada de huma celeſte Primavera : mas o Bautiſta he o Giraſol, que com patentes deſvelos ſe inclina para o Sol da Divindade humanada : *Ecce Agnus Dei.* No Templo da Igreja, os Profetas da Ley eſcrita, ſaõ os Miniſtros, que poem em ordem os aparelhos para o ſacrificio: mas o Bautiſta, he o Sacerdote, que manifeſta a victima, que ſe há de ſacrificar : *Ecce Agnus Dei.* No Baxel da Igreja, os Profetas da Ley eſcrita, ſaõ os ventos, que inchaõ as velas das noſſas eſperanças : mas o Bautiſta, he a agulha de marear, que ſe vira para o Norte dos noſſos dezejos: *Ecce Agnus Dei.* No Theatro da Igreja, os Profetas da Ley eſcrita, ſaõ os primeiros Actores, que recitaõ o Prologo das noſſas venturas : mas o Bautiſta, he aquelle, que corre a cortina, & declara o principal ſogeito deſta repreſentaçaõ: *Ecce Agnus Dei.* No Paynel da Igreja, os Profetas da Ley eſcrita, ſaõ as cores, com que ſe vay delineando o retrato do Salvador do Mundo : mas o Bautiſta, he a luz com que ſe vem as perfeiçoens deſte Divino retrato: *Ecce Agnus Dei.* No Livro da Igreja, os Profetas da Ley eſcrita, ſaõ os caracteres, com que ſe eſcreve o Sagrado enigma da noſſa Redempçaõ : mas o Bautiſta ſolta o enigma com a preſença do Author : *Ecce Agnus Dei.* E eſtas, ſe me naõ engano, ſaõ razoens ſufficientes para provar, que o Bautiſta ſe aventaja a todos

dos os Santos da Ley escrita. Resta, que vejamos, como o nascimento do Bautista, he o Annuncio do Eclipse dos Santos da Ley Evangelica. Este he o terceiro Annuncio, & o terceiro Assumpto do Sermaõ.

III. PARTE.

172. *Quis, putas, puer iste erit?* Na circumstancia do tempo, em q̃ nasce o Bautista, temos a evidencia deste terceiro Eclipse. Nasce o Bautista no tempo, em que os dias começaõ a mingoar; porque na presença do Bautista, toda a claridade se escurece, & toda a luz se eclipsa. He a luz dos Santos, como a luz dos dias; tanto maior he a luz de hum dia; quanto maior he o circulo, que o Sol faz no Ceo. Do mesmo modo, tanto maior he a luz de hum Santo, quanto mais dilatado he o circulo da sua virtude, & da sua innocencia. Supposta esta verdade, nenhum Santo da Ley Evangelica, fez hum circulo de luzes taõ grande, como o Bautista; porque nenhum delles nasceo com a luz da Graça; mas no mesmo instante, que sahíraõ à luz do dia, se acháraõ envoltos nas sombras do peccado Original: & neste intervallo de tempo, naõ poderaõ dar principio ao circulo da sua santidade. A Virgem Nossa Senhora appropriaõ os Padres estas misteriosas palavras do Ecclesiastico: *Gyrum cæli circuivi sola.* Eu, diz a Senhora, fiz todo o gyro do Ceo. Para a intelligencia desta metaforica comparaçaõ, supponho com S. Dionysio Areopagita, que todas as criaturas saõ circulos, de que Deus he o centro. Os Ceos, & as esferas, que na sua vastissima circunferencia encerraõ o Mundo, saõ circulos, que se volvem sobre o centro da Divina Immensidade. O tempo, que nunca pára, he hum circulo, que incessavelmente corre sobre o centro da Divina Eternidade. As geraçoens, & producçoens da natureza, saõ circulos animados, que se estribaõ no

Ecclesiastic. cap. 24. vers. 8.

no centro da divina fecundidade : & a vida dos Santos he hum circulo , que tem por centro as perfeiçoens , & excellencias divinas. Deste Divino centro, todos os homens se desviaõ no primeiro instante da sua conceiçaõ , porque saõ concebidos em peccado : mas só a Senhora , que foi concebida em graça , começou a volver o circulo da sua vida sobre o centro da Divindade. Affirma pois a Senhora , que só ella fez o gyro do Ceo , ao contrario de todos os Santos, q̃ acabaõ este gyro,mas naõ o começaõ , porque vivem , & morrem em graça , mas nascem em peccado : *Gyrum Cæli circuivi sola.*

173. Appliquemos ao nascimento do Bautista estas mesmas palavras , que se appropriaõ à Conceiçaõ da Senhora : *Gyrum Cæli circuivit solus.* De todos os Santos da Ley Evangelica, só o Bautista fez o gyro do Ceo ; porque nascendo em graça , deu principio ao circulo de huma vida celeste , no mesmo instante que começou o circulo da sua vida temporal. Dous generos de circulos observaõ no Ceo os Mathematicos , huns maiores , & outros menores : a vida dos Santos da Ley Evangelica, he hum circulo menor , porque ficou imperfeito pelo peccado original, com que nascéraõ apartados do centro da Divindade ; mas formou o Bautista hum circulo de Santidade maior que todos ; porque nascendo sem peccado , teve a Deus por centro dos seus primeiros movimentos. E dado caso que todos os Apostolos , todos os Confessores , todos os Martyres , & todos os Santos da Ley Evangelica nascessem na mesma hora , & no mesmo instante , em que nascéo o Bautista, todos neste fatal instante se acharíaõ em desgraça de Deus , & só o Bautista nesta mesma circunstancia de tempo , fora, entre tantos peccadores, Santo; entre tantos desgraçados , venturoso ; entre tantos criminosos, innocente ;

cente; & no meyo de tantos Eclipses, luminoso: *Gyrum Cæli circuivit solus.*

174. Destas, & outras excellencias do Bautista, infiro, que o que provavelmente nos outros Santos, só foraõ dezejos, no Bautista foraõ effeitos: & naõ pôde haver maior excesso de Santidade, do que lograr como effeito, o que nos outros só he dezejo. De Christo Senhor nosso, que he a mesma Santidade essencial, diz a Escritura, que he todo para ser dezejado: *Totus desiderabilis.* E este he hum dos maiores encomios, que se podem dar á Santidade do Senhor, pois mostra, que he taõ sublime, & levantada, que só lhe pódem chegar os dezejos humanos. He provavel, que muitos Santos dezejáraõ aquella invencivel paciencia, com que Christo Senhor nosso dissimulou as maiores afrontas, aquelle zelo incançavel, com que sempre solicitou a Gloria de seu Eterno Pay, a quella profunda obediencia, com que viveo, & morreo sogeito aos Imperios da vontade do mesmo Pay, & aquella eminente perfeiçaõ, com que se assinalou no exercicio de todas as virtudes; mas nunca chegáraõ a conseguir perfeitamente o que intentáraõ: porque taõ soberanas excellencias, mais saõ para objectos do dezejo, que para experiencias do logro: *Totus desiderabilis.* Que gloriosamente participou o Bautista esta Divina prerogativa! Que (se bem advertirdes) no Bautista, foraõ obras, & execuçoens, o que nos outros Santos sò foraõ affectos do dezejo. Provavel he, que muitos dezejáraõ haverem nascido em graça; para estarem unidos com Deus desde os primeiros alentos da infancia; mas entre todos os Santos da Ley Evangelica, este previlegio sò foi concedido ao Bautista. Tambem he verisimel que outros dezejáraõ, que se lhe adiantasse a razaõ aos annos, para conhecerem, & amarem a Deus antes do tempo, que a natureza limitou

Cantic. cap. 5. vers. 16.

tou para o diſcurſo; mas eſta he huma prerogativa reſervada ſó para o Bautiſta, que conhecendo, & amando a Deus deſde menino, naõ teve da menenice mais que a idade, & a innocencia. Em concluſaõ, parece que tudo o que há no Bautiſta he para ſer dezejado, ſem eſperanças de ſe alcançar o que ſe dezeja: *Totus deſiderabilis.* E com iſto acabo de annunciar os prodigios, que ſe ſeguiráõ ao naſcimento do Bautiſta: *Quis, putas, puer iſte erit?* Que virá a ſer o Bautiſta? Que? O Bautiſta virá a ſer o que ninguem foi, o que ninguem he, & o que ninguem ſerá. E na verdade quem dos Santos teve, como o Bautiſta, a ventura de naſcer nos braços da Senhora? Nenhum. Quem dos Santos teve, como o Bautiſta, a gloria de bautizar o Rey da Gloria? Nenhum. Quem dos Santos foi, como o Bautiſta, Precurſor de Chriſto, & teſtemunha de Deus? Nenhum. Quem dos Santos eſtá hoje no Ceo, como o Bautiſta, taõ chegado a Deus, que na opiniaõ de S. Joaõ Damaſceno, depois de Chriſto Senhor Noſſo, & da Virgem noſſa Senhora, o Bautiſta tem no Ceo o primeiro lugar? Nenhum. Em concluſaõ. Quem dos Santos verá, como o Bautiſta, a Chriſtandade, & o meſmo Paganiſmo, deſvelados em celebrar o dia do ſeu naſcimento até o fim do Mundo? Nenhum. Porque ſó o Bautiſta he a conſolaçaõ do Mundo, o jubilo do Ceo, & a alegria do univerſo. Logo bem diſſe eu, que o Bautiſta, virá a ſer, o que ninguem foi, o que ninguem he, & o que ninguem ſerá. Porque: *Inter natos mulierum non ſurrexit maior Ioanne Baptiſta.*

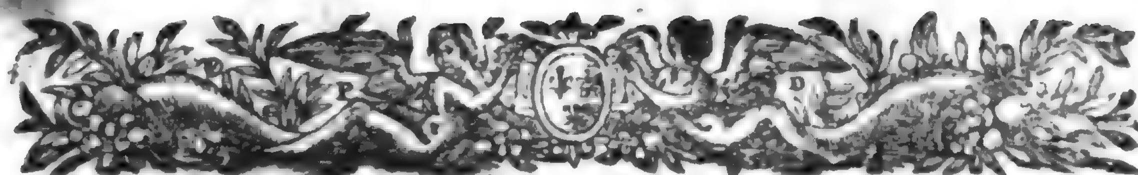
175. Temos viſto, o que virá a ſer o Bautiſta, vejamos para remate do Sermaõ, o que viráõ a ſer aquelles, que naõ forem Bautiſtas no affecto, & na devoçaõ. Diz S. Gregorio Niſſeno, que os que naõ preferem o Bautiſta a todos, ſaõ loucos, & ſaõ

In Oratione, quâ fratrem ſuum concelebrat. impios: *Inſania ſimul, & impietas fuerit, alium ex adverſò comparando ei opponere.* Primeiramente naõ preferir o Bautiſta a todos, he locura; porque a locura eſtá oppoſta à ſabedoria: & Chriſto, que he a Sabedoria encarnada, deu ao Bautiſta a preferencia, & naõ pôde haver locura mayor do que contradizer o que a meſma Sabedoria affirma: *Matth. cap. 11. verſ. 11.* *Inter natos mulierum non ſurrexit maior Ioanne Baptiſta.* Em ſegundo lugar, tirar ao Bautiſta a maioria, he huã taõ grande impiedade, que ſe Chriſto no Ceo fora capaz de ſentimento, ſentiria de algum modo eſta injurioſa diminuiçaõ das grandezas do ſeu Divino Precurſor. Eſcreve S. Mattheus, que logo que os Diſcipulos trouxeraõ ao Senhor a nova da degolaçaõ do Bautiſta, ſe retirára o Senhor para o deſerto: *Matth. cap. 14. verſ. 13.* *Quod cum audiſſet Ieſus, ſeceſſit in locum deſertum.* Aſſim ſe moſtra o Senhor ſentido, quando ſabe que o Bautiſta eſtá degolado. Que outra couſa he degolar ao Bautiſta, ſenaõ cortar pela ſua grandeza, & procurar de abater as excellencias, com que a todos ſe aventaja. Degolais ao Bautiſta, vós que diminuis a ſua maioria: & quando o Bautiſta ſe degola, Jeſus de ſentido ſe retira: *Quod cum audiſſet Ieſus, ſeceſſit in locum deſertum.* Mas já que neſte Divino Sacramento aſſiſte o amoroſo Jeſus, alma das noſſas vidas, & vida das noſſas almas, em agradecimento deſta vida immortal, que nos communica, celebremos com repetidos vivas o naſcimento, & a vida do Bautiſta. Viva o Bautiſta, pois he ſuperior a todos os Santos da Ley da Natureza. Viva o Bautiſta, pois excede a todos os Santos da Ley Eſcrita. E viva o Bautiſta, pois ſobrepuja a todos os Santos da Ley Evangelica. Finalmente, viva o Bautiſta nas memorias, nos coraçoens, nos affectos, & na veneraçaõ de todos: applaudaõ todos as ſuas glorias, imi-

tem todos as suas virtudes: & para ultimo presagio das grandezas do Bautista, annuncio nesta hora a todos os que forem Bautistas na veneraçaõ das suas excellencias, & na imitaçaõ da sua penitencia, muitos augmentos de Graça nesta vida, & os premios da Gloria na outra. *Ad quam nos perducat &c.*



SER-



SERMAM
NA FESTA DO NASCIMENTO DO BAUTISTA.

Prégado no Mosteiro de Santa Monica, no Anno de 1677. 24. de Junho.

Elisabeth autem impletum est tempus pariendi, & peperit filium. Luc. 1. 5.

176. TRINTA & tres annos viveo o grande Bautista, mas para assumpto das suas grandezas, naõ quero tomar mais, que hum sô instante da sua vida. Na vida humana, espera a santidade pelos vagares do tempo, correm os dias no alcance das virtudes, andaõ os annos em busca dos merecimentos, & dos progressos da idade, dependem os triumfos da perfeiçaõ: mas na vida do Bautista, naõ he preciso o curso dos annos, para as conquistas da sua santidade, porque hum sô momento he sufficiente para lhe grangear coroas, &

Alij fiunt, sed non nascuntur Sancti, sed Ioannes, Sanctus natus est. *S. Thomas de Villa Nova concione 2.*

basta hum sò instante para eternizar as suas victorias. Este momento precioso, & este glorioso instante, he o do seu nascimento. Nasceo o Bautista, & com misteriosa advertencia, diz o Evangelista, que o Bautista nasceo depois de cheo, & cumprido o tempo: *Impletum est tempus.* Para os mais homens naõ està cheo o tempo, quando nascem; porque nascem em peccado: & no tempo em que o peccado domína, sò se acha o vacuo, & o nada. *Ortus justi plenitudinem habet, peccatoris autem nativitas, vacuitatem, & inanitatem.* Saõ palavras de Origenes neste lugar. Pelo contrario, està cheo o tempo, quando nasce o Bautista, porque nasce com huma chea de graças, & as enchentes da graça fazem o tempo perfeito, & completo. *Ubicumque justus nascitur* (continúa o mesmo Origenes) *ibi complentur dies.* Supposta esta verdade na vida do Bautista, basta a consideraçaõ do instante em que nasce, para demonstraçaõ das excellencias que possue. E porque as Mordomas desta festa, saõ Musicas, Oraculos da Melodia, & Almas da consonancia, para nam faltarem harmonías ao Sermaõ, mostrarei, que suaves, & prodigiosas sam as consonancias do instante, em que o Bautista sahio à luz do Mundo.

Origenes homil. 9.

177. Os instantes, saõ as partes, de que successivamente se compoem o tempo: & o tempo que pelo curso dos Planetas se mede, he (se bem advertirdes) filho de huma celeste harmonía. Os Astros, & os Planetas, saõ os Musicos do Ceo, que com alternadas revoluçoens, formaõ hum suavissimo concerto, variando a voz conforme a diversidade dos aspectos, levantando o tom na elevaçaõ do pòlo, & abatendo-o, quando decem ao Perigéo da sua Esfera. Nos Equinoccios, & Solsticios, se significaõ as pausas; no movimento de rapto, as fugas; na retrogradaçaõ, as repetiçoens; & no movimento da trepidaçaõ, os requebros. Assim se fórma o tem-

o tempo com a imperceptivel consonancia destes celestes Orfeos, a que os seus proprios orbes servem de Citharas; os rayos da sua luz, de fios de ouro; os dias, & as noites, de notas, de notas brancas, os dias; de notas pretas, as noites: & as Intelligencias, que os movem, fazem o compasso, medindo as distancias, & regulando os movimentos com taõ grande proporçaõ, & uniformidade, que cada instante he huma composiçaõ de inexplicaveis harmonias.

178. No instante pois, em que nasceo o Bautista, naõ sô considero a consonancia dos Astros, mas tambem repáro na consonancia das virtudes, & sendo este instante, huma taõ breve parte do tempo, parece que nelle todos os tempos se encerraõ. E com razaõ se póde affirmar, que neste instante está cheo o tẽpo, porque estaõ cheas as consonancias deste instante: *Impletum est tempus.* No primeiro instante do nascimento do Bautista considero tres milagrosas consonancias; a consonancia da razaõ com a Infancia; a consonancia do merecimento, com a meninice; & a consonancia do silencio, com a fama. A razaõ fez ao Bautista, varaõ no berço: o merecimento fez ao Bautista, Santo nas mantilhas: & a fama fez ao Bautista celebre no Mundo, na Aurora da sua idade. Demaneira, que se alguem perguntar em quanto tempo o Bautista chegou a ser homem, Santo, & o mais celebrado dos Santos, saiba que para o Bautista conseguir estas insignes prerogativas, naõ houve mister mais que hum sô instante; porque o Bautista no primeiro instante, em que nasceo, foi homem com uzo de razaõ: *Fuit homo:* foi o Santo do maior merecimento: *Non surrexit maior:* & foi o Santo, que teve mais fama no Universo: *Ioannes est nomen ejus, & mirati sunt universi.* Vamos ponderando as incomparaveis excellencias deste instante capaz de competir com

Ioan. cap. 1. vers. 6.

Matth. cap. 11. vers. 11.

Luca cap. 1. vers. 63.

com huma eternidade; pois nelle está cheo, & cumprido o tempo: *Impletum est tempus*. E todos geralmente confessem, que aonde os maiores Sãtos naõ subíraõ, senam no espaço de muitos annos; teve o Bautista a gloria de chegar em hum só instante. *Ave Maria*.

I. PARTE.

179. No instante, em que o Bautista nasceo, estava a razaõ unida com a infancia. Porque se na opiniaõ dos Padres, o Bautista aos seis mezes de concebido, já tinha uzo de razaõ; esta mesma razaõ, já estava adulta, & provecta, quando nasceo o Bautista. Grande prodigio da natureza: O Bautista menino,& a razaõ crescida. O Bautista enfaxado nas mantilhas, & a razaõ exercitada nas noticias, O Bautista apertado nas angustias do berço, & a razaõ triumfante no trono do Entendimento. Mas que razaõ haverá para o Bautista nascer com uzo de razaõ, & porque se há de anticipar no Bautista o exercicio de huma perfeiçaõ, que depende da experiencia dos annos, & da madureza da idade? Respondo: no Bautista se anticipou o uzo da razaõ, para gloria de Deus, & para gloria do mesmo Bautista. Primeiramente, he gloria de Deus, que o Bautista nascesse com uzo de razaõ, porque o Bautista, he a voz de Deus, & o interprete do Verbo; & o Verbo, que he a palavra do Eterno Pay, he a mesma razaõ desde o seu Eterno Nascimento. Isto quiz o Evangelista significar com estas palavras: *In principio erat Verbum*. Joan. cap. 1. vers. 1. Conforme a interpretaçaõ do Cardeal Toledo esta palavra, Verbo, tem duas significaçoens; significa palavra, & significa razaõ. Supposto isto, o Verbo Divino significa o mesmo, que palavra, & razaõ. Mas pergunto: Em que tempo se unio a razaõ com esta palavra? Em que tempo? Em hum tempo tam antigo como toda a Eternidade: *In principio erat*

erat Verbum. Lá naquelle principio, que só entre todas as cousas principiadas, naõ há de ter fim. Naquelle principio, a que nem o passado se anticipa, nem o futuro se segue, porque a sua eterna existencia encerra em si todos os tempos passados, & futuros. Naquelle principio, que he o centro de todos os principios. Naquelle principio a que todos os seculos respeitaõ, a que veneraõ todas as idades, & a que todos os tempos adoraõ. Finalmente naquelle principio, que naõ tem principio, no Sacrosanto gremio da Divindade, nasceo a palavra com a razaõ, eterna palavra, & razaõ eterna; porque he palavra de Deus: & em Deus naõ he menos antiga a razaõ que a palavra; porque a palavra de Deus he acto do seu entendimento: *In principio erat Verbum. Verbum significat sermonem,& rationem.* Sendo pois o Bautista, a voz de Deus, claro está, que convem à gloria de Deus, que esta divina voz possua as excellencias da razaõ desde o primeiro instante do seu nascimento: & assim se podem em certo modo applicar ao nascimento do Bautista as mesmas palavras, que o Evangelista appropriou à eterna geraçaõ do Verbo: *In principio erat Verbum*: o Bautista no primeiro instante do seu nascimento, he hũa voz com razaõ, porque he a voz do Verbo, que assim lhe chamou S. Boaventura: *Erat vox Verbi*: a razaõ he inseparavel do Verbo, porque o Verbo he a palavra Divina: & era conveniente; que o Bautista nascesse com uzo de razaõ, porque he o Ecco desta Divina palavra. O Verbo he a mesma razaõ desde aquelle perpetuo instante, em que eternamente nasceo, & sempre está nascendo. Tambem domina a razaõ no instante, em que nasce o Bautista: *In principio erat Verbum.* Porque o Bautista he a voz do Verbo: *Erat vox Verbi.* Todas as criaturas corporaes, saõ imagens visiveis, das invisiveis excellencias

Cardinalis Toletus Adnotat. 1. in Ioannem.

Divus Bonaventura in Cantic. Virgin.

cias da Divindade: mas de todas estas imagens de Deus, sô aquella he mais semelhante ao seu Divino Original, que possue as perfeiçoens da sua natureza no mesmo instante, em que nasce. Nascer com defeitos, & aperfeiçoarse com o tempo, he proprio das criaturas; mas estar perfeito desde o primeiro instante do seu ser, he proprio de Deus. E este he o attributo da criatura, que com Deus tem maior semelhança.

180. Em muitos lugares da Escritura, acho que Deus se compára com o Sol: & com tudo muitas propriedades do Sol desmentem a gloria desta divina semelhança; porque as excellencias de Deus saõ, & sempre foraõ infinitamente perfeitas. E pelo contrario naõ há perfeiçaõ no Sol, que naõ tenha alguma sombra de defeito. Com a mesma luz, com que o Sol desterra as trevas do Mundo, descobre ao Mundo as suas manchas: & o mesmo movimento, que o levanta ao trono do meiodia, ignominiosamente o entrega à sepultura do Occidente. Pinta o Sol as galas das flores do campo, mas no mesmo tempo esconde as Estrellas, que saõ as flores do Ceo: manda o Sol à terra saudaveis influencias, & attrahe para si perniciosos vapores: nas entranhas dos montes, gera o Sol os mais preciosos metaes, & com calidas exhalaçoens, fôrma o Sol os rayos no seio das nuvens. Em conclusaõ, sazona o Sol os frutos, & murcha as flores; fertiliza os campos, & seca as plantas; anima os insectos, & mata os homens; bemfeitor juntamente, & verdugo; Monarca, & Tirano; pay, & homicida da natureza. Logo em que funda a Escritura as suas taõ repetidas comparaçoens de Deus com o Sol? Direi. As excellencias da Divindade, saõ taõ antigas como o mesmo Deus: & (se bem advertirdes) há huma excellencia no Sol, que he taõ antiga como o mesmo Sol. A maior excellencia do Sol, he a sua luz: com

esta

esta nasceo o Sol magestosamente coroado: & desde o primeiro instante da sua criaçaõ, luzio com taõ grande abundancia de resplandores, como agora luz depois de cinco mil, & sete centos, & vinte & nove annos, que anda alumeando ao Mundo. Logo seja o Sol huma das mais perfeitas imagens de Deus: que se todas as perfeiçoens se achaõ em Deus, desde que Deus he; no Sol se achaõ as perfeiçoens da luz, desde que o Sol nasceo. A maior perfeiçaõ do homem considerado no estado da natureza, he a luz da razaõ: & porque Deus he a razaõ essencial, & eterna, nasce o Bautista com luz da razaõ, quanto mais perfeito no primeiro instante da sua vida, mais semelhante a Deus, naõ só em quanto Deus, senaõ tambem em quanto Sacramento; porque o Sacramento da Eucharistia, he hum misterio, em que os maiores misterios, juntamente se representaõ em hum só instante.

181. Tres grandes misterios, obrou Deus no Mundo, a Encarnaçaõ, a Paixaõ, & a Resurreiçaõ: mas para comprimento destes tres misterios, foi precisо que se passassem muitos espaços de tempo, porque naõ podia Deus nascer, morrer, & resuscitar no mesmo instante. Da criaçaõ do Mundo, ao Nascimento de Christo, se passáraõ quatro mil & cincoenta & dous annos: do Nascimento de Christo à sua morte, trinta & tres annos: da morte de Christo à sua Resurreiçaõ, tres dias. E porque he gloria de Deus obrar em breve tempo, o que naturalmente pede tardanças, todos os dias repete o Senhor estes tres soberanos misterios em hum só instante. E qual será este milagroso instante, em que se resumem tantas glorias, & se recopilaõ tantas grandezas? He o instante da consagraçaõ do Corpo de Christo no Sacramento; porque no mesmo tempo, em que o Sacerdote acaba de proferir estas divinas palavras:

Luca cap. 22. vers. 19. vras: *Hoc est Corpus meum:* temos no Sacramento a Deus encarnado, Deus morto, & Deus resuscitado. Deus encarnado por extençaõ: Deus morto por representaçaõ: & Deus resuscitado por existencia. A Encarnaçaõ, a Paixaõ, & a Resurreiçaõ, saõ como tres misteriosas idades do Redemptor do Mundo. Porque na Encarnaçaõ, se representa o estado da infancia: nos trabalhos da Paixaõ, o vigor da mocidade: & nos triumfos da Resurreiçaõ, as glorias da varonia. Mas do mesmo modo que no Sacramento se cifra a duraçaõ destas tres idades em hum sô instante: assim no instante do nascimento do Bautista misteriosamente se encerraõ as tres primeiras idades do homem, a infancia, a mocidade, & a varonia. A infancia, na pureza da innocencia: a mocidade, nos alentos do espirito: & a varonia, no assento da razaõ. Oh divino Bautista! que de glorias se comprehendem neste unico instante, em que sois juntamente menino, mancebo, & varaõ. Menino, nos principios da idade: mancebo, nos empenhos de Precursor: & varaõ, nas idéas da sapiencia. Nesta taõ tenra idade, ninguem vos alcança a ver pequeno; porque no mesmo instante, em que nasceis, pareceis taõ excessivamente grande, que se póde justamente crer, que há muitos annos que nascestes, & porque sois grande desde menino, a vossa grandeza naõ teve principios, para que sô tivesse excessos.

182. Dignas de reparo me parecem as palavras de Santo Ambrosio a este proposito. Diz o Santo, que o Bautista naõ esteve sugeito aos impedimentos da infancia: *Infantiæ impedimenta nescivit.* A infancia he o principio da grandeza do homem; & com tudo acha Santo Ambrosio, neste principio, impedimentos: *Infantiæ impedimenta.* Sabeis porque? Porque os principios da grandeza, saõ os impedimentos da mesma grandeza. Toda a

gran-

grandeza, que se vio principiar, he pequena, & sò saõ insignes as grandezas, de que se ignora a origem. O Rio Nilo, he o Rey dos Rios, porque nunca ninguem o vio pequeno: esconde a fonte de donde nasce, para acreditar a magestade, com que anda; & quanto he mais desconhecido nos seus principios, he mais admiravel nas suas enchentes. Naõ de outra sorte o Bautista. Nunca o Bautista parecéo pequeno, porque ainda recem-nascido, foi grande: *Hic puer Magnus.* Ganhou antiguidades ao seu mesmo principio, & adiantando as victorias da razaõ, aos triumfos do tempo, naõ se pôde dizer q̃ começou por donde os outros acabaõ: & esta unica prerogativa he sufficiente para conciliar ao Bautista a veneraçaõ dos mayores homens do Mundo. Porque naõ há cousa mais gloriosa no Mundo, que huma grande luz de razaõ, nos primeiros albores da Infancia. Na opiniaõ de Santo Ignacio Bispo de Antioquia, naõ passava o Profeta Daniel de doze Annos, quando os Juizes do Povo de Israel, o fizeraõ assentar no meio delles: *Dixerunt ei senes, veni, & sede in medio nostrum.* Pois hum menino assentado nos Tribunaes, entre os mais authorizados Ministros da justiça? Sim: porque he menino com acertos da razaõ superiores á idade. Logo sentese Daniel, como Juiz, no meio dos mais velhos Juizes, que para as caãs de huma veneravel velhice, naõ há objecto mais digno de respeito, do que o anticipado conhecimento de huma discreta Infancia: *Sede in medio nostrum, quia tibi Deus dedit honorem senectutis.* Se ao nascimento do Bautista assistissem por milagre os mais antigos homens do Mundo: Adaõ na idade de novecentos, & trinta Annos: Enoch na idade de quinhentos, & sessenta, & cinco Annos: Noé na idade de novecentos, & dez Annos: & Abrahaõ na idade de cento, & settenta, &c.

Sanctus Ignatius Epist. ad Mag.

Daniel. cap. 13. vers. 50.

Id. ibid.

& cinco Annos: entendo que todos eſtes Patriarchas do Antigo Teſtamento ſe lançariaõ ao berço do Bautiſta, & beijando as ſuas ſagradas mantilhas, com igual reſpeito, que admiraçaõ, lhe offereceriaõ o primeiro lugar, cedendo dos direitos da ſua antiguidade, & celebrando as glorias de hum menino taõ anticipadamente racionavel: *Sede in medio noſtrum, quia tibi Deus dedit honorem ſenectutis.* Poſto o menino Bautiſta no meio deſtes Anciaõs do Mundo, todos lhe dariaõ conta das ſuas glorias, & das ſuas penas. Moſtraria Adaõ as lagrimas da ſua penitencia: & Enoch, que foi o primeiro ſolitario do Mundo, lhe repreſentaria as innocentes delicias da ſua ſoledade: contaría Noê os portentoſos ſucceſſos do Diluvio: & Abrahaõ renovaria as memorias do ſeu taõ celebrado ſacrificio. Mas já que faltaõ eſtas conferencias para entretenimento do menino Bautiſta, ſupraõ os noſſos colloquios, o ſilêcio dos Patriarcas, conſiderando que naõ he contra a razaõ, o fallar com hum menino, que tem uzo de razaõ.

183. Conſta do Evangelho, que poucos dias depois do naſcimento do Bautiſta, ſeu Pay Zacharias, o tomou nos braços, & com attenta ponderaçaõ lhe diſſe eſtas miſterioſas palavras: *Tu puer, Propheta altiſſimi vocaberis, præibis enim ante faciem Domini parare vias ejus.* Que novidade he eſta? exclama Santo Ambroſio. Quem nunca vio hum velho ſizudo, travar praticas com hum menino? Por ventura delirou Zacharias, & deſterrado da converſaçaõ dos ſabios deſafoga com os meninos os treſvarios da ſua decrepita idade? *Fortaſſe aliquis, irrationabilem mentis exceſſum putet, quòd octo dierum alloquitur infantem?* Mas taõ fóra eſtá Zacharias de obrar contra as leys da prudencia, que antes ſummamente acredita a ſua diſcriçaõ, anticipandoſe a fallar com hum menino, em que a razaõ ſe anticipou,

Luc. cap. 1. verſ. 76.

Ambroſius in cap. 1. Luc. de Prophetatione Zachariæ, mihi pag. 1638. vol. 2. littera D.

pou. Adiantase Zacharias no fallar, porque o Bautista se adiantou no entender, & todas as palavras do pay, saõ provas da intelligencia do filho, milagrosamente provenida contra as ignorancias da natureza: *Sciebat Propheta alias esse aures Prophetæ, quæ spiritu Dei, non corporis ætate, reserantur.* Pois se isto assim he, ô Divino Infante, se nasceis taõ repentinamente discreto, & entendido, que o discurso da razaõ naõ espera em vós pelo discurso do tempo: & se antes de fallares com ninguem, já estais capaz para entenderes a todos, ouví as razoens, que todo o mundo tem para pôr em vós as suas esperanças. Por vós espera o deserto, dezejoso de ver as suas soledades povoadas com o grande numero dos homens, que imitadores da vossa penitencia, seguiráõ as vossas pisadas: das correntes das vossas lagrimas, esperaõ as fontes da Palestina, os seus cristalinos augmentos: & da vossa luminosa presença, esperaõ as mais escuras cavernas a sua claridade. Por vós espera o Jordaõ, para ser no mesmo tempo, espelho da innocencia no Bautismo de Christo; & no Bautismo dos Christaõs, sepultura do peccado. E se o Paço de Herodes naõ suspira pela vossa presença, he porque naõ se admitte a razaõ no Paço, perpetuo domicilio da lizonja. E este primeiro instante em que nasceis com uzo de razaõ, he o presagio da condenaçaõ das semrazoẽs da Corte. Temos ouvido as consonancias da razaõ com a Infancia no instante do nascimento do Bautista, ouçamos as consonancias do merecimento com a menenice neste mesmo instante, em que ainda que sô principiado, já está cheo, & cumprido o tempo: *Impletum est tempus.*

Idem Ambros. ibid.

II. PARTE.

184. A razaõ, & a graça, saõ os dous principios do merecimento, porque determinaõ a vontade para

para as acçoens meritorias: a razaõ, com os conselhos; & a graça, com os impulsos. E porque o Bautista, tres mezes antes de nascer, teve o uzo da razaõ, & o dom da graça; o uzo da razaõ para a liberdade do alvedrio, & o dom da graça para as preeminencias da Santidade. Desde aquelle tempo começou o Bautista a merecer, fazendo (como affirmaõ os Doutores) muitos actos de Fé, & de amor de Deus; nas entranhas maternas: por onde he provavel, q̃ o Bautista já tinha conseguido muitos graos de merecimento, quando chegou o instante, em que sahio à luz do Mundo. A duas classes se podem reduzir todos os merecimentos: os merecimentos para com Deus, & os merecimentos para com os homens. No instante pois do seu nascimento, entendo que o Bautista mereceo para com Deus, & para com os homens: para com Deus, com os actos da Fé; & para com os homens, com os actos da caridade: para com Deus, mereceo o Bautista, porque chegou a crer em Deus, & em Deus humanado; primeiro, que este Deus homem fosse nascido. E estes actos da Fé do Bautista, eraõ tanto mais meritorios, quanto mais escondido estava o objecto desta mesma Fé. Nas materias da Fé, as evidencias da experiencia, saõ desdouros do merecimento. *Non habet meritum fides* (diz S. Gregorio) *cui humana ratio præbet experimentum.* Faltaõ os creditos à Fé, quando a evidencia lhe descobre os objectos: & pelo contrario, quanto mais se retiraõ as experiencias, mais se apuraõ os merecimentos. No sepulchro buscou a Madalena ao Senhor morto, & o achou resuscitado, & querendose lançar a seus pés, lhe embargou o Senhor os passos, & lhe prohibio, que o tocasse: *Noli me tangere.* Mas se na casa do Fariséo, permitio o Senhor, que a Madalena o tocasse, quando peccadora, porque razaõ naõ quer, que

Suares de Ioan. Baptista in lib. de Vita Christi disput. 23. sect. 3. mihi pag. 261. col. 1. D.

S. Gregorius Papa homil. 26. in Evangel.

Ioan. cap. 20. vers. 17.

que a mesma Madalena o chegue a tocar, agora que he Santa. Eis aqui a razaõ. O que se toca com as mãos, naõ se crê, mas sabese com evidencia: & aonde há evidencias do objecto, naõ tem a Fé merecimentos. Na casa do Fariséo permetio o Senhor, que a Madalena o tocasse em premio do seu affecto; mas depois de resuscitado, naõ quiz que a Madalena o tocasse para maior merecimento da sua Fé. Via a Madalena ao Senhor em figura de hortolaõ, & com viva Fé o adorava, crendo que era o seu Divino Mestre resuscitado: logo naõ se chegue a Madalena ao Senhor para o tocar: *Noli me tangere*. Porque tocando o que cré, terá evidencias da verdade, & com esta mesma evidencia, perderá o merecimento da sua Fé. Saõ Leaõ Papa: *Noluit Christus, ut Magdalena tangeret, & ipsum videret, ne fide privaretur*. Oh! que grandes, & prodigiosos foraõ os merecimentos da Fé do Bautista desde o primeiro instante da sua vida. Começou o Bautista a crer em Christo, primeiro que Christo apparecesse ao Mundo, & antes que Christo fosse visivelmente menino, creo o Bautista, que Christo era homem, & homem Deus. Esta pois he huma Fé, que a todas se aventaja no merecimento, porque tem menos que todas, experiencias do seu objecto.

185. Chamase o Sacramento da Eucharistia, misterio de Fé por antonomasia: *Mysterium Fidei*. Mas que razaõ haverá para se dar a este misterio, esta singularidade, antes que ao Misterio do Nascimento, da Morte, & Resurreiçaõ do Senhor? Dou a razaõ. O Divino Sacramento, he misterio da Fé por excellencia, porque na instituiçaõ deste soberano misterio, nenhum milagre fez o Senhor visivelmente para assegurar a Fé dos homens. Naõ assim nos outros misterios. No Presepio, no Calvario, & no Sepulchro, obrou o Senhor milagres visiveis, para prova da

ſua inviſivel Divindade. No preſepio ſuſpendeo a Eſtrella os ſeus reſplandores; no Calvario, o Sol da natureza amortalhou as ſuas luzes, & no Sepulchro, o Sol da Graça retratou os ſeus eclipſes nas ſuas mortalhas. Todos eſtes milagres foraõ prova de hum Deus naſcido no preſepio, morto no Calvario, & reſuſcitado do Sepulchro. Mas que milagre viraõ os olhos humanos na inſtituiçaõ do Sacramento da Euchariſtia, para prova de que Deus realmente eſtá debaxo das eſpecies Sacramentaes? Nenhum. Conſagrou o Senhor o Paõ Euchariſtico, & todos os milagres deſta conſagraçaõ, foraõ inviſiveis, para que a Fé humana foſſe viſivelmente milagroſa: mas eſta meſma falta de provas, he a prova do noſſo merecimento, & eſta he a razaõ, porque o merecimento do Bautiſta me parece taõ ſingular nos actos da ſua Fé. Que a Fé dos Apoſtolos conheceſſe ao Senhor por Arbitro da natureza, vendo que o Senhor tinha poder para aplacar os mares, & ſenhorear os Elementos: que a Fé da Madalena confeſſaſſe, que Chriſto he Autor da vida, depois de Chriſto ſoltar a Lazaro dos grilhoens da morte: que a Fé do Centuriaõ aclamaſſe a Chriſto por Filho de Deus, depois de ver os prodigios, que ſe ſeguiraõ à ſua morte no Calvario: finalmente que a Fé do Evangeliſta lhe perſuadiſſe, que Chriſto era reſuſcitado, depois de naõ achar o Corpo de Chriſto no Sepulchro: todos eſtes actos de Fé, foraõ deſempenhos da obrigaçaõ, antes que finezas para o merecimento. Porque as demonſtraçoens da verdade, diminuem o credito da Fé. Mas que o Bautiſta chegaſſe a conhecer a Chriſto por Arbitro da natureza, Author da vida, Filho de Deus, & Redemptor do Mundo, primeiro que Chriſto obraſſe nenhum prodigio, & antes que fizeſſe nenhuma acçaõ viſivel

vel ao Mundo: esta he hũa Fé independente de todos os motivos exteriores, & por consequencia incomparavel na pureza, & superior no merecimento. Mas se o Bautista no primeiro instante da sua vida, mereceo para com Deus, com os actos da Fé, tambem mereceo para com os homens, com os actos da charidade. Hum dos actos da charidade mais gratos aos homens, he darlhe alivio nos seus trabalhos: & este acto, he taõ proprio da humanidade, que he huma quasi differença especifica, que constitue o ser moral do homem. De modo que sô se ha de julgar por homem, aquelle que acode ás miserias humanas. E quem deste exercicio de piedade inhumanamente se retira, naõ parece homem. Temos a prova no Evangelho.

186. Embarcados os Apostolos, & engolfados no alto mar, se levantou huma taõ terrivel tempestade, que todos com anciosa industria, se armaraõ contra os perigos do naufragio, huns amainando as velas, outros tendo maõ no leme, & outros quebrando com os remos a furia das ondas: em conclusaõ: *Erant laborantes in remigando.* Estando os Apostolos neste taõ evidente risco da vida, lhes appareceo o Senhor sobre o mar. Mas reparai com attençaõ na figura, que aos Apostolos se representou, quando viraõ ao Senhor: *Putaverunt Phantasma esse*: Imagináraõ, que viraõ huma Fantasma. Notavel illusaõ da vista! Que os Apostolos, soçobrados com o medo da morte, naõ conhecessem ao seu Divino Mestre, naõ me admiro; mas naõ entendo como ao menos naõ o conhecéraõ por homem. Olhai, ô Apostolos, que o que vedes tem figura humana, & se pelos intervallos da distancia naõ chegais a divisar os lineamentos do rosto, reparai no movimento, & disposiçaõ das partes, & affirmareis, que he homem, & naõ sombra. Mas a meu ver, esta cegueira dos Apostolos,

Marci cap. 6. vers. 48.

Marci cap. 6. vers. 49.

ſtolos, he mais miſterioſa, que verdadeira. Diz o Evangelho, que vendo o Senhor a ſeus Diſcipulos em taõ grande trabalho, & perigo, moſtrou de querer paſſar adiante ſem lhes dar nenhum genero de ſocorro: *Volebat præterire eos.* E ſuppoſto eſte apparente deſemparo, parece tinhaõ os Apoſtolos razaõ para dizer, ſe fora homem, naõ faltára de nos acudir neſte aperto, em que a noſſa vida taõ manifeſtamente periga; mas já que ſe nega aos auxilios, de que taõ preciſamente neceſſitamos, naõ he homem, he huma Fantaſma, que anda, & huma ſombra, que caminha: *Volebat præterire eos. Putaverunt Phantaſma eſſe.* Confirma S. Joaõ Chryſoſtomo eſte meu penſamento, dizendo que na caritativa aſſiſtencia, com que os homens ſe ajudaõ nos ſeus trabalhos, conſiſte o ſer do homem, & que o que naõ tem eſta piadoſa commiſeraçaõ, naõ he homem: *Hoc ſuper omnia diſcat homo, quoniam & hoc eſt homo, nam niſi hoc habeat, deſijt eſſe homo.*

Marci cap. 6. verſ. 48.

Ioan. Chryſoſtom. homil. 93. ad Populum.

187. Deſde o principio do Mundo, eſtava todo o genero humano contraſtando, com as tormentas da ſua deſgraça, occaſionada da rebeliaõ do primeiro homem: *Erant laborantes in remigando.* E no meio dos perigos de hum eterno naufragio, ſò tinhaõ os homens para remedio das ſuas penas, as ancoras da ſua eſperança. Mas quem viſivelmente acudio primeiro que todos a eſtes taõ grandes apertos da natureza humana? O Bautiſta. Porque o Bautiſta, como Precurſor do Redemptor do Mundo, trouxe ao Mundo as primeiras novas da ſua ſuſpirada Redempçaõ. Logo ſe a excellencia do homem conſiſte em aliviar os trabalhos humanos, o Bautiſta, que deu aos homens hum taõ grande alivio, naõ ſò he homem deſde menino, mas he a gloria, & a excellencia dos homens. Iſto parece quiz dizer Santo Aguſtinho ao meu intento: *Si quæris excellentiam homi-*

Marci cap. 6. verſ. 48.

Augustin in Præfation. in 2. enarration. in Psal. 29.

hominis, Ioannes Baptista est. E S. Pedro Chrysologo: *Nascitur maior homine.* No instante do seu nascimento, o Bautista he mais que homem, porque dá a todos os homens a vida com os annuncios da sua Redempçaõ. Supposto isto, digamos com Eusebio Emisseno, que o Bautista excedeo a medida dos merecimentos humanos: *Ioannes humanorum excedit mensuram meritorum.* Porque o Bautista mereceo para com os homens, antes que vivesse para si. No estado da natureza, todos os homens nascem para si, & por isso naõ merecem para com os mais homens, quando nascem. Só naõ nasceo para si o Bautista, mas nasceo para consolaçaõ do Mundo: *Multi in nativitate ejus gaudebunt.* O Bautista naõ nasceo para si, porque antes de nascer a esta vida transitoria, já tinha merecimentos para a vida eterna: & se, como ensina Santo Thomás, os Anjos logo depois do primeiro acto meritorio, que fizeraõ, foraõ bemaventurados, o Bautista, que no ventre materno tinha feito muitos actos meritorios, de Fé, de Obediencia, & de Amor, tinha direito para a Bemaventurança, primeiro que nascesse: mas naõ satisfeito de merecer para com Deus, nasceo para merecer para com os homens, desterrando as sombras da sua tristeza, como luzeiro do Sol da Graça, & cantando como voz de Deus, os preludios da sua chegada Redempçaõ. Temos ouvido as duas primeiras consonancias do instante deste glorioso nascimento: A consonancia da razaõ com a infancia, a consonancia do merecimento com a meninice. Resta que ouçamos as consonancias do silencio com a fama, que he o preservativo da vida para todos os tempos: *Impletum est tempus.*

Euseb. Emissen. homil. 1. de Baptista.

Lucæ cap. 1. vers. 14.

III. PARTE.

188. O Bautista, ainda que Orador da Eterna Sabedoria, estava calado no instante em que nasceo; mas

com universal applauso, todos fallàraõ no Bautista. Soàraõ nos montes de Judéa, os eccos do seu milagroso nascimento, & logo todos os coraçoens se fizeraõ oraculos da sua grandeza, & todas as linguas foraõ Profetizas da sua gloria: *Posuerunt omnes, qui audierunt, in corde suo, dicentes: Quis putas puer iste erit?* Huma grande fama facilita a execuçaõ de huma grande empreza. E supposto que na opiniaõ de alguns, a fama naõ he outra cousa, que huma sombra vaã da aceitaçaõ popular, & huma Fantasma da gloria; esta sombra, he a base, em que se estribaõ as Monarquias, & esta Fantasma, he a columna, que sustenta os Imperios. Por isso aquelle Emperador Romano, naõ fiou tanto a conservaçaõ da sua Coroa do poder das suas armas, como dos creditos da sua fama: *Reputante Tiberio magis famâ, quam vi, stare res suas.* Christo Senhor Nosso, para estabelecimento do seu Imperio espiritual na terra, tambem se quiz valer dos meios mais plausiveis à opiniaõ dos homens: & porque o Bautista era o pregoeiro da fundaçaõ desta nova Monarquia, quiz Christo, que o Bautista tivesse grande fama desde que nasceo. Que a execuçaõ das mais arduas, & gloriosas emprezas, depende dos anticipados applausos da fama. Foi David ungido Rey, dez annos primeiro que tomasse posse do Reyno; porque na idade de vinte annos, foi secretamente ungido pelo Profeta Samuel, & sô na idade de trinta annos começou a tratar as redeas do governo: *Filius triginta annorum erat David, cum regnare cæpisset.* Quando David foi ungido Rey, já tinha bastante prudencia para a administraçaõ do governo; mas ainda naõ tinha aquella fama, que se requeria, para se approvar huma taõ grande mudança no Reyno de Israel; porque David era pastor. E da humildade de pastor chegar à soberania de Rey, pas-

Luca cap. 1. vers. 66.

Tacit. 6. Annal. 30.

David unctus 20. ætatis anno.

A Lapide tom. 1. in lib. Regum pag. 203. col. 1.

2 Reg. 5. v. 4.

passar da cabana para o Paço, da manada para a Republica, & dos rusticos entretenimentos do campo, para as sublimes occupaçoens da Corte, he huma taõ grande, & difficultosa empreza, que sô se podia facilitar, por meio da fama, que David adquirio no espaço daquelles dez annos, degolando ao soberbo Gigante, desbaratando o exercito dos Filistéos, & obrando outras prodigiosas façanhas, com que fez seu nome taõ celebre na opiniaõ dos Povos, que todos se gloriavaõ de se lhe offerecer por vassallos. Assim andou David nas azas da fama, para subir ao trono, vencendo os obstaculos, & atropellando as difficuldades, que lhe embargavaõ o logro da Coroa. E lembrando Deus a David o beneficio da Monarquia, a que o levantára, naõ diz, que lhe deu hum grande Imperio, mas sô diz, que lhe deu hum grande nome: *Feci tibi nomen grande.* Porque a grandeza, & reputaçaõ do nome, lhe abriraõ o caminho para as grandezas do Imperio. Taõ proprio he da fama alhanar as maiores difficuldades, que suspendem a execuçaõ das maiores emprezas.

2 Reg. cap. 4. vers. 9.

189. Que invenciveis parecem as difficuldades, que se opunhaõ à fundaçaõ da Monarquia de Christo na terra! Para Christo ser conhecido, & adorado Rey do Mundo, era preciso, que os homens sogeitassem o entendimento ao cativeiro da Fé, crendo a Encarnaçaõ do Verbo, & a uniaõ de duas naturezas, humana, & divina, sem confusaõ das sustancias, & sem multiplicaçaõ das pessoas. Mas quem lançará os alicerces de huma Fé, taõ superior à luz da razaõ? E quem assentará as primeiras noticias de huma verdade, taõ repugnante ás leys da natureza? O Bautista. E porque razaõ o Bautista, antes que qualquer outro varaõ Apostolico? Porque o Bautista, he sem contradiçaõ o mais celebre, & affamado Santo do Mundo: & a hum Santo de

de taõ grande fama, he facil a execuçaõ de huma taõ grande empreza. Logo muito importa a fama do Bautista para o luzimento da gloria de Deus na terra: porque quanto maior he a veneraçaõ, que os homens tem ao Bautista, mais segura está a opiniaõ da Divindade de Christo. O Abulense: *Intererat ergo Christi, quod Ioannes esset magnæ opinionis apud plebem.* Demaneira que os primeiros rayos da Fé de Christo nos homens, foraõ reflexos da Fé, que os homens deraõ ao Bautista. Oh prodigiosa excellencia da fama do Bautista! Naõ se fiáraõ de S. Pedro as primicias da Fé, nem se cometéraõ ao Evangelista os exordios do Christianismo: naõ sô porque naquelle tempo, ainda naõ eraõ Discipulos do Senhor, mas porque he certo, que nem a S. Pedro, aindaque Princepe dos Apostolos, nem ao Evangelista, ainda que o mais amado dos Discipulos, haviaõ os homens de dar tanta Fé, como ao Bautista. E he isto tanto assim, que aindaque os Apostolos obrassem as mesmas acçoens, & no mesmo tempo que o Bautista, naõ se referem estas acçoens dos Apostolos, mas sô se celebraõ as que o Bautista obrava.

Abul. in cap. 18. Matth. quæstione 8. in cur. 6. p. 678. c. 1.

190. No Capitulo terceiro, escreve S. Joaõ, que o Bautista estava bautizando: *Erat autem Ioannes baptizans:* & supposto que tambem os Apostolos bautizassem neste mesmo tempo, como consta do Capitulo seguinte, naõ falla S. Joaõ no bautismo dos Apostolos, quando faz mençaõ do bautismo do Bautista. Porque, como advertio S. Joaõ Chrysostomo, o Bautista bautizava com muito maior efficacia que os Apostolos: *Erat autem Ioannes baptizans, & multò efficacius id faciebat, quam Discipuli Christi.* Mas em que consiste esta maior efficacia, quando he certo, que o bautismo dos Apostolos era Sacramento, que conferia a graça, & o bautismo do Bautista naõ era verdadeiro Sacramento? Dá o mes-

Ioan. cap. 3. vers. 23.

mesmo S. Joaõ Chrysostomo a razaõ desta maioria: *Multò efficacius id faciebat, quam Discipuli Christi, quia insuspicabile erat ejus testimonium, & maiorem gloriam apud homines habebat.* O bautismo do Bautista, era mais efficaz, porque era maior a fama do Bautista: & por consequencia muito maior o concurso dos peccadores illustrados da sua doutrina, & sequazes da sua penitencia. Em conclusaõ, maior impessaõ fazia nos animos humanos, huma sô acçaõ, & huma sô palavra do Bautista, que todas as pregaçoens, & milagres dos Apostolos. Mas que digo huma palavra: hum sô aceno do Bautista tem mais poder, que todas as façanhas, & prodigios dos maiores Heroes da Christandade. Quanto sangue derramáraõ muitos Martyres, & quantos milagres fizeraõ muitos Confessores, para persuadirem aos Judéos, & aos Gentios, que Christo he Filho de Deus? E quantas vezes se obráraõ estes milagres sem proveito, & se derramou inutilmente este sangue? Pelo contrario, hum sô aceno do Bautista, animado com a soberana energia da sua voz, bastou para estabelecer no Mundo a opiniaõ da Divindade de Christo: *Ecce Agnus Dei.* O Bautista apontou o Senhor com o dedo, & com este divino aceno, imprimio nos coraçoens dos que estavaõ presentes, o conhecimento de Christo até entaõ ignorado por Filho de Deus, & Redemptor do Mundo: *Ecce Agnus Dei, qui tollit peccatum Mundi.* Mas se hum sô aceno do Bautista foi sufficiente para insinuar ao Mundo o conhecimento de Deus humanado; tambem para a declaraçaõ das excellencias do Bautista, baste a consideraçaõ de hum sô instante da sua vida. Divino Precursor de Christo, sahistes à luz do Mundo, & neste primeiro instante do vosso nascimento, com anticipadas consonancias, todos os tempos sahíraõ ao vosso encontro: *Impletum est tempus.* O tempo da varonía, se anticipou com

Lucæ cap. 1. vers. 29.

com a consonancia da vossa infancia com a razaõ: o tempo da velhice, se anticipou com a consonancia da meninice com os vossos merecimentos: & todos os tempos da eternidade, se anticipáraõ com a consonancia do vosso silencio com a fama: *Impletum est tempus*. Mas se o tempo está cheio das vossas grandezas, tambem está cheio o tempo das nossas admiraçoens. Aceitai, ô Divino Bautista, os nossos assombros por encomios, & perdoai a limitaçaõ dos nossos applausos, pois sô chegamos a celebrar o primeiro instante da vossa vida, mas em huma vida taõ cheia de prodigios, hum sô instante se pode igualar com a duraçaõ de huma Eternidade: *Ad quam nos perducat, &c.*



PANE-



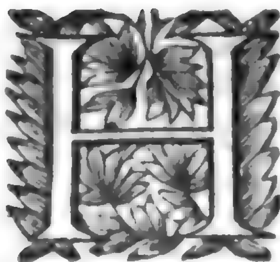
PANEGYRICO

Do Glorioso Doutor da Igreja,

S. IERONIMO,

Prégado em Bellem, no Real Convento dos Religiosos da mesma Ordem, 30. de Septembro de 1678.

Vos estis Lux Mundi. Matth. 5.

191. HUMA das mais singulares prerogativas da luz, he a universalidade dos seus resplandores. A cada Elemento, deu a natureza determinados limites de extençaõ, & de actividade. Naõ passa o Fogo do concavo da Lua: naõ se levanta o Ar sobre a Esfera do Fogo: fica a Terra immovel no meio dos Ares: & nas prayas da Terra, acha o Mar os confins do seu procelloso Imperio. Mas o dominio da luz he taõ universal, que se estende a todos os Elementos: ao Fogo, manifestando seus ardores; ao Ar, dissi-

dissipando suas sombras; à Agua, purificando suas correntes; & à Terra, penetrando suas concavidades. De maneira, que desde o mais alto dos Ceos, até o mais infimo dos Elementos, se espalha, & se ostenta a luz; nos Astros, soberana; nos Cometas, terrivel; nos Relampagos, impetuosa; nas lavaredas, ardente; varia nas nuvens; aprazivel, nas flores; preciosa, nos diamantes; & em todas as partes, imperiosa. Porque a luz, he a alma dos Planetas, a depositaria das influencias, o esmalte dos orbes, a coroa dos montes, o thesouro dos valles, a gala dos prados, o enfeite da natureza, & o adorno do Universo. Em conclusaõ, cada criatura tem no Mundo certos limites de grandeza: mas taõ excessivas saõ as grandezas da luz, que naõ tem outro limite mais que o Mundo. Esta mesma differença observo entre o grande Doutor S. Jeronimo, & os mais Santos da Igreja. Cada Santo teve huma determinada Esfera de virtude; mas resplandeceo S. Jeronimo em todas as Esferas da santidade. Dos Santos, huns se conserváraõ intactos na Corte, como Salamandras nos incendios, mas naõ florecéraõ nos desertos, como rosas entre os espinhos: outros se entregáraõ aos desemparos da soledade, mas naõ experimentáraõ os perigos da Corte. Huns como a Arca do Testamento, encerrâraõ em si, a Ley, & o Maná; a Ley de Deus, & o Maná das sciencias. Santos igualmente, & doutos. E outros piamente ambiciosos de huma santa ignorancia, sô se aplicáraõ à cultura das virtudes. Mas o glorioso S. Jeronimo em todos estes Theatros ostentou a universalidade das suas divinas prendas, nas Cortes, nos Desertos, & nas Escolas de todas as Virtudes, & Sciencias: admirou a Corte de Roma, a inflexivel constancia de S. Jeronimo: & sendo a Corte, clima taõ contrario ao temperamento da innocencia, naõ pode alterar em S. Je-

S. Jeronimo, a harmonia dos ſeus angelicos coſtumes. Ouvírao os deſertos da Paleſtína, os funebres gemidos da penitencia de S. Jeronimo: as grutas de Bellem retumbárao aos golpes do penedo, com que abria o peito em rios de ſangue: & os meſmos Eccos, que reſpondérao aos ſuſpiros do Divino Jeſus, reſpondérao aos ſuſpiros de S. Jeronimo. Paſmárao os maiores Doutores do Mundo aos prodigios da ſua protentoſa doutrina: & quaſi envejárao os Anjos as victorias da ſua eloquencia. Porque a penna de S. Jeronimo, foi o rayo da incredulidade, o açoute da hereſia, a columna da Fé, & o pincel da Divindade.

Hieronymus fuit eloquentiâ ſtupor, doctrinâ miraculum. Vergerius Juſtinopôlitanus.

192. A luz, que Deus criou no principio do Mundo, eſtava toda junta, & depois ficou repartida. Nos tres primeiros dias da criaçaõ, eſtava a luz taõ junta, & taõ unida em ſi meſma, que alumeava ao Mundo ſem diviſaõ de Esferas, ſem differença de Aſtros, & ſem variedade de Planetas: mas no quarto dia, ſe vio eſta meſma luz encorporada no Sol, & repartida pelos Aſtros Celeſtes. A Saturno couberaõ luzes deſmayadas, a Jupiter rayos brilhantes, & a Marte reſplandores aceſos, & inflamados. Do meſmo modo, no Firmamento da Igreja, conſidero dous generos de luzes, huma luz junta, & outra luz repartida. Por muitos Santos, ſe repartíraõ as luzes, porque ſe dividiraõ as virtudes: mas em S. Jeronimo, que juntamente poſſuio todas as virtudes, ſe uníraõ, como no ſeu centro, todas as luzes: a luz da contemplaçaõ, com que penetrou os mais profundos miſterios: a luz da ſabedoria, com que confundio as mais pertinazes hereſias: a luz da verdade, para a evidencia dos enganos, a luz do conhecimento das linguas, para a intelligencia, & interpretaçaõ das Eſcrituras. Finalmente foi S. Jeronimo taõ univerſal nos ſeus luzimentos, que ſe os outros Santos foraõ a luz do Mundo:

Vos

Matth. cap. 5. vers. 14. *Vos estis lux Mundi*; foi S. Jeronimo a luz de muitos Mundos. E se a ambiçaõ de Alexandre, naõ cabia nos limites de hum Mundo, muitos Mundos occupa a immensidade das luzes, com que S. Jeronimo alumeou o Universo. *Pellæo juveni, non unus sufficit orbis.* Na amplissima circumferencia do Universo, considero tres differentes Mundos: o Mundo Arquetypo, que he Deus: o Mundo Mystico, que he a Igreja: & o Mundo Monastico, que he a antiga, & gloriosa Religiaõ de S. Jeronimo. Primeiramente, Deus he o Mundo Arquetypo, quero dizer, Deus he a primeira idéa do Mundo criado, & o eterno exemplar das perfeiçoens de todos os Mundos possiveis (tudo isto significa a palavra Grega, Arquetypo.) Em segundo lugar o Mundo Mystico, he a Igreja. Que se no Mundo material ha Elementos, que o compoem, Thesouros, que o enriquecem, & Estrellas que o adornaõ: os Elementos do Mundo Mystico da Igreja, saõ os Sacramentos: os seus Thesouros, saõ as graças: & os Sacerdotes, saõ as suas Estrellas. Em terceiro lugar, o Mundo Monastico, he a sagrada Religiaõ de S. Jeronimo, em que a penitencia, & a soledade triunfáraõ de todas as grandezas, & delicias do Mundo. Nesta misteriosa repartiçaõ do Universo, temos os tres assumptos do Sermaõ, em que veremos, como S. Jeronimo foi a luz de tres Mundos, do Mundo Arquetypo, do Mundo Mystico, & do Mundo Monastico: *Vos estis lux Mundi.* Foi S. Jeronimo a luz do Mundo Arquetypo, porque com a interpretaçaõ das Escrituras, deu a conhecer as obras da Divindade. E este he o primeiro assumpto. Foi S. Jeronimo a luz do Mundo Mystico, porque com seu zelo, & doutrina, desterrou da Igreja as sombras da heresia. E este he o segundo assumpto. E S. Jeronimo foi a luz do Mundo Monastico; porque na Ley Evangelica, foi S. Jeronimo hum dos primeiros, & mais antigos

tigos instituidores da vida Religiosa, & Solitaria. E este he o terceiro assumpto. Para fixarmos os olhos nas brilhantes Esferas de tantas luzes, necessitamos da luz da Graça. *Ave Maria.*

I. PARTE.

193. *Vos estis lux Mundi.* Primeiramente foi S. Jeronimo a luz do Mundo Arquetypo, porque com a interpretaçaõ das Divinas Escrituras, fez em certo modo visiveis as excellencias da Divindade. Nenhuma entidade he naturalmente mais invisivel, que Deus; porque como puro espirito, os olhos do corpo naõ o podem ver, nem os olhos d'alma o podem penetrar, por incomprehensivel. Porèm este mesmo Deus, aindaque summamente invisivel, he taõ communicativo, que por differentes modos se representa, na Gloria, na Natureza, & na Escritura. Na Gloria, Deus se vé realmente por meio da Visaõ Beatifica: na Natureza, Deus se vé por reflexaõ nas criaturas, que saõ espelhos das suas infinitas perfeiçoens: & na Escritura, Deus se vé misteriosamente na significaçaõ das suas palavras. Ver a Deus com a luz da Gloria, he o premio, que Deus dá aos Bemaventurados: ver a Deus nas obras da Natureza, he huma satisfaçaõ, que se logra nos estudos da Filosofia: mas ver a Deus nas palavras da Escritura, he huma ventura, que se deve ao cuidado, & à doutrina de S. Jeronimo. Criou Deus a luz para manifestadora das suas obras, & fez Deus nascer a S. Jeronimo para interprete das suas palavras. Na infancia do Mundo, as primeiras obras de Deus, estavaõ cubertas de trevas: *Tenebræ erant super faciem abyssi.* Gen. 1. vers. 2. Appareceo a luz, & desterrando as sombras, manifestou as obras da divina omnipotencia. Do mesmo modo, nos primordios da Igreja Romana, estava a Escritura como sepultada nas sombras do Texto Hebraico, & Grego, & estava toda

toda a Biblia embaraçada com a variedade dos sentidos,& dissonancia das Versoens: *Tenebræ erant super faciem abyssi.* Veio S. Jeronimo, & dissipando estas sombras com a clareza das suas traducçoens, manifestou todas as palavras de Deus escritas no Antigo, & Novo Testamento. Que excessivos foraõ os trabalhos, a que para este effeito se offerecéo S. Jeronimo! Correo as mais remotas Provincias da Asia, & da Europa, revolveo todos os livros da antiguidade, sogeitou a soberania do seu entendimento aos impertinentes preceitos dos Gramaticos, & naõ reparou em se fazer discipulo de muitos Mestres, elle que era o Mestre de todo o Mundo.

Hic legit omnes, vel pæne omnes, qui ante ipsum scripserunt. Augustin. lib. 2. contra Julianum.

Morum exemplar, Mundique Magister. Albinus in Carminibus.

194. Daqui toma occasiaõ para levantar esta duvida. Publicáraõ os Apostolos as glorias de Deus em muitas linguas: *Loquebantur varijs linguis Apostoli magnalia Dei:* & aprendeo S. Jeronimo muitas linguas para publicar as glorias de Deus na traducçaõ das Escrituras. Agora pergunto: Qual teve para com Deus maior merecimento em se fazer capaz para publicar as glorias da Divindade, o Collegio Apostolico, ou S. Jeronimo? Respondo. Para S. Jeronimo se dispôr para este Divino ministerio, teve maiores occasioens para merecer, que os Apostolos. Porque nenhum genero de trabalho, tiveraõ os Apostolos em aprender os peregrinos idiomas, em que celebráraõ as grandezas de Deus. O mesmo foi cahir sobre as cabeças dos Apostolos aquella celeste chuva de linguas ardentes, que soltaremse das suas bocas, torrentes de eloquencia em todas as linguas. Pelo contrario aprendeo S. Jeronimo aquella grande variedade de linguas à custa das penalidades de continuos estudos, assiduas vigilias, & trabalhosas peregrinaçoens. Correo toda a Grecia, França, Italia, a Syria, a Palestina, & o Egypto, & aprendeo todas as proprie-

Ecclesia in Officio Pentecost.

dades,

dades, & elegancias da lingua Grega, Latina, Hebréa, Caldaica, Arabica, & Syriaca. De maneira, que o louvar a Deus em muitas linguas, na boca dos Apostolos, foi dadiva do Ceo, & o saber muitas linguas para escrever os louvores de Deus, na penna de S. Jeronimo, foi fruto do incansavel trabalho, com que se aplicou ao estudo das Letras Divinas para credito dos Divinos Luzimentos. No Ceo, tanto maior he a gloria dos Santos, quanto maior foi o desvelo, com que na terra solicitáraõ a gloria de Deus. Supposta esta verdade, que lugar imaginais, que se deu a S. Jeronimo no estado da Bemaventurança? Por ventura está S. Jeronimo assentado no Coro dos Confessores, como retrato da penitencia, ou no Coro dos Apostolos, como defensor da Igreja? Mais alto, & mais levantado está o trono da vossa gloria, ô Divino Jeronimo! No capitulo 36 da vida de S. Jeronimo, tenho achado, que S. Joaõ Bautista, apparecendo a S. Agustinho, lhe encommendara, que manifestasse a todo o Mundo, que S. Jeronimo estava a par delle nos apozentos da gloria. Soberana exaltaçaõ da gloria do nosso Santo! He opiniaõ commua, que no Celeste Consistorio dos Bemaventurados, occupa S. Joaõ Bautista o terceiro lugar. Christo Senhor Nosso tem o primeiro, a Virgem Nossa Senhora o segundo, & S. Joaõ Bautista o terceiro. Logo se S. Jeronimo está no Ceo ao lado do grande Bautista, podemos piamente crer, que S. Jeronimo he a quarta pessoa da Corte Celestial. Mas que outra cousa he esta taõ sublime gloria de S. Jeronimo no Ceo, senaõ o premio da Doutrina, com que elle solicitou a gloria de Deus neste Mundo? Naõ quero agora ponderar, se a constancia dos Martyres, dá a Deus maior gloria, que a sciencia dos Doutores: sô digo, que S. Jeronimo, supposto que naõ padeceo o martyrio, alcançou maior glo-

ria, que os Martyres. E naõ vos admire a maioria desta remuneraçaõ. Porque achareis no Evangelho, que tal vez dá Deus maiores premios de gloria a hum Santo Doutor, que a hum Santo Martyr. Eis aqui a prova.

195. Morreo Santo Estevaõ com preeminencias de Doutor, & com prerogativas de Martyr: como Martyr se offerecéo Santo Estevaõ aos tormentos, & pedio perdaõ para os seus verdugos: *Domine Jesu, suscipe spiritum meum, & ne statuas illis hoc peccatum.* (*Act. Apost. cap. 7. vers. 59.*) Tambem como Doutor, inculcou Santo Estevaõ aos Judéos, que o apedrejavaõ, a observancia dos preceitos Evangelicos: *Accepistis legem in dispositione Angelorum, & non custodistis.* (*Act. Apost. 7. 53.*) Aqui o meu reparo. A estas ultimas palavras, & naõ ás primeiras, se rasgáraõ os Ceos, & vio Santo Estevaõ a gloria de Deus: *Et intendens in Cœlum vidit gloriam Dei.* (*Ibid. vers. 55.*) Valhame o Ceo! Ao Protomartyr Santo Estevaõ se offerecem os premios da gloria, naõ quando padece, mas quando ensina? Sim: que supposto que o acto de padecer, he mais heroico, que o de ensinar; muitas vezes, mais se augmenta a gloria de Deus, com as advertencias de huma proveitosa doutrina, que com as penalidades de hum rigoroso martyrio: & por isso se abrem as portas do Empyreo a Santo Estevaõ, quando exercita o officio de Doutor, & naõ quando sacrifica a vida com zelo de Martyr: *Patet ergo Dei gloria, non quidem cum patitur, sed cum docet; maiora enim interdum Doctoribus, quam ipsis etiam Martyribus gloriæ dona conceduntur.* (*Corduba in Reges pag. 639. c. 2. n. 7. & n. 6.*) Logo naõ he maravilha, que se concedesse a S. Jeronimo tanta gloria, quando houve em S. Jeronimo tanta Sciencia. Foi S. Jeronimo o Feniz dos Doutores, & foi a sua Doutrina taõ Divina, que merecéo ser ouvida com huma attençaõ, & veneraçaõ semelhante à com que se ouvio a Doutrina do mes-

mesmo Filho de Deus. Com o Filho de Deus transfigurado no Thabôr, assistiraõ Moyses, & Elias: & a estes dous Doutores da Ley Antiga, mandou o Padre Eterno, que ouvissem a Doutrina de seu Filho: *Hic est Filius meus dilectus, ipsum audite.* Como se o Eterno Pay dissera. Calese Moyses, & naõ falle Elias, que sò o Filho de Deus, que tudo sabe, merece todas as attençoens: *Ipsum audite.* No tempo de S. Jeronimo governava o Papa S. Damaso a Igreja: & para com S. Jeronimo fez o Padre Santo, o que o Eterno Padre fez para com Christo. Porque quiz que todos ouvissem a S. Jeronimo, como o melhor Interprete dos Divinos Oraculos: *Ipsum audite.* Naquella era floreciaõ os mais insignes Doutores do Mundo, S. Basilio, S. Gregorio Nazianzeno, S. Cyrillo Jerosolymitano, S. Gregorio Nisseno, S. Joaõ Chrysostomo, S. Pedro Chrysologo, S. Gaudencio, S. Paulino, S. Epifanio, S. Ambrosio, & finalmente S. Agustinho. Mas a todos poz silencio a soberana Doutrina do grande Jeronimo: *Ipsum audite.* Falla S. Jeronimo? Calemse os Basilios, os Nazianzenos, os Cyrillos, & os Nissenos. Calemse os Chrysostomos, & naõ fallem os Chrysologos: *Ipsum audite.* Emmudeçaõ os Gaudencios, os Paulinos, os Epifanios, escutem os Ambrosios. E quando falla S. Jeronimo, esteja attento o mesmo Agustinho: que Santo Agustinho escrevendo a S. Jeronimo, confessa, que espera da sua boca a soluçaõ das difficuldades, que naõ penetra: *Consulens te de his, quæ nescio, fructuosum nobis esse velis.* Da Aguia, escrevem os Naturaes, que na sua presença emmudecem todas as aves. Aves do Ceo, saõ os Doutores da Igreja, & os Interpretes da Escritura: mas S. Jeronimo he a Aguia, que a todos poem silencio, porque de todas as traducçoens do Antigo, & Novo Testamento, sò a de S. Jeronimo està univer-

Lucæ cap. 9. vers. 35.

ſalmente aprovada, & recebida da Igreja Romana: *Ipſum audite.* Em concluſaõ, he S. Jeronimo entre os Sagrados Eſcritores, o que he o Sol entre as Eſtrellas: que ſuppoſto que as Eſtrellas ſaõ linguas do Ceo, que publicaõ as glorias de Deus: *Cæli enarrant gloriam Dei:* as grandezas da Divindade melhor ſe deſcobrem no Sol, que em todas as Eſtrellas juntas. E por iſſo diz David, que o Sol he o trono das divinas grandezas: *In ſole poſuit Tabernaculum ſuum.* Do meſmo modo, as obras de Deus, que eſtavaõ como eſcondidas nas ſagradas ſombras da Eſcritura, ſe fizeraõ mais claras nos eſcritos de S. Jeronimo, que nos livros de todos os Interpretes do Evangelho: & por iſſo chamei a S. Jeronimo, luz do Mundo Arquetypo, que he Deus. Vejamos neſte ſegundo diſcurſo, como S. Jeronimo foi a luz do Mundo Myſtico, que he a Igreja: *Vos eſtis lux Mundi.*

Pſalm. 18. verſ. 1.

Pſalm. 18. n. 6.

II. PARTE.

196. No Capitulo nono do ſeu Apocalypſe, eſcreve S. Joaõ, que das profundas voragens de hum abiſmo, ſe levantáraõ nuvens de fumo, que eſpalhadas pelos Ares, eſcurecéraõ o Sol: *Aſcendit fumus putei, & obſcuratus eſt Sol.* Por eſtas nuvens, entendem alguns Interpretes, as hereſias, que no Ceo da Igreja, eſcurecem o Sol da verdade. Na Era de quatro centos, em que vivia S. Jeronimo, ſe vio a Igreja quaſi toda eclipſada, & amortalhada em ſombras: porque naõ ſó ſe oppuzeraõ ás ſuas luzes, os erros dos Hereſiarcas, Vigilancio, Pelagio, Montano, & Joviniano: mas taõ alto ſubíraõ os eſcuros vapores da hereſia, que chegáraõ aos dous maiores Aſtros da Chriſtandade, o Papa, & o Emperador: o Papa Liberio, & o Emperador Conſtancio, ambos de dous defenſores acerrimos da Seyta dos Arrianos, & obſtinados per-

Apocal. 9. verſ. 2.

In hoc habetur deteſtabilis, quod Liberium Romanæ urbis Epiſcopum, pro Fide ad exilium pergentem, primus ſollicitavit, ac fregit, & ad ſubſcriptionem hæreſeos compulit. Hieronym. de Scriptoribus Eccleſiaſticis in Fortuniano.

Liberius tædio victus exilii, in hæreticam pravitatem subscribens, Romam quasi victor intravit. Hieronym. in Chronico. Ex Baron. Ann. 357. n. 41.

perſeguidores dos ſequazes da verdade. Lamentavel deſconcerto, em que a Igreja vio a ſabedoria do ſeu Pontifice degenerada em cegueira, & o poder do ſeu Emperador trocado em Tirania. Mas conſolate, Divina Eſpoſa de Chriſto, que no meio de tantas trevas, lança S. Jeronimo as ſuas luzes; & os rayos da ſua Doutrina, te reſtituiráõ os primeiros reſplandores. Primeiramente, contra os erros do Papa Liberio, ſe armou S. Jeronimo, com taõ felice ſucceſſo, que o Papa deteſtou a ſacrilega opiniaõ dos Arrianos, foi chamado a Roma, & reſtituido ao trono Pontificio. Glorioſa victoria, que excede todas as conquiſtas dos Varoens Apoſtolicos! Porque huns convertéraõ algumas Provincias, & outros reduziraõ ao jugo da Fé alguns Reynos: mas cooperando S. Jeronimo à converſaõ de hum Summo Pontifice, fez huma taõ glorioſa acçaõ, que ſe póde igualar à reſtauraçaõ de hum Mundo. Depois de Chriſto Senhor

Liberius deinde post exactum in exilio biennium inflexus est, minisque mortis ad subscriptionem inductus est. Athanasius in Epiſtola ad Solitarios.

Vertisti deinde usque ad Romam bellum tuum, eripuisti illinc Episcopum, & ô e miserum, qui nescio utrum maiori impietate relegaveris, quã remiseris. S. Hilarius ad Conſtãtium.

Noſſo, foi S. Pedro, o primeiro Pontifice da Igreja, & depois daquellas repetidas infidelidades, com que negou a ſeu Senhor, diz o Evangelho, que o Senhor ſe convertéo a Pedro: *Conversus Dominus respexit Petrum.* Quem ſe converte a huma parte, ſe diverte d'outra. Logo ſe o Senhor ſe converte a Pedro, he ſinal, que ſe diverte d'algum outro cuidado. Aſſim paſſa. Naquelle tempo conſagrado à Paixaõ do Senhor, cuidava o Senhor na Redempçaõ do Mundo; mas parece que interrompeo por algum tempo eſte cuidado, para cuidar na converſaõ de Pedro; porque eſtava Pedro eleito para ſupremo Pontifice: & a converſaõ de hum Papa, he em certo modo taõ conſideravel, como a Redempçaõ de hum Mundo: *Conversus Dominus respexit Petrum.* Tendo pois S. Jeronimo a gloria de ſolicitar com ſua Doutrina, a converſaõ do Papa Liberio, claro eſtá, que S. Jeronimo ſobrepujou a todos os

Luc. cap. 22. verſ. 61.

Heroes do Evangelho: porque se huns foraõ Apostolos das Espanhas, & se outros merecéraõ o titulo de Apostolos das Indias, chegou S. Jeronimo a ser Apostolo de todo o Mundo, porque restituio ao corpo da Igreja a sua cabeça, na pessoa de hum Pontifice cegamente arrebatado dos delirios da heresia Arriana.

197. Com o mesmo zelo, mas com differente successo, se oppoz S. Jeronimo aos erros do Emperador Constancio, que sendo S. Jeronimo a Estrella de Bellem, por sua conta corria, guiar os Monarcas ao conhecimento da verdade. O sagrado lugar de Bellem (se bem advertirdes) teve em differentes tempos, duas clarissimas Estrellas: a Estrella dos Sabios, & a sabedoria de S. Jeronimo. Mas na minha opiniaõ, grandes ventajens levou a segunda Estrella à primeira: a Estrella dos Sabios sò alumeou os Monarcas do Oriente, & a sabedoria de S. Jeronimo derramou suas luzes em todos os Imperios da Christandade. A Estrella dos Sabios naõ estava fixa no Ceo, mas errante: & a sabedcria de S. Jeronimo, foi taõ solida, & permanente, que nunca se desviou do centro da verdade. A Estrella dos Sabios naõ se movia, quando paravaõ; & tornava a andar, quando caminhavaõ, accommodandose ao arbitrio, & ao passo dos seus sequazes. Mas a sabedoria de S. Jeronimo naõ contemporizou com inclinaçoens alheias, por naõ cahir em criminosas complacencias. A Estrella dos Sabios mostrou a evidencia de hum sò misterio da Fé, a saber Deus humanado, & nascido em hum Presepio: & a sabedoria de S. Jeronimo manifestou todos os misterios da Fé; porque na interpretaçaõ das Escrituras mostrou a Deus Criador, no Genesis: Deus Libertador, no Exodo: Deus Santificador, no Levitico: Deus Legislador, nos Numeros, & no Deuteronomio: Deus Executor da Justiça, no Livro dos Juizes:

Deus Arbitro das Coroas, nas Historias dos Reys: Deus Sabedor dos futuros, nos Livros dos Profetas: E Deus Encarnado, Nascido, Sacramentado, Morto, & Resuscitado, nos Livros da Ley Evangelica. Em conclusaõ, os Sabios, que chegáraõ a Bellem guiados da Estrella, voltáraõ para a Patria destituidos da luz, que os accompanhára, porque desapparecéo a Estrella: mas os que buscáraõ a S. Jeronimo em Bellem levados da sua fama, voltáraõ illustrados da sua sciencia. E senaõ, digaõno aquelles famosos Varoens contemporaneos de S. Jeronimo, Sulpicio Severo, Paulo Orosio, Paulino, Alipio, & Heliodôro, que consultáraõ a S. Jeronimo na gruta de Bellem, com maior respeito, & veneraçaõ, da com que os Antigos consultavaõ o Oraculo do seu fabuloso Apollo na Cidade de Delfos. De sorte que, no tempo de S. Jeronimo, era Bellem a Academia da Fé, o Areopago da Igreja, & a Sagrada Universidade do Christianismo, em que se decidiaõ as questoens propostas no Vaticano, ou ventiladas nos Concilios: porque nas materias concernentes à Fé, naõ se tinha por certo, senaõ o que S. Jeronimo aprovava, nem se sentia por erroneo, senaõ o a que contradizia o mesmo Jeronimo: como consta das palavras do Papa Gelasio no Concilio Romano: *Illa sentimus, quæ Beatum Hieronymum sentire cognoscimus.* *Distinct. 10. cap. Sancta Romana, &c.*

198. Tem o nosso entendimento dous generos de luzes, a luz da razaõ, & a luz da Fé; com a luz da razaõ, conhecemos as verdades humanas, & com a luz da Fé, as Divinas: por isso teve S. Jeronimo huma taõ grande noticia dos Divinos misterios, porque mais se regulava pela luz da Fé, que pela luz da razaõ. Aprendamos do maior dos Doutores a cobrir os olhos da razaõ com o veo da Fé; porque com esta misteriosa cegueira, alcançaremos os maiores misterios.

sterios. O Divino Sacramento do Altar, he o misterio da Fé: *Mysterium Fidei.* Logo pede a razaõ, que nos naõ valhamos da luz da razaõ, para conhecermos a Deus no Sacramento. Se buscarmos a Deus no Sacramento com a luz da razaõ, o veremos, & naõ o conheceremos: & se o buscarmos com a luz da Fé, o conheceremos, aindaque o naõ vejamos. Os Reys Magos buscáraõ a Christo em Bellem, & os Judéos buscáraõ a Christo no Horto: os Magos guiados de huma Estrella, & os Judéos alumeados de huma lanterna: os Magos conheciaõ a Christo, & naõ o viaõ: naõ viaõ a Christo, porque instavaõ em saber aonde estava: *Ubi est qui natus est?* Porèm conheciaõ-no, porque lhe davaõ o titulo, que lhe competia: *Rex Judæorum.* Os Judéos pelo contrario, viaõ a Christo no Horto, & naõ o conheciaõ: viaõ a Christo, porque fallavaõ com elle: *Responderunt ei:* & comtudo naõ o conheciaõ, porque foi preciso, que Christo os certificasse, que era aquelle a quem buscavaõ: *Dicit eis Jesus, ego sum.* Mas de donde nasce huma taõ grande perspicacia nos Magos, que conhecem a Christo, sem o ver: & donde se origina huma taõ enorme cegueira nos Judéos, que vem a Christo, sem o conhecer? Nasce esta differença da diversidade das luzes. A Estrella, que guiava aos Magos, era huma luz do Ceo, em que se significa a Fé; & a lanterna, que alumeava aos Judéos, era huma luz da terra, em que se simboliza a razaõ. Buscar a Deus no Sacramento com a luz da razaõ, he querer ver a Deus com huma lanterna: & quem assim busca a Deus, ainda que o veja, naõ o conhece: mas buscar a Deus no Sacramento com a luz da Fé, he querer ver a Deus com huma Estrella: & quem assim busca a Deus, o conhece, aindaque o naõ veja. Taõ grande era a luz da Fé, com que S. Jeronimo adorava a Deus no Sacramento,

Matth. cap. 2. vers. 2

Joan. cap. 18. vers. 5

Ibid.

mento, que esta luz visivelmente redundava do mais intimo d'alma de S. Jeronimo, à exterior figura do seu corpo. E algumas vezes, quando S. Jeronimo teve ao Sol sacramentado no peito, se vio no seu rosto, huma Aurora de Divinos resplandores. Mas para remate deste segundo discurso, digamos, que para o Ceo agradecer a S. Jeronimo as luzes, com que alumeava a Igreja, derramava sobre S. Jeronimo diluvios de luzes. Viose hum dia a cella de S. Jeronimo cheia de huma luz mais clara que o Sol, & no meio desta luz, apparecéo Christo Senhor Nosso, & a Virgem Nossa Senhora, com todos os Coros dos Anjos, & Santos da Corte Celestial. Que tendo S. Jeronimo communicado tantas luzes à Igreja, razaõ era que se visse S. Jeronimo coroado com todas as luzes da Gloria. Vio Joseph em sonho, que o Sol, a Lua, & as Estrellas, abatiaõ a seus pés a magestade dos resplandores. Foi esta visaõ huma profecia das grandezas, a que a sciencia de Joseph o havia de levantar no Reyno do Egypto. Mas em que se experimentou esta sciencia de Joseph? Na interpretaçaõ de alguns sonhos. Logo se Joseph conseguio huma taõ grande gloria, por haver interpretado os sonhos de Faraô: muito maior gloria merece S. Jeronimo, que interpretou todas as verdades do Antigo, & Novo Testamento. Vejase pois S. Jeronimo, assistido do Sol, da Lua, & das Estrellas: do Sol, na Pessoa de Christo: da Lua, na Pessoa da Senhora: & das Estrellas, na companhia dos Anjos, & Santos do Ceo. E conheça o Mundo, que a Igreja Triunfante communica a S. Jeronimo suas luzes; porque S. Jeronimo foi a luz da Igreja Militante. Temos visto como S. Jeronimo foi a luz do Mundo Arquetypo, que he Deus, & a luz do Mundo Mystico, que he a Igreja. Resta, que vejamos, como S. Jeronimo, foi a luz do

Mun-

Mundo Monastico. *Vos estis lux Mundi.*

III. PARTE.

199. Para provar que S. Jeronimo foi verdadeiro Patriarca, & Fundador desta Sagrada Religiaõ, compuzeraõ gravissimos Historiadores muitos volumes: & supposto que alguns curiosos investigadores da Origem das Familias Religiosas, duvidáraõ desta verdade, quero atalhar as suas litigiosas controversias: & digo, que he ignorancia, & temeridade, o contradizer ao que os Summos Pontifices declaráraõ nas suas Bullas, Diplomas, & Privilegios. Porque o Papa Eugenio Quarto, Gregorio Undecimo, Pio Quinto, & outros, confirmaõ com palavras autenticas esta antiga descendencia. Por onde entendo, que S. Jeronimo foi taõ verdadeiro Pay, & Fundador dos Reverendos Padres Jeronimos, como S. Agustinho o foi dos Agustinhos, S. Francisco dos Franciscanos, S. Domingos dos Dominicos, & S. Caietano dos Theatinos. Edificou S. Jeronimo o seu primeiro Convento em Bellem, junto ao Presepio de Christo: & naquelle mesmo lugar, em que Deus encarnado começou a viver vida humana, deu S. Jeronimo principio a huma vida celeste, & divina: *Cœlestem quamdam vitæ rationem instituit.* Saõ palavras, que hoje canta a Igreja no Officio de S. Jeronimo. Vida celeste, & divina chamo à vida monastica, de que S. Jeronimo foi instituidor: que a vida monastica, & solitaria, he taõ divina, que das tres Divinas Pessoas, sô a primeira possuio com singularidade a perfeiçaõ desta divina vida. No Capitulo quinto de S. Mattheus, exhorta Christo Senhor Nosso aos fieis, a que sejaõ taõ perfeitos, como seu Eterno Pay: *Estote ergo & vos perfecti, sicut & Pater vester cœlestis perfectus est.* Matth. cap. 5. vers. 48. Mas que perfeiçaõ pôde haver no Pay, que naõ seja commua ao Filho, & ao Espiritu Santo? Direi,

rei. Naõ ha duvida, que as tres Pessoas Divinas saõ igualmente perfeitas; porèm fallando ao modo humano, teve o Eterno Pay huma singularidade, que naõ se acha no Filho, & no Espirito Santo: & he, que o Filho, & o Espirito Santo baixáraõ à terra, & communicáraõ com o Mundo: o Filho se fez homem, & o Espirito Santo se mostrou taõ humano, que se fez todo linguas, para fallar por boca dos Apostolos a todas as Naçoens: mas naõ se acha em todo o Evangelho, que o Eterno Pay tomasse figura visivel aos olhos humanos. E se alguma vez se ouvio a sua voz, como no Jordaõ, & no Thabôr, nunca se vio objecto algum, em que se representasse a sua Pessoa: *Solus Pater*, diz S. Bernardo, *Solus Pater legitur non descendisse in terras, cum Filius, & Spiritus Sanctus descenderint. Pater denotat summos contemplantes.* O Eterno Pay, he o exemplar dos Contemplativos, & dos Solitarios: porque supposto que na geraçaõ, & espiraçaõ eterna, sempre communica com o Filho, & com o Espirito Santo, esta communicaçaõ he toda divina, & naõ tem nada de humano. Bem sei, que o Filho, & o Espirito Santo, naõ por isso saõ menos perfeitos, porque communicáraõ com os homens; mas antes esta communicaçaõ foi prova de hum perfeito amor: porèm o estar retirado, & apartado de todo o trato, & communicaçaõ com o Mundo, he huma perfeiçaõ divina, que ao nosso modo de entender, melhor se conhece na Pessoa do Pay, que na do Filho, & do Espirito Santo.

Bernard. lib. de gradibus humilitat.

200. Esta divina incommunicabilidade, he o brazaõ das perfeiçoens de S. Jeronimo, & de seus Filhos. A contemplaçaõ, he o seu cuidado: a solidaõ, a sua companhia: a sua recreaçaõ, he o coro: & a sua conversaçaõ, o silencio: & como verdadeiros irmaõs de Christo, criados no seu berço, & no seu Presepio, imitaõ as perfeiçoens de seu Eter-

Matth. cap. 5. vers. 48. Eterno Pay: *Estote ergo & vos perfecti, sicut & Pater vester cœlestis perfectus est.* Deus em todas as partes está sô, porque sempre he hum em todas as partes, & a Trindade naõ impede a solidaõ, porque naõ exclue a unidade: os Filhos de S. Jeronimo saõ muitos, & saõ sôs: saõ muitos no numero; & saõ sôs no retiro: & quanto mais retirados, mais luzidos. O Religioso he como a pintura. E parece, que delle fallou o Ecclesiastico, quando disse: *Cor suum dabit in similitudinem picturæ.* *Ecclesiastic. cap. 38. vers. 28.* Naõ se conhece a perfeiçaõ de huma pintura, senaõ nos longes, a distancia descobre as excellencias d'arte, & a vizinhança as confunde. Saõ os Filhos de S. Jeronimo, pinturas celestes, em que se vem todas as virtudes retratadas, & quanto mais se afastaõ da vista, mais se acreditaõ na estimaçaõ. Em Bellem, lugar despovoado, foi adorado o Senhor, & em Jerusalem, Cidade populosa, foi o mesmo Senhor crucificado como criminoso: taõ arriscado está o credito da virtude nos publicos, & taõ seguro nos retiros. Naõ se logaõ os frutos das Arvores plantadas ao longo dos caminhos: & frutificaõ com abundancia as plantas cultivadas na clausura de hum jardim, ou no descampado de hum monte. Por isso deu a Religiaõ de S. Jeronimo tantos frutos de doutrina, & de exemplo à Igreja, porque tanto se apartou do commercio do Mundo. O mais alto dos Ceos, he o Empyreo: & com razaõ está taõ apartado de nós, porque he a casa de Deus, & a morada dos Santos. Oh Sagrada Religiaõ de S. Jeronimo, o que tens de mais apartada, isso tens de mais divina. Desapareceo Henoc dos olhos dos homẽs, & dá a Escritura a razaõ, dizendo, que Deus o levára: *Non apparuit, quia tulit eum Deus.* *Genes. cap. 5. vers. 24.* Naõ apparecem os Filhos de S. Jeronimo, porque estaõ com Deus; invisiveis sim, mas divinos. A maior luz do Mundo he a do Sol, & esta maior luz, he a mais soli-

solitaria, porque naõ admitte na sua companhia a das Estrellas. Mas he o Sol taõ glorioso na sua soledad, que quanto mais se retira, mais he buscado. Apenas se retira o Sol deste Hemisferio para o outro, quando as Estrellas occupaõ com luminosos esquadroens todos os postos, & caminhos do Ceo: como se buscáraõ o Sol anciosas, & impacientes, de lhe offerecer o tributo dos seus resplandores. Do mesmo modo, os Astros das mayores Monarquias, quero dizer, os Reys de Portugal, & Castella, buscáraõ aos Filhos de S. Jeronimo nos apertados retiros da sua clausura, & à imitaçaõ dos Reys do Oriente, lhe offerecéraõ, como a Christo no Presepio de Bellem, seus donativos, Ouro, Incenso, & Mirra.

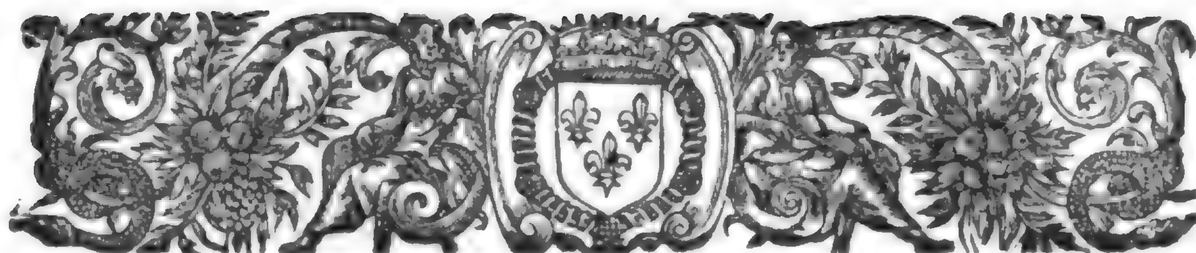
201. Quanto ouro despendéraõ os Reys, na sumptuosa Arquitectura de tantos Templos, & Conventos, que levantáraõ, querendo que na magnificencia da habitaçaõ, se divisassem as preeminencias dos habitadores? Tambem os Reys lhe offerecéraõ o incenso dos seus louvores, encomios, graças, & privilegios; porque os Filhos de S. Jeronimo sempre foraõ os amores dos Principes, & os Benjamins das Magestades. Finalmente os Reys lhe offerecéraõ a Mirra da sua mortalidade, nas Urnas, & Mausoléos, em que descançaõ seus ossos. E se os Reys do Oriente buscáraõ a Christo, quando vivos: os maiores Potentados da Europa buscaõ aos Filhos de S. Jeronimo, ainda depois de mortos, eternizando as chamas do seu amor no deposito das suas cinzas. Proseguíra mais largamente esta materia, & com novos argumentos tornára a provar, que S. Jeronimo, & seus Filhos, saõ a luz do Mundo: *Vos estis lux Mundi:* mas naõ saõ precisas as provas, quando saõ claras as evidencias. Naõ necessita a luz de pregoeiros, porque ella mesma chama a si os olhos, & em qualquer parte que está, se descobre, porque luz. Sagradas Luzes

das

das virtudes, & glorias de S. Jeronimo, manifestaivos vós mesmas a vós, que os vossos resplandores cegaõ aos que os contemplaõ. E se naõ sois infinitas, taõ excessivas sois, que vos communicais a tres Mundos, ao Mundo Archetypo, ao Mundo Mystico, & ao Mundo Monastico. No Mundo Arquetypo, luzio a sciencia de S. Jeronimo: no Mundo Mystico, o seu zelo: & no Mundo Monastico, a sua penitencia. Com a sciencia, manifestou S. Jeronimo as obras de Deus, na Escritura: com o zelo, defendéo as verdades da Fé, na Igreja: & com a penitencia, experimentou todas as asperezas da vida, na Religiaõ. A sciencia de S. Jeronimo, he para os Doutos: o seu zelo, he para os Prelados: mas a sua penitencia, he para todos. Porque naõ há homem, sem peccado, & naõ ha de haver peccado, sem penitencia. Arrependamonos das nossas culpas, & peçamos ao Author da Graça, que todos os que hoje em Bellem celebramos as memorias de S. Jeronimo, cheguemos a ser companheiros da sua Gloria, na Celeste Jerusalem: *Ad quam, &c.*



SER-



SERMAM
NOS DESAGGRAVOS DO
SACRILEGIO
COMETIDO
NA IGREJA PAROCHIAL
do lugar de Odivellas,

Prégado na Igreja de Santa Clara, aos 12. de Mayo de 1682.

Qui manducat hunc panem, vivet in æternum.
Joan. 6. verſ. 59.

202. Ambem lugares piquenos, daõ lugar a grandes delitos. E contra a opiniaõ dos que ſe perſuadem, que ſó as grandes Cidades, ſaõ a patria de criminoſas exorbitancias, chegou a experiencia a moſtrar, que a limitada esfera de huma Aldea, he ſufficiente para admitir huma monſtruoſa multidaõ de ſacrilegos exceſſos. Se ha peccados

cados naturalmente taõ mimoſos, que ſò ſe criaõ nos melindres da Corte, & nas delicias dos Palacios: ha outro genero de peccados, por ſua natureza taõ ruſticos, & agreſtes, que buſcaõ o ſolitario dos montes, para Theatro de ſeus deſatinos. Os dous primeiros peccados dos homens, naſcéraõ como feras, no deſcampado de hum deſerto, porque no Paraiſo terreal, que era taõ falto de habitadores, que nelle ſò ſe achavaõ duas peſſoas, a ſaber, Adaõ, & Eva, ſe cometeo o primeiro roubo, que ſe fez no Mundo: & em outro lugar taõ deſpovoado, que nelle ſò aſſiſtiaõ dous homens, a ſaber Caim, & Abel, ſe executou o primeiro homicidio: funeſtos preſagios de que algum dia, huma piquena povoaçaõ, havia de ſervir de berço aos partos da mais execranda impiedade. Na funebre recordaçaõ deſte lamentavel acontecimento, naõ ſò conſidero a limitaçaõ do lugar, mas pondo os olhos na vileza do delinquente, entendo, que para fazer maior injuria a Deus, ſe valeo o Demonio do mais baixo, & mais vil dos homens para executor deſte ſacrilegio. Que nenhuma couſa mais abate a grandeza da peſſoa offendida, que a baixeza do offenſor. Contra Faraô, naõ quiz Deus armar a braveza dos Tigres, & a generoſa ſevicia dos Leoens; que ſaõ os mais imperioſos, & mageſtoſos animaes da terra: mas como advertio S. Aguſtinho, com moſquitos, & outros viz inſectos, caſtigou Deus a Faraô, ſollicitando os deſprezos da ſua ſoberania, com a vileza dos ſeus verdugos: *Superbiam Pharaonis, potuit Deus de Urſis, & Leonibus domare: Muſcas tamen, & Ranas illi immiſit, ut rebus viliſſimis ſuperbus domaretur.* Do meſmo modo, tirou o Demonio das fezes da plebe, o inſtrumento dos opprobrios da Divindade, & na fatal noite deſtinada a eſtes infernaes deſacatos, viraõ os Santos as ſuas Imagens deſpojadas de ſeus ornatos, derrubadas dos alta-

D. Auguſtinus, quem citat Vega tom. 3 in Judices p. 203.

Altares, & lançadas por terra: viraõ os Anjos, o Santuario da Divindade profanado: vio a Rainha dos Anjos a ſua Imagem indecentemente deſcompoſta: & o meſmo Deus Sacramentado ſe vio nas maõs immundas, & na ſacrilega boca de hum infame, que nunca houvera ſido conhecido no Mundo, ſe naõ ſe fizera conhecer na violenta confiſſaõ de ſuas impias temeridades.

203. Meu Divino Senhor, muitos Sacrilegios antigamente ſe cometèraõ contra o decôro da voſſa gloria; mas os authores daquellas afrontoſas irreverencias, eraõ poderoſos Monarcas: & poſto que no tribunal da voſſa juſtiça, os ſoberanos ſaõ igualmente culpados, que os plebeyos, a ſuprema authoridade daquelles criminoſos, diminuia na opiniaõ do Mundo, a grandeza dos ſeus delitos. Do Templo de Jeruſalem, tirou Balthaſar os Vaſos Sagrados, & os contaminou na profana magnificencia de hum banquete: mas era Balthaſar, Rey de Babilonia, & o ſeu crime, ſuppoſto que injurioſo ao voſſo nome, era crime de huma cabeça coroada. No meſmo Templo, profanou Antioco os Altares, & os deſpojou de ſeus precioſos apparatos: mas era Antioco Rey da Syria, & as ſuas maõs, aindaque ſacrilegas, tratavaõ o ſceptro, & governavaõ as redeas de hum Imperio. Em concluſaõ, naquelles antigos delirios da humana impiedade, authorizavaõ os diademas a ſemrazaõ das culpas: os meſmos que eraõ reos, eraõ Reys, & os Templos conſagrados à voſſa Divina Mageſtade, no meyo dos ſeus deſprezos, tinhaõ a gloria de haver por deſprezadores as mageſtades da terra: mas o author do Sacrilegio, de que hoje ſe renova a luctuoſa memoria, era o mais abjecto dos homens, o diſcredito dos racionaes, o eſcandalo dos viventes, o opprobrio do genero humano, & a ignominia do Mundo. E razaõ he, que a lembrança de hum

taõ abominavel excesso, viva eternamente nas nossas memorias, para a restauraçaõ da vossa gloria, & para o supplicio da sua impiedade. No Sacramento do Altar nos promete o Senhor huma vida eterna: *Qui manducat hunc panem, vivet in æternum.* E em agradecimento deste eterno beneficio, havemos de eternizar a lembrança, & a satisfaçaõ dos aggravos, que se fazem a este Divino Sacramento. Tres cousas eternizaõ a memoria de hum aggravo, a consideraçaõ da offensa, o castigo do offensor, & a satisfaçaõ do offendido. Na consideraçaõ da offensa, se eterniza o sentimento: no castigo do offensor, se eterniza o zelo: & na satisfaçaõ do offendido, se eterniza o desaggravo. Vamos ponderando nas tres partes do Sermaõ, estas tres misteriosas eternidades, com que nos anticipamos a pagar ao Senhor o beneficio da eternidade, que nos promete na participaçaõ do Divino Sacramento: *Qui manducat hunc panem, vivet in æternum. Ave Maria.*

Ioan. cap 6. vers. 59.

I. PARTE.

204. Primeiramente, na consideraçaõ da offensa, se eterniza o sentimento; porque o sentimento ha de ser igual à offensa, & esta foi por todas as circunstancias excessiva. Os maiores crimes do Mundo, saõ os a que chamaõ, crimes de lesa magestade: & neste detestavel Sacrilegio, acho tres differentes magestades offendidas: as magestades humanas, as magestades Santas, & a Magestade Sacramentada. As magestades humanas, saõ os Reys: as magestades Santas, saõ os Santos: & a Magestade Sacramentada, he Deus no Sacramento. Em primeiro lugar no roubo dos Vasos Sagrados, & no sacrilego desacato do Sacramento do Altar, ficáraõ offendidas as magestades humanas, porque o Sacramento do Altar, he a maior riqueza de hum Reyno, & a Eucharistia, considerada como Sacrifi-

cio, que se offerece a Deus, he o verdadeiro thesouro de huma Monarquia. No Presepio, offerecérão os Reys do Oriente, os seus thesouros ao Verbo encarnado: & acho que neste Real tributo, o incenso he chamado, thesouro: *Apertis thesauris suis, obtulerunt ei munera, aurum, thus, &c.* Que o ouro seja chamado thesouro dos Reys, naõ me admiro; porque com o ouro, armaõ os Reys os exercitos, sustentaõ os vassallos, edificaõ Templos, fabricaõ Cidades, conquistaõ Reynos, & avassallaõ Imperios. Mas que razaõ haverá para se chamar thesouro, o incenso, que naõ he outra cousa, senaõ huma lizonja do olfato, hum perfume aromatico, huma suave exhalaçaõ, & huma fumosa fragrancia? Eis aqui a razaõ. De ordinario o incenso entra nos sacrificios, que se offerecem a Deus; logo o incenso he parte do Sacrificio: & por isso he hum thesouro; & thesouro Real; porque os Sacrificios, que se fazem a Deus, saõ os thesouros dos Reys. Santo Ambrosio: *Thesaurus Regni, est Sacrificium Dei.* Com muito maior razaõ se póde a Eucharistia chamar, thesouro dos Reys, porque o incenso, sô he o fumo do Sacrificio, & a Eucharistia he a substancia do incruento Sacrificio do Altar. Esta Divina substancia pois he o maior thesouro de hum Reyno, porque nella se encerraõ todos os thesouros do Ceo, & da terra: os thesouros do Ceo, na Alma, & na Divindade de Christo: & os thesouros da terra, no Corpo de Christo Sacramentado. Naõ consistem os thesouros dos Reys, nos tributos dos subditos, na opulencia das provincias, & na riqueza das conquistas: todos estes bens, saõ instrumentos da vaidade, trofeos da ambiçaõ, & theatros da inconstancia. Sô o Sacramento da Eucharistia, he o thesouro dos Reys: *Thesaurus Regni, est Sacrificium Dei.* E o Sacrilego, que pôz as maõs indinas nos Vasos Sagrados do Altar, tantos thesouros roubou

Matth. cap. 2. vers. 11.

Ambros lib. 1. de Fide ad Gratianum.

bou ao Reyno, quantas foraõ as Hostias Consagradas, que consumio, cometendo no mesmo tempo dous crimes de lesa magestade, hum crime de lesa magestade Divina, na impia execuçaõ do Sacrilegio, & outro crime de lesa magestade humana, na violenta usurpaçaõ dos thesouros do Reyno.

205. O terceiro crime de lesa magestade, que o Sacrilego cometeo, foi a profanaçaõ das Imagens dos Santos, que saõ as magestades, que a Christandade adora: & supposto he provavel, que o barbaro aggressor, mais attendesse ao roubo, que ao desprezo, tratou estas Sagradas Figuras com taõ grande indecencia, que parece se valeo delle o Demonio, para deshonrar a propria Pessoa dos Santos, na descompostura das suas Imagens. Imitou o infernal Tiranno, a inutil vingança d'aquelles, que naõ podendo matar o seu inimigo, rasgaõ o seu retratto, & despedaçaõ a sua estatua: que o odio he huma paixaõ taõ sequiosa de estragos, que quando naõ pôde fazer dano à pessoa, que aborrece, exercita todos os seus rigores contra a figura, que a representa. Que razaõ teve o Demonio para desde o principio do Mundo anhelar a ruina dos nossos primeiros Pays, & juntamente a destruiçaõ de toda a sua descendencia? Se tivera Adaõ derrubado algum Idolo, ou abrazado algum Templo levantado ao Demonio, naõ estranhára no Demonio os effeitos da sua malevolencia para com Adaõ: mas naquelle tempo, ainda naõ havia Templos, nem Idolos, nem podia o Demonio ser aggravado, porque naõ era conhecido. Logo porque razaõ he o Demonio taõ inimigo de Adaõ, que procura de lhe tirar a vida temporal, & a vida eterna, a vida temporal no estado da natureza, & a vida eterna no estado da graça? Responde Basilio do Espirito Santo. O odio, que o Demonio tem a Adaõ, he effeito do odio, que o mesmo Demonio

nio

nio tem a Deus. Vio o Demonio, que Deus fizera o homem à ſua imagem, & ſemelhança, & conhecendo, que naõ tinha a ſua maldade armas ſufficientes para fazer mal a Deus, converteo o ſeu furor contra a Imagem de Deus; derrubou a eſtatua, & apagou o retratto, vendo que naõ podia chegar ao original, & com fruſtrados deſatinos deu ás inſanias do ſeu odio huma apparente ſatisfaçaõ: *Poſtquam Diabolus hominem vidit ad imaginem Dei, & ſimilitudinem factum, cum improbitatis ſuæ vim in Deum non poſſet exercere, eam contorſit in imaginem Dei.* Naõ de outra ſorte neſte caſo. Moſtrou o Demonio o implacavel odio, que tem aos Santos, no violento deſacato das ſuas Imagens: tomou para inſtrumento das ſuas vinganças, as maõs do Sacrilego: deſpedaçou, & arraſtrou os Bemaventurados em eſtatua, & naõ podendo ſer homicida de ſuas Almas, foi o verdugo de ſeus Simulacros. Por impulſo do Demonio, muito maiores exceſſos cometéra eſte impio, ſe as ſuas forças houveraõ ſido iguaes à ſua impiedade: & quando conſumio as eſpecies Sacramentaes, he provavel, que dezejou de poder conſumir, & anniquilar a meſma Divindade Sacramentada. A malicia dos homens, naõ ſò ſe ha de medir pelo que executa, mas pelo que intenta. E ha creaturas taõ inclinadas ao mal, que ſe Deus naõ limitára o ſeu poder, naõ tivera a ſua maldade limites.

Frat. Baſilius à Spiritu Sancto cap. 18.

206. Acho na Eſcritura, que Deus poz preceito ao mar de naõ paſſar os termos, com que encerrou o fluctuante imperio das ſuas ondas: *Huc uſque venies, & non procedes amplius.* E em outro lugar: *Legem ponebat aquis, ne tranſirent fines ſuos.* Parece eſte divino preceito deſneceſſario, porque nenhum elemento pòde naturalmente ſahir do ſeu centro, & o mar tem por centro das ſuas aguas, aquellas immenſas profundidades da terra, em que ſe recolhe, & ſe agazalha

Iob. 38. v. 11.

Proverb. 8. v. 29.

desde o principio do Mundo. Logo se as mesmas leys da natureza obrigaõ ao mar a que naõ passe as rayas, que limitaõ o seu dominio, porque razaõ torna Deus a apertar a liberdade do mar com a intimaçaõ de hum soberano decreto? *Huc usque venies, & non procedes amplius.* O mar, como diz S. Gregorio Nazianzeno, he hum elemento impaciente, furioso, temerario; impaciente, na agitaçaõ das ondas; furioso, na braveza das tormentas: & taõ temerario, que naõ sô pertende inundar a terra com os violentos esforços, com que se espraya pelos campos; mas inchandose, empolandose, & levantando liquidos montes para o Ceo, parece que ameaça naufragios ás estrellas: & para reprimir o cego furor de hum Elemento, que se atreve a mais do que pôde, foi preciso, que Deus lhe puzesse por freyo dos seus desatinos, a inviolavel observancia dos seus preceitos: *Huc usque venies, & non procedes amplius.* Agora entendo a razaõ, porque o Profeta Isaias comparou os impios com o mar, quando se enfurece: *Impij autem, quasi mare fervens.* A impiedade he huma tormenta, em que as paixoens de hum impio se desataõ, & em certo modo se esprayaõ, como o mar, para acometer impossiveis. Excede a ouzadia dos seus intentos, a capacidade das suas forças, & he preciso, que o soberano poder de Deus limite o poder de hum impio, para impedir as execuçoens da sua impiedade: *Huc usque venies, & non procedes amplius.* Que se fora possivel, entendo, que hum impio chegára a destruir, & anniquilar a mesma Divindade, para que naõ havendo Deus no Mundo, ficassem os seus excessos sem castigo. Consta, que o Sacrilego tirou dos Vasos Sagrados as especies Eucharisticas, & consta, que as consumio: & pôde ser, que neste mesmo tempo dezejasse consumir, & destruir a substancia da Eucharistia, que he o mesmo

Gregor. Nazianz. in Laude Basilij.

Mare arenam veretur, & usque ad illam rabie percitum, veluti fræno, divino termino inhibitum rursus coercetur, & retrorsum cedit. Theodoret. Ps. 103.

Isai. 57. v. 20.

mo

mo Deus. Mas naõ me admira tanto o excesso desta offensa, como a excessiva paciencia de Deus offendido. Por ventura, naõ he este o mesmo Deus, que antigamente com rigorosas demonstraçoens da sua justiça, castigava os peccados dos homens? Sim. Pois se Deus he o mesmo, & a sua justiça a mesma, porque razaõ naõ castiga Deus este Sacrilego digno dos maiores castigos? Sabeis porque? Porque este mesmo Deus está Sacramentado: & no Sacramento parece que mais pôde a clemencia de Deus, que a sua justiça.

207. Podemos considerar a Deus em tres differentes tempos, antes da Encarnaçaõ, depois da Encarnaçaõ, & depois da instituiçaõ do Divino Sacramento. Antes da Encarnaçaõ, obrava Deus como Rey, com huma magestade severa: depois da Encarnaçaõ, obrou Deus como Pastor, com huma severidade moderada: & depois da instituiçaõ do Divino Sacramento, obrou Deus como Cordeiro, com huma moderaçaõ, & huma paciencia excessiva. Antes da Encarnaçaõ, Deus como Rey, foi taõ severamente magestoso, que fulminou ao filho de Abinadab, sô por haver chegado a maõ à Arca: *Iratus est indignatione Dominus contra Ozam, & percussit eum.* 2 Reg. cap. 6. vers. 7. Depois da Encarnaçaõ, Deus como Pastor, foi taõ moderadamente severo, que sô com hum açoute castigou os profanadores do Templo: *Cum fecisset quasi flagellum de funiculis.* Ioan. cap. 2. vers. 15. Mas na instituiçaõ do Divino Sacramento, tomou Deus a brandura, & a mansidaõ de hum Cordeiro, para sofrer com inalteravel paciencia, os mais violentos desacatos: & por isso chama S. Joaõ Chrysostomo, à Divina Eucharistia, thesouro da Divina benignidade: *Dicendo Eucharistiam, omnem benignitatis Dei thesaurum aperio.* Chrysost. homil. 24. in locum Pauli. Ensina a Theologia, que quando Christo se commungou a si mesmo no Cenaculo, naõ se augmentou

na Alma de Christo a Graça, & naõ se acrescentou a Gloria; porque desde o primeiro instante da Encarnaçaõ, recebeo a Alma de Christo toda a Graça, & toda a Gloria, que hoje tem no Ceo. Logo que effeito produzio na Alma de Christo, o Divino Sacramento? Produzio, diz Santo Thomás, huma espiritual doçura, & suavidade: *Quamvis Christo gratia non fuit augmentata ex susceptione hujus Sacramenti, habuit tamen quamdam spiritualem dulcedinem.* E parece que esta espiritual doçura, & consolaçaõ, foi hum lenitivo das asperezas de sua justiça, & huma disposiçaõ para o fazer em certo modo insensivel aos opprobrios, & impiedades dos homens. E senaõ, dizeime: Em que tempo consentio o Senhor, que o prendessem, que lhe atassem as maõs, que com cruelissimas ignominias o levassem aos Tribunaes da Synagoga, & finalmente que o pregassem em huma Cruz? A todas estas afrontas, & crueldades, se offereceo o Senhor, pouco tempo depois de haver instituido no Cenaculo, o Divino Sacramento. Oh estupenda clemencia de Deus Sacramentado! No Sacramento da Eucharistia, cede a justiça ao amor, & as especies Sacramentaes, saõ o veo, com que parece que este Divino Amor tem os olhos vendados, por naõ ver as infidelidades, & temeridades humanas. Mas se o Sacrilego naõ experimentou os rigores da Divina Justiça, naõ podia evitar os castigos da justiça humana, principalmente em hum Reyno, a que o Senhor deu as suas Chagas por Armas, para o armar contra os authores dos seus aggravos. Temos visto,como na consideraçaõ desta offensa, se eterniza o sentimento. Vejamos nesta segunda Parte, como no castigo do offensor, se eternizou o zelo. E este he o segundo agradecimento da eternidade, que Christo nos communica no Sacramento do Altar: *Qui manducat hunc panem, vivet in æternum.*

D.Thom. 3. p. quæst. 81. art. 1.

II. PAR-

II. PARTE.

208. O zelo da justiça punitiva consiste em dous actos; a saber, a averiguaçaõ dos delitos, & o castigo dos delinquentes. A averiguacaõ deste delito, foi taõ difficultosa, que poz toda a Corte em confusaõ; mas esta confusaõ da Corte, foi o seu credito, porque foi effeito do dezejo, com que procurava a noticia de huma verdade occulta: & sendo as Cortes taõ inimigas das verdades, foi milagre, que a Corte se alvoraçasse para inquirir de huma verdade. Tanto que se divulgou a nova do Nascimento do Senhor, viose a Corte de Jerusalem perturbada, & confusa: ficáraõ suspensos os Escribas, assombraraõse os Pontifices, atemorizaraõse os Juizes: houve ajuntamentos nas praças, exames nos Tribunaes, consultas no Conselho, decretos no Paço, estrondos nas ruas, rumores nos Templos, tumultos nas casas; perplexidades, sustos, & rebates em todos os animos: *Turbatus est Rex, & omnis Hierosolyma cum illo.* Matth. cap 2. vers. 3. Valhame o Ceo! Porque razaõ se perturbou toda a Corte de Jerusalem? Porque na Pessoa de Deus humanado, era nascida a verdade no Mundo: *Veritas de terra orta est.* Psalm. 84. vers. 12. E he taõ grande a antipatia, que as Cortes tem com as verdades, que sô ao apparecer da verdade, se perturba a Corte. Naõ assim a Corte de Lisboa, em que a suspensaõ do conhecimento da verdade, foi a causa da sua perturbaçaõ. Teve a Corte noticia do Sacrilegio, mas naõ sabía quem fora a Sacrilego, & na averiguaçaõ desta verdade, se perturbáraõ todos os animos. Demaneira, que se em Jerusalem a Corte se perturbou por causa da verdade manifestada, em Lisboa se perturbou a Corte por causa de huma verdade ignorada. A perturbaçaõ daquella Corte, se originou da cegueira da ambiçaõ humana: & a perturbaçaõ desta Corte, procedeo do zelo da Gloria

ria Divina. Lá se perturbáraõ os animos em prejuizo da innocencia: & aqui os animos se perturbáraõ a favor da justiça, receando que naõ sendo conhecido o delinquente, ficasse o delito sem castigo. Hum criminoso occulto, he hum Cometa invisivel, que nas Cidades, & Lugares, em que assiste, secretamente influe publicos infortunios. Em quanto Jonas esteve escondido, & furtado ás penas, que merecia sua desobediencia, padecéo o baxel, que o levava, huma continua tormenta, em que todos os que com elle navegavaõ, estiveraõ arriscados ao naufragio: & naõ se applacou a misteriosa furia das ondas, senaõ depois que foi conhecido o delinquente, & lançado do lugar, em que a sua presença, era o Iman das tempestades, & o atractivo das desgraças. Taõ perniciosa he a huma Republica a assistencia de hum sô criminoso, retirado ao conhecimento, & ao castigo: *Tulerunt Jonam, & miserunt in mare, & stetit mare à fervore suo.*

Jonæ cap. 1. v. 15.

209. Pelo espaço de cinco mezes, naõ foi conhecido o Author do Sacrilegio, & neste intervallo de tempo, viveo o abominavel encuberto com grande prejuizo do Reyno; porque a sua infernal presença era capaz para attrahir sobre Portugal funestas calamidades. Mas finalmente permetio o Senhor, que se descobrisse o delinquente, & que se castigasse o delito, naõ querendo sua divina misericordia, que perigassem as prosperidades do Reyno, na vida de hum Sacrilego impunido. Pelejando o Povo de Israel contra os Amorreos, perdeo vergonhosamente a batalha, & virou as costas ao inimigo, sem demonstraçaõ alguma de seu taõ experimentado valor. Admirados os Israelitas da sua pouca ventura, & naõ se conhecendo a si mesmos nas ignominias da sua fraqueza, pedíraõ a Deus, que lhe quizesse manifestar a causa desta sanguinolenta desgraça. Respondeo

deo o Senhor, que hum Sacrilegio occultamente cometido, era a causa da destruiçaõ do exercito, & que naõ teriaõ as suas armas prosperidade, até naõ ser conhecido o Reo, & a sua impiedade castigada: *Anathema in medio tui est Israel, non poteris stare coram hostibus tuis, donec deleatur ex te, qui hoc contaminatus est scelere.* A este aviso do Ceo, foraõ examinados todos os soldados do exercito, & constou, que hum delles era o Sacrilego, que havia roubado os Sagrados ornamentos do Templo. Demaneira, que hum sò criminoso occulto, era a invisivel causa de todas as desgraças do Povo de Israel: que os Corpos das Respublicas, tem, como os corpos humanos, suas occultas enfermidades, & quanto mais occultas, mais perigosas. Neste perigo se vio Portugal, em quanto naõ conheceo o author do execrando Sacrilegio; mas foi Deus taõ misericordioso; que para livrar ao Reyno de futuras calamidades, permitio que se descubrisse, & se exterminasse esta peste da Republica, & este veneno da Monarquia. Ponderemos mais particularmente a semelhança, que as circunstancias deste successo tem com as do Sacrilegio de Israel.

Josue 7. v. 13.

210. O Sacrilego Israelita era moço, & soldado: & este era moço de soldada. O Sacrilego Israelita, era do Tribu de Judâ: & este foi outro Judas, & peiôr que o mesmo Judas; porque Judas deixou o ouro no Templo, & este roubou ao Templo o seu thesouro. O Sacrilego de Israel escondéo no campo o furto, que fizera: & este em huma vinha escondéo a trouxa que levava. O Sacrilego de Israel foi condenado ao fogo: & o corpo deste foi queimado, & feito em pô, imagem do Inferno, nas chamas, & retratto do nada, nas cinzas. No lugar em que foi justificado o Sacrilego Israelita, fez o Povo de Israel, hum monte de pedras, eterno monumento do seu zelo: & os zelo-

Achan, filius Charmi, filij Zabdi, filij Zare, de Tribu Juda. Josue cap. 7. vers. 1.

Vidi enim inter spolia pallium coccineum valde bonum, &c. & abscondi in terra contra medium tabernaculi mei. Id. ibid. v. 12.

Quicumque ille fuerit comprehensus, com-

buretur igni. Ibid. v. 15.

zelosos da gloria de Deus eternizaõ as memorias da sua piedade na restauraçaõ, & ornato da Igreja, em que foi cometido este Sacrilegio. Em conclusaõ, tornáraõ os Israelitas a lograr memoraveis felicidades, como premio do exemplar castigo, que deraõ ao malfeitor. E naõ duvido, que o Senhor naõ acrescente as glorias, & prosperidades deste Reyno, taõ empenhado em castigar os profanadores de seus Templos, & os impios desprezadores de sua sacramentada magestade. Quem superficialmente considerar os repetidos roubos, & Sacrilegios, que de alguns annos a esta parte se cometéraõ em varias Igrejas de Portugal, imaginará, que estes infernaes desatinos, saõ castigos do Ceo, & formidaveis demonstraçoens da divina vingança: mas tenho para mim, que todos estes acontecimentos, saõ estratagemas, com que o Demonio sollicita os desprezos do Divino Sacramento em Portugal, conhecendo, que com singular piedade se adora em Portugal o Divino Sacramento. Os luzimentos da gloria, saõ os incentivos da inveja, & a inveja he como o raio, que toma por alvo das suas violencias, as eminencias mais sublimes. Contra o valeroso Josué se armáraõ todos os Reys, que imperavaõ desde o rio Jordaõ até o monte Libano: & na Escritura, naõ se acha outro motivo desta poderosa conjuraçaõ, senaõ as façanhas, & as heroicidades de Josué: *Congregati sunt pariter, & audientes cuncta, quæ fecerat Josue.* Ouviraõ aquelles Potentados, os eccos da fama, com que Josué se fazia celebre no Mundo, & invejando a sua gloria, conspiraraõ para a sua ruina. Lá nos profundos abysmos do Inferno, tem o Demonio noticia da incomparavel grandeza, & piedade, com que em Portugal se venera a augusta presença de Deus Sacramentado, & com as maõs dos impios procura o Demonio de escurecer as glorias do Divino Sacramento. Mas naõ teme

Congregaverunt acervum lapidum, qui permanet usque in præsentem diem. Ibid. v. 26.

Et aversus est furor Domini ab eis. Ib. v. 26.

Josue 9. v. 2 & 3.

teme Portugal estes vaõs esforços do Inferno: que os golpes naõ saõ perigosos, quando ha escudos que os rebatem: naõ saõ mortaes os venenos, aonde saõ poderosos os antidotos: naõ se receaõ as batalhas, aonde saõ certas as victorias. E anda Portugal taõ empenhado em vingar as injurias, que se fazem ao Divino Sacramento, que destas transitorias afrontas toma motivo, para lhe preparar triunfos eternos, porque na consideraçaõ da offensa, eterniza o sentimento, como temos visto na primeira Parte: no castigo do offensor, eterniza o zelo, como acabamos de ver na segunda: & na satisfaçaõ do offendido, eterniza o desaggravo. E este he o tercerceiro assumpto do Sermaõ, & a terceira eternidade, com que agradecemos ao Senhor a eternidade, que nos communica no Sacramento: *Qui manducat hunc panem, vivet in æternum.*

III. PARTE.

211. Para a cabal satisfaçaõ das offensas, que se fazem a Deus, duas excellencias saõ precisas, huma summa innocencia, & huma summa dignidade: por esta razaõ, nenhum dos homens, nem dos Anjos, podia cabalmente reparar a offensa, que Adaõ fez a Deus; porque nos homens, que estaõ comprehendidos no delito de seu primeiro Pay, falta o puro da innocencia, & nos Anjos, que como criaturas, saõ vassallos de Deus, falta o summo da dignidade. Sô Christo Senhor Nosso, homem Deus, podia em rigor de justiça, satisfazer esta offensa; porque Christo ainda que homem, naõ peccou em Adaõ: & o mesmo Christo, em quanto Deus, he igual ao Eterno Pay: *Talis enim decebat*, diz S. Paulo, *ut nobis esset Pontifex, Sanctus, innocens, impollutus, segregatus à peccatoribus.* Eis ahi o summo da innocencia. *Et excelsior cælis factus.* Hebr. 7. v. 26.

Eis

Eis ahi o summo da dignidade. No solemne desaggravo desta sacrilega offensa, concorre huma summa innocencia, & huma summa dignidade; porque Deus antes aggravado, he agora o desaggravo de si mesmo, & sobre este altar, está o Senhor conquistando veneraçoens, em satisfaçaõ das indecencias, que publíca a memoria deste dia, & a occasiaõ deste desaggravo.

212. Mas ainda que, sô Deus possa ser o digno reparador das suas offensas, he preciso, que tambem as criaturas empenhem o seu zelo na celebridade desta reparaçaõ. No fim do mundo o Sol se escurecerá, a Lua se amortalhará em sombras, & as Estrellas cahiráõ desmayadas na terra. E que significaráõ as escuridades, as sombras, & os desmayos destas criaturas celestes? Responde o Author do Imperfeito: *Sol obscurabitur, & Luna non dabit lumen suum, & Stellæ cadent de Cælo, super impiorum pessima opera indignantes.* Todas estas illustres criaturas, mostraráõ com funestos deliquios, o seu sentimento, & a sua indignaçaõ contra os peccadores, que nesta vida offendéraõ o seu Divino Criador. E porque na terra, os homens offendem tres generos de Pessoas, que estaõ no Ceo, Deus, a Virgem Nossa Senhora, & os Santos: á escuridade do Sol, será huma clara satisfaçaõ dos peccados contra Deus: *Sol obscurabitur*. Nas sombras da Lua se manifestará o sentimento dos peccados contra a Virgem Nossa Senhora: *Luna non dabit lumen suum*. E o desmayo das estrellas, será huma viva dôr dos peccados contra os Santos: *Stellæ cadent de cælo, super impiorum pessima opera indignantes.* No caso de que hoje choramos a memoria, cometeo o Sacrilego estes tres generos de peccados; peccados contra Deus, peccados contra a Virgem Nossa Senhora, & peccados contra os Santos: peccados contra Deus, na profanaçaõ do Divino Sacramen-

Author imperfecti in verba Matth. cap. 24. vers. 29.

mento: peccados contra a Virgem, na irreverencia, com que tratou a sua Sagrada Imagem: & peccados contra os Santos, na impiedade, com que os despojou de seus ornatos: mas para a pompa do desaggravo destas repetidas offensas, vejo que o Sol se escurece, & juntamente vejo sentimentos na Lua, & desmayos nas Estrellas. Pois o Sol se escurece? Sim: porque o Sacramento he hum misterioso eclipse do Sol Divino. Deus encuberto debaixo dos materiaes accidentes, he hum Sol eclipsado; mas neste mesmo eclipse, se manifesta a sua gloria, quanto mais invisivel, mais veneranda. E porque se o Sol padecéra afrontas, sô pudera outro Sol engenharlhe proporcionados desaggravos: com justa, & proporcionada satisfaçaõ, sô Deus Sacramentado póde desaggravar ao Divino Sacramento. Tambem sollicita a Lua o desaggravo desta offensa. E que Lua he esta? He Santa Clara, mais clara que a Lua; porque neste Mundo foi alumiada com a luz da Graça, & no Ceo, está alumiada com a luz da Gloria. Se a Gloria da Visaõ Beatifica, naõ impossibilitára nas Almas dos Bemaventurados, a dôr, & o sentimento: que sentimento, & que dôr naõ tivera Santa Clara, quando o detestavel Sacrilego, quebrou o Sacrario, & com desatinada indecencia, tomou na sua boca infernal as Hostias Consagradas, candidas, & purissimas victimas da sua impiedade? Oh gloriosa Santa Clara, amantissima Esposa do Divino Sacramento? Porque naõ vos foi concedido baixar do Empyreo à terra, para acudir ao respeito, & à Gloria do vosso Divino Esposo? Lá na Cidade de Assis teve o vosso zelo confiança para se oppôr a hum exercito de Hereges, resolutos a profanar os Altares, & nas vossas maõs teve o Divino Sacramento hum Asylo, & huma fortaleza inexpugnavel aos barbaros insultos dos inimigos da Fé: mas

neste

neste caso, pôde a Igreja chorar a vossa auzencia, & juntamente admirar a vossa Bemaventurança; porque a auzencia impossibilitou o soccorro, & a Bemaventurança impossibilita o sentimento. Supposto isto, razaõ he, que a dôr, que Santa Clara naõ pôde sentir em si, se imprima no coraçaõ das filhas de Santa Clara: & já que nesta Lua naõ pôde haver magoas, veja-se nestas Estrellas o sentimento: *Luna non dabit lumen suum: Stellæ cadent de Cælo.*

213. Na criaçaõ do Mundo, entregou Deus o imperio da noite a dous generos de Astros, à Lua, & ás Estrellas, porque como a Lua naõ havia sempre de assistir neste Hemisferio, foi conveniente, que a Divina Providencia ordenasse, que as estrellas supprissem as auzencias da Lua:
Genes. 1. vers. 16. *Luminare minus, ut præesset nocti, & stellas.* Logo se está Santa Clara auzente deste Hemisferio, & constituida para sempre na Esfera da immortalidade, ás filhas de Santa Clara toca illustrar as escuras, & tristes sombras daquella noite, que cobrio as ruinas, & os estragos da mais execranda impiedade: *Stellæ cadent de Cælo, super impiorum pessima opera indignantes.* Nas duas Constellaçoens, a que os Matematicos chamaõ, Ursa maior, & menor, resplandecem com singular claridade quatorze Estrellas, em que hoje se representaõ as quatorze Escravas, que com luzida vassalagem servem a esse Divino Senhor Sacramentado. A estas, & a todas as mais filhas de Santa Clara, naõ será lizonja dar o nome de Estrellas, se ellas procurarem de as imitar, porque nas estrellas se cifraõ todas as virtudes de huma perfeita Religiosa. Acho nas estrellas quatorze excellencias, a humildade, a pobreza, a pureza, a obediencia, a clausura, a uniaõ, a vigilancia, a compostura, o recato, a perseverança, a lembrança da morte, o temor de Deus, a assistencia no coro, & finalmente,

mente, a Fé, & a veneraçaõ devida ao Santissimo Sacramento. Vamos brevemente discorrendo estas illustres prerogativas. E este será o fruto do Sermaõ.

Saõ as Estrellas taõ humildes, que sendo de todas as criaturas visiveis, as mais altas, & as mais levantadas, se mostraõ taõ piquenas, que muitas dellas apenas se enxergaõ. No auge da Prelazia, deve huma Religiosa acreditar a sua modestia, & mostrar na exaltaçaõ da dignidade, hum profundo abatimento.

Saõ as Estrellas taõ pobres, que nem a luz, de que se vestem, he sua propria, mas do Sol, que lha communica. O naõ ter nada de proprio, he a mayor gala de huma Religiosa: & he mais Cometa, que Estrella, a que faz pompa de superfluos resplandores.

Saõ as Estrelles taõ zelosas de sua pureza, que naõ deixaõ chegar a sua luz à terra, & com esta ciosa soberania se aventaja a luz das Estrellas, à luz do Sol, que com indecorosa facilidade se deixa pisar de todos: & ainda que naõ fique contaminada, em certo modo se desautoriza. Que izento deve ser o coraçaõ de huma Religiosa, dos affectos da terra, que com ignominiosas dependencias desluzem a gloria das almas, que cativaõ!

Saõ as Estrellas taõ obedientes, que sem repugnancia alguma, sempre andaõ seguindo o movimento da Intelligencia, que as arrebata. Da conformidade de huma Religiosa com a vontade da sua Prelada, depende o acerto de todos os seus movimentos.

Saõ as Estrellas taõ amigas da clausura, que nunca sahem dos orbes, em que estaõ encerradas. E se depois do Nascimento do Senhor, huma dellas chegou a romper a clausura, foi para ir buscar ao mesmo Senhor ao Presepio. A Esfera de huma Religiosa, he a sua cella, de donde naõ ha de sahir, senaõ para buscar a Deus, & acudir ás obrigaçoens de seu ministerio.

Que notavel he a uniaõ, & a concordia das Estrellas! Humas saõ mayores, & outras menores, & todas juntas compoem huma taõ pacifica, como lustrosa Republica. Na Religiaõ, a differença das pessoas, & a diversidade dos genios, ha de servir, como na Musica a desigualdade das vozes para a armonía.

Naõ he menos admiravel a vigilancia das Estrellas: no maior silencio da natureza, todas estaõ desveladas. E no tempo em que todas as mais criaturas descançaõ, se despertaõ os cuidados de huma Religiosa contemplativa.

Saõ as Estrellas taõ compostas, que ainda que corraõ, parece que estaõ paradas, & nesta imperceptivel agilidade, se representa a compostura de huma Religiosa nos exercicios da vida activa.

Saõ as Estrellas taõ recatadas, que naõ apparecem de dia, mas sempre sahem com o veo da noite, & no tempo em que o sono fecha os olhos, a todos os viventes. No recato se asseguraõ os creditos de huma Religiosa, quanto mais invisivel, mais celeste.

Que constante he a perseverança das Estrellas, que desde o principio do Mundo estaõ na mesma altura, & com a mesma claridade. Illustres retrattos de huma Religiosa, fixa, & permanente na observancia de seus votos.

As Religiosas inculcaõ as Estrellas a lembrança da morte, porque com o seu movimento natural dirigem as Estrellas o seu curso do Oriente para o Occaso.

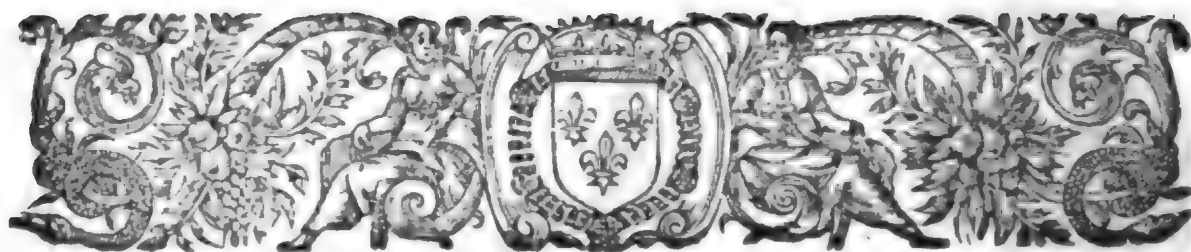
As Religiosas prégaõ as Estrellas o temor de Deus, com as scintillantes palpitaçoens, com que parece estaõ tremendo, por estarem mais chegadas ao trono de Deus, que todas as mais criaturas deste Mundo material.

Tambem ás Religiosas persuadem as Estrellas a assistencia no coro, porque o coro das Estrellas he o Firmamento, & as luzes, saõ as vozes, com que estaõ cantando o Laus perenne das

Job. cap. 38. v. 7. das grandezas divinas: *Ubi eras, cum me laudarent simul Astra matutina?*

Finalmente,ás Religiosas em particular, & a todos os Fieis em geral, ensinaõ as Estrellas, a pureza da Fé, & a summa veneraçaõ, com que havemos de assistir ao Divino Sacramento. Em amanhecendo o Sol no Oriente, todas as Estrellas retiraõ as suas luzes, & tanto se escondem, & se humilhaõ, que todas parecem com reverente summissaõ aniquiladas. Christaõs,com este mesmo respeito, & com esta mesma humildade, havemos de assistir a este Divino Sol Sacramentado. Retirese a luz da razaõ, porque este he hum misterio de Fé. Apartaivos affectos da terra, porque este he o trono do Amor Divino. Ambiçoens, cubiças, vaidades, odios, presumpçoens, perniciosas fantasmas, & sombras do Inferno, naõ vos atrevais a parar diante deste Sol da Graça. E vós, meu Divino Jesus Sacramentado, aceitai os dezejos, com que procuramos de eternizar o sentimento, o zelo, & o desaggravo das vossas offensas, & viva eternamente a Gloria do Divino Sacramento, que sô nos póde communicar a eternidade da Gloria. *Qui manducat hunc panem, vivet in æternum.*





SERMAM

AO RECOLHER DA

PROCISSAM,

COM QUE

A IRMANDADE DA MISERICORDIA VAI buſcar ao Campo de Santa Barbora os oſſos das peſſoas, que padecéraõ por juſtiça:

Prégado na Santa Caſa da Miſericordia de Lisboa, no 1. de Novembro de 1682.

Oſſa arida, audite verbum Domini. Ezechiel. 37.

214. Riſtes memorias de huma criminoſa vida, profanas reliquias de huma violenta morte, oſſos infelices, ſobejos do patibulo, fragmentos do Microcoſmo,& ultimos deſpojos da humanidade: Vós, que nos corpos dos malfeitores foſtes os inſtrumentos da ſemrazaõ, & da crueldade: Vós, que ſuſtentaſtes os braços, que tiráraõ as vidas: Vós que fortalecestes as maõs authoras dos furtos

furtos, & dos homicidios: já que a piadoſa ſolennidade deſte dia, vos reſtitue à luz do Mundo, ouví com humilde ſilencio a palavra do Senhor, que tambem oſſos eſcarnados, & carcomidos, ſaõ capazes para ouvirem a palavra de Deus: *Oſſa arida, audite verbum Domini.* Com eſtas meſmas palavras fez antigamente o Profeta Ezechiel, em hum campo cheío de oſſos, hum protentoſo milagre, quando ao ſoberano imperio da ſua voz, toda aquella informe, & confuſa materia, com proporcionadas diſtancias, ſe foi ajuntando, & afeiçoando em figuras humanas. Tomou cada oſſo, o ſeu proprio lugar, encaixáraõſe as coſtas, ſahiraõ muſculos, & ligamentos, formáraõſe cartilagens, diſtribuiraõſe veas, & arterias, acudíraõ eſpiritos, foltouſe o ſangue, regenerouſe a carne, & com repentina organizaçaõ, ficou hum monte de oſſos transformado em hum Mundo de gente. Eſcuſado he hoje neſtes oſſos o milagre de outra ſemelhante transformaçaõ; porque a vida dos criminoſos, naõ he motivo para ſaudades. Mas com licença dos vivos, quero tornar a fallar com eſtes mortos. E por naõ ſer importuno, direi tudo em huma palavra: *Oſſa arida, audite verbum.* E que palavra ſerá eſta? He huma palavra taõ ſignificativa, que nella ſe comprehendem as grandezas de Deus: he huma palavra taõ neceſſaria, que della dependem as felicidades dos homens: finalmente, he huma palavra, taõ ſuave, & taõ efficaz, taõ benigna, & taõ poderoſa; taõ humana, & taõ divina, que merece todas as attençoens dos vivos, & dos mortos. Miſericordia.

Ezech. cap. 37. verſ. 4.

215. Eſta he a palavra, que David ſummamente dezejava de ouvir: *Auditam fac mihi mane miſericordiam tuam.* Notavel dezejo! A Miſericordia, em quanto palavra, he huma voz ſem obra, & hum ſom ſem ſubſtancia. Logo que podia David entereſſar em ouvir eſta palavra? Direi.

Pſalm. 142. verſ. 8.

rei. Fallava David na Misericordia Divina: *Misericordiam tuam.* E a Divina Misericordia (theologicamente fallando) he o mesmo, que a Essencia, & Substancia Divina. Todos os attributos da Divindade, que a fraqueza do nosso entendimento distingue, para conhecer; saõ, *à parte rei*, huma simplicissima substancia, que naõ he outra cousa, que o ser Divino: & posto que estes attributos, se achem todos igualmente nas tres Pessoas Divinas, em razaõ da identidade da natureza; ao nosso modo de entender, o attributo da Misericordia se pôde particularmente appropriar à Pessoa do Verbo, porque na Pessoa do Verbo humanado a Misericordia Divina se manifestou ao Mundo. Que cousa pois he o Verbo? He a palavra do Eterno Pay. Logo a Misericordia Divina, he o mesmo que huma palavra; mas palavra, que he toda obras, porque he palavra substancial: & por isso lhe bastava a David ouvir esta palavra. Taõ infalliveis saõ os prodigios, que obra: *Auditam fac mihi misericordiam tuam.* Mas se a Misericordia Divina, he huma palavra, Misericordia humana, he o ecco desta Divina palavra: & como ecco, foi hoje ouvida no campo, & nas concavidades da terra, experimentáraõ esses ossos a penetrante efficacia das suas vozes: *Ossa arida, audite verbum.* Com a palavra Divina, que he o Verbo, fez a Divina Misericordia na Redempçaõ do Mundo, tres singulares prodigios. Da mayor ruina, fez o mayor trofeo. E este he o primeiro prodigio. Ao mayor desemparo, deu o mayor asylo. Este he o segundo. E do mayor sacrificio, fez o mayor triumfo. Este he o terceiro. Primeiramente, fez a Misericordia Divina, da mayor ruina, o mayor trofeo, porque levantou o Mundo dos abysmos da culpa ao imperio da Graça. Em segundo lugar, deu a Misericordia Divina ao mayor desemparo, o mayor asylo; porque por meio da

uniaõ

uniaõ Hypostatica, se acolhéo ao Sagrado da Divindade, a natureza humana, afflita, & solitaria, sem abrigo, & sem patrocinio. Finalmente, fez a Divina Misericordia, do mayor Sacrificio, o mayor triumfo, porque do Sacrificio da Cruz, tirou as glorias da Resurreiçaõ. Todos estes prodigios da Misericordia, saõ effeitos da palavra Divina Encarnada. Ouçamos agora os eccos da Misericordia humana, que como veremos nas tres partes do Sermaõ, faz neste dia, da mayor ruina, o mayor trofeo; do mayor desemparo, o mayor asylo; & do mayor Sacrificio, o mayor triumfo. Vamos ponderando o primeiro prodigio deste admiravel ecco da palavra Divina: *Ossa arida, audite verbum Domini.*

I. PARTE.

216. Se o homem, he o compendio das perfeiçoens do Universo; que saõ os ossos de hum morto, senaõ as ruinas de hum pequeno Mundo? No ultimo instante da vida do homem, derruba a morte o melhor edificio da natureza, & só ficaõ os ossos para memoria deste fatal destroço. Mas com tanta pompa recolhe hoje a Misericordia estas ruinas, que antes considero estes ossos, como trofeos da Gloria, que como estragos da mortalidade. Por secreto instincto da natureza, todas as Naçoens, ou alumiadas com a luz da Fé, ou sepultadas nas trevas da Gentilidade, sempre respeitáraõ as cinzas, & os ossos dos mortos. E com muita razaõ. Porque (se bem advertirdes) o osso de hum morto, foi o primeiro fundamento da propagaçaõ do genero humano. Vejo, que estranhais a novidade desta proposiçaõ: mas ouví as razoens, com que provo os dous paradoxos, que nella se encerraõ. O primeiro, que todo o genero humano, se propagou de hum osso: & o segundo, que este osso, era osso de hum morto. A primeira Mãy de todos os homens, foi

foi Eva. E que era Eva, nos principios de seu ser? Era hum osso, tirado do lado de Adaõ: & por isso, o mesmo Adaõ chamou a Eva, osso dos seus ossos: *Hoc nunc os ex ossibus meis.* De maneira que, a primeira materia, de que foi formada a primeira mãy de todos os viventes, foi hum osso. Provo agora, que este era osso de hum morto. Quando Deus tirou do lado de Adaõ, o osso destinado para a formaçaõ de Eva, estava Adaõ como morto, porque estava dormindo. O sono, he huma viva imagem da morte: & assim como a morte, he hum sono de muitos annos, o sono he huma morte de poucas horas. E de tal maneira se equivoca o sono com a morte, que a mesma verdade, chamou à morte, sono: *Lazarus amicus noster dormit.* Era pois o sono de Adaõ taõ significativo da morte, que na opiniaõ do grande Tertulliano, o sono deste primeiro homem, foi a figura, em que anticipadamente se representou a futura morte de todos os homens: *Somnus ille in publicæ, & communis jam mortis, affingitur exemplar.* Logo se o osso de hum morto, foi na pessoa de Eva, a primeira base, & a columna fundamental de toda a fabrica do composto humano: justo era, que a mesma natureza, induzisse aos vivos, a que tributassem aos ossos dos mortos as honras, que merece hum taõ grande, & taõ antigo beneficio. Parece, que Santo Agustinho favorece este meu pensamento, affirmando, que a piedade dos vivos para com os mortos, he huma ley, que a mesma natureza imprimio nos coraçoens humanos: *Igitur nihil mirum, si insit à natura humanis pectoribus, singularis erga defunctos pietas, & miseratio.* Verdade he, que as leys da natureza naõ se devem guardar, com os que quebrantaõ as leys da mesma natureza. E porque estes saõ ossos de homens criminosos, que violáraõ as leys naturaes com roubos, & homici-

Genes. 2. 23.

Joan. cap. 11. vers. 11.

S. Augustin. lib. de consolatione mortis.

micidios, poderalhe a humanidade justamente negar os officios de sua natural piedade: mas como já tomou a Justiça, satisfaçaõ de seus delictos, entra hoje a Misericordia a exercitar a sua benigna jurisdiçaõ. Que quando está a Justiça satisfeita na execuçaõ dos castigos, tem a Misericordia direito, para converter as mayores ruinas, em trofeos.

217. O mayor dos Ladroens, foi Adaõ, porque quiz roubar a Deus os thesouros de seu saber infinito: & o mesmo Adaõ foi o cruel parricida, que degolou de hum golpe toda a sua posteridade. Morreo finalmente este corifeo dos ladroens, & dos homicidas. Mas que foi feito de seus ossos? Nas noticias, que nos deixou Jacome Edesseno, Mestre de Santo Efrem, temos por tradiçaõ, que o Patriarca Noé tirára os ossos de Adaõ da sepultura, em que jaziaõ, & com cuidadosa reverencia, os levará para a Arca, para os salvar do diluvio. Admiravel successo! Singularissimo privilegio! Alagaõ as aguas os campos, inundaõ os valles, sossobraõ os montes, finalmente afogase o Mundo, & ficaõ enxutos, & salvos os ossos do author de todas as tempestades, & naufragios? Sim. Porque neste primeiro delinquente, já tem a Justiça executado a sentença final da morte: *Morte morieris.* Morreo Adaõ, & morreo penitente: & por isso suspendéo a Justiça os rayos, & a Misericordia convertéo as ruinas, em trofeos. No Psalmo, em que celebra David as grandezas da Divina Misericordia, diz que os ossos, que algum dia foraõ humilhados, festejaráõ: *Exultabunt ossa humiliata.* Ossos verdadeiramente humilhados, saõ esses, porque a Justiça os condenou, a maõ do Algoz os desconjuntou, & a ignominia do castigo os infamou: *Ossa humiliata:* mas finalmente cessou o rigor da Justiça, & acudio a Misericordia com taõ primorosa benignidade, que dá lustre aos opprobrios, &

Barcephala lib. 1. cap. 14.

Genes. 2. 17.

Psalm. 50. v. 10.

& esmalte ás afrontas, & com os despojos da morte, acrescenta a pompa da sua devota magnificencia. Escreve Plutarco, que nos exercitos da Grecia, o Soldado, que se offerecia a enterrar hum dos mortos na batalha, era obrigado a renunciar a parte, que lhe cabia dos despojos do inimigo. Que sempre foi taõ acreditada esta ultima obra de Misericordia, que até na opiniaõ dos Gentios, os ossos de hum defunto, a que se dava sepultura, eraõ mais estimados, que os trofeos de huma victoria. Com estes funebres trofeos alcança hoje a Misericordia, huma taõ grande gloria, que fica a inveja do Demonio attonita, embravecida, & taõ confusa, que naõ podendo hoje manifestar o seu furor, creio, que reserva para o fim do Mundo, a execuçaõ de sua vingança.

218. No Capitulo onze do Apocalypse, escreve S. Joaõ, que o Antichristo matará a Henoch, & Elias, & que os Sagrados cadaveres destes dous Profetas, ficaráõ nas ruas de Jerusalem expostos a todos os desatinos da impiedade: *Corpora eorum jacebunt in plateis.* Apocal. 11. 8. Pois naõ haverá quem abra huma cova para enterrar estes Santos Profetas? Naõ. Porque naquelle tempo executará o Demonio as suas vinganças por maõ do Antichristo. Vé hoje o Demonio, que a piedade dos Christaõs, he taõ grande, que chega a dar honrada sepultura aos ossos dos malfeitores, & afrontado desta excessiva piedade, impossibilitará o Demonio, a sepultura dos Santos: *Corpora eorum, non sinent poni in monumentis.* Apoc. 11. 9. Repáro, que a esta detestavel impiedade do Antichristo, se seguirá o fim universal do Mundo: & assim o pede a razaõ, porque faltando no Mundo a Misericordia, faltará ao Mundo a columna, que o sustenta. Acabará o Mundo, sim, mas quando? Quando acabar a Misericordia. Quando naõ houver Misericordia para com os mortos, entaõ cahirá a justiça

stiça de Deus sobre os vivos. Consolemse pois neste, & no outro Mundo, os vivos, & os mortos, que ainda naõ está acabada a Misericordia: mas antes está hoje taõ alentada, taõ benigna, & taõ constante, que até com ossos, acredita a sua brandura, & com criminosos, eterniza a sua piedade. E isto he propriamente fazer da mayor ruina, o mayor trofeo. Vejamos agora no mayor desemparo o mayor asylo. Este he o segundo prodigio da Misericordia, que como ecco da palavra Divina torna a despertar as attençoens dos mortos: *Ossa arida, audite verbum Domini.*

II. PARTE.

219. Do profano de hum campo, tresladados esses ossos ao Sagrado da Igreja, começaõ a lograr as immunidades, & privilegios do mayor asylo. Erronea, & heretica foi a opiniaõ dos Valdenses, & Albigenses, que affirmavaõ, que a sepultura Ecclesiastica naõ aproveitava aos mortos. Todo o Mundo, diziaõ elles, he o Templo de Deus: logo em qualquer parte do Mundo, que se dé sepultura a hum morto, sempre fica o morto, sepultado em alguma parte deste Templo. A este sofistico argumento, respondo, que o Mundo impropria, & metaforicamente se chama Templo de Deus, & que só as Igrejas da Christandade, saõ os verdadeiros Templos consagrados ao Culto Divino, à celebraçaõ dos Sacrificios, & à representaçaõ dos Misterios de nossa Santa Fé: & assim cada Igreja, he para os vivos, hum refugio, & para os mortos, hum asylo. Supposto isto, digo, que na sepultura Ecclesiastica, tem os mortos tres notaveis conveniencias. Primeiramente, no Sagrado da Igreja, ficaõ os corpos dos defuntos livres da abominavel companhia dos Demonios, que de ordinario assistem aos corpos dos que naõ estaõ enterrados em sagrado. E he isto tanto assim,

que muitas vezes tomaõ os Demonios estes cadaveres desemparados, & com elles apparecem aos Feiticeiros, & Negromantes. E para confirmaçaõ desta verdade, escreve Cardáno, que pelo fetido cheiro, que estes corpos exhalaõ, se conhece, que saõ corpos de defuntos. No Capitulo oitavo de S. Mattheus, temos huma prova da numerosa assistencia dos Demonios nos sepulchros fóra da Igreja: *Occurrerunt ei duo, habentes Dæmonia, de sepulchris exeuntes.* E hum destes Demonios confessou ao Senhor, que se chamava, Legiaõ: *Quòd tibi nomen est? At ille dixit, Legio.* E que cousa he huma Legiaõ? Diz Lucas Burgense neste lugar, que huma Legiaõ dos Exercitos Romanos, constava de doze mil, & quinhentos soldados. Huma sepultura pois, em que andavaõ doze mil, & quinhentos Demonios, era mais Inferno, que sepultura. Agora perguntará a vossa curiosidade, a razaõ desta terrivel communicaçaõ do Demonio com os mortos. Respondo. O Demonio, ainda que vivo, he morto; porque he morto à Graça: & he morto para sempre, porque he morto à vida eterna: & como a semelhança, he causa da communicaçaõ, o Demonio, como morto, busca a companhia dos mortos, & com elles se aposenta nas sepulturas. Dá S. Pascasio outra razaõ. He o Demonio taõ inimigo dos homens, que dezejára de os ver todos mortos, & enterrados, & por isso anda por baixo das sepulturas, satisfazendo à sua crueldade, com o funesto espectaculo, dos estragos, que a morte faz de todo o genero humano. S. Pascasio: *Attende, quæ sævitia Dæmonum, qui vivos gestiunt sepelire, & se ipsos sepulchris mandant, ut homines redigant in sepulchra.* Desta infernal assistencia, estavaõ os Christaõs da primitiva Igreja taõ persuadidos, & juntamente taõ receosos, que antes de morrer, pediaõ que os enterrassem junto aos cor-

Cardanus lib. 20 de subtilitate.

Matth. 8. 28.

Lucæ 8. v. 30.

Lucas Burgensis in Matth.

Paschas. lib. 5. in Matthæum

corpos dos Martyres. Taõ precifo he o fagrado da fepultura, contra as perfidas confianças do Demonio, que ainda depois de desfeitos em pô, nos bufca, & fe chega a nós, como fe quizera abafar com as noffas cinzas, o feu fogo.

220. A fegunda conveniencia da fepultura Ecclefiaftica, he a participaçaõ dos Suffragios dos Fieis, que juntos na Igreja, impetraõ mais facilmente as graças, que pedem a Deus. Que efficaz he a oraçaõ de muitos, que juntamente pedem a Deus a mefma graça. Quiz Herodes tirar a vida a Santiago, & com effeito
Act. Apost. 12. 2. a tirou: *Occidit autem Jacobum, fratrem Joannis, gladio.* Quiz o mefmo Herodes tirar a vida a S. Pedro, mas fahio fruftrado o feu cruel intento; porque hum Anjo foltou a S. Pedro, & o tirou da prifaõ. E porque razaõ permitio o Senhor, que deftes dous Apoftolos, hum ficaffe folto, & o outro degollado? Naõ era Santiago taõ innocente como S. Pedro? Sim; mas teve por fi S. Pedro as oraçoens dos Fieis, que todos juntos pedíraõ a Deus, que o livraffe das maõs de Herodes: *Oratio autem fiebat fine intermiffione ab Ecclefia ad Deum, pro eo.* Act. Apost. 12. 5. Pois naõ houve quem por Santiago fizeffe a Deus a mefma petiçaõ? He provavel que fim: mas fe alguem em particular rogava a Deus pela vida de Santiago, toda a Igreja junta fazia a Deus oraçaõ pela vida de S. Pedro. E as oraçoens de muitos, movem mais a Divina Bondade, que a oraçaõ de hum fô. S. Joaõ Chryfoftomo nefte lugar: *Vis difcere quanta fit vis orationis in Ecclefia factæ potentia? Vinctus erat Petrus, multifque catenis circumdatus, oratio autem fiebat ab Ecclefia ad Deum pro eo, & ftatim eum à carcere liberavit.* Joan. Chryfoft. homil. 79. ad populum. Lá no campo, naõ faltaria algum devoto das Almas, que rogaffe a Deus por eftes mortos; mas naõ tem effa oraçaõ particular, tanta efficacia, como as Oraçoens publicas, os Officios, as Miffas, & os Suffragios dos

dos Fieis, que com fervoroſa uniaõ, & piedade, ſollicitaõ neſta Igreja a liberdade, dos que eſtaõ prezos nos abrazados carceres do Purgatorio.

221. A terceira conveniencia dos que gozaõ de ſepultura eccleſiaſtica, he que eſtaõ debaixo do patrocinio dos Santos, Padroeiros das Igrejas, em que ficaõ enterrados. Levais hum defunto a enterrar na Igreja de S. Nicolao, & o Santo, o toma debaixo da ſua protecçaõ. Vai outro a enterrar na Igreja de S. Juliaõ, & o Santo, he o Protector, & o medianeiro, que no Tribunal da Divina Juſtiça ſollicíta o alivio de ſuas penas, & o perdaõ de ſuas culpas. Jaziaõ eſtes mortos ao deſemparo, ſem protector, ſem medianeiro, ſem interceſſor, & transferidos a eſta Igreja eſtaõ debaixo do amparo da Divina Miſericordia. Que infallivel, & que antigo he eſte ſoberano patrocinio! Que (ſe bem repararmos) muitos annos ha, que a Divina Miſericordia, foi a unica protectora dos oſſos laſtimoſamente deſemparados. No madeiro da Cruz, Chriſto Senhor Noſſo, eſtava feito huma anatomia de oſſos: porque raſgadas as veas com a violencia dos açoutes, & conſumidas as carnes com o penetrante das chagas, ficavaõ os ſagrados oſſos do Senhor taõ patentes à viſta, que todos ſe podiaõ diſtintamente contar: *Dinumeraverunt omnia oſſa mea.* Pſalm. 21. 18. Neſta ultima hora de ſua vida, ſe vio o Senhor taõ deſemparado, que chegou a fazer queixas deſte deſemparo. *Deus, Deus meus, ut quid dereliquiſti me?* Matth. 27. 46. Notai a miſterioſa repetiçaõ deſta palavra, *Deus*, com que parece falla o Senhor com as duas primeiras Peſſoas Divinas. Porque *Deus*, abſolutamente, ſignifica a Peſſoa do Pay, & *Deus meus*, ſignifica neſte lugar a Peſſoa do Filho. Chriſto ainda que homem Deus, he huma ſò Peſſoa; mas eſta Peſſoa, he Deus pela Peſſoa do Filho, & por iſſo, Chriſto ſe chama a ſi meſmo,

mo, seu Deus: *Deus meus.* Porèm nesta queixa, naõ chega o Senhor a repetir terceira vez o nome de Deus. Sabeis porque? Porque se poderia presumir, que tambem o Espirito Santo o desemparára. Mas se o Pay desempara a o Filho, & se o Filho se desempara a si mesmo: *Oblatus est, quia ipse voluit.* Porque razaõ havemos de crer, que sô o Espirito Santo naõ o desemparou? Porque ao Espirito Santo particularmente se attribue a bondade: & como ensina Santo Thomás, a Misericordia de Deus, naõ he outra cousa, que a sua mesma bondade em ordem aos remedios dos males desta vida: *Nihil aliud est Dei misericordia, nisi bonitas relata ad depellendam miseriam.* Agora pergunto: Em que experimentou o Senhor a misericordiosa assistencia do Espirito Santo? Na immunidade, que gozáraõ seus sagrados ossos na Cruz: porque de todas as partes do Divino Corpo do Senhor, sô estas ficáraõ illesas, & intactas: tanto assim, que os soldados, que tinhaõ ordem de quebrar as canellas aos crucificados, naõ executáraõ nos ossos do Senhor aquella crueldade: *Non fregerunt ejus crura.* E das palavras, que se seguem, se pôde inferir, que esta immunidade dos ossos do Senhor, se deve à protecçaõ da Misericordia Divina na Pessoa do Espirito Santo: *Facta sunt enim hæc. Ut Scriptura impleretur: Os non comminuetis ex eo.* Notai bem estas palavras: *Ut Scriptura impleretur.* Ficáraõ os ossos do Senhor sem lesaõ alguma, para que se cumprisse a Escritura. Que saõ as palavras da Escritura, senaõ palavras do Espirito Santo? Com huma Escritura pois feita desde o Antigo Testamento, estava a palavra do Espirito Santo empenhada na protecçaõ dos ossos do Senhor: *Os non comminuetis ex eo.* Verdade he, que a razaõ mais litteral deste successo, he que os Algozes naõ quebráraõ os ossos do Senhor, porque viraõ, que o Senhor

Isaiæ cap. 53. vers. 7.

S. Thomas in Psalm. 50. ad illa verba: Secundum magnã misericordiam tuam.

Joan. 19. 33.

Ibid. vers. 36.

nhor estava já morto : *Ut viderunt eum jam mortuum, non fregerunt ejus crura.* Porèm na errada opiniaõ dos Judéos, era o Senhor julgado por hum taõ grande, & taõ facinoroso malfeitor, que naõ gozára o Senhor os privilegios de morto, se com a invisivel assistencia do Espirito Santo, a Misericordia Divina, naõ reprimíra o furor daquelle rayvoso,& assanhado povo: & por isso remata o Evangelista a narraçaõ deste acontecimento, com esta advertencia: *Non fregerunt ejus crura. Facta sunt enim hæc, ut Scriptura impleretur : Os non comminuetis ex eo.* Que desemparados foraõ atégora os ossos destes delinquentes, & que seguro he o amparo, que hoje tem debaixo da sombra da Divina Misericordia. Agradeçaõ pois esta taõ singular ventura ao patrocinio desta piadosa Irmandade, que, como temos visto, faz neste Acto, da mayor ruina, o mayor trofeo, & juntamente, do mayor desemparo, o mayor asylo. Resta que vejamos, como o mayor sacrificio, he causa do mayor triumfo. Este he o terceiro milagre da Misericordia humana, prodigioso ecco da palavra Divina : *Ossa arida, audite verbum Domini.*

III. PARTE.

222. Neste abjecto, & humilde desafogo da piedade Christaã, sacrificaõ os Irmaõs da Misericordia, o decôro, & a authoridade de suas pessoas : porque aos olhos do Mundo, que avalía as acçoens pela apparencia, que cousa pôde parecer mais indigna, que abrir, & revolver a terra, que cobre as ignominias da Republica, recolher cinzas cheas de opprobrios, & levar com pompa os desperdiços, que o mesmo nada regeitou, & que a corrupçaõ teve asco de consumir? Mas se bem considerarmos o intrinseco valor destas acçoens, acharemos, que ainda que sejaõ indecorosas na apparencia, saõ na realidade taõ gloriosas, que

que a mesma humildade, com que a Misericordia as executa, he o diadema, que as coroa. O mayor Sacrificio, que pôde haver no Mundo, foi o que a Misericordia Divina offerecéo na Cruz, porque naõ sacrificou menos que a Pessoa de hum Deus; & a indignidade do lugar, em que foi offerecido, foi huma das mais lustrosas circunstancias deste Sacrificio. Podia a Misericordia Divina escolher lugar mais indigno da grandeza, & pureza do seu Sacrificio, que o Calvario? Naõ. Porque o Calvario era o lugar, em que se justiçavaõ, & se enterravaõ os malfeitores. Por todo aquelle monte, jaziaõ pedaços daquellas infames victimas da justiça, ossos de salteadores, caveiras de ladroens, esqueletos de homicidas: & quiz Deus, que as correntes de seu Divino Sangue inundassem aquelle theatro de opprobrios. Porque aonde saõ mais patentes as ignominias da culpa, lá he mais lustroso o Sacrificio da Graça, & Misericordia Divina. S. Jeronimo: *Apparet, Calvariam, locum significare decollatorum, ut ubi abundavit peccatum, superabundaret & gratia.* Mas que pomposo foi o triumfo, que se seguio a este humilde Sacrificio da Misericordia! Para festejarem as ternuras da Divina Misericordia, quebraraõse as pedras. Para apregoarem os beneficios da Misericordia Divina, os mortos se levantáraõ das sepulturas: & finalmente o Sol se eclipsou, para ceder à Misericordia Divina, a coroa de suas luzes. Se naõ queremos dizer, que o Sol se enlutou, & se amortalhou, para que a sombra, & escuridade das trevas cobrisse as ignominias da morte do Senhor. E esta piadiosa commiseraçaõ he taõ propria das criaturas celestes, que os Astros mais levantados, saõ os que mais se abatem aos exercicios de huma misericordiosa humildade.

S. Hieron. ad cap. 27. Matthæi.

223. No dia do Juizo, antes que soe a espantosa trombeta, que fará resusci-

tar os mortos, toda a terra ſerá hum cimeterio de oſſos. Oſſos de Principes, nos Mauſoleos; oſſos de Prelados, nas Urnas; oſſos de Senhores, & plebeyos, nas ſepulturas, & nas covas. Neſta univerſal ruina, faraõ todos os Aſtros huma publica demonſtraçaõ de ſua piedade: com eſta differença, que as Eſtrellas, que ſobrepujaõ aos Planetas na altura, tambem os excederáõ no abatimento. O Sol, & a Lua, quando muito, ſe eſcureceraõ: *Sol obſcurabitur, & Luna non dabit lumen ſuum.* Mas naõ diz a Eſcritura, que eſtes luminoſos Planetas ſe lançaráõ do Ceo à terra. Pelo contrario as Eſtrellas, aindaque mais altas que a Lua, & mais levantadas que o Sol, ſe moſtraráõ taõ humildes, & compaſſivas, que deſpenhadas de ſeus orbes, cahiráõ ſobre a terra, & naõ repararáõ em miſturar com as noſſas mortalhas, as ſuas luzes, & com as noſſas cinzas, os ſeus reſplandores: *Stellæ cadent de cælo.* Que ſaõ hoje os Irmaõs da Miſericordia, ſenaõ Eſtrellas do Firmamento deſta Corte, abatidas aos exercicios de huma compaſſiva humildade? As Esferas deſtes Aſtros, ſaõ tumbas, & ſepulturas: o ſeu oriente, he o occaſo, porque a morte he o principio de ſeus movimentos: nenhum fruto eſperaõ de ſuas influencias, porque as repartem com oſſos, que ſaõ o ſymbolo da eſterilidade: & ſó brilha a ſua luz para apagar a memoria das infamias. Eſte he o Sacrificio de ſua grandeza. Vede agora, que illuſtre he o triumfo da ſua gloria. De todos os attributos Divinos, ſó a Miſericordia, he o que deixa no homem alguma ſorte de igualdade para a competencia. Com a Sabedoria Divina, naõ póde o homem competir, porque todo o ſaber dos homens, he ignorancia. Naõ podemos competir com a Omnipotencia, porque todo o noſſo poder, he fraqueza. E aſſim dos mais attributos Divinos. Só he permitido ao homem, o competir com a Miſericordia

Matth. cap. 24. verſ. 29.

Matth. 24. v. 29.

cordia

cordia Divina: & por isso anima o Senhor a nossa desconfiança com estas palavras: *Estote ergo misericordes, sicut & Pater vester misericors est.* Mas em que mais realça a Misericordia de Deus? O mesmo Senhor o diz: *Ipse benignus est super ingratos, & malos.* Neste lugar, naõ diz o Senhor, que Deus he misericordioso para com os bons, senaõ para com os maos; porque muito mais realça a Misericordia Divina nos indignos, que nos benemeritos: a Misericordia para com os benemeritos, he huma especie de justiça: mas a Misericordia para com os indignos, he huma pura Misericordia, & quanto mais pura, mais divina. Naõ de outra sorte, a Misericordia humana, que naõ satisfeita de acudir ás necessidades dos orfaõs, das viuvas, & das pobres familias, dignas de seus caritativos soccorros; com huma heroica, & quasi Divina clemencia, se entrega, & se sacrifica, aos que os crimes fizeraõ indignos de toda a piedade.

Luc. 6. 36.

Ibid. vers. 35.

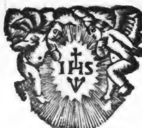
Este he hoje o fundamento da competencia da Misericordia dos homens, com a a Misericordia de Deus. E supposto a Misericordia Divina naõ póde deixar de sahir victoriosa, naõ por isso perde a Misericordia humana, a gloria do triumfo, porque nos conflictos, em que Deus he o objecto de nossa emulaçaõ, o competir he vencer, & o combater, he triumfar. S. Pedro Chrysologo: *Satis potest homo misericors, qui cum Deo de pietate confligit.*

Petrus Chrysologus exponens illud Mathæi, Et dimitte nobis debita nostra.

224. Creio, que assim os mortos, como os vivos, estaõ persuadidos da evidencia dos prodigios, com que a Misericordia humana, como ecco da palavra Divina, faz neste dia, da mayor ruina, o mayor trofeo; do mayor desemparo, o mayor asylo; & do mayor Sacrificio, o mayor triumfo. Resta agora, que peçamos a Deus huma graça, sem a qual naõ podemos experimentar na outra vida, os prodigios de sua infinita Misericordia. A estes malfeitores, concedeo o Senhor

esta graça: & se elles foraõ taõ venturosos, que se aproveitáraõ della, que justamente lhe podemos envejar a sua ventura! E que graça foi esta? Foi o tempo, que tiveraõ para pedirem a Deus perdaõ de suas culpas. A hora da morte, que para todos he incerta, foi para elles certa, & evidente, & no meyo de suas desgraças, tiveraõ a ventura de poder satisfazer à Divina Justiça, com huma verdadeira contriçaõ de seus peccados. Oh que grande graça, com a qual he certa a nossa salvaçaõ! Oh que grande graça, sem a qual a nossa condenaçaõ, he infallivel! Oh quantos estaõ, & estaraõ sempre no Inferno, porque lhe faltou esta graça no ultimo instante de sua vida! E que pouco cuidado temos de pedir a Deus esta graça, absolutamente precisa para a salvaçaõ eterna. *Ossa arida audite verbum Domini.* Já naõ fallo com esses mortos, fallo com os vivos. Que tambem ha homens vivos, mais duros que pedras, & mais secos que esses ossos: *Ossa arida.* Coraçoens empedernidos, almas insensiveis, aos impulsos da Graça, & aos remorsos da consciencia. Peccadores obstinados, que vendo o estado miseravel de vossas Almas, & o perigo de vossa salvaçaõ, perseverais na abominaçaõ de vossos vicios, com tanta impiedade, como se naõ houvera Deus no Mundo, & com tanta confiança, como se na outra vida, naõ houvera Inferno: Até quando duraráõ os excessos, os escandalos, & o desprezo das leys humanas, & Divinas, com que sem respeito, & sem temor, provocais a Divina Justiça? Se a mayor infamia de hum homem nesta vida, he morrer condenado pela justiça dos homens, quanto mayor será a infamia, & o tormento dos que na hora da morte, seráõ condenados pela justiça de Deus, & condenados por toda a eternidade? Oh que grande infamia, que naõ ha de ter fim! Oh que grande tormento, que ha de durar, emquanto Deus for Deus!

Oh que grande infamia a de estar sempre em companhia dos Demonios! Oh que grande tormento, o de estar ardendo em hum fogo eterno! Christaõs, todos somos peccadores, & se como peccadores offendemos a Divina Bondade, todos merecemos os castigos da Divina Justiça. E se neste dia, & nesta hora houveramos de apparecer diante do Tribunal de Deus, qual de nós está actualmente taõ arrependido de todos os seus peccados: qual de nós está taõ reformado nos costumes, taõ aparelhado para a morte, & tanto em graça de Deus, que naõ merecesse ser condenado ao Inferno? Ah meu Divino Jesus, naõ se malogrem em nós os tormentos, que padecestes na Cruz, que ainda estamos em tempo de experimentar a infinita benignidade de vossa Misericordia. Dainos, Senhor, huma graça taõ poderosa, & taõ efficaz, que desde logo comecemos a chorar nossas culpas. Dainos, Senhor, huma taõ viva dôr, & huma taõ firme resoluçaõ de nunca mais vos offender, que nos façamos dignos da vossa Misericordia nesta vida temporal, & da vossa Gloria na vida eterna: *Ad quam nos perducat omnipotens Pater, & Filius, & Spiritus Sanctus.*





SERMAM
NO
PASSO
DOS AÇOUTES DO
SENHOR,
EM QUE
SE MOSTRA, QUE A LINGUA
maledica, he o açoute do Mundo:

Prégado no Convento da Divina Providencia
no Anno de 1683.

A flagello linguæ absconderis. Job. 5. n. 21.

225. Ersuadido das razoens, & obrigado das instancias de huma pessoa opprimida das calumnias dos maldizentes, prometí de prégar hoje contra o peccado da maledicencia. Cuidava eu, que difficultosamente poderia satisfazer à minha promessa, por me parecer que nenhuma proporçaõ

porçaõ tem este assumpto com os açoutes do Senhor, de que nesta tarde se renova a lastimosa memoria: mas acho, que ha huma grande connexaõ entre açoutes, & maldizentes; porque huma lingua maledica, naõ he outra cousa, que hum açoute da innocencia. No sentido metaforico, Açoute, significa tudo o que causa algum dano, ou ruina no Mundo: & assim podemos dizer, que os Romanos foraõ o açoute das naçoens, que sojugáraõ: & que os Godos, & os Vandalos, que destruiraõ Roma, foraõ o açoute dos Romanos. A inclemencia dos ventos, he o açoute das flores: o fogo da Canicula, he o açoute dos campos: as doenças, & os achaques, saõ o açoute, com que a morte nos vai levando à sepultura. E tenho observado, que de muito tempo a esta parte, se chama açoute, a penna, ou a lingua dos que escrevem, ou dizem mal dos benemeritos. Quiz Codro dizer mal das obras do grande Homero, & escreveo hum livro intitulado, o Açoute de Homero. Chamou Porcio, Açoute de Cicero, ao livro, què compoz contra este Princepe dos Oradores, & a Censura que Nevio fez do Poema de Virgilio, sahio com o titulo de Açoute das Eneidas. Com esta mesma propriedade, chamo eu a lingua dos detractores, flagello da reputaçaõ, & açoute da fama. Que inevitaveis saõ os estragos deste cruelissimo açoute! Naõ ha idade, estado, nem fortuna, que naõ fique sugeita à violencia dos seus golpes. Merecimentos, prendas, virtudes, dignidades, vassallos, & Principes, subditos, & Prelados, vivos, & mortos, todos saõ o alvo das calumnias de huma lingua maledica, que para ter todas as propriedades de hum açoute, naõ sempre offende as pessoas na sua presença, & no seu rosto, mas na ausencia, & detraz das costas, com perfida crueldade as desfigura.

226. A gloria, & a reputaçaõ dos homens, he como o espelho, claro por dian-

diante, & escuro pelas costas: claro por diante, pelo brilhante da lizonja; & escuro pelas costas, pelas sombras da maledicencia. Sô naõ pôde a maledicencia dos homens escurecer a gloria de Deus: & parece que o mesmo Deus quiz fazer presente aos olhos de Moyses esta singularissima prerogativa de sua gloria. Dezejava Moyses ver a gloria de Deus: *Ostende mihi gloriam tuam.* E fallando o Senhor ao modo humano, disse a Moyses, que sô lhe mostraria as costas: *Videbis posteriora mea.* E era possivel, que Moyses tivesse huma clara noticia da Gloria Divina, vendo a Deus sô pelas costas? Sim: porque se Deus fora composto de partes, por todas as partes se veria o transparente resplandor de sua gloria: *Cum transibit gloria mea, videbis posteriora mea.* Naõ assim a gloria dos homens. Quantos se vem applaudidos no rosto, & açoutados nas costas: na sua presença, encarece a lizonja as suas virtudes, mas em virando as costas, logo se lhe enxergaõ os vergoens do açoute da maledicencia. Huma das mayores felicidades da vida humana, he a immunidade do rigor deste açoute: & por isso celebra hum dos amigos de Job esta taõ rara immunidade, no Capitulo em que faz a relaçaõ dos privilegios de huma venturosa vida. As suas palavras saõ as do meu thema: *A flagello linguæ absconderis.* Que valem tanto como dizer. Oh homem, serás taõ venturoso, que te verás livre do açoute da maledicencia. Sabeis que grande felicidade he a de ficar livre deste açoute? He o mesmo que estar livre dos tres açoutes, com que Deus castiga ao Mundo. Os tres açoutes, com que a Divina Justiça nos castiga, saõ, peste, fome, & guerra: & destes tres açoutes está livre, aquelle a que Deus livra do açoute da maledicencia: *A flagello linguæ absconderis.* E no mesmo lugar, diz o Espirito Santo: *In fame, eruet te de morte, & in bello de manu gladij; non timebis calamitatem,*

Exod. 33. 18.

Ibid. vers. 23.

Job. cap. 5. vers. 21.

Nicolaus de Lyra in cap. 5. Job. 1.

tem, id est pestilentiam (comenta o Lyrano.) Destas palavras se segue, que no mesmo tempo, que Deus livra a hum homem do açoute da detracçaõ, fica este mesmo homem livre do açoute da peste: *Non timebis pestilentiam.* Livre do açoute da Fome: *In fame eruet te de morte.* E livre do açoute da Guerra: *Et in bello de manu gladij.* Esta he toda a materia do Sermaõ, em que determino provar, que huma lingua maledica, he peste, fome, & guerra. Peste, que tudo inficiona: fome, que tudo absorbe: & guerra, que tudo assola. Digo mais, & digo bem. A lingua de hum maldizente, he mais venenosa, que a peste. Este he o primeiro assumpto. Mais insaciavel, que a fome. Este he o segundo. E mais cruel, que a guerra. Este he o terceiro. Vamos entrando nas provas do primeiro discurso. *A flagello linguæ absconderis, & non timebis pestilentiam.*

I. PARTE.

227. Tres propriedades tem o veneno da peste, que o fazem summamente contagioso; a pressa com que sahe; a facilidade com que pega, & a tenacidade com que persevera. Sahe o pestifero veneno com tanta pressa, que em breves dias se apodera de huma Cidade, de huma Provincia, de hum Reyno. Pega com tanta facilidade, que até com hum toque, ou com hum bafo, se communica: & persevéra com tanta obstinaçaõ, que nem com a morte do que mata, se extingue. Por estas mesmas razoens, digo que o veneno das linguas maledicas, he muito mais contagioso, que a peste. E parece quiz o Orador Romano confirmar esta verdade, quando disse: *Nihil tàm volucre, quàm maledictum, nihil citiùs excipitur, nihil latiùs dissipatur.* Primeiramente: *Nihil tàm volucre, quàm maledictum.* Rebenta, sahe, corre o veneno da maledicencia com

Cicero pro Plãcio.

com muito mayor velocidade, que a peste; porque a peste he hum mal, que successivamente se atea, & se acende com a vezinhança, & communicaçaõ das pessoas: mas o contagio da detracçaõ chega a ferir os ausentes, & na mayor distancia os derruba, & annihila. Compara o Profeta Jeremias a lingua maledica, com o arco, porque de ordinario o arco, naõ mata senaõ de longe: *Extenderunt linguam, quasi arcum.* Notai bem a energia desta palavra, *extenderunt.* Naõ ha distancia, por grande que seja, que nos assegure dos tiros de huma lingua maledica. E para continuar a metafora do arco, repáro que quando o inimigo despede a setta, chega ao peito a corda do arco, como se quizera esforçar a violencia do tiro, com o odio que tem no coraçaõ. Do mesmo modo influe a malevolencia dos animos, na maledicencia das linguas, & como discretamente advertio Plutarco, o veneno, que a vibora lança da boca, naõ lhe nasce na lingua, quando morde, mas já o tem formado no peito, primeiro que o lance. Por isso ha no Mundo tantas linguas maledicas, porque ha tantos coraçoens mal affectos. E naõ vos ha de valer, o estar muito longe delles, porque sempre vos haõ de chegar com a mortal efficacia de seu veneno. Naõ quero agora averiguar, se he natural, ou superticioso, o remedio dos pôs de Sympathia: que lançados sobre o sangue de hum ferido, tem virtude para sarar, ainda estando absente, a sua ferida. Sò digo, que se ha pôs de Sympathia, que de longe saraõ as feridas, tambem ha pôs de Antipathia, que de muito longe mataõ as pessoas. E que pôs saõ estes, senaõ as palavras do homem, que he pò? Em dous lugares da Escritura, acho que o fallar o homem, he o mesmo que se fallára o pô. *Loquar ad Dominum meum, cum sim pulvis*: diz Abrahaõ. E David no Psalmo vinte nove: *Numquid confitebitur tibi pulvis?* Dema-

Jerem. 9. 3.

Genes. 18. 27.

Demaneira, que falla o pô, quando falla o homem. E se as palavras humanas saõ expressoens de hum pô animado, naõ he maravilha, que com esta poeira se levantem tantos, & taõ crueis testimunhos: as palavras pois dos maldizentes, saõ pôs de Antipathia, que aos lugares mais remotos estendem a sua venenosa actividade, & aindaque ausente, vos mataõ. Embarcastesvos para o Brasil, passastes à India, chegastes à China, ao Japaõ, ao cabo do Mundo, parecevos que haveis de conservar illeso o bom nome, com que sahistes do Reyno? Estais enganado, & juntamente estais perdido. Já naõ sois benemerito da Patria, já naõ luzem os talentos, & virtudes, que vos faziaõ taõ conspicuo na Republica, jà naõ sois lembrado senaõ para o aborrecimento, & perdido à reputaçaõ, perdestes a vida, & naõ escapastes, aindaque ausente; porque sobre o bom nome, que deixastes, lançou hum malevolo, pôs de Antipathia, & com elles vos tirou aquella vida, que sustenta o credito, & eterniza a fama. Oh que inevitavel he a peste da detracçaõ, que na mayor distancia occasiona a mayor ruina! *Nihil tàm volucre, quàm maledictum.* Tambem, *Nihil citius excipitur.*

Pegase o veneno da maledicencia muito mais facilmente que a peste; porque hum corpo inficiona a outro, ou com o toque, ou com o bafo: mas para desdourar, & escurecer os resplandores do merecimento, naõ he necessario tocar, basta fallar, & huma sô palavra he sufficiente para destruir o edificio da mais abalizada virtude: Tem as palavras dos homens huma especie de omnipotencia, contraria a virtude das palavras de Deus. Fez a Omnipotencia de Deus ao Mundo todo com huma palavra: & ha homens taõ perniciosamente omnipotentes, que com huma palavra desfazem em tudo o que ha no Mundo. Que digo huma palavra, huma

huma meya palavra, huma ſyllaba, huma particula da oraçaõ, hum mas, hum ſe, & hum ſenaõ, tem dentro de ſi hum veneno taõ peſtifero, & mortal, que-baſtaõ para infamar, & aniquilar hum homem. Honrado Fidalgo, mas muito preſumido. Grande Miniſtro, ſe fora mais limpo de maõs. Boa vara de Julgador, ſenaõ ſe dobrára tanto. Bom Parroco, ſe curára mais das ovelhas, que de ſi. Grande Prégador, ſe as obras diſſéraõ com as palavras. Grave Religioſo, ſenaõ fora taõ andejo. Bom Conſelheiro, ſenaõ dera tantos, & taõ maos alvitres. Baſta, que naõ havemos de ouvir duas palavras de louvor, ſem hum mas, ſem hum ſe, ſem hum ſenaõ. Moſinas palavras, deſgraciadas particulas, veneno do merecimento, peſte da innocencia, & contagio da gloria. Tenho para mim, que o Demonio foi o primeiro inventor deſte compendioſo, & disfarçado methodo de dizer mal. Porque muitos annos há, que com hum mas, & hum ſenaõ, desluzio o Demonio a gloria de hum Santo, que o meſmo Deus acabava de canonizar. Sabes tu, diſſe Deus ao Demonio, que grande ſervo meu he Job? Elle he o mayor Juſto, & Santo de todo o Mundo: *Numquid conſideraſti ſervum meum Job, quod non ſit ei ſimilis in terra?* Job. 1. 8. Sim Senhor, replicou o Demonio, grande Santo he Job, mas he daquelles Santos, que vos ſervem com primor, quando lhe fazeis a vontade: *Poſſeſſio ejus crevit in terra, ſed extende paululum manum tuam. Sed*, Ibid. eisahi o mas, & logo a eſte mas, ſe ſegue hum cruelisſimo ſenaõ: *Niſi in faciem benedicat tibi.* Ibid. Como ſe diſſéra o Demonio: naõ ha mayor Santo que Job, ſenaõ fora Hypocrita: *Niſi in faciem benedicat tibi.* E com eſta taõ breve como maligna advertencia, chegou o Demonio a fazer a virtude de Job taõ duvidoſa, que para fazer notoria ao Mundo a inflexivel conſtancia deſte Santo Varaõ, foi preciſo que Deus o ex-

o expuzesse a todos os golpes da adversa fortuna, & a todos os insultos do Inferno? *Dixit ergo Dominus ad Satan, ecce universa, quæ habet, in manu tua sunt.* Oh que pestifero veneno, o de huma lingua maledica! Quantos merecimentos apaga com huma palavra? Quantas famas escurece com huma syllaba? E quantos danos occasiona em hum momento? *Nihil citiùs excipitur.* Finalmente, *nihil latius dissipatur.*

Ibid.

Ibid.

229. Duraõ os effeitos da maledicencia, muito mais que os da peste; porque nos corpos humanos acaba a peste com a morte dos que mata, & a sepultura he o termo das suas crueldades; mas naõ tem os desatinos da maledicencia, limites, porque o maldizente, desenterra os mortos, & na memoria da posteridade eterniza as ignominias. Naõ he a morte o fim de todos os males desta vida, as calumnias saõ males, que perseveraõ ainda depois da morte: & hum fallo testemunho aindaque fundado no ar, se sustenta, & a pesar do tempo, que tudo acaba, successivamente se perpetùa em todas as idades. Para os Judéos encubrirem a gloria da milagrosa Resurreiçaõ do Senhor, levantáraõ, que os Apostolos tinhaõ secretamente tirado o seu sagrado cadaver da Sepultura. Das guardas do Sepulcro passou esta voz aos Ministros da Justiça, & delles aos Principes da Synagoga: & logo foi divulgada por toda a Cidade de Jerusalem. Que os Judéos falsamente accusassem aos Apostolos, naõ me admiro: o que me assombra, he, que affirma o Evangelho, que até o dia de hoje estaõ os Judéos dando credito a esta diabolica falsidade: *Divulgatum est verbum istud apud Judæos, usque in hodiernum diem.* Desde o tempo em que o Evangelista S. Mattheus escreveo este successo, se passáraõ mais de mil & seis centos annos, & neste intervallo de tempo, quantas Cidades destruio a peste, quantas Provincias assolou

Matth. 28 n. 15.

solou a guerra, quantos Imperios acabou o tempo? Mas no meyo de todas estas ruinas, ainda fica em pé esta calumnia, & propagada de pays a filhos, sempre irá brotando, & reverdecendo, em quanto houver Judéos no Mundo. Eis ahi como a peste da maledicencia, continùa, & estende seu implacavel furor além da morte. Pouco importa o estar debaixo de huma campa, quando as linguas maledicas se poem em campo. Nos braços da morte vai a maledicencia buscar os defuntos, & com afrontosas anatomias de suas acçoens, expoem à vista, as faltas mais occultas de sua vida. Renovaõ os maledicos a memoria de delitos esquecidos, & convertem os Epitafios em Satyras. Naõ perdoaõ ao silencio das cinzas, naõ reparaõ em violar a immunidade dos sepulcros, & com sanguinolentas contumelias, festejaõ as exequias da fama, & funeral da reputaçaõ. Valhame o Ceo! Como poderáõ os vivos escapar de huma peste taõ cruel, de que nem os mortos, que estaõ livres de todos os males da vida, se podem izentar? Com summa providencia ordenou o Legislador dos Sybaritas, que os maldizentes fossem levados por todas as ruas, & expostos à vista de todos nas praças mais publicas da Cidade, para que todos os conhecessem, & fugissem delles como de homens infectos, & empestados. Mas he hoje este mal taõ commum, que se quizermos observar esta ley, creio, que todos fugiremos huns dos outros. Sim, a maledicencia he a peste do Christianismo, & se fora possivel, havia hum Christaõ de fugir de si mesmo, se se vira tomado deste contagio. *Pestis haec*, diz S. Lourenço Justiniano, *à servis Christi penitus debet esse aliena.* A lingua pois de hum maldizente, naõ sô he mais venenosa, que a peste, tambem he mais insaciavel, que a fome. Este he o segundo Açoute do Mundo, & o segundo Assumpto do Sermaõ: *A flagello*

Charondas Sybariensium Legislator, calumniatores, & maledicos, per urbem circumferri, & omnibus ostendi statuit. Diodor. Sicul. Bib. Hist. lib. 12.

Laurent. Justin. de interiori conflictu cap. 2.

gello linguæ abſconderis, & in fame eruet te de morte.

II. PARTE.

230. Sim, a boca de hum maledico, he mais insaciavel, que a inedia de hum faminto. E ſenaõ, lembraivos do que aconteceo a Moyſes com os filhos de Iſrael no Deſerto. Com o Maná, chegou Moyſes a ſatisfazer a fome dos Iſraelitas, mas naõ achou com que aplacar a ſua maledicencia. Foi aquelle Povo taõ ingrato, que a abundancia lhe cauſou faſtio, & o faſtio occaſionou a murmuraçaõ. Que a maledicencia he taõ difficultoſa de ſatisfazer, que o meſmo faſtio
Numer. 21. 5. a deſperta: *Anima noſtra jam nauſeat ſuper cibo iſto leviſſimo.* O dizer mal, he para os homens, hum manjar, que nunca enfaſtia. E eſte he o Maná, com que à imitaçaõ de Deus, o Demonio ſuſtenta os homens no deſerto deſte Mundo. Digo, à imitaçaõ de Deus, porque deſde o principio do Mundo, pretendeo o Demonio igualarſe com Deus: *Similis ero Altiſſimo.* Mas Iſaiæ 14. 14.
vendo, que naõ podia ſer ſemelhante a Deus na realidade, procurou de o imitar na apparencia, fazendo com eſpecioſa mentira tudo o que Deus obra no Mundo com verdade. Que ſe Deus he adorado, tambem o Demonio ſe faz adorar. A Gentilidade, he a gente que o idolátra. Os que nelle tem fé, ſaõ infieis. E os que lhe pagaõ tributos, ſaõ pagaõs. Tem o Demonio ſeus Templos, mas profanos; os Sacerdotes, que nelles aſſiſtem, ſaõ Nigromantes; & os Sacrificios, que nelles ſe offerecem, ſaõ Sacrilegios. Tem o Demonio ſeus Profetas, mas mentiroſos: tem ſeus Apoſtolos, mas Apoſtatas: tem ſeus martyres, mas ſaõ victimas do Inferno: & os ſeus eſcolhidos, ſaõ preſcitos. Imita o Demonio a Omnipotencia de Deus, mas com milagres apparentes, & fantaſticos: & para imitar a Divina Providencia, fomenta o Demonio a vida, & a converſaçaõ dos ho-

homens, com a maledicencia, que he hum Maná ás avessas, com semelhança do verdadeiro Maná dos Israelitas.

231. O Maná, na opiniaõ de alguns, era formado de ar, & na opiniaõ de outros, o Maná, era feito de orvalho. Que he a maledicencia, senaõ ar juntamente, & orvalho? Ar, nas palavras, & orvalho, nas lagrimas: porque das palavras dos maledicos, nascem as lagrimas dos innocentes. O calor do Sol fazia derreter o Maná, & o calor da paixaõ no peito derrete na boca do maldizente a calumnia. Quantas vezes estaõ as calumnias como represadas, & congeladas na boca? Mas logo, que se acende o fogo da paixaõ, todas se dissolvem, se desataõ, & correm. Naõ se podia o Maná conservar de hum dia para outro, & ha pessoas taõ incapazes, de guardar o segredo de huma occulta detracçaõ, que andaõ com dores de parto atè que o tirem à luz. Pela madrugada se colhia o Maná, & sempre madrugaõ as linguas para a publicidade de huma calumnia. O Maná era doce como mel. E como advertio S. Gregorio Nazianzeno, naõ ha para os homens cousa mais doce, que o censurar as acçoens alheias: *Neque enim quicquam mortalibus, tam suave, ac jucundum est, quam de rebus alienis garrire.* Tomava o Maná os sabores de todos os manjares, conforme a vontade de cada hum, & na boca do maledico todas as cousas mudaõ de sabôr: a humildade sabe à vileza de animo: a paciencia sabe a pusillanimidade: a devoçaõ sabe à hypocresia: a alegria sabe à dissoluçaõ: a candidez sabe à simplicidade: o zelo sabe à paixaõ. Este he hoje o paõ quotidiano, & o Maná dos homens: com esta differença, que em pouco tempo os Israelitas se enfastiáraõ do Maná do Ceo; & naõ há quem se enfastie deste manjar do Inferno. Pôde haver fome mais desatinada, & mais insaciavel, do que esta da maledicencia,

Gregor. Nazianz. orat. 2.

cencia, que sempre se está fartando, & nunca se satisfaz. Estranhamos a crueldade daquelles Barbaros, que comem carne humana: muito mais barbaros, & deshumanos saõ os Christaõs, que naõ comem as carnes; mas em certo modo absorbem a Alma, & o espirito dos que servem de alimento à sua maledica voracidade. Por estes termos falla S. Joaõ Chrysostomo: *Non infixisti dentes carni, sed plurimum animis.* Cruelissimo detractor, naõ comeste as carnes, mas penetrou tua lingua as Almas de muitos innocentes. E isto como pôde ser? Direi. Está a Alma, & a consciencia do innocente muy quieta, & descançada, & perturbando o detractor este socego interior, afflige, penetra, & martyriza a Alma. Este martyrio da innocencia, & da reputaçaõ, he mais sensivel, que a mesma morte. Condenada à morte a innocente Susanna, estava diante dos Juizes com os olhos arrazados em lagrimas, & olhando para o Ceo, mostrou que a sua dôr naõ cabia nas angustias de seu coraçaõ: *Flens suspexit in Cælum.* Inundava o pranto aquelles olhos, ou para melhor dizer, aquelles Astros, que faziaõ inveja ao Firmamento: & sendo Susanna o Sol da belleza, razaõ era que chorassem as estrellas, o occaso deste Sol. Mas que significaõ as lagrimas em hum rosto angelico, asylo da modestia, & trono da Gentileza? Por ventura chora Susanna a crueldade do destino, que na Primavera dos annos lhe corta a flôr da vida? Naõ. Naõ he este o motivo do pranto de Susanna, affirma Santo Ambrosio. Pouco lhe importára a Susanna o morrer, se naõ morrêra infamada. Porque a morte acaba os dias, & a infamia eterniza as ignominias. Santo Ambrosio: *Ploravit itaque, cum sibi crimen objiceretur, non mortem deplorans, sed castitatis calumniam.*

Daniel. 13.25.

232. Supposto pois, que a infamia he mais para sentir que a morte; muito mais culpado he hum male-

maledico, que infama, que hum homicida, que mata. Na differença dos castigos claramente se vê a differença destes delitos. Mandou Jesabel apedrejar ao innocente Naboth, & pedio Herodias, que degolassem ao innocentissimo Bautista. Contra Jesabel, homicida de Naboth, pronunciou o mesmo Deus a sentença de morte: *De Jesabel locutus est Dominus, dicens, Canes comedent Jesabel.* Pelo contrario, naõ se acha na Escritura, que Deus castigasse o homicidio de Herodias. Sabeis porque? Porque Jesabel, sobre homicida, foi calumniadora, levantando a Naboth dous falsos testimunhos: o primeiro, que Naboth amaldiçoára a Deus: & o segundo, que o mesmo Naboth fallára mal d'El-Rey Achab: *Submittite duos viros contra Naboth, & falsum testimonium dicant, Benedixit Deum, & Regem.* Demaneira que dous excessos cometéo Jesabel; hum contra a vida, & outro contra a fama de Naboth. E parece, que em castigo deste ultimo excesso, permitio Deus, que Jesabel fosse comida dos caens; porque os maledicos saõ caens, que roem o que naõ podem tragar, & desfazem nas virtudes, que naõ podem sofrer: *Canes comedent Jesabel.* Mas naõ faz a Escritura mençaõ do castigo, que merecia Herodias; porque se bem procurou, que se tirasse ao Bautista a vida, naõ se atrevéo a macular do Bautista a fama: *Herodiades Baptistæ morte quievit, nihil contra eum dicens.* Podia Herodias desafogar sua paixaõ, forjando calumnias contra a innocencia do Bautista; mas naõ chegou sua crueldade a este ultimo excesso; sollicitou a morte, & perdoou à fama: & creio, que todos os que assistiaõ ao funesto banquete, emmudecéraõ de horror à vista do prato, em que veio a cabeça do Bautista, nadando no seu sangue. Porque naõ se acha no Evangelho, que Herodes, nem Herodias, nem sua filha, dissessem huma sô palavra contra o Bautista. E entendo, que

3 Reg. cap. 21. vers. 23.

3 Reg. cap. 21. vers. 10.

Benedixit, id est, maledixit, sicut Job 2. cap. Benedic Deo, & morere; propter hororem enim maledictionis, eam signabant Judæi nomine contrario. Glossa Lyrani in 3. Reg. cap. 21. vers. 10.

Sylveira tom. 3. in Evangelia, pag. 556. n. 95.

que esta foi a primeira vez, que a detracçaõ, naõ servio de sobremesa no fim de hum profano convite. Condena este silencio a maledicencia, dos que cortando na mesa pela fama do proximo, fazem em cabeças alheias huma cruel experiencia de sua injuriosa voracidade. Nem he necessario, que para este effeito se aparelhem as mesas, porque de ordinario as practicas, & conversaçoens, saõ mesas franqueadas, em que a mordacidade dos homens se desboca em dizer mal: a lingua, he o trinchante: os discreditos alheios, saõ as iguarias mais saborosas: os motejos, saõ os acipipes: os encarecimentos, saõ os adubos: a agudeza em retrahir, he o sal. Finalmente, murmurase a todo pasto: mas desta mesa sempre se levanta a maledicencia com appetite. *Detrahendi libido nunquam satiatur*: saõ palavras de Salviano. Com que acabo de provar, que a detracçaõ he mais insaciavel, que a fome. Resta a provar, que a maledicencia he mais cruel, que a guerra. E este he o terceiro effeito deste triplicado açoute do Mundo: *A flagello linguæ absconderis, & in bello de manu gladij.*

III. PARTE.

233. A primeira espada, que deu occasiaõ a todas as guerras do Mundo, foi a lingua de hum maledico. Acabadas as obras da criaçaõ, estava o Ceo em paz com a terra, quando o Demonio em figura de Serpente, afiou a espada de sua lingua, & com ella se atreveo contra o mesmo Deus: *Cur præcepit vobis Deus?* Que he isto? (disse o Demonio a Eva.) Taõ depressa cativou Deus vossa liberdade? Ainda agora nascestes, & já estais obrigada a jejuar? Que desmanchos fizestes, para vos pôrem de Dieta? E que importa seres senhora de tudo, se estais com o baraco na garganta? Neste particular naõ quizera dizer o que entendo: mas he força que o diga. O pomo vedado, he

Genes. cap 3. vers. 1.

he hum bocado, que vosso Deus, quer só para si: esta he a razaõ de seus preceitos, & a semrazaõ de seus ameaços. Mas vós, ainda que novata, naõ sejais taõ simplez, que receis o castigo. Naõ he Deus hum tiranno, que sem causa tire a vida. Cioso sim, será elle de sua gloria, & como affecta ser unico em tudo, negouvos o alimento, que vos póde fazer semelhante a elle. Emfim, lá vos avinde com os vossos escrupulos: eu fallei como amigo, & naõ digo mais, porque a bons entendedores, poucas palavras bastaõ. Com estas manhosas tretas, foi o Demonio meneando a espada da lingua, & no Campo do Paraiso Terreal, se viraõ logo desembainhadas todas as espadas, que havia no Mundo; porque entaõ naõ havia mais que tres linguas, a lingua do Demonio, a lingua de Eva, & a lingua de Adaõ. E todas tres armáraõ golpe: a lingua do Demonio, contra Deus; a lingua de Eva, contra o Demonio; & a lingua de Adaõ, contra Eva. A lingua do Demonio contra Deus, estranhando o rigor de seus preceitos: *Cur præcepit vobis Deus?* A lingua de Eva contra o Demonio, manifestando o ardil de seus enganos: *Serpens decepit me.* E a lingua de Adaõ contra Eva, fundando na imprudencia desta má companheira a desculpa de seus temerarios excessos: *Mulier, quam dedisti mihi sociam, dedit mihi de ligno, & comedi.* E o conflicto destas tres linguas, foi o preludio de todas as discordias, & o fatal principio de todas as guerras domesticas, que desde aquelle tempo se acendéraõ em todas as partes, aonde a lingua achou lugar para a maledicencia.

Genes. cap. 3. verf. 13.

Genes. cap. 3. verf. 12.

234. Postas de huma parte as ruinas, que causa a guerra, & da outra, os danos, que occasiona a maledicencia; he certo, que naõ só a maledicencia he mais perniciosa à Republica, que a guerra: mas (se bem repararmos) a guerra he hum mal, de que podem resul-

refultar muitos bens: & a maledicencia he hum mal, de que fô males fe originaõ. Muitas vezes fe faz guerra com jufta caufa: mas naõ ha coufa alguma, que juftifique a maledicencia. A guerra deftroe os inimigos: & da maledicencia nem os amigos eftaõ feguros. A guerra he para os valerofos: & a maledicencia para os fracos; porque de ordinario, os que tem má lingua, naõ tem boa efpada. Na guerra huns perdem, & outros vencem: & todos perdem; porque o maldizente perde a graça: o de que diz mal, perde a reputaçaõ: & os que ouvem dizer mal, perdem o bom conceito, que tinhaõ do fugeito murmurado. A guerra, a fufpende huma tregoa, ou a acaba huma paz: mas naõ ha tregoas, nem pazes, que ponhaõ balizas aos obftinados deftinos da maledicencia. Em todos os tempos, em todas as occafioens, & em todos os lugares, com artificiofos eftratagemas, a maledicencia fe infinua, fe mete, fe entremete, & mexerica: nas cafas particulares, com mafcara de amizade: nas communidades religiofas, com capa de zelo: nas Cortes, com fumos de difcriçaõ: nas fatyras, com agudeza: nas cartas, com confiança: nos libellos, com defabrimento: nas converfaçoens, com chiftes, & com remoques, com fingidos applaufos, & com patentes defprezos: diminuindo prerogativas; exagerando imperfeiçoens; negando evidencias; abonando mentiras; criando chimeras; anniquilando realidades; & fempre malina, & nociva, offende a caridade, quebra a paz, pifa a verdade, atropella a innocencia, & finalmente defconcerta, & defcompoem a fuave harmonia da fociedade humana. Tudo ifto diffe S. Lourenço Juftiniano em poucas palavras: *Quàm perniciofa detractioni affuetus concitat bella! rixas utique movet, parit odia, pacem diffipat, dirimit unitatem, caritatem extinguit, fe, fuumque interimit fratrem.*

Laurent. Juftin. de interiori conflictu cap. 2.

235. Chama Santiago a lingua do detractor, universidade das maldades: *Lingua ignis est, universitas iniquitatis*. Universidade, entre nós, significa as Escolas, & as Classes, em que se ensinaõ, & se exercitaõ todas as sciencias: & a boca do maldizente, he a universidade, em que a lingua he a Mestra, & a Doutora jubilada de todas as maldades: *Universitas iniquitatis*. Desta Universidade, em que todos saõ Bachareis, porque todos saõ falladores, sahem todos os males do Universo, & todos os açoutes do Mundo, a peste, a fome, & a guerra. Porque (como temos visto) a maledicencia he juntamente, peste, fome, & guerra: peste no veneno, fome na mordacidade, & guerra nas discordias, que occasiona. Mas aindaque todos estes males sejaõ taõ grandes (como se experimenta) muito maior he o dano, que o maldizente se faz a si mesmo. *Telum, non eum, qui ictus est, sed te, qui ejaculatus es, occidit*: diz S. Joaõ Chrysostomo. As palavras do maledico, saõ setas, que cahem sobre a cabeça do que as lançou: & a detracçaõ, que na honra do proximo, he ferida, na Alma do maldizente, he morte, & morte eterna. Que arriscada he a salvaçaõ de hum detractor! Naõ se póde o detractor pôr em estado de graça, sem absolviçaõ, naõ lhe póde o Confessor dar a absolviçaõ, sem restituir a fama: & a fama he hum bem, que huma vez tirado, ou tarde, ou nunca se restitue. A fama (se bem advertirdes) he muito mais difficultosa de restituir, que a fazenda; porque póde o ladraõ restituir a fazenda com a mesma maõ, & com a mesma facilidade, com que a roubou; mas muitas vezes, naõ póde a mesma lingua reparar o dano, que tem feito. E se para publicar huma calumnia, huma sô lingua, basta: para desfazer esta mesma calumnia, muitas linguas naõ bastaõ. Quando Pilatos, com a sentença da morte do Senhor, confirmou

Epistola 3. Jacobi vers. 6.

Joan. Chrysostom. hom 7.

in Epistol. ad Romanos.

mou os falsos testimunhos dos Judéos, fallou Pilatos em huma sô lingua, & escrevéo depois o Titulo da Cruz em tres linguas, na lingua Hebraica, Grega, & Latina. O Titulo da Cruz era huma declaraçaõ da innocencia do Senhor; porque nelle affirmava Pilatos, que Christo era Rey dos Judéos: *Hic est Rex Judæorum.* Com este titulo escrito nas tres melhores linguas do Mundo, parece quiz Pilatos restituir na opiniaõ do Mundo, todo o credito que tirára ao Senhor, com a infamia da sentença que pronunciára. *Titulus inscriptus est à Pilato, & positus Rex Judæorum, tribus linguis, Hebraica, Græca, & Latina, quæ linguæ in toto orbe maximè excellunt:* diz Santo Agustinho. E S. Joaõ Chrysostomo: *Ut calumniatoribus os obstrueret, in Regem suum surrexisse denunciat.* Demaneira que com tres linguas procurou Pilatos atalhar os progressos de huma calumnia publicada por elle em huma sô lingua: mas que pouco aproveitou este remedio! Paravaõ os Judéos ao pé da Cruz, & lendo o Titulo, viaõ a publica, & triplicada retractaçaõ de Pilatos: *Hunc ergo titulum, multi Judæorum legerunt.* Escreve o Evangelista S. Joaõ; mas naõ affirma o Evangelista, nem até agora se sabe, que à vista desta taõ patente restituiçaõ da fama do Senhor, algum dos Judéos deixasse de crer, que o Senhor, era criminoso, & digno de morte. Taõ difficultoso he o arrancar huma má opiniaõ arraygada nos animos dos homens.

Lucæ cap. 23. vers. 38.

Augustin. in Psalm. 58.

Joan. Chrysostom. hom. 84. in Joan.

Joan. 19. n. 20.

236. Saõ as calumnias como os Rios, que crescem correndo, & naõ retrocedem: & por isso he quasi impossivel, que o detractor repare as ruinas, que occasionaõ as suas, em certo modo, irrevogaveis palavras. Oh que embaraço para a consciencia! Oh que perigo para Alma na hora da morte! Oh quantas Almas tirou a maledicencia ao Ceo, & quantas metéo no Inferno, & no Inferno para sempre, & por toda a

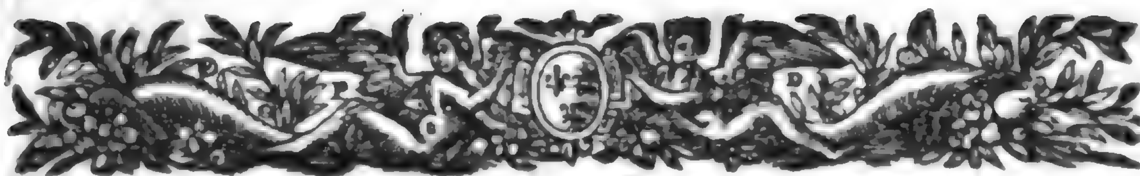
eternidade! Padre, como he possivel, que se naõ diga mal, de tantos males, que continuamente se cometem? Naõ murmuramos das pessoas, estranhamos os costumes, condenamos os vicios, aborrecemos os peccados. E isto he zelo, antes que detracçaõ. Bem está. Mas tambem sede zelosos contra vós mesmos. Vede, se todas as vossas acçoens saõ justificadas. Examinai bem o estado de vossa consciencia, & naõ lhe faltará ao vosso zelo, que emendar: & pondo os olhos nos vossos proprios defeitos, naõ tereis boca para fallardes nos peccados alheios. Quando os accusadores da mulher adultera viraõ os seus proprios peccados escritos na terra, nenhum delles se atrevéo a continuar a accusaçaõ; mas todos se foraõ envergonhados, confusos, & emmudecidos. Taõ efficaz he a consideraçaõ das proprias culpas para o esquecimento das alheias. Oh! que grande, & que justa seria a nossa confusaõ, se todos viramos nossos peccados mais occultos, publicos, & manifestos! E porque he necessaria esta confusaõ, vejamos as nossas culpas, naõ escritas na superficie da terra, mas na purissima carne do Redemptor do Mundo. No seu proprio corpo, traz o Senhor os nossos peccados rubricados com letras de sangue, & escritos com tantas pennas, quantas foraõ as varas, as cadeas, & as pontas de ferro, com que os verdugos rasgáraõ, & penetráraõ até os ossos, as Divinas Carnes do Filho de Deus: *Supra dorsum meum fabricaverunt peccatores.* *Psalm. 128. vers. 3.* Sim, meu Divino Jesus, eu o confesso, nossas culpas abríraõ essas Chagas, nossa crueldade derramou esse Sangue, nossos desatinos despedaçáraõ esses hombros. E tudo o que encontraõ nossos olhos nessas sagradas ruinas, saõ cruelissimos effeitos de nossos peccados. Nessas feridas, divisamos as nossas offensas: nesses olhos eclipsados, vemos a cegueira de nossas paixoens: nessas cordas,

que

que vos ataõ, conhecemos os maos habitos, que nos cativaõ: & a dureza dessa columna, significa a insensibilidade de nossos obstinados coraçoens. Oh se à vista de tantos excessos, desistiramos já de tantas offensas! Perdoai, meu bom Jesus, as nossas culpas, & aceitai as nossas lagrimas. Penitentia, Christaõs. Penitencia, que naõ saõ as culpas sô para a vista, senaõ tambem para o arrependimento, & para a emenda. Pezanos, Senhor, de ter offendido vossa infinita bondade. Pezanos de todo o coraçaõ. Misericordia, meu Jesus, misericordia, misericordia nesta vida, & gloria na outra: *Ad quam nos perducat Omnipotens, &c.*



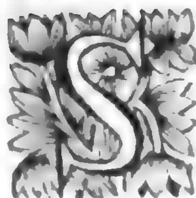
SER.



SERMAM
NO
PASSO
DO
ECCE HOMO,
EM QUE
SE ENSINA O MODO, COM QUE cada hum ha de responder aos seus maldizentes:

Prégado no Convento da Divina Providencia.

Factus sum sicut homo non audiens, & non habens in ore suo redargutiones. Psalm. 37. vers. 15.

237. ENDO a maledicencia, a mais applaudida Retorica deste seculo, em que sô os que dizem mal, tem fama de fallar bem, naõ he razaõ, que se ignorem, os termos, as metaforas, & as figuras, com que se ha de responder ás calumnias dos maldizentes. Esta hoje será a materia do

do Sermaõ, para desempenho da promessa, que fiz Domingo. De todas as figuras dos Oradores, sô huma nos pôde servir contra a loquacidade dos maledicos: & he a figura a que chamaõ, Reticencia, que he o mesmo, que hum artificioso silencio, com que o Orador tacitamente inculca as suas razoens, & dissimulando persuade, & calando vence. Na Arte de responder ás injurias dos detractores, o silencio mais sofrido, he a mais efficaz eloquencia, & no meyo dos calumniadores, que desfazem no proximo, & em certo modo o desfiguraõ, sô o que naõ responde, faz figura. Nas palavras do meu Thema, o Senhor se compara com hum homem, que aindaque arguido, naõ responde: *Factus sum sicut homo, non habens in ore suo redargutiones.* E na primeira Epistola aos Hebréos, chama S. Paulo ao Senhor figura da substancia do Eterno Pay: *Splendor gloriæ, & figura substantiæ ejus.* Demaneira, que o mesmo Senhor, que nesta vida se houve como mudo, fez taõ boa figura, que S. Paulo o chama figura da Substancia Divina. Mas no tumultuoso theatro deste Mundo, em que mais podem os brados, que a razaõ, que figura pôde fazer hum mudo? Direi. Figura, tem muitas significaçoens, & duas principalmente, que se podem appropriar ao Senhor. Porque figura significa imagem: & o Senhor emquanto Filho de Deus, he a imagem real, & a figura essencialmente representativa do Eterno Pay. *Figura substantiæ ejus:* diz S. Paulo. *Character, vel plena ostensio patris:* commenta o Lirano. Tambem, figura, significa o decoro, & a authoridade, com que hum homem acredita os seus procedimentos: & neste sentido, fez o Senhor taõ boa figura, que sempre conservou hum animo imperturbavel, nas occasioens, em que de ordinario se altera, & se descompoem o mayor socego. Provocado o Senhor pelas calumnias dos plebeyos, & dos

Psalm. 37. vers. 15.

Ad Hebræos cap. 1. vers. 3.

dos Magnates, naõ sômente naõ acudio à justificaçaõ de sua innocencia, mas com heroica insensibilidade emmudeceo no meio dos mais estrondosos improperios, & ás mais atrozes injurias, respondeo sô com o silencio. Neste mudo sofrimento, Christo Senhor Nosso, homem Deus, naõ parecia Deus, nem homem, porque como Deus, Christo he a palavra Divina. E como he possivel, que a mesma palavra esteja calada? Nem taõ pouco parecia homem; porque o sinal exterior, que mais distingue os homens dos animaes, he o fallar: mas sem embargo destas apparentes implicancias do silencio com a Natureza Divina, & humana, digo, que o silencio foi o pregoeiro da Divindade, & humanidade de Christo.

238. Que o silencio, manifestasse a Divindade de Christo, consta deste successo. Aquelle grande Doutor da Ley, Nathanael, foi hum dos primeiros que conheceo, que era Deus: *Rabbi, tu es Filius Dei.* Mas por onde conhecéo este Doutor a Divindade de Christo? Pelo silencio, com que dissimulou huma injuria. Sobre a vileza do lugar de Nazareth, primeiro theatro dos prodigios da Encarnaçaõ do Verbo, motejava Nathanael, affirmando, que de huma terra taõ pobre, & taõ limitada, naõ podia vir cousa boa: *A Nazareth potest aliquid boni venire?* Chegou o Senhor, & he opiniaõ de alguns, que Nathanael entendeo, que o Senhor como Profeta sabía o que dissera; mas vendo que naõ se dava por aggravado deste injurioso remoque, acabou de se persuadir, que Christo era Deus. Porque sô a paciencia de Deus póde com os aggravos dos homens: *Tu es Filius Dei.* S. Joaõ Chrysostomo: *Tunc verò Christum esse cognovit, præsertim cum quæ ægrè ferenda videbantur, ea non reprehendit.* Com este mesmo silencio mostrou o Senhor que era verdadeiramente homem. No Pretorio de Pilatos feito o Senhor alvo das irri-

Joan. cap. 1. vers. 49.

Joan. cap. 1. vers. 46.

Joan. Chrysost. homil. 19. in Joan.

irrisoens, & zombarias do Povo Judaico, com huma cana por sceptro, com huma coroa de espinhos, & huma purpura de escarneo, naõ disse huma sô palavra, para se desafrontar: & a compostura desta immudavel tranquillidade, lhe grangeou o titulo de homem por antonomasia: *Ecce homo.* Palavras, com que parece que Pilatos admirado, quiz dizer, que sô o Senhor, que com inflexivel constancia sofria tantos, & taõ grandes desatinos, era verdadeiramente homem: *Ecce homo.* Que cuidais? Que os que com reciprocas injurias se ferem, & se afeteaõ, saõ homens? Naõ. Naõ saõ homens; saõ viboras, que mordem quem as pisa: saõ feras, que despedaçaõ quem as irrita: sò os que com varonil paciencia dissimulaõ as semrazoens dos que os offendem, saõ homens. *Homo es*, diz S. Joaõ Chrysostomo, *ne Aspidum virus evomas: homo es, ne in belluam degeneres.* Continúa o mesmo Padre, dizendo, que a lingua foi dada ao homem, naõ para ferir, mas para sarar: *Os tibi datum est, non ut mordeas, sed ut aliorum vulneribus medearis.* Pôde a lingua do homem sarar dous generos de males; os males alheios, & os proprios: os males alheios, com o conselho; & as injurias como males proprios, com o silencio. Por isso dizia Strobéo, que a muitos homens servira o silencio de grande remedio: *Multis hominibus, pharmacum malorum est, taciturnitas.* Entre os muitos remedios da medicina, huns saõ lenitivos, outros correctivos, & outros preservativos. Nestes tres generos de remedios, temos os tres assumptos do Sermaõ. Em que veremos, como o silencio dos que dissimulaõ as maledicencias, he hum lenitivo, hum correctivo, & hum preservativo. Este silencio he o lenitivo da aspereza alheia, o correctivo da propria impaciencia, & o preservativo da Divina Justiça. Vamos applicando estes remedios, & vejamos como na

Joan. cap. 19. vers. 5

Joan. Chrysost. homil. 5 in Epistolas ad Corinthios.

Id. ibid.

Stobæus Serm. 33.

na estrondosa conjuraçaõ das linguas maledicas, havemos de imitar o discreto, & pacifico silencio do Senhor: *Factus sum, sicut homo non audiens, & non habens in ore suo redargutiones.*

I. PARTE.

239. Primeiramente, digo, que aos maledicos se ha de responder com o silencio; porque o silencio he o linitivo das asperezas da maledicencia. A hum homem irado, pôde a razaõ dar repostas, que o abrandem; mas taõ difficultosamente se aplaca hum maledico, que o callar he mais acertado, que o responder. Ao soldado, que levado da ira, levantou a voz, & a maõ, & deu a bofetada ao Senhor, respondéo o Senhor, estranhando o seu temerario excesso: *Unus assistens ministrorum, dedit alapam Jesu, dicens, Sic respondes Pontifici? Respondit ei Jesus.* Joan. 18. 22. Pelo contrario nenhuma reposta deu o Senhor a todos os escarneos, & calumnias dos Judéos: *Nihil respondes ad ea, quæ isti adversum te testificantur. Jesus autem tacebat.* Math. 26. 62. Demaneira, que respondéo a hum soldado furioso, & naõ respondéo a hum povo maledico; porque a maledicencia he mais implacavel que a ira. E se me perguntais a razaõ, direi a que agora me occorre. Tem a ira seu assento no coraçaõ, & o coraçaõ, de que nasce o amor, facilmente se rende. Por onde diz Salamaõ, que huma reposta branda, quebra a ira: *Responsio mollis frangit iram.* Proverbior. cap. 15. vers. 1. Mas a maledicencia reside na lingua, & a lingua naõ sô está longe do coraçaõ, que he o centro dos affectos, mas em certo modo, se aparta, & foge do coraçaõ, quando se solta a fallar. E he naturalmente taõ indomita, que como advertio Santiago, podem os homens amansar as feras, mas naõ podem domar as linguas: *Omnis natura bestiarum, & volucrum, & serpentium, & cæterorum domantur, & domita sunt à natura humana;* Epistola Jacobi cap. 3. v. 7. & 8.

lin-

linguam autem nullus hominum domare potest. He a ira como aquelles rayos, de que a furia se quebranta na brandura dos corpos, que lhe naõ fazem resistencia; mas a maledicencia he como o Ecco, que retumba a qualquer palavra, & sô quando ninguem falla, se calla. E assim como ha Eccos, que com sonora superfluidade multiplicaõ as vozes: assim tem os detractores huma fecunda dicacidade para injuriosas repostas, & só a modestia do silencio tem virtude para atalhar esta afrontosa dissonancia. *Magister vester non solvit didrachma. Matth. 17. 23.* Sabendo o Senhor, que os Ministros Reaes murmuravaõ de que elle naõ pagára o tributo, mandou a S. Pedro, que fosse pescar, & que pagasse aos Rendeiros com a moeda, que acharia na boca de hum peixe. Naõ era lanço mais milagroso, achar S. Pedro a moeda na maõ, & pagar no mesmo instante? Parece que sim: mas da boca do peixe aprendéo S. Pedro a obrar com mayor acerto; porque os peixes saõ mudos: & imitando S. Pedro o seu silencio, pagou, & apagou; pagou o tributo, & apagou a maledicencia. E que o Senhor mandasse S. Pedro ao mar para evitar os dissabores de huma escandalosa controversia; assaz o manifestaõ as suas palavras: *Ut autem non scandalizemus eos, vade ad mare.* *Ib. vers. 26.* Que se Christo fiára esta satisfaçaõ do fervoroso espirito de S. Pedro, naõ reparára S. Pedro em exasperar com suas repostas a rustica impertinencia dos Recebedores dos tributos. Diria Saõ Pedro, que Christo como Filho de Deus, naõ está sogeito as leys dos homens. E elles que eraõ Gentios, responderiaõ, que naõ conhecem outro Deus, que a Cesar. Acrescentaria S. Pedro, que Christo como descendente da Real prosapia de David, era izento de todos os tributos. E elles lhe haviaõ de disputar esta immunidade. Em conclusaõ, depois de muitas altercaçoens, debates, & contendas, quem sabe se viriaõ ás maõs? Que no que tocava ao respeito,

&

& credito de seu Divino Mestre, era S. Pedro taõ pouco sofredor, que mais depressa daria huma cutilada, que huma desculpa.

240. Nas tormentas da maledicencia, o mais tranquillo, & abrigado porto, he o silencio: & assim como ha peixes com figura de homens; bom fora, que algumas vezes os homens imitassem a taciturnidade dos peyxes. Alterase o mar, empollase, inchase, bate as prayas, & sahe de si, fervem as aguas, lutaõ as correntes, & roncaõ as ondas: que pouco se lhe dá disso aos peyxes. Todos se lavaõ deste motim na mesma agua, que os inquieta. Nadaõ, saltaõ, & folgaõ, em quanto o mar está bramindo. E meneando as barbatanas, zombaõ das barbatas deste furioso Elemento. Oh, se os homens quizessem fazer por prudencia, o que os peixes fazem por natureza! naõ cresceriaõ tanto as tempestades da detracçaõ, cessariaõ os estrondosos contrastes, & os sonoros conflictos das linguas. E deste silencio nasceria a paz, da paz a uniaõ, & da uniaõ o contentamento: & isso seria propriamente estar como peixe na agua. A esta pacifica dissimulaçaõ nos exhorta S. Bernardo com palavras, que parecem cortadas ao meu intento: *In hoc mari magno, & spatioso, quasi pisces spirituales, procellosa fluctuum volumina toleremus, & cohibeamus linguæ lubricum sub censura silentij.* Saõ as vozes humanas como navios lançados ao mar, que tocando huns nos outros, se despedaçaõ, & se somergem. Tiro esta comparaçaõ das palavras de S. Basilio: *Cum vocem significativam, mens, ac cogitatio nostra apprehenderit, velut cymbâ quadam, sermone vehitur, & aërem penetrans ex loquente ad audientem transit.* Supposto isto podemos dizer, que o discurso de hum maledico indinado, he hum baxel, que leva por carga, pesadas calumnias: a lingua he o leme: o Piloto he a paixaõ: a artilharia, saõ os clamores: os botafogos, saõ os

S. Bernard. opuscul. de charitate cap. 21.

Basil. in hom. ad illud: Attende tibi ipsi.

os remoques: a barra de donde ſahe, he a boca: o mar que navega, he o ar: & o porto, aonde vai ſurgir, ſaõ os ouvidos dos circunſtantes. Sarpa as ancoras a nao maledicencia, ligeira na temeridade, reforçada no encarecimento, & por officio, mixiriqueira, & pondoſe em via, dá com outra abarrotada com repoſtas, & armada com deſpiques, & deſaggravos; & a eſte violento encontro, ſe ſegue huma inevitavel ruina. Quantas tormentas, & quantos naufragios occaſiona eſta reciproca oppoſiçaõ, principalmente quando ſe vem ás palavras do cabo? Neſta fraze, aindaque popular, ſe encerra huma proveitoſa moralidade. Nos termos da navegaçaõ, hum Cabo, ou, como outros dizem, hum Promontorio, he huma ponta, que a terra bota ao mar, & os navios, que a hum Cabo deſtes ſe chegaõ, eſtaõ em perigo de ſe perder. Aſſáz o experimentaraõ os primeiros deſcobridores da India, chegando ao taõ celebrado cabo de Naõ, que o monte Atlante fórma nas coſtas de Africa. Eſtendeſe eſte Cabo muitas legoas ao mar, & tornando as aguas a ſe unir, com taõ violentos impulſos ſe encontraõ, & ſe agitaõ, que naõ podendo os navegantes arribar, nem paſſar adiante, miſeravelmente perecem.

241. Semelhantes tempeſtades a eſtas occaſionaõ na terra as deſabridas palavras do cabo. Formaõſe logo dous mares, hum mar de razoens, & outro mar de ſemrazoens, que com alternados impetos ſe impellem, & ſe confundem: creſce a tormenta, eſcureceſe a luz da razaõ, periga a verdade, & ſempre naufraga o credito. Mas do meſmo modo, que a furia do mar ſe quebra nas areas, que ſem reſiſtencia ſe deixaõ levar, & trazer das ondas: aſſim a ſogeiçaõ, & tranquillidade do ſilencio, poem ſim ás mais procelloſas contendas. *Injurijs animum aſſuefacito*, dizia Evagoras: *ſic enim indignabundum mare, ſpumas, & indignationes, & iram ultra non*

Evagoras Antipater in Epiſtola Theophilactis.

non efferet. A razaõ, porque de ordinario as repoſtas exacerbaõ os animos, he porque ninguem ſe póde bem deſafrontar, ſem infamar quem o afrontou: a juſtificaçaõ dos innocentes, he a condenaçaõ dos accuſadores. E mais ſe acredita a virtude, naõ reſpondendo, do que manifeſtando a propria innocencia, com prejuizo da fama alheia. Eſta, diz Marco Vigerio, foi a razaõ do perpetuo ſilencio do Senhor nos alvorotos do povo, nas juntas dos Tribunaes, & nas infernaes conſpiraçoens da Synagoga: *Jeſus autem tacebat; quia ſine eorum infamia reſpondere non poterat.* Com poucas palavras, & com muita juſtiça podia o Senhor confundir todos os ſeus Juizes. Tu Annás, miniſtro aleivoſo, peitaſte a Judas com dinheiro, para executar a perfidia, com que me entregou. Tu Cayphás, ſacrilego Pontifice, agenceaſte, & ſobornaſte as falſas teſtemunhas, que me acuſáraõ. Tu Pilatos, infelice politico, antepuzeſte a amizade de Ceſar, à graça de Deus. Tu Herodes, Princepe indiguo, eſperavas ver milagres, naõ para me fazer juſtiça, mas para ſatisfazer à tua curioſidade. Mas que effeito teriaõ eſtes, ou outros ſemelhantes deſaggravos? Ficaria Annás, mais indinado, & Cayphás, mais rayvoſo: Pilatos, mais embravecido, & Herodes, mais aſſanhado. Porque? Porque na evidencia deſtas verdades, ſe veria mais claramente a ſua ſemrazaõ, & a ſua infamia; & cegos de colera, & da paixaõ, obrariaõ maiores deſatinos: que ſuppoſto foi exceſſiva a ſua impiedade, acho que ainda podia ſer maior o exceſſo: mas o modeſto ſilencio, com que o Senhor fez toda a Apologia da ſua innocencia, foi cauſa, de que na ſua morte naõ ſe executaſſem muitas crueldades, com que podiaõ os Judéos mais largamente ſatisfazer o ſeu furor: & por iſſo digo, que o ſilencio he o linitivo da aſpereza alheia, & juntamente o correctivo da pro-

Marcus Vigerius chorda 7. cap. 91. ad illud Matthæi: Jeſus autem tacebat.

pria impaciencia. Efte he o affumpto defta fegunda Parte, & o fegundo remedio contra as feridas da maledicencia: *Factus fum ficut homo, non audiens, & non habens in ore fuo redargutiones.*

II. PARTE.

242. Mui arrifcada eftá a paciencia nos males, de que he facil a vingança, & raras vezes diffimula o fofrimento, quando fe achaõ armas para o defaggravo. Efta, a meu ver, he a razaõ, porque faõ poucos, os que levaõ com paciencia as injurias dos maledicos. Para nos defafrontarmos das palavras, que nos offendem, todos temos efpada na lingua: & he taõ facil, & taõ natural efta fatisfaçaõ, que em quanto o homem tem boca, fempre eftá em perigo de manifeftar a fua impaciencia. Ao paciente Job tirou o Demonio todos os bens, que poffuia; os gados, os campos, as cafas, as alfayas, os filhos, & as proprias carnes; & fó lhe deixou a boca illefa, & intacta: *Confumptis carnibus adhæfit os meum, & derelicta funt tantummodo labia circa dentes meos.* Job. 19. 20. De maneira, que ficou a cabeça de Job taõ efcarnada, que parecia huma caveira, mas caveira com labios. E parece queria o Demonio ver, fe Job, como homem fimplez, fe deixaria tomar pelo beyço; mas a fimplicidade de Job, naõ era necedad, era virtude: *Erat vir ille fimplex, & rectus.* Job. 1. 1. Logo que motivo poderia ter o Demonio para no meyo dos eftragos do corpo, deixar a Job a boca inteira? Refponde o Tubalenfe. Quiz o Demonio, que a boca de Job, foffe o inftrumento de fua impaciencia, nas repoftas que havia de dar ás injurias de fua mulher: *Ea folùm inftrumenta reliquit Jobo, quibus cum ipfi bellum inferret, nimium ut poffet linguâ delinquere.* Vega in Judices tom. 2. 304. n. 969. E naõ fe enganou de todo o Demonio. Porque fuppofto naõ peccou Job nas repoftas, que deu, confta que refpondéo. E huma repofta, aindaque pru-

prudente, & benigna, pelo modo com que se dá, pôde ser indicio de huma interior impaciencia. Hum homem, que calla, bem pôde dar suspeitas de agastado; mas que o seja, naõ se pôde provar. Porèm de huma sô palavra, que se solta, se pôde conhecer o dessassocego do coraçaõ. Confessa o mesmo Job esta verdade: *Unum locutus sum, quod utinam non dixissem.* (Job.39.35.) Ay de mim, diz Job, que me escapou huma palavra, de que estou muy arrependido. Pois tanto arrependimento, por huma palavra, & por huma palavra innocente? Sim. Porque aindaque innocente na realidade, foi descompassada no modo. *Lingua levitate usa convincitur:* (Gregor. lib. 32. moral. cap. 1.) diz S. Gregorio Papa neste lugar. Em todas as palavras, que Job respondéo aos seus calumniadores, naõ offendéo a Deus: (Job. 2. 10.) *In omnibus his non peccavit Job.* Sô parece, que huma vez respondéo com fervorosa velocidade, & esta pressa descompoz a sua paciencia: *Unum locutus sum; quod utinam non dixissem: lingua levitate usa convincitur.* Agora tirai a consequencia, & vede, quanto fica mais calificada a paciencia, com hum profundo silencio, que com huã, aindaque santa, reposta.

243. Padre, boa doutrina he essa para os mortos, que naõ sentem, nem fallaõ; naõ já para os que vivemos, & sentimos as affrontas, & temos lingua para a nossa defensa. A nimia dissimulaçaõ faz a maledicencia mais atrevida, & quem logo a rebate, a derruba. A fabulosa Serpente, que se queixava, de que todos a pisavaõ, respondéo Jupiter: Que muito he, que todos te ponhaõ o pé em sima, se lhe naõ sabes arreganhar o dente; começa tu a mordellos, que te naõ tornaráõ a molestar. Assim o havemos de fazer, porque assim convem. Perdoar ao mao, he pedirlhe, que o seja (diziaõ nossos pays.) E outros disseraõ: Se te fizeres mel, comertehaõ as moscas. Finalmente, bom he, que se sayba, que tambem

bem nossa espada corta. E naõ he possivel, que se dissimulem afrontas, & contumelias, que nos côraõ a face, quando as ouvimos, & com manifesta confusaõ, nos fazem vermelhos de envergonhados. Por essa reposta esperava eu, neste dia, & neste passo, em que se representa o Criador do Mundo, com huma purpura de ignominia nos hombros. Purpura de ignominia, he o sangue, que vós cobre o rosto nas occasioens, em que periga o vosso credito. E como haveis de formar em vós o retratto de hum Deus paciente no meyo das ignominias, senaõ com o encarnado desta purpura, & com a tinta deste sangue? Naõ chegará vossa paciencia a padecer por amor de Deus huma breve confusaõ? Offerecei ao Senhor esta vergonhosa erubescencia, & vendo vossa reputaçaõ denegrida, deixai à Justiça de Deus a vingança. Tempo virá, em que os maledicos arderáõ no fogo do Inferno, & a côr deste fogo, será huma das circunstancias de seu castigo. A côr do fogo do Inferno, he muy differente da côr deste fogo elemental; porque o fogo elemental he claro, & o fogo do Inferno he escuro: no fogo elemental os carvoens se acendem, & luzem; mas no fogo do Inferno, os carvoens queimaõ, sem luzir. E com particular advertencia affirma David, que estes escuros, & negros carvoens cahiráõ sobre os maledicos: *Labor labiorum ipsorum operiet eos, cadent super eos carbones.* Psalm. 139. 11. Notai bem esta palavra, *cadent*, cahiráõ. De huma cousa, que tem queda, & proporçaõ com outra, dizemos, que cahe bem: & para castigo dos maledicos cahiráõ os carvoens do Inferno com singular propriedade, denigrindo o corpo daquelles, que denigriraõ a fama: *Labor labiorum ipsorum operiet eos, cadent super eos carbones.* E he isto tanto assim, que já neste mundo, & nesta vida presente, temos diante dos olhos huma anticipada evidencia deste futuro castigo.

244. De donde imaginais, que procede aquelle negro adusto, que assombra os rostos dos Egipcios, dos Cafres, & dos Etiopes? Sei, que alguns attribuem esta negra superficie da carne, à vezinhança do Sol, que abraza as terras, em que estes povos habitaõ: mas naõ me persuade esta razaõ; porque debaxo da Zona Torrida, onde mais arde o Sol, do que em nenhuma parte do Mundo, ha homens taõ brancos como na Europa. E pelo contrario, escreve Perecio, que no Reyno de Groetlandia, onde apenas apparece o Sol, ha homens taõ negros, como na Etiopia. Demais do que, quantas cousas se fazem brancas, estando expostas aos rayos deste Planeta abrazador? A cera ao Sol se faz branca: com a assistencia do Sol, tecem as açucenas as suas olandas: & naõ se vestiriaõ os jasmins de sua roupa de neve, se o Sol lhe naõ communicára a efficacia de seus ardores. Tem para si outros, que os negros saõ moradores das terras, que Phaetonte queimou, quando guiava o carro do Sol, & que na negridaõ dos corpos permanece o fumo daquelles incendios. Mas deixando aos Poetas a explicaçaõ de suas fabulas: digo, que tem muita probabilidade a opiniaõ dos que se persuadem, que com esta côr negra, castigou Deus a maledica lingua de Cham, filho de Noé, & pay de Chanaaõ, de que descendem os negros. Alguns dias depois do Diluvio, achou Cham a seu pay Noé, prezo do vinho, & descomposto, & em lugar de encobrir esta falta, sahio logo a publicala. *Nuntiavit duobus fratribus suis:* diz o Historiador sagrado. E Hugo Cardeal neste lugar: *Quod solus vidit, alijs propagavit.* E confirmando Deus a maldiçaõ do pay, perdéo toda a posteridade de Cham a alvura natural, symbolo da innocencia, & com castigo proporcionado ao delito, o escurecer da fama, foi punido com o escurecer do rosto. Que tal ficaria

Genes. 9. 22.

Hugo Cardinal. in cap. 9. Genes.

ria o Mundo, ſe em todos os maldizentes continuára Deus o meſmo caſtigo? Toda a terra ſeria hoje huma Etiopia, & na gente mais nobre, apenas ſe acharia hum homem branco. *Abſentem, qui rodit amicum,* dizia Horacio, *fingere, qui non viſa poteſt, commiſſa tacere qui nequit, hic niger eſt, hunc tu, Romane, caveto.* Prudentiſſimo conſelho! Naõ diz, que nos empenhemos em reſponder a eſtes negros detractores, mas que fujamos, & nos guardemos delles: *Caveto:* porque a detracçaõ he hum mal, que o ſentimento acreſcenta, & o deſprezo abafa. Na Cidade de Roma, Paſquin, he huma eſtatua deſmembrada, & carcomida, a que os criticos da Corte pegaõ, & attribuem as ſuas ſatyras: & querendo o Papa Adriano Sexto, que ſe botaſſe no Thybre eſta eſtatua de Paſquin, perpetuo pregoeiro de todas as maledicencias; por nenhum caſo, diſſe hum diſcreto: que ſe deitarem a Paſquin na agua, converterſeha em raã, & fará mais ruido no rio, que no Paço. Aſſim paſſa. O meſmo remedio, com que ſe quer atalhar huma detracçaõ, he cauſa de outras mayores detracçoens: & querer obrigar a hum maldizente a que ceſſe de dizer mal, he o meſmo, que mandar ao fogo, que naõ queime: ao eſpinheiro, que naõ pique: ao vento, que naõ aſſopre: & ao mar, que naõ ronque. Paciencia logo, & mais paciencia. Eſte he o mais barato, & mais acertado remedio. E ſe o ſilencio, como temos viſto, he o linitivo da aſpereza alheia, & o correctivo da propria impaciencia, tambem he o preſervativo da Divina Juſtiça. E eſte he o terceiro aſſumpto, & a terceira razaõ, que nos obriga a imitar o admiravel ſilencio do Senhor, nos inſultos da maledicencia: *Factus ſum ſicut homo, non audiens, & non habens in ore ſuo redargutiones.*

III. PARTE.

245. Da lingua do homem, conhecem os Medicos

cos o estado da saude, & na lingua do Christaõ, se vem os sinaes de sua salvaçaõ, ou reprovaçaõ eterna. *Mors, & vita, in manu linguæ:* diz Salamaõ. E em outro lugar: *Lingua placabilis, lignum vitæ.* Huma lingua pacifica, he huma arvore, que produz frutos de vida. A razaõ desta misteriosa fertilidade, he que assim como os frutos saõ bons, quando he boa a raiz da arvore, assim a bondade da lingua, depende da bondade da sua raiz. A raiz da lingua, naõ sò està implantada no osso, a que os Anatomistas chamaõ, Hyoide; mas he taõ profunda, que por meyo de huma veya, chega a lingua a ter correspondencia com o coraçaõ. Deste principio se originaõ todos os bens, & males da lingua. Em quanto o coraçaõ està em paz, nenhum dano faz a lingua: & logo que se perturba a paz do coraçaõ, sahe a lingua em campo, & as repostas, saõ as armas, com que peleja: mas a victoria, que neste conflicto se alcança, he ruina; porque o vencedor leva por despojo, a fama do aggressor, & com este escandaloso trofeo, destroe a caridade, & entroniza a discordia: *Lingua placabilis, lignum vitæ, quæ autem immoderata est, conteret spiritum.* Todas as cousas, que o homem naõ encaminha ao fim, pelo qual Deus as criou, saõ causa da condenaçaõ do homem. E qual foi o fim porque Deus deu ao homem a lingua? Ao homem foi dada a lingua, para dizer bem de todos: de todos digo, porque o homem naõ sò ha de dizer bem, dos que dizem bem delle, mas tambem dos que delle dizem mal. *Maledicimur*, dizia S. Paulo, *& benedicimus:* elles dizem mal de nòs, & nòs dizemos bem delles. Isto he propriamente fallar, porque he fallar bem: & a lingua do homem ha de servir para ornar, & naõ para desdourar. A palavra Hebraica, que significa fallar, lida às avessas, significa ornar; porque, *Davar*, no He-

Proverbior. 18. 21.

Proverbior. 15. 4.

Id. ibid.

1 Corinthior. cap. 4. vers. 12.

Ex Nevarino in aquis nuptialib. pag. 179. n. 165.

Hebraico quer dizer fallar, & *Ravad*, que he o Anagramma retrogrado de, *Davar*, significa ornar. De maneira, que fallar ornando, & dizendo bem, he fallar; mas fallar desdourando, & dizendo mal, naõ he fallar. Pois os que murmúraõ, naõ fallaõ? Naõ: mas picaõ, mordem, descozem, desfazem, cortaõ, rachaõ, & abrazaõ. Picaõ com agudeza, mordem com rayva, descozem com arte, desfazem na honra, cortaõ pelo credito, rachaõ os emulos, & abrazaõ os innocentes. Em conclusaõ, o dizer mal, & o fazer mal, he huma mesma cousa. E neste Mundo, em que todas as cousas tem suas utilidades, & seus inconvenientes, sò o dizer mal tem muitos inconvenientes sem utilidade alguma.

246. Compàra Santiago a lingua com o fogo: *Lingua ignis est*. E pouco depois acrescenta o Apostolo, que o fogo da lingua, he fogo do Inferno: *Inflammat rotam nativitatis nostræ, inflammata à gehenna.* Naõ bastava dizer, que a lingua maledica he fogo? Naõ. Porque o fogo deste mundo, aindaque cause muitos males, he causa de muitos bens: o fogo purifica os ares, dissolve as neves, sazôna os manjares, sepàra os metaes, amolla o ferro, affina a prata, requinta o ouro, & serve para muitas obras da natureza, & da arte: mas o fogo do Inferno sempre queima, & sempre penaliza, sempre abraza, & sempre atormenta. Esta he a cruelissima propriedade das linguas maledicas: para nenhuma outra cousa servem, que para fazer mal. E naõ sò fazem mal aos maos, como o fogo do Inferno, que sò atormenta aos condenados: mas com furor mais que infernal, acometem aos maos, & aos bons: aos peccadores, & aos justos: aos culpados, & aos innocentes, sem resgoardo, sem consciencia, & sem piedade. Mas que rigurosamente castiga Deus todos estes desatinos da maledicencia.

Jacobi Epistol. 3. n. 6.

cencia. A lingua do maldizente (como temos visto) he fogo do Inferno, & por justa Justiça de Deus, o fogo do Inferno queimará os maldizentes na lingua, mais que em todas as mais partes do corpo. Estava o Rico Avarento ardendo nas chamas do Inferno: *Crucior in hac flamma:* & abrazandose em todo o corpo, sò pedia refrigerios para a lingua, porque sentia particularmente na lingua, a excessiva actividade daquelle fogo. E porque razaõ era o fogo do Inferno taõ intenso, & taõ violento na lingua deste condenado? Porque sua lingua maledica fez neste Mundo, o que o fogo do Inferno faz no outro. Com palavras injuriosas abrazava o Rico Avarento ao pobre Lazaro, & na purpura, que vestia, reverberava o fogo, com que sua lingua consumia a paciencia daquelle Santo mendígo. Mas finalmente castigou Deus o infernal fogo desta lingua, com as mais penetrantes lavaredas do fogo do Inferno, & aonde dominou a maledicencia, lá foi mayor o incendio. S. Pedro Chrysologo: *Magis lingua uritur, ardet, æstuat, quæ insultavit pauperi.* Agora entendo a razaõ da crueliſſima sede, que o Senhor padecéo na Cruz. Christo Senhor Nosso, como figura do peccador, padecéo em todas as partes de seu Divino Corpo os castigos, que mereciaõ os nossos peccados. Nos braços, & nas maõs encravadas, foraõ castigados os furtos, & os homicidios. Nas chagas dos pés, foraõ castigados os nossos descaminhos. Na cabeça coroada de espinhos, satisfez o Senhor ao castigo devido ás nossas ambiçoens. E na lingua abrazada com sede, que padecéo o Senhor, senaõ o castigo, que merecem as nossas maledicencias? Este tormento pois foi taõ excessivo, que sò delle se queixou o Senhor: *Sitio.* E com esta queixa, parece, quiz o Senhor manifestar, que grandes saõ os castigos, que a Divina Justiça reserva para

Mitte Lazarum, ut intingat extremum digiti sui in aquã, & refrigeret linguam meam. Luc. 16. 24.

S. Petr. Chrysolog. Serm. 122.

para as linguas maledicas.

247. Por tres causas foi dada ao homem a lingua: a primeira para louvar a Deus; a segunda para ajudar ao proximo com a doutrina, & com os conselhos; & a terceira para o homem manifestar as suas necessidades. Nenhuma destas cousas faz a lingua do maldizente: porque nem louva a Deus, nem ajuda ao proximo; mas antes offende ao proximo, & offende a Deus: & naõ manifesta as suas necessidades; porque o dizer mal', he vicio, & naõ necessidade. Que bem empregado fora o fallar, se sempre pedira o homem, o que lhe he mais necessario! A cousa que he mais necessaria ao homem, he a salvaçaõ: & para a salvaçaõ he necessario o perdaõ de nossas culpas. Esta he a necessidade de todas as necessidades. Esta he a importancia de todas as importancias. E este he, & deve ser o mayor empenho de todas as nossas palavras. Em todas as mais materias, fallaõ os homens com superflua eloquencia. Que de palavras gasta o palaciano nas lizonjas, o Filosofo nas contendas, o pertendente nos requerimentos, o ministro nas negociaçoens, o mercador nos comercios, & o ocioso em discursos vaõs, & inuteis! Sô para pedirem perdaõ a Deus, parece que os homens estaõ faltos de palavras. E se para este effeito algum dia se resolvem a fallar, he quando já ficaõ sem falla, agonizando, & bocejando nos ultimos alentos da vida. Oh quantos esperáraõ a fallar nesta ultima hora, & prevenidos da morte, naõ puderaõ proferir huma sô palavra! Quantos morréraõ, & quantos dos que hoje estaõ vivos, haõ de morrer (queira Deus que naõ seja assim) sem o nome de Jesus na boca, & sem a menor demonstraçaõ de arrependimento! E quem nos assegurou a nós, que nos naõ succederá esta terrivel, & terrivilissima desgraça? Naõ poderá cadaqual de nós acabar a vida nesta hora, & neste instante? E se Deus

Deus o permitisse, que seria dos que naõ alcançáraõ o perdaõ de suas culpas? Christaõs, & Senhores meus, a vida he breve, a morte he certa, a hora da morte he incerta, & he certo, & certissimo, que à morte temporal se segue, ou huma vida eterna no Ceo, ou huma morte eterna no Inferno. Na maõ da lingua pois está a morte eterna, & a vida eterna: *Mors, & vita in manu linguæ.* Na maõ da lingua está a vida eterna; porque dá Deus o Ceo aos que com verdadeira contriçaõ lhe pedem sua graça: & na maõ da mesma lingua está a morte eterna; porque aos que naõ pedem a graça de Deus para a remissaõ de suas culpas, condena Deus ao Inferno por toda a eternidade. Vede, quantos bens, & quantos males estaõ no bom, ou mao uso da lingua: o maior de todos os males, he o peccado, porque com elle se condena a Alma: & o maior de todos os bens, he a Graça, porque com ella a Alma se salva. Deste taõ grande mal nos preserva a lingua, pedindo a Deus perdaõ de nossas offensas: & a mesma lingua nos dispoem ao logro deste taõ grande bem, pedindo a Deus os auxilios de sua Graça. E que opportuna he a occasiaõ, que se nos offerece, para conseguirmos as graças, de que necessitamos para a salvaçaõ. Nos dias de sua coroaçaõ costumaõ os Reys ostentar a sua grandeza, & liberalidade, & neste Passo da Paixaõ do Senhor, sahem os favores, & as graças deste Divino Rey, por tantas portas, quantas saõ as feridas dos espinhos, que o coroaõ. Almas Christaãs, pedi com humilde confiança as graças, de que necessitais, & naõ vos embargue as palavras a soberania da Magestade, porque aindaque divina, he humana: *Ecce Homo.* Ah meu Divino Jesus, nesse sanguinolento retratto de vossa paciencia, vemos, & adoramos a humanidade, & benignidade de vossa grandeza. Tomastes, Senhor, sobre vós as nossas

Proverbior. cap. 18. vers. 21.

nossas culpas, para nos fazerdes dignos da vossa Graça: & para nos communicardes a vossa Gloria, tomastes sobre vós as nossas penas. Oh! se à vista destas finezas acabáraõ já nossas ingratidoens! Oh se na consideraçaõ destes excessos de amor, nos retiraramos das occasioens de peccar. Amantissimo Senhor, sentimos na consciencia o effeito dos espinhos, que vos trespassaõ a cabeça, & à vista de vossos tormentos, aborrecemos as nossas culpas. Aceitai, Senhor, os actos de nossa contriçaõ, & dainos Graça para nos apartarmos, de tudo o que nos aparta de vosso amor. E já que nossa redempçaõ vos custa o sangue, a vida, & a honra, permitanos a vossa misericordia, que cheguemos a lograr o que tanto vos custa. Misericordia, meu bom Jesus, misericordia nesta vida, & Gloria na outra: *Ad quam nos perducat Omnipotens, &c.*



TAR-

TARDES DOS TARDES,

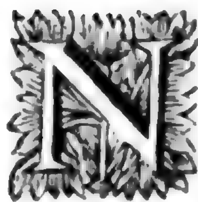
Prégadas no Convento de Nossa Senhora da Divina Providencia no Anno de 1678.

I. TARDE:
Tarde se cumprem as promessas.
II. TARDE:
Tarde se pagaõ as dividas.
III. TARDE:
Tarde se fazem os testamentos.
IV. TARDE:
Tarde se satisfazem os legados dos defuntos.
V. TARDE:
Tarde se faz penitencia dos peccados.

PRIMEIRA TARDE:

Contra os que tardaõ em cumprir as promessas.

Non tardes converti ad Dominum, & ne differas de die in diem. Ecclesiast. 5. v. 8.

248. Aõ tarda, quem chega; mas muitas vezes naõ chega, quem muito tarda; porque o tardar póde ser estorvo de grandes emprezas, & occasiaõ de grandes ruinas. Esta consideraçaõ me obriga, a que havendo de prégar as Tardes, prégue no mesmo tempo contra os Tardes. Prégarei as

as Tardes da Quaréſma, & juntamente prégarei contra os Tardes da reſoluçaõ humana. E iſto he propriamente prégar Tardes. Tenho reparado, que ha ſinco couſas no Mundo, que ſempre tarde ſe executaõ: Tarde ſe cumprem as promeſſas: Tarde ſe pagaõ as dividas: Tarde ſe fazem os teſtamentos: Tarde ſe ſatisfazem os legados dos defuntos: E tarde ſe faz penitencia dos peccados. Eſtes ſaõ os aſſumptos das ſinco Tardes deſta Quareſma. E acho, que eſtaõ implicitamente comprehendidos nas palavras do meu Thema: *Non tardes converti ad Dominum, & ne differas de die in diem.* Naõ queiras tardar em te entregar a Deus (diz o Eccleſiaſtico) & naõ dilates de dia em dia, a tua converſaõ. Sinco podem ſer os ſinaes da converſaõ do peccador: o cumprimento das promeſſas, com que acredita a ſua verdade: a ſatisfaçaõ das dividas, com que exercita a virtude da juſtiça: a prevençaõ do teſtamento, com que ſe aparelha para a morte: a execuçaõ dos legados, com que manifeſta a ſua piedade: & a penitencia dos peccados, com que ſe reſtitue à Graça. Mas que vagaroſos ſaõ os homens em ſatisfazer a eſtas taõ preciſas obrigaçoens: & em primeiro lugar, que tarde ſe reſolvem em cumprir ſuas promeſſas, como veremos neſta primeira Tarde.

249. Sendo os homens naturalmente amigos da cortezania, & da communicaçaõ, ſaõ ſuas promeſſas, como as arvores bravas, & as plantas ſilveſtres, que naõ frutificaõ, ſenaõ depois de muito tempo, & os frutos, que dellas naſcem, de ordinario naõ chegaõ a huma perfeita madureza: *Silveſtria omnia tardiora, quædam ex eis omninò non matureſcunt.* (Plin. lib. 16. cap. 27.) Huma bella promeſſa, he como a bella Rachel; bella ſim, mas eſteril; formoſa, mas infecunda. E de que ſerve no firmamento de Republica a belleza de huma eſtrella, ſem a virtude da influencia? Aos homens, que

naõ

naõ fazem, o que prometem, chama Salamaõ, nuvens sem agua, & ventos sem chuva: *Nubes, & ventus, & pluviæ non sequentes, vir gloriosus, & promissa non complens.* Nos ardores do Estio, quando os prados estaõ sequiosos, & os campos adustos, vereis tal vez toldarse o Ar com nuvens, & já parece se alegra a terra dezejosa de recolher as lagrimas do Ceo, para as restituir convertidas em flores: quando de improviso se levanta hum vento, que espalhando as nuvens, dissipa as esperanças do Agricultor, & alegrando aos Ares, entristece os coraçoens. Que nesciamente se fiou a terra daquellas nuvens passageiras, & que inutilmente se alvoroçáraõ as searas! Todo aquelle Theatro de aguas pensiles, se desvaecéo em ar, & se resolvéo em vento. Desta calidade saõ as promessas dos homens, nuvens sem agua, vẽtos sem chuva, & trofeos do engano. E quem deu credito ás suas palavras, experimenta a verdade das suas falsidades: *Nubes, & ventus, & pluviæ non sequentes, vir gloriosus, & promissa non complens.* Sô se podem estimar as promessas, de quem, como Deus, acompanha as obras com as palavras: *Dixit, & facta sunt.* Nos primeiros annos da infancia, naõ falla o homem: que parece quiz a natureza, que as palavras esperassem pelas obras, & que se naõ soltasse a lingua em huma idade, em que as maõs estaõ prezas nas mantilhas. A maõ, & a voz, saõ os sinaes de hum bem regulado relogio; porque a maõ aponta as horas, no mesmo instante que daõ, offerecendo aos olhos a demonstraçaõ do som, que fere os ouvidos. Do mesmo modo, sô pode prometer, quem como relogio conforma a maõ com a voz, acompanhando a evidencia das obras, com a consonancia das palavras. Que facilmente quebraõ os homens esta taõ precisa correspondencia, naõ reparando nos males, que occasiona a detença, com que suspen-

Proverbior. cap. 25. vers. 14.

Psalm. 148. vers. 5.

ſuſpendem a execuçaõ das ſuas promeſſas. No Mundo elemental, pôde a detença ſer cauſa de notaveis deſconcertos. Se por alguns dias, o Sol ſe detivera nos Antipodas, ficáraõ todas as criaturas deſte Emisferio, ſem luz, ſem calor, & ſem alento. Se por alguns mezes detiveraõ os Rios ſuas correntes, o mar ſe começára a ſecar por falta de aguas, & a terra ſe convertéra em mar com eſpantoſas inundaçoens. E ſe a terra detivera no ſeu gremio as ſementes, impedindo que a ſeu tempo brotaſſem para alimento dos homens; com os apertos de huma careſtia, & de huma fome univerſal, laſtimoſamente perecéra o Mundo. Semelhantes ruinas a eſtas, occaſiona no Mundo moral, a ſuſpenſaõ das promeſſas. Porque como veremos nas tres partes do Sermaõ, deſta criminoſa tardança ſe originaõ tres pernicioſas transformaçoens. Primeiramente, a liberdade ſe converte em cativeiro: em ſegundo lugar, o amor ſe troca em odio: & finalmente, a miſericordia ſe muda em vingança. Vamos ponderando os funeſtos effeitos deſta tardança, & naõ tardemos em pedir os auxilios da Graça. *Ave Maria.*

I. PARTE.

250. Primeiramente, a ſuſpenſaõ das promeſſas converte a liberdade em cativeiro, porque em quanto naõ ſe executa o que ſe prometéo, a palavra, que por ſua natureza he livre, fica empenhada, & cativa. Para ſe conhecer a ignominia deſte dilatado cativeiro, he preciſo conſiderar as excellencias da palavra. A palavra, he a imagem da razaõ, o oraculo dos penſamentos, o interprete d'Alma. E para as acçoens da vida humana, he a palavra taõ eſſencial, que aonde a Eſcritura diz, que o homem na ſua criaçaõ teve Alma com vida, affirma, q̃ teve Alma com palavra: *Factus eſt homo in animam viventem.* Le outra verſaõ: Geneſ. cap. 2. verſ. 7.

Factus est homo in animam loquentem. Como se para a conservaçaõ do homem, naõ fora menos precisa a palavra, que a vida. A palavra, aindaque composta de Ar, tem mais força que o ferro, & o fogo. Porque huma palavra corta a Alma, que o ferro naõ offende: & huma palavra abraza os affectos, que o fogo material naõ penetra. Muitas vezes huma palavra foi causa de sanguinolentas batalhas: & huma palavra foi capaz para compor as maiores discordias. Huma só palavra he sufficiente para chamar a Deus, & afugentar o Demonio. E póde huma palavra abrir o Ceo, & fechar o Inferno. A palavra naõ he visivel, & tudo manifesta: nada peza, & a tudo dá pezo: acaba em hum instante, & póde grangear eternidades. E taõ singulares saõ os privilegios da palavra, que só ella póde ser oradora de si mesma, porque só com palavras se publicaõ os encomios da palavra. Suppostas todas estas excellencias, digo, que huma palavra empenhada, he huma illustre escrava. E se os cativos, raras vezes saõ lembrados, de ordinario os homẽs naõ se lembraõ da sua palavra encarcerada, & preza nos grilhoens de huma promessa. Nenhuma cousa mais facilmente esquece, que huma palavra empenhada. Pede David a Deus, que se lembre da sua palavra: *Memor esto verbi tui servo tuo.* Psalm. 118. vers. 49. Que palavra, ou que promessa foi esta, que Deus fizera a David, naõ quero agora averiguoar: só repáro na impropriedade do estilo, com que falla David com Deus: *Memor esto verbi tui.* Lembraivos, Senhor, da vossa palavra. Que dizeis, David? Por ventura póde haver esquecimentos em Deus, em quem todas as cousas passadas, presentes, possiveis, & futuras, eternamente se representaõ? Antes de soltar a duvida, quero explicar com brevidade huma notavel Theologia de S. Gregorio Papa. Diz este Santo Pontifice, que Deus naõ se póde esquecer, nem

Gregor. in Job. 17. moralium cap. 2. se pôde lembrar: *Deus, qui oblivisci non potest, quomodo recordari potest?* A lembrança he propria dos em que pôde haver esquecimento: & por esta razaõ, os homens saõ os que se lembraõ, porque se esquecem. Mas theologicamente fallando, Deus naõ se lembra, porque nunca se esquecéo. Desde que Deus he, nenhuma cousa veio à memoria Divina, porque nenhuma cousa sahio da Divina memoria. E esta he huma das maiores excellencias de Deus, naõ se lembrar, & naõ se esquecer: porque o lembrarse fora remedio para o esquecimento, & o esquecerse fora afronta do seu saber. Logo porque razaõ diz David a Deus, que se lembre: *Memor esto.* Oh! diz David a Deus que se lembre da sua palavra: *Memor esto verbi tui:* porque naõ ha cousa que mais facilmente esqueça, que a palavra, que se empenha. Falla David ao modo humano, como reparou Santo Agustinho: *Dicuntur ista, locutione morali, quâ humanus movetur affectus.* E considerando David que facilmente os homens se esquecem da sua palavra, entendéo que se por impossivel, Deus se pudera esquecer, tambem estaria sugeito a este genero de esquecimento. Taõ raro, & taõ difficultoso he o resgate de huma palavra empenhada.

Augustin. in Psalm. 32. v. 11.

251. Acho, que por duas razoens, os homens naõ desempenhaõ sua palavra: a primeira, porque saõ faceis em prometer: & a segunda, porque na prospera fortuna, se esquecem, do que prometéraõ na adversa. Foi Salamaõ o mais sabio dos Reys: mas a facilidade com que prometéo, & a infidelidade com que faltou à sua promessa, desmentíraõ a gloria da sua sabedoria. Por morte de David, estava Salamaõ de posse do Reyno de Israel, & pedindolhe sua mãy Bersabé huma graça, lhe respondeo Salamaõ com obediencia de filho, & grandeza de Rey: que estava prompto para lhe conceder, tudo o que lhe pedisse: *Pete, mater mea,*

3. Reg. cap. 2. v. 20. *mea, neque enim fas est, ut avertam faciem tuam.* Quem naõ esperára grandes merces de huma taõ grande promessa? Mas taõ contrario foi o successo à esperança, que pedindo Bersabé a Salamaõ, que désse a seu irmaõ Adonias a formosa Abisag por esposa, se arrependéo Salamaõ da promessa: & movido de huma furiosa impaciencia, ordenou que no mesmo dia se matasse o pretendente, persuadindolhe sua ambiciosa desconfiança, que com este desposorio queria Adonias usurpar o Reyno: *Vivit Dominus, & quia hodie occidetur Adonias.* (3. Reg. 2. v. 25.) Notavel inconstancia! Naõ sô nega Salamaõ à propria mãy a merce, que lhe prometéo, mas determina tirar a vida ao mesmo sugeito, por quem ella intercedia, & em lugar de conceder hum piqueno beneficio, executa o mayor castigo: *Hodie occidetur Adonias.* A estas criminosas variedades estaõ sugeitos, os que empenhaõ a palavra, sem primeiro examinar a qualidade do empenho: naõ cumprem as promessas, porque naõ prevem as consequencias: & quando a facilidade das promessas, naõ dá lugar para se considerar a difficuldade da execuçaõ, até hum Salamaõ se engana. A segunda causa da falta, ou dilaçaõ das promessas, he a exaltaçaõ da fortuna. As promessas, que com as ancias da adversidade se concebem, com as lizonjas da prosperidade expiraõ. E quem nas tormentas da desgraça prometéo ao amigo grandes assistencias, nas delicias da bonança, se esquece do amigo, & da amizade. O copeiro de Faraô, que estava com Joseph no carcere, prometéo que solicitaria a liberdade de Joseph, se chegasse a recuperar a graça de seu Principe. Mas que succedéo? Sahio o copeiro da prizaõ, & juntamente lhe sahio Joseph da memoria: o copeiro estava derramando rios de preciosas bebidas, & ficava Joseph desemparado no rio do esquecimento: apagava o copeiro a sede

Succedentibus prosperis, præpositus pincernarum oblitus est interpretis sui. Alap. in Genes. 40.

de

de Faraô, & deixava a Joseph sequioso da sua liberdade: quando finalmente lembrado da falta da sua lembrança, confessou com sentimento a ignominia do seu descuido: *Tunc demum reminiscens magister pincernarum, ait, confiteor peccatum meum.* Que naõ ha descuido mais ignominioso, do que no tempo da prosperidade faltar ás promessas, que se fizeraõ no tempo da desgraça: como tambem naõ ha acçaõ mais gloriosa, do que no auge das maiores felicidades, executar o que se prometéo no meio dos maiores apertos.

Genes. cap. 41. vers. 9.

252. Prova desta verdade sejaõ estas palavras de S. Paulo: *Ascendens Christus in altum, captivam duxit captivitatem, dedit dona hominibus.* Considerando S. Paulo a liberalidade, que Christo Senhor Nosso depois de subir ao Ceo, usou com os homens, chama aos beneficios, que lhe fez, dadivas por antonomasia, sem declarar que especie de dadivas, saõ: *Dedit dona hominibus.* Bem sei, que por estas dadivas se entendem os dons do Espirito Santo, communicados aos Apostolos depois da gloriosa Ascençaõ do Senhor. Mas pergunto. Entre tantos beneficios, que Deus fez aos homens, como a Encarnaçaõ do Verbo, a instituiçaõ do Sacramento, & a Morte, & Paixaõ do Senhor, porque razaõ deu S. Paulo esta excellencia aos dons do Espirito Santo? Respondo. Teve este beneficio huma notavel singularidade, porque Christo o prometéo quando era passivel, & mortal, & o concedéo depois immortal, & glorioso. Quando estava o Senhor nesta vida corruptivel, sugeito aos trabalhos dos homens, & companheiro das suas miserias, prometéo que lhe mandaria o Espirito Santo: *Si autem abiero, mittam eũ ad vos.* Subio depois o Senhor ao Ceo, & entre os triumfos da gloria, naõ se esqueceo da sua palavra: executou quando victorioso, o que prometéra quando abatido. E o logro das venturas naõ pode alterar a fidelidade das suas promessas. Admiravelmente Ennodio

Ephes. 4. v. 7.

Joan. cap. 16. v. 7.

Ennod. in Panegyric. ao meu intento: *Ascendens Christus in altum, dedit dona hominibus, nec promissio venerabilis claudicavit inter prospera.* Oh quantas vezes se naõ cumprem as promessas, porque se melhoráraõ as fortunas! As bonanças da sorte, saõ os naufragios da fidelidade. E no jardim do Mundo, saõ as promessas, como aquellas flores, que nas trevas da noite se abrem lizongeiras, & ao apontar do Sol se fechaõ esquivas. Taõ proprio he da adversidade, ensinar piedades, & da prosperidade, inculcar tiranias. Mas tornemos à metafora do cativeiro, a que os homens condenaõ sua palavra, quando a empenhaõ, & vejamos que gloriosa he a liberdade da palavra resgatada da escravidaõ de huma promessa. O primeiro encomio, que os homens deraõ a Deus humanado, qual imaginais que foi? O primeiro encomio de Deus homem, foi o haver desempenhado sua palavra. Nascéo o Senhor no Presepio, & de todos os homens, que naquelle tempo viviaõ no Mundo, foraõ os Pastores de Judéa, os primeiros Oradores, que celebráraõ as glorias do Divino Infante: *Transeamus usque Bethlehem, & videamus hoc verbum, quod factum est.* Luc. cap. 2. v. 15. Passemos a Belem, dizem os Pastores, & vejamos a palavra, que se cumprio. Que misterioso me parece o estilo desta rustica eloquencia! Aos Pastores, aindaque criados nas asperezas dos bosques, naõ lhes faltavaõ metaforas montanhesas, com q̃ applaudir ao Verbo Encarnado. Podiaõ estes pios camponezes dizer: Vamos ver o Divino Cordeiro, o Pastor das Almas, a Flor do Campo, o Lirio dos Valles, a Estrella de Jacob, & o Sol da Graça, na Aurora do seu Nascimento. Mas deixados estes, & outros semelhantes encomios, chamaõ os Pastores a Deus humanado, Palavra: *Videamus hoc verbum.* Verdade he, que Christo emquanto Filho de Deus, he a Palavra do Eterno Pay: mas se as palavras humanas naõ saõ visiveis, muito menos se póde ver esta Palavra

vra Divina. Logo com que razaõ dizem os Paſtores, que vaõ ver a palavra? *Videamus hoc verbum.* Santo Ambroſio: *Cum caro videtur, verbum videtur.* A palavra naõ ſe pôde ver, mas podeſe ver o effeito da palavra: & o Verbo Encarnado he effeito da palavra, que havia dado de encarnar. Muitos annos antes prometéra Deus por boca dos Profetas, que havia de naſcer viſivelmente ao Mundo: & chegada a hohora deſte ſuſpirado Naſcimento, naõ permitio o Senhor que os homens lhe deſſem o Titulo de Rey dos Anjos, de Monarca do Mundo, & Arbitro da natureza; mas ſô quiz que lhe chamaſſem, promeſſa cumprida, & palavra executada: *Videamus hoc verbum, quod factum eſt.* Porque ſuppoſta a palavra, que Deus havia dado de naſcer, naõ havia para Deus maior gloria, que a evidencia de haver cumprido ſua palavra. E andou Deus taõ pontual neſte deſempenho, que ſendo a Encarnaçaõ huma eſpecie de cativeiro, a que Deus ſe ſugeitou, ſe pôde em certo modo dizer, que na Encarnaçaõ chegou Deus Pay a cativar ſua eterna palavra, que he o Verbo, para remir ſua palavra temporal, que era a promeſſa: & aſſim ſollicitou Deus no meſmo tempo duas glorioſas redempçoẽs, a redempçaõ do Mundo, & a redempçaõ da ſua palavra: a redempçaõ do Mundo para triumfo da ſua miſericordia; & a redempçaõ da ſua palavra, para recuperar aquella liberdade, que, ao noſſo modo de fallar, eſtava empenhada pela antiga promeſſa do ſeu Naſcimento. Imitem os homens a Deus na fiel execuçaõ das ſuas promeſſas: conſiderando que a palavra, que ſe deſempenha, he huma eſcrava que ſe liberta: & que naõ podem lograr huma perfeita liberdade, em quanto vivem com a palavra empenhada. Temos viſto, como dilatar a execuçaõ das promeſſas troca a liberdade em cativeiro, vejamos agora

Ambroſ. in Gloſ.

como esta mesma dilaçaõ, converte o amor em odio. E este o Assumpto desta segunda parte.

II. PARTE.

253. Dous generos de inimigos, temos no Mundo, huns que o saõ por sua má natureza, & outros que o saõ por nossa culpa. Aquelles nascem, estes se fazem. Que ao homem naçaõ inimigos, he desgraça: mas que o homem se faça inimigos, he locura. E a maior das locuras, he dar occasiaõ ao amigo, a que se faça inimigo. Dáse pois occasiaõ a que o amor, se converta em odio, quando se naõ executa o que se prometéo. *Inanis promissio*, diz S. Pedro Chrysologo, *sæpe de amicis sibi comparat inimicos*. A suspensaõ da promessa, he homicida da amizade: por isso se vem tantas amizades mal correspondidas; porque ha tanta dilaçaõ no cumprimento das promessas. E aceitar com agrado huma merce depois de molestas dilaçoens concedida, he huma acçaõ taõ extraordinaria, que parece milagrosa. Celebra S. Zeno, como milagre, a alegria de Abrahaõ, & Sara no nascimento de Isaac. Era Sara de noventa annos, & Abrahaõ ainda mais velho que Sara, quando finalmente lhe nascéo o filho, que Deus lhe prometéra: *Visitavit Dominus Saram, sicut promiserat*. Chamou Abrahaõ ao recemnascido, Isaac. Na lingua Hebraica, Isaac, significa riso: & com este festival apellido significou Abrahaõ a sua excessiva alegria. Admirado S. Zeno da alegria, que Abrahaõ mostrou nesta occasiaõ, rompe nestas enfaticas palavras: *Ecce prima devotio, libenter excipere, quod serò datur*. Querem dizer. Esta he a primeira vez, que no Mundo se vio festejar hum beneficio serodio. Nascéo Isaac na decrepita idade de seus pays, & supposto que dezejavaõ de se ver com successaõ, estavaõ taõ cançadas suas esperanças, que parece lhe naõ podia agradar este

Chrysolog. in Epist.

Genes. 21. vers. 1.

Zeno Serm. 1. de Abraham.

este fruto do seu amor. Porèm a suspensaõ da merce, naõ dessaboreou a alegria. E este, diz S. Zeno, he o primeiro exemplo da grata estimaçaõ de hum favor alcançado depois dos tormentos de huma dilatada esperança: *Ecce prima devotio, libenter excipere quod serò datur*. Verdade he, que naõ podia Abrahaõ duvidar da certeza das promessas divinas: & he certo que as merces de Deus se podem esperar com paciencia, porque ainda que tardem, naõ faltaõ: ao contrario das merces dos homens, a que a menor detença faz duvidosas. E aonde ha duvidas do successo, naõ póde deixar de haver impaciencias para a execuçaõ. O sentimento pois que se toma da falta de huma promessa, he taõ racionavel, & taõ natural, que se por impossivel, faltára Deus à sua palavra, permitíra o mesmo Deus, que os homens se armassem contra elle, como justamente aggravados desta falta.

254. Prometéo Deus a Noé, & juntamente a toda a sua posteridade, que naõ haveria mais diluvios no Mundo, & no mesmo tempo deu ao Arco celeste para seguro da sua promessa: *Arcum meum ponam in nubibus, & erit signum fœderis inter me, & inter terram*. Genes. cap. 9. vers. 13. Mas se quiz Deus dar hum seguro do que promettia, porque razaõ se valeo de hum arco, que na diversidade das cores, he o symbolo da variedade, & da inconstancia? Esta pergunta he do discreto Monteladense, tambem será sua a reposta, porque he muy conforme com o nosso intento. O Arco Celeste (se bem advertirdes) tem as pontas viradas para a terra, & encurvandose na superficie das nuvens, parece ameaça setas ao Ceo. Com este Arco pois, parece, quiz Deus significar, que se contentava que os homens lhe atirassem settas, & lhe movessem guerra, em caso que os enganasse com sua promessa. Que he taõ natural o dezejo da vingança originado de huma promessa enganosa,

nosa, que se fora preciso, & se fora possivel, quizera o mesmo Deus, que os homens obrigassem com violencia a que cumprisse sua palavra: *Arcum meum ponam in nubibus. Bellicum Cœlestis Arcus instrumentum ut in terris ponit, eâ figurâ opportunè dispositum, ut tela, & sagittas, adversus Cœlum vibret, si forsan (quod absit) Cœlum promissis non stetisset.* Eis ahi como o amor se houvera de converter em odio até para com o mesmo Deus, se por impossivel pudera Deus enganar os homens com falsas promessas. Mas tambem lança Deus da sua graça, aos que lhe faltaõ com sua palavra: & huma lingua lizongeira, fecunda sô de promessas infructuosas, sempre foi objecto dos castigos do Ceo. *Desolabit Dominus linguam maris Ægypti.* Diz Deus, por Isaias, que castigará a lingua do mar do Egypto. As linguas do mar, conforme ensinaõ os Cosmografos, saõ aquellas ultimas aguas mais chegadas à terra, que como linguas do grande corpo do Oceano, se estendem pelas prayas, & lambem as areas. Mas porque razaõ quer Deus castigar as linguas do mar, antes que o mesmo mar, temerario author dos maiores desconcertos da natureza? Castiguese o mar, taõ orgulhoso nas ondas, taõ furioso nas tormentas, & taõ cruel nos naufragios. Seja castigado o mar, que com profundas voragens fôrma fluctuantes sepulcros, com que inquieta até os mortos, tirandolhe com perpetuas agitaçoens o descanço da sepultura. Finalmente sejaõ todos os castigos para o mar, que amontoa as aguas, & poem montes sobre montes, renovando as guerras dos gigantes, com apparente presumpçaõ de poder dar cuidados ao Ceo. Mas perdoa Deus ao mar, & sô executa seus rigores contra as linguas do mar. Porque? Porque estas linguas aduladoras prometem, & naõ daõ. As linguas do mar continuamente estaõ lambendo as prayas, sem que lhe

In Tobiam pag. 445. col. 2.

Isa. 12. 13.

lhe dem dos thesouros, que o mar encerra. Que de riquezas recolhérão os mares de tantas naos, que nos seus abysmos se perdérão? Parece pois que as linguas do mar com brandos movimentos estão prometendo ás prayas grandes riquezas, mas sempre ficão pobres as prayas, & as riquezas guardadas no profundo dos mares. Quantas linguas ha na terra, semelhantes ás linguas do mar, correntes no prometer, & perfidas no executar. Seja logo tratada com rigor, & de todos aborrecida huma lingua despertadora de enganosas esperanças: *Desolabit Dominus linguam maris.*

255. De todos os insectos da natureza, o mais inutil, & na minha opinião o mais aborrecivel, he a cigarra; porque todo o dia canta, & não obra nada, proveitosa a ninguem, & a todos importuna. Pelo contrario, que digna de admiração he a abelha, que com industrioso silencio, obra o mel, & a cera; & he naturalmente tão amiga de obrar, que sobre camas de flores não descança; sempre quieta, & sempre occupada, & quanto menos estrondosa, mais effectiva. Este he o modo de grangear, & conservar amizades, fallar pouco, & obrar muito, dissimular apparencias, & ostentar realidades: que nenhuma cousa mais acende o fogo da indignação, que palavras de vento, & promessas de fumo. Do Emperador Alexandre Sevéro, escrevem as historias Romanas, que condenára à morte o seu mayor valído, porque com falsas promessas enganava os vassallos. E o genero da morte foi, que o afogassem com fumo: dando a entender, que o castigo era semelhante ao delito, acabando com fumo a vida, aquelle que com fumo enganava a Republica: *Fumo pereat, qui fumum vendidit.* Para remate do segundo discurso, advirto, que a fidelidade das promessas, não sò se ha de guardar aos amigos, mas tambem aos inimigos. Porque como ensinão

naõ os Juriſconſultos, toda a peſſoa, a que ſe faz huma promeſſa, tem direito natural ſobre o que ſe lhe promete: & naõ ſe póde negar ao inimigo o direito natural ſem injuſtiça: *Ex quacumque promiſſione fit obligatio juris naturalis.* Além de que o triumpho da verdade ſempre ſe ha de preferir à ſatisfaçaõ da vingança: & a fidelidade de huma promeſſa he mais glorioſa, que a deſtruiçaõ do maior inimigo. Tratavaõ os Gabaonítas de ſe confederar com Joſué, & o enganáraõ, dandolhe a entender, que de terras muy remotas vinham buſcar o amparo do ſeu poder, & o patrocinio da ſua amizade. Fez Joſué liança com eſtes fingidos amigos, & com heroica ſingileza lhes prometéo ſua protecçam: *Inito fœdere pollicitus eſt, quod non occiderentur.* Porèm dahi a pouco tempo, conhecéo Joſué o engano, & ſabendo varios Reys, que os Gabaonítas haviaõ paſſado ao campo de Joſué, ſe ajuntáraõ para preſentar batalha a eſtes rebeldes fugitivos: mas Joſué ainda que eſcandalizado do engano dos Gabaonítas, tomou as armas em ſua defenſa, & pelejou com taõ grande esforço, que alcançou a vitoria. Prodigioſo exemplo de huma inviolavel fidelidade! Tinha Joſué razoens para ſolicitar a deſtruiçaõ deſtes falſarios, que o haviaõ enganado; mas entendéo, que eſtava mais obrigado a atender à execuçaõ da promeſſa, que ao deſaggravo da offenſa: perſuadindoſe, que naõ podia ſer glorioſa a vingança, em que perigava o credito da ſua palavra. Huma façanha pois tam ſingular merecéo os aſſombros do Ceo. Fixou o Sol as rodas do luminoſo carro, fizeraõ pauza os Orbes, & quiz Deus, que o Ceo ſuſpendeſſe os ſeus luminares, naõ ſó para acreſcentar as horas do d a, mas tambem para coroar a fidelidade de hum varaõ, que ſoube guardar ſua palavra, até a os ſeus proprios inimigos: *Joſue fidem Gabaonitis, etiam*

2. 2. quæſt. 88. a. 3. ad 1.

Joſue cap. 9. v. 15.

Digest. Sapient. tom. 1. p. 568. c. 1. D.

etiam ipsum decipientibus, servavit: quod Deus sic sibi esse gratum ostendit, ut Solem cohibuerit, ne citò occumberet. Se naquelle tempo parou o Sol admirado da pontual satisfaçaõ de hũa promessa, quantas vezes houvera o Sol de parar nesta Era assombrado da annullaçaõ, ou da tardança de tantas promessas enganosas, com que a liberdade da palavra se troca em cativeiro, como temos visto na primeira parte: & a benevolencia se converte em odio, como acabamos de ver na segunda: & finalmente a Misericordia Divina se muda em vingança, como veremos neste terceiro discurso: *Non tardes converti ad Dominum, & ne differas de die in diem.*

III. PARTE.

256. Duas promessas fazemos a Deus, em dous differentes Sacramentos; no Sacramento do Bautismo, & no Sacramento da Confissaõ. No Sacramento do Bautismo prometemos de guardar a Ley de Christo: & no Sacramento da Confissaõ, prometemos de nos emendar das culpas, de que nos accusamos. Contra a obrigaçaõ da promessa feita no Sacramento do Bautismo, puderamos allegar a falta do conhecimento, & da idade, que nos fazia incapazes de prometer, & por consequencia izentos de guardar a promessa. O que deu motivo a alguns hereges para affirmarem, que o Sacramento do Bautismo, naõ se houvera de dar, senaõ aos que já tem uso de razaõ, esperando a Igreja pela capacidade do bautizado. Mas foi esta opiniaõ condenada pelo Concilio Tridentino. E porque me falta tempo para ponderar as obrigaçoẽs desta promessa, só tratarei da sacrilega infidelidade, com que continuamente faltamos ás promessas, que fazemos a Deus no Sacramento da Confissaõ. Para nos livrarmos da obrigaçaõ das promessas, que fazemos a Deus na Confissaõ Sacramental, naõ podemos com

Concil. Trident. sess. 7. can. 13. de Baptism.

com justiça allegar, faltas de conhecimento, faltas de liberdade, nem faltas de sufficiencia. Naõ podemos allegar faltas de conhecimento, porque temos uso de razaõ; nem faltas de liberdade, porque a promessa he voluntaria; nem faltas de sufficiencia, porque a Graça sufficiente nunca falta: mas antes prometemos de nos emendar, porque temos conhecimento, liberdade, & sufficiencia: conhecimento do peccado, liberdade para a resoluçaõ, & sufficiencia para a execuçaõ. Porèm de ordinario, taõ vagarosa he a nossa emenda, que em lugar de alcançar de Deus misericordia para o perdaõ, provocamos a Divina Justiça para o castigo. E esta he a advertencia, que nos faz o Ecclesiastico com as palavras, que immediatamente se seguem ás palavras do meu thema: *Non tardes converti ad Dominum, & ne differas de die in diem; subitò enim veniet ira illius.* Notai com attençaõ, aquelle *Tardes*, & aquelle *Subitò*.

Eccle-siastic. 5. v. 8.

Tardanças ha, que apressaõ, & ha dilaçoens, que aceleraõ. Os vagares dos homens saõ causa das pressas de Deus. Quando retardamos a conversaõ, apressa Deus a justiça: & quando dilatamos o cumprimento das nossas promessas, Deus acelera a execuçaõ das suas vinganças. Muitas razoens tem Deus para castigar com rigor esta impia detença. E huma dellas he, que nenhuma cousa he mais oposta ás palavras, & ás obras de Deus, do que os intervallos de tempo, com que os homens apartaõ as obras das palavras. Na Essencia Divina, huma cousa mesma he o fallar, que o obrar. Falla o Eterno Pay desde a Eternidade, & desde a Eternidade gera o Verbo, com taõ grande uniaõ da obra com a palavra, que esta mesma palavra, he hum Deus author de todas as obras do Mundo. Tambem nas acçoens *ad extra*, o dizer de Deus, he fazer, & as suas palavras saõ obras, & mais que obras. Porque ha obras de Deus, que

algum dia acabaráõ, mas ſempre permaneceráõ as ſuas palavras: *Cœlum, & terra tranſibunt; verba autem mea non præteribunt.* Matth. cap. 24. verſ. 35. No fim do Mundo, o Ceo, & a terra, aindaque obras de Deus, ſe mudaráõ (ſe a mudança será eſſencial, ou accidental, naõ o ſei) ſô ſei, que naõ haverá mudança nas palavras de Deus. E dá o Lyrano a razaõ. A palavra de Deus he mais firme que o Mundo, porque Deus fez ao Mundo com ſua palavra: & para Deus moſtrar, que as ſuas palavras ſaõ mais que obras, pereceráõ as obras, & permaneceráõ as palavras: *Cœlum, & terra tranſibunt; verba autem mea non præteribunt.* O Lyrano: *Per Verbum enim Dei factus eſt Mundus, & ideò Verbum ejus eſt Mundo ſolidius.*

257. Oh palavras! Oh promeſſas humanas! Que oppoſtas ſois à permanencia, & efficacia das palavras, & promeſſas divinas! Mas prometer, & naõ cumprir a hum Deus, que taõ pontualmente cumpre o que promete, que outra couſa he, que provocar a ſua juſtiça, & acelerar os rayos da ſua vingança: *Ne differas de die in diem; ſubitò enim veniet ira illius.* Em huma ſô occaſiaõ moſtraõ os homens a pontualidade da ſua palavra. E he quando das promeſſas, que fizeraõ, ſe podem ſeguir danos do proximo, & offenſas de Deus. Nunca houve dilaçoens para a execuçaõ de promeſſas peccaminoſas. Prometéo Herodes de mandar degolar ao Bautiſta, & primeiro que ſe levantaſſe da meſa, em que fizera a promeſſa, lhe trouxeraõ em hum prato a cabeça do Bautiſta, ſanguinolenta ſobremeſa de huma inſaciavel crueldade. Prometéraõ os Fariſéos a Judas certa contía de dinheiro, porque lhe entregaſſe ao Senhor: *Promiſerunt ei pecuniam ſe daturos.* Marci cap. 14. verſ. 11. E andáraõ os Fariſéos taõ pontuaes, que naõ ſe acha no Evangelho, que houveſſe miſter ſolicitar a cobrança, nem fazer a menor diligencia para a paga. Do meſmo modo que louca-

loucamente primoroſo anda o peccador em executar, o que prometéo com eſperança de alcançar os ſeus danados intentos. Com que pontualidade paga o ambicioſo, o que prometéo para conſeguir aquella dignidade! E com que promptidaõ entrega o laſcivo, o que prometéo para ſatisfaçaõ daquelle appetite! Oh lealdade ſacrilega, que affecta primores, para facilitar delitos! Oh impia fidelidade, que ſolicita deſempenhos, para aſſegurar exceſſos! Que diverſamente obra Deus com os homens! Tudo o que Deus promete, ſaõ caſtigos, ou beneficios: com eſta differença, que talvez ſuſpende os caſtigos, mas naõ dilata os beneficios. Quantas vezes diſſe Deus a Moyſes, que havia de deſtruir ao Povo de Iſrael, & quantas vezes moſtrou de ſe eſquecer da ſua palavra, buſcando deſvios à execuçaõ da juſtiça, para dar entrada ás interceſſoens da miſericordia. Pelo contrario, que ſolicito ſe moſtrou Deus em cumprir as promeſſas, de que podia reſultar algum bem ao Mundo! A promeſſa, de que o Mundo podia eſperar mayores venturas, foi a da Redempçaõ do genero humano. E porque o cumprimento deſta promeſſa, dependia da Morte, & Paixaõ do Senhor, parecéo o Senhor taõ dezejoſo de morrer, que quaſi morreo deſte dezejo.

258. Na Oraçaõ do Horto, que he o Paſſo, que hoje celebra a noſſa devoçaõ, temos a prova deſta verdade. No Horto Gethſemani, Chriſto Senhor Noſſo ſuou ſangue. Dizem os Filoſofos, que no ſangue eſtá a vida do homem. Suppoſto iſto, quanto lhe corria ao Senhor de ſangue, tanto ſe lhe diminuia de vida. *Sanguis decurrens in terram*, diz a eſte propoſito Simaõ Caſſiano, *ſignum erat profuſionis animæ Chriſti, in ſanguine enim dicitur eſſe vita.* Mas que razaõ tem o Senhor para procurar com eſtas correntes de ſangue, alentos à morte & deſmayos à vida?

Simon Caſſian in Evangelin.

à vida? Dá o mesmo Doutor a razão: *Sudat Christus, quia mors ventura erat in crastinum.* Considerou o Senhor, que no dia seguinte se havia de execurar com a sentença da sua morte, a promessa da nossa Redépção,& para acelerar a execução desta promessa, parece quiz apressar a morte com a anticipada effusaõ do seu sangue. Tambem esta foi huma das principaes causas da sua mortal tristeza. Porque, como advertio Santo Ambrosio, não se entristecéo o Senhor por medo da morte; mas a dilação da morte foi a causa da sua tristeza: *Sub tempore mortis, mæstitiam præ se ferebat, quam non ex metu mortis suæ, sed ex mora nostræ Redemptionis assumpserat.*

Ambr. lib. 7. in Lucam cap. 22.

259. Mas se Deus he tão effectivo em cumprir o que nos promete, porque razão nos mostramos nós taõ remissos em effeituar, o que prometemos a Deus. As promessas, que mais facilmente se quebrão, ou se dilatão, saõ as que de ordinario se fazem aos pés de hum Cõfessor. Senhor, diz o peccador na Confissaõ, oh, como hey de mudar, & emendar minha vida! Mas acabada a Confissaõ, a vida não se muda,& não se procura a emenda. Arrependese o peccador do seu proprio arrependimento, & com suas falsas promessas, engana ao Sacerdote, enganase a si. E se fora possivel, tambem ao mesmo Deus enganára. Oh, que excessiva houvera de ser a vergonha de hum Christão convencido de tão ignominiosos enganos! Lembrame de hum Princepe da Grecia, que não se atrevia, a levantar os olhos para o amigo, a quem havia faltado com sua palavra. Se a falta de huma promessa pode causar huma tão grande vergonha a hum homem na presença de outro homem: Com que confiança poremos nós os olhos no retrato do nosso amantissimo Iesus, a que tantas vezes offendemos com a falsidade das nossas promessas? Ah meu Senhor,& meu Redemptor, a vossos sagrados pés nos lançamos, confiados,& confusos;

Mostrase o Christo.

fusos; mas racionavelmente confiados, & felicemente confusos. Porque a confiança dà alentos ao affecto, & a confusaõ dá mostras do arrependimento. Atè agora muito foi o que prometemos, & nada o que cumprimos. Prometemos de amarvos sobre todas as cousas do Mundo. Mas ay, que sò para vòs não teve o nosso coração finezas, nem a nossa vontade rendimentos! Prometemos de guardar todos os Mandamentos da vossa Divina Ley. E tão grande foi a nossa infidelidade, que não sei se ha mandamento, em que não tenhamos commetido algum peccado. Christaõs, recorramos pela memoria todas as acçoẽs da vida passada, & considerando o estado presente da nossa consciencia, vejamos, que fruto atè agora tiràmos de tantas Confissoens, & Communhoens, que fizemos, desde que temos o uso da razão. Quantas vezes tornàmos a cahir nas mesmas culpas, & quantas vezes deixámos de nos aproveitar da efficacia dos Sacramentos? Mas se continuarmos nesta cegueira, & nesta obstinaçaõ, tanto se multiplicaráõ os peccados, que finalmente seráõ inevitaveis os castigos. Ah meu bom Iesus! suspendei os rigores da vossa justiça, porque neste dia vos prometemos de cumprir todas as nossas promessas. Prometemos de vos amar, de vos servir, & de nunca mais vos offender, mediante a vossa Graça, & a vossa Divina Misericordia. Misericordia meu Deus, misericordia meu Senhor, misericordia nesta vida, & Gloria na outra. *Ad quam nos perducat, &c.*



SE-



SEGVNDA TARDE

CONTRA OS QVE TARdão em pagar as dividas.

Non tardes converti ad Dominum, & ne differas de die in diem. Ecclesiast. 5. v. 8.

260. NA primeira tarde, temos visto a infidelidade dos que tardaõ em cumprir as promessas: nesta segunda tarde, veremos a injustiça dos que tardaõ em pagar suas dividas. Huma das cousas, que de ordinario mais se difficultaõ, he a restituição do que se deve. Ha homens no Mundo taõ tenazes do alheio, que se pòdem comparar cõ aquelle animal do Mundo novo, a que chamais, Preguiça do Brasil. Tem este animal duas defeituosas propriedades, huma no andar, & outra no restituir. No andar he tão vagaroso, que apenas chegarà a fazer vinteequatro passos, no espaço de vinteequatro horas. E taõ grande repugnancia tem em restituir o que agarrou, que antes se lhe tirarà a vida, que a preza. Este he o jeroglyfico da tenacidade de alguns homens, que tendo muita acti-

vidade no pedir, no restituir saõ a mesma Preguiça. E se tal vez chegaõ a satisfazer huma divida, a satisfazem com taõ grande pesar, que lhe parece que pagaõ muito mais do que devem. Mandava a Ley antiga, que o ladraõ restituisse quatro por hum: *Quatuor oves pro una ove.* Parece demasiado o rigor desta Ley; porque para satisfaçaõ da justiça, basta que a restituiçam seja igual ao roubo, ou à divida. Mas tem para si Sãto Thomás, que este tigor, he misterio, significandose neste excesso de restituiçaõ, a mà võtade dos devedores. Porque o restituir o alheio, he taõ custoso, que a quem paga huma divida, lhe parece que restitue quatro vezes mais do que deve: *Pro una ove reddit oves quatuor. Per hoc enim ostenditur ejus iniqua solvendi voluntas.* He opiniaõ dos Mathematicos, que naõ he bem fazer emprestimos, quando o Planeta de Jupiter està opposto a outro Planeta contrario. Porque dizem, que o que nesta opposiçaõ de Planetas se empresta, nunca se restitue. Se fora verdadeira esta observaçaõ astrologica, nunca se houvera de emprestar nada, sem primeiro cõsultar às Estrellas: & sò quem conhecéra os effeitos da revoluçaõ do Firmamẽto, se pudèra assegurar da retrogradaçaõ do seu dinheiro. Mas nenhumas noticias tem a Mathematica para se prevenir contrà as incertezas de huma cobrança. E em semelhantes contingencias, o mais seguro pronostico, he affirmar, que ou tarde, ou nunca, se restituirà o que se empresta.

Exod. 22. v. 1.

Hermes in centiloquio n. 31. Cũ Iupiter fuerit sub radijs, vel impeditus a malis, non est dandũ mutuum; nulla enim sequetur restitutio.

261. Os homens, que de ordinario se endividaõ para luzirem, houveraõ de imitar as Estrellas. Todas as Estrellas se adornaõ com as luzes, que o Sol continuamente lhe empresta. E saõ as Estrellas taõ pontuaes na restituiçaõ, que no mesmo tempo, que o Sol lhes communica seus resplandores, os reverberaõ no mesmo Sol, & o coroaõ com a mesma luz, que delle recebéraõ. Luzir à custa alheia, atè às Estrellas se permite. Mas

naõ

naõ ſereis eſtrella no luzimento, ſe logo nam reſtituirdes as luzes. O mais infiel dos elementos he o mar. Mas tem o mar huma notavel fidelidade no reſtituir. Que ſupposto que guarda no profundo dos ſeus abyſmos, os theſouros que uſurpou, reſtitue à terra o melhor theſouro da natureza, lançando às prayas os homens, que nas ſuas aguas ſe perdérão. Naõ aſſim a terra, que naõ reſtituirà os corpos dos defuntos, ſenaõ no fim do Mundo. Do meſmo modo, muitos ha, que ſe eſtiveraõ ſeguros de viver ſempre, dilatariaõ a reſtituiçaõ atè o dia do Juizo. Mas porque tem termo no viver, eſperaõ atè a hora da morte. E ſó ſe deſempenhaõ das dividas particulares, quando ſe vem obrigados a pagar, o que todos geralmente devem à natureza. Aquelle pay de familias, de que falla Saõ Mattheus, naõ deu ordem que ſe pagaſſem as ſuas dividas, ſenam quando vio que jà era tarde: *Cum ſerò eſſet factum.* Dizem os Padres, que por eſte tarde, ſe ſignifica a hora da morte: & que eſte pay de familias, he Deus. Mas ſe Deus, como infinitamente liberal, ſempre ſe anticipa no dar, como pòde ſer que puzeſſe dilaçoens no pagar? Advertio Saõ Ioaõ Chryſoſtomo, que neſta parabola Evangelica, Deus ſe repreſenta como homem: *Simile eſt Regnum cælorum homini patriſamilias.* E he taõ proprio dos homens pagar tarde, o que devem, que atè o meſmo Deus, quando toma a figura de homem, reſerva a ſatisfaçaõ da divida, para a ultima hora da vida: *Tam inuſitatum eſt enim apud homines, citò ſolvere, ut cum Deus ſub perſonâ hominis ſolvere dicitur, dicatur ſolvere, Cum ſerò eſſet factum.* Sendo pois os homens taõ vagaroſos no deſempenho das ſuas dividas, determíno deſpertar os ſeus deſcuidos, com tres eſtimulos: o eſtimulo da conveniencia: o eſtimulo da correſpondencia: & o eſtimulo da conſciencia. Eſtes ſaõ os tres aſſumptos do Serm õ. Para os explicar com mayor clareza,

Chryſoſtom. ibi. & Gregorius hom. 19. in Evangel.

Matth. cap. 20. verſ. 1.

Celad. in Judith. pag. 76.

reza, necessito dos Auxilios da Graça. *Ave Maria.*

I. PARTE.

262. O primeiro estimulo para pagar cada hum o que deve, he a propria conveniencia de quem paga. Porque sou de opiniaõ, que na satisfaçaõ de huma divida, a parte mais interessada, he o mesmo devedor. Que infelice he a vida de hum homem endividado? Aquelle, de que o Evangelho faz mençaõ, foi entregue nas maõs dos verdugos, atè que fizesse restituiçaõ a poder de tormentos: *Tradidit eum tortoribus, quo-*
Matth. cap. 18. vers. 34. *adusque redderet universum debitum.* Neste tempo naõ procede a justiça com taõ grande rigor contra os devedores: porèm naõ se pòdem elles eximir dos tormentos, que dentro de sy mesmo experimētaõ; quāto mais intrinsecos, mais rigorosos. A justiça da natureza toma as vezes da justiça da Ley. Porque se a justiça da Ley naõ arma contra o devedor as maõs dos Algozes, a justiça da natureza cruelmente o castiga, com tres verdugos: a saber, o cuidado, o medo, & a desesperaçaõ: *Tradidit eum tortoribus.* O primeiro verdugo do devedor, he o cuidado, que lhe tira o descanço da noite, acrescenta os trabalhos do dia, & faz amargosos todos os gostos da vida. Porque atè naõ restituir, o que deve, nam se pòde restituir ao seu natural socego: *Tradidit eum tortoribus.* O segundo verdugo do devedor, he o medo. Maior susto, & pavor lhe causa hum ministro de justiça, que huma Furia do Inferno. Sempre foge dos acredores, & sempre està sonhando com elles: & sòmente quando se acha sò, lhe parece estar seguro: *Tradidit eum tortoribus.* O terceiro verdugo do devedor, que se acha impossibilitado para pagar, he a desesperaçaõ. Por falta de remedio, naõ tem seu mal remedio. Começa a poupar os gastos, quando nam tem mais que gastar. E porque toda a sua sustancia se resolvèo em

ar, naõ tem com que pagar, mais que palavras: & ainda com ser todo palavras, naõ tem palavra. Assim vive o infelice, dos seus proprios herdeiros aborrecido. Porque lhes naõ pòde deixar outra cousa, que lagrimas, tumulo animado da sua familia, & anticipado sepulcro da sua posteridade: *Tradidit eum tortoribus, quoadusque redderet universum debitum*. Suppostas estas, & outras miserias, inseparaveis companheiras dos devedores: claro està, que maior he a conveniencia do que paga, que a do que recebe: & que todas as vezes, que se faz huma restituição, se soltaõ as cadeas, & se quebraõ os grilhoens de huma ignominiosa dependencia.

263. Consideraõ os Theologos o attributo da independencia, como base fundamental de todas as excellencias da Divindade. E esta divina independencia consiste, em que Deus sò a sy mesmo deve o seu ser. Deus naõ recebe nada de ninguem, & por isso ninguem lhe pòde tirar o que possue. Nada espera, & naõ recea nada. Nada espera; porque tudo em sy encerra: & naõ recea nada, porque naõ deve nada a ninguem. E quem naõ deve, naõ teme. Em conclusaõ, Deus he Deus, porque he independente. Daqui se segue, que quanto mais hum homem depende de outro, tanto menos he semelhãte a Deus. Crescem pois as dependencias dos homens, ao mesmo passo que se augmentaõ as suas dividas. E muito melhor fora padecer huma grande pobreza, do que estar sugeito a huma vil dependencia. Os povos do Egypto apertados da esterilidade dos tempos, pediraõ a Joseph lhes quizesse acudir nesta taõ publica, & taõ precisa necessidade. Joseph, que presidia à Economia do Reyno, mandou abrir os celeiros Reaes, & deu aos Egypcios com que semear os campos: com condiçaõ, que dahi por diante pagassem a Faraò todos os annos a quinta parte das novidades: *Quintam partem Regi dabitis*. Aceitàraõ os Genes. cap. 47. vers. 24.

Egypcios a condiçaõ. E agradecidos da merce, aclamáraõ a Joseph por seu Salvador: *Salus nostra in manu tua est.* Mas tornando os annos da fertilidade, começáraõ os Egypcios a formar queixas contra Joseph. Amaldiçoáraõ o seu nome & aborrecéraõ as suas memorias. Porque vendose obrigados a pagar todos os annos, a quinta parte dos frutos, que recolhiaõ, sem se poderem eximir da violencia dos Ministros Reaes, que tinhaõ cuidado de arrecadar o tributo, conhecéraõ, que com esta obrigaçaõ, os fizera Joseph escravos de Faraò: & esquecidos das angustias da passada necessidade, choravaõ as miserias da presente dependencia. O Abbade Ruperto: *Redeuntibus annis fertilitatis, odio cœpit haberi memoria ejus, & populi sui, tanquam fuisset proditor libertatis.* A este estado se vem miseravelmente reduzidos, os que cahíraõ em dividas para sustentarem a sua calidade: nam advertindo, que lhe estava melhor, o serem pobres do seu, que ricos do alheio. Porque com a pobreza, sô padeceriaõ molestias, mas com a dependencia, experimentaõ tiranias. Outra razaõ naõ menos importante houvera de obrigar os homens, a que naõ fizessem dividas, ou a que logo as satisfizessem. E he, que os bens alheios misturados com os proprios, formaõ hum composto de metaes heterogeneos, que difficultosamente se pòdem apartar. E senaõ, digaõno os que o experimentaõ. Que sô com a experiencia se conhece o sentimento, com que se faz a restituiçaõ de hum bem, convertido na propria sustancia da pessoa, que o logra.

Ibid. vers. 25.

Rupert. lib. 9. in Genesim cap. 20. in fin.

264. No Capitulo undecimo do Ecclesiastès, parece, quiz Salamaõ fazer hum pronostico da chuva com estas palavras: *Si repletæ fuerint nubes, imbrem super terram effundent.* Diz Salamaõ, que as nuvens quando forem cheias, & carregadas, se resolveràõ em chuva. Escusado pronostico. Que duvida tem, que a con-

Eccles. cap. 11. v. 3.

condensaçaõ, & espessura das nuvens, saõ indicios de agua? Para credito do seu saber, podia dar Salamaõ aos curiosos, noticias mais peregrinas, manifestando os sinaes da chuva, que a natureza poz na esfera do Sol, & da Lua, & nas propriedades das flores, & das aves. Pronostíca chuvas o Sol, quando no Oriente parece mais piqueno, do ordinario. Annuncía chuvas a Lua, quando reverbera em alguma nuvem para a parte Austral. Prometem chuvas as flores, quando em tempo sereno exhalaõ com maior alento as suas fragancias. E he sinal de chuva, quando as avezinhas com voos acelerados se retiraõ do mar para a terra. Naõ ignorava Salamaõ todos estes segredos da natureza; mas naõ se valéo destas noticias: porque se me naõ engano, naõ fez nesta occasiaõ o pronostico da chuva, mas com o exemplo das nuvens, manifestou o pesar, & o sentimento, com que se restitue o que se deve. *Si repletæ fuerint nubes, imbrem super terram effundent.* Formase a nuvem com vapores sutilmente atrahidos desta regiaõ inferior, & quando as leys da natureza obrigaõ a nuvem a que faça restituiçaõ do cristalino humor, que se apropriou: oh, parece que de sentida, toda se resolve, & se destila lagrimas! Passéa a nuvem pelos ares carregada com os despojos do mar, & cheia de huma taõ grande copia de aguas, que dando o Sol nellas, naõ pôde tomar terra, & faz naufragio das suas luzes. Mas finalmente, chega para a nuvem o tempo da restituiçaõ, & cada piquena gota de agua, que lança, he huma lagrima que derrama. Em conclusaõ, chora a nuvem, quando restitue, porque o desapropriarse de hum bem, por algum espaço de tempo possuido, larga materia dá para o pranto: *Si repletæ fuerint nubes, imbrem super terram effundent.* Este he o retrato dos injustos usurpadores dos bens alheios. Folgaõ com a posse, & choraõ a restituiçaõ. E quanto mais dila-

dilataõ a ſatisfaçaõ das dividas, mais ſe lhe acreſcenta a materia das ſuas lagrimas.

265. Na doutrina do Evangelho, as riquezas ſaõ eſpinhos. Criaõ eſtes eſpinhos grandes raizes nos coraçoẽs humanos. E he força, que cauſem muita dòr, quando ſe arrancaõ. Eſta he a razaõ, porque com tantos artificios, & embuſtes, ſe negaõ as dividas, ſe deſconhecem os recibos, ſe falſificaõ as eſcrituras, & ſe difficultaõ as pagas. Mas finalmente, vence a verdade, triunfa a juſtiça, & a violencia alcança, o que a razaõ naõ pode conſeguir. Com eſta circunſtancia porèm, que o acredor naó eſtima a reſtituiçaõ, que o devedor lhe faz por força. Porque à arvore, que ſe abala, naõ ſe lhe agradece o fruto, que arroja: & naõ ſe gratifica à eſponja, que embebida de algum precioſo licor, naõ o derrama, ſenaõ quando a apertaõ. Dizem os naturaes, que naõ ſaõ ſaudaveis as aguas do Ceo, quando cahem com relampagos, & trovoens: que parece que a natureza reprova as ſuas meſmas operaçoẽs, quando as faz com eſtrondoſas violencias. Do meſmo modo, naõ pôde ſer recebida com agrado huma ſatisfaçaõ ſolicitada com citaçoẽs, procurada com ſentenças, & conſeguida com os rigores, & as armas da juſtiça. E de tudo ſe collige, que o pagar ſem dilaçaõ, he conveniencia de quem paga. E eſte he o primeiro eſtimulo, com que ſe ha de deſpertar a ingrata tibieza de hum devedor. O ſegundo eſtimulo, he o da correſpondencia, como veremos neſta ſegunda parte: *Non tardes converti ad Dominum, & ne differas de die in diem.*

Aqua pluvialis, quæ cadit cum tonitru, non eſt bona, ſed citò corrumpitur. Ex dig. Sap. tom. 3. pag. 39. col. 2.

II. PARTE.

266. Com huma perpetua correſpondencia, ſe conſerva, & ſe ſuſtenta o Mundo. E toda a ley deſta correſpondencia conſiſte em receber, & reſtituir. Recebe a terra as influencias do Ceo, & as reſtitue com

com o ſabor dos frutos, & com a virtude dos metaes. Recebem os campos as ſementes, & com o brotar das plantas as reſtituem. Recebemos o Ar reſpirando, & reſpirando o reſtituimos. E como advertio o Orador Romano, até as balſas, & as cavernas, domicilios dos ladroens, & hoſpicios dos ſalteadores, com eccos ſonoros reſtituem as vozes, que como deſgarradas, ou peregrinas, nas ſuas concavidades ſe recolhérão. Grande exemplo, com que a natureza, para nos enſinar a reſtituir o alheio, tira das duriſſimas entranhas de hum rochedo a palavra para a reſtituir ao ſeu author, em demonſtração da ſua correſpondencia: *Saxa, atque ſolitudines, voci reſpondent.* Que rara he nos homens eſta reciproca fidelidade! Tão difficultoſamente ſe cobra, o que ſe empreſta, que tal vez ſeria melhor, dar por credito da liberalidade, do que empreſtar com eſperança da reſtituição. Na parabola Evangelica, em que hum amigo pede a outro, lhe queira empreſtar tres paens: *Commoda mihi tres panes*: *Luc. cap. 11. v. 5.* não diz o Texto, que o amigo lhos empreſtará; mas que lhos dará: *Dabit illi quotquot habet neceſſarios.* *Ibid. verſ. 8.* Mas não lhe fora melhor empreſtar ao amigo o que lhe pede, deixandoo com obrigação de o reſtituir, do que fazerlhe hum donativo, deſobrigandoo da reſtituição? Oh que diſcreto artificio! Muito melhor he dar, que empreſtar: porque ſe pôde alcançar fama de liberal, com o que ſe dá: & de ordinario o que ſe empreſta, ſe perde. Na minha opinião, o empreſtar he como o morrer. No morrer, a Alma ſe vai, para não voltar mais: & no empreſtar, a fazenda ſe vai com perigo de já mais voltar. Porque tantos são os deſvios, com que ſe lhe eſtorva a vinda, que he milagre, ſe tornar a achar o caminho, que fez na ida. Partioſe Abrahão para o Egypto, & affirma a Eſcritura, que voltára pelo meſmo caminho, por onde fora:

Genes. cap. 13. vers. 3. fora: *Reversus est per iter, quo venerat.* Parece superflua esta advertencia. Porque pouco importava aos vindouros, saber que caminho fizera Abrahaõ na vinda do Egypto. Mas nenhuma palavra da Escritura he superflua: & por isso repara o Lyrano, que Abrahaõ, quando foi para o Egypto, naõ tendo bastante cabedal para as despezas da jornada, fizera algumas dividas nas pouzadas, onde se hospedára: & vendose muito rico, & opulento, quando voltou, tomou o mesmo caminho, para pagar as dividas, que fizera: *Per eadem hospitia redijt ad solvenda debita.* Oh milagrosa peregrinaçaõ, em que a vinda foi mais milagrosa, que a ida: *Reversus est per iter, quo venerat.* Naõ buscou Abrahaõ desvios, & naõ torcéo os passos; mas voltou pelo mesmo caminho, em que fizera a divida, para satisfazer com a paga. Naõ assim a maior parte dos devedores, que com artificiosos atalhos se desviaõ do caminho da restituiçaõ: fogem dos acredores com a mesma ancia, com que os buscáraõ: & com ingratas ausencias, se negaõ à vista dos a que consumíraõ a sustancia.

267. Em huma sentença de Salamaõ, aindaque appropriada a outro intento, acho a demonstraçaõ desta ausencia, & desta ingratidaõ: *Cum defecerint ligna, extinguetur ignis.* Quer dizer: quando faltar a lenha, o fogo se apagará. O fogo he hum Elemento, que moralmente fallando, com todas as criaturas se endivida, porque de todas toma a sustancia para luzir. E naõ sô, naõ restitue o que deve, mas depois de feita a divida, se remonta para a sua Esfera: como se fugira da mesma criatura, que para sustentar seus luzimentos tanto se empenhou, que se reduzio a cinzas. Ingrato, & cruel Elemento! Cruel, porque consome. Ingrato, porque desapparece. Em quanto acha o fogo materia, que gastar, persevera com fervorosas assistencias: mas logo

Proverbior. cap. 26. vers. 20.

logo que está destruida a sustantia, apaga as lavaredas, & se ausenta: *Cum defecerint ligna, extinguetur ignis.* Isto he o que de ordinario se experimenta no Mundo. A o mesmo passo, que se consome a sustancia do amigo, se vai extinguindo o fogo do amor. Ardem as fazendas, & os affectos se apagaõ. Permanece a divida, & acaba a correspondencia: *Cum defecerint ligna, extinguetur ignis.* Verdade he, que os grandes, & poderosos naõ estaõ taõ sugeitos a esta commum desgraça. Porque o respeito, com que se fazem venerar, faz em certo modo inviolavel a justiça, que se lhe deve. Mas porque naõ saõ temidos, os que a pobreza desarmou, ninguem se confessa seu devedor, & a satisfaçaõ, que se dá a hũ grande, de ordinario se nega a hum pobre. Tenho reparado, que os Rios devem a affluencia das suas aguas, a dous differentes principios; ao mar, & à fonte. Porque o mar, he a madre universal de todas as aguas; & a fonte he o lambique; que continuamente as destila. Anda pois o Rio tam cheio de dividas, como de aguas; porque deve ao mar, & deve á fonte. Com esta differença, que o Rio sempre corre para o mar, restituindolhe o que delle recebéo; mas nunca retrocede os passos para a fonte, para lhe pagar o que lhe deve. No mar se significaõ os grandes, & na fonte, que sempre anda, & naõ ajunta cabedaes, se representaõ os pobres. Tiremos a moralidade. Aos grandes, todos pontualmente pagaõ as dividas, como os Rios ao mar; mas aos pobres, negaõ os ricos, o que devem, como os Rios à fonte. Lastimosa desgraça da pobreza! Ao pobre, naõ só lhe falta o que naõ tem; tambem o pouco que tem, lhe falta. E porque naõ tem poder para recuperar o que se lhe usurpou; o arrecadar huma divida, lhe parece mais difficultoso, que se houvera de aquirir alguma nova fazenda. O Veneravel Tobias desterrado da

sua

ſua patria, & reduzido a huma extrema neceſſidade, chamou a ſeu filho, & lhe ordenou, que diligenciaſſe a cobrança de certo dinheiro, que ſe lhe devia. Senhor, reſpondéo o filho de Tobias, conforme a Verſaõ
Tob. 5. v. 2. Vid. Textum Arabicum. Arabica: *Hanc pecuniam, neſcio, quomodo acquiram?* Naõ ſei, como hey de acquirir eſte dinheiro. Pobre, mas diſcreto mancebo! Chama acquirir, o cobrar; porque aos pobres, tanto lhe cuſta o cobrar, como o acquirir; & taõ pouca eſperança tem de alcançar o que ſe lhe deve, que huma cobrança, ſe lhe repreſenta mais ardua, que huma conquiſta: *Hanc pecuniam, neſcio, quomodo acquiram?*

268. Que pouco cuidado tem do ſeu credito, os que ſe deſcuidaõ dos ſeus acredores. No jardim da fama, a correſpondencia he como a roſa; hum ſò dia de detença, lhe tira o luſtre, & nas maõs do devedor naõ luz o ouro, que tarde ſe paga. No Deuteronomio, mandou Deus, que ſe pagaſſe aos jornaleiros o ſeu trabalho, antes do pór do Sol: *Reddes ei pretium laboris ſui ante Solis occaſum.* Deuteronom. cap 24. v. 15. Miſterioſo preceito! Por ventura jâ he fora de tempo o pagamento feito depois do Sol poſto? Direi. Naõ he fóra de tempo, em quanto á obrigaçaõ, mas he fóra de tempo, em quanto ao luzimento: porque no occaſo do Sol ſe eſcurece o dia, & juntamente, ſe eclipſa a gloria de quem dilatou a paga. Pagai, antes que ſe ponha o Sol; porque depois de poſto, naõ luzirá o que pagares. Eſta meſma ley, parece, quiz Deus guardar para com os homens. Neſte Mundo, trabalhaõ os homens como jornaleiros na vinha do Senhor. E he o Senhor tam pontual na remuneraçaõ do trabalho, que tomaõ, que a todos dá a ſatisfaçaõ merecida, antes que o Sol ſe eſcureça. Conſta do Evangelho, que no fim do Mundo, o Sol ſe eſcurecerá: *Sol obſcurabitur:* mas antes que ſe eſcureça o Sol, continuamente vai Deus pagando a todos o ſeu trabalho. Vede ſe eſtá bem fun-

fundado o reparo? O Summo Pontifice João Vigesimo Segundo, levantou huma grave questaõ: a saber, Se as Almas dos q̃ morriaõ em Graça, depois de purificadas no fogo do Purgatorio, logravaõ os premios da Gloria, antes do dia do Juizo? Trouxe esta questaõ ao Santo Pontifice muito tempo perplexo, & duvidoso: & primeiro que a decidisse, morréo. Mas seu successor Bento Duodecimo, determinou, que naõ sô antes do dia do Juizo; mas logo depois da morte, concede Deus ás Almas puras, & limpas das manchas do peccado, o premio da Bemaventurança. Notavel anticipaçaõ de huma paga remuneratoria, que justamente se pudera dilatar até o Juizo universal, em que se haõ de concluir todas as contas! Mas porque Deus se representa como devedor (supposto que sem obrigaçaõ, nem dependencia alguma) paga os trabalhos de seus servos, antes que se escureça o Sol, & naõ espera, que se acabe o grande dia do Mundo. Porque ainda que esta dilaçaõ, naõ offendéra a justiça, desluzíra em certo modo a sua grandeza. Tanto importaõ os primores da satisfaçaõ, para os creditos da correspondencia: *Reddes ei pretium laboris sui, ante Solis occasum.* Quantas vezes se poem o Sol, & quantas vezes se restitue ao Oriente, primeiro que se restitua, o que se deve. Correm os dias, & naõ correm as pagas. Andaõ os annos, & naõ se cobraõ os salarios. E o mesmo tempo que tudo acaba, acrescenta a divida, & alenta a ingratidaõ. Mas se o devedor se naõ deixa mover do estimulo da conveniencia, nem do estimulo da correspondencia, por ventura que o movera o estimulo da consciencia. E este he o terceiro assumpto do Sermaõ. *Non tardes converti ad Dominum, & ne differas de die in diem.*

Joannes Papa XXII. hæsit diu in quæstione de dilatâ ante diem Judicij, animarum gloriâ. Benedictus XII. ipsius successor, animas Sanctorum nihil habentes expurgabile, statim ut decedunt, ante diem Judicij, faciem Dei cernere statuit: hoc est, inquit, quod Joannes morte præventus volebat decernere. *Alphonsus à Castro, Verbo, Beatitudo.*

III. PARTE.

269 Governa Deus ao Mundo com dous generos de-

de justiça; huma justiça universal, & outra justiça particular. Com a justiça universal, faz Deus commuas a todos, as cousas que saõ precisas para a vida, como o Sol, as Estrellas, o Ar,& o Tempo. Todos os dias nasce o Sol, tam claro, & resplandecente para os plebeios, como para os soberanos. E a cabana de hum pastor, he taõ coroada de estrellas, como o Palacio de hum Monarca. Respiraõ os vassallos o mesmo Ar,que os Principes. E com a mesma medida, compassa o tempo os dias, & os annos, dos subditos, & das Magestades. Mas se com a justiça universal, Deus igualmente repartio com todos o grande patrimonio da natureza, com a justiça particular deu maiores riquezas a huns, que a outros: & aos que saõ senhores dos bens, que Deus lhe concedéo, por meio das heranças, das doaçoẽs, do commercio, ou da propria industria, naõ se lhe pôdem usurpar as fazendas, que possuem, sem aggravar a consciencia com a obrigaçaõ de as restituir. E he taõ precisa esta obrigaçaõ, que quem naõ restitue, quando pôde, sempre está em estado de peccado mortal, como se continuamente estivera fazendo roubos, ou cometendo homicidios. Porque, como advertio Santo Augustinho, sempre persevera o peccado, em quanto se naõ restitue o alheio: *Non remittitur peccatum, nisi restituatur ablatum.* *August. Epist. ad Maceaon.* Este he o peccado, que aos homens causa menos escrupulos, & ao Demonio maiores vitorias. Porque se muitos se condenaõ por falta da Confissaõ, & Contriçaõ de seus peccados; muitos mais saõ, os que se perdem por falta da restituiçaõ dos bens alheios. Quero contar hum curioso successo, que servirá para prova desta verdade. Tinhase o Demonio apoderado do corpo de hum homem, & obrigado pelo Sacerdote, que o estava exorcizando, a manifestar o seu nome: Respondéo, que no corpo do obsesso assistiaõ tres malignos Espiritos, com

com tres differentes apellidos: hum chamado, Fecha-coraçoens, outro Fecha-bocas, & o terceiro, Fecha-bolsas. Fecha-coraçoẽs (disse o Demonio) he o Espirito, q̃ impede a Contriçaõ do peccado: Fecha-bocas, he o Espirito, que estorva a Confissaõ da culpa: & Fecha-bolsas he aquelle, que dilata a restituiçaõ do alheio. E acrescentou o Demonio, que este ultimo causa ao Mundo maiores danos, & ao Inferno maiores augmentos. Porque se alguns morrem com os coraçoens fechados á Contriçaõ da culpa, & se outros acabaõ a vida com as bocas fechadas à Confissaõ de seus peccados; muitos mais saõ os que morrem com as bolsas fechadas á restituiçaõ dos bens alheios. Oh quantos estaõ ardendo nas chamas do Inferno, que morrèraõ confessados, & commungados, mas inutilmente confessados, & sacrilegamente commungados! Porque na Confissaõ, & na Communhaõ, naõ determináraõ de se desapropriar dos bens, q̃ injustamẽte possuiaõ. O restituir, & o desapegarse do que se logra; parece acçaõ taõ impropria para os ultimos instantes da vida, que naturalmente os moribundos, com as poucas forças que tem, pegaõ até das mantas do leito, em que estaõ, & as atrahem para sy, como se as quizeraõ levar para o outro Mundo, para lograrem, a pesar da morte, os despojos da vida. Mas antes o acto da restituiçaõ pede taõ grandes forças, & alentos, que sempre se ha de fazer no primeiro fervor da penitencia. E ainda que o peccador se conheça Reo de muitas culpas, entendo que a usurpaçaõ, ou defraudaçaõ dos bens alheios, he a primeira culpa, de que deve procurar a emenda.

270 Tinha Zachéo a consciencia gravada de muitas culpas, & era taõ publica a fama da sua má vida, que os Fariséos se escandalizavaõ, de que o Senhor entrasse em sua casa: *Murmurabant dicentes, quod ad* Luc. cap. 19. vers. 7.

ad hominem peccatorem divertisset. E he opiniaõ de Tertulliano, de S. Joaõ Chrisostomo, & de Santo Ambrosio, que Zachéo era Gentio, & adorador de falsos Deoses, & por consequencia inimigo da Ley de Moyses, & da Ley de Christo. Chegou finalmente a hora da sua conversaõ, & repáro que naõ se accusou da sua idolatria, nem dos outros peccados, que cometéra: mas o primeiro pecado, que lhe veio ao pensamento, & de que tratou de se emendar, foi a defraudaçaõ dos bens alheios: *Si quid aliquem defraudavi, reddo quadruplum.* Porque isto, que he restituir bens injustamente apropriados, naõ sofre demoras, & naõ admitte dilaçoens. Era Zachéo Idolatra, & era devedor; mas tratou de pagar as dividas, primeiro que se accusasse das idolatrias: como entendendo, que lhe seria mais facil renunciar o culto dos Idolos, que adorava, do que largar a posse do dinheiro, que devia. E como se já estivera seguro da emenda dos outros peccados, empregou os primeiros alentos da penitencia, na restituiçaõ dos bens que usurpára: *Ecce dimidium bonorum meorum do pauperibus, & si quid aliquem defraudavi, reddo quadruplum:*

Luc. cap. 19. vers. 8.

Que prodigioso exemplo temos de hum bom pagador na pessoa do Redemptor do Mundo. O Verbo Divino, como Filho de Deus, naõ devia nada aos homens, mas muito devia ao Eterno Pay; porque era fiador de todas aquellas dividas, que os homens eraõ incapazes de pagar. As nossas culpas, saõ as nossas dividas. Porque quem offende a Deus, deve a Deus a satisfaçaõ da offensa. E o Senhor tomou sobre si as nossas dividas, quando sobre si tomou as nossas culpas. Mas andou este divino fiador taõ solicito no desempenho da divida, que primeiro que nascesse ao Mundo, elegéo os meios que lhe parecéraõ mais proprios para effeituar a paga. Antes do nascimento de Christo, todos

dos os homens eraõ, ou Gentios, ou Hebréos; & o Senhor determinou nascer dos Hebréos, antes que dos Gentios. Sabeis porque? diz Santo Irenéo. Porque os Gentios naõ estavaõ sugeitos á ley da Circumcisaõ; mas os Hebréos, poucos dias depois de nascidos eraõ circumcidados, apenas vivos, & logo feridos, necessitados de leyte, & prodigos de sangue. De huma naçaõ pois, em que a vida madrugava para os tormentos, nascéo o Senhor, para se dispor a pagar com suas dores as nossas dividas: & porque era fiador empenhado por todo o genero humano, desde os primeiros dias da sua infancia, deu hypothecas da fiança, & segurou o sangue da Paixaõ, com o sangue da Circumcisaõ. Santo Irenéo: *Ideó Christus nascitur in Iudæa, & non in Gentibus; quia Gentilitas carebat circũcisione: & ideó in Iudæa ostentat gloriam suam in primordio nativitatis suæ in effusione sanguinis.* Mas se o Senhor se anticipou a pagar

S. Iren. lib. 3. cap. 7.

as dividas, a que se obrigara, continuou, & acabou esta satisfaçaõ com a mesma liberalidade, derramando mares de sangue em todos os Tribunaes da Synagoga, & principalmente no Pretorio de Pilatos, em que permetio, que os verdugos lhe despedaçassem todas as partes do corpo com cruelissimos açoutes. Mandavaõ as leys dos Romanos, que os que naõ pagavaõ as dividas, fossem açoutados, para que ficasse seu nome infamado com a ignominia do tormento. Mas nam tem esta ley effeito na pessoa do Divino Iesus. Porque este mesmo tormento acredíta a sua pontualidade, que sendo seu proprio sangue a moeda, com que paga, os açoutes, que lhe rompem as veas, abrem os seus thesouros, & para naõ haver detenças na satisfaçaõ da divida, corre o sangue com generosa vehemencia.

A Lap. in Mat. cap. 18. p. 358.

271. Resta agora, Fieis, que assim como o Senhor pagou o que naõ devia: *Quæ non rapui, tunc exolvebam*: assim paguemos ao

Psalm. 68. v. 5.

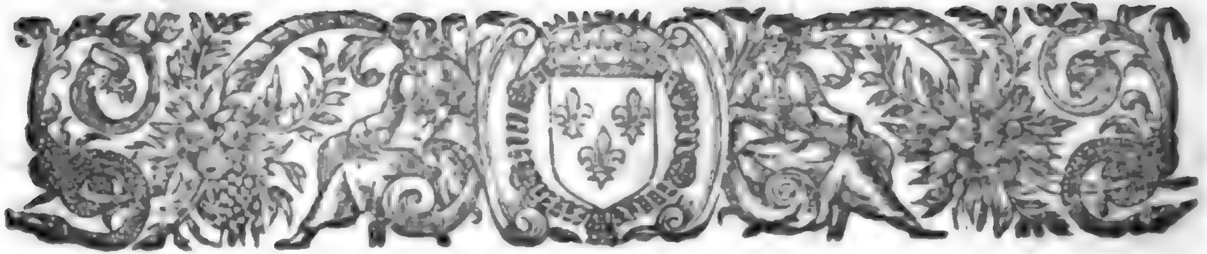
Senhor, o que lhe devemos. Dous generos de dividas temos com Deus; humas como criaturas, & outras como peccadores. Como criaturas, devemos a Deus amor pelos beneficios. E como peccadores, devemos a Deus satisfaçaõ pelas offensas. Mas quem de nós até agora pagou a Deus cõ finezas de amante? E quem de nós lhe deu satisfaçaõ com sentimentos de arrependido? Oh que pouco he o agradecimento dos beneficios! E que raro he o arrependimento dos peccados! Mas antes crescem os nossos peccados, ao mesmo passo que Deus multiplica os seus beneficios. E taõ fora estamos de satisfazer, o que devemos, q sempre fazemos novas dividas, porque sempre fazemos novas offensas. No Livro duodecimo da Cidade de Deus, escreve Santo Agustinho, que as leys dos antigos mãdavaõ expor aos rayos, & ardores do Sol, os que naõ pagavaõ as dividas. Naõ sei se para que se alumiasse a cegueira dos máos pagadores com a claridade deste Planeta; ou se para que se despertasse com o seu calor a sua tibieza: *Quidam peccantes, vel debita non reddentes, poni a Iudicibus jubentur ad Solem.* Deste mesmo remedio nos podemos valer nesta occasiaõ, pondo os olhos no Sol, naõ no Sol material, mas no Sol da Graça, que preso a huma columna espera pela nossa correspondencia. Para este Divino Sol mover os nossos affectos, lança das suas feridas, lastimosos resplandores; & com as inundaçoẽs do seu sangue, manda dolorosas influencias. Vede, ô Almas Christaãs, o vosso Divino Redemptor, & vede dentro de vós mesmos, se tem o vosso amor cabedaes, para lhe pagar as suas finezas. Oh meu Deus! que riquezas, & que thesouros seraõ sufficientes, para que vos possamos pagar, o que vos devemos? A vós, como Criador do Mundo, devemos todos os bens da natureza. E a vós, como Restaurador do genero humano, devemos todos os bens da Gra-

Possunt & Solem vitupe-rare, quoniã quidem peccan-tes, vel debita non redden-tes, poni à Judicibus juben-tur ad Solem. August. lib. 2. de Civit. Dei. cap. 4.

Mostra-se o Passo.

Graça. E sendo taõ excessivas as nossas dividas, nunca seráõ bastantes as nossas satisfaçoẽs. Mas naõ se desconsole a nossa pobreza, & naõ desconfie a nossa insufficiencia: que supposto que Deus nos dá muito; com pouco que lhe restituimos, fica satisfeito. Para retorno dos seus beneficios, sô pertende Deus o nosso amor; & para satisfaçaõ dos nossos peccados, naõ quer Deus mais que o nosso arrependimento. Amai a Deus, & pagarlheeis os seus beneficios. Arrependeivos, & satisfareis pelos vossos peccados. Oh que suaves, & que faceis saõ estes dous remedios! O Amor, & o arrependimento. Quem poderá negar a Deus hum acto de amor. Equem se negarà a si mesmo, hum acto de arrependimento. Senhor, dezejamos de vos amar com todas as ternuras do affecto, & com todos os pesares do coraçaõ nos arrependemos. Aceitai, meu amantissimo Iesus, este duplicado Sacrificio de Amor, & de Contriçaõ. E a coraçoens amantes, & contritos, abri os thesouros da vossa Graça, & da vossa Misericordia. Misericordia, meu Deus. Misericordia, meu Iesus. Misericordia para a Graça, & Graça para a Gloria. *Ad quam nos perducat; &c.*





TERCEIRA TARDE

CONTRA OS QVE TARDÃO EM FAZER TESTAMENTO.

Non tardes converti ad Dominum, & ne differas de die in diem. Ecclesiast. 5. v. 8.

272.  Primeira tarde, foi contra os q̃ tardaõ em cumprir as promessas, & a segunda, contra os que tardam em pagar as dividas, será esta terceira tarde, contra os que tardam em fazer testamento. Além das razoens, com que a Iurisprudencia califica a instituiçam dos Testamentos, acho que o costume de testar, se introduzio no Mũdo por duas particulares razoens: a primeira, para alivio dos que morrem: & a segunda, para a conveniencia dos que sobrevivem. O testamento, he huma determinaçam da vontade, sobre o que o testador quer, que se faça depois do seu falecimento: *Testamentum est voluntatis nostræ justa sententia, de eo quod post mortem, quis fieri velit.* Modestinus, Bartolus, & Cujacius. Suppo sta esta diffiniçam, por virtude do testamento, o imperio da vontade, se esten-

de-

de alèm dos confins da vida. Acaba o ser, & permanece o querer. Manda o defunto, & manda aos vivos. Naõ he precisa a sua assistencia, para fazer executar o que ordena; mas antes as suas ordens se executam: só porque està ausente, dam as suas cinzas pezo às suas palavras. E estando no sepulcro, he obedecido como hum Rey no seu trono. Porque tal vez a justiça dos Reys se empenha em solicitar a execuçam do que mãda. Sendo pois tam natural ao homem o dezejo de mandar: para hum moribundo, he motivo de alivio, o considerar, que mandará ainda depois de morto. *Nullum maius est* (sam palavras de Quintiliano) *nullum maius est solatium mortis, quam voluntas ultra mortem.* Tambem se fazem os testamentos para a conveniencia dos que sobrevivem. Que maior conveniencia do que aquirir hum patrimonio com huma escritura? Alcançar em huma hora, o que em muitos annos se ajuntou? E achar huma herança entre as mortalhas de huma sepultura? Na boca de hum leam, achou Samsam hum favo de mel. O leam he a morte, & o mel, que se acha, he a fazenda, que se herda. Porque sam doces, & saborósos os bens, que sem trabalho se conseguem. Mas para nam haver dissabores, nem litigios entre os parentes, he precisa a anticipaçam do testamento. Porque do mesmo modo que o Sol deixando no seu occaso as Estrellas, herdeiras das suas luzes, alivía a noite do embaraço das sombras: assim com a prudente, & juridica declaraçam dos herdeiros, se deslindam as contendas dos competidores. E se a morte he o naufragio da vida, o testamento he o seguro da fazenda. A dous generos de naufragios està exposto o baixel, que se entregou ás ondas do Occeano; naufragios do Alto, & naufragios da Costa. Os que morrem abintestados, sam baixeis, que se perdem no alto mar. Leva tudo a fortuna, & entre as tempestades das demandas, perdem

Quintil. declam. 308.

dem os legitimos successores seu direito. Mas os que antes de morrer, dispuzeram de seus bens, sam baixeis, que dam à costa Quebrase o navio, mas salvase a fazenda: naufrága o testador, mas entre as ruinas do naufragio, acham os herdeiros seu remedio.

373. Desde a criaçaõ do Mundo, só huma vez houve tempo, em que nam foi preciso, que os homens fizessem testamento. E que tempo foi este? O tempo do diluvio. Naquelle tempo, a agua, como morgado dos Elementos, tomou posse de todos os bens da terra, que supposto que a agua, & a terra foram criados no mesmo tempo, destes dous gemeos da Divina Omnipotencia, a terra foi a ultima, que sahio à luz do Mundo: *Congregentur aquæ, quæ sub cælo sunt, in locum unum, & appareat arida.* Em huma pois tam universal inundaçam, era superfluo o nomear herdeiros; porque todos haviam de ficar sumergidos dentro das suas proprias heranças. Perecéram os Povos com as Cidades, & com as Cidades os Reynos, & os Imperios: & no meio de tantas aguas, os mesmos mares se perdéraõ, porque perdéram os seus nomes com a confusam das correntes. Se os que vivem, se receáram de outro segũdo diluvio, escusados foram os testamentos. Mas agora que estaõ seguros deste castigo, naõ sei com que razam podem justificar o seu descuido. Ha homens no Mundo, que sam como os Cometas. Os males, que o Cometa pronostíca, nam acontecem em quanto apparece, mas depois de desaparecer, se experimentam os funestos effeitos das suas malignas influencias. Do mesmo modo, muitos vivem com grande paz no Mundo, mas na morte deixam a guerra em testamẽto. E maior guerra deixam, se nam testam antes de morrer. Desgraciados Cometas, que com posthumos descõcertos, & perniciosas consequencias, poem litigios entre os parentes, contendas entre os amigos, inimizades

Genes. c. 1. v. 9.

Neq; erit deinceps diluviũ dissipans terram. Genes. 9. 11.

zades

zadesnas familias, & desordens nas Respublicas? Tres sam as causas, porque os homens tardam em fazer testamento: a necedad, a tenacidade, & a temeridade. A necedad no agouro, a tenacidade do affecto, & a temeridade da confiança. A necedad no agouro, lhe representa que o fazer testamento, he o infalivel presagio da sua morte. Com a tenacidade do affecto, tam pegados estam aos bens da terra, que nem por sombra os querem deixar nas clausulas de hum papel, que nam pòde ser valido, senam depois do seu falecimento. E com a temeridade da confiança, presumem, que a morte lhe dará tempo, para este ultimo aparelho. Nestas tres causas temos as tres partes do Sermam, em que se representam tres generos de homẽs, que tem repugnancia a fazer testamento. Huns nesciamente agourentos, outros excessivamente tenazes, & outros temerariamente cõfiados.

Ave Maria.

I. PARTE.

274 A primeira causa da dilaçam do testamento, he a necedad do agouro. Chamo a este agouro, necedad; porque he achaque dos nescios, o atemorizaremse sem razam. E que razam ha para temer, que ao fazer de huma escritura, se desfaça, & se descompanha a harmonía do temperamento? Por ventura poz a morte na penna do Tabaliam, o veneno da humanidade, & os caracteres, que fórma, por ventura sam como aquellas fataes cifras, em que Balthasar vio escrita a sentença da sua morte? O medo, he huma paixam, que a natureza deu ao homem, para se armar contra os perigos, que o ameaçaõ: & por isso dizem os Philosofos moraes; que o medo participa da prudencia. Porque o medo, & a prudencia, consideram os futuros, para se prevenirem contra os perigos. Porém se os perigos sam imaginarios, & a prevençam anciosa, o medo

medo destes perigos he delirio, & a prudencia desta prevençam, locura. Diz Salamam, que quem quizer observar os ventos, nam semeará: *Qui observat ventum, nunquam seminat.* Mas com licença de Salamam, nam he prudencia do Agricultor observar a calidade dos ventos? Sim. Mas tambem he necedad, se faz esta observaçam com superfluas circunspecçoens. Porque? Porque nunca se resolverá a semear. E quem nam semea, nam colhe. Fórma o timido Agricultor, estes, ou outros semelhantes argumentos. O vento, que hoje sopra, he tam rijo, que espalhará, & dissipará o graõ. No dia seguinte, fantasía assim. Este vento he quente, & fará rebentar a seára antes do tempo. Dahi a alguns dias, acha que o vento he frio, & tem medo, que se reconcentre a virtude da semente. Com estas cavidosas advertencias, anda o Agricultor nesciamente irresoluto. Passa o tempo de semear, em quanto está especulando a natureza dos ventos, & no tempo da messe, se acha com as maõs cheias de vento: *Qui observat ventum, nunquam seminat.*

Eccles. 11. v. 4

275 Muito maior me parece a necedad dos que dilatam o testamento por medo da morte. Porque da calidade dos ventos, póde a prudencia humana inferir a futura abundancia, ou falta das novidades. Mas da anticipada disposiçam dos testamentos, quem póde racionalvelmente colligir a futura brevidade das vidas? He tam fóra de razam esta conjectura, que se foram provaveis semelhantes presagios, dissera eu pelo contrario, que quanto mais cedo se faz testamento, mais tarde vem a morte. Desde a Eternidade determinou Deus de morrer pelos homens, & desde o principio do Mundo, começou Deus a fazer testamento. Porque se a palavra, Testamento, conforme a explicaçam dos Iurisconsultos, significa o testimunho, & a declaraçam da vontade: *Testamentum*, est

est mentis testimonium : desde o principio do Mundo começou Deus a declarar no Antigo Testamento sua vontade por sombras, & figuras: & depois ratificou esta mesma vontade, com as verdades, & realidades do Novo Testamento. Agora pergunto. Da criaçam do Mundo, em que Deus começou a fazer testamento, até á morte do mesmo Deus humanado, quantos annos, & quantos seculos se passáram? Quantos annos, & quantos seculos? Mais de quatro mil annos, & mais de quarenta seculos. E haverá quem imagine, que o dar ordem ao testamento, apressa os passos á morte? Abonam este meu reparo as palavras do Ecclesiastico, supposto que ditas a outro intento: *Memorare testamentum Altissimi, & despice ignorantiam proximi.* Querem dizer. Lembraivos do testamento do Altissimo, & desprezai a necedad dos homens. Que ha homens tam nescios, que se persuadem, que brevemente morrerám, se fizerem testamento. Nas clausulas de hum papel, consideram os limites de seu ser: & cuidam, que todas as folhas, de que consta hum codicillo, sam follas tiradas á arvore da vida: *Memorare testamentum Altissimi, & despice ignorantiam proximi.*

Eccles. c. 28. 9.

276 Nascem estes insanos temores, do cuidado, que os homens tem da sua conservaçam. E neste particular andam tam cegos, & mentecautos, que conhecendo por sua propria experiencia, que o homem he infelice, em quanto vive neste Mundo, dezejam de eternizar a vida, ainda que com certeza de serem eternamente infelices. Na minha opiniam, o mais infelice dos homens, foi Adam depois do peccado, porque no estado da innocencia havia sido o mais felice. E saõ as desgraças tanto mais pezadas, quanto maiores foram as venturas. Estando pois Adam neste lamentavel estado, Deus o lançou do Paraiso terreal, nam para lhe acrescentar, mas para lhe diminuir os trabalhos.

Por-

Porque como advertio o Abbade Ruperto, Adam aindaque summamente miseravel, se ficára no Paraiso terreal, sempre quizera comer dos frutos da Arvore da Vida, & a troco de perpetuar os dias, nam reparára em perpetuar as miserias: *Deus emisit Adam post peccatum de Paradiso, ne ederet de ligno vitæ, quia etiã miser, voluisset semper vivere.* Que loucamente engenhosos saõ os homens em buscarem antidotos contra a morte! Nas memorias da antiguidade, acho notaveis extravagancias, com que muitos procuráram de assegurar, & prolongar a vida. D'ElRey Mithridates, contam as Historias da Grecia, que temendo que algum dia o matassem com peçonha, começou a comer peçonha em piquena cantidade, para habituar a natureza á digestam dos mais nocivos alimentos; & transformando na sua sustancia contagiosos manjares, chegou a fazer o seu proprio sangue, venenoso, para vencer a violencia do veneno. Do Emperador Domiciano, escrevem as Historias dos Romanos, que receoso de algum golpe improviso, mandára guarnecer as galerias do seu Palacio, com marmores tam artificiosamente lavrados, que reverberavam como espelhos. Passeava o desconfiado Monarca com os olhos sempre fitos nas paredes, que tinha diante de si, observando todas as acçoens dos que lhe ficavam detraz das costas: & nam reparava, que a morte, ainda que cega, arma as suas ciladas com tam grande destreza, que nam as póde descobrir a mais solicita vigilancia. O Amor da vida, he natural aos homẽs: mas quando he excessivo, degenera em locuras, prevenindose contra perigos fantasticos, & usando de cautelas, ou superfluas, ou supersticiosas. Por esta razam os antiguos Romanos, que como Senhores do Mundo, eram igualmente adoradores, que adorados: adorados dos seus vassallos; & adoradores das suas grandezas. Viviam com taõ gran-

Rupert. in Genes. lib. 3. c. 29.

grande cuidado da sua felicidade, que dos bons, & máos agouros, que a sua superstiçam excogitára, conjecturavam as suas venturas, & desgraças, com tam ridiculas observaçoens, que dellas altamente se riram todos os Sabios do Mũdo. E na verdade, nam vos parece digna de riso a attençam, com que reparavaõ no voo das Aves, para julgarem do successo das batalhas, como se a fortuna batéra as azas, ao arbitrio dos passaros? E nam fizeram patentes os desvarios do seu juizo, tirando aos animaes as entranhas, para nellas especularem o temperamento da sua sorte, como se na organizaçam do corpo de hum bruto, delineára a natureza a fisionomia das venturas, & a metoposcopia dos infortunios? Que os Romanos dessem credito à vaidade dos seus vaticinios, era effeito da cegueira, com que viviam nas trevas da Gentilidade: mas he muito para estranhar, que nos Christaõs, alumiados com a luz da Fé, se achem semelhantes ignorancias, & que muitos delles tenham por ruim agouro, o fazerem testamento, como se de hum instrumento escrito, formàra a morte o instrumento das suas tiranias?

277 Ao homem, primeiro que comece a viver, lhe tem Deus limitado o curso da sua vida. E a morte, que no Apocalypse se representa montada a cavallo, sempre corre a sua carreira a passos contados, sem os poder adiantar, nem retroceder: de modo, que por tarde, ou cedo, que os homens com a disposiçam do testamento, se aparelhem para morrer, sempre chega a morte na hora, que Deus assinalou no Relogio da Eternidade. Estava Isaac na idade de cento & trinta & sete annos, cego, decrepito, & caduco: *Caligaverunt oculi ejus, & videre no poterat*: tratou o bom velho de fazer testamento. E para este effeito, chamou a seu filho primogenito, para lhe lançar a sua bençam, como ao legitimo successor das suas rique- Genes. c. 27. 1.

rique-

riquezas, immunidades, & privilegios : *Benedicat tibi anima mea , antequam moriar*. Quem vira a Jsaac nesta tam provecta idade, & quem lhe ouvira declarar os ultimos dezejos da sua võtade , imaginára , que já estava nas ultimas rayas da vida. Porém , como advertio o Alapide, viveo Isaac depois deste ultimo apare-lho quarenta & tres annos: *Vixit post hæc Isaac adhuc annis quadraginta tribus*. E parece , que assim o permitio Deus : para que entendessemos , que a morte vem só quando Deus a mãda, & nam quando as apparencias a pronosticam. O officio da morte he matar , mas nam levanta a morte o braço , & nam descarrega o golpe, senam quando Deus lhe dá o impulso. E esta só razam basta para mostrar , que nescia he a desconfiança dos que imaginam , que o anticiparse a fazer testamento, provoca a morte a que logo empunhe o Arco para despedir suas setas cõ anticipada violencia. A necedad deste agouro se segue outra razam , porque muitos tardam em fazer testamento , & he a tenacidade do affecto : que ha homens tam pegados aos bens que tem , que nam se podem resolver a cuidar, que algum dia os deixaràm. Este he o segundo assumpto, & a segunda causa desta tardança : *Non tardes converti ad Dominum , & ne differas de die in diem.*

Genes. 27. v. 4.

A Lap. in Genes. cap. 27. mihi p. 220. c. 1 n. B.

II. PARTE.

278 No Theatro do Mundo, a vida humana he huma comedia , cujo assumpto he adquirir, & cujo remate he deixar. E nam ha comedia tam ridicula , como adquirir para deixar. Na morte pois, que he o ultimo acto desta ludicra representaçam, todos tiram a mascara, & despindose dos adornos, com que andavam disfarçados, tornam ao seu primeiro ser. Com esta differença, que os pobres , que nam tem nada que deixar, nam tem quasi nada que sentir : mas nos grandes, & nos poderosos, tanto

tanto, maiores ſam as magoas, quanto maiores ſam as riquezas que deixam. O Teſtamento nam ſó he diſpoſiçam para a morte, mas he huma morte anticipada, para os que tem affecto aos bens do Mundo. Porque no teſtamento conhecem a neceſſidade, em que eſtam, de algum dia deixar o que poſſuem. E poſto que tudo ſe deixa na morte, muitas vezes nam ſe deixa o amor ao que ſe deixa. Fallando o Profeta Rey na morte de hum Rico agonizante, diz, que quando morrer, nam levarà tudo para o outro Mundo: *Cum interierit, non ſumet omnia.* Com licença do Profeta, diſſera eu, que eſte Rico moribundo, nam ſó nam levará tudo, mas que abſolutamente nam levarà couſa alguma. Porque na morte, tudo ſe deixa. Porém vou reparando, que nam ſempre os homens deixam tudo, quando morrem. Porque ſe deixam os bens, que poſſuem, muitas vezes nam deixam o dezejo, que tem de continuar a poſſe. Deixam o Mundo, & comſigo levam o ſentimento de o deixar. Acaba o logro do que amam; mas nam acaba o amor. E com razam ſe pòde dizer com o Profeta, que nam levam tudo para a outra vida; porque neſta vida ainda lhe fica o affecto: *Cum interierit, non ſumet omnia.* A hum Rico avarento, o teſtamento ſe lhe repreſenta como hum eſpelho, em que vé no meſmo tempo dous objectos da ſua dor: a ſaber, o deixar, & o deixar a outros. E ſe o deixar, lhe parece cuſtoſo; o deixar a outros, he para elle o maior dos tormentos. Aquelle Rico, de que falla Sam Lucas, eſtava tam cegamente empenhado na idolatria das ſuas riquezas, que finalmente determinou Deus de o caſtigar. E com eſtas palavras lhe intimou a ſentença do caſtigo: *Stulte, hac nocte animam tuam repetunt à te. Quæ autem paraſti, cujus erunt?* Morrerás eſta noite. E para quem ſerá o que grangeaſte na vida? Notai o myſterio deſta enfatica pergunta. Para quē ſerà, o que grangeaſte? Como

Pſalm. 48. 18.

Luc. cap. 12. 20.

mo se dissera o Senhor. Deixaràs a outros, o que acquiriste: cahirà em maõs alheias a tua fazenda: & outros fabricarám com tuas ruinas, sua fortuna: *Quæ autem parasti, cujus erunt?* Mas se o Senhor quer castigar a cubiça deste Rico ambicioso, porque razam lhe nam significa, que està condenado às penas do Inferno? Responde o Maldonado. Na realidade, as penas do Inferno, sam maiores que todas as penas; mas na opiniaõ de hum homem cioso da posse, & da propriedade das suas riquezas, nam ha pena mais excessiva, que o considerar, que forçosamente deixarà a outros, o que acquirio: & por isso nam disse o Senhor a este miseravel: Morreràs, & arderàs no Inferno: mas: Morreràs, & deixaràs a outros o que acquiriste: *Quæ autem parasti, cujus erunt? Non dixit, ad æternum ignem condemnabere, quod multò maius est malum; sed, quæ parasti, cujus erunt? Quod ejus opinione, maximum erat malum.*

Maldonat. in Lucam 12. n. 20.

279 Confirmemos esta verdade com outro mais memoravel successo, & vejamos que grande tormento he para hum ambicioso, o deixar a outros o que possue. A sentença, com que Deus castigou a Balthasar, se comprehendia nestas tres formidaveis palavras: *Mane, Thecel, Phares. Mane*, significa o fim do seu Reynado: *Thecel*, significa o fim da sua vida: & *Phares*, significa, que depois da morte de Balthasar, o Reyno dos Assirios, que elle entam governava, passaria aos Médos, & aos Persianos. Mas se Balthasar acaba de reynar, & de viver, que lhe importa que outros se apoderem dos seus estados? Pòde haver maior desgraça para hum Rey, do que perder o Reyno, & a vida? Sim: que a hum Rey ambicioso, pòde a imaginaçam representar outro maior infortunio. E em que maneira? Trazendolhe ao pensamento a devoluçam da sua Monarquia nas maõs de outros Potentados. Com esta consideraçam quiz Deus affligir,

gir, & magoar o coraçam de Balthasar: & por isso Deus a reservou para clausula da sentença fulminada contra este Rey sacrilego: *Mane, Thecel, Phares. Mane*, perderàs a vida: *Thecel*, perderàs o Reyno: *Phares*, tomaràm outros a posse do teu Imperio: *Divisum est Regnum tuum, & datum est Medis, & Persis.* Este foi o ultimo, & mais penetrante rayo da condenaçam de Balthasar. Porque o considerar, que outros haviam de empunhar o seu sceptro, que outros haviam de trazer a sua coroa, & assentarse no seu throno, era para a sua ambiciosa inveja, o mais rigoroso martirio. Do mesmo modo ha homẽs no Mundo tam tenazmente pegados aos bens, que possuem, que nam sentem tanto o morrer, como o deixar, & o deixar a outros: & para darem ao seu sentimento algum alivio, excogitam chimericas razoens para abonarem a dilaçam do seu testamento, quando finalmente chegada a hora da morte, com voz lastimosa, & tremula pronunciam o funebre, & fatal, Deixo. Que dizes, Avarento moribundo? Deixo. Sem duvida, queres dizer, que deixas o coraçam nas riquezas, que deixas: & que supposto q̃ a morte te tira a posse, nam te tira a saudade. Deixas, he verdade; mas deixas, supposdo que se nam morreres, tornaràs a tomar o que deixaste. E com esta falsa esperança, expiras suspirãdo pelo que deixas. Deixas, & deixas, ainda que naõ queiras. Mais util es ao Mundo, na morte, que na vida. Porque vivendo ajuntaste só para ti; & morrendo, serve para outros o que ajuntaste. Es como Iudas, que emquanto vivéo, nam fez bem a pessoa alguma, & com o dinheiro, que elle deixou no Templo, se comprou depois da sua morte hum cãpo para sepultura dos peregrinos. Deixas. Porque es deixado. Es como as plantas, que no Inverno deixaõ as folhas, porque as folhas lhe cahem: & como vidro quebrado, deixas correr o licor, porque se derrama. Deixas, & finalmente lar-

Daniel. cap. 5. v. 25.

gas a preza: porque as forças te desemparam, & como os vencidos na batalha, deixas os despojos, porque a morte alcança a vitoria. Oh que custoso he o deixar, quando o affecto está pegado ao que se deixa! Pelo contrario, que facilmente se deixa, o q́ se despreza.

280 O mais rico testamento, que até agora se fez no mundo, foi o do Patriarca Noé. Porque, como advertio Sãto Epiphanio, no seu testamento deixou Noé a seus filhos, todo o Mundo, de que Deus o fizera herdeiro depois do diluvio: *Dividit quidẽ velut hæres Mundi á Deo constitutus, tribus filijs suis, universum Mundum* Sendo pois o Patriarca Noé tam rico, que pode testar de todas as riquezas da terra, fez testamento com tam grande indifferença, & socego, que conforme a tradiçam dos Antigos, quiz que seus filhos lançassem as sortes sobre a repartiçam dos seus bens; como se a herança de hum Mundo, fora na sua opiniam, materia de jogo.

Epiph. in Ancorato.

Tiráram os filhos de Noé as sortes, & a cada hum delles coube huma grande parte da terra. A Sem coube a Asia, a Cham a Africa, a Iaphet a Europa. Por este modo tomou Noé por jogo, & por recreaçam o testar de todos os bens do Mũdo. Porque entendia, que todas as suas grandezas sam cousas de jogo, & objectos de desprezo. Tinha Noé conhecido as miserias do Mundo em tres differentes tempos: antes do diluvio, no diluvio, & depois do diluvio. Antes do diluvio, vio Noé no Mundo, desatinos: no diluvio, naufragios: & depois do diluvio, estragos. Supposta esta experiencia, que estimaçam podia Noé fazer do Mundo? Nenhuma. E por isso, estando para fazer testamẽto, nam se dignou de determinar a parte do Mundo, que a cada hum dos seus filhos tocava; mas cometéo ao arbitrio da sorte esta determinaçam. E tam pouco caso fez da sua triplicada Monarquia, que ao caso, & ao destino deixou a distri-

Epi-phan. ibid. ſtribuiçam das ſuas Coroas. *Vnamquamque partem, juxta ſortem, ſingulis diſtribuit.* Oh ſe os homens conhecéram, que pouco he o que poſſuem, nam ſentiriam tanto eſte pouco, que deixam! Mas com os bens do Mundo ſe abraça o ſeu affecto, como a Era com as arvores. Secaſe a arvore, & nam ſe deſapega a Era. Corta a morte o ramo de ouro, & nam larga o moribundo os affectos. Mas antes para ſatisfaçam da ſua inflexivel cubiça, quizera elle, que na ſua peſſoa ſe effeituaſſe a extravagancia daquelle antigo, que invejando a ſeus ſucceſſores o logro dos bens, que deixava, dezejou de os desherdar, & para eſte effeito, ſe nomeou por herdeiro de ſi meſmo. Hermocrates Sophiſt. Mas nam ſe acham embarcaçoens, com que as riquezas dos defuntos ſe poſſaõ traſpaſſar deſte Mundo ao outro. E a barca do fabuloſo Caronte, he tão piquena, que nella apenas cabem os paſſageiros, & ſempre ficam na terra as fazendas. Nas duas primeiras partes do Sermam, temos ponderado as duas primeiras cauſas, porque os homens tardam em fazer teſtamento: a ſaber, a necedad do agouro, & a tenacidade do affecto. E terceira cauſa deſta dilaçam he a temeridade da confiança. E eſte he o terceiro aſſumpto: *Non tardes converti ad Dominum, & ne differas de die in diem.*

III. PARTE.

281 Entre as deſgraças do Mundo, tem a morte huma terrivel ſingularidade; & he que as mais deſgraças ſe fazem anticipadamẽte conhecer pelos ſinaes, que dam de ſi; mas muitas vezes nenhum ſinal dà a morte da ſua chegada. Sahe o relampago, primeiro que ſe deſpenhe o rayo: as tempeſtades ſam precurſoras dos naufragios: & nas ſombras dos Eclipſes, ſe diviſam as futuras calamidades: ſó a morte he tal vez tam cruelmente repentina, que fere antes de ameaçar, & mata no meſmo tempo que fere. Dà o Seneca huma diſcreta razam deſtes

improvisos assaltos da morte: *Non citamur ex censu, sed ex deposito.* Tem os homens a vida como deposito, & nam como juro. Entre o juro, & o deposito, ha esta differença: que o juro se cobra em tempo determinado; mas o deposito se póde justamente pedir em todo tempo. Tem a mocidade, & a velhice o deposito da vida: & huma, & outra sempre ha de estar aparelhada para o restituir. Porque tem a morte jurisdiçam para o arrecadar cada hora, & cada instante: Seneca. *Mors tam debet esse ante oculos juveni, quam seni. Non enim citamur ex censu, sed ex deposito.* Daqui se conhece, que temeraria he a confiança, dos que se prometem muitos annos de vida, & reservando o testamento para o tempo futuro, tanto tempo esperam, que finalmente lhe falta o tempo; porque chega a morte de improviso, & despede a seta, primeiro que se veja apontar o tiro. Na casa, & na fazenda dos que morem *ab intestato*, succede a mesma ruina, & confusam, que à estatua de Nabuco. Cahio o rayo da morte; & derrubando a estatua, confundio, & reduzio a cinzas, todos os ricos metaes, de que era composta: o ouro, a prata, & o bronze. Neste inesperado estrago, nam appareceo a cabeça, de que era o ouro: nam se viram os braços, de que era a prata: & nam se divisou o corpo, a que pertencia o bronze. Tambẽ na improvisa morte dos ricos, de tal modo se confundem as riquezas cõ a multidam dos pertendentes, huns acredores, & outros herdeiros, que nam se conhece o legitimo dono, a quem pertencem, & com a inopinada ruina da estatua animada, as mais opulentas familias se resolvem em cinzas. Mas ainda que a morte suspendéra o golpe, dando ao moribundo algũ tempo para cuidar nos interesses da sua familia, com que acerto pòde elle dispor dos seus bens, no meyo de tantos males, quantos sam os que se experimentam no ultimo conflicto da vida?

Co-

Começar a fazer testamento na hora da morte, he como quem começàra a concertar o baixel, na furia da tormenta: ou como quem esperára a pór em ordenança o exercito, no calor da batalha. Nesta ultima hora tam fôra està o homem de poder dispór do que tem, que nam sabe dispór de si mesmo. E só o medo da morte he sufficiente para lhe tirar do sentido, tudo o que pertence à conservaçaõ da sua propria vida, & ao estabelicimento da alheia.

282 Ezechias Rey de Israel adoeceo de huma grave enfermidade, & o Profeta Jsaias o avisou, que fizesse testamento, porque havia de morrer desta doença: *Dispone domui tuæ, quia morieris tu, & non vives.* (Jsai. 38 v. 2.) Que imaginais? Que Ezechias chamasse seus Ministros de Estado, & que na sua presença deliberasse sobre os mais importantes interesses de seu Reyno? Ao terrivel annuncio da morte, ficou Ezechias tam confuso, & sentido, que em lugar de resolver nas materias do governo, todo se resolvéo em lagrimas: *Flevit Ezechias fletu magno.* (Jsai. 38. v. 3.) Ponderando o Alapide a causa das lagrimas de Ezechias, diz que chorava, porque nam tinha successam: *Flevit, quia non habebat filium, quem relinqueret hæredem.* (Alapid. in Jsai. 38 v. 3. pag. 311. col. 1.) No mesmo tempo pois que Ezechias considerava as perturbaçoens, que a hum Reyno póde causar a morte do Rey sem successor, conhecia, que o discursar sobre tam relevantes consequencias, nam he ocupaçaõ para hum agonizante: & por isso vendose prezo nos laços da morte, nam procura de se desenredar destes politicos embaraços, mas affligido das suas lastimosas perplexidades, suspende os pensamentos, & solta as lagrimas: *Dispone domui tuæ, quia morieris. Flevit Ezechias fletu magno.* Nesta mesma perturbaçam se acham os pays de familias, quando aos rebates da morte, nam tem o seu testamẽto disposto. Embarga a violencia da dor, os discursos da razam. Desmaya com a

vida, a prudencia. E ocupados só com suas penas,& ancias, nam admitem outros cuidados, conhecendo por experiencia, que nam ha tempo mais intempestivo para dispòr dos bens da vida, que a hora da morte. De todos os homens do Mundo, só hum podia com razam ter confiança para guardar o testamento para a ultima hora da vida. E que homem foi este, tam superior aos mais homens? Christo Senhor nosso, Homem Deus, em quem tendo a morte poder para lhe tirar a vida, nam teve poder para lhe perturbar a razam. Estando o Senhor na Cruz, nos mais apertados trances da sua agonia, fez testamẽto, & o assinou com o seu proprio Sangue, na presença de tantas testimunhas, quantas eram as pessoas, que assistiam á sua morte. *Testabatur* (sam palavras de Santo Ambrosio) *testabatur in Cruce Christus, & inter Matrem, atque Discipulum dividebat pietatis officia.* A Senhora deixou este divino testador, o Evangelista por Filho adoptivo: ao Evangelista deixou a Senhora por Mãy, & nomeou ao Bom Ladram por herdeiro, & companheiro da sua gloria: *Hodie mecum eris in Paradiso.* Isto que nos mais homens seria temeridade, na pessoa do Senhor foi acerto da sua infinita sabidoria. Porque nam tendo o Senhor peccados, de que se arrepender, & sabendo que havia de morrer cõ todas as potencias d'Alma no seu vigor, era superfluo que com a anticipaçam do testamento, se prevenisse contra os assaltos da morte. *Non ergo* (diz Soares Granatense ao meu intento) *non ergo illi fuit necessarium, testamentum condere, ante ultimum vitæ terminum.*

Ambr. epist. 82. in fine.

Suares in vita Christi quæst. 46. pag. 440. c. 1

283 Mas nos mais homens, em que a violencia do mal, & o medo da morte, postram as forças dos sentidos, & perturbam a serenidade do juizo, oh que temeraria he a presumpçam de poderem na hora da morte applicar o pensamẽto à nomeaçam dos herdeiros, à instituiçam dos morgados,

gados, à satisfaçam das dividas, à remuneraçam dos servos, aos legados d'Alma, ao enterro do corpo, & a todas as formalidades de hum testamento. A hora da morte he tam ocupada, que nella nam cabe outro cuidado, mais que o da morte. Nesta ultima despedida do Mundo, nam ha de haver outra cousa que fazer, mais que morrer, & morrer em Graça: & nisto assaz tem que fazer, o miseravel que morre. Aproveitaivos, Christaõs, desta tão importante advertencia, considerando que ha repentinas mortes para castigo de temerarias confianças. Nam espereis a dispór na vossa ultima indisposiçam. E se usais de tantas prevençoens para huma vida acomodada, tratai de vos prevenir para huma morte tranquilla. Verdade he, que os cuidados da morte sam espinhos, que picam a cabeça com penetrantes razoens. Mas estes espinhos com sua agudeza estimulam aos homens ao desprezo dos bens do Mundo. A lembrança da morte, he huma coroa de espinhos: & a quem traz esta coroa na cabeça, todas as coroas, & grandezas da terra, sam objectos de desprezo. Flores do Mundo, que despreziveis parecem as vossas delicias, a quem vivamente experimenta o picante destes espinhos. Oh se quando a vaidade representa a hum ambicioso os luzimentos da sua prosapia, lhe puzera em parallelo os horrores da sua sepultura: que profundamente se humilháram os seus altivos pensamentos! Que desenganada vivéra a belleza, se quando se contempla em hum cristal, considerára, que he mais fragil que o mesmo cristal, que a representa! Que depressa acabáram as ancias de adquirir, se se atendéra á necessidade do deixar! E que voluntariamente se deixára, o que se possue, se se reparára, que o que se possue, he nada, & quando se deixa, menos que nada! Pertendéram os Iudéos de fazer ao Redéptor do Mundo desprezivel com os fantasticos adornos

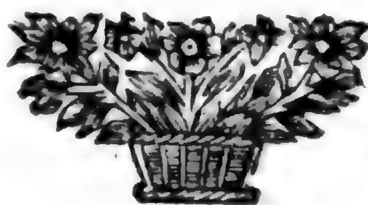
de hum mentido ſceptro, & de huma purpura ignominioſa : mas com eſta fictícia pompa, fez o Senhor zombaria dos meſmos Iudéos, & das ſuas grandezas. Porque era força, que nos hombros do Senhor, foſſe a purpura, motivo de eſcarnéo, & o ſceptro nas ſuas maõs, materia de riſo, pois trazia na cabeça a coroa de eſpinhos, em que ſe repreſenta a lembrança da morte.

284 Eſte documento deixou o Senhor aos homens nas ultimas horas da ſua vida : para que entendeſſemos, que o deſprezo do Mundo, he huma diſpoſiçam preciſa para bem morrer. Chriſtaõs, abramos os olhos ao deſengano, primeiro que os fechemos á luz do dia. Brevemente ſe acabará para nòs o Mundo, & daqui a poucos annos, todos havemos de ſer pó, & cinza nas ſombras de hum ſepulcro. Eſte he o fim do homem, no fim da vida, huma cova por habitaçam, & por memoria do que foi, huma caveira. Mas que muito he, que na morte, o homem acabe de ſer, quando hum Homẽ Deus, quaſi perdéo a figura de homem, primeiro que acabaſſe a vida. Para o Preſidente Pilatos aplacar a furia dos Iudéos determinou de lhes moſtrar o Senhor tam desfigurado, que apenas tinha ſemblante de homem. Com eſte meſmo eſpectaculo, quero deſenganar os affectos, com que adorais ao Mundo, moſtrandovos o lamentavel eſtado, em que veio a parar o meſmo Criador do Mundo, o Divino Ieſus, Rey dos Anjos, & dos Homẽs. *Ecce homo.* Vede, Chriſtaõs, a que ſe reduzio a Mageſtade do Monarca do Vniverſo. E ſe o Mundo chegou a fazer de hum Deus humanado, o eſcandalo da Divindade, & o opprobrio dos homens : que glorias, & que grandezas póde hum homem mortal eſperar do Mundo ? Com grande razaõ, affirmaveis, meu Divino Redemptor, que o voſſo Reyno nam era deſte Mundo, pois eſte Mundo quiz fazer de vòs hum Rey de riſo, & de eſcarnéo. De

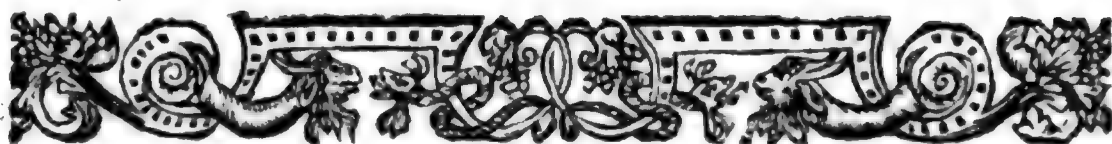
Moſtra-ſe o Paſſo.

que

que vos valéo, meu Deus, o fazervos tam conhecido aos homens pelos infinitos milagres, & beneficios, que lhes fizestes, se os homens nam só vos haviam de desconhecer por seu bemfeitor, mas tambem vos nam haviam de conhecer por homem? Mas no meio destes opprobriosos disfarces, não deixamos, meu Deos, de conhecervos por quem sois, porque com a paciencia, com que sofreis os desacatos, & desatinos do Mundo, manifestais ao mesmo Mundo, que sois Deus. Que só em Deus se póde achar huma tam grande paciencia, & no Mundo huma tam grande injustiça. Almas Christaãs, acabai já de conhecer a Deus, & ao Mundo, porque destes dous conhecimentos depende a vossa salvaçam. O conhecimento de Deus vos dará motivos para o amares, & no conhecimento do Mundo achareis razoens para o aborreceres. Amai a Deus, & aborrecei ao Mundo. Porque o Mundo vos engana, & só Deus vos ama. Que supposto que offendamos a Deus como peccadores, nam deixa Deus de amarnos como infinitamente misericordioso. Misericordia, meu soberano Redemptor. Misericordia, meu Divino Iesus. Misericordia nesta vida, & Gloria na outra. *Ad quam nos perducat: &c.*



SER.



QVARTA TARDE

CONTRA OS QVE TARDÃO EM SATISFAZER OS LEGADOS DOS DEFUNTOS.

Non tardes converti ad Dominum, & ne differas de die in diem. Ecclesiast. 5. v. 8.

285. AMBEM hoje temos que dizer contra os Tardes. Tarde se cumprem as promessas, como temos visto na primeira Tarde. Tarde se pagaõ as dividas, como vimos na segunda. Tarde se fazem os testamentos, como tenho mostrado na terceira. E tarde se satisfazem os legados dos defuntos, como veremos nesta quarta Tarde. Ao cuidado dos amigos, & dos parentes, se comete a execuçaõ dos legados; mas de ordinario, para mortos naõ ha parentes, nem amigos. Corta a fouce da morte os vinculos da consanguinidade: apaga o amor a ardente tocha, nas frias cinzas do sepulcro: & no mesmo tempo, que se faz o enterro do parente, se fazem as exequias do parentesco. Considerando o paciente Job os poucos dias, que lhe ficavaõ de vida:

Dies

Job c. 17. v. 1. *Dies mei breviabuntur* : & parecendolhe eſtar morto, & amortalhado : *Solùm mi-* Job c. 17. 14. *hi ſupereſt ſepulchrum*: affirma, que ſó a terra, & a corrupçam, ſam ſeus parentes: Ibid. *Putredini dixi : Pater meus es, ſoror mea, & mater mea, vermibus*. Nam lhe faltavam a Iob parentes neſta vida; mas reparando na pouca lembrança, que os vivos tem dos mortos, entendéo, que os verdadeiros parentes de hum morto, ſam a terra, que o cobre, & a ſepultura, que o agaſalha. Huma das cauſas deſte ingrato deſcuido dos parentes, & herdeiros, he o cuidado, com que ſe applicaõ ao logro, & augmento dos bens acquiridos. Os que trabalham nas minas, poem os olhos na terra, & dam as coſtas ao Sol, que he o pay dos metaes. Nam de outra ſorte os herdeiros. Abrem as veas do ouro ajuntado cõ o ſuòr, & o ſangue do defunto, & divertidos com a abundancia das riquezas, ſe eſquecem do author dellas. Conſideram a morte do teſtador como o incendio de aquelles montes, de que falla Athenéo, que ſe reſolvéram em rios de prata: & na Montes Riphæi. herança dos bens, ou na ſucceſſam das dignidades, acham remedios para o ſentimento, & antidotos para a ſaudade. Morréo Aram, & diz a Eſcritura, que todo o Povo de Iſrael chorou a ſua morte: *Omnis multitudo videns occubuiſſe Aaron, flevit ſuper eo* : Numer. c. 20. 30 mas de Eleazaro filho de Aram, não ſe ſabe que choraſſe a morte de ſeu pay. Chorou o Povo, porque na morte de Aram, perdéo o Povo o ſeu Summo Sacerdote. E ſe Eleazaro nam chorou, foi porque com a morte do pay, ſucedéo no Summo Sacerdocio. Secou o vento da ambiçam a corrente das lagrimas: a Tiara do Pontificado, poz interdito á dór: & com o poder do pay defunto, ſe armou o coraçam do filho contra os impulſos do ſentimento. A Eſtatua de Nabuco, em que ſe ſimbolizavam as Monarquias, tambem pòde ſervir para retrato das familias. A cabeça deſta Eſtatua era de ouro, & as

as entranhas de bronze. Na cabeça, se significam os pays; & nas entranhas, os filhos. E a huma cabeça de ouro, muitas vezes se seguẽ entranhas de bronze. Porque a hum pay opulento, de ordinario sucede hum filho desagradecido.

286 Se ficáram os pays persuadidos desta verdade, fizeram, em quanto vivem, as obras, com que pertendem assegurar sua salvaçam, ou perpetuar sua fama: & nam deixáram estas commissoens a seus filhos, que attendendo aos augmentos da herança, se esquecem das leys da natureza, & da obediencia. Para eternizar suas memorias determinou Absalam edificar hum mausoléo, & deu por razam deste seu intento, que nam tinha filhos: *Dixerat enim, non habeo filium.* Mas consta da Escritura, que Absalam teve quatro filhos. E he opiniam, que alguns delles eram vivos, quando Absalam fabricou o seu sepulcro. Supposto isto, mentío Absalam, quando disse, que nam tinha filhos: *Non habeo filium.* Direi. Entendéo Absalam, discretamente desconfiado, que estes, que eram seus filhos, em quanto vivia, nam haviam de obrar como filhos depois da sua morte: & por isso nam quiz fiar delles a fabrica do edificio, com que pertendia perpetuar seu nome nas memorias da posteridade: *Non habeo filium.*

Rabbini, & Lyran. censent Absalonem reliquisse filios post se. Alapid. in 2. Reg c. 18. p. 10. 18.

Assim passa. Anhelam os filhos a sustancia dos pays, & nam fazem caso de seus ossos. Perdem a memoria do passado, com a esperança do futuro. E supposto que se declaram filhos para o Direito da successam; nam se mostram filhos no agradecimento. Os filhos, & os herdeiros costumam fazer com hum defunto, o que os Hebréos antigamente fizeram com os Assyrios. Em huma só noite, matou o Anjo do Senhor, Cento & oitenta & sinco mil Assyrios. Difficultam os Doutores sobre o genero da morte, com que ficou no campo huma tão grande multidam de gente. E tem para si o Lyrano, que todos estes

Fuerunt incinerata sub armis, ac vestibus intactis, ita quod populus Ezechiæ potuit spolia de facili colligere. Lyran. in 4. Reg cap. 19.

estes soldados ficáram convertidos em cinza dentro das suas proprias armas, & vestidos; para que os Hebréos pudessem mais facilmente tomar os despojos. Chegavam os Hebréos aos cadaveres dos mortos, assopravam a cinza, & pilhavão a fazenda. Isto he o que commumente fazem os herdeiros para com os defuntos. Poem de parte a cinza, & repartem entre si a herança. Assopram o pó, & colhem o dinheiro. Lançaõ da memoria o morto, & lançam mam do thesouro. Passa pois a cubiça, a impiedade; porque falta à execuçam das obras pias, & legados, que os defuntos deixam. E com esta falta causam tres notaveis danos às Almas, como veremos nas tres partes do Sermam. A Alma de hum defunto morto com uso de razam, infalivelmente vai para hum destes tres lugares: para o Ceo, para o Purgatorio, ou para o Inferno. Em qualquer destes lugares, que a Alma do defunto se ache, lhe solicíta o ingrato herdeiro, perdas, & ruinas. Porque se está no Ceo, lhe suspende a sua Gloria. Este he o primeiro assumpto. Se está no Purgatorio, lhe retarda os seus alivios. Este he o segundo assumpto. E se está no Inferno, procura de lhe acrescentar os tormentos. Este he o terceiro assumpto. Todos tres sam dignos de muita attençam. Peçamos a Graça. *Ave Maria.*

I. PARTE.

287 Primeiramente se a Alma do defunto está no Ceo, os que dilatam o cũprimento dos seus legados, lhe suspendem a sua Gloria; nam a Gloria essencial, mas a Gloria accidental. A Gloria essencial dos Bemaventurados, consiste na clara Visam de Deus, que he o objecto principal, & adequado da Bemaventurança. E neste sentido se podem entender as palavras de Santo Agustinho: *Visio, est tota merces.* Além desta Gloria essencial, sam as Almas dos Bemaventurados

dos capazes de outras Glorias, premios, & gostos accidentaes. E esta he opiniaõ commua dos Theologos, fundada na razam, & na Escritura. Eisaqui a razam em forma Sillogistica. Nenhuma cousa criada, he essencialmente tam perfeita, que nam seja capaz de algum accidente para complemento da sua perfeiçam: A Bemaventurança formal, he cousa criada: Logo tambem he capaz de alguns accidentes, que além da Visam Beatifica podem augmentar a felicidade dos Bemaventurados. Esta he a razam dos Theologos. E está fundada na Escritura. No Capitulo quinze de S. Lucas falla o Senhor no grande gosto, & alegria, que a conversam de hum peccador causa aos Santos do Ceo: *Gaudium erit coram Angelis Dei super uno peccatore, pænitentiam agente.* Esta alegria dos Santos, como advertio Suares Granatense, nam está essencialmente comprehendida no acto da Visam Beatifica; mas he hum accidente, que sobrevem á essencia da Bêaventurança: *Gaudium erit in cælo. Et sine dubio sermo est de novo gaudio, & extra Visionem Beatam.* Aos Santos dá o Senhor esta Gloria accidental, quando lhe revéla os acontecimentos desta vida, que lhe podem dar motivos de gosto: como póde dar a hum pay no Ceo, a revelação dos santos costumes de seus filhos na terra: a hum Monarca, a nova do bom governo de seus Estados: a hum Pontifice, a noticia dos augmentos do Imperio da Christádade: & a qualquer outro Bemaventurado a certeza da execuçam dos legados, & obras pias, que deixou para alimento dos pobres, & para as fabricas dos Hospitaes, dos Templos, & dos Conventos. Supposta esta doutrina, claro está, que os descuidos dos herdeiros, embargam a Gloria accidental dos Santos. E temse tanto experimentado este pouco cuidado dos vivos para a Gloria dos defuntos, que para a execuçam de hum legado se nam póde o pro-

Luc. c. 15. v. 10.

Suares in 1. 2. disp. 11. sect. 2. mihi p. 93. c. 2.

proprio pay fiar de seu filho. Temos a prova na Escritura.

288 Na minha opiniam, o maior legado, que até agora se deixou, foi o que David deixou para a fabrica do Templo de Ierusalem. Deixou o Santo Rey para este magnifico edificio Cem mil Talentos de ouro, & mil milhares de Talentos de prata: *Auri talenta centum millia, & argenti mille millia talentorum.* Naquelles tempos hum Talento era hum pezo de duzentos, & sincoenta Marcos: por onde cem mil Talentos de ouro, com mil milhares de talentos de prata, importavam em ouro, & prata, a summa de dous mil & quatro centos Milhoens de Escudos, que em moeda Portugeza fazẽ quatro mil Milhoens de Cruzados. Por executor de tam grande legado, nomeou David a seu filho Salamaõ, & no mesmo tempo ordenou a todos os Principes de Israel, que depois da sua morte acudissem à execuçam deste legado: *Præcepit quoque David cunctis Principibus Israel, ut adjuvarent Salomonem.* Se Salamam era filho de David, & o mais sabio dos filhos, que atè agora tiveram todos os pays do Mundo, que necessidade tinha David de encommendar aos Principes de Israel a execuçam desta santa empreza? Como filho, parece, nam podia Salamam faltar ás leys da fidelidade, & da obediencia: & como summamente sabio, nam necessitava do conselho de seus Ministros. Respondo com o Abulense. Nam deve hũ pay prudente fiarse de seus filhos nas commissoens que lhes deixa depois da sua morte. Porque as riquezas dos pays defuntos, servem tal vez de incentivos para a ambiçam dos filhos. E para David se prevenir contra esta tam experimentada desgraça, encommendou a todos os Principes de Israel, a execuçam do seu legado: para que dado caso, que Salamam quizesse impossibilitar, ou dilatar a fabrica do Templo, o repre-

1. Paralipom. c. 22. 14. Vid A-Lapid. ibid. & Villalpand. tom. 2. in Ezechiel. sub fin.

1. Paralipom. c. 22. 17.

prehendessem desta falta, ou desta dilaçam: *Præcepit quoque David cunctis Principibus Israel, ut adjuvarent Salomonem.* O Abulense: *Eo quod mortuo David, si Salomon non faceret, quæ jusserat ei David, Principes, qui interfuerant huic jussioni, possent increpare eum.* Quando pois se acabou a fabrica do Templo, que augmentada se veria a Gloria accidental de David, se naquelle tempo sua Alma, assim como estava no Limbo, estivera no Ceo. Lá naquelle Templo da Bemaventurança todos os Anjos, lhe houveram dado os parabẽs do magnifico Templo, que fabricara a Deus na terra, & com humilde jactancia pudera David repetir as memoraveis palavras, com que antes de morrer modestamente applaudio sua gloriosa empreza: *Ego in paupertate mea præparavi impensas domus Domini.* Senhor, nam empreguei em profanas ostentaçoens os bens da Coroa de Israel; mas com pia avareza ajuntei os tributos de meus vassallos, & os despojos dos meus inimigos, para os lançar nos fundamentos dos Altares, & nos alicerses de hum Santuario dedicado a Divinos Sacrificios. E não reparei em faltar ao esplendor da minha Real familia, para acrescentar a Magestade, & a magnificencia da vossa habitaçam no Mundo: *Ego in paupertate mea præparavi impensas domus Domini.* Eisahi como com a execuçum dos legados, se póde augmentar a Gloria accidental dos Santos, que supposto nam necessitam destes accidentes de Gloria, sam estes gloriosos accidentes tanto para estimados, que Christo Senhor nosso, que he a mesma Gloria do Ceo, anhelou em certo modo esta Gloria accidental, appressando cõ notavel diligencia a execuçam do legado, que deixára pouco tempo antes da sua morte.

Abul. ibi. quæst. 15.

1. Paralipom. 22. 14.

289 Aos Apostolos deixou o Senhor huma especie de legado, quando lhes prometeo, que depois de morto, lhes mandaria o Espi-

Joann. c. 16. 7. Espirito Santo: *Si autem abiero, mittam eum ad vos.* Chamo a esta divina promessa, legado. Porque os legados sam doens de defuntos: & a communicaçam deste dom, estava reservada para depois da morte de Christo. Soberano dom, em que todos os doẽs se encerram. O dom da Sabidoría, o dom da Paz, o dom das Profecias, o dom das Linguas, & geralmente todos os doens da Graça: & por isso he chamado o Espirito Santo, Dom de Deus por antonomasia: *Altissimi Donum Dei.* Chegado pois o dia destinado para a execuçam deste divino legado, baixou o Espirito Santo com tam arrebatada velocidade, que a sua vinda com ser esperada, Act. Apost. cap. 2. v. 2. parecéo repentina: *Factus est repentè de cælo sonus, tanquam advenientis Spiritus vehementis.* Mas a que fim tanta pressa, quando á Magestade do Espirito Sãto parece eram mais convenientes decorosos vagares em se communicar? Oh, que este Divino Espirito, he o legado, que Christo deixára ao Mundo, & era preciso, que com toda a brevidade se executasse para a Gloria accidental de Christo: *Spiritus Sanctus per tot, tantaque dona, gloriam Christi mirè illustravit.* Deu Alap. in Ioann. c. 7. p. 365. col. 1. o Espirito Santo eloquencia aos Apostolos, para a a conversam dos infieis; constancia aos Martyres, para a confusam dos tyranos; & zelo aos Confessores, para a reformaçam dos costumes: & que outra cousa foram todos estes doens do Espirito Santo, senam augmentos, & realces da Gloria de Christo? Estava Christo no auge da Gloria essencial, mas parece estava solicito da Gloria accidental, que lhe havia de resultar do cumprimento do seu legado: & por isso o Espirito S. como seu Testamenteiro, & Executor das suas ultimas vontades, abrio sem dilaçam, os seus thesouros, & os repartio com improvisa magnificencia: *Factus est repentè de cælo sonus, tanquam advenientis Spiritus vehementis.* Se

os Bemaventurados foram capazes de ſentimento, & ſe no meyo das ſuas inalteraveis felicidades, houvera lugár para as mágoas, que vivamente ſentiriam as injurioſas dilaçoens, com que o ingrato eſquecimento dos herdeiros, ſuſpende a ſua Gloria accidental, com retardar a execuçam dos ſeus legados. Mas aos Bemaventurados nam he tam prejudicial eſta detença, como às Almas do Purgatorio; porque ſendo exceſſivas as penas, que ſentem, cruelmente as atormenta a tardança dos alivios, que eſperam. E eſte he o ſegundo aſſumpto do Sermam: *Non tardes converti ad Dominũ, & ne differas de die in diem.*

II. PARTE.

290 Duas ſam as cauſas dos tormentos, que as Almas padecem no Purgatorio; a juſtiça, & a injuſtiça: a juſtiça de Deus, & a injuſtiça dos homens. A juſtiça de Deus caſtiga as Almas com os ardores do fogo: & a injuſtiça dos homens tiraniza as Almas cõ a dilaçam dos Suffragios. Que como advertio Santo Thomás, nam fica aliviado o defunto, em quanto ſe lhe dilata o Suffragio: *Remedium mortuo non adhibetur, dum ſuffragia differuntur.* Do rigor da Divina Iuſtiça, nam ſe queixam as Almas do Purgatorio; porque conhecem, que as ſuas culpas ſam merecedoras das penas, com que Deus as caſtiga. E o ſofrimento ſe acommoda ao caſtigo, quãdo he juſto. Os Irmaõs de Ioſeph prezos, & cativos na Corte de Faraó, nam ſe queixavam do ſeu cativeiro, porque o conſideravam como juſto caſtigo da perfidia, com que haviam vendido ſeu irmam por eſcravo aos Egypcios: com a lembrança do ſeu delito, ſe animáram para o ſofrimento, & nam ſe moſtràram aggravados, porque ſe conheciam criminoſos: *Meritó hæc patimur, quia peccavimus in fratrem noſtrum.* Gene. 42. 21. Não de outra forte as Almas do Purgatorio. Sofrem com paciencia os incendios, em que ſe abrazam; porque a conſciencia lhes repreſenta

as

as culpas, que cometéram. E persuadidas da justiça do castigo, embargam as queixas ao sentimento: *Meritò hæc patimur, quia peccavimus.* Mas quando a dilaçaõ das suas penas, nasce do descuido dos herdeiros, oh! que justas sam as queixas das Almas, & que cruel he a ingratidam dos parentes, que logram a herança, & faltam á correspondencia. A huma Alma do Purgatorio attribuem os Interpretes estas misteriosas palavras: *Fratres mei pertransierunt me, sicut torrens, qui raptim pertransit in convallibus.* Diz esta Alma discretamente queixosa, que seus parentes passáram por ella, como passa huma torrente por hum valle. Nas inundaçoens do Inverno, passa a torrente pelos valles; & passando, tudo arrebata, & tudo leva, plantas, troncos, casas, & cabanas: mas sendo a torrente tam copiosa de aguas para os roubos, nos ardores do Estio, nam tem a torrente, agua para os refrigerios. Está o valle ardendo, & está seca a torrente. No Inverno acudirám as aguas para levar os despojos; mas no Veram, em que o calor do Sol abraza o valle, nam dá a torrente huma só gota de agua para mitigar os ardores. Do mesmo modo no Inverno da morte sam os herdeiros como torrentes, que tudo levam: & para a Alma do defunto, que está ardendo no fogo do Purgatorio, saõ mais secos que huma torrente no Estio. Suspira, & geme o defunto desemparado de todos os parentes, & amigos, & cercado só de penetrantes lavaredas; & nam se lhe apagam os incendios, porque nam se pagam os legados: *Fratres mei pertransierunt me, sicut torrens, qui raptim pertransit in convallibus.* Costumaõ os herdeiros desculpar esta sua impia negligencia, com duas apparentes razoens: a saber, a barateza dos tempos, & o embaraço das demandas. Esperamos, dizem alguns, que suba mais alto o preço dos cabedaes destinados para o cumprimento do legado, para nam ficarmos

Job 6. 15.

mos prejudicados na venda. Supposto isto, arderám vossos pays, vossos irmaõs, & vossos parentes no Purgatorio, em quanto se nam levantar o preço das vossas desgraciadas mercadorias. Oh se no Mundo se acertàra a entender, que excessivos sam os tormentos de huma Alma abrazada em continuos incendios; atropellára a compaixam as razoens do interesse. E para aliviar as penas de hum defunto, nam só se vendéraõ barato as cousas de maior preço, mas com pia prodigalidade se dariam quasi de graça, & por nada os maiores thesouros do Mundo. Busquemos hum exemplo desta verdade no Evangelho.

291 **Nam ha duvida, que Christo Senhor nosso, he hum bem infinito, por razam da sua Divindade, que he infinita.** E se a cabeça do Bautista foi avaliada por mais de ametade de hũ Reyno, qualquer parte da pessoa de Christo, excede o valor de infinitos Reynos, & infinitos Mundos. Agora **pergunto. Por quanto foi vendido aos Iudéos este infinito** thesouro da pessoa de **Christo? Por quanto? Por** pouco mais de nada: ***Constituerunt ei triginta argenteos.*** Matt. c. 26. 15. E quem foi o que vendéo ao Senhor? Iudas? Nam: que se bem advertirdes, só foi Iudas, o corretor, & o medianeiro da venda. Christo Senhor nosso, foi o que propriamente se vendéo a si mesmo; porque nam só permitio, que Iudas o vendesse; mas tambem permitio, que apressasse a venda: *Quod facis, fac citius. Ostendit se moram non facere traditori:* Leo Serm. 7. de Passione. diz neste lugar Sam Leam Papa. Mas porque razam permitís, meu Deus, que se faça esta venda com tanta pressa, & em tempo que os Judéos tem tam pouco conhecimento das vossas inestimaveis excellencias. Esperai, meu Senhor, para outro tẽpo mais opportuno, que cõ a repetiçam dos milagres, & a continuaçam dos beneficios, por ventura, que os Iudéos abrirám os olhos: & conhecendo o valor do que com-

compram, se lhe poderá augmentar o preço para credito do vosso merecimento. Oh, nam admite o Senhor dilaçoens! *Quod facis, fac citius.* Vendase o thesouro, & vendase com toda a pressa; porque desta venda depende o resgate das Almas dos vivos, & dos defuntos. Neste Mundo, as Almas dos vivos necessitavam da Graça; no Limbo as Almas dos defuntos suspiravam pela Gloria: & para acudir ás Almas, que necessitam, & suspiram, quer o Senhor ser vendido tam barato, que com a vileza do preço, se facilite, & se apresse a venda. Admiravelmente ao nosso intento Saõ Paulino na Epistola quarta: *Ipse nobis hac pietate pretiosior, quod se vili vult æstimari, ut ab omnibus ematur.* Jmitem os herdeiros, & os testamenteiros este divino exemplo. Nam dilatem a venda dos cabedaes destinados para o suffragio das Almas. Bastelhe o preço corrente. Porque a necessidade das Almas, he extrema, & a sua pena, excessiva.

Ioann. 13. 27.

292 A segunda razam porque os herdeiros atrazam a satisfaçam dos legados, he o embaraço das demandas. Se neste tempo, se concluíram as demandas com a brevidade, com que as acabavam os antigos, naõ fora tam insofrivel esta detença. Escreve o Abulense, que antigamente se julgavam as causas dos litigantes nas portas das Cidades, porque quem está nas portas de huma Cidade, em breve tempo se poem fôra, ou dentro das portas. E com esta brevidade sentenciavaõ os Iulgadores, as causas; para que nam penassem as partes em requerer: *Iudicia & causarum discussiones fiebant antiquitus in portis civitatum, ut sine mora lites dirimerentur.* Mas neste tempo dura mais huma demanda, que a guerra de Troia. E he mais facil fazer as pazes entre dous Exercitos, doq compor as controversias de dóus litigantes. Que extravagantes sam os homẽs nas suas demandas. Os mesmos que aborrecem a demanda, que fazem, tem medo

Tostat. Genes. 33. v. 8.

medo de a perder; & os que com razam a começáram, dezejam de a ver acabada. Se fora verdade o que diz Plinio, que o peixe, a que os naturaes chamam Remora, nam só tem poder para reter os navios no mar, mas que tambem tem virtude para retardar as causas nos Tribunaes; dissera eu, que a discordia tem despovoado ao mar destes animaes, que influem tardanças, para com elles suspender todos os actos da justiça na terra: & affirmára, que no sangue das Remoras, se embebéram todos os feitos. Tam vagarosos sam os despachos!

Plin. lib. 9. c. 25.

293 Duas cousas foméntam estas perniciosas detenças; a porfia das partes, & a cubiça dos Advogados. A porfia das partes, se experimenta na Christandade mais que em nenhuma parte do Mundo. Porque destes tres generos de homens, Christaõs, Iudéos, & Mouros, os Christaõs sam os mais litigiosos. Os Iudéos gastam o seu cabedal na solennidade das suas Paschoas: os Mouros, na sumptuosidade das suas bodas: & os Christaõs na obstinaçam das suas demandas. Por onde diz o Adagio Castelhano: *Iudios en Pascoas, Moros en bodas, y Christianos en pleitos, gastan sus dineros.* Tambem a cubiça dos Causidicos arrasta os Demandistas. Quantos Officiaes de Iustiça se enriquecem com a sustancia de familias destruidas: semelhantes áquelles povos de Lybia, que vivem no meio dos cachopos, para se aproveitarem dos naufragios. Crescem as ondas do mar com a porfia das tormentas, & as riquezas dos Advogados se augmentam com a teima dos litigios. Entretanto, no meio destas alteraçoens, & debates, a Alma do defunto geme, como a triste Rebecca, que padecia dores crudelissimas na hora do parto, em quanto Iacob, & Esau, estavam lutando com ambiciosas competencias. *Si sic mihi futurum erat:* dizia a pobre mãy atormentada: *quid necesse fuit concipere?* De que me

Hi populi vocantur Nasamones.

Genes. 25. 22.

me aproveita ser mãy de dous filhos, que rasgam as entranhas, em que foram concebidos, & com guerras intestinas convertem o seio materno em campo de batalha. Rigorosas discordias! Funestos combates! Estimulos da dór, & obstaculos da fecundidade! Com estas mesmas palavras, parece, se queixa huma Alma do Purgatorio: *Si sic mihi futurum erat, quid necesse fuit concipere?* De que me servem os bons intentos, que concebi, se as dissençoens dos herdeiros lhe impedem o nascimento. As contrariedades reynam, & os legados esquecem. Perseveram as opposiçoens, & faltam os Suffragios. E barbaramente desemparada, desmayo nas penas, & agonizo nos tormentos. Estas, & outras queixas podem fazer as Almas Santas. E ainda mal, que tantas vezes as fazem com terriveis demõstraçoens do seu justo sentimento. Tal foi a Alma d'aquelle miseravel, que como refere Sam Bernardino Senense, vendo que sua mulher esquecida das leys do amor, & da fé conjugal, tardava em dar satisfaçam aos legados, que lhe deixàra encommendados, appareceó diante da Imagem de hum Christo crucificado, & com altas vozes gritou: Iustiça, Senhor, justiça. Tomai vingança de quẽ injustamente me desemparou. E nam queirais permitir, que com os descuidos alheios, se prolonguem os meus castigos. Na primeira, & segunda parte do Sermam, temos visto, como o dilatar a execuçam dos legados, prejudica às Almas dos Bemaventurados, & às Almas do Purgatorio. As Almas dos Bemaventurados, porque se suspende a sua Gloria accidental: & ás Almas do Purgatorio, porque se dilatam as suas penas. Resta, que vejamos nesta terceira parte como esta dilaçam pòde atormentar atè as Almas dos condenados. E supposto que estas inimigas de Deus nam merecem a nossa commiseraçam, cõsideremos, que justa fora a sua queixa, se fora capaz de

Bernard. Senens. tom. 4. Serm. 15

de alivio a sua pena.

III. PARTE.

294 A huma Alma cõdenada ao Inferno, nam se lhe pòde diminuir a sua pena essencial, & sempre se lhe podem acrescentar novas penas accidentaes. Temos a prova no Evangelho. Ao Patriarca Abraham pedio o Rico Avarento, mandasse a Lazaro a casa de seus Irmaõs, a avisalos, & exhortalos à penitencia, para que nam fossem acompanhalo no Inferno: *Vt testetur illis, ne & ipsi veniant in hunc locum tormentorum.* Grande zelo de hum condenado! Nam he zelo, diz Santo Antonino, he medo. Nam dezeja o Rico Avarento a salvaçam de seus Irmaõs por motivo de caridade, mas por medo da pena, que se lhe havia de augmentar com a vista, & cõpanhia de seus Irmaõs, com que havia logrado as delicias do Mundo: *Non quia ex charitate compateretur eis, sed quia sibi maius parabatur supplicium, ex damnatione fratrum.* Demaneira, que podem crescer as penas accidentaes dos condenados: & supposto que lhe não podem valer os nossos Suffragios, muito os podem atormentar os nossos descuidos. Porque emquãto se nam satisfazem os legados, que elles deixáram, não se reparam os dannos, que elles fizeram nesta vida: & por consequencia, he provavel, que se lhe augmentam as penas, & se lhe multiplicão os tormentos. Bem sei, que os condenados se fizerão tão indignos de todo o genero de alivios, que he justo, que ninguem dezeje de os aliviar, porque os castigos destes desgraciados resultam em Gloria de Deus: que assim como a justiça humana não menos se acredita com o castigo das culpas, que com o premio dos merecimentos: assim para credito da Divina Iustiça, tão gloriosas saõ as miserias dos condenados no Inferno, como as felicidades dos Bemaventurados no Ceo. Supposta esta razam, para a Gloria da Iustiça

Luc. 16. 27.

S. Antonin. 4. part. titul. c. 5. §. 10.

ſtiça de Deus podem os homens dezejar, que não ſe diminuam as penas dos condenados. E por iſſo foi digna de louvor a juſta, & ſanta crueldade do Bemaventurado Alberto Magno, quando diſſe: que ſe ſoubera, que ſeu pay eſtava no Inferno, nam rogára a Deus por elle, nem delle ſe compadecéra, mais que do Diabo: *Si ſcirem, patrem meum eſſe in Inferno, non plus orarem pro ipſo, quam pro Diabolo.* Com o meſmo acerto obrára, quem com zelo da gloria de Deus dezejàra ver creſcidas as penas de hum condenado. Mas ainda que Deus permitira, que ſe lhe pudeſſem diminuir os tormentos, andam os homens tão eſquecidos dos defuntos, que com a meſma crueldade, com que deſemparam as Almas do Purgatorio, ſe deſcuidariam de procurar alivios, para os que ardem no Inferno. A todos os defuntos ſe podem applicar eſtas palavras de David: *Perijt memoria eorum cum ſonitu.* Acaba a memoria dos mortos com ſom. Com que ſom? pergunta Hugo Cardeal. Com o ſom dos ſinos. Em quanto o ſino dobra, lembra o defunto; mas com as ultimas badaladas, acabão as lagrimas, & as memorias: *Perijt memoria eorum cum ſonitu. Id eſt, cum ſonitu campanarum.*

Albert. Magn. 4 di. ſm. 45.

Pſalm. 9. v. 8.

Hug. Card. in Pſal. 9.

295 A Alma de hum defunto acontece o meſmo, que ao corpo de Moyſes depois de morto. Morréo Moyſes, & diz a Eſcritura, que ninguem ſoube onde eſtava ſepultado: *Non cognovit homo ſepulchrum ejus.* Mas como pòde ſer, que os Iſraelitas nam tiveſſem noticia da ſepultura de Moyſes, quando a meſma Eſcritura eſpecifica o lugar, aonde Deus o ſepultára: *Sepelivit eum in valle terræ Moab, contra Phogor.* Sepultou Deus a Moyſes no valle de Moab, defronte de Phogor. Não lhe baſtavão aos Iſraelitas eſtes ſinaes, para acharem, ou quando menos para buſcarẽ as glorioſas cinzas do ſeu Legiſlador? Claro eſtà, que ſim: mas não conſta da Eſcritura,

Deuter. c. 34. 6.

Deuter. 34.

critura, que os Israelitas fizessem para este effeito a menor diligencia. De maneira, que morréo Moyses, & posto que foi chorada a sua morte, nam se sabe, que alguem tomasse o trabalho de buscar, aonde jazia o sagrado cadaver de Moyses. Cuidais, que depois de mortos se desvelaràm os parentes em cuidar no lugar, que se deu á vossa Alma por habitaçam no outro Mundo? Lastimoso engano! Não se canção os homens com estas funebres consideraçoens. Lá na outra vida, em qualquer parte que vos achares, experimẽtareis atrocissimas deslealdades. Se for vossa Alma para o Ceo, retardaráõ os herdeiros vossa Gloria accidental, com a dilação dos legados: se estiveres no Purgatorio, nam vos acudiràm com Suffragios: & se (o que não permitta Deus) fosseis tão desgraciado, que a Divina Iustiça vos condenasse ao Inferno, seriam os vossos herdeiros tão ingratos, & esquecidos, que ainda que vos pudessem aliviar, nenhum alivio vos dariáo: *Non cognovit homo sepulchrum ejus.*

296 Alguma razam acho eu naquelle que dizia, que nam queria deixar legados, nem tam pouco fazer testamento. Porq̃ Deus (dizia elle) fez dous Testamentos: o Testamento Velho, & o Testamento Novo. Mas nem hum, nem outro se guarda. Porque os Iudéos, nam guardam o Testamento Velho; nem os Christaõs, guardam pontualmente o Testamento Novo. E se os homens nam guardaõ os Testamentos de Deus, quem haverá, que execute as pias disposiçoẽs dos testamentos dos homens. Pois se isto assim he, tomai o conselho de hum antigo, que ainda que Gentio, falla neste particular com prudencia Christãa, & Catholica: *Tam rara in amicitijs fides, tam parata oblivio mortuorum, ut ipsi nobis debeamus conditoria extruere, omniaq; hæredum officia præsumere.* Plin. lib. 6. Epist. 10. Ha tam pouco que fiar no cuidado dos amigos, & tam aparelhado está o es-

o esquecimento para os mortos, que a hum homem prudente, & discreto, lhe convem fazer elle mesmo, emquanto vive, o que dezejàra, que se lhe fizesse depois da sua morte. Assim fez Abraham para eterno exemplo dos vindouros: *Dedit cuncta, quæ possederat Isaac; filijs autem concubinarum largitus est munera, & separavit eos ab Isaac filio suo, dum adhuc ipse viveret.* Genes. 25.6. Notai estas ultimas palavras: *Dum adhuc ipse viveret.* Nam deixou Abrahaõ ordens para se executarem depois de morto; mas a todas deu execuçam em vida. Poz a Isaac de posse do morgado, deu a outros seus filhos, o que lhe bastava para viverem conforme seu estado, & apartou as familias para evitar as dissençoens. E tendo Abraham tantos parentes, & amigos, nam se fiou das correspondencias do parentesco, nem das finezas da amizade. Fazei vós o mesmo, que Abraham. Sede herdeiros, & testamenteiros de vòs mesmos, emquanto viveis. Fazei com vossas proprias maõs as esmolas. Mandai dizer as Missas. E assisti em pessoa às obras pias, que determinais de fazer para salvaçam da vossa Alma: que em materias tam importantes, he precisa a assistencia de quem manda, ainda que tivera certeza do bom successo, que dezeja.

297 Ao Profeta, que por parte de Deus, assegurava a Acab da vitoria contra seus inimigos, perguntou o mesmo Acab, quem havia de dar principio á batalha. Respondéolhe o Profeta: Tu. Tu has de ser o primeiro que saias ao campo: *Quis incipiet præliari? Ille dixit: Tu.* 3. Reg. 20.14. Mas se Deus prometéo a Acab a vitoria, porque razam quer Deus, que Acab se empenhe nos perigos do combate? Nam bastava, que os soldados de Acab tomassem as armas, & déssem batalha ao inimigo? Nam. Quiz Deus, que Acab assistisse em pessoa ao conflicto. Porque he tam perigoso o fiarse de cuidados alheios, que sô póde assegurar as suas esperanças, quem

quem das suas proprias diligencias se fia. De todas as cousas do Mundo, a mais importante, he a salvaçam d'Alma, & a posse da Gloria, que se espera por meio dos Suffragios da Jgreja. Em huma materia pois de tam grande importancia, ninguem vos ha de acudir com maior fidelidade, que vòs mesmos: *Ille dixit: Tu.* Vòs, vôs mesmos haveis de fazer em vida, o que dezejais que se faça por vós depois da vossa morte. Que ainda que outros façam o que mandais, nam o faràõ tam perfeitamente, como vós. He opiniam commua nas Escolas da Theologia, que de absoluta potencia, podia Deus remir ao Mundo, por meio de hum Anjo, ou de hum homem Santo, que fosse cabeça dos mais homens no estado da Graça, assim como Adaõ o foi no estado da natureza. Mas a nenhum dos Anjos, nem a nenhum dos homens cometéo Deus esta empreza. Porque? Porque nenhũ delles podia perfeitamente satisfazer à Divina Justiça,

Suares de Incarnat. quaest. 1. art. 2. disp. 4. sect. 7. p. 80. c. 2. 1

E para esta obra pia se fazer com toda a perfeiçam, foi preciso, que pessoalmente a fizesse o mesmo Deus humanado, & crucificado. Esta, Fieis, he huma das principaes razoens, porque o Redemptor do Mundo poz o madeiro da Cruz aos hombros, & o levou ao Calvario: *Bajulans sibi Crucem, exivit in eum, qui dicitur, Calvariae locum.* Os que na hora da morte deixam aos outros o encargo dos legados, sam neste particular, como os dous malfeitores, que nam levàraõ ás costas a sua cruz, mas aos outros deixáram este pezo. Pelo contrario, toma o Senhor sobre si todos os pezos, & encargos, & por isso he tam perfeito o Sacrificio da sua morte.

Joan. 19. 17.

298 Naquella grande multidam de gente, que concorréo para ver o Senhor oprimido com o pezo da Cruz, considera Sam Bernardo dous generos de pessoas; humas, que se riaõ, sacrilegamente alegres; & outras, que choravam, santamente compadecidas:

Alij

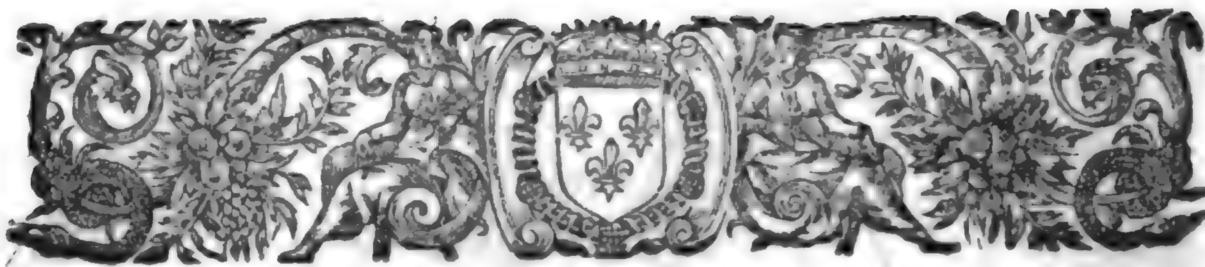
Bern. Serm. de planct. Virgin.

Alij super ipsum plangentes sequebantur; alij verò ludebant ridentes. No mesmo espaço de tempo, foi a Cruz objecto de escarneos, & de lastimas. Huns faziam escarnèo do Senhor com a Cruz, porque nam comprehendiam o mysterio; & outros se lastimavam do Senhor com a Cruz, porque consideravam o tormento. Christaõs, comprehendamos este mysterio, & consideremos este tormento, para que a todos igualmente aproveite este misterioso, & doloroso espectaculo. Este, Fieis, serà hoje o motivo das nossas lagrimas, & das nossas correspondencias. Lagrimas de sentimento, & correspondencias de amor.

Mostra-se o Passo.

Mostrai, meu amantissimo Senhor, essa Divina Cruz, em que á custa das vossas dores, & a dispendios de vosso sangue, levais a carga das nossas culpas. Ah culpas dos homens, que injustamente opprimis a innocencia! Oh Innocencia Divina, que gloriosamente acreditais as finezas do amor com as oppressoens da culpa! Mas se as culpas sam nossas, tambem he nossa a Cruz, em que carregam as culpas. Dai cá, meu bom Jesus, esse instrumento das vossas penas: que se atè agora quizestes padecer em satisfaçam de peccados alheios; tambem queremos fazer penitencia dos proprios peccados. Oh Deus de minha Alma, oh quanto nos pesa de havervos offendido. Oh quem nunca vos offendéra! Oh quem sempre vos amàra! Perdoai, Senhor, as nossas offensas. Concedeinos o perdam, por quem sois. E já que sois Deus de misericordia, Misericordia meu Deus. Misericordia, meu Iesus. Misericordia, para que alcancemos vossa Graça, penhor da Gloria. *Ad quam nos perducat Omnipotens: &c.*

QVIN-



QVINTA TARDE

CONTRA OS QVE TARdão em fazer penitencia.

Non tardes converti ad Dominum, & ne differas de die in diem. Ecclesiast. 5. v. 8.

299. O Assumpto desta ultima Tarde, he a penitencia; que sempre a penitencia para o mais tarde se guarda. Na primeira Tarde vimos, como tarde se cumprem as promessas: na segunda vimos, como tarde se pagaõ as dividas: na terceira vimos, como tarde se fazem os testamentos: & na quarta Tarde, vimos, como tarde se satisfazem os legados dos defuntos. Sendo estas dilaçoẽs taõ fóra da justiça, & da razaõ, muito mais injusta, & mais irracionavel he a dilaçaõ da penitencia. De todos os males do Mundo, diz Aristoteles, que a morte he o mais terrivel: *Vltimum terribilium est mors.* 3. Ethicorum. Falla Aristoteles como Philosofo natural: que na Philosofia da Christandade, naõ he a morte o mais terrivel dos males: morrer em peccado mortal, he outro mal

mal ainda mais terrivel que a morte. Porque a morte, he hum mal, com que todos os males desta vida acabaõ. E para quem morre em peccado, todos os males, desta, & da outra vida, principiaõ. Depois da morte natural, descança o corpo no sepulchro, & depois da morte em peccado, se eternizaõ as penas d'Alma, & do corpo no Inferno. A morte da natureza, he huma sò morte: mas quem morre em peccado mortal, muitas vezes morre. Morre â Graça, morre â Gloria, & morre â esperança de algum dia recuperar a Graça, & alcançar a Gloria. A todas estas mortes cegamente se arrisca o peccador, que com imprudente confiança dilata a penitencia. Em muitas acçoẽs da vida humana, he prudencia o dilatar. Dilata o prudente Capitaõ a batalha, para assegurar a victoria. Suspende o Juiz a sẽtẽça, para apurar a justiça. E o navegante retarda a jornada, para evitar a tormenta. Todas estas dilaçoẽs saõ actos de prudencia. E pouco importa, que a vida se acabe, primeiro que semelhantes emprezas se executem. Mas para o peccador salvarse, he preciso, que se arrependa antes de morrer. E supposta esta verdade, ninguem pòde com razaõ dilatar hum só dia a penitẽcia; porque ninguem com certeza se póde prometer hum sò dia de vida. Na sagrada Escritura o primeiro dia do Mundo, he chamado hum, & naõ primeiro: *Factum est vesperè & manè, dies unus*. Porque quem diz primeiro, promete segundo, em razaõ da primazia; & quem diz hum, naõ promete outro, em razaõ da unidade. Cada dia da nossa vida, he como o primeiro dia do Mundo; he hum dia, & por ser hum, naõ dà esperanças de outro: *Dies unus*. E serà possivel, que os homens, que se naõ podem prometer hum sò dia de vida, tenhaõ confiança para se prometerem muitos dias, & muitos annos para a penitencia?

Genes. cap. 1. vers. 8.

300 Com esta esperança;

anda

anda a mocidade confiada, & na ſua confiança tem o ſeu maior perigo. Porque, como advertio o Seneca, tem os moços a morte detràs das coſtas, & os velhos tem a morte diante dos olhos. E he mais para temido o inimigo detrás das coſtas, que diante dos olhos. Porque ſe eſte com violencia nos acomete, aquelle com treiçaõ nos mata. Eſte Mundo, he como huma feira, de que o melhor, he o primeiro que ſe tira; porque a morte nos melhores annos nos leva. Por iſſo diz Santo Thomás, que mais ſaõ os que morrem antes da velhice, que os q̃ morrem de velhos: *Plures moriuntur ante ſenectutem, quam ſenes.* Saõ a maior parte dos homens, como aquelles Rios, que antes de chegarem ao mar, que he o termo da ſua peregrinaçaõ, no meio do ſeu curſo, ſe ſomẽ debaixo da terra; porque quaſi todos acabamos o curſo da vida, primeiro que cheguemos aos limites de huma decrepita idade. Nos campos do Mundo mais ſaõ as flores, que cahem das arvores, que os frutos, que nellas madurecem. E no campo da vida humana, mais ſaõ os que morrem na flor dos annos, que no maduro da idade. O primeiro que aos homens deu eſperanças de huma vida dilatada, foi o Demonio; porque no principio do Mundo diſſe aos noſſos primeiros Pays, que naõ haviaõ de morrer: *Nequaquam morte moriemini.* O Demonio he o pay dos enganos, & foi miſterio do Ceo, que eſte enganador nos déſſe eſperança de hũa larga vida, paraque entendeſſemos, que enganoſa he eſta eſperança. Mas ſuppoſto que viveſſemos eſſes annos, que falſamente nos prometemos, nem por iſſo havemos de guardar a penitencia para o tempo futuro, & para a hora da morte: *Non tardes converti ad Dominum, & ne differas de die in diem.* Entre as muitas razoẽs, com que ſe podem moſtrar os inconvenientes, & os perigos deſta tardança, tenho eſcolhido tres,

Iuvenes mortem habent à tergo, ſenes ante oculos. Seneca.

D. Thomas lib. 5. de erud. Princip. cap. 8.

Geneſ. cap. 3. verſ. 4.

tres, que serviráõ de assumptos para as tres partes do Sermaõ. A penitencia, que se reserva para os ultimos dias da vida, he mui difficultosa, muitas vezes inutil, & algumas vezes impossivel. Esta penitencia he muy difficultosa, pelo inveterado da culpa. Este he o primeiro assumpto. Muitas vezes he inutil, pelo fingimento da conversaõ. Este he o segundo. E algumas vezes he impossivel, por castigo da Divina Justiça. Este he o terceiro assumpto. Daime, Senhor, hoje muito de vosso espirito, & animai minhas palavras cõ vossa Divina Sabidoria, paraque possa declarar estas verdades, com tanta efficacia, & proveito das Almas, que por meio da penitencia alcancemos a Graça.

Avè Maria.

I. PARTE.

301. O inveterado da culpa, he o primeiro impedimento para a penitencia. Os peccados saõ venenos d'Alma, & a penitencia he o antidoto. Mas para o antidoto vencer a força do veneno, he preciso que se aplique logo no principio. Lá no Paraiso terreal, disse Deus á Serpente, que a mulher lhe pizaria a cabeça: *Ipsa conteret caput tuum.* E porque razaõ quer Deus, que se pize a cabeça da Serpente, antes que qualquer outra parte do seu corpo venenoso? Na serpente se significa o peccado, & na cabeça o principio: & sò quem piza o peccado nos seus principios, se pòde prevenir contra os estragos do peccado. Hugo de Santo Victor: *Caput Serpentis conteritur, cum peccatum corrigitur, ubi nascitur.* Saõ os aumẽtos do peccado taõ repentinos, que elle naõ necessita de tempo para crescer, & nos primeiros instantes do seu nascimento, parece tem muitos annos de idade. Peccou Pedro, quando negou, & quasi no mesmo intervallo de tempo, se multiplicou, & se acrescentou o seu peccado com exorbitantes progressos. Primeiramente negou

Hug. de S. Vict. in Reg. S. Augu. cap. 9.

 Pedro,

Pedro, disfarçando: *Nescio quid dicis*: depois negou jurando: *Negavit cum juramento*: & logo tornou a negar detestando: *Cæpit detestari.* A primeira negaçaõ, foi mentira; a segunda negaçaõ, foi perjuro, & a terceira negaçaõ, foi blasfemia: a mentira foi criminosa: o perjuro foi sacrilego: mas a blasfemia, foi criminosa, sacrilega, & execranda. Valhame o Ceo! que brevemente se vio crescido, & agigantado o peccado de Pedro. E se o Senhor lhe naõ acudira com hum remedio taõ pronto, como hum lançar de olhos: *Respexit Petrum*: que tarde, & que difficultosamente fizera Pedro penitencia do seu peccado. O poder da Graça Divina he infinito, & a Deus taõ facil he o converter ao peccador na velhice, como na infancia da culpa: porèm ha tempos, em que parece que Deus tem difficuldade em communicar aos peccadores a vida da Graça, para que conheçaõ que difficultosa he a emenda de huma culpa inveterada. Mostra Deus ao Profeta Ezechiel hum campo cheio de ossos de homens mortos, & no mesmo tempo lhe ordena, que para infundir os alentos da vida nos cadaveres d'aquelles defuntos, chame das quatro partes do Mundo os ventos: *Hæc dicit Dominus: A quatuor ventis, veni spiritus: & insuffla super interfectos istos, & reviviscant.* Notavel empenho da Divina Omnipotencia! Na terra, de que foi composto o corpo do primeiro homem, inspirou Deus a vida com hũ so assompro: *Inspiravit in faciem ejus spiraculum vitæ*: & agora para dar vida aos corpos de alguns defuntos, commove Deus toda a natureza, & desperta todos os ventos: *A quatuor ventis veni spiritus.* Sabeis porque? Porque a terra, de que foi formado o corpo de Adaõ, era nova, & criada de poucos dias. *Protoplastus ille Adam* (diz Santo Irineo) *de rudi terra, & adhuc virgine habuit substantiam.* Mas estes ossos, que

Marginal notes: Luc. cap. 22. v. 60. Matth. cap. 26. v. 72. Ibid. v. 74. — Luc. cap. 22. v. 61. — Ezechiel. cap. 37. vers. 9. — Genes. cap. 2. vers. 7. — S. Irenæus lib. 3. advers. hæres. cap. 31.

Ezechiel vio no campo, eraõ ossos de homens sepultados desde muitos annos, ossos escarnados, ossos seccos, & carcomidos, fragmentos das ruinas da vida, & sobejos da voracidade da morte: *Erant ossa multa valde circa faciem campi, siccaque vehementer.* Para communicar a vida da Graça a hum peccador, em que a culpa he nova, & recemnascida, como a terra, de que foi feito o corpo de Adaõ, basta hum sô assopro: *Inspiravit in faciem ejus spiraculum vitæ*: mas para resuscitar a peccadores habituados na culpa, & envelhecidos no peccado, he preciso, que se multipliquem, & se esforcem os alentos da Graça: *A quatuor ventis veni spiritus: & insufla super interfectos istos.*

Ezech. 37. v. 2.

302. Os peccados, saõ Cometas do Inferno, que pronosticaõ a eterna condenaçaõ das Almas; mas do mesmo modo que os Cometas nunca se formaõ júto do Sol; porque primeiro que se condemse a substancia, de que elles se compoem, a actividade do Sol a dissolve, & a dissipa: assim com a virtude da penitencia deve o peccador desfazer as primeiras exhalaçoẽs da culpa, primeiro que se forme o Cometa do peccado, presagio da sua perdiçaõ, & annuncio da sua ruina. Cada homem tem hum peccado, a que naturalmente se inclina mais que a outro. Huns se deixaõ levar da ambiçaõ, outros da avareza: aquelle se entrega á lascivia, este propende para a vingança. O peccado pois que em cada hum de nós naturalmente predomína, se faz com o tempo taõ familiar, & taõ intrinseco, que se elle naõ se remediar nos principios, naõ terá remedio nos progressos. E esta he a razaõ, porque muitos morrem, desgraciadamente cõprehendidos naquelle delito, & peccado, a que foraõ mais inclinados na vida. Aos Judéos disse o Senhor, que morreriaõ no seu peccado: *Moriemini in peccato vestro.* Por ventura tinhaõ os Judéos hum sô peccado?

Joan. cap. 8. v. 24.

Direi. Muitos eraõ os peccados dos Judéos, mas cada Judéo, tinha seu peccado particular, a que naturalmente se inclinava. Do mesmo modo tem os Christaõs muitos peccados, mas em cada hum de nós, tem hum peccado maior dominio, que os outros; porque nascéo com a inclinaçaõ, & prevaleceo com o costume. E dos que se acostumaõ ao peccado, a que se inclinaõ, se póde racionavelmente presumir, que neste mesmo peccado acabaraõ a vida: *Moriemini in peccato vestro.* Obstinado peccador, morrerás, naõ em qualquer peccado, mas no peccado que he teu por inclinaçaõ, & por costume: no peccado, em que atêgora viveste sem emenda, morrerás sem penitencia; porque na morte o peccado acompanha aos de que foi companheiro na vida. Na minha opiniaõ, o peccado mais consoante ao barbaro genio de Herodes, foi a fereza, & a crueldade. Foi Herodes author de atrocissimos homicidios. Primeiramente, fez queimar vivos quarenta & seis varoens, por naõ quererem consentir que se puzessem no Templo de Jerusalem as Armas dos Romanos. Na villa de Bellem, & em todos os lugares vizinhos, por mandado de Herodes, morrêraõ quatorze mil mininos, cortados do ferro; & no mesmo tempo, quasi morrêraõ quatorze mil mãys, cortadas do sentimento. Tirou Herodes a vida a Hircano seu sogro. Matou a sua propria mulher. Matou seus filhos. Extinguio a familia dos Machabéos, & deu a morte aos mais authorizados Doutores da sua Ley. Valhame Deus! Até quando quererá Herodes macular as maõs no sangue humano? Até quando? Até o ultimo suspiro. Estando Herodes para exhalar a Alma, ordenou a sua irmãa, que mandasse logo degolar todos os Fidalgos do seu Reyno, paraque no dia da sua morte todos os seus subditos chorassem por força, pois previa, que nenhum delles havia de chorar por vontade,

tade, & que todos se haviaõ de alegrar, por se verem livres das suas tiranias. Eisahi como os peccados tem a mesma duraçaõ, que a vida, quando naõ se lhe procura nos seus principios a emenda. Começou Herodes a sacrificar vidas alheias, continuou, perseverou, & naõ desistio de anhelar mortes, & effusoens de sangue, senaõ quando se lhe congelou o proprio sangue na hora da morte. Oh que incuraveis saõ os vicios, & que irremediaveis saõ os peccados, que com a continuaçaõ dos annos, passaraõ a costumes! Lá o disse ô Seneca: *Desinit esse remedij locus, ubi quæ fuerunt vitia, mores sunt.*

Seneca epist. 39. ad Lucil.

303. Mas naõ sô duraõ atè a morte os vicios de huma vida depravada, passaõ além dos confins da vida, & atè nas cinzas do sepulcro, se fomenta a obstinaçaõ do peccado. Isto parece significaõ as palavras do antigo de Job: *Ossa ejus implebuntur vitijs adolescentiæ ejus, & cum eo in pulvere dormient.* Como se dissera: Naõ morre o peccado, quando o peccador morre: soltaõse os laços da humanidade, mas naõ se desfazem os grilhoẽs da culpa: perseveraõ os maos habitos, ainda quando o corpo está desfeito em cinzas: *Cum eo in pulvere dormient:* & atè no Inferno as Almas dos condennados, como incapazes de arrependimento, estaõ continuamente renovando com o dezejo, as culpas que cometeraõ neste Mundo. Lá naquelles abysmos de fogo, o odio de Cain contra Abel, e tâ hoje taõ aceso como no principio do Mundo, & nas eternas felicidades de seu Irmaõ, acha Cain motivos para perpetuar a sua inveja. Persevera ainda hoje Absalaõ nos seus ambiciosos delirios, & assim como quiz usurpar a David a Coroa de Israel, quizera poderlhe tirar, o Diadema da Bemaventurança. Depois de tantos seculos, naõ se abrandou o empedernido coraçaõ de Faraõ, & com a mesma

Job. cap. 20. v. 11.

mesma obstinaçaõ, com que perseguio aos Israelitas no Mar Vermelho, dezejára de os ver afogados no mar de seus tormentos. Com o andar dos annos, naõ se diminuio o odio de Herodes contra o Bautista, mas com malevolencia incançavel sempre está anhelando a morte da innocencia. Finalmente, desde que morréraõ os Neroens, os Caligulas, & os Dioclicianos, naõ se moderou no seu peito o furor, com que solicitáraõ a extinçaõ da Christandade: mas antes todas aquellas culpas, com que elles offendéraõ a Deus na vida, vivem como Salamandras no fogo do Inferno. Taõ permanente he a jurisdiçaõ, que o peccado usurpa sobre a Alma do peccador: *Ossa ejus implebuntur vitijs adolescentiæ ejus, & cum eo in pulvere dormient.* A Alma, assim como o corpo, tem suas febres; febres efimeras, & febres continuas: os peccados, que se emendaõ no mesmo dia, em que se cometem, saõ febres efimeras; que tem a cura tanto mais facil, quanto mais breve he a sua violencia: mas os peccados inveterados, & habituados com a natureza, saõ febres continuas, com que o peccador vai acabando seus dias, incapaz de remedios, & aos impulsos da penitencia mais duro que huma pedra, & mais insensivel que huma estatua. Fugindo a mulher de Loth do incêdio da sua patria, foi transformada em huma estatua de sal. Já em outra occasiaõ tenho reparado, porque razaõ esta infelice fugitiva, foi convertida em sal. Agora quero ponderar, porque razaõ quiz Deus, que tomasse a figura de huma estatua. Na mulher de Loth, quando se voltou para aquella depravada cidade, se simboliza a Alma, que torna a cahir nas primeiras culpas: & quando do peccado se faz costume, o peccador se faz estatua. Naõ ouve os conselhos, & naõ vê os perigos: surdo ás vozes do Ceo, & cego ás luzes da verdade: simulacro da obstina-

Hieronymus super verba Christi in Matthæo c. 7. v. 23. Discedite à me, qui operamini iniquitatem. Non dixit, operati estis, sed qui operamini: id est, qui usque in præsentem horam, cũ Iudicij tempus advenerit, licet non habeatis facultatem peccandi, tamen adhuc habetis affectũ.

ſtinaçaõ, & estatua da impenitencia. Tal foi aquelle miſeravel, de que eſcreve S. Bernardino Senenſe, que eſtando na hora da morte, fallava em couſas temporaes, & profanas: & dizendolhe o Confeſſor, que trataſſe da ſalvaçaõ da ſua Alma, & pediſſe perdaõ de ſeus peccados; reſpondéo: Naõ poſſo, Naõ poſſo. E com eſtas palavras expirou. Deus nos livre a todos de taõ deſgraciada morte, & naõ permita o Senhor, que com a continuaçaõ dos annos, creſçaõ os noſſos peccados. Porque na hora da morte, a penitencia he muy difficultoſa, como temos viſto neſta primeira parte: & muitas vezes, he inutil, como veremos na ſegunda: *Non tardes converti ad Dominum, & ne differas de die in diem.*

II. PARTE.

304. A penitencia na hora da morte, muitas vezes he inutil, porque muitas vezes ſe origina eſta penitencia, do medo dos caſtigos, & naõ do aborrecimento dos peccados. Nos ultimos trances da Agonia, o peccador he como o navegante apertado de huma furioſa tempeſtade. Lança o infelice as ſuas fazendas ao mar, para alijar a naõ arriſcada ao naufragio; mas eſte lanço, ainda que voluntario, he violento: he voluntario, pelo acto da reſoluçaõ; mas he violento, pela evidencia do perigo. Do meſmo modo as reſoluçoẽs do peccador, na tormenta da morte, ſuppoſto que voluntarias, ſaõ violentas. Saõ voluntarias, porque procedem da vontade; mas ſaõ violentas, porque ſaõ feitas com repugnancia: & aſſim como o navegante depois de aplacada a tempeſtade, com ſolicita diligencia recolhe do mar as meſmas fazendas, que nelle lançou com aparente deſapego: do meſmo modo, o peccador tanto que eſcapa do naufragio da vida, torna a buſcar as occaſioens dos meſmos peccados, de que ſe arrependéo. Quando Faraô engolfado

no Mar Vermelho, vio que por huma parte o Anjo, que apparecéo na nuvem, embargava os passos à vanguarda do seu exercito, & que por outra parte aquelles montes de agua milagrosamente levantados, se tornavaõ a unir para lhe impossibilitarem a fugida, assombrado com o medo da morte, mostrou que estava arrependido de perseguir aos Israelitas: *Fugiamus Israelem*: & no mesmo tempo abrio os olhos ao conhecimento do verdadeiro Deus, a quem tantas vezes havia obstinadamente negado: *Dominus enim pugnat pro eis.* Logo está finalmente Faraô arrependido dos seus barbaros desatinos? Sim; mas violentamente arrependido: porque se permanecéraõ immoveis as ondas, ficára Faraô inflexivel nos empenhos do seu furor, & naõ suspendéra a corrente dos seus delitos, se naõ previra nas correntes do mar, os seus naufragios. Por esta razaõ, chama o Lipomano á penitencia de Faraô, intempestiva, & infrutuosa: *Perfidia indurata ad pœnitentiam intempestivam; & infructuosam.* Foi a penitencia de Faraô intempestiva, & infrutuosa; & por isso infrutuosa, porque intempestiva. Foi esta penitencia sem proveito, porque foi penitencia fóra de tempo. Verdade he, que nunca a penitencia he fóra de tempo, quando he verdadeira; mas raras vezes he verdadeira a penitencia na hora da morte. Porque he provavel, que neste tempo, a penitencia naõ procede da contriçaõ das culpas, mas só se origina do assombramento dos castigos. E huma penitencia assombrada, he huma sombra da penitencia, invisivel aos olhos da Divina Misericordia.

Exod. cap. 14 vers. 25.

Lippom. in Exod. 14. 25.

305. Que terrivel he o exemplo, que temos desta verdade, na historia dos Machabéos! Anthioco, Rey da Syria, mais conhecido no Mundo pela vassalagem ao dominio da impiedade, que pela soberania do Imperio, vendose nas

nas ultimas rayas da vida, pedio a Deus perdaõ de seus excessos: *Justum est subditum esse Deo, & mortalem non paria Deo sentire.* Senhor, confesso, que ainda que Rey, sou vosso subdito, & conheço, que diante do trono da vossa grandeza, todos os soberanos, saõ vassallos. Atè agora, se lisongeou minha ambiçaõ com as presumpçoens de huma fantastica independencia: pertendi de authorizar com o Sceptro minhas injustiças, & nesciamente imaginei, que os delitos se cobriaõ com a purpura, & que com as coroas se calificavaõ as tyrannias; mas finalmente se humilhou minha soberba, porq se desenganou minha ignorancia. Perdoai, Senhor, os desatinos de hum Rey sacrilego, & ouvi os protestos de hum Rey penitente. Prometo de restituir os vasos sagrados ao Templo, & de acrescentar com magnificos apparatos o ornato dos Altares. Darei aos innocentes, que injustamente cativei, a liberdade, & a todos os Imperios da terra,

2 Machab. c. 9. vers. 12.

publicarei minhas culpas, & vossas misericordias. Agora pergunto: Suppostas estas demostraçoens de penitencia, quem duvidára da salvaçaõ de Anthioco, & se naquelle tempo estivesse instituido o Sacramento da Confissaõ, qual houvera sido o Confessor, que lhe negasse a absolviçaõ dos seus peccados? Mas, que baldado foi o arrependimento de Anthioco! Chorou, & suspirou o infelice Monarca, & naõ lhe valéraõ suas lagrimas, nem lhe aproveitáraõ seus suspiros; pois no mesmo lugar affirma a Escritura, que naõ quiz a Divina Misericordia ouvir os gemidos da sua penitencia: *Orabat autem hic scelestus Dominum, à quo non esset misericordiam consecuturus.* Mas de donde vem esta lamentavel desgraça? Da parte de Deus, ou da parte de Anthioco? Da parte de Deus, naõ; porque sempre deferio Deus ás supplicas de huma verdadeira penitencia. Da parte de Anthioco, sim; porque a penitencia de Anthioco lhe fingida. Pede Anthioco perdaõ, naõ para emen-

2. Machab. 9 ibid. vers. 13.

emendar, mas para prolongar a vida. Chora os peccados, receoso dos castigos; mas naõ se agrada Deus de huma penitencia palliada com o medo da pena. Morra Anthioco, & morra justamente condenado; porque morre falsamente arrependido: *Orabat hic scelestus Dominum, à quo non esset misericordiam cõsecuturus. Quia hæc ejus confessio* (acrescenta o Alapide) *fuit tormentis extorta; nec ex amore, sed ex servili timore procedebat.* Esta he a verdadeira, & funesta imagem, de muitos que acabaõ a vida com todos os sinaes de hum perfeito arrependimẽto. Agoniza hum peccador, & depois de espirar nos braços de hum Crucifixo, se acha sua Alma nas garras do Demonio. Porque? Porque a dôr, que mostrou de seus peccados, era apparente, extrinseca, & fingida: & por consequencia, foi esta dôr inutil, invalida, & de nenhum proveito. Todos aquelles indicios de arrepẽdimento foraõ effeitos do medo, que a todos naturalmente causa a morte: nam sentio as culpas, que cometêra; sô sentio as penas, q́ merecia: & por isso naõ alcança o perdaõ das culpas, & fica condenado às penas eternas.

Alap. ibid. p. 290.

306 A causa desta lamentavel desgraça, he, porque os homens se prometẽ de Deus maiores merces, do que o mesmo Deus lhes prometéo. Ao peccador prometéo Deus o perdam no fim da vida, com tanto que fosse verdadeira a sua penitencia: mas nam prometéo Deus, que no fim da vida seria a penitencia do peccador verdadeira. A certeza do perdão, he infallivel; mas a verdade da penitencia, he tam duvidosa, que so se pòde esperar como hum milagre da Graça, & hum prodigio da Misericordia. No Calvario, a penitẽcia do Bom Ladraõ, foi verdadeira, & tam verdadeira, que Christo Senhor nosso, com repetidos juramentos affirmou, que a este verdadeiro penitente, se abririaõ naquelle mesmo dia as portas do Ceo: *Amen, amen*

Luca c. 23. vers. 43. *amen dico tibi, quia hodie mecum eris in Paradiso.* Esta palavra *Amen*, como todos sabem, he huma especie de juramento, com que os Hebréos affirmavaõ as suas verdades. Mas que razam teve o Senhor para affirmar com juramento esta verdade? Direi. Fez o Bom Ladraõ penitēcia nos ultimos instantes da vida, & depois de haver hũ malfeitor empregado os annos, em roubos, latrocinios, & homicidios, he tam difficultoso o persuadirse ninguem, que fizesse na hora da morte huma verdadeira penitencia, que para naõ perigar o credito deste prodigio na fé da posteridade, foi preciso, que o Senhor o segurasse, & affirmasse com duplicado juramento: *Ut credamus, hominem toto vitæ tempore sceleribus immersum, sub vitæ finem vere pænituisse, necesse est, ut id Christus attestetur sub repetito juramento: Amen, amen dico tibi, quia hodie mecum eris in Paradiso.* No fim da vida tam forá está o peccador obstinado de se querer arrependercom verdadeiro sentimento, que antes he provável, que naõ sente elle tāto o haver peccado, como o nam poder mais peccar. Saõ suas lagrimas semelhantes às do Crocodilo, animal, sobre todos, sequioso do sangue humano. Deste monstro do Nilo, escrevem os Naturaes, que depois de haver tragado a carne do homem, que agarrou, toma nas maõs a caveira do mesmo homem, & sobre ella derrama muitas lagrimas. Quem vira este animal chorar sobre a caveira do morto, imaginàra que estava arrependido da sua crueldade; mas nam chora este monstro os estragos da sua fereza; chora, porque na caveira escarnada, que he o ultimo residuo do corpo, que despedaçou, naõ acha mais sangue, nem sustancia, com que satisfazer à sua insáciavel voracidade. Taes, como estas, saõ as lagrimas de alguns na hora da morte. Naõ chorraõ as culpas, que cometéraõ; choraõ considerando, que com a vida, se acabam

Vieg. in Judit. m. 1. p. 94.

suas

suas delicias, & seus divertimentos, pastos da culpa; & alimentos do peccado. A esta fingida penitencia, se arriscaõ os que guardaõ as lagrimas para as ultimas agonias. As lagrimas dos Christãos houveraõ de ser como os orvalhos, que saõ lagrimas do Ceo. No Ceo, nenhum espaço de tempo se entrepoem, entre o fim das sombras, & o principio das lagrimas. Tudo he a hum mesmo tempo, o acabar da noite, & o chorar da Aurora. Chore o peccador com a mesma pressa, com que chora o Ceo, & naõ faça pausa entre as sombras, & as lagrimas, entre as sombras da culpa, & as lagrimas da penitencia. Porque, como temos visto na primeira, & segunda parte, a penitencia, que se dilata para o fim da vida, naõ só he muito difficultosa, & muitas vezes inutil; muito difficultosa, pelo antigo da culpa, & muitas vezes inutil, pelo fingimento da conversaõ; mas tambem algumas vezes he impossivel; por castigo da Divina Justiça. E este he o terceiro Assumpto: *Non tardes converti ad Dominum, & ne differas de die in diem.*

III. PARTE.

307 Nenhuma cousa provoca mais o furor da Divina Justiça, que a suspensaõ de huma penitencia dilatada; porque de ordinario esta suspensaõ, se funda na confiança, que o peccador tem na Divina Misericordia. E quem estriba na misericordia a continuaçaõ das culpas, empenha a mesma misericordia na execuçaõ dos castigos. Governou Manasses o Reyno de Israel, sincoenta & sinco annos; & depois de haver cometido crueis homicidios, sacrilegios enormes, detestaveis idolatrias, & outros abominaveis excessos, foi Deus servido darlhe huma graça tam efficaz, que fez penitencia, & morréo com milagrosos, & evidentes sinaes da sua salvaçaõ. Depois da morte de Manasses, Amon seu filho, que succedéo na Coroa, seguio as pisa-

zadas do pay, derrubando os Altares, profanando os Templos, & tyrannizando os vassallos: mas no segundo anno do seu Reynado, lhe atalhou Deus o curso aos annos, & aos peccados, porque seus domesticos o matarão; & apoderado de huma morte improvisa, & violenta, não deu o menor sinal de penitēcia. Que differente foi o destino destes dous peccadores igualmente criminosos! Depois de huma vida entregue a todo o genero de vicios, morréo Manassés, arrependido, & contrito; & seu filho Amon, comprehendido nas mesmas culpas, morréo sem penitencia, & foi condenado. Mas porque razaõ se mostra Deos tam benigno para cõ Manassés pay de Amon, & para com Amon filho de Manassés taõ rigoroso? Para o pay toda a misericordia, & para o filho toda a justiça? Sim. Porque, como advertio Saõ Clemente, vendo Amon, q̃ Deus dera a seu pay tempo para fazer penitencia, presumio, que tambem Deus lhe cõcederia a mesma graça. Perseverou Amon na culpa, fundado na Misericordia Divina. Mas quem toma a misericordia para motivo do peccado, offende a misericordia, & a misericordia offendida, se cõverte em justiça: *Cogitavit Amon cogitationẽ transgressionis malam, & dixit: Pater meus, à juventute sua, multa fecit iniquè, & sic concupiscet anima mea, & postea revertar ad Dominum.* S. Clem. Pap lib. 2. Apost. Constitut. cap. 26. Naõ pertendo dizer com isto, que nam fundemos nossas esperãças na Divina Misericordia; mas digo, que da misericordia, naõ havemos de tomar occasião para não temermos a justiça. Da misericordia nos havemos de valer para o perdaõ, & naõ para a culpa. Depois da culpa cometida deve o Christaõ appellar para a misericordia: mas não se deve fundar na misericordia para cometer a culpa. Que supposto que Deus para alguns he taõ prodigiosamẽte misericordioso, que lhe da tempo, & Graça para morrerem com arrependimento

mento das suas culpas: este mesmo Deus, para outros he taõ justamente rigoroso, que permite, que se lhe acabe a vida, primeiro q̃ dem principio à penitencia.

308 Dous generos de milagres faz Deus no Mundo; milagres da Omnipotencia, & milagres da Misericordia. Milagres da Omnipotẽcia no estado da Natureza: & milagres da Misericordia no estado da Graça. Mas destes milagres nenhum homem se pòde assegurar com certeza: & assim como fora temeraria a presumpçaõ de quem esperára, que a Omnipotẽcia fizesse hum milagre, para o livrar da morte temporal; assim he manifesta a temeridade de quem espera, que a Misericordia faça hũ milagre, para o livrar da morte eterna. Os milagres saõ graças, que Deus faz a quẽ quer. E por haver Deus feito hum milagre em huma occasiaõ, naõ he certo, que fará em outras occasioens o mesmo milagre. Qual será o homem taõ mentecauto, que presuma passar o mar a pè enxuto, fiado em que Deus antigamente mandou, que as aguas do mar se dividissem para a passagẽ dos Israelitas? E qual será o Capitaõ taõ temerario, que comece a travar a peleja no occaso do Sol, presumindo, que o Sol, como no tempo de Josué, suspenderá o curso, atè o fim do conflicto? Do mesmo modo, naõ havemos de continuar em offender a Deus, fiados nos milagres da Divina Misericordia. Porque viver em peccados, & morrer em Graça, he milagre, de que poucos exẽplos ha no mũdo: & a temeraria esperãça deste favor, he causa, de q̃ muitos estaõ hoje ardendo no Inferno. Suppostas estas, & outras razoens, com que se pòde provar a difficuldade, a nullidade, & a impossibilidade da penitencia na hora da morte, pede a razaõ, & a prudencia, que desenganados das nossas cõfianças, procuremos cõ anciosocuidado, o arrepẽdimento das nossas culpas. E se necessariamente nos havemos de arrepender algum dia,

dia, porque naõ ferá hoje? E porque naõ ferá logo, nefta hora, & nefte inftante? Almas Chriftaãs, lembraivos deftas palavras, que vos digo da parte de Deus. Quē naõ fe quer arrepēder, quādo póde, nam fe póde arrepender, quando quer. Porque jufto he, que quem naõ fe val da occafiaõ, quando fe lhe offerece, não ache a occafiaõ, quādo a dezeja. Defprezou Anibal a occafiaõ, que teve de fe apoderar do Imperio Romano; & depois quando determinou de fe apoderar do mefmo Imperio, naõ lhe foi poffivel: por iffo muitas vezes repetia eftas memoraveis palavras: *Cum potui, nolui; & cum volui, non potui.* Quādo pude, naõ quiz; & quando quiz, naõ pude. Se fe pudera perguntar a hū condenado, porque razam naõ alcançou o Imperio do Ceo; refpondèra com eftas mefmas palavras: *Cum potui, nolui; & cum volui, non potui.* Quādo pude fazer penitencia, não quiz, & quādo quiz, naõ pude. Deixei a penitēcia para o fim da vida, & no fim da vida, eftavaõ os fentidos taõ defvaecidos, & as potencias d'Alma taõ foçobradas, que naõ pude fazer penitencia.

309 Oh quātas vezes fe vos offerecéo occafiaõ, para vos pordes bē com Deus, & para emendares a vida! E quantas vezes defprezaftes eftas taõ favoraveis occafioens, com rifco da voffa eterna condenaçaõ? Ditofo o que fe aproveita da occafiaõ, & venturofo o que procura remediar a culpa, no mefmo inftante que fe lhe offerece o remedio! Daquelle famofo difcipulo do Apoftolo S. Felipe, efcrevem os Actos dos Apoftolos, que no caminho vio huma fonte, & no mefmo inftante pedio a S. Felipe que o bautizaffe: *Ecce aqua, quis prohibet me baptizari?* *Act. Apost. cap. 8. v. 36.* Sabia efte novo profeffor da Ley Evāgelica, que precifa he a agua do Bautifmo para remedio da culpa: & andou taõ divertido, & refoluto, q̄ bufcou a efficacia defte remedio na primeira agua, que fe lhe offerecéo no caminho: *Ecce aqua, quis prohibet me baptizari?* Naõ admite dilaçoens, hum taõ importan-

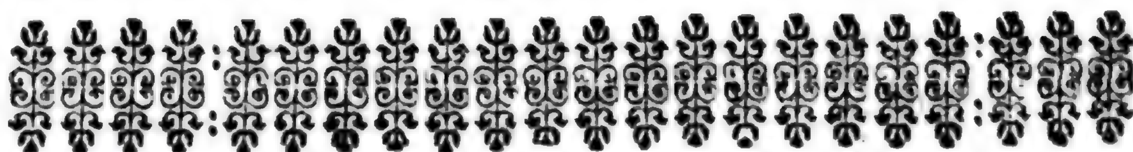
te

te negocio, como a salvaçaõ d'Alma. A primeira occasiaõ he sempre a melhor. Logo se Deus neste Altar nos está chamando com os braços abertos na Cruz, naõ percamos taõ boa occasiaõ, porque neste dia, & nesta hora, abre Deus nas fontes do seu Sangue, os thesouros da sua misericordia: *Ecce sanguis, quis prohibet nos baptizari?* Meu amantissimo Jesus, Deus de clemencia, & Deus de piedade, lavai com vosso sangue, nossas culpas; porque sô com hum sangue tam puro, se pòde lavar culpas taõ enormes. Aceitai, meu Senhor, essas feridas, tomai essas Chagas, & todos esses tormentos, em satisfaçam dos nossos peccados. Naõ repareis na tardança do nosso arrependimento, mas olhai sómente, que pedimos perdaõ, naõ por temor do Inferno, que tantas vezes temos merecido, mas pela excessiva ingratidaõ, cõ que temos offendido a vossa infinita bondade. Esperamos, meu bom Jesus, que a vossa clemencia, será maior que a nossa culpa. Esperamos, q̃ na hora da nossa morte, nos haveis de salvar pelos merecimentos da vossa morte. E propomos cõ vossa Graça fugir as occasioens do peccado, abraçar as occasioens da virtude, amarvos toda a vida, obedecervos atè ao ultimo suspiro, & nũca mais offendervos. Perdão, meu divino Redemptor, por aquelle sangue, que derramado na Cruz, nam pede justiça, mas para a redempcaõ do Mundo, clama Misericordia. Misericordia, meu Deus. Misericordia, meu Jesus. Misericordia nesta vida, & Gloria na outra. *Ad quam nos perducat Omnipotens: &c.*

Mostra se o Passo.



IN-



INDICE

Dos lugares da Sagrada Escritura.

Os numeros significam o numero marginal.

Ex Libro Genesis.

Ex Libro Exodi.

Ex Libro Numerorum.

Ex Libro Deuteronomij.

Ex Libro Iosue.

Ex Libro primo Regum.

Ex Libro secundo Regum.

Ex Libro tertio Regum.

Ex

Ex Libro primo Paralipomenon.

Ex Libro Tobiæ.

Ex Libro Esther.

Ex Libro Iob.

Ex Libro Pfalmorum.

Ex Libro Proverbiorum.

Ex Cantico Canticorum.

Ex Libro Sapientiæ.

Ex Libro Ecclesiastici.

Ex Prophetia Isaiæ.

Ex Prophetiæ Ieremiæ.

Ex Lamentationibus Ieremiæ.

Ex Prophetia Ezechielis.

Ex Prophetia Danielis.

Bene-

Ex Prophetia Oseæ.

Ex Prophetia Ionæ.

Ex Libro segundo Machabæorum.

Ex Divo Matthæo.

39. Pro-

Ex Divo Marco.

Ex Divo Luca.

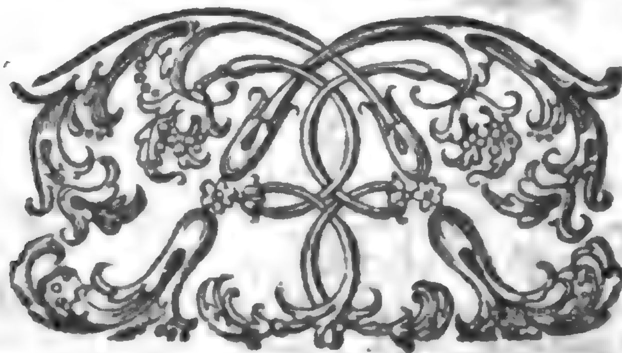
42.Me-

Ex Divo Ioanne.

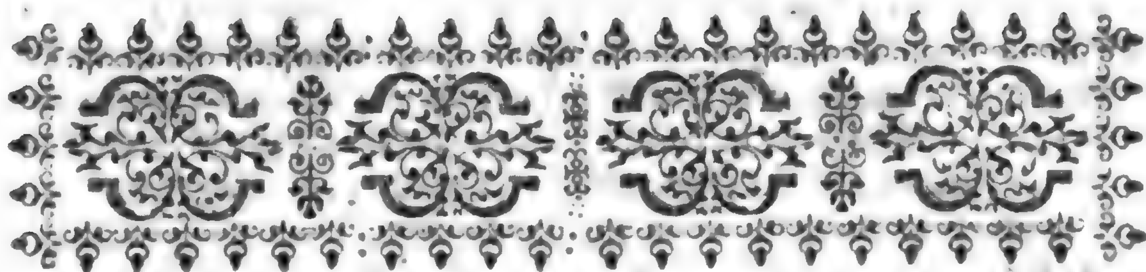
Ex Libro Actorum.

Ex Epistola Divi Petri. I.

Ex Libro Apocalypsis.



IN-



INDICE

Das cousas mais notaveis conteudas nos Sermoens, & na Epistola Dedicatoria.

Os numeros significam o numero marginal dos Sermoens.

As letras significam a letra marginal da Epistola Dedicatoria.

A

B

C

cipa-

E

F

G

Geronimo. SAm Geronimo comparado com a Luz, & preferido aos mayores Santos da Igreja. 191. Foi S. Geronimo a luz de tres mundos; do mundo Archetypo, do mundo myſtico, & do mundo monaſtico. 192. A diverſidade das Lingoas, que Sam Geronimo apprendéo com o eſtudo, deu a Sam Geronimo mayores occaſioens de merecimento, que as que os Apoſtolos ſouberam por virtude do Eſpirito Santo. 194. Sam Geronimo he a quarta peſſoa da Corte celeſtial. 194. Porque razam ſobrepuja Sam Geronimo aos Martyres na Gloria. 194. 195. Foi a doutrina de Sam Geronimo tam divina, que merecéo ſer ouvida com huma attençam ſemelhante â com que ſe ouvio a doutrina do meſmo filho de Deus. 195. No ſeu tempo foi Sam Geronimo o reſtaurador do mundo. 196. Saõ Geronimo foi a ſegunda Eſtrella de Belem, com ventagens á Eſtrella dos Reys do Oriente. 197. A Igreja Triunfante agradecéo a Saõ Geronimo, o zelo que teve dos luzimentos da Igreja Militante. 198. Com a ſoledad da vida contemplativa, imitou Sam Geronimo a vida do Eterno Pay no Ceo. 199. Encomios da Sagrada Religiam de Saõ Geronimo. 200. 201.

Graça de Deus. Para a Graça entrar na alma, baſta abrir huma porta, de que todos tem a chave. 121. 122.

Guerra. V. Soldado. Para a conſervaçam do genero humano, he mais preciſa a ſciencia da guerra, que a Agricultura. X. Authores, que eſcrevéram ſobre a Arte Militar. V. & X. Livros, que tratam de todas as guerras do mundo. Y. Proveitoſas noticias, que ſe tomam dos Livros das guerras. Z.

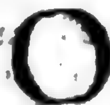
Gula. Nam ha Elemento, de que a gula nam tome victimas para o goſto. I.

H

Herança, & Herdeiros. OS filhos, & os parentes nam ſentem a morte dos que lhe deixam ricas heranças. 285. Os herdeiros lançam da memoria o defunto, & lançaõ maõ do dinheiro. 286. Herdeiros ingratos com-

L

M



Pala-

P

R

T

V

LAVS DEO.

